



Amigos não olham para amigos dessa maneira...

WITH YOU

SÉRIE **GAROTOS DO BRUINS** | LIVRO 1 — Parte 2 e 3

UM NEW ADULT ESCRITO POR

HEAVEN RACE



Amigos não olham para amigos dessa maneira...

WITH YOU

SÉRIE GAROTOS DO BRUINS | LIVRO 1 — Parte 2 e 3

HEAVEN RACE

Copyright © 2023 HEAVEN RACE

WITH YOU: A melhor amiga do Quarterback — Parte 2 & 3

VOLUME UM — PARTE DOIS E TRÊS

1ª Edição

FICHA TÉCNICA E EQUIPE EDITORIAL:

Imagens da capa: Depositphotos

Capa: Heaven Race

Edição de imagens: Heaven Race

Revisão: Laura Queren, Bárbara Gomes,
Letícia Ferreira, Rebeca Fernandes, Alana Muniz

Revisão final: Heaven Race

Diagramação Digital: Heaven Race

Ilustrações: Ilustraí

Todos os direitos reservados à autora, desta forma é proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios, tangíveis ou intangíveis, sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos que aqui serão descritos, são produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Edição Digital | Criado no Brasil

SUMÁRIO

[Sinopse](#)

[Nota da Autora](#)

[Playlist](#)

[Saiba mais...](#)

[PARTE II](#)

[24](#)

[25](#)

[26](#)

[27](#)

[28](#)

[29](#)

[30](#)

[31](#)

[32](#)

[33](#)

[34](#)

[35](#)

[36](#)

[37](#)

[38](#)

[39](#)

[40](#)

[41](#)

[42](#)

[43](#)

[44](#)

[45](#)

[46](#)

[47](#)

[48](#)

[49](#)

[50](#)

[51](#)

[52](#)

[53](#)

[54](#)

[55](#)

[56](#)

[57](#)

[PARTE III](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimientos](#)

[Importante!](#)

SINOPSE

FRIENDS TO LOVERS — SLOW BURN — JOGADOR DE FUTEBOL AMERICANO — ELE SE APAIXONA
PRIMEIRO

O que você faria se beijasse seu melhor amigo de infância e ele limpassem a boca depois que vocês se separassem?

É assim que a amizade mais falada de toda UCLA é colocada à prova.

Cloud Calloway é a melhor amiga de infância do quarterback astro da liga de futebol americano universitário e capitão do time da Universidade da Califórnia, o Bruins.

A garota nerd, apaixonada por números e viciada em Diário de uma Paixão, é uma verdadeira *low profile* que vive uma vida tecnicamente tranquila entre seu dormitório, o dormitório do seu melhor amigo, suas aulas e o campo de futebol da UCLA.

Ela odeia esse esporte, mas ama seu quarterback com todas as forças.

Ashton Arkins é o capitão do time do Bruins, o astro da nova temporada e, atualmente, o jogador mais promissor que comentaristas, especialistas e analistas já viram jogar em anos. Ah, e não menos importante: ele é o cabeça do trio mais falado do campus, o ABC do Bruins.

Cloud e Ashton são inseparáveis.

Eles fazem tudo juntos.

Eles estão sempre perto um do outro.

Espaço pessoal não existe entre eles, e é exatamente isso que faz com que todo mundo duvide da amizade existente ali.

Eles são mesmo só amigos?

A amizade de Ashton é a coisa mais preciosa que Cloud tem na vida.

O amor de Cloud é a sorte grande de Ashton.

Ela preza pela amizade.

Ele não consegue tirar os olhos dela.

Ela não quer que as coisas estraguem.

Ele só precisa de uma chance pra fazer dar certo.

Ela luta contra os sentimentos.

Ele já se entregou há muito tempo.

O que fazer quando você desperdiça a chance que esperou a vida toda pra ter?

Essa é a história de como dois melhores amigos arruinaram uma amizade de quase duas décadas, mas não seria essa ruína o presságio de uma paixão descontrolada e inevitável?

Uma coisa é certa:

amigos não olham para amigos da maneira que Cloud e Ashton olham um para o outro.

RECOMENDADO PARA MAIORES DE 18 ANOS

NOTA DA AUTORA

Primeiramente,
muito obrigada por estar aqui.

Não poderia começar essa nota sem dizer isso.

Se você chegou até esse livro, queria te avisar que essa é uma longa jornada e que nós finalmente chegamos na segunda e terceira (e últimas) partes dela. Então, por favor, se ainda não leu a primeira parte desse livro, [clique aqui pra ler](#), uma vez que é necessária a leitura da primeira parte para melhor entendimento da obra.

Se já leu a primeira parte, então sejam bem-vindos as duas últimas partes de **WITH YOU: A melhor amiga do Quarterback — Parte 1** e tenha uma boa leitura!

ATENÇÃO!

WITH YOU: A melhor amiga do Quarterback — Parte 1 é um livro recomendado para **maiores de dezoito anos**. Há descrição de cenas explícitas de sexo, consumo de bebidas alcoólicas, uso de drogas lícitas e ilícitas, descrição gráfica de cenas de violência e linguagem imprópria. Há também descrição gráfica de crises de ansiedade e pânico.

Caso seja sensível aos temas citados acima, sugiro que **não** continue com a leitura.

Se você está pronto pra se entregar a um *slow burn* raiz, personagens verdadeiros e densos com seus dilemas destrinchados e aprofundados, e de quebra conhecer um grupo de amigos que vai

te fazer dar boas risadas e precisar de um vários banhos frios...
bom, você está no lugar certo.

Espero que tenha uma excelente leitura.

PLAYLIST

Quer ouvir a *playlist oficial* de
WITH YOU: A melhor amiga do Quarterback?

[Clica aqui](#)

e já salva ela na sua
biblioteca do Spotify pra aproveitar
todas as músicas escolhidas para
nos acompanhar nessa
jornada! <3

SAIBA MAIS...

*Você está prestes a entrar no mundo do ABC do Bruins.
Que tal conhecer um pouco das principais posições de ataque do
time de futebol americano da Universidade da Califórnia?*

— **QUARTERBACK (QB):** este é o jogador responsável pela organização das jogadas de ataque. Ele faz os principais passes e distribui as bolas nos movimentos ofensivos, assim como também analisa a defesa adversária para decidir qual jogada será feita dentro de campo.

— **WIDE RECEIVER (WR):** estes são os jogadores que ficam posicionados nas laterais da área de ataque para receber os passes feitos pelo QB. Os jogadores dessa posição precisam ter a capacidade de se desmarcarem da defesa adversária em dia, assim como a habilidade de conquistar o máximo de campo possível a favor do seu time, já que eles sempre serão o foco principal do QB.

— **RUNNING BACK (RB):** estes são os jogadores responsáveis por correrem com a bola após recebê-la do QB. Na formação, os RB's podem tanto se alinhar como recebedores, como também podem ajudar no bloqueio.

*Por enquanto, isso é tudo que vamos precisar para entender
brevemente sobre os seus próximos garotos favoritos!*

SEJAM BEM-VINDOS À...





*Não fale
Não, não tente
Tem sido um segredo por tempo demais*

*Não corra
Não, não se esconda
Você tem fugido disso por tempo demais*

*Tantas manhãs eu acordei confusa
Nos meus sonhos eu faço tudo que quero com você
Minhas emoções estão à mostra, elas estão me deixando louca*

*Neste momento, eu não tenho vergonha
Gritando a plenos pulmões por você
Não tenho medo de enfrentar isso*

*Eu preciso de você mais do que queria
Preciso de você mais do que queria*

*Mostre-me que você não tem vergonha
Escreva no meu pescoço, por que não?
E eu não vou apagar*

*Eu preciso de você mais do que queria
Preciso de você mais do que queria*

SHAMELESS — Camila Cabello

*Para aqueles que se
cansam de guardar segredos
e se libertam de todos eles*



24

PROFESSOR-NAMORADO

*“Meu jeans azul vai durar toda a minha vida,
então nós também deveríamos.”*

JAPANESE DENIM — Daniel Caesar

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DO BRUINS
06:25 AM
10.09.2022

Completamente diferente dos outros dias, abrir os olhos hoje é bem mais fácil do que foi durante toda a última semana.

Apesar de obviamente ser um dia estressante por causa do jogo do Bruins, sinto como se nada pudesse ser capaz de apagar ou manchar o meu bom humor.

Sim, as pessoas ficarão pasmas comigo.

Estou com o melhor humor já visto e ouvido desde que menstruei pela primeira vez aos dez anos.

Encarando o teto branco do quarto de Ashton envolvido numa penumbra mediana, controlo meu sorriso sonolento pra não parecer boba demais, inalando profundamente o cheiro do jogador ainda todo ao meu redor.

Minhas pálpebras pesam quando o aroma fresco de quem acabou de sair do chuveiro é processado pelo meu cérebro.

Viro pro lado, sentindo falta de Ashton na cama comigo, mas já completamente ciente de que hoje não posso lhe pedir nada. Pelo menos não até a noite.

Foco na figura alta — *de seus “poucos” um e noventa e dois* — que anda calmamente pelo dormitório.

Ashton Arkins está concentrado em recolher tudo que vai precisar para o dia inteiro. Seu uniforme pré-jogo, seu uniforme de jogo, sua roupa pós-jogo. Ataduras, *sprays*, chuteiras... é realmente mais coisa do que eu consigo elencar ainda bêbada de sono.

Quando ele se vira de supetão pra mim, fecho os olhos rapidamente, querendo fingir que ainda estou dormindo e passar despercebida, mas eu tenho quase certeza de que...

— Eu te vi, anjo.

Merda.

Ele me viu.

Ele me viu?

Porra, eu devo estar horrível.

Abandono imediatamente o plano de fingir que ainda não estou acordada e me sento na cama de uma vez, arrastando-me até a

beirada pra ficar de pé e seguir em passos largos até o banheiro.

A ficha vai caindo lentamente sobre mim.

Eu ainda não acredito que estamos fazendo isso.

Eu não acredito que ontem eu vivi uma cena de filme de romance — *da porra do meu filme de romance favorito* — e ainda fui beijada do jeito mais... *ahhh!!!*, merda, Ashton.

O que diabos você está fazendo comigo?

O maldito pedido de desculpas.

O estúpido acordo que firmamos.

O fodido beijo que nós demos.

Isso é demais pra mim.

E, ainda assim, parece ser tão pouco dentro de uma infinidade de coisas que ainda podem acontecer entre nós dois.

Viu?

Enlouqueci. *Real e oficial.*

— Pra onde você tá indo?

Ele pergunta atrás de mim.

Abro a porta do banheiro e começo a procurar freneticamente por minha escova de dentes, prendendo meu cabelo de qualquer jeito ao senti-lo cada vez mais próximo de mim.

A presença de Ashton é sufocante.

De um jeito bom. Muito bom. Mas, mesmo assim, sufoca.

— *Anjo* — chama, paciente. — O que você tá fazendo?

— *Nada* — resmungo com um fio de voz.

Não quero que ele me veja assim, toda desarrumada e desengonçada. Nós agora somos... *não, não*. Ainda somos a mesma coisa, mas estamos nos comportando como outra por causa do acordo, então eu tenho que parecer um pouco mais... mais...

normal, né? Preciso me esforçar e parecer minimamente apresentável.

— Meu anjo.

Ô, *inferno*.

Por que ele continua me chamando desse jeito?

Será que Ashton ainda não percebeu que quando ele me chama especificamente de “*meu anjo*” eu fico completamente mole e derretida?

— Só quero escovar os dentes e lavar o rosto. Posso?

— Olha pra mim — pede.

— *Arkins*.

Eu uso o que tenho contra ele.

— Brincadeira tem hora, Calloway.

Qual é o problema com seu sobrenome?

— Te digo o mesmo — retruco.

Enfim acho minha escova de dente — *bem na porra da minha cara* — e o creme dental — *quase esmurrando meu nariz*. Faço aquela coisa toda de forma rápida e objetiva. Ashton toca meu cotovelo assim que eu começo a escovar os dentes, frenética pra caramba.

Parece que me ligaram nos duzentos e vinte *volts* desde que recobrei a consciência.

O jogador me puxa e vira para si.

Tento me guardar pra longe do seu olhar, mas é tudo em vão, atitudes vazias.

— Você tá tentando se esconder de mim?

Sua expressão é meiga e divertida, como se ele estivesse gostando do que vê, como se ele estivesse gostando

especificamente do que vê em mim, de mim.

— *Eu... faria... isso... na frente... do meu... namorado...*

Falo pausadamente por causa da boca cheia.

Ash ri da minha cara.

Com certeza pareço uma tonta.

— Mas você não precisa fazer isso — comenta, ainda divertido, mas num tom de alerta. — Como seu namorado — meu coração quase para de bater —, *e professor*, devo dizer que fica linda de qualquer maneira.

— *Você é...*

— Se me chamar de melhor amigo, vou passar uma semana inteirinha te chamando de feia.

Desvio da sua figura, cuspiando na pia enquanto me encaro no espelho.

Eu não estou bonita.

Nem um pouco.

Ashton, você só pode ser cego ou gentil demais para o seu próprio bem.

— Você é meu professor-namorado. Isso... é só... um teste. Você precisa... precisa me... elogiar. Faz... parte.

— Você tem é sorte de eu ser paciente pra caralho.

Reviro os olhos.

— *Não diga...*

— Só tava tentando pontuar fatos — reclama. — Você é linda até quando tá feia, exatamente como naquelas fotos de quando era um bebê.

Hã?

— Você viu? — Franzo o cenho e arregalo os olhos. Tudo ao mesmo tempo. — Viu aquelas fotos?

Viro na sua direção.

O idiota esboça um sorriso maior e, claro, ainda mais cínico.

— É claro que eu vi. Você já viu as minhas também.

Cuspo outra vez, lavando minha escova e enfiando-a do lado da sua antes de usar um pouco de enxaguante bucal por fim. Satisfeita, viro em sua direção, piscando duas vezes bem demorado pra ter certeza de que ele é mesmo real.

— Você não vai falar que a minha cara era amassada, né?

Ashton me puxa pela mão, me tirando do banheiro e me abraçando pela cintura pra colar nossos corpos.

É estranho, eu não vou mentir.

A coisa toda do acordo parecia mentira, para ser honesta, e isso tudo que a gente está fazendo é, de uma hora pra outra, demais pro meu coração aguentar sem viver acelerado.

É como uma taquicardia infinita.

É só isso que eu sinto.

Além do frio na barriga, as mãos suadas, o aperto entre as pernas... *e que porra de aperto.*

Realmente acho que enlouqueci de vez. Tanto por aceitar isso: *um acordo com a porra do meu melhor amigo*; quanto por estar sentindo todas essas coisas estranhas por ele.

— A sua cara era amassada — ele sentencia. — Mas, mesmo assim, você ainda era adorável.

Só eu que não lembro direito dessas fotos?

— Que seja, tá bom? — resmungo. — Que horas já são? Cinco? Seis? — questiono, um pouco confusa.

Desde o ano passado, resolvemos não compartilhar completamente as suas noites pré-jogo.

Segundo Ashton, ele não tem vontade de sair da cama quando dorme comigo. Especialmente em dias de jogo. É por isso que nós nos encontramos, mas, geralmente, não dormimos juntos.

Ontem foi uma exceção.

Hoje também está sendo uma, porque mesmo nos dias normais, eu nunca consigo acordar cedo o suficiente para vê-lo antes de sair.

— Seis e meia — informa. — Te acordei?

Pra tudo se tem uma primeira vez.

Cá estou eu, acordando às seis e meia pra ver meu melhor amigo antes de ele sair para o dia longo que vai ter.

— Não, você não me acordou — nego. Sem saber muito bem onde colocar as minhas mãos, decido repousá-las em seu peitoral. — Acordei sozinha.

Ashton está todo de moletom cinza. Esse é um clássico e vai continuar sendo a porra de um clássico pra sempre. Mas as pessoas não andam dizendo que os clássicos nunca saem de moda? Taylor Swift diz isso.

Ele provavelmente nunca vai sair de moda.

Pelo menos não pra mim.

— Tem certeza? — insiste.

— Sim, não se preocupa.

— *Tudo bem* — murmura. — Então já pode voltar pra cama e dormir mais, meu anjo.

Bufo.

— Calma aí. — Minha careta vem por tabela. — Não posso te desejar um bom dia antes de você sair?

Ashton sorri bem largo. *O efeito das minhas palavras é imediato.* E ele fica lindo assim. Uma perdição.

— Depende de como você quer fazer isso.

É impressão minha ou ele foi malicioso?

Não posso e nem consigo acreditar que foi só impressão.

— *Bom...* — balbucio, levemente hipnotizada pelo seu sorriso. Até tento resistir, mas é foda. — Posso só falar “*bom dia, Ash, você vai ser o melhor em campo se o treinador Sanders resolver te escalar*” — ele ri mais... e só pra mim —, mas eu também poderia explorar as coisas do afeto de primeira base que você tá me ensinando.

— É? — Assisto sua língua entrepassar seus lábios vermelhos num claro sinal de interesse. Subo o olhar pro seu, vendo suas pupilas meio que dilatarem. Está tudo bem claro entre nós, o interesse e a euforia. — Parece que eu tenho uma aluna empenhada.

— Você sabe, eu sou curiosa... e ansiosa.

— Mal pode esperar pra saber onde isso vai terminar, não é, anjo?

Ele me conhece tão bem.

— *Sim* — sussurro.

O jeito que minha barriga gela quase me deixa louca. Tento me convencer que isso é somente sobre o nosso acordo.

É só sobre o acordo.

Apenas. Somente.

Não tem nada pessoal rolando aqui.

— Vai demorar muito? — indago.

— Demorar pro quê, C?

— Pra gente chegar no afeto de terceira base.

— *Ah* — ri, fazendo-me encarar seus olhos novamente por uns cinco segundos só pra notar que Ashton também está encarando minha boca —, nós temos um caminho longo até lá e existem muitas variáveis nesse percurso.

— Variáveis? — Inclino minha cabeça pro lado. — Eu sou boa com essas coisas.

— Sim, meu anjo. Você é excelente quando se trata de aprender coisas exatas. — Ele balança a cabeça, mas eu só tenho olhos pra sua boca. É só isso que eu vejo. *E que eu quero*. — Vai depender do quão empenhada você vai estar para aprender as lições do nosso acordo. Elas são abstratas, diversas e diferentes. Envolvem muitas coisas, mas saiba que é um acordo para você descobrir o que gosta, então só iremos até onde você quiser... ou aguentar.

Por que eu sinto que ele está me provocando?

Aguentar, é?

Eu aguento *qualquer* coisa.

— Quero ir até o fim — afirmo, ainda sem conseguir pensar nas tantas consequências que esse acordo maluco pode trazer para a nossa relação. Corro os dedos pelo seu peitoral, até descansar minhas mãos em seus ombros. — Sempre fui uma ótima aluna, sempre corri atrás e me esforcei pra ganhar as melhores notas.

— Por isso você sempre foi presidente de turma na escola... — reflete com um tom brincalhão, mas, sim, é verdade. É por isso mesmo. — Que bom que tenho uma garota nerd em minhas mãos.

— Ele escorrega o toque da minha cintura até a minha... *minha bunda*. — Já posso ver você se esforçando pra caralho pra se sair muito bem em cada uma das lições, Calloway.

O jeito que Ashton fala...

Apesar de não ser tão diferente das nossas “antigas provocações”, é simplesmente mais pesado. E explícito. Super explícito.

Como posso explicar que o beijo que Ashton Arkins me deu ontem mexeu com meu sistema nervoso como nada nunca mexeu antes?

Ele. Me. Deixou. Molhada.

Em frangalhos. Em pedaços.

Minha sorte do dia — *e talvez da vida* — é: *não tenho um pênis, ou eu estaria ferrada com o pau marcado na roupa*.

Será que o Ash se sentiu assim também?

Será que o meu beij...

Não, não, não.

Não... ele não poderia ter ficado duro.

Ele definitivamente não ficou duro.

Não com um beijo.

Isso é comigo. Fui eu que fiquei molhada.

Não posso começar a imaginar coisas e deduzir loucuras sobre meu melhor amigo, apesar de que, o que eu ouvi no vestiário da última vez, me dê margem pra imaginar o caralho a quatro a seu respeito.

— *Aluna exemplar* — murmuro.

Fico na ponta dos pés, enquanto o jogador inclina o corpo na minha direção para que eu possa depositar um beijo em seu queixo.

Só um.

— Boa garota — concorda.

— Não fala assim — o repreendo. Minha boca esbarra ligeiramente sobre sua pele. — Você faz isso soar de um jeito muito...

Não consigo terminar a sentença.

— Perverso?

Afasto-me alguns centímetros.

— Malicioso — o corrijo. — Mas perverso também.

— Passei anos admirando sua beleza interna, admirando você por essa sua cabecinha inteligente... — Suas mãos vão além. Elas descem um pouco mais para, como essa madrugada, agarrarem minha bunda por debaixo do *shorts*. Pele a pele. — Agora eu *preciso* muito te dar todos os tipos de elogios mais maliciosos, perversos e depravados que você merece, Calloway. — Sequer respiro. — Começando por essa tua bunda gostosa, meu anjo...

Foda-se.

O que ele...

— Isso não é tão depravado assim.

— Então me diz por que seu rosto tá vermelho?

Aposto que está mesmo.

— Os elogios fazem par...

— Tudo faz parte, até que acabe. — Seus dedos quase ancoram em mim de tão forte que ele me pega e me impulsiona pra cima. Sou obrigada a laçar seu quadril com as pernas pra não cair. — Sua única sorte nesse momento é que eu preciso ir. Logo. Senão teríamos um intensivão a manhã inteirinha.

Put. Que. Me. Pariu.

Como assim um intensivão?

Ashton gruda a testa na minha, deixando-me sentir seu hálito de hortelã bater no meu rosto suavemente.

— Suas mãos, elas...

— Não vai me dizer o óbvio de novo, né, anjo?

Reviro os olhos.

— Elas são grandes. Era isso que eu queria dizer, idiota.

Ash sorri e, apesar de inebriada pela sensação que é estar toda ao seu redor, eu sorrio de volta.

— Achei que já estivesse familiarizada com o tamanho delas.

— Bom, eu achei o mesmo...

Solto as palavras sem pensar muito.

E é verdade.

Pensei que já estava acostumada com tudo que Ashton poderia me fazer sentir, *mas ontem...*, quero dizer, o jeito que elas me tocam agora é bem mais notável.

É *quase* demais pra aguentar.

Estou andando numa corda bamba, uma daquelas imaginárias. Ao menor sinal de desequilíbrio, estarei em queda-livre.

— Elas são fortes também — Ash provoca.

Afasto o rosto do seu enquanto ele caminha comigo pelo quarto. Seguro um engasgo no último segundo. A sorte está do meu lado hoje.

— Você é um quarterback, elas precisam ser fortes... não?

— Sim, elas precisam. — Ashton empurra as coisas da mesa de cabeceira do seu lado da cama e me coloca em cima do móvel, completamente inclinado sobre mim. — Agora eu realmente preciso

ir, meu anjo. Era só isso que queria pontuar pra se despedir de mim? Tô liberado?

Ele não para de me provocar, agindo exatamente como um viciado. O pior de tudo é que me sinto tão viciada quanto ele nesse jogo que estamos disputando.

— Não — declaro. Seguro cada lado do seu rosto bonito, enchendo meus pulmões outra vez com seu cheiro delicioso. Próxima o suficiente, selo nossos lábios. — Você acha que beijos de despedida são válidos? — questiono, sussurrando literalmente contra ele.

Tocando, provando e provocando.

— Com uma boca como a sua, tudo que quiser fazer com ela é completamente válido.

Meu coração bate forte diante das palavras de Ashton — *mas não só das palavras*. Ele elimina a distância entre nós dois sem fazer mais declarações ou perguntas. É puramente instintivo. De alguma forma, é diferente de ontem, porém, ainda assim, é bem melhor também.

Seu corpo rijo me amassa contra a parede.

É um desejo latente, quase violento.

Ele me queima de dentro pra fora.

Separo os meus lábios com urgência quando a sua língua empurra pra dentro, buscando pela minha numa briga incessante por mais.

Seu gosto é refrescante.

Definitivamente nunca me cansaria de beijá-lo.

Quanto mais nos afogamos no momento, mais sensível o meu corpo vai ficando. É como se o seu toque tivesse peso duplo sobre

mim. Quero dizer, triplo, quádruplo, quántuplo... é uma força que se multiplica, vai me dobrando e me fazendo ofegar antes da hora.

Minhas mãos tomam um rumo completamente natural de trabalho. Sinto seu peitoral debaixo dos meus dedos. Largo, forte e sólido com uma rocha. Os músculos tencionam automaticamente, esticando por algum motivo que eu não sei identificar no meio da bagunça que viramos juntos.

Mesmo envergonhada, estou bem ciente da minha vontade de desbravar o corpo de Ashton. É isso que faço nos segundos que me restam em sua presença.

Mordo e seguro o seu lábio inferior entre os meus dentes por alguns instantes, escorregando meu toque por sua barriga até achar a barra do seu moletom. Ele grunhe, apertando minha cintura tão, tão forte, que não consigo respirar apropriadamente. Ou talvez isso seja efeito do seu beijo.

— Não toca aí — pede, enquanto mordo outra vez e estico a língua pra lamber sua boca.

— Por que não?

Meus dedos finalmente resvalam sobre sua pele.

O calor é... *merda!*, ótimo.

Muito bom. Mesmo.

— *Respond...*

Ashton não me deixa terminar o raciocínio.

Ele puxa minhas mãos pra cima, prendendo-as sobre minha cabeça com uma facilidade espantosa. Seu agarre me mantém quieta e imóvel, mas eu confesso que não reajo simplesmente por não querer. Fora que, antes que eu possa formular qualquer outra

coisa, ele volta a me beijar com mais vontade do que antes, como se estivesse planejando me engolir viva.

Nesse exato instante não me oporia a nenhuma das suas ideias ou vontades.

Eu as compartilho. *Profundamente.*

Nosso ritmo não diminui nem um pouco.

É intenso como não foi nem naquele meu sonho inapropriado.

Ashton Arkins chupa minha língua, meus lábios, morde... beija de novo. Ele me dá tudo em dois ou três minutos. Eu não consigo contar, sou apenas levada pra dentro de uma bolha que eu torço para não estourar tão cedo.

Os seus movimentos certos fazem a minha pele inteira se arrepiar. Dos pés a cabeça. Nunca fui beijada assim. Tudo que tive antes desse e do nosso último beijo, foi apenas... inútil.

Não está só quente.

Está insuportável.

É insuportável aguentar essa tortura sem tocá-lo de volta.

Quando sinto que estou a ponto de colapsar, completamente sem ar, viro meu rosto pro lado, puxando uma lufada longa para dentro dos meus pulmões que ardem à medida que meu coração palpita em cada canto meu.

Os beijos de Ashton encontram abrigo na minha mandíbula, fazendo-me apertar os olhos com avidamente, enquanto meu quadril balança de forma sutil uma só vez contra ele.

Meus lábios pulsam. Meus mamilos endurecidos empurram contra o tecido da camisa, sensível, sensível e sensível. *Cada. Vez. Mais. Sensível.*

Acho que só estou reagindo assim porque acabei de sair de uma semana pesada de TPM, sangue e abstinência. Abstinência em todos os sentidos. Principalmente da presença dele.

Só consigo explicar minha hipersensibilidade assim.

— *Ash...* — sussurro, quase deixando escapar um gemido. — Você precisa ir — afirmo, inspirando e expirando profundamente.

— Eu sei — concorda. — Mas... *foda-se*, eu vou sentir sua falta o dia inteiro. — Seus beijos cessam. Ele toca meu rosto, endireitando-o, e eu abro os olhos com dificuldade. — Tua boca tá vermelha pra caralho, meu anjo. Você vai ter que me obrigar a sair desse dormitório ou eu não vou conseguir me mover pra fora daqui, pra longe de ti.

Acho que estou molhada. De novo.

Pela segunda vez.

Em menos de vinte e quatro horas.

Bom, isso é um recorde.

Nunca me senti tão excitada assim por tantas vezes seguidas.

É isso que vai acontecer com a gente? Com esse acordo? Vou viver o tempo todo querendo ser tocada por ele ou desejando estar sozinha para me tocar... pensando... nele?

Eu me conheço.

Eu já fiz isso outras vezes.

Eu já me dei prazer um milhão de vezes.

Mas... isso? Isso é novo... esse lado meu é algo que eu honestamente não sabia que poderia existir.

Sempre fui alguém que está no controle da situação. Mas, agora, debaixo do olhar determinado de Ashton Arkins, debaixo do seu toque, subjugada pelas sensações que ele me faz sentir? É

realmente algo novo. E o novo é assustador, apesar de eletrizante e excitante.

— Você precisa ir, Ash — digo, entre um suspiro ofegante e outro.

Ele sorri. Não sei se é com ironia ou não, mas...

Só não consigo apertar minhas pernas porque ele está no meio delas, tornando a dor centralizada na minha boceta insuportável.

— O que é isso? — provoca, olhando brevemente para o espaço entre nós dois.

Minha postura está toda ereta.

Meus seios parecem pesar o dobro.

O calor inexistente até dez minutos atrás — *quando eu ainda estava dormindo* —, agora me abraça de um jeito esmagador.

Eu preciso de uma ducha gelada.

É disso que eu preciso.

— O quê? — retruco, tentando me fazer de idiota e desentendida.

Eu faço isso muito bem e simplesmente não posso vacilar agora.

— *Nada* — murmura. O jogador claramente segura o riso, beijando meu queixo num estalo e arrastando os beijos novamente por minha mandíbula. — Não te beijar na frente de todo mundo depois do jogo tá me atormentando desde já — confessa o que está se passando por sua cabeça, enquanto aquele carinho toma rumo até o meu pescoço. Porra. Eu vou desfalecer a qualquer instante. — Você ainda cheira a chuva. E a mim.

Ele reparou no meu cheiro?

Retraio um pouquinho por causa do lugar que Ashton alcança. Ele finalmente libera as minhas mãos e eu tomo proveito disso. Minha primeira ideia é de empurrá-lo para longe, mas eu não consigo resistir a essa maldita sensação.

— Geralmente cheiro a você — acuso de volta, ocupada demais em enfiar os dedos em seu cabelo úmido enquanto ele mordisca a minha pele e beija com a língua e tudo. — *É bom* — murmuro, puxando meu lábio inferior entre os dentes para não gemer.

— O que é bom, meu anjo?

O jeito como ele me beija?

O jeito como ele me segura?

Eu nem sei por onde começar.

— O seu... cheiro...

— Não tanto quanto o seu — garante.

Ashton morde e chupa meu pescoço de leve.

Dou um pulo.

Acho que eu não deveria estar gostando tanto assim de tudo isso, apesar de esse ser meio que o objetivo da coisa: *entender como é um relacionamento, o que fazer, o que eu gosto e... enfim.*

Mas a porra de um chupão não.

Solto seu cabelo e seguro seus ombros com toda força que tenho, empurrando-o para trás.

Finalmente criei coragem pra fazer isso.

Sua boca molhada quase me faz desistir de tudo quando a enquadro sem desvio. Então, fito seus olhos escuros pequeninhos, levando outra pancada imaginária.

Por que olhar pra ele me deixa tão fraca?

— Vai deixar marca — alerta o óbvio. Sim, me orgulho de ser a rainha do óbvio. — Não posso andar por aí com um chupão no pescoço, principalmente em dia de jogo. Nossos pais vão estar lá, todo mundo vai estar lá...

Ashton ri, revirando os olhos na minha cara.

É mole, porra?

— Eu sei que você tem maquiagem...

— Sério? — Arqueio uma das sobrancelhas.

— C — Ashton se queixa. Sim, ele literalmente se queixa, todo reclamão, só porque eu não quero deixá-lo marcar meu pescoço com um chupão. — Você... — Bufa. — Tá bom.

O moreno endireita a postura, afastando-se de mim o suficiente para não nos tocarmos mais em nenhum canto.

É normal eu sentir sua falta instantaneamente?

— Outro dia — digo, olhando para os lados enquanto tento desfocar dele pra terminar de me recompor.

— Outro dia? — Sua voz vem um pouquinho acima do tom.

— *Aham...*

— Você tá me dando o aval pra te dar um chupão?

— Namorados não fazem isso?

Ainda não me atrevo a encará-lo.

Dizer essas coisas sem olhar na sua cara me deixa um pouquinho mais corajosa.

— O seu definitivamente vai fazer.

— *Então* — pigarreio —, outro dia e em outro lugar, porque eu não vou gastar minha maquiagem caríssima pra cobrir um chupão seu.

— Sério?

— Sim.

Ash bufa.

— Se o problema é a maquiagem, eu compro um monte delas pra você — viro, sem acreditar nas suas palavras —, já vou comprar os batons mesmo...

— Uau... era só isso que eu precisava fazer pra ganhar presentes de você?

— Juro por Deus, Calloway, você é tão mão-de-vaca e aproveitadora...

Gargalho.

Seguro o seu rosto, beijando cada pedaço dele num impulso inesperado.

Paro quando chego na sua boca.

— Você me ama como eu sou.

— É um castigo.

— *Ash...* — reclamo, fazendo um bico.

— Brincadeira, anjo. — Ele sorri. — É minha escolha — afirma.

— Te amar é minha escolha... e, você sabe, eu escolheria mil vezes se fosse necessário.

Porra.

Como ele consegue ser tão bom assim com as palavras?

— Eu te amo. Sem o *também*. — Inspiro lentamente. — Eu te amo demais e escolheria isso, nós dois, um milhão de vezes se fosse necessário.

O sorriso que o jogador me dá é... uau.

Lindo é pouco pra descrever sua magnitude.

— Você tá planejando me fazer ficar aqui o resto da manhã, né? Admita, Calloway.

Sorrio de volta.

Sinto o rubor tomar conta do meu rosto.

— Se você pode falar que me ama, eu também posso.

— Avise antes. Preciso preparar o meu coração.

Preparar o coração?

Bom, eu também preciso, mas...

— Vá embora — sentencio.

É melhor Ashton ir logo, antes que fique tarde demais pra muita coisa. Acho que ele pensa o mesmo que eu, já que resolve acatar minhas palavras sem reclamar.

— Te mando mensagem assim que puder, tudo bem?

Saio de cima da mesa de cabeceira enquanto o jogador vira de costas pra mim quase que imediatamente.

— Tudo bem — digo, pigarreando e agradecendo por ele não estar me encarando, porque sinto minhas pernas falharem automaticamente, me fazendo cair durinha sobre a cama. — Respondo você quando chegar no dormitório e pegar meu celular — aviso, me esforçando pra soar tranquila e calma.

Ashton pega sua bolsa de equipamentos e passa a alça pelo ombro, ajeitando-a na frente do seu corpo quando se vira pra mim.

— Perfeito, meu anjo.

Meu anjo.

Por que ele continua jogando baixo?

— Bom dia, *Arkins*.

O moreno abaixa a cabeça com um sorriso nos lábios, caminhando até a porta com o seu cartão magnético na mão.

— Está sendo perfeito até agora, *meu anjo*.

Ele me encara uma última vez sobre o ombro, soprando um beijo em minha direção e fazendo meu estômago gelar e meu coração disparar antes de sumir pela porta.

Acho que morri.

Por alguns segundos, mas morri.

Isso só pode ser caso de vida após a morte.

25

GAME DAY!, MAIS UMA VEZ

“Eu não gosto de beber, eu não gosto de pensar, foda-se isso.

Mas eu pondero quando se trata de você.”

JAPANESE DENIM — Daniel Caesar

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
10:24 AM
10.09.2022

Não preguei os olhos desde que Ashton foi seguir com sua rotina de praxe.

Como se a minha noite tivesse sido muito fácil — *sim, isso é ironia* —, não consegui voltar a dormir e descansar um pouco mais antes de decidir voltar para o dormitório.

Fiquei revirando em sua cama, comendo algumas das porcarias que ele guarda especialmente pra mim, rolando de um lado pro outro numa espécie de ansiedade que estava a ponto de me consumir viva.

Acho que preciso começar a visitar um psicólogo.

Assim, só por curiosidade...

Quando decidi me levantar, vesti-me o mais apropriadamente possível, e me preparei pra deixar o prédio do dormitório do time do Bruins sem muito alarde.

Minha caminhada durou longos e até mesmo agradáveis minutos.

Ver o campus novamente “vestido” de azul e amarelo era algo que nunca me cansaria. Nunca mesmo. Por isso, me desloquei pacientemente, admirando cada detalhe da Universidade da Califórnia em dia de jogo do time de futebol americano.

Já cansada por todo meu esforço físico, tiro do bolso do meu casaco a chave reserva que peguei ainda no dormitório de Ash — *a que eu deixo guardada com ele para ocasiões como essa* —, e abro a porta do dormitório de fininho, controlando a minha respiração ofegante para não despertar a atenção da Hazel. E isso se ela estiver aqui.

Enquanto vou empurrando a porta com cuidado, torço pra minha melhor amiga ter saído para visitar alguma e alimentar seu vício em cafés.

Só isso seria capaz de me salvar de um terrível interrogatório.

Respiro aliviada quando percebo que Hazel não está aqui.

Abro um sorriso já dentro do dormitório, pronta pra fechar a porta, mas dou um pulo ao achar a garota se escondendo do outro

lado daquele pedaço de madeira.

— Porra, Hazzie! — grito. — Você quer me matar do coração?

A ruiva sai detrás da porta, gargalhando da porra do susto que me deu e aparentemente satisfeita com isso.

— Bom dia, flor do meu dia. Como você tá? — Hazel pergunta no meio de sua risada.

— Depois do susto que você acabou de me dar? — Ela só ri. Mais e mais. — Provavelmente a ponto de chamar uma ambulância pra me levar pra emergência.

Sigo até minha cama, buscando quase que imediatamente pelo meu celular.

Será que Ash já mandou alguma mensagem?

Aliás, eu preciso mandar algo no grupo, algo para Benji e Charlie.

— Pela sua cara, pela sua roupa e pela noite que passou fora, parece que você e o Arkins finalmente fizeram as pazes.

Conto ou não conto pra Hazel?

Se eu contar...

Não, não. Eu não vou contar.

Ninguém precisa saber de nada.

— Sei que você ajudou o idiota com o plano dele — acuso, fitando seu rosto que está livre de vergonha ou culpa. — Não tinha dildo nenhum, né?

— Você demorou quanto tempo pra perceber isso? Foi antes do Ash aparecer ou...? — Fico calada, mas só se passam dois segundos até que eu revire os olhos. — Bom, pela sua cara dá pra perceber que foi bem depois. O que esperar de uma garotinha lerda como a minha melhor amiga...?

— Eu não sou lerda — aponto. — Só tenho fé demais nas pessoas e priorizo os meus sentimentos e relações verdadeiras.

— Calma, *meu anjo*...

— Hazel Henderson — eu a interrompo.

A ruiva ri, aproximando-se de mim e se jogando nos meus braços. Tipo, nos meus braços mesmo. Hazel e eu nos encaramos cara a cara, e eu não consigo resistir, abrindo um sorriso de volta pra ela.

Sua expectativa quase escorre em cima de mim.

Se eu lhe contasse tudo que aconteceu, a porra do acordo que fiz com Ashton, os beijos, o que aconteceu mais cedo... puta merda, esse prédio viria abaixo em segundos.

— Calma, anjo do Ash — corrige, irônica e risonha. — Conta o que rolou, vai, C.

— Não rolou nada — minto.

Desvio nossos olhares quase na mesma batida.

Quantas vezes eu vou precisar repetir para mim mesma sobre o quão mal eu minto?

— Acreditaria em você se ao menos soubesse mentir de um jeito convincente. Ah, e além disso, eu fiquei vendo vocês da janela.

— A ruiva se endireita, cruzando os braços. — Foi uma dança na chuva estilo *High School Musical* ou...?

Bufo.

— Se você bisbilhotou tanto, por que quer que eu ainda fale alguma coisa?

— Porque eu não ouvi nada — rebate. — Vai, C. Me dê os detalhes que eu mereço.

Tiro o casaco que roubei do guarda-roupa do Ash antes de sair de seu dormitório e o deixo dobrado no pé da minha cama.

— Não foi nada tipo *High School Musical* — a corrijo como quem não quer nada.

— Então me conta que tipo o Ash faz, pelo amor de Deus. Mereço isso. Esse prêmio é meu por direito.

— *Seu por direito* — zombo. — A gente fez as pazes, ok?

— Detalhes.

Porra.

Como eu vou dar detalhes se falar sobre o que veio depois?

— Esse é o detalhe mais importante.

— Sinceramente? *Vai se f...*

— Ei! — Endireito-me ao seu lado. — Tá bom, tá bom. Um detalhe muito importante: talvez a gente tenha meio que recriado algumas cenas de *Diário de uma Paixão*. A dança não teve nada a ver com *High School Musical*, mas sim *Diário de uma Paixão*.

Meu rosto não só esquenta, como queima. Por inteiro. Cada pedacinho. Quente, quente, quente...

— Puta merda, foi por isso que vocês dançaram?

Concordo com um aceno.

— E se deitaram no meio da rua?

Outro aceno.

— Aposto que a cena do “*se você é um pássaro, eu também sou*”, ou sei lá como é que eles falam, também aconteceu.

— Foi a primeira — finalmente falo alguma coisa.

— Puta merda, o cão é mesmo muito articulado... — Os olhos claros da minha melhor amiga estão praticamente pulando pra fora do seu rosto. — Quando o Ash veio me pedir ajuda pra te fazer

descer rapidinho eu não poderia imaginar que ele estaria tão, tão articulado assim.

— É como se ele tivesse vindo pra guerra. Tudo ou nada.

Hazel suspira.

— Tudo ou nada? — Assinto. — Então... ele... se declarou?

— Claro que não, deixa de ser idiota.

— Tudo bem, tudo bem. Não vou falar sobre isso — afirma. —

Mas me conta tudo em ordem cronológica, com todos os melhores detalhes, incluindo os do resto da noite de vocês.

Não quero lembrar da noite passada.

Nem dessa madrugada ou da nossa manhã.

Só quero passar o resto do dia tranquila até o seu jogo.

Se eu lembrar do que aconteceu, vou querer vomitar tudo para Hazel, e essa é a última coisa que eu poderia fazer agora.

— Acho que vou ficar te devendo essa, Hazzie, porque eu ainda quero dormir um pouco...

— Não seja egoísta — reclama, fazendo cara feia pra mim. — Espera aí... — Paro de me mover. — Você quer... dormir? Não deveria estar novinha em folha, Cloud Calloway?

Como explicar — *sem realmente explicar* — para a minha melhor amiga que eu beijei meu melhor amigo, nós nos deitamos pra “dormir” e eu levei mais de duas horas de olhos abertos até realmente conseguir desligar a minha cabeça e descansar?

Ashton dormiu muito bem, por sinal.

Em menos de dez minutos, sua respiração já estava batendo calmamente perto do meu pescoço.

Ele realmente dormiu bem.

Eu não. Eu demorei, e ainda acordei cedo pra gente se despedir.

E não consegui dormir depois que ele foi embora... e... *ah!*, merda.

Estou tão fodida.

— A gente conversou — minto —, muito.

— Conversou?

Seu olhar desconfiado quase me faz fraquejar.

— É — dou de ombros —, com tantos dias longe um do outro, tivemos que colocar muito papo em dia.

— Você é muito difícil.

Minha melhor amiga suspira, dando-se por vencida.

— O Ash e eu continuamos sendo os mesmos de antes — afirmo mais pra mim do que pra ela. É assim que tem que ser. — Você não perdeu nenhum capítulo da história.

— Espero não ter perdido mesmo...

Hazel fica de pé e vai até sua cama. Ela tira uma camisa do Bruins de debaixo do travesseiro, abrindo-a enquanto se volta para mim outra vez.

Número três.

É uma camisa do Charles.

Esse é o número de uniforme dele.

Eu não vou falar nada.

Eu não vou falar nada.

Eu realmente não vou falar nada.

— Olha o que eu tenho pra hoje! — Ela vira a camisa só para me fazer ter certeza dos meus pensamentos. — Agora a gente vai poder torcer por eles uniformizadas e juntas.

Ótimo.

— Você comprou quando?

Mordo a língua para não falar mais nada. É difícil. Honestamente. É bem mais difícil do que deveria ser.

— Eu não comprei — seu sorriso só cresce —, o Charles comprou pra mim.

Pisco.

— Perdi quanto do lance que tá rolando entre vocês dois?

— Já disse que a gente só tá trocando umas mensagens...

Isso parece ser bem mais do que “umas mensagens”.

— E ele comprou uma camisa do Bruins pra você por mensagens, Hazzie?

Ela fica tão vermelha quanto a cor do seu cabelo. Talvez até pior.

— A gente se esbarrou antes de ontem na lojinha do Bruins...

— Por que não fiquei sabendo disso antes?

— Porque você tava brigada com o Ash, te expliquei isso ontem. — Ela revira os olhos. — Tava tentando evitar falar sobre eles pra você até que fizessem as pazes.

Solto o ar pela boca demoradamente.

— Só quero ter certeza uma última vez, ok, Hazel? — A ruiva concorda, franzindo o cenho. — Você tem certeza do que está fazendo com o Carpenter?

Ela demora pra responder.

Tenho meio que um derrame durante os quinze longos segundos de espera.

— Sei que ele fica com um monte de gente enquanto conversa comigo, Cloud. Meu coração não é de ninguém pra ser quebrado.

Eu só... eu só quero me divertir um pouco também. Eu mereço me divertir também pelo menos uma vez na vida. Não é nada sério, não se preocupe com isso... não se preocupe comigo.

Perfeito.

É bom que ela saiba mesmo disso.

Nunca mais vou interferir nas suas vontades ou escolhas.

— Ok — aceno —, então vocês estão se divertindo?

Arqueio uma das sobrancelhas.

Ela volta à postura envergonhada.

Hazel e Charles não têm absolutamente nada a ver um com o outro.

Enquanto minha melhor amiga é cheia de nuances que vão do pico mais alto de sociabilidade ao mais profundo de vergonha e introspecção, Charles é todo nem aí pra nada, mas completamente dado para quem quiser um pedacinho dele.

Não vejo como isso poderia dar certo, mas se eles querem se envolver, não vou bancar a mãe de ninguém.

Mal consigo ser clara com meus próprios sentimentos, imagina só julgar os sentimentos dos outros.

— Ainda não, mas quem sabe a gente não se divirta hoje...

— Se estão planejando outra festa, já adianto que não vou nem que me paguem.

— *Mas, C...* — Hazel tenta argumentar.

— Não que você não possa ir, mas *eu* não vou. E o Ashton também não.

— Você vai responder por ele? — provoca.

Filha da mãe. E do pai.

— Sim, eu vou.

— E o que é isso? Namoro?

— Não, melhores amigos.

— Como se eu fosse acreditar.

— E como se eu fosse acreditar que você não tá se apaixonando pelo Charlie com a desculpa de que é só diversão.

Ficamos em silêncio.

Se é pra jogar verdade na cara, então pronto.

— Por que você se estressa tão fácil? Não dá pra brincar contigo...

Hazel veste a camisa do Carpenter, correndo até o espelho e dando uma voltinha pra se admirar de todos os ângulos.

— Hazel, você nem negou.

— Tanto faz.

Ela meio que me ignora.

Fico observando-a atentamente pelo que parece ser uma eternidade.

A ruiva se vira pra mim, bem mais animada que antes, e pergunta:

— Vou pedir salada com suco verde pro almoço, você vai querer?

— Só se for pra eu morrer de desgosto.

— C, por favor... — Ela junta as mãos. — Se você for comer besteira, eu também vou querer...

— E você pode comer, Hazel. Você pode comer o que quiser.

— Não é assim — resmunga de volta. — Eu quero ficar bonita.

Acho que não é só eu que preciso ir pro psicólogo, e isso não é uma brincadeira.

— Você é linda — afirmo, sentindo um pouco do peso que Hazel sente em minhas próprias palavras. — Por que é tão difícil acreditar em mim?

— Porque você é minha melhor amiga.

— É exatamente por isso que minhas palavras deveriam ter ainda mais valor para você — retruco.

— Deixa pra lá. — Ela quer voltar a me ignorar. Mais uma vez. — Se você não quer comer a salada e tomar o suco verde, eu entendo. De qualquer forma, você não precisa disso.

Merda.

— Eu quero — digo, atraindo seu olhar para mim. — Pede pra mim também, eu vou querer a salada e o suco verde. — Hazel tem o olhar desconfiado, mas conforme o meu silêncio se estende, ela vai abrindo um sorriso pequeno. — Mas você vai ter que comer churros, pipoca doce e tomar bastante Sprite comigo lá no Rose Bowl.

Sua expressão se perde.

— Isso é chantagem — ela me acusa.

— Isso é equilíbrio — rebato. Antes que Hazel possa argumentar outra vez, pergunto: — Você já falou alguma coisa no grupo?

— Ah... não. Só no privado...

— ... *com o Charlie* — falamos juntas.

Reviro meus olhos, só de brincadeira, enquanto a ruiva ri. Desço minha atenção até o celular, destravando a tela e prendendo meu sorriso ao encarar meu papel de parede.

— Eu vou mandar algo para todos eles.

— Também vou — ela rebate, bem provavelmente indo atrás de seu celular. — Ah, não sei se você confirmou com o Duke, mas eu refiz o convite pra ele assistir o jogo com a gente. Tudo bem, né?

— Claro — concordo. — Talvez hoje ele consiga conhecer o trio...

— Ok. — Pausa. — Já pensou se o Duke resolve tentar entrar pro time? O trio teria que virar quarteto, mas só se ele fosse tão bom quanto os garotos...

— Não viaja, Hazzie.

Sei que pensei nisso assim que Duke se apresentou para mim, mas depois de saber o motivo pelo qual ele usa aqueles abafadores auriculares, nunca mais cogitei a ideia.

Não seria possível pra ele.

Na verdade, parece que seria um grande tormento.

Ele gostando ou não de futebol americano, a situação não se sustentaria por muito tempo.

“É uma pena”, penso, enquanto começo a digitar uma mensagem extensa o suficiente para o meu trio.

Ash ainda não mandou nada pra mim.

Não que eu me importe.

Não que eu esteja esperando.

Mas...

Espero que ele esteja bem.

Espero que ele não esteja repensando nossa amizade depois de tudo que fizemos.

E é com esse pensamento que eu resolvo parar de pensar nele.

Não vou deixar minhas paranóias me consumirem.

Não vou deixar.



PASADENA, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
04:45 PM

O Estádio Rose Bowl está lotado.

A excitação das pessoas para o jogo de hoje pode ser sentida a cada música diferente que o coro de torcedores do Bruins puxa a cada cinco minutos. Ainda falta mais de uma hora pro jogo começar, mas o pessoal não consegue diminuir a frequência — *e eu definitivamente estou incluída nisso.*

Falei pouco com Ashton enquanto ainda estava no dormitório.

Foi bem pouco mesmo. Ele só teve tempo de me avisar que ficaria ocupado com as atividades do time, enquanto Benji e Charles sequer responderam as mensagens que Hazel e eu deixamos no grupo.

Não dá pra cobrar nada deles em dia de jogo.

É inútil e seria estressante se eu ligasse.

A coisa que está me deixando no limite e que, obviamente, ninguém está ciente, é que o trio não vai entrar completo hoje.

Como eu vou explicar isso para o meu pai e para o senhor Arkins? Eles vão ficar loucos quando perceberem que o Ash não estará em campo hoje.

Honestamente?

A torcida do Bruins é tão apaixonada no trio, que eu não me espantaria se alguém tentasse invadir pra tirar satisfação com o treinador Sanders.

Isso está cheirando a tanta, tanta merda, que automaticamente penso que foi uma péssima ideia ter vindo para o jogo de hoje.

Poderia ter inventado uma dor de barriga, dor de cabeça, dor de qualquer merda. Mas, ao invés disso, estou sentada do lado da minha melhor amiga, que hoje está tão uniformizada quanto eu, esperando nossos amigos chegarem.

Sloan e Duke são nossos amigos.

É meio estranho falar isso e me referir a outras pessoas, que não o trio ou Hazzie, desse jeito, mas é um estranho legal.

— Olha lá, eles chegaram — Hazel comenta, ficando de pé. Ela começa a acenar na direção da dupla improvável, tentando chamar a atenção deles de longe. — A gente tá aqui! — minha amiga grita, entusiasmada.

Não fico de pé porque estou muito ocupada enchendo a minha barriga depois de comer a pior salada e tomar o pior suco verde de toda minha vida. Tinha que me alimentar melhor, e com “alimentar melhor”, eu quero dizer: preciso comer porcaria antes que nasça um terceiro olho no meio da minha testa.

As coisas que eu faço pelos meus amigos precisam ser estudadas.

Dividi um cachorro-quento com Hazel, já que ela bateu o pé falando que não aguentaria comer um sozinha, assim que nós chegamos. Também dividi um churros, que, por sinal, estava bom demais, e agora estávamos na pipoca doce e Sprite.

A ruiva não está fugindo de mim, mas faz cara feia toda vez que eu digo pra ela pegar mais um pouco.

Queria saber lidar com isso.

Eu sei que tem algo de errado com Hazel, mas eu também sei que não é de agora.

Quanto mais tento cavar e achar a razão pela qual ela está lidando com essa espécie de distúrbio alimentar, menos lugar eu encontro pra enfiar a pá. Ela não me dá espaço. Ela só se fecha. E eu não sei lidar com isso.

As coisas só têm piorado desde o seu teste para o time de líderes de torcida...

— Pensei que não te veria no jogo de hoje — Sloan comenta, me tirando automaticamente dos meus pensamentos quando se materializa na minha frente. — Oi, garota do QB.

Ela pisca um dos olhos pra mim.

Garota do QB.

Isso me atinge em lugares especificamente diferentes depois de tudo que tem acontecido entre a gente.

A vergonha me faz retrair.

— *E aí, Sloan* — murmuro de volta.

A garota está toda de preto, como já é de costume, mas dessa vez ela está usando uma regata três vezes maior que o seu tamanho, um notável sutiã de renda por baixo, meias arrastão e coturnos de couro.

Sim, como eu disse, toda de preto.

Suas tatuagens são bem mais visíveis por causa da regata.

Ela é simplesmente... linda.

Eu babo em cima da Sloan. Secretamente.

Queria ser igualzinho a ela.

— Parece que tá tudo bem no paraíso outra vez... — a morena brinca, deixando bem claro que sabe de alguma coisa.

Como ela sabe?

— É tão óbvio assim?

Sloan sorri.

De soslaio, percebo que Hazel e Duke conversam. Na verdade, Hazel fala sem parar enquanto o outro apenas acena com a cabeça pra tudo que minha amiga diz.

— Aquele cara não vive sem você, então, sim, é bem óbvio. —
Dá de ombros. — Como você tá?

— Acho que já superei o que rolou. — Suspiro. — Aliás, como você sabe?

O seu sorriso fica mais amplo.

— Felizes ou tristes, eles sempre acabam no balcão do The Cave.

Então o Ash foi pro The Cave naquele dia?

Seria muito feio da minha parte perguntar como ele ficou?

Tipo, depois que tudo aconteceu?

— *Ah* — murmuro.

— Não se preocupe, eu ameacei o QB do jeito que uma boa garota deve fazer. O tipo de amizade que vocês têm provavelmente não dá espaço para ameaças de morte e tortura, mas a nossa sim. Ele está bem avisado de que, se pisar na bola de novo, ficará sem bolas, sem boca, sem...

Meu sorriso vem involuntariamente.

Fico feliz por ter sido defendida por Sloan.

— Ok, ok... — eu a interrompo. — Tá tudo bem, Sloan. O Ash não vai mais... você sabe...

Seu olhar aguçado me analisa.

Sloan fica meio que sem expressão por alguns instantes até voltar com o mesmo sorriso de antes. Digo, quase o mesmo sorriso de antes. Esse é um pouco mais... *perverso*.

Dou uma olhada rápida nos meus pais e nos pais de Ash, que estão ocupados na beira do campo tirando fotos e conversando.

— Os pais de Benji não vão vir?

Pisco.

— Acho que não. — Tomo um gole da minha Sprite. — Eles não vêm em muitos jogos. Foi uma surpresa o senhor e a senhora Beckett terem aparecido no primeiro da temporada...

— Então parece que teremos problemas no outro paraíso — ela brinca, mas não tem muito humor no seu tom de voz.

Seu olhar se estica até Hazel, então eu compreendo.

Sloan está referindo à camisa que a ruiva está usando?

Eu disse que não me pronunciaria. Não vou ser a chata do rolê nem fodendo. Se a Hazel está se sentindo bem assim, que ela use o nome de Charles até na testa. Agora que Benji não vai ficar satisfeito, ele não vai. Mas isso, novamente, não é problema meu.

— Ele tem você — digo.

Meu tom é ameno. Quase de brincadeira.

— E ele me quer? — Ela arqueia uma das sobrancelhas.

Eu aposto que sim.

Mas isso é minha opinião.

— Você o quer. Isso já muda muita coisa.

— Mas é suficiente?

Sloan tem um bom ponto.

Eu não sei.

Eu não sei se uma pessoa pode querer pelas duas por muito tempo.

— Você deveria usar uma camisa com o nome do Benji — sugiro, não muito certa se deveria ou não continuar no mesmo assunto.

— Tá querendo matar o seu próprio amigo? — Nós duas rimos. — Então você gosta do caos, não é?

— Não é isso, é só que... é uma relação estranha a de vocês, mas eu acho fofo.

— Fofo não, Calloway. — Sloan revira os olhos. — A gente pode ser tudo, menos fofos. Não quero ser e não sou fofa. — Sua declaração só me faz rir ainda mais. — Eu não uso nada além de preto, não sei se já percebeu...

Uau.

— Se você não falasse, eu juro que... — Sloan me empurra pelo ombro, rindo comigo e me fazendo parar de falar novamente. — Mas, sério, você deveria comprar uma com o nome do Beckett.

— Ok.

Ela fica de pé.

— Calma, você vai agora?

Pisco.

— Nunca deixe pra amanhã o que você pode fazer hoje. — Sloan olha para os lados, atenta. — Então, onde posso comprar uma coisa feia dessa? — Aponta pra camisa que estou vestindo.

Nem é feia...

— A barraca de *merch* tá lá fora, na frente do estádio.

— Que merda — reclama.

— Posso ir com você — Hazel sugere, do nada, ficando de pé e agarrando o braço da morena. — Vamos?

— Vamos, antes que eu desista — resmunga.

— Você vai vestir a camisa do Benji? — Hazel começa a perguntar. Como sempre.

— Não, eu vou amarrar no meu pescoço.

Eu as encaro a tempo de ver a ruiva piscando, confusa.

Bom, eu também estou.

Sloan está falando sério?

— Isso é sério? — Hazel questiona enquanto elas se afastam.

Não consigo escutar a resposta da morena.

Deixo minha pipoca na cadeira vaga do meu outro lado, bebendo mais um pouco de refrigerante enquanto aceno para o Duke. Ele me encara meio sem querer, como se não quisesse ter feito isso pra não ter que interagir.

Seguro o riso.

Eu te entendo, Duke.

Eu também sou assim.

Às vezes finjo que não vi alguém que conheço só pra não ter que falar com a pessoa.

— Senta aqui — chamo Duke.

Ele fica rapidamente de pé, tomando o lugar ao meu lado em segundos.

— Oi — resmunga.

Diferente dos nossos últimos encontros, ele parece mais atormentado hoje — assim como em todas as vezes que foi grosseiro sem querer.

Os torcedores puxam outro coro, cantando bem alto, o que me incomoda pra caralho, mas com certeza incomoda Duke dez vezes mais. Fico apreensiva quando ele meio que se encolhe, subindo as mãos até os ouvidos provavelmente já resguardados pelos protetores.

Seu capuz não me deixa ter certeza disso, mas não é como se eu precisasse de certeza pro que já é comum para Duke.

— Você quer sair um pouco daqui também? — falo, preocupada.

— Não — sentencia. — Tá tudo bem, eu tô tranquilo... e acostumado. Vai melhorar logo.

Certo.

Ele não parece tranquilo, mas falar isso não vai lhe ajudar em nada, por isso escolho ficar quieta.

— Então, a gente vai se encontrar que dia mesmo?

Talvez se eu tentar distraí-lo um pouco...

— Você sabe que dia é. — Duke revira os olhos. — Tá tentando me distrair, né?

— Tô tentando ajudar.

O garoto ri, cruzando os braços quando os torcedores finalmente param de cantar.

— Você quer me distrair, então me diz... posso conhecer seus amigos hoje?

Hã?

Como?

— M-Meus amigos? — gaguejo, surpresa.

Minha surpresa se dá por *e*le querer isso.

Por que Duke quer conhecê-los?

— É. — Respira fundo. — O negócio é que meu irmão caçula também é fã de futebol americano e quando ele me pegou saindo escondido de casa, tive que confessar o que estava vindo fazer. O moleque me obrigou conseguir um autógrafo do QB do Bruins. A gente tem acompanhado os jogos desde antes de eu entrar para UCLA nesse ano.

Oh.

Isso é... novo.

— Ainda bem que eu não tenho irmãos mais novos — brinco.

— *Não me diga...* — resmunga.

— Mas tudo bem. A gente vai conseguir o autógrafo... e eu vou te apresentar para os meus amigos, o QB em especial.

Ashton já queria conhecer Duke mesmo.

Eu só não sei por que diabos fico automaticamente nervosa com isso.

— Valeu — Duke me agradece. — Vocês se resolveram?

Concordo com um aceno.

— Ontem — comento, não tão evasiva, mas também não tão detalhista. — A gente não consegue ficar longe tanto tempo...

— Melhores amigos, né?

A ironia presente na voz de Duke não passa despercebida.

Sim, nós somos melhores amigos.

Não somos?

Concordo com um aceno.

— Daqui até a morte — enuncio, simples e segura.

— Não seria “até que a morte nos separe”?

O rubor me engole.

— Isso é o que casais falam.

— Eu tenho uma teoria a respeito disso.

— Disso o quê?

— De vocês.

Pisco, devagar.

— Você tem? — Minha risada escapa, bem frouxa. — Nós meio que somos amigos, mas... mas a gente mal se conhece. Você ainda nem o conheceu pessoalmente, Dallas. Como pode ter uma teoria a nosso respeito?

— Isso não é motivo para eu não ter uma teoria, Calloway.

— E qual é a teoria?

Ele olha pro campo, sereno e tranquilo.

— Vocês passaram pela primeira morte ainda em vida.

— Quê?

Primeira morte?

Que morte?

— Sabe qual é o seu maior defeito? — questiona, como se entendesse perfeitamente sobre o que está falando... sobre mim. — Você é muito transparente, Calloway, e só sendo muito burro pra não te entender com clareza.

— E você me entende?

— Mais do que deveria. Como eu disse, você é transparente.

— Do q...

— Ele não vai querer me bater por estar perto de você, né?

— Você pode responder a minha pergunta?

— Primeiro responde você.

— Claro que não — bufo —, o Ash não sai distribuindo socos gratuitamente só porque alguém chegou perto de mim.

— Ótimo. — Sorri, ainda sem me encarar de volta. Quando minha cabeça está prestes a explodir, Duke me fita, perguntando: — Como foi o beijo de verdade?

Porra.

Porra, porra, porra.

— N-Nós não...

— Primeira morte em vida: vocês se separaram por uns dias. Então, vocês “reataram”. — Suas palavras me desestabilizam. — Tá estampado na sua testa que vocês se beijaram. De novo. Então, como foi? Ele não limpou novamente, certo? Se ele tiver limpado, você deve mesmo beijar m...

— Ele não limpou — rosno, meus dentes rangendo com uma espécie de vergonha e raiva me espremendo por dentro.

— Sua melhor amiga não sabe disso — pontua.

— Ninguém sabe, só o Ash e eu, seu... bocudo.

— *Inteligente*, você quis dizer, mas também sou muito leal, então não se preocupem, o segredo de vocês está bem guardado comigo.

Ele está mesmo?

Por que diabos eu confessei?

Por que Duke...

Quer saber? Que seja.

Vou fazer o quê? Chorar em posição fetal?

— A gente fez um acordo — comento, não esperando que isso soe tão estranho quanto parece ser.

— Um acordo? — Franze o cenho. — É disso que as pessoas chamam os namoros de hoje?

Respiro fundo, tentando não me descontrolar.

— É um acordo sério.

— Você tem que me contar sobre isso.

Ele ri, divertindo-se comigo.

Só posso ser uma palhaça.

Mas, ok: se for pra alguém saber, que seja mesmo o Duke.

Ele é antissocial como eu, não tem — *muitos*??? — amigos e parece conseguir guardar um segredo, fora que nós nem nos vemos tanto assim, então as chances de ser provocada por causa do acordo são baixíssimas.

— Te conto depois da aula — olho ao redor —, agora tem muita gente aqui e eu não posso dar bobeira.

O garoto concorda com um simples balançar de cabeça.

Nós ficamos em silêncio por alguns minutos.

O momento é quebrado quando ele ri, do nada.

— A história da teoria era besteira e eu juro que você não é tão transparente assim — confessa, do nada, fazendo-me engasgar com o punhado de pipoca que coloquei na boca. — Tenha cuidado, pelo amor de Deus, você acredita nas pessoas fácil demais, Calloway.

— *Seu*... — murmuro, quase soltando tudo para esganá-lo.

— Mas, de fato, eu sou muito inteligente. Apenas admita.

— Você é um pé no saco, um idiota, um manipuladorzinho de quinta categoria.

O coro de torcedores retoma mais uma canção.

Duke parece não se abalar com isso. Não dessa vez. Ele continua rindo, quase sem ar, acho que do jeito mais divertido que eu já o vi até hoje.

Sorrio, mesmo sem querer, revirando meus olhos enquanto lhedou uma cotovelada.

— Você vai me pagar por isso — falo, um pouco mais alto pelo barulho crescente.

— Você pode cobrar — retruca. — Mas não se esqueça que eu sei do seu segredo.

— Como se você tivesse coragem de usá-lo contra mim — provoco.

— Infelizmente “chantagista” não tá no meu quadro de defeitos, mas é sempre bom ter uma carta na manga pra quando minha colega de disciplina ficar chata demais.

— Eu te odeio, Duke Dallas. Oficialmente.

— Como se eu me importasse... — cantarola.

Nós continuamos a conversa, agora sobre a nossa disciplina em comum, enquanto Sloan e Hazel não aparecem.

É fácil conversar com Duke.

E é legal ter mesmo um outro amigo.

Um novo amigo.

26

ABC

*“Não, senhor. Eu não quero ser o culpado, não mais.
É a sua vez, então, sente-se, estamos acertando o placar final.”*
THAT'S WHAT YOU GET — Paramore

ASHTON ARKINS

PASADENA, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
05:50 PM
10.09.2022

“É hora do jogo”.

Essa é a primeira coisa que sai da boca do senhor Neal, coordenador ofensivo do Bruins, no instante em que coloca os pés dentro do nosso vestiário.

Ele se aproxima de mim em passos largos, tomando o lugar livre ao meu lado direito e despencando sobre o banco.

— Isso tá parecendo um enterro — o velho comenta, empurrando meu braço na brincadeira... eu acho.

Bom, pelo menos ele não está mentindo.

Sei que o time está pronto pra entrar em campo, mas o clima nos bastidores não é nem um pouco bom. Diferente do que normalmente somos nos pré-jogos, ninguém fala nada. Não diretamente. Os resmungos estão espalhados, as caras desanimadas e até perdidinhas estão por todos os lados, mas ninguém se pronuncia diretamente. Nem mesmo eu.

Sei que isso é cem por cento culpa minha.

Já estou sendo punido, já estou no banco.

Não posso fazer absolutamente nada para evitar o clima de merda em que naturalmente nos enfiamos.

É só... lamentável.

Hoje é um dia importante pro Bruins, já que teremos um confronto com um velho conhecido. Não temos nenhuma rixa enorme com eles, mas, ainda assim, nosso jogo contra o Alabama State — *ou só Hornets* — é um dos mais esperados de toda semana, já que eles foram os vice-campeões do última temporada.

A atenção está quase que inteiramente sobre nós, então eu sei, lá no fundo, que a noite vai ser um desastre.

As chances são de quase cem por cento.

Não tem erro.

Vai dar merda.

Isso é inevitável.

Depois de uma semana infernal, treinando feito um animal ao lado de Benji e Charlie, e, claro, ao lado de todo o time, me sentia pronto para entrar em campo e dar tudo de mim pelo Bruins.

Mas, hoje, esse não seria o meu destino.

Essas são palavras do treinador Sanders.

Ele repetiu a mesma coisa por dias e dias, e depois de anos de convivência, sei que sua palavra infelizmente não se dobraria.

— Ânimo, pessoal — agora é o coordenador defensivo que fala, dando tapinhas nos meus caras da defesa. — É assim que vocês acham que vão ganhar dos Hornets?

Viro pro lado esquerdo quando escuto um alto e longo suspiro.

— Nunca tivemos um pré-jogo tão estressante — Benji reclama pra mim, inclinando o corpo pra frente para apoiar os cotovelos em seus joelhos. — Por favor, que vocês dois não façam mais nenhuma merda desse tipo.

Charles ri do outro lado.

É uma risada que eu mesmo daria, mas me sinto incapaz de esboçar qualquer coisa.

Foi uma merda? *Sim.*

Mas foi necessária.

Estava me sentindo bem pra caralho desde a noite passada — *o que obviamente se deve ao fato de eu ter me resolvido com Cloud.* Como bem pensei: apesar das coisas não estarem começando como sempre desejei, elas ao menos estavam partindo de algum lugar.

Meu humor até hoje cedo estava completamente em seu auge.

Foi por pouco pra caralho que eu não deixei escapar para Benji e Charles assim que os vi sobre o que tinha rolado entre Cloud

e eu.

Dormir bem — *mesmo que por poucas horas* — depois de dias tortuosos, foi um alívio de uma magnitude tão... *foda!*, que eu dificilmente conseguiria explicar para qualquer pessoa o que a última noite de sono que tive significou para mim. Porém, não vou ser hipócrita e dizer que meu humor adocicado estava se dando unicamente pela boa noite que tive.

Nem fodendo, não foi isso.

Foram os beijos dela.

Os beijos doces e gostosos pra caralho de Cloud Calloway me colocaram nas nuvens e eu juro que não estava planejando descer lá de cima tão cedo assim, mas foi só pisar no CT do Bruins que vi meu humor indo por água abaixo.

Mal sabia eu que seria esse o início de um dia insuportável.

Suspiro pesadamente como Benji fez há alguns segundos, descansando contra meu armário e cruzando os braços, na defensiva.

Silver Sanders irrompe pela porta já aberta com o restante da equipe técnica atrás dele.

Seu olhar passeia por todos nós, e eu tenho certeza de que não precisa nem de dois segundos aqui dentro pra ele perceber a merda em que o Bruins está atolado.

Senhor Neal não demora a juntar-se aos seus colegas de trabalho.

— Atenção — o treinador nos chama sem muita enrolação. O relógio na parede marca sete pra cinco. *Chegou a hora*. — Tenho algumas poucas e breves palavras pra vocês.

Quase ninguém se move.

Ficamos em silêncio.

No mesmo silêncio dos últimos trinta minutos.

— Beckett — o treinador Sanders fala, calmo, chamando pelo meu melhor amigo que fica de pé imediatamente, caminhando de forma apressada até parar na frente do velho. — Hoje você será o capitão do Bruins — comunica a informação em alto e bom som. O olhar duro e familiar do treinador recai sobre mim, que não desvio. — Espero que saiba lidar com o peso de ser o homem de confiança de todos nós dentro de campo melhor do que seu amigo.

Na boa?

Vai se foder.

Vai se foder mesmo.

Pra caralho.

Eu expliquei toda situação pro treinador Sanders um milhão de vezes.

Eu errei? Sim, porra.

Eu erraria um milhão de vezes.

Eu os avisei.

Todo mundo sempre esteve avisado sobre Cloud e sua importância pra mim. Cruzar essa linha foi um erro que teve consequência para todos nós, mas, mais uma vez, vai se foder.

Não fui o único a errar.

Eles também erraram.

A conta é muito simples.

Se todos reconhecemos, nos deixe jogar!

— *Ryan* — chama —, como discutido durante toda semana, você será nosso QB.

O meu substituto oficial fica de pé, quase que batendo continência para as palavras do treinador Sanders.

— Farei o meu melhor, senhor — Ryan garante.

— Sei que sim — o velho resmunga. — Arkins, Carpenter e todo resto que levou a surra, vocês ficam no fim da fila. Espero que aprendam a lição e que o incidente nunca mais se repita.

Nunca senti tanta raiva assim do treinador Sanders. Nunca. Como ele sempre foi uma figura de exemplo para mim e para os meus amigos, nunca deixei meus sentimentos negativos se intensificarem muito a seu respeito, mas a queimação incessante no meu peito não passaria tão cedo.

Era uma raiva sincera e incontrolável.

Não dava pra evitar.

— Então é isso que as pessoas querem dizer com “os últimos serão os primeiros”... — Charles zomba, irônico.

Talvez ele esteja com mais raiva do que eu.

— *Que seja* — resmungo.

— Mais uma gracinha, Carpenter, e você não vai saber o que é estar dentro de um campo de futebol por um mês inteiro — o treinador o ameaça, já no seu limite.

Encaro Charles na mesma batida.

Ele cruza os braços, nem um pouco afetado, dando de ombros do seu jeito provocador de sempre.

Charles Carpenter gosta de um desafio.

Quanto mais perigoso é, mais ele se interessa.

Essa é sua personalidade desde que nos conhecemos, mas ele precisa recuar.

Nós somos um trio e precisamos uns dos outros.

— Acho melhor a gente ir, treinador — Benjamin interfere, quebrando a tensão extra que o idiota do nosso melhor amigo instalou no ambiente. — Cinco minutos — explica. — O túnel já deve estar preparado e o pessoal do Alab...

— É um ótimo dia para se estar vivo e ser um Bruins! — treinador Sanders esbraveja o mesmo de sempre, cortando Benjamin sem pensar duas vezes.

Ninguém responde de primeira.

— É um ótimo dia para se estar vivo e ser um Bruins! — a equipe técnica é quem retruca, tentando nos animar.

— Eu disse que é um ótimo dia para se estar vivo e ser um Bruins! — o treinador repete.

— É um ótimo dia para se estar vivo e ser um Bruins! — os garotos respondem. Finalmente. Mas não Charles, nem eu.

Em uma questão de segundos, a maior parte dos jogadores fica de pé, indo atrás de Benjamin, que lidera o caminho atrás da nossa comissão de profissionais.

Permaneço sentado por mais alguns instantes com o Carpenter ao meu lado. Quando viro para encará-lo, seus olhos estão completamente vidrados, como se ele estivesse a ponto de explodir.

— Pau no cu do treinador — cospe, tirando uma risada sincera minha.

— Canaliza essa sua raiva, porra, e não cai na pilha dele — eu o alerto. Charles me encara, claramente irritado. — Preciso de você fora de toda e qualquer confusão. Principalmente com o treinador. Apesar de tudo, ele só quer o nosso bem.

Me levanto, pegando e ajustando meu capacete na cabeça.

Quer saber? Foda-se.

Se vou ou não jogar hoje, não interessa, mas eu com certeza vou entrar em campo equipado, mesmo que seja pra ficar no banco de reservas pela primeira vez na vida.

— Você pode se controlar por nós dois? Porque eu não vou calar minha boca nem que me paguem. — Charles amarra o cabelo, ajustando o capacete em sua cabeça e se juntando a mim. — Tomara que eles quebrem as pernas.

Um sorriso cínico, irritante e perverso se espalha por todo seu rosto.

— Não fala merda, porra.

Bato no seu capacete.

— Eu tava falando dos Hornets — zomba.

— *Sei...* — resmungo.

— Se ele ousar nos chamar pra jogar, vou enfiar esse capacete no cu do f...

— É o treinador, porra.

— E quem disse que eu ligo pra isso?

Nós iniciamos o não-tão-longo caminho conhecidíssimo pelos corredores do Rose Bowl até o túnel de saída.

— Deveria ligar, porque é o respeito que vai nos levar *juntos* ao nosso time dos sonhos.

— Se tivermos que nos separar, peço desculpas, mas é coisa da vida... — Charles me cutuca e eu reviro os olhos.

— Como se você desse conta de jogar com outro QB.

— Como se você desse conta de jogar só com o Benjamin certinho e chato.

— Benji é o chato mais legal que conhecemos, ele é diferente, e com certeza daríamos conta de jogar apenas nós dois.

— Então que se foda vocês dois, otários do caralho.

Minha risada agora é mais divertida.

Charles é o alívio cômico que eu estava precisando para não cometer uma loucura.

— Você foi o único que começou a cogitar a ideia de nos separarmos, porra. Ficou louco? — Eu o empurro. Quanto mais nos deslocamos para longe do interior da construção gigantesca, mais conseguimos escutar a animação forçada do time. — Bem que você queria se livrar de nós dois, mas é aquela coisa: um por todos e todos por um. É isso ou nada.

— Você fala esse tipo de coisa, mas eu sei que só estão esperando uma oportunidade para me chut...

— Vai se foder, Carpenter, e para de escutar as vozes da sua cabeça. Elas só falam merda pra você.

— Se importaria em ir junto comigo?

Nós rimos.

O som ensurdecador do coro feito por nossa torcida começa a me transportar para outro mundo. É isso que acontece quando estou dentro de campo, é isso que me deixa com uma energia do caralho.

Chegamos ao fim da fila.

Engulo em seco o amargor que se espalha dentro da minha boca por não estar lá na frente, liderando todos como fiz por anos.

Não só aqui no Bruins, mas em cada time que já joguei, sempre fui o maldito capitão. O cara que sabe liderar, que pensa

fora da caixa, que tem a capacidade de tomar uma decisão em segundos com a esperança de que ela faça nosso time ir bem.

Isso é sobre algo que vai muito além do Bruins.

É sobre a minha vida.

Foi isso que eu nasci pra fazer, e não estar fazendo hoje é algo que me desestabiliza por completo.

— Benjamin vai ficar louco pra caralho com a pressão — Charles grita pra mim, tentando sobrepor sua voz por cima do canto do nosso time e da nossa torcida. — Ele não lida bem com isso. Você sabe.

O que mais eu poderia fazer?

Falar pra Benji ficar no banco com a gente?

Não, né.

Isso não é nem mesmo uma decisão que eu poderia tomar.

Ele é o capitão hoje.

Ele precisa lidar com isso.

— Benji vai lidar melhor do que você — retruco, segurando o riso para a reação que eu sei que Charles vai ter.

O idiota fecha a expressão, semicerrando os olhos na minha direção e tentando me acertar com um soco.

Eu desvio a tempo.

— *Eu só tava...*

— Sei que você tá preocupado com ele, Carpenter — o corto. — Eu também tô, acredite. Mas essa é a decisão do treinador e Benjamin acatou. Ele vai saber lidar com essa merda. Ele é bom pra caralho.

Charles desvia nossos olhares, fixando-os adiante.

Sua preocupação é válida.

Não é como se, lá no fundo, eu também não estivesse preocupado. Eu estou. Para um caralho de muito.

Benji nunca foi bom em lidar com a pressão que certas situações naturalmente têm.

Ser um garoto de ouro tem o seu preço, e, até onde eu sei, esse é o preço que Benjamin paga por ser tão perfeito em tudo que se propõe a fazer.

A pressão que eu sinto é cinco — *ou talvez dez* — vezes pior para o meu amigo.

Ele odeia sair da sua zona de conforto de um jeito que é bem problemático para si mesmo, mas as coisas são como são, realmente não temos para onde correr.

A gente já estava meio que ciente de que o destino do time estaria em suas mãos no jogo de hoje.

O barulho se intensifica em mil por cento quando o mestre de cerimônia entoa o nome do Bruins por todo estádio, alvoroçando nossa torcida por consequência.

É isso e a fila volta a se mover. Rápido.

— Se prepara pra ver o seu pai e o pai da C enlouquecidos na arquibancada por você não estar jogando! — Charles atira, por fim, essa última merda para mim.

Porra.

Eu estava me esquecendo disso.

Que merda eu vou inventar pra eles?

Contusão de última hora?

Essa é boa. Mas aí vai respingar nos médicos do Bruins e se tornará uma situação insustentável.

Má disposição?

Bom, isso também poderia respingar nos médicos, mas talvez seja bem mais crível.

Confessar que houve uma briga interna só vai atrair merda pra cima de todos nós. A chance dessa informação vazar também é muito grande. Perderíamos patrocinadores, nos colocaríamos em uma situação muito desfavorável, e aí a desgraça estaria completa.

Eu converso com o meu pai e o senhor Calloway depois.

Respiro fundo, começando a corrida atrás do meu time, sendo literalmente o último da fila, enquanto tenho uma das visões mais perfeitas e prazerosas de todo mundo.

O Rose Bowl está lotado.

O mar de lanternas no meio daquela escuridão preenchida por fogos de artifícios azuis e amarelos é... do caralho.

Essa é uma das sensações das quais nunca vou me cansar em toda minha vida.

É único.

Nos primeiros cinco segundos, sinto tudo como de costume.

Meu coração bate forte pra caralho, minhas mãos suam automaticamente, meus olhos brilham pela visão do estádio lotado.

Mas, infelizmente, isso dura pouco.

Eu vou do céu ao inferno em cinco segundos. Mesmo.

O que era completo, fica incompleto.

O sentimento se reduz, a sensação também.

Não consigo sentir nem metade.

E essa quantidade vai diminuindo mais e mais a cada passada que dou sobre a grama afofada do Rose Bowl.

A atmosfera afunda por completo quando chegamos à área técnica.

Nos juntamos no círculo de sempre e, enquanto o treinador Sanders esbraveja conosco, incentivando e impulsionando os jogadores, me mantenho mentalmente longe daquele “lugar”.

Os refletores do estádio são ligados e as pessoas começam a tomar forma, uma por uma.

Tiro o capacete, correndo os dedos pelo meu cabelo enquanto procuro por Cloud no automático.

Só preciso de um olhar seu pra ficar na linha pela próxima hora de jogo.

É só isso e nada mais.

Passo meu olhar atentamente na nossa área reservada e eu não demoro mais do que dez segundos para localizar a minha garota ali.

Meu coração volta a acelerar.

Ela está usando minha camisa, novamente.

Linda pra caralho, e totalmente minha.

Ter Cloud Calloway no meu campo de visão é tudo que eu precisava para me acalmar.

Dou uma olhada rápida nos meus e nos seus pais, acenando brevemente, mas volto a encará-la outra vez.

Agora, sigo, fitando Hazel rapidamente, que está usando uma camisa do time com o nome e número de Charles. Isso é novo, mas ok. Então, Sloan... que também está com uma camisa do time, quebrando seu visual gótico de sempre com azul e amarelo pela primeira vez desde que nos conhecemos, mas, não, não é do jeito que alguém poderia esperar.

Não sei dizer com certeza de quem é a camisa que está meio que amarrada em seu pescoço, mas me arriscaria a mencionar o

nome de Benjamin.

Aterrada.

No pescoço.

Não é mentira. Não mesmo.

Quase solto uma risada com a porra da cena, mas, por fim, meus olhos acham um garoto ali, do lado de Sloan. Não que isso seja estranho a priori, mas meu cérebro leva exatos três segundos para eu processar aquela informação e conectar com outra.

Eu já o vi antes.

É o garoto do refeitório.

É o garoto do dia em que Cloud estava parecendo uma deusa vestida de vermelho dos pés a cabeça.

Foi com ele que ela saiu do refeitório.

Com ele e com Hazel.

E, depois de tudo, depois que nos resolvemos...

É sobre ele que ela estava falando naquele dia sobre querer um namoro?

A calma que estava prestes a me atingir por inteiro, desaparece.

A gente não chegou nessa parte da conversa, eu praticamente não lhe deixei falar sobre a pessoa, e agora a porra da dúvida está começando a comer meu cérebro.

Desvio meu olhar dos quatro, especialmente do cara, antes que eu acabe enlouquecendo.

A gente conversa depois.

Eu não vou tirar conclusões precipitadas.

Eu não v...

Ela convidou esse cara?

Foi isso?

Cloud o convidou?

Para a porra do meu jogo?

O único que eu não vou poder jogar pra mostrar quem eu sou e do que sou capaz?

Veja bem, é de foder o cu do palhaço.

Ela não tem pena de mim?

— *Vamos* — Charles me empurra, forçando meus passos até o banco da nossa área técnica. — Qual foi, porra? — pergunta quando me vê resistindo.

— Nada.

Bufo.

— Nada? — pergunta, irônico. De soslaio, percebo o idiota reparando na mesma direção que eu estava olhando segundos atrás. — Porra, a *ginger* tá mesmo com a minha camisa. — Ignoro seu tom assustado e satisfeito. — Já que não vamos jogar hoje, será que eu posso ir até ela nesse exato instante? — Ele quase geme do meu lado, atraindo meu olhar para si.

— Cara, você é louco mesmo? Não é zoeira, né?

Eu sei que a gente pergunta muito isso pro Charles, mas ele realmente parece um louco quando deixa certos tipos de merda saírem por sua boca. Como essa.

— *Vamos, vamos.* — Me empurra, forçando-me a ir mais rápido. Sentamos lado a lado no banco. — Caralho. — Tira o capacete, deixando-o ao lado do meu na grama. — Tô me esforçando tanto pra não ser um babaca com essa garota, mas falta isso aqui pra eu não jogar tudo pro alto e comer ela em qualquer canto desse estádio.

— Você fala como um cachorro no cioalaria se pudesse se comunicar com palavras — pontuo, tentando manter minha calma.

É sério que é aquele cara que Cloud quer namorar?

— Se você conseguisse olhar a um palmo além do seu nariz, além da Calloway, entenderia do que eu tô falando — retruca, esfregando a ponte do nariz com força. Charles parece mesmo perturbado com a imagem de Hazel. Não vou julgá-lo. Olhar Cloud com a minha camisa é de fazer minhas bolas empedrarem de tanto tesão. — *Ela é tão...*

Ela é tão...?

— Nunca ouvi você falar sobre ninguém desse jeito — introduzo esse tipo de pensamento o mais tranquilo possível, sem querer assustá-lo. — Tem certeza de que tá falando só sobre ficar com ela uma vez e nada mais?

Isso geralmente é como eu penso sobre Cloud.

Eu quero beijá-la. *Mas eu também quero fodê-la.*

Eu quero assistir nosso filme idiota. *Mas eu também não me importaria em vê-la engolindo meu pau por horas, sozinhos em meu dormitório.*

Eu quero lhe chamar pra sair, marcar um encontro clichê lá no píer de Santa Mônica, como eu sei que ela gosta. *Mas eu também quero tocá-la dentro da minha caminhonete, no caminho de volta pra casa, e afundar os meus dedos dentro da sua boceta melada só para prová-la antes de perder os sentidos e fodermos dentro do meu carro.*

É de oito a oitenta.

Do mais romântico ao mais depravado possível.

Ela me deixa assim.

Como um idiota.

E é isso que vejo no meu amigo.

O jeito que Charles fala que está tentando não ser um babaca com Hazel — *o que ele, infelizmente, naturalmente, tende a ser* —, mas depois diz que ficaria com ela em qualquer canto do Rose Bowl é muito do oito a oitenta que sinto com Cloud.

É o cuidado e depois o cuidado em dobro, mas em outros sentidos...

— Não viaja, beleza? Eu só fiquei animado com... você sabe... é essa coisa idiota de homem. Ela tá usando minha camisa. Isso é literalmente...

— Se decide com o que você tá sentindo pela Hazel — lhe empurro toda responsabilidade que ele precisa sentir a respeito da situação com a garota. — Ou você quer ficar com ela, ou só quer uma foda.

Esses dois têm problemas pra caralho, mas Charles definitivamente precisa ser mais responsável.

— *Certo, papai* — caçoa de mim. — Não posso mais nem sentir tesão que preciso ser responsabilizado por isso. Que mundo difícil e cruel.

— Não tenta distorcer as minhas palavras, você entendeu muito bem o que eu quis dizer.

Reviro os olhos.

Charles olha pra trás novamente.

— *Ela tá mesmo com a minha camisa...* — resmunga para si mesmo.

Ele vai mesmo ficar repetindo essa porra a noite toda?

Qual é o seu problema?

Foda-se.

Tenho mais com o que me preocupar nesse momento, como por exemplo com Cloud, com o cara perto dela e com a porra do jogo que começará em minutos.

Até o fim da noite eu já enlouqueci.

Mas, a pergunta que não quer calar: *ela vai ter coragem de me apresentar o seu “pretendente” assim como teve coragem de trazê-lo para a porra do único jogo que eu não vou jogar?*



PASADENA, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
07:10 PM

Depois do *kickoff*, o primeiro ataque foi nosso.

Se eu falar que tudo correu muito bem, eu estaria mentindo. Nas nossas quatro primeiras tentativas de fazer a primeira descida, o passe de Ryan pra Benjamin foi interceptado duas vezes — *porque saiu todo errado* — e os avanços de Jace, nosso *running back*, não surtiu muito efeito.

Não ficamos próximos o suficiente para sequer tentar um chute e conseguir no mínimo três pontos com o *field goal*.

Ou seja?

Perdemos a chance.

Não conseguimos avançar dez jardas.

Dez. Malditas. Jardas.

Essa é uma das primeiras e poucas vezes que isso acontece com o meu time. Até quando pegamos o Bruins fodido no primeiro ano, não foi tão ruim quanto estava sendo hoje.

É por isso que a torcida não está calma, muito menos quieta.

Enquanto os Hornets está ampliando cada vez mais sua vantagem sobre nós, os torcedores seguem chamando pelo trio ABC em toda chance que têm — *quero dizer, a cada minuto*.

Eu não sei como ainda não cansaram de gritar.

Mas, vamos começar tudo isso pelo fato de que ninguém entendeu quando a maior parte dos jogadores titulares do Bruins entraram em campo, mas Charles e eu ficamos no banco.

Acho que ouvi o meu pai e o senhor Arkins xingando o treinador Sanders pelo menos trinta vezes nos últimos dez minutos.

Não tive coragem de olhar pra trás, não tive coragem de encarar minha família, minha torcida... *minha casa*.

Todos estão furiosos com o que está acontecendo, e eu incluo a mim mesmo nesse grupo.

Estou furioso comigo mesmo, mas sigo numa tentativa um pouco vazia de tentar não absorver a raiva da torcida e nem levá-la para minha cabeça.

Os torcedores do Bruins estão enfurecidos com o treinador Sanders, mas ele, por contrapartida, não parece estar nem um pouco afetado com o alvoroço da arquibancada. O que fode tudo para mim, é o peso na consciência que sinto por ter sido a causa de todo problema.

Os xingamentos deveriam ser direcionados a mim, principalmente agora que o Bruins e os Hornets estão chegando no final do terceiro tempo.

Apesar do desempenho abaixo da média no primeiro e segundo tempo, os garotos conseguiram correr atrás do prejuízo nesse terceiro tempo.

O jogo está 32 a 20 para eles.

Parece ser muita coisa. E é. Pelo menos no ritmo em que estamos, não vamos alcançá-los ou ultrapassá-los se ninguém se esforçar um pouco mais para isso.

Benjamin está cansado.

As entradas que ele levou até os passes com Ryan começarem a funcionar minimamente, foram tantas e tão fortes, que Charles e eu quase levantamos muitas vezes para pedir que o tirassem de campo. Mas ele ainda está lá, aguentando cada impacto furioso dos Hornets, e escapando deles quando consegue.

— Por que esse filho da puta não coloca a gente no jogo? — Charles rosna do meu lado enquanto o Bruins tenta fazer mais uma descida, mas nosso passe é interceptado outra vez pelo jogador dos Hornets. Antes que eu consiga pensar muito, ele faz um resumo perfeito do que aconteceu desde que o jogo se iniciou: — Se o Benjamin ainda não estiver com uma costela quebrada, é sorte demais. O time sequer consegue acompanhá-lo. Nossa defesa tá na porra do saco, ninguém se esforça pra enfrentar os caras. O mão de merda do Ryan tá dando a bola de bandeja pros caras. Como é que vai se fazer uma descida decente com esse porra arremessando a bola desse jeito?

— A gente não tem o que fazer — retruco. — Benji tá fazendo o que pode. A essa altura, o último tempo vai ser o time morto no campo e os Hornets dançando em cima dos cadáveres deles.

— É por isso que eu tô perguntando por que diabos aquele filho da puta não coloca a gente na porra do jogo?!

O treinador Sanders vira em nossa direção assim que Charles cala a boca. Ele encara meu melhor amigo com os olhos cheios de irritação. E raiva.

Bom, todos nós estamos irritados e com raiva.

Filho da puta.

Corno do caralho.

Ele prefere que o time perca e vá pro saco na classificação semanal da liga por causa da merda que aconteceu uma semana atrás?

Nós já entendemos.

Nós já aprendemos.

Nos coloque na porra do j...

— *Arkins. Carpenter.*

Ficamos em pé. Rápido. Imediatamente.

— É bom que esteja nos chamando para...

— Cala boca, Carpenter. — Ele atira. Seco. — Vocês vão entrar.

Ele está fazendo isso.

Ele está mesmo?

Dobrando sua palavra e enfiando-a no bolso?

Esperou quase uma hora pra nos colocar em cima do último tempo?

Que porra.

Mas é melhor isso do que nada.

— Pensei que você tava planejando sacrificar o Beckett dentro de campo como forma de punição também — Charles reclama,

voltando pra pegar o seu capacete e o meu. — Vamos, nos coloque pra dentro.

Ele empurra o objeto em minhas mãos.

Eu não demoro pra encaixá-lo e prendê-lo em minha cabeça.

— Você ainda vai se dar mal por causa dessa língua, Carpenter — o treinador o repreende.

— Quem tem boca vai à Roma. Quem não tem, fica no banco. Pra sempre.

— Algum plano, treinador? — interrompo a pseudodiscussão entre os dois.

Respiro fundo, enquanto estico e giro meus braços, movimentando-os apropriadamente pela primeira vez em horas.

— Façam o que vocês sabem fazer de melhor — diz, simples. Ele me encara. — A autoridade é sua, mas eu não quero nada de extraordinário. Dois touchdowns e nós chegamos neles. Vamos converter os pontos extras e fim de conversa.

— A defesa...

— Vou trocar novamente, colocar os mais pesados e dar mais gás. E vocês fiquem atentos pelo ar. É segurar eles e fazer as decidas até lá. — O treinador encara Charles. — Se você é tão bom assim, Carpenter, prove.

Ótimo.

— Você vai ter que beijar a minha bunda depois desse jogo, treinador.

— É melhor estar seguro de suas palavras, ou você vai beijar o banco de reservas por semanas.

— E eu acho melhor irmos logo — volto a interrompê-los. — Todo e qualquer segundo importa pra gente nesse exato momento,

não temos tempo para esse tipo de merda agora.

Às vezes, o treinador Sanders consegue ser muito mais infantil do que Charles. Pelo menos o meu amigo ainda tem vinte e dois anos pra usar como desculpa. Já o velho não tem nada além de seu orgulho para justificar suas atitudes. E isso é feio pra caralho.

— *Timeout* — peço, observando o treinador nos dar as costas e ir até o restante da equipe técnica.

Em segundos, a partida é parada.

São trinta segundos. Apenas isso.

Olho pro telão principal do estádio, percebendo que faltam apenas três minutos pro terceiro tempo acabar. Depois disso, temos quinze minutos para redirecionar o Bruins para o caminho certo.

Observo Benji se aproximar em passos largos, tirando o capacete e o protetor bucal para puxar uma respiração profunda e mais leve. Charles lhe entrega uma garrafa de água assim que nosso amigo para na nossa frente.

— Como você é valente, pequeno Beckett — o idiota provoca, mas é uma provocação cheia de admiração. Eu também estou assim. — Toma essa água e se prepara para terminar seu serviço com a equipe completa.

Os seus olhos ficam levemente arregalados.

— Vocês vão entrar?

Concordo com um aceno. Rápido.

Seus ombros retos caem dois ou três dedos.

— Ryan, banco. Keaton, banco — o treinador diz como uma sentença. — Arkins e Carpenter vão entrar, equipe de defesa vai mudar também. Isso é tudo que vocês precisam saber, o resto é só fazer lá dentro.

Nossos colegas nos encaram. Alguns ainda estão com a porra do ressentimento dentro dos orbes brilhantes, mas ninguém quer sair perdendo. Eu não acredito que o que aconteceu vai continuar sendo um empecilho para nós.

Que deixem isso pra outro dia.

Pra um treino qualquer.

Isso é vida real. Jogo real.

É o nosso futuro.

— Arkins.

Tomo a frente.

— Quero a minha defesa pronta para fazer o seu trabalho. Temos mais duas tentativas pra fazer a descida. Podemos segurar os minutos restantes e converter o touchdown a nosso favor, assim, o jogo fica mais fácil no último tempo. — Alguns concordam. — Vocês estão comigo?

— Sim, porra. A resposta é sim, seus filhos da puta do caralho!

— Charles grita atrás de mim.

— Vamos, QB! — eles concordam. *Finalmente.*

É isso.

É isso e disso que precisamos.

Nosso tempo acaba. As substituições acontecem e Benjamin, Charles e eu finalmente entramos em campo. Juntos. Como sempre tem que ser, como sempre vai ser.

Temos menos de vinte minutos para conseguir todos esses pontos e bloquear as decidas dos Hornets. Nós já fizemos coisas mais espetaculares, então eu tenho certeza de que isso vai acontecer mesmo que eu precise sangrar com eles.

— Eles sabem que nós trabalhamos juntos, então se preparem para ter um fim de jogo tumultuado — grito pra Benjamin e Charles, enquanto começamos a nos posicionar —, mas eu confio em vocês dois. Estão comigo?

— Sim, porra — Charles rosna, vidrado no que está prestes a acontecer.

— O que você tem em mente? — Benji pergunta, rápido.

— Você já levou pancada pra caralho — dou um tapa no seu capacete, para que ele preste atenção. — Os passes de Ryan foram... *ruins*, e eu vi você se esforçando para tentar alcançá-los, então vamos dividir isso com o Carpenter, mas não do jeito usual. — Meu amigo franze o cenho, seus olhos se estreitam até que ele entenda o que eu quero dizer. — Eu não quero dois touchdowns, eu quero três. Nós vamos conseguir fazer isso. O melhor fica por último. Posso confiar em você, Beckett?

— É arriscado pra caralho, você sabe — ele alerta.

— É porra, eu sei, mas que se foda. Nós estamos com a porra da corda no pescoço e eles não vão facilitar. Ou inovamos, ou ninguém passa pra última linha.

— Pequeno Beckett, essa é com você — Charles o incentiva.

— Olha... tudo bem. *Merda*. Vamos fazer isso.

Sorrio.

Vamos fazer isso.

— A — bato no meu capacete —, B — bato no de Benjamin —, e C — finalizo no de Charles.

— ABC — eles responde em uníssono.

— Vamos, porra. Esse jogo é nosso — Charles nos empurra pra frente. — Sempre serão *nossos*.

É por isso que somos um trio, um pacote.

Não existe Ashton sem Benjamin ou Charles.

Não existe Benjamin sem Ashton ou Charles.

Não existe Charles sem Ashton ou Benjamin.

É assim. Pra sempre.

Eles são os meus melhores amigos.

É daqui pro céu ou pro inferno.

Não importa nosso destino, nós sempre estaremos juntos.

Mas, então, eu lembro que, além deles dois, que estão dentro do campo comigo, existe uma única pessoa que me fornece toda força e sorte que eu preciso para seguir em frente.

Olho na sua direção, me esquecendo de todo o drama anterior e focando apenas no seu significado para mim.

Cloud Calloway.

O meu anjo e a minha sorte.

A ansiedade esmagadora em meu peito alivia quando nossos olhares se cruzam. Aquele nó e a queimação incessante se desmancham por completo quando eu vejo os seus olhos e toda sua atenção dedicada somente a mim.

A distância é considerável, basicamente gritante, mas a sensação de alívio, calma e contentamento que ela me causa é a melhor coisa que eu poderia sentir nesse momento.

É tudo que eu precisava.

Nada é capaz de bloquear o que se passa só entre nós dois.

Vai ser seu, meu anjo.

Esse vai ser mais um touchdown seu.

Antes de inclinar meu corpo na posição de sempre, bato no número vinte e quatro no centro do meu peito, repetindo as batidas

em meu punho direito e esquerdo.

Mais um pra você, Calloway.

Ela é a minha sorte.

Ela *sempre* será a minha sorte, a personificação disso.

O meu... anjo.



PASADENA, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
07:27 PM

Caio no chão outra vez.

Minhas costas batem contra o gramado com tanta força, que eu me engasgo. Urro logo em seguida, sentindo uma maldita pontada de dor se espalhar de algum ponto das minhas costelas direitas e irradiar pelo resto do meu corpo.

O ar fica preso nos meus pulmões por uns cinco segundos antes de eu conseguir jogá-lo pra fora no meio de uma tossida e engoli-lo de volta pra tentar me reestabelecer.

É assim que o árbitro para a jogada.

Agora nós temos menos de um minuto pra virar o jogo.

Um minuto.

É isso e nada mais.

Os Hornets estão à nossa frente por cinco pontos. O placar da partida, a essa altura, é de 42 a 37.

Nossa terceira tentativa de descida acabou de ir pro saco pela terceira vez comigo no chão.

Sim, nós já fizemos os dois touchdowns que o treinador Sanders “pediu”, mas, assim como eu estava imaginando, o time precisaria de mais do que apenas dois touchdowns pra passar dos Hornets.

Nós não conseguimos pará-los completamente, e nós estávamos tentando pra caralho. Pelo menos Benji, Charles e eu estávamos.

O grande negócio é que eu sei que a defesa está tentando nos foder — *no caso, me foder*.

Em pouco mais de quinze minutos de jogo, já fui acertado de graça tantas vezes, que parecia piada.

Benji e Charles aparecem no meu campo de visão, ambos estendendo as mãos para mim. Seguro de cada lado e eles me puxam pra cima.

— O que nós vamos fazer agora? — Benji pergunta.

— Você sabe o que nós vamos fazer — Charles rebate.

Ainda assim...

Abaixo minha cabeça, segurando o capacete com toda força que tenho enquanto me concentro.

— Nós podemos? — pergunto, olhando na direção do treinador Sanders. — São trinta segundos, fora três ou quatro do chute. Arredondando, vinte segundos para uma jogada.

— É uma jogada perfeita — o coordenador Neal esbraveja sem muita enrolação, fazendo sua voz reverberar no alto-falante dentro do meu capacete. — Nós só vamos ganhar se vocês fizerem, então é um sim para mim.

O treinador me encara de volta.

Eu o assisto puxar o microfone do seu *headset* e, então, sentenciar:

— Vá e faça, Arkins. O time é seu.

É isso, porra.

É isso que eu queria ouvir.

Levanto a minha cabeça e me endireito, encarando Benjamin e Charles.

— Nós faremos a jogada — sentencio.

— É isso aí — Charles sorri automaticamente.

— Certeza?

— Não tenha medo, pequeno Beckett. Você só vai ficar com a bola por uns três segundos — Charles dá um tapinha no capacete do outro.

— Tenho certeza. Tudo bem por você?

Benjamin concorda.

— Vamos.

Bato em seus capacetes e eles se afastam.

Nos posicionamos em nossos lugares de sempre pelo que provavelmente será a última vez no dia de hoje.

O apito do árbitro ressoa por todo Rose Bowl.

O meu *center* me passa a bola rapidamente e eu começo a recuar.

A defesa, mais uma vez, faz corpo mole. Quanto mais eu recuo, mais eu sei que vou ter que usar de mais precisão e força pra fazer a bola chegar até o seu destino, mas eu continuo fazendo isso pra visualizar a nossa jogada.

Benjamin, Charles e eu temos treinado muito para momentos como esse.

Eu sei que isso não é fácil.

Mas eu gostava de fazer parecer como se fosse.

Meu olhar passa brevemente por Benjamin. Eu não demoro nem um segundo escaneando a sua posição.

Aponto para Charles com o outro apenas na minha visão periférica.

Assisto os homens da defesa dos Hornets se virarem automaticamente pro meu camisa três, mas ele não é o meu alvo.

Não o *meu*.

Enquanto as pessoas seguem para marcá-lo, finalmente lanço a bola.

Ela vai na direção de Benjamin em cima da hora.

No mesmo instante em que sua viagem se inicia, sou atingido pelo primeiro jogador dos Hornets, dando graças a Deus pelo objeto já estar indo na direção do meu braço direito.

O *“A”* foi feito.

Meu corpo é lançado no chão e eu sinto como se estivesse sendo pisoteado.

Minhas costelas doem e o ar me falta, mas, honestamente, isso não é capaz de me abalar. Não agora. Talvez daqui cinco minutos eu possa sentir o efeito dessa pancada, mas a única coisa que eu consigo pensar é em Benjamin segurando o meu arremesso.

Olho pro telão do estádio, não conseguindo levantar nem por um caralho, e assisto o exato instante em que Benjamin agarra a bola.

A imagem se divide entre os meus dois melhores amigos, enquanto a maioria dos homens da defesa dos Hornets muda de direção e se desloca imediatamente pra Benjamin.

Ele não vai conseguir ir longe, mas isso é o que garante a nossa vitória.

Benjamin avança como consegue, se movendo como uma flecha certa em cinco segundos e ganhando jardas pra gente antes de suas pernas serem agarradas num pulo fodido que o camisa sessenta e sete do Alabama State Hornets dá.

O “B” foi feito.

Antes de ser completamente interceptado, Benjamin lança a bola em direção a Charles, que avança sem parar do outro lado do campo.

Ele precisa acompanhar o ritmo e a velocidade da bola se quiser chegar lá.

Não consigo respirar enquanto assisto aquela trajetória ser feita com a porra da maestria que nunca imaginei que chegaríamos a alcançar.

Charles corre.

Nossa vida depende disso.

Então, ele corre mais rápido, em busca do arremesso perfeito de Benjamin que vai chegar lá na porra da *end zone*.

O “C” é feito.

Perfeitamente.

Charles salta no último segundo.

Seus dedos se esticam e agarram a bola como se fosse um ímã. Ele rola para fora da linha da última jarda, marcando o nosso touchdown.

Nosso.

A jogada especial do trio ABC.

A jogada que criamos no ensino médio, que chamamos de passe de mágica.

A jogada que nos fez entender que nunca vamos conseguir fazer isso se faltar uma parte.

O ABC por completo.

E deu certo.

A torcida ruge numa euforia que eu nunca ouvi antes.

Os jogadores do Alabama State finalmente saem de cima de mim, deixando-me puxar o ar para dentro dos meus pulmões em meio a um gemido de dor. Meus ossos doem. Doem pra caralho. Meus músculos doem mais ainda.

Acho que me fodi no jogo de hoje o suficiente pra reclamar pelo resto do fim de semana.

Vou precisar de boas horas no centro de recuperação, na piscina e hidromassagem, e algumas sessões de fisioterapia por causa do meu ombro direito. Mas, sendo bem sincero? Valeu à pena.

Eu faria de novo. E de novo. E outra vez.

Eu não sei quem tem a ideia de focar na parte da torcida em que ela está, mas quando meus olhos acham Cloud no telão do Rose Bowl, sei que meu dever foi cumprido... apesar de seus olhos castanhos estarem mais marejados do que deveriam.

Esquece a porra do centro de recuperação, piscina, hidromassagem, fisioterapia e o cacete.

Ela é tudo que eu preciso do jeito mais urgente possível.

Eu preciso de você, Cloud Calloway.

Agora e sempre.



PASADENA, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
07:45 PM

Aqui está você.

Depois de longos minutos de cumprimentos e comemorações ainda dentro de campo, e, sim, depois de vencermos o Alabama State por 44 a 42 — *um perfeito touchdown no fim do jogo e um ponto extra convertido por nosso kicker* —, finalmente estava sendo abençoado pela visão da minha melhor amiga com um sorriso enorme no rosto a alguns passos de mim.

Mas, como nem tudo é perfeito, ela infelizmente não está sozinha.

Cloud, Hazel, Sloan, Benjamin, Charles e eu estamos no canto mais quieto do campo, longe dos outros jogadores e do restante da comissão técnica. E tem um garoto “extra”. É o cara que estava com ela no refeitório e o...

— *Uau...* — Sloan é a primeira a quebrar o silêncio que se estabelece entre nós sete, interrompendo meus pensamentos automaticamente. — Cada dia me surpreendo mais com você, pequeno Beckett.

Meus olhos não deixam Cloud nem por um instante.

Eu só queria poder beijar essa garota agora. No meio de todo mundo. Sem esconder nada de ninguém.

— Certo, valeu — Benji retruca, soando aéreo. — Meus pais vieram?

— Acho que não — Cloud responde, umedecendo os lábios e pigarreando. — Eu realmente acho que não...

— Tudo bem... — meu amigo resmunga, então eu finalmente o encaro. — Vou pro vestiário.

— Calma aí — minha garota toma a frente da situação, se aproximando mais da gente e segurando meu amigo pelo braço. — Você foi muito bem, Benji. Muito mesmo. — Meu coração acelera com o seu gesto. — Se não fosse você ali, aguentando o time nas costas por quase três dos quatro tempos, o Bruins teria perdido tão feio. Aquele seu touchdown foi incrível. Eu ainda não consigo acreditar em como conseguiu pegar aquele passe de merda do Ryan.

Você não é nada menos do que perfeita, Cloud Calloway.

É por isso que eu te amo pra caralho.

Assisto Benji engolir a seco, seus olhos brilham enquanto ele assimila e processa as palavras da minha garota.

— Não foi nada...

— Não é hora de modéstia, Beckett — eu o repreendo. — A vitória contra os Hornets é mais sua do que de qualquer outra pessoa, *capitão*.

Nós nos encaramos. Firmes.

— Cara, você é o nosso cap...

— Geralmente — o interrompo. — Eu geralmente sou o capitão, mas hoje foi você quem esteve à frente do Bruins. Aceite os cumprimentos, Beckett. Sei que você gosta de ser elogiado por suas jogadas e atuações.

— É, pequeno Beckett. Você foi grandão sem medo — Charles fala, abraçando-o de lado pelos ombros.

Benji finalmente sorri.

Não é um sorriso completo, mas ele parece relaxar um pouco.

Eu sei que Benji queria os pais aqui.

Eu sei que isso afetou o seu humor.

Uma vez ele me disse que já estava acostumado com a ausência do senhor e da senhora Beckett, mas isso não é verdade.

Existem certas coisas que, por mais que elas aconteçam com frequência, nós nunca conseguiremos nos acostumar com a dor e o vazio que elas nos causam.

Eles são o ponto fraco do meu amigo.

Por mais que Benjamin não admita, isso é claro demais para mim.

— Obrigado, pessoal. Eu não teria conseguido sem vocês.

— Isso é fato — Charles concorda —, mas você segurou o jogo pra gente. A emburradinha falou muito bem pra quem odeia futebol americano.

— Eu odeio, mas isso não quer dizer que eu não entenda. — Volto a encarar Cloud. Ela me encara de volta. Olho pra sua boca, mais uma vez pensando no quanto eu queria beijá-la agora. A garota pigarreia, falando: — E você, QB? Tudo bem com seus ossos?

A morena solta Benji e se coloca na minha frente.

— Você não quer checar pra mim?

O rosto de Cloud fica vermelho.

Charles começa a rir com Benji, que puxa a risada de Hazel e depois de Sloan.

Eu acho que ela vai me matar.

— *Ah, claro* — resmunga, irônica. — Você é tão idiota, Arkins.

Ok, isso foi golpe baixo.

Eu estou com um tesão do caralho.

É insuportável.

Todo pré e pós jogo é assim.

Minha energia vai lá em cima, eu fico elétrico pra caralho, num nível que isso só se acalma depois de duas ou três horas. Ou depois de transar.

A segunda opção, honestamente, nunca aconteceu até hoje, já que Cloud e eu sempre tivemos nossos encontros pós-jogo com aquela porra de Diário de uma Paixão.

É pedir demais passar horas com essa garota sentando no meu pau ao invés de ficarmos vendo o maldito filme velho?

Resposta: *não*.

Não é.

Eu estou caminhando. Nós estamos. Em passos de tartaruga. Mas a gente chega lá um dia.

Vai ser hoje?

Provavelmente não, mas um sonho não custa absolutamente nada, então eu vou continuar sonhando.

— Você não vai me dar os parabéns? — pergunto, sorrindo do seu jeito envergonhado enquanto inclino a cabeça pro lado.

— Sim — ela revira os olhos —, mas antes eu quero te apresentar alguém.

Ótimo.

Que forma legal de morrer.

Deixo meu olhar cair na pessoa parada alguns passos atrás da minha garota, logo ao lado de Sloan.

— Relaxa, QB. O garoto é gente boa — a stalker diz.

Mordo a língua, querendo lhe perguntar quem foi que perguntou.

Está tão na cara assim que eu não estou gostando da situação?

— Esse é o Duke — ela se vira pra trás, chamando o garoto com um aceno —, vem, Duke — pede.

Mas que... porra?!

Controle-se, Ashton. Controle-se.

Em passos curtos, ele se aproxima da *minha* garota.

Eu vou precisar dizer mais quantas vezes que ela é minha até o meu cérebro começar a se acalmar?

— Como eu estava dizendo, esse é o Duke — repete, agora me encarando. Alterno meu olhar de um para o outro, irritado. — A gente se conheceu...

— Você é o cara da cafeteria? — pergunto, falhando na parte do autocontrole.

Só quero saber isso.

Devo me preocupar ou não?

É com ele que Cloud anda conversando?

Foi ele que fez despertar o interesse dela em namoros?

Se for: obrigado, imbecil. Agora eu posso beijá-la à vontade. Quero dizer, não tão à vontade assim, mas... escondido.

Sigo dizendo que um começo já é um começo.

— Como? — ele pergunta, meio que segurando o riso.

É sério isso?

Ele vai rir de mim, na minha cara?

Falta só isso aqui pra eu...

— Ashton Arkins, você é um idiota — Cloud me dá um empurrão.

— Eu só tô perguntando.

— O da cafeteria é outro — Hazel diz, rindo. — Esse é o Duke, o cara da cafeteria é o...

— Cala a boca, Hazel! — A morena quase voa no pescoço de sua melhor amiga. — Você não sabe quando calar a boca, né?

— *Desculpa, desculpa...*

Ela e Charles.

Talvez seja por isso que eles estejam se dando tão “bem”.

Mas, voltando ao assunto...

— Se você não é o cara da cafeteria, então você é o...?

— O parceiro dela de disciplina — responde, dando de ombros.

— E o que emprestou os fones para ela! — Hazel exclama, correndo do espaço dividido com Cloud antes que a outra consiga pegá-la e enforcá-la.

— Vem aqui, ginger. Vamos conversar longe desse drama — Charles chama a ruiva, soltando Benji e puxando a garota consigo pra algum lugar que eu não me importo onde seja.

— Acho melhor eu ir com eles — Benjamin diz.

— Você curte voyeurismo? — Sloan questiona, cruzando os braços. — Vai com eles pra quê? Pra segurar vela? Ou vai montar uma fogueira inteira com todas suas velas pra ver o Charles comendo a Hazel?

Deus.

Eu não aguento mais a energia caótica desses quatro.

— Você é insuportável, Sanders. Não consegue ser alguém decente nem por uma hora? Dói tanto assim?

— Isso te excita, pequeno Beckett?

— Ok, pessoal, eu acho que essa não é uma conversa para se ter no meio de um campo levemente cheio de pessoas — Cloud interfere no que provavelmente se transformaria numa bela discussão. — Vocês se importam?

— Eu vou pro vestiário — Benjamin sentencia.

— Posso te acompanhar? — Sloan pergunta.

— Vai pro inferno, Sanders.

— Se você estiver lá, eu vou sem reclamar.

— Eu não acho que ele vai estar no inferno — comento como quem não quer nada.

Ela sorri, vendo Benjamin caminhar irritado até o vestiário.

— Parafraseando a Lana Del Rey e atualizando para minha versão: *querido Deus, quando eu chegar no inferno, por favor, deixe-me levar o meu homem.*

— Uau, stalker. Você é estranhamente romântica de um jeito muito curioso. Bizarro, pra ser mais exato.

— É melhor do que a baboseira que você fala bêbado no meu bar.

Dito isso, ela sai andando atrás de Benjamin.

Eles sabem como fazer uma saída dramática.

Sobramos Cloud, o tal Duke e eu.

Encaro o garoto um pouco menos desconfiado.

Tudo bem, não é por causa dele que ela Cloud me apareceu com toda conversa de namoro. Agora eu posso respirar tentar agir

como alguém normal. Mas não que eu não esteja com um leve ciúmes.

É só de leve.

Levíssimo.

— Te devo um muito obrigado, então. Parceiro de disciplina da Cloud e garoto que emprestou os fones pra ela no último jogo, certo?

Ele concorda.

— Sim, você deve. Eu não empresto meus fones pra muita gente, então sua amiga teve sorte.

— Melhor amiga — eu o corrijo.

Por que diabos eu estou com ciúmes disso?

Até do “melhor amiga”, Ashton?

Melhore, inferno.

— Isso — ele ri —, melhor amiga.

Respiro fundo.

— Eu sou Ashton Arkins, melhor amigo da Calloway.

Estendo minha mão para ele.

— Eu sou Duke Dallas.

Nem fodendo.

Ashton Arkins.

Benjamin Beckett.

Charles Carpenter.

E agora um... Duke Dallas.

Isso é muito mentira pra ser verdade.

— Prazer em te conhecer — nós apertamos as mãos, eu um pouco mais do que deveria, mas ele não esboça nada —, obrigado por ter ajudado a minha garota no outro dia.

— *Ashton* — Cloud me repreende.

— Não foi nada — ele responde. O aperto acaba. — Meu irmão é um grande fã.

Como?

— Um grande fã? — Franzo o cenho. — De futebol?

— Também — dá de ombros —, mas eu tava falando de você.

Ele é um grande fã seu. De verdade.

Ah. Que... fofo.

Seguro o riso.

E quem não seria?

Eu sou foda pra caralho.

— Ele veio com você? — pergunto, agora sinceramente um pouco mais calmo.

O irmão do cara é meu fã.

Ele não vai tentar roubar minha garota.

Vai ficar tudo bem.

— Não — responde.

— Mas o Duke prometeu um autógrafo seu para o garoto, então você vai ter que autografar algo para o meu amigo.

“Meu amigo”.

Ok, Calloway.

Eu ainda estou engolindo isso.

Será que você poderia não ser tão pegajosa assim com ele?

— Você tem uma caneta, anjo?

— Não...

— Eu tenho — o cara tira uma caneta preta do casaco —, estou sempre preparado pra tudo.

Tiro meu equipamento, deixando todos os meus protetores caírem no chão, e arranco a camisa do corpo.

— Você se importa? — pergunto, balançando a peça molhada de suor.

— Eu sim, meu irmão não.

Imaginei.

Solto uma risada involuntária, começando a assinar a minha camisa perto do número vinte e quatro. Entrego a caneta e a camisa na mão do garoto em segundos.

— Foi mal, não posso assinar minha chuteira. Essa porra é cara pra caralho e feita sob medida.

— Meu irmão vai vestir essa camisa por anos, não se preocupe — retruca, tranquilo demais. — Valeu, Arkins. Eu vou esperar secar e lavar pra dar ela pro moleque.

— Minha missão foi cumprida — Cloud saltita, vindo até mim. Agora ela está feliz, né? Safada. — Espero que seu irmão goste do presente. Outro dia a gente faz o Ash gravar um vídeo pra ele.

É o quê?

Ela não está querendo demais?

— Você não acha isso um pouco...

— Ash! — exclama. — Você vai reclamar?

A maldita faz um bico.

Só posso ter sido Judas na vida passada.

Não faz sentido eu sofrer tanto nessa vida se eu não tiver sido alguém muito ruim na outra.

— Não, eu não vou. — Quase rolo os olhos. — Melhor do que um vídeo, seria ele ver um jogo do Bruins ao vivo. No próximo mês voltamos a jogar em casa, então traz ele se você quiser.

— Nossos pais não deixam. — Duke reflete rapidamente. — Mas, quem sabe...

— Se der... — digo uma última vez.

O garoto só concorda.

— Eu já vou indo. Valeu pela camisa — agradece. — A gente se vê segunda, Calloway.

— A gente se vê segunda, Dallas.

Ela sorri para ele.

O sorriso bonito.

O *meu* sorriso bonito.

Duke se afasta de nós rapidamente, seguindo na direção da saída do Rose Bowl.

— Você acha que eu deveria ir com ele até o estacionamento?

— Cloud pergunta e eu a encaro novamente.

— Tá tentando me fazer ciúmes, Calloway?

Seus olhos arregalam.

— O q-q...

— Deixa o cara ir embora e pronto. Quem precisa da sua atenção agora sou eu — reclamo com a sua falta de iniciativa.

Ela não deveria estar preocupada comigo?

Eu sofri pra caralho em campo.

— Ash? — Pisca.

— O quê?

Bufo.

Silêncio.

— Então... você tá com ciúmes?

— Claro que não — defendo-me.

Cloud Calloway sorri de lado, cheia de malícia.

Ela quer me provocar.

O que Cloud não sabe é que se ela me provocar, eu vou acabar lhe dando um beijo na frente de todo mundo.

Eu estou ansioso por isso.

— Isso soou exatamente como alguém cheio de ciúmes.

— Tem limpado o ouvido com frequência?

Ela dá um passo na minha direção.

— Para o seu horror, eu escuto até o que não devia — rebate, finalmente tocando meu corpo. *Como assim o que não devia?* As pontas geladas dos seus dedos passeiam sobre minhas costelas. — Você tá bem, quarterback?

Puta merda.

Eu não tenho autocontrole.

Ela ainda não percebeu isso?

— Com toda certeza, melhor agora.

Seu sorriso derretido se espalha.

— Ei, garoto! — senhor Calloway nos interrompe.

Puta que pariu.

Puta que pariu!!!

Mas que porra.

O sorriso da garota se perde, enquanto o meu é forçadamente aberto.

Ela se afasta de mim alguns passos, parecendo ansiosa, assim como eu, enquanto nossos pais finalmente se aproximam pra conversar comigo.

Até o fim da noite, eu estou morto.



PASADENA, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
08:36 PM

A tortura finalmente terá um fim depois de uma hora.

Conversei com meus pais e os Calloway por longos minutos. Tudo que senti de Cloud depois do seu toque singelo sobre mim, foi o seu olhar sufocante e necessitado.

Depois que inventei uma desculpa com a garota para o que tinha acontecido no jogo, tive que dar algumas entrevistas e gravar o conteúdo de praxe do Bruins.

Como sempre, sou o último a sobrar no vestiário, e era aqui que eu estava no momento.

Checo meu celular, tendo certeza de que Cloud falou que realmente já estava vindo se encontrar comigo e pressiono mais uma vez a bolsa de gelo nas minhas costelas.

Engulo em seco a dor que sinto, respirando profundamente pra me acalmar enquanto eu espero a garota chegar.

Caralho, viu?

Essa é uma das melhores e piores sensações que eu já senti.

— *Psiiu...*

Olho pra cima, vendo Cloud finalmente aqui. Deixo a bolsa de gelo de lado sem pensar duas vezes.

— Vem — eu chamo a garota, recostando em meu armário e respirando fundo ao fitar o seu corpo se mover graciosamente na

minha direção. E ela nem se esforça. — Você demorou — digo, segurando sua mão e puxando-a automaticamente pro meu colo.

— Tava me despedindo dos meus pais e tentando falar com a Hazel.

Posiciono minhas mãos de cada lado da sua cintura, afagando tranquilamente.

— Você conseguiu falar com ela?

Aposto que não.

Quer ver?

— Não. — Suspira. — Ela tá com o Charlie, então eu vou tentar não me preocupar.

— É o melhor que você faz — afirmo. — Tenho certeza de que a Hazel não tá preocupada com quem você está agora.

— Ela não tem motivos para se preocupar.

— Não?

Encaro seus lábios.

— A Hazel sabe que eu tô com você.

— *Realmente...* — murmuro. — Eu não sou uma ameaça pra você.

A morena sorri.

Ela inclina o corpo pra frente e, de alguma forma, esbarra nas minhas costelas doloridas.

Meu gemido sai involuntariamente.

Caralho.

Seu rosto bonito se divide em uma careta de susto e dor.

— Me desculpa — pede. — Você tá bem, Ash?

— Sim — mordo minha língua —, são apenas as malditas costelas — reclamo.

Cloud me escaneia, tentando achar o problema que eu relatei.

— Você não acha melhor...

— Não — rebato sem nem mesmo esperar que ela termine de falar. — Não acho melhor estar em nenhum outro lugar que não seja você, então não queira me mandar pro hospital ou pros médicos do Bruins. Amanhã cedo eu vou visitá-los, e os exames que fiz pra ter certeza de que não quebrei nenhum osso não apontaram nada. Relaxa, ok?

Cloud respira novamente.

Sim, eu estou um pouco fodido de dor, mas não é nada que dois dias de descanso não me deixem novinho em folha.

Apesar dos machucado, admito que lá no fundo eu estava sentindo falta de um jogo tão emocionante como o que aconteceu hoje. É bom sentir as coisas no limite. É bom estar no limite. Mas, ainda assim, estar no controle é bem melhor.

— A gente tá sozinho? — pergunta depois de eu tê-la tranquilizado.

— Sim — concordo. — Os caras já foram embora, o pessoal da comissão técnica não virá mais pra cá e a galera da limpeza só passa nos vestiários depois das nove e meia.

— Certeza?

Reviro os olhos.

— Não posso te dar certeza de nada, só tô falando o que eu sei.

— *Mas...*

— O que você quer fazer que está te dando medo, Calloway?
Deslizo minhas mãos da sua cintura pelas suas costas.

— *Eu tava pensando...* — murmura, não terminando o raciocínio.

Pelo contrário... Cloud Calloway desliza pela segunda vez nessa noite a ponta fria dos seus dedos por cima da minha pele.

Ela escorrega o toque pelo meu abdômen, me deixando na porra do limite e fora de controle.

O jeito quase inocente que a morena me toca, me envia pro inferno, porque eu sei que apenas isso já é capaz de me fazer implorar para que ela vá além. Mas eu não posso. Ainda não. E nem sei se algum dia chegaremos a esse ponto.

Eu só quero.

Pra caralho.

E eu vou fazer com que ela queira também até implorar para que eu faça alguma coisa.

— Tava pensando em quê?

— Em você.

Cloud lambe os lábios.

Isso só pode ser sacanagem.

— Vai me torturar por mais quanto tempo? — murmuro, enchendo meus pulmões de ar. — Não vou conseguir sustentar meu autocontrole precário diante de você por mais cinco segundos... não se estiver lambendo os lábios e me tocando desse jeito.

— *Um...* — ela começa a contar.

Inferno de garota.

— *Dois, três...* — continua, cínica de um jeito que nunca vi antes.

Foda-se, Calloway.

— Já pensou nisso antes? — indago, correndo a língua entre os meus próprios lábios.

— Nisso o quê?

— Em dar uns amassos dentro de um vestiário?

Seu cinismo vai embora.

Cloud meio que trava.

— Nunca me interessei por nenhum jogador, de nenhum tipo. É meio que uma regra...

— Isso é um não? — Arqueio uma das sobrancelhas.

Um sorriso pequeno se forma não só na sua boca, mas em todo seu rosto.

Cloud Calloway está se divertindo mais do que deveria.

— Não.

É um “não” ou não é um “não”?

— Como?

— Acho que vou te beijar — sussurra pra mim. — Por motivos de... aprendizado.

Nós dois balançamos nossas cabeças positivamente.

Se é disso que ela quer chamar o que vamos fazer, eu não vou reclamar.

Não me importo com mais nada.

Cloud encaixa suavemente os lábios sobre os meus. Suas mãos sobem pelo meu torso até ela colar o corpo no meu e enrolar os dedos cegamente em meu cabelo.

— *Você não sabe o quanto eu ansiei por esse momento...* — resmungo, mordendo seu lábio inferior e chupando.

Cloud se remexe sobre mim, chiando baixinho.

— *Ash* — murmura no instante em que solto seu lábio. — *Você não vai me beijar logo?*

Sorrio.

Ela está ficando desesperada.

Minhas mãos despencam das suas costas até a sua bunda e eu agarro Cloud ali, no lugar que eu gosto.

— Eu vou, meu anjo.

Aperto sua carne por cima do jeans, irritado com a peça, e mergulho a língua em sua boca entreaberta.

Cloud simplesmente me deixa fazer o que quiser, derretendo contra mim com suspiros, chiados e gemidos enquanto torce meu cabelo molhado entre os dedos.

É foda pra caralho ter Cloud correspondendo ao que estamos fazendo.

Sua língua dança com a minha.

É suave, mas faminta.

É doce, mas firme.

É sutil, mas inebriadora.

Fico louco pra caralho com o jeito que seu corpo naturalmente se molda para encaixar no meu.

Ela me beija com tanta vontade, que não parece ser a mesma garota que anda pra cima e pra baixo falando que somos apenas melhores amigos.

Cloud sabe onde me tocar, mesmo que só agora estejamos ultrapassando essas barreiras.

Enquanto sua língua passeia dentro da minha boca e os seus lábios chupam os meus de volta, eu solto seu traseiro pra subir as mãos por dentro da sua camisa.

O primeiro toque em sua pele lhe tira um gemido sofrido. Isso mexe com minha cabeça, e eu não tô falando da cabeça de cima.

Mesmo sem sua permissão direta, alcanço seus seios por cima do sutiã, sorrindo pro jeito que ela sacode sobre mim e separa nossas bocas.

— Você quer parar? — indago, descendo meus beijos pro seu queixo enquanto aperto seus seios de leve. Cloud não responde de primeira. Ela só arfa, empurrando o corpo ainda mais em minha direção. — Anjo, responde. Por favor.

— *Não... não consigo pensar... com você...*

Ela se perde completamente nas palavras.

Isso me diverte.

O jeito que ela se entrega e se dissolve em mim. *Porra.*

— Comigo o quê?

Puxo a taça do sutiã do lado direto pra baixo, achando o bico já durinho me esperando. Minha boca saliva pra chupar seu peito. E não só ele. Mas eu me contento em apenas beliscar. Com força.

— *Com... ah, Ash.*

— Não geme — atiro, afastando minha boca da sua pele e subindo a minha outra mão pra segurar seu rosto. Cloud abre os olhos, confusa, enquanto eu a mantenho controlada. Pelo menos minimamente. — Não geme o meu nome.

— *Não?*

Sua voz está por um fio.

Aperto novamente o mamilo endurecido, enchendo toda minha mão logo em seguida.

É perfeito.

Eles cabem mais do que perfeitamente na minha mão.

Porra.

Não é só sua voz que está por um fio, acho que sua sanidade mental também está, assim como a minha.

— Não — comando, respirando fundo.

Ela não pode gemer meu nome e esperar que meu pau não fique duro.

Eu fico excitado com tão menos.

Seu gemido provavelmente me faria gozar ainda nas calças.

A gente precisa esperar.

Eu preciso esperar.

Quando faço menção de parar de tocá-la, Cloud segura minha mão. Ali. No seu peito. Ela fecha os olhos, enquanto o rubor sobe pelo seu rosto inteiro, instalando-se em suas bochechas que queimam em vermelho.

Porra.

Não faz isso comigo, Calloway.

Eu falei sobre esper...

— *Não para* — sussurra. — *Isso é bom.* — Ela umedece os lábios, como se precisasse. Aperto ali onde ela não quer me deixar ir e... caralho. Caralho. Caralho, caralho, caralho. — *Ash...*

Caralho.

Eu já disse caralho?

Que caralho. Porra. Merda.

Vai se foder.

Ela vai continuar gemendo a porra do meu nome assim?

Eu disse para Cloud não fazer isso, eu...

— *Ash...*

Outra vez.

Puta que pariu.

Eu não vou sobreviver.

— Meu anjo, você precisa parar de gemer — eu praticamente imploro.

— Você... — Ela para de falar, abrindo os olhos vagorosamente e respirando fundo. — Você não quer... beijar... aqui... também?

Eu não vou falar mais nada.

Ela quer isso.

Eu também quero.

Eu quero pra caralho.

Eu simplesmente vou fazer o que ela quer, que continua sendo o que eu quero mais que tudo.

Troco de lugar com a morena, deixando-a sentada no lugar onde eu estava e me colocando no meio das suas pernas.

Junto nossas bocas, agarrando a barra da sua camisa e subindo com paciência. Nossas línguas balançam uma contra a outra. Ela tem o gosto doce de sempre, mas, agora, parece tão mais doce... eu quase não separo minha boca da sua, eu quase não consigo resistir, mas então lembro que ela me pediu pra beijar a porra dos seus peitos.

Isso sim é irresistível.

Com aqueles olhos. Com aquela boca vermelha e inchada. Com as bochechas entorpecidas de vergonha, totalmente ruborizadas.

Ela é um anjo.

E eu nunca fui santo.

— Quer mesmo que eu beije seus peitos?

Cloud toca minha boca com os dedos.

— Não faça essa pergunta mais vezes, Ash — choraminga. —
A gente não quer se arrepender de nada, certo?

Não.

Eu não quero.

Eu espero que ela também não se arrependa.

De joelhos na sua frente, enrolo o tecido, pegando uma das
mãos de Cloud e colocando ali.

— Segura — comando, encarando seus olhos enquanto ela
apenas acena pra mim. — *Boa garota* — provoco por provocar.

Como já esperava, ela não reage negativamente.

Puxo pra baixo a taça da peça que ainda está escondendo os
seus peitos de mim e meu coração acelera com a sua imagem
perfeita. Todo meu sangue bombeia para um só lugar: o meu
maldito pau.

Nunca esquecerei esse momento.

É como uma primeira vez.

Na verdade, é bem melhor que isso.

As minhas primeiras vezes com a Cloud sempre tiveram um
significado mais importante, então não tinha como ser diferente
dessa vez.

Essa é a primeira vez que eu a vejo assim, e é como uma
pintura.

— *Você é perfeita* — murmuro, tocando-a com cuidado.

Eu não consigo evitar.

— Ash — sentencio.

Não é como os seus gemidos.

Ela está...

— Me beija logo — comanda.

Eu obedeço a sua ordem.

Toco seus mamilos endurecidos e avermelhados brevemente, abocanhando o esquerdo em poucos segundos. Pela. Primeira. Vez.

Sua respiração engata e o seu corpo inteiro endurece em reação.

Cloud fica imóvel até eu rolar a minha língua por cima da auréola, sugando e chupando com avidez o pequeno botão, enquanto eu adoro e absorvo a sensação da sua textura por debaixo da minha língua.

Isso não chega perto de tudo que eu já sonhei e imaginei até hoje.

É tão mais perfeito, é tão mais gostoso.

Cloud foi feita para mim.

Não existem mais dúvidas a respeito disso.

É um fato.

E ele acabou de ser consumado.

Mordisco a sua pele sensível, arrancando o seu primeiro gemido depois de longos segundos. Ela arqueia as costas, empurrando-se na minha direção num sinal de... mais.

Cloud quer mais.

Eu estou disposto a lhe dar mais...

E eu...

— Ashton, a Cloud tá com você, cara?

A voz de Benjamin nos interrompe.

De onde diabos ele saiu?

Vai tomar no cu.

A garota me empurra pra longe com toda sua força. Pela posição e falta de equilíbrio, eu caio no chão, rangendo os dentes pela pontada de dor que me atinge em consequência direta.

— *Caralho* — cuspo.

— *Ash...* — ela sussurra, ficando de pé enquanto ajeita sua roupa.

Benjamin entra no vestiário enquanto eu tento me esconder de alguma forma.

Bom, não é bem me “esconder”. É esconder a minha ereção. Tanto dele, quanto de Cloud.

— Estamos aqui — digo à contragosto.

— O Charles e a Hazel estavam no estacionamento e ela pediu que eu viesse até você pra decidir o que faremos agora.

Isso só pode ser...

— *Eu vou... a gente vai...*

— Nós vamos pro meu dormitório — digo, ainda sem jeito no chão. — Era só isso? — pergunto.

Ele me encara.

Seus olhos me avaliam calmamente.

— O que você tá fazendo no chão, cara? Quer ajuda?

— Não! — exclamo. — Relaxa, eu tô bem. Só tô me esticando.

— Eu vou com o Benji — Cloud diz, me deixando incrédulo ali. Meu amigo começa a se afastar, sumindo do meu campo de visão enquanto a morena faz o mesmo, aos poucos. — Eu sinto muito — ela sibila pra mim, os olhos assustados e em alerta.

Não consigo sequer ficar chateado com ela.

— Vai me deixar assim? — retruco, baixo.

— *Eu sinto muito, Ash* — ela repete.

Ashton Arkins.

Vinte e um anos.

Judas na última vida.

Jogador de futebol americano nessa.

E trouxe pra caralho.

Sou deixado para trás com o gosto dela ainda na minha boca,
sentindo a minha garganta fechar em um nó apertado.

27

VINGANÇA

“Você não terá esse gostinho.

Seria legal da minha parte pegar leve com você, mas não...”

SORRY NOT SORRY — Demi Lovato

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DO BRUINS
09:20 AM
10.09.2022

Calma.

Era isso o que mais me faltava.

Sabia bem que não devia pensar demais, mas esse sempre foi o meu grande problema — *o maior deles.*

Nos últimos minutos, evitei com toda a minha quase inexistente força de vontade olhar na direção de Ashton. A situação pela qual estamos passando é embaraçosa pra caralho, e eu me conheço bem o suficiente pra saber que ficaria desconcertada se o encarasse mesmo que por um mísero segundo.

Não dava pra isso ser novidade pra ninguém: eu estou morrendo de vergonha.

Depois de tudo que aconteceu no vestiário, depois de que poderia ter acontecido dentro das paredes do Rose Bowl, é claro que eu ficaria definhando em minha própria cabeça com uma vergonha sem precedentes. Mas, apesar de tudo isso, preciso admitir a parte mais louca de toda a minha vergonha: ela é idiota e estranha, mas também é tecnicamente boa.

Apenas tecnicamente, ok?

Ainda estou tentando assimilar o efeito colateral pelo qual estou passando, cheio de sensações estranhas e bizarras que vão se somando uma sobre a outra a cada encontro novo que tenho a sós com Ashton.

Sinto que as coisas estão lentamente — *só que nem tanto* — evoluindo. Não, não... elas estão evoluindo pra caralho. Isso é apenas fato. E, obviamente, também é um fato que vem com uma cota extra de perigo nas entrelinhas para nós dois.

Tudo tem sido mais perigoso e intenso desde aquele bendito acordo.

Os olhares são mais decididos.

Os toques são mais firmes.

Os beijos são mais íntimos.

Como disse antes: é estranhamente bom.

Estou chegando num ponto em que eu não sei decidir se isso está sendo apenas sobre o acordo ou não.

Quero dizer, da minha parte... é... e não é.

Sim, eu estou mesmo levando a sério as coisas que Ashton tem pra me ensinar, mas a minha cabeça está ficando fodida com tamanha desordem.

Definitivamente não devo ir por esse caminho, mas não é como se eu pudesse ou conseguisse mudar a rota dos meus pensamentos, uma vez que, acredite se quiser, se eu tivesse como evitar em pensar tanto nas coisas, já teria feito isso há muito tempo.

No fundo, bem lá no fundo, sinto que Ashton e eu temos assuntos mal resolvidos por causa do beijo que lhe dei naquele dia, naquela maldita festa.

Só sinto isso.

Sei que estamos bem.

Eu o desculpei e nós viramos a página, mas, de verdade, nos resolvemos por completo?

O acordo é realmente me ajudar ou é só um tapa-buraco, uma desculpa esfarrapada?

Antes que eu possa prosseguir com todos meus questionamentos e paranóias, escuto Ashton finalmente fechar a porta do seu dormitório e solto um suspiro baixo com o alívio que apenas esse som poderia causar em mim.

Pisco devagar, me puxando pra fora daquela avalanche de ideias desconexas, mas sigo o evitando um pouquinho.

O que fazer agora que estamos a sós outra vez?

Primeiro: respirar.

Respirar é o primeiro passo, ou eu vou acabar morrendo em antecipação.

— Você tá estranha — Ashton aponta, quebrando o silêncio tosco que foi estabelecido entre nós.

Ótimo.

Ainda bem que fez isso.

Se dependesse de mim, nós continuaríamos em silêncio até que eu conseguisse achar as palavras certas para quebrá-lo — *e eu tenho quase certeza de que nunca as acharia.*

Viro em sua direção, processando sua colocação a tempo de vê-lo tirar o casaco que está usando e ficar apenas de moletom e camiseta preta colada.

Essa última palavra é um detalhe importante.

A peça está mesmo bem colada nele.

Ok.

Qual a necessidade?

Eu sei o que tem por baixo daquele maldito tecido escuro, então, qual a necessidade de vestir algo tão justo?

Consigo ver seus músculos ondulando por debaixo da camiseta, cada curva e...

— Cloud. — Pisco. De novo. — Vai ficar só me encarando?

E tem algum mal nisso?

— Oi — sorrio, sem graça —, eu só tava... pensando.

— Pensando no motivo pelo qual ficou estranha comigo depois do vestiário?

Minha respiração fica suspensa enquanto nos encaramos tão sérios que eu quase começo a cogitar a ideia de que estamos começando uma discussão.

— N-Não — gaguejo.

— Se tá estranha pelo que rolou, pode ir tirando essa ideia da sua cabeça.

— Não é isso...

— Me convença do contrário — pede.

Ashton cruza os braços, parecendo duas vezes maior do que já é. Aqueles músculos de merda lindos pra cacete se definem por consequência — *como se isso fosse possível*.

Por que ele não tem defeitos?

Seria mais fácil se tivesse pelo menos um defeitinho.

Suspiro.

— Tô falando sério, Ash, e eu não preciso te convencer de nada. Não vem com esse papo. É a verdade, acredite ou não.

Desvio nossos olhares, ocupando-me em prestar atenção no espaço ao nosso redor para simplesmente não parecer hipnotizada por ele.

Seu dormitório, obviamente, está exatamente como o deixei hoje cedo. Esse é um lugar tão reconfortante pra mim, e isso se deve a uma única coisa: *é tudo sobre Ashton*.

São as suas coisas e o seu cheiro.

Nada poderia ser mais perfeito.

— Tudo bem — fala, enquanto eu o imagino rolando os olhos.

— Quer fazer alguma coisa enquanto o pessoal não chega?

Alguma... coisa...?

— Tipo o quê?

Minha cabeça me leva pelo caminho errado.

Não posso dizer que talvez eu quisesse continuar o que foi interrompido no vestiário porque eu nunca me senti tão bem em

toda minha vida como naquele momento, mas — *e sempre tem um mas!* — acho que aquilo talvez tenha passado um pouquinho dos limites.

Falei e senti coisas proibidas. *Eu acho*. A verdade é que meu senso foi por água abaixo quando as provocações começaram.

É sempre assim.

Ainda não sei onde minha cabeça estava naquele momento.

Mas que foi bom, foi.

Nunca fui tocada por ninguém do jeito que Ashton me tocou.

Só de lembrar, eu...

— Tipo continuar o que nós começamos no vestiário?

Porra.

Como ele consegue ter tanta atitude?

Isso é tudo pra quê?

Pro nosso “acordo” dar certo?

Ou...?

Olho na sua direção tentando decifrar a sua expressão. Aparentemente não é brincadeira da sua parte, mas...

— Sério?

Ashton dá um longo passo até mim, fechando quase toda distância entre nós dois.

— Se você quiser — seus ombros balançam de leve —, eu realmente não me oponho a ideia.

A ideia.

Ele não se opõe.

Isso é uma tentação tão grande.

— E se o pessoal chegar?

Mordisco meu lábio superior, sendo acertada por um nervosismo súbito.

— Não vai ser a primeira vez que isso vai nos ocorrer — reflete num tom um tanto irônico —, é só...

— Ok — eu o corto. — Aquilo era afeto de primeira base? — pergunto, curiosa.

O jogador descruza os braços e eu aproveito para finalmente tocá-lo.

Novamente.

Droga, isso é viciante.

— A gente pulou algumas fases — confessa. Claro, foi o que eu imaginei. — Podemos seguir como você desejar, é só falar o que quer e como quer.

Não.

Por que ele não faz logo?

Simplesmente não consigo falar esse tipo de coisa. Nunca falei nada assim para ninguém.

Ashton ainda não percebeu?

Conheço meu corpo e sei me dar prazer, mas eu ainda sou uma virgem. Certas coisas infelizmente me deixam um pouco... bom, como eu posso dizer isso... *desconcertada*.

É por esse motivo que nunca chegamos a entrar nesse tipo de assunto. E, bom, Ashton nunca perguntou também.

Mas ele sabe, não sabe?

Ou pelo menos desconfia?

Ele precisa desconfiar de algo e tirar sua dúvida, porque eu não consigo conceber a ideia de que meu próprio melhor amigo não percebeu que eu ainda sou virgem.

— Você sabe que eu não vou falar nada — resmungo, tirando uma risada sincera sua. — Tá tentando me torturar ou algo do tipo? Isso faz parte das suas lições idiotas?

— Ei! — Suas mãos me puxam pra mais perto pela cintura. Nossos corpos se esbarram e grudam. — Você precisa ter mais respeito com o seu professor-namorado.

Reviro os olhos.

Ele com certeza quer me deixar com vergonha.

É isso que Ashton faz e sempre fez.

Aposto que o idiota é viciado nessa merda.

— Tô te respeitando — rebato —, mas você tem que me respeitar também, não acha?

Desgrudo nossos corpos a contragosto, dando um passo pra trás enquanto Ashton me acompanha como em uma dança.

O jogador não me solta, mas deixa que me mova conforme minha vontade.

— Já te desrespeitei alguma vez?

Ele arqueia uma das sobrancelhas.

Meu rosto fica um pouco quente.

— *Não* — resmungo. — Mas... mas você sabe que eu tenho vergonha.

— Isso é fofo em você — Ashton inclina o corpo sobre o meu até nossas testas se tocarem —, nem parece a mesma garota que tem uma coleção de paus de borrac...

— *Ash!* — exclamo, empurrando-o de uma só vez e agora me afastando consideravelmente de todo contato antes estabelecido entre nós dois. *Idiota*. — Você é mesmo um bisbilhoteiro, seu otário.

Sua gargalhada toma conta do quarto. Por mais gostoso que o som seja, eu não me rendo.

Preciso ser forte, preciso...

— Você sabe que eu só tô brincando contigo, anjo. Não poderia perder a chance de fazer uma menção honrosa aos seus *consolos*.

Consolos.

Imbecil. Idiota. Irritante.

— Consolo vai ser o que você vai precisar depois que eu acabar com o resto que sobrou de ti após o jogo de hoje.

Chuto meu tênis para fora dos pés, sentando-me na cama pra tirar as meias também.

— Você vai me consolar, meu anjo? — Ashton indaga, cínico pra cacete, sentando-se ao meu lado.

Eu sequer o encaro.

— Não.

— Ah... que maldade — reclama, irônico. — Sua linguagem do amor nunca vai mudar, né?

Bufo.

— O que você tá tentando insinuar com essa pergunta?

— Que você só me maltrata, enquanto eu só te dou carinho.

— Mentiroso! — Lhe acerto com uma das minhas meias, deixando a outra de lado. — Você é tão mentiroso, Arkins. Tão, tão...

Não consigo terminar o raciocínio porque ele me puxa para cima do seu colo num movimento tão habilidoso que eu não consigo pensar em nada além de “com quem ele aprendeu a fazer isso?”.

Não que eu não saiba a resposta, mas eu preciso dela, apesar de estar certa de que vou me irritar com o que vou ouvir.

— Já não disse pra não me chamar pelo sobrenome?

Engulo em seco.

— Você me puxou tão fácil — retruco. — Já fez isso muitas vezes, Arkins?

Ele sorri de lado.

— Não.

Pisca.

Ashton está mentindo.

— Se você mentir de novo...

— Algumas vezes — se corrige.

Ótimo.

— Por que eu não posso te chamar pelo sobrenome?

— Mentira ou verdade?

— Já não disse pra parar de mentir?

Ashton desvia o olhar do meu numa atitude surpreendente enquanto confessa:

— Fico com um tesão do caralho.

Ah.

Porra.

Então é isso...

Mas...

— Isso é sobre mim ou você também fica com um tesão do caralho quando as outras garotas te chamam assim?

Um sorriso irônico estica seus lábios vermelhos.

— Você é a única garota com quem sou envolvido cem por cento desde que conheci. — Ele volta a me encarar. — Isso

responde a sua pergunta, Calloway?

Talvez sim.

Talvez não.

Então ele fica com tesão quando eu o chamo assim desde sempre?

Tipo... especificamente *eu*?

É sério?

— Arkins...

Testo a palavra.

— Você é mesmo uma peste...

Sorrio.

— Ashton Arkins.

— Cloud Calloway, é só o sobrenome.

— Você é tão sensível assim? — Faço um bico, provocando-lhe ainda mais. Essa é a minha arma, então eu vou usá-la. — Quero dizer, ficar com tesão só por causa do sobrenome. Isso é meio...

— Idiota, né? Eu sei.

Na verdade, é fofo.

Mas eu não deveria achar fofo como o deixo de pau duro só por falar o seu sobrenome.

— *Arkins*.

— Porra, anjo. O que é?

— Você é fofo.

Ele pisca, devagar, então ri.

— Você é estranha.

Está vendo?

Eu disse que não deveria achar fofo.

— *Arkins*.

— Você realmente vai ficar repetindo isso?

— Eu só quero testar. — Reviro os olhos. — Não posso?

Passo os braços por cima dos seus ombros, selando nossos lábios num estalo.

— Pode — concorda —, mas ninguém que brinca com fogo sai sem uma queimadura.

— *Uau...* você é bom em ameaças, Arkins. — Mordo seu lábio inferior, lambendo-o com a ponta da língua. — Cuidaria da minha queimadura? Responde rápido com sim ou não.

Ele morde meu lábio de volta, apertando meu quadril com força.

— Cuidaria de qualquer coisa que você precisasse.

Atencioso.

Fofo.

E ainda me pega com força.

Talvez até o fim da noite eu...

— Arkins, e se a gente pedisse pros nossos amigos não v...

Um *click* vindo da porta me pega desprevenida.

O pânico me atinge em um milissegundo.

Esse é o mesmo tempo que levo pra trocar de lugar com o Ashton e literalmente empurrá-lo da cama, mas por puro reflexo, e, como eu disse, em pânico.

Eu só... faço.

E, no outro instante, as vozes de Hazel, Charles e Benjamin preenchem o ambiente.

Putaquepariu.

Por que a gente combinou de fazer uma noite de cinema logo hoje?

Encaro Ashton, que está meio torto, caído no chão, e fico travada.

Ele deve estar me odiando agora. Eu mesma estou me odiando. Mas, acima de tudo, estou odiando nossos amigos.

Por que eles só chegam na hora errada?

Por isso que não é bom manter as coisas em segredo, embora não tenha nenhuma forma de contar o que está acontecendo entre Ashton e eu para esses três.

— Oi, pess... ué... — Encaro minha melhor amiga, que está encarando Ashton no chão, bufando de raiva e frustração. E talvez dor. — Por que ele tá no chão?

— Caiu — digo, rápido e suspeita.

— De novo? — Benji franze o cenho.

— Minhas pernas estão fracas — viro para encará-lo, já achando seus olhos chateados me examinando —, não é, anjo?

Merda.

Seguro o riso.

Eu não quero ser maldosa.

Apesar de estar frustrada pra caralho, eu não consigo não achar graça disso. Sei que Ashton sente o mesmo lá no fundo. Essa é a merda de sermos melhores amigos, a gente se conhece bem demais.

— Sim — balanço minha cabeça positivamente —, as pernas do meu... digo, do Ash estão fraquejando. — Pigarreio. — Mas ele vai ficar bem. Enquanto isso, que tal vocês pedirem o jantar e escolherem o que a gente vai assistir?

— Não queria dizer nada pra ninguém se estressar, mas vocês estão estranhos pra caralho — Charlie aponta a temida informação.

Ashton fica de pé ao meu lado.

— Quando é que a Cloud não tá estranha? — o moreno pergunta, entrando na onda do seu amigo. — Esse é o jeitinho peculiar dela...

Eu te perdoo por estarmos em um caso de vida ou morte, Ashton.

Só por causa disso.

— É sério — Charlie insiste.

Ashton não lhe dá ouvidos, nem eu.

Me ocupo pegando algo pra vestir depois de decidir que preciso muito tomar um necessário banho, e os deixo pra trás com minha pele ainda meio que em chamas.

Eles tiveram mesmo que chegar em cima da hora.

Em. Cima. Da. Maldita. Hora.

A partir de hoje, evitarei dar ideias de encontros com nossos amigos.

Eles podem esperar um pouco enquanto eu tenho as minhas lições.

É só nisso que eu penso no momento.

Parece feitiço.

Ou talvez seja loucura.



As coisas estão mais calmas e sob controle.

Depois de mais uma inconveniente interrupção, realmente fui tomar o meu banho, que acabou sendo um pouco mais longo e demorado do que deveria, mas eu tenho um bom motivo para isso: precisei de muita água gelada pra me acalmar e colocar meus hormônios no lugar de onde nunca deveriam ter saído.

Funcionou?

Parcialmente.

Honestamente, sequer tive tempo pra pensar muito nessa merda quando saí do banheiro, já que a zona no quarto estava bem mais do que formada.

Ashton, Charles e Hazel pareciam... frenéticos.

Benji, como sempre, seguiu sentado num dos cantos do quarto, rindo dos três, e eu acabei tomando o lugar ao seu lado, porque não tinha chance nenhuma de eu participar de uma baderna com aqueles três.

Eventualmente, eles se acalmaram e nós jantamos.

Pra não dizer que comemos apenas porcaria, Hazel pediu salada novamente, mas ela teve que dividir com Charles, que, de alguma forma, foi bem solícito quando viu minha melhor amiga querendo comer só aquilo.

Segurei o riso com força — *e com respeito também* —, quando, numa tacada só, Charles comeu dois terços de todas aquelas folhas.

Minha melhor amiga não falou nada.

Essa foi a história de como Hazel teve que comer três pedaços de pizza.

Por outro lado, fiquei bem mais do que satisfeita com o meu hambúrguer e milkshake de sempre...

Ashton comeu o mesmo com Benji e Charles, que, na verdade, comeu três coisas diferentes e ainda acabou reclamando que queria mais.

Acho que a maconha do Charlie está dando mais fome nele do que deveria, mas isso é apenas um detalhe.

Saio do banheiro depois de lavar as mãos e escovar os dentes, pronta pra me jogar na cama de Ashton e hibernar.

Esse é o plano.

Simples e seguro.

— Por que vocês só gostam de assistir esses filmes velhos? — É o moreno que pergunta, sentado na beirada da cama, enquanto encara Hazel. Minha amiga está com o controle da TV na mão, parecendo muito tranquila pra quem está sendo julgada. — Sabia que eles continuam fazendo filmes nos dias de hoje? A gente não parou no início do século vinte e um, só para te lembrar...

— Esse “vocês” que você tá falando, me inclui? — pergunto, chamando a atenção do jogador.

Charles ri com Benji, enquanto Hazel segue ocupada e despreocupada.

Ashton vira para me encarar.

— Meu anjo...

— Depois você quer que o filme seja *nosso* — acuso, subindo na cama e me arrastando até o meio dela. — Fala do *meu* filme nas minhas costas e depois ainda quer ter algum direito.

— Ela tem um ponto, QB — Charlie concorda.

Rindo, Ashton levanta e vai até o interruptor pra desligar a luz. Ele volta até mim, subindo na cama e me abraçando com força.

— Pronto, vai começar! — Hazel anuncia, animada.

Não presto atenção.

Não consigo, obviamente, já que metade do corpo de Ashton está sobre o meu e seu rosto está colado no meu pescoço.

Como que dá pra prestar atenção em algo enquanto isso está acontecendo?

É um atentado contra a minha vida.

— Já disse que você tá linda hoje?

Essa é a primeira coisa que sai da sua boca depois que o filme que Hazel colocou finalmente começa.

Vamos assistir *Titanic*.

Não que esse seja um filme ruim. Não é. É um clássico e eu gosto muito de clássicos. Mas, me desculpe, *Titanic*, só a título de informação, você não chega aos pés de *Diário de uma Paixão*.

— Tá tentando mudar de assunto outra vez?

— Meu anjo, você sabe que eu implico com o filme, mas eu não trocaria ele ou a sua companhia por absolutamente nada nesse mundo.

Articulado.

Você é muito articulado, Ashton.

— Você sabe que eu fico pilhada com facilidade...

Ashton afasta o rosto do seu esconderijo, sorrindo de lado enquanto me encara nos olhos. Isso dura tipo... dois segundos. Seu olhar desce até os meus lábios e a atmosfera muda completamente entre nós dois.

Mas a gente não pode fazer nada.

Nossos amigos estão no colchão a alguns metros de nós.

Isso é um **não** bem grande para qualquer ideia que poderia passar por minha cabeça nesse exato momento, e a verdade é que

todas elas envolvem a minha boca colada na boca do meu melhor amigo.

— Você fica pilhada, mas então fica de boa. Não é sempre assim?

É.

É sempre assim.

É a nossa dinâmica.

Ela funciona bem.

Por que Ashton não para de olhar pra minha boca?

— É — concordo. — Agora sai de cima de mim ou eu vou acabar morrendo sem ar.

Essa é a desculpa que eu dou para estabelecermos uma distância segura pelo menos por agora.

Ash ri baixinho, mas obedece.

Ele afunda do meu lado, me puxando naturalmente para uma conchinha enquanto eu cubro nós dois com o edredom grosso.

Essa é a deixa que nós temos para começar a acompanhar a história de Jack e Rose.

Os minutos vão se arrastando lenta e dolorosamente.

Posso escutar os cochichos e risadas de Hazel e Charles a cada minuto. Eles parecem estar se divertindo mais do que qualquer um de nós. Isso chega até a ser engraçado.

Depois do que acho que são trinta ou quarenta minutos, Ashton começa a beijar o meu pescoço e passar o nariz suavemente sobre pele exposta.

— Fica quieto — sussurro pra Ashton, virando o rosto o suficiente para lhe dar um olhar de repreensão.

Sua mão esquerda desliza pelo meu corpo, enquanto nos encaramos sem empecilhos.

— Eu tô quieto, anjo — rebate no mesmo tom, só que mil por cento mais cínico... e irônico.

Não.

Você não está.

— Tira a mão daí — retruco, colocando a minha mão sobre a sua, mas os seus dedos arrumam jeito de se fixarem no lugar e não vacilarem. — Ashton Arkins, nossos amigos estão aqui...

— Eles não estão dando a mínima pra gente — murmura, beijando mais uma vez a lateral do meu pescoço. — Olha lá — pede e eu simplesmente faço. — Benjamin tá ocupado no celular, Hazel e Charles estão rindo um com o outro desde que esse negócio chato começou, e olha que o filme nem é de comédia. — Certo, ele tem um bom ponto. — Eles estão cagando pro que tá ou não acontecendo entre nós dois.

— Mas isso não quer dizer q-que... é seguro.

— Anjo... — reclama. — Vamos ao banheiro, então. O que você acha?

Esse cara só pode estar...

— Louco — acuso. — Você ficou louco, Arkins? A gente vai simplesmente se levantar e ir juntos ao banheiro? *Juntos?*

Ele ri, contido.

— Vira pra mim — pede.

— Não.

— Então deixa eu te tocar — suplica —, o edredom está a nosso favor.

— *Nossos amigos...*

— Foda-se eles.

Seus dedos longos alcançam a barra da minha camisa com muita facilidade.

A próxima coisa que sinto, são as digitais geladas e ásperas correndo pela base do meu ventre, suave e calmamente, como se... como se nossos amigos não estivessem a alguns metros de nós.

Eu não consigo desligar, mas, ainda assim, o arrepio que sobe por minha espinha me deixa ciente do quanto o meu corpo gosta do que Ashton está fazendo comigo.

“É só pelos ensinamentos”, tento não esquecer disso.

— Eu não sei o que você acha que tá fazendo, mas...

— Vira pra mim — Ashton me interrompe.

De novo?

Viro o rosto com dificuldade em sua direção e assim que nossos olhares se cruzam, ele sela os nossos lábios.

Tenho a sensação exata de sentir minha alma deixando meu corpo e isso se dá por diversos motivos.

— Puta merda, Ashton... — tento falar em meio a um sussurro colado em sua boca, mas ele não me deixa continuar.

Sua mão sobe.

Sua língua empurra pra dentro da minha boca.

Nós não fechamos os olhos.

Apesar de estranho pra caralho de um jeito assustador, também é estranho de um jeito meio que excitante.

O fato de estarmos fazendo algo que é tecnicamente proibido na minha cabeça, com a possibilidade iminente de sermos pegos é emocionante e... excitante. De verdade.

Sua língua desliza contra a minha de um jeito tão, tão bom, que por um mísero instante, esqueço de tudo ao nosso redor.

O jeito que Ashton comanda o beijo sem dificuldade, o jeito que ele me faz querer mais, o jeito que ele me deixa sem ar num piscar de olhos. É demais.

O meu coração resolve pulsar em cada pedaço meu. Intensamente.

— *Ash...*

Tento falar outra vez, tento interromper essa loucura. Mas...

— É melhor ficar quietinha, meu anjo — provoca, e como no vestiário, sua mão chega até o meu sutiã pela segunda vez na noite. Eu quase engasgo. — Você quer que eles prestem atenção no que estamos fazendo ou quer que tudo continue em segredo?

— Você só pode ter perdido o juízo.

Ele sorri contra os meus lábios.

— Você gostou?

Inspiro, tentando me manter calma.

Mas eu não estou nem um pouco calma por dentro.

Meu coração está acelerado, minha pele está em chamas, meu estômago está embrulhado, os meus pelos estão arrepiados, minhas pernas estão moles... e o encontro delas? Bom, com certeza não preciso mencionar sobre o quão molhada eu sinto e sei que estou.

É vergonhoso.

São reações tão extremas.

São reações que nunca consegui causar a mim mesma.

É como se estivesse caminhando para o ápice do meu prazer, e eu jurava que já tinha o encontrado e alcançado sozinha.

Sensações novas.

Por causa *dele*.

— Do quê? — questiono.

Ashton puxa a peça com facilidade, tomando o mamilo duro por causa da minha excitação entre o indicador e o dedão, e, então, apertando. Ele não parece se importar com a força que aplica ali. Eu também não me importaria se não estivesse a ponto de me fazer choramingar... ou gemer.

E eu não posso fazer isso.

Nossos amigos estão a alguns met...

— Do que a gente fez no vestiário...

Maldito.

Provocador maldito.

— Você é razoável.

Se Ashton se sente digno de estar nessa posição de provocador, então eu também posso me colocar ali.

— O que eu posso fazer pra melhorar?

Ele está acatando o meu desdém?

Era brincadeira.

Era só...

— Acho que você tem que nascer de novo.

Peguei pesado?

Quando Ashton afasta o rosto alguns centímetros do meu, separando nossos lábios, eu tenho certeza de que peguei muito pesado.

Abro a boca pra me desculpar pela brincadeira, mas ele é mais rápido em me virar completamente em sua direção.

— Parem de se remexer aí em cima! — Charles reclama, enquanto escuto as batidas do meu coração reverberarem em meus ouvidos. É alto. Intenso. E perigoso. — A gente quer assistir o filme.

Mentiroso.

Vocês estão rindo há quase uma hora.

Mas isso não me interessa.

— Foi mal — digo entredentes.

Ele apenas resmunga em resposta.

Foda-se o resto.

Estou ocupada demais prestando atenção em Ashton para me importar. Assisto a sua cabeça sumir por debaixo do edredom enquanto prendo a minha respiração.

Volto a sentir seus lábios molhados.

Mas agora eles estão colados na minha barriga.

Não, isso não é um treinamento.

Não, isso sequer parece como uma provocação normal.

Isso é guerra. Golpe baixo. Jogo sujo.

Isso é proibido.

É realmente cada vez mais proibido.

Eu tento puxá-lo dali, mas ele não cede.

A verdade é que, lá no fundo, eu não quero que Ashton pare. Essa é a coisa mais emocionante que já aconteceu em toda minha vida. E, conforme seus lábios sobem numa trilha incessante de beijos, mordidas e chupões, eu me contorço naquela posição comprometedora.

Minha camisa fica enrolada de novo numa linha acima dos meus seios.

Nosso olhar se cruza quando ele puxa o sutiã pra baixo sem pedir permissão.

Eu diria não se ele pedisse, mas, honestamente, não quero que ele peça porra nenhuma, já que na minha cabeça a resposta sempre vai ser *sim*.

— Vou me esforçar para você nunca mais pensar que eu deveria nascer de novo pra ser bom.

Porra.

Ele me levou a sério?

— Era brincadeira — sussurro, engolindo um soluço quando sua mão agarra o meu seio esquerdo e sua boca fecha ao redor do direito. — Meu Deus... merda, para com isso...

Não, não para.

Não para, por favor.

Ele sorri contra minha pele, me abocanhando com tanta força e sugando com tanta vontade, que eu quase volto a esquecer todo contexto no qual estamos inseridos e mudo de posição para montar de uma só vez em seu quadril.

É uma agonia sem fim.

O jeito que a sua língua passeia ao redor da auréola sensível e dolorida, o jeito que ele esfrega do outro lado, fazendo os meus olhos rolarem para cima, o jeito que ele... me beija, então, me morde e chupa com mais força do que antes.

Não conseguiria me cansar disso nem se Ashton fizesse a mesma coisa por mil vezes seguidas.

É como flutuar.

É como voar para bem alto.

Eu me sinto no céu a cada lambida que ele me dá.

Seus dentes raspam pelo mamilo por um ou dois segundos antes de Ashton morder, depositando um beijo demorado antes de seguir pelo restante daquele lugar e morder com mais força.

Ele vai me marcar, mas pelo menos ninguém vai ver isso.

— *Ashton, para* — sibilo, não encontrando forças pra falar absolutamente nada além disso sem acabar me desmanchando em gemidos.

— Não quero — retruca, juntando os dois lados e lambendo-os juntos. — Você é gostosa pra caralho — admite aquelas palavras e me sufoca com elas. — Acha que já estou à sua altura?

— Você sempre esteve.

Soluço.

— Quem tá soluçando? — Hazel pergunta. — Quer água?

Não, porra.

Eu quero... leite.

Brincadeira. Brincadeira.

É só brincadeira.

Merda.

— Foi a Cloud — Benji pontua.

— Foi mal gente, eu só vi algo no celular e...

Ashton sorri, mordendo e lambendo e chupando e....

— Você tá no celular? — Charles ralha. — Presta atenção no filme que a minha ginger escolheu, você sempre faz a gente assistir aquele negócio chato do Nicholas Sparks sem nos dar nem direito a piscar.

— Tá, gente, eu já tô vendo. Não tô mais... no... celular.

A minha visão é como o paraíso e inferno.

Ele quer me matar, não existe outra justificativa para isso.

É retaliação?

O que eu fiz de tão errado?

Silêncio.

Ashton ergue o rosto até o meu, esbarrando nossos narizes enquanto finalmente solta os meus seios. Aquela quentura vai se dissipando pelo resto do meu corpo, viajando por cada pedaço meu e se instalando entre as minhas pernas quando ele resolve agarrar a minha bunda com força para juntar nossos torsos.

A minha pele... tocando a sua... é...

Bendito seja Ashton Arkins por ter tirado sua camisa quando eu ainda estava no banheiro.

Isso aqui é a porra do outro mundo.

Aperto as minhas pálpebras, segurando a respiração porque me sinto a ponto de realmente extravasar.

É mais do que eu poderia aguentar de tantas e tantas formas...

— A gente tá passando por cima de todas as bases.

Engulo em seco a saliva que se forma em minha boca, procurando algo pra morder.

Acho o seu ombro.

Ashton passa a perna esquerda entre as minhas, encaixando-a propositalmente ali, e eu o mordo com mais força, sem medo de machucá-lo.

Eu só preciso me conter.

— Meu anjo, tá tudo bem?

Putá que pariu.

Cínico do caralho.

— Você sabe o que tá fazendo comigo, né?

Sua risada é cruel.

— Ainda preciso nascer de novo?

— Nunca precisou, filho de uma...

— Ei, cuidado com a sua sogra.

O-Oi?

Afasto o rosto para encará-lo.

— Sogra?

O olhar de Ashton fica estranho por um segundo, mas ele volta à mesma pose, antes que eu possa pensar mais.

Sua perna faz aquele atrito entre as minhas, enquanto ele aperta minha bunda com mais força. É tão bom. Sinto o meu clitóris inchado e sensível, clamando por um pouquinho mais disso e então eu...

— Sou seu namorado, não sou?

Namorado-professor.

Mas eu não vou estragar o clima.

É tão bom do jeito que está.

— Sim — sussurro.

— Então apenas aceite — rebate. — Você não gosta que seja assim, meu anjo?

Eu gosto.

Eu gosto pra caralho.

Mas...

— *Nossos amigos...*

Cada instante que dividimos é uma batalha diferente.

Pisco com dificuldade, principalmente quando o seu sorriso se estica a ponto de rasgar os cantos da boca. Ele parece tão perverso comigo. É diferente daquela pessoa que sempre está disposta a me proteger.

Não que ele não esteja me protegendo...

Não que essa seja a questão...

É só que esse é um lado do Ashton completamente desconhecido para mim, mas, mesmo assim, aprecio cada um dos seus detalhes.

— Você pode parar de bancar a puritana, meu anjo. Se não estivesse gostando do que eu tô fazendo... do que *a gente* tá fazendo, já teria me dado aquele olhar mortal de sempre.

— E-Eu não tô g...

— Sim, você está.

O outro braço de Ashton passa por debaixo de mim com facilidade, apertando o outro lado da minha bunda numa espécie de abraço. Aproveito a deixa pra enfiar o rosto na curva do seu pescoço, beijando sua pele por reflexo.

Sinto a cama afundar um pouco atrás de mim.

É de leve, já que estou praticamente fundida ao corpo de Ashton, mas isso...

Isso me deixa maluca.

Quem está ali?

— A Cloud vai dormir?

Porra, agora não.

É o Charlie.

De novo.

— Sim, ela tá cansada — Ashton responde por mim. — Cale a boca e deixe a minha garota quietinha.

Quietinha?

Quietinha?!

Diz isso pro meu quadril, que lentamente se move em busca do atrito que eu preciso para não continuar naquela bolha de tesão que precisa ser estourada.

Não fico envergonhada pelo que estou fazendo.

Como Ashton pediu: não vou bancar a puritana.

Meu corpo está sobrecarregado há dias.

A última vez que eu me toquei, foi durante um sonho.

Aquele maldito sonho.

Agora eu estava fazendo isso com o protagonista do meu sonho.

A realidade conseguia ser ainda mais satisfatória.

— É mole um negócio desse, galera? — o idiota reclama.

— Deixe a garota — Ash o repreende novamente.

— Tá, tá...

A cama volta a ficar estável.

— Foi por pouco — murmura em meu ouvido com um sopro de voz —, mas... parece que você gostou de quase ser pega, não é, meu anjo?

Sim.

Não.

Sim, porque é, de fato, emocionante.

Mas... não... porque... são nossos amigos.

E eu não gostei disso.

Eu já me sinto louca pra caralho fazendo essas coisas com o Ashton, sentindo essas coisas por causa do Ashton, eu não preciso de uma dose extra de culpa dentro do meu cérebro.

— Não — rebato com a resposta mais segura.

— Você pode até tentar mentir com a boca, mas eu consigo sentir sua *vontade* escorrendo entre as pernas enquanto se esfrega em mim. — Sua mão agarra um punhado do meu cabelo, me puxando pra trás para encará-lo. — Vai continuar mesmo mentindo? Pensei que fosse uma das suas regras.

Pra frente e pra trás.

Lenta e suavemente.

Mordo o meu lábio inferior com força, sendo totalmente julgada por Ashton de um jeito vergonhoso.

Ele quer que eu fale.

Mas eu não quero falar.

Eu quero... gozar.

Por que é tão difícil me dar isso?

— Para de falar comigo desse jeito.

— Eu deveria, anjo? Mesmo? — Seu cenho franzido é quase uma piada. — Você parece gostar tanto.

— Arkins.

Ok.

Eu quis usar isso ao meu favor, mas... mas eu acho que o tiro saiu pela culatra.

Seus olhos pretos me encaram com a ainda mais afinco, com mais sede e fome.

É quase como se ele tivesse virado um animal.

— Você não vai brincar comigo de novo — sentencia, firme.

— O q-quê? — Sim, eu estou desesperada. — Eu não tô brinc...

— Você tá, Calloway.

— Ash, por favor...

— Por favor, o quê? Diz o que você quer.

Isso é humilhação.

Eu não sabia que precisaria me humilhar pra gozar.

— Você sabe...

— Fala — continua. — Quero ouvir você falando com todas as letras, sílabas e palavras possíveis que quer que o seu melhor amigo te faça gozar.

O que ele está dizendo?

Não foi ele mesmo que disse que era meu namorado?

Quero dizer, namorado-professor?

Eu estou evitando tratá-lo só como meu melhor amigo.

Merda.

Merda. Merda.

Merda. Merda. Merda.

MERDA.

Por que Ashton está fazendo isso comigo?

Mas, porra, é claro que eu quero.

Eu quero que o meu melhor amigo me faça gozar.

— Eu não quero — rosno pra ele.

— *Ah* — murmura. Ele solta meu cabelo, depois a minha bunda, então, tira a perna do encaixe entre as minhas. — Tudo bem, então você vai ter que guardar isso pra outro dia. Tenho que concordar com você, a gente passou por cima da base, e isso não é certo.

Foda-se.

Isso só pode ser...

Retaliação. Vingança.

É isso?

— O que você tá fazendo?

Minha voz é desesperada.

— Nada — responde, simples.

É, esse é exatamente o problema.

Nada.

Ele parou.

Por que...

Minhas pernas estão formigando.

Eu me sinto mesmo a ponto de gozar.

Ele fez tudo isso pra me deixar na mão?

— *Arkins* — o chamo enquanto ajeito meu sutiã e minha blusa.

O idiota me lança um olhar rápido, despreocupado. — Você vai me pagar.

— De novo?

Ri.

Filho da puta.

Eu disse, é vingança.

— Você não pode me culpar por termos sido interrompidos e...

— Eu não tô te culpando — diz, divertido. — Eu só tô... você sabe...

— Não, eu não sei.

Ele vai me pagar.

— Eu só tô me controlando, anjo.

— Controlando?

Isso é hora de se controlar?

— É — rebate. — Quer ir ao banheiro? — provoca. — Acho que você precisa se limpar.

Me limpar.

É, eu vou me limpar.

Mas antes eu te mato sufocado com o travesseiro.

— Você vai me pagar — ameaço, novamente.

— Um passo de cada vez, meu anjo. — Tento passar por cima dele pra ir ao banheiro, mas Ashton me segura e faz meu corpo ceder sobre o seu. Ele me abraça, todo tranquilo e suave só pra sussurrar no meu ouvido um: — Limpa sua boceta molhada antes que eu a molhe muito mais com a minha língua.

Engasgo.

Literalmente.

Ashton me libera, rindo, enquanto eu levanto com as pernas fracas.

— Ela não ia dormir?

É minha melhor amiga que pergunta isso.

Como se dorme com uma perturbação dessa ao meu lado?

Como se dorme querendo gozar, mas não podendo?

Como se dorme molhada?

Um lado meu sabe que mereceu isso, mas o outro? Bom, o outro quer se ajoelhar e pedir pra ele terminar o que começou, mas eu nunca me ajoelharia pra pedir por isso.

Ele ainda vai implorar por essa merda.

Eu vou me certificar disso.

28

SANTA MÔNICA

*“E se for certo não me importa quanto tempo demore.
Enquanto eu estiver com você, terei um sorriso no rosto.
Poupe as suas lágrimas, vai ficar tudo bem.
Tudo que sei é que você está aqui comigo.”*

HERE WITH ME — d4vd

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CENTRO DE TREINAMENTO DO BRUINS
09:24 AM
15.09.2022

Não é possível sentir tanta falta assim de alguém... é?

Com um suspiro cansado ao ser completamente sugado para dentro dos mesmos pensamentos de sempre, admito que sim, é bem mais do que possível.

São quase nove e meia da manhã.

Já fiz coisa pra caralho, mas, ainda assim, não consigo evitar.

Minha cabeça sempre acaba me levando para Cloud, e é isso que inevitavelmente acontece quando me sento dentro da banheira de hidromassagem.

Apanho meu celular, relendo pela décima vez desde que acordei as mensagens que trocamos na noite passada.

Sei que peguei um pouquinho pesado com ela no último pós-jogo.

Jogar esse jogo que nós estamos jogando é muito complicado, porque só Deus sabe o tamanho da vontade que tenho de ultrapassar todas as barreiras impostas mentalmente entre nós.

O negócio é que algumas atitudes e decisões são necessárias, mesmo que eu não queira tomá-las.

Isso faz parte de um bom desenvolvimento.

É disso que me convenço na tentativa de não parecer tão trouxa.

— *Ei...*

A voz de Charles soa longe enquanto repasso as últimas palavras de Cloud direcionadas a mim depois que a deixei no seu dormitório.

Nos últimos dias, nos encontramos praticamente só para estudar.

Isso estava sendo foda pra caralho.

Eu queria fazer mais coisas. Outras coisas. Mas o orgulho de Cloud Calloway era algo realmente admirável.

A filha da mãe sabia muito bem como torturar alguém, e, infelizmente, aquilo era merecido.

— Tô falando contigo, porra. Tá com a cabeça onde? — Charles chama, reclamando da minha falta de atenção. Ele chuta minha perna com força, fazendo o celular quase cair da minha mão. — Será que dá pra você parar de pensar na Cloud por ao menos um instante?

Bom, isso é particularmente difícil pra caralho, mas... ok.

— O que você quer? — questiono, deixando o celular de lado.

— Um pouco de atenção, carinho... quem sabe?

Reviro os olhos.

— Vai se foder.

A gente não demora nem cinco segundos pra cair na risada, enquanto de canto de olho observo Benji se aproximar.

— O que você quer, Charles? — repito.

— Quero saber o que diabos tá rolando entre você e a Cloud, e não adianta dizer que não é nada, porque eu não sou burro, só sou idiota.

Benji entra na hidromassagem, sentando-se no terceiro lugar livre.

— Do que estão falando? — pergunta.

— Do rolo entre Cloud e o Ashton — Charles responde, simples.

Que rolo?

A gente não deixou na cara. Deixou?

— Não sei do que ele tá falando. — Dou de ombros. — Que rolo é esse?

— Ashton... — Seu tom de aviso não me deixa saber se ele está só blefando ou se realmente percebeu algo. — Já disse que não sou burro, só idiota.

— Que rolo é esse? — Benji repete as minhas palavras.

Melhor assim.

Eu só não posso confirmar nada.

— Eles estão estranhos pra caralho desde o último jogo, e não é um estranho normal, acredite. A gente tem visto o estranho normal por anos. Beijinhos, abraçinhos, conchinhas... tudo com *“inhos”* e *“inhas”*.

— Eu não notei nada de diferente... — Benji franze o cenho, pegando seu celular e encarando a tela atentamente.

Ele é outro que está estranho, mas eu não vou falar nada pra não sobrar pra mim.

— Como se percebe alguma coisa com a cara enfiada no celular o tempo todo? — Charles ralha com ele. — Com quem você tanto fala? Com a stalker? Fiquei sabendo que ela conseguiu teu número... é isso?

O rosto do nosso amigo fica vermelho.

Seguro o riso.

— Não é com ela — diz, entredentes.

— Então você finalmente tá marcando de perder o cabaço com outra garota? Pensei que estivesse se guardando pra stalker estranha.

— Não fode, Charles. Ainda é cedo demais pra você bancar o sabe-tudo idiota de sempre.

Eles não conseguem conversar sem se alfinetar.

É incrível.

— Eu sei coisa demais sobre vocês dois — Charles comenta, aparentemente cheio demais de si —, desejem a minha morte, mas não desejem que eu abra a boca. Se eu fizesse isso...

— Tá, tá — eu o interrompo. — Para com essa besteira. — Reviro os meus olhos, pigarreando. — Fale do que realmente interessa: você e a melhor amiga da minha garota. Tá rolando mesmo ou...?

De relance, observo a reação de Benjamin.

Ele para de mexer no celular, parecendo chateado de primeira, mas, enquanto sobe seu olhar para encarar Charles e deixa o aparelho de lado, sua expressão começa a ficar um pouco mais... *suave*.

— Diferente dos dois, não tenho nada pra esconder. Então — abre um sorriso enorme —, o que vocês querem saber antes de mandarem eu parar de ficar com ela?

Ok, então é meio que oficial.

Eles estão ficando.

Isso é legal.

Mas confesso que se Charles fosse um pouco mais ajuizado, eu ficaria mais feliz por sua confissão.

— A única coisa que importa é se você tá ou não brincando com a Hazel — Benji comenta, arqueando uma das sobrancelhas. — Então...?

— Você desistiu da ginger?

O jeito provocador de Charles é fodido.

— Ela claramente não está interessada, então não adianta tentar forçar uma situação que não vai rolar.

Surpreendente.

Pensei que Benji continuaria tentando se enganar.

— Então você e a Sloan...?

Tento perguntar, mas...

— Não tem nada entre a Sloan e eu. Pode ter entre muita gente, mas não entre nós. Tirem isso da cabeça de vocês. Os dois. Eu detesto aquela garota. — Silêncio. — Entendido?

Sim.

Mas não.

Não que minha opinião importe, mas eu não me surpreenderia se um dia eles aparecessem juntos.

— Vai responder o que perguntei sobre você e a Hazel? — Benji insiste, fazendo-nos voltar com a atenção até Charles.

— Brincar é uma palavra muito forte — o outro responde, tranquilo. — Eu nunca fiz isso com ning...

— Corta esse papo, Charles. Nós somos melhores amigos. Todo mundo aqui sabe dos seus podres.

É verdade, mas...

— Por mais que você esteja certo, eu nunca o vi prometendo nada para ninguém — argumento, não pra defender o Charlie. É apenas a verdade. — Ele não tem a menor culpa de ter frustrado as expectativas de quem estava esperando por um anel no dedo e recebeu um fora.

— Isso realmente não é desculpa, Ash — nos encaramos —, você deveria parar de passar a mão na cabeça dele.

— Vão discutir sobre mim como se fossem meu papai e minha mamãe, sendo que eu tô bem aqui? — Charles indaga, sério e agora sim irritado. — Valeu pela preocupação de um lado e pela comida de rabo do outro, mas, como eu disse, brincar é uma palavra muito forte. Nós estamos nos divertindo. Juntos. Porque ambos querem. A Hazel obviamente não quer nada sério comigo, não que isso importe... só é uma via de mão dupla, assim nos entendemos.

Eu não vejo assim.

Acho que a Hazel gosta do Charles um pouco mais do que deveria.

Acho que o Charles está começando a gostar da Hazel um pouco mais do que deixa escapar.

— Só tenha mais cuidado — peço. — Por você e por ela. — Ele concorda com um aceno. — Sei que você só é idiota quando te convém, mas eu me importo com os dois, então quando não quiser mais nada com ela, seja claro.

— Relaxa, a gente vai ficar bem — garante. — Só estamos nos divertindo... — repete, talvez querendo se convencer dessas palavras. Pelo menos é o que parece. — Nunca imaginei que uma garota poderia ser tão interessante.

E ele ainda diz que é só diversão.

— Isso é estranho pra caralho — Benji volta a falar, piscando pesadamente. — Você e a Hazel. É estranho. Os perfis não batem, não é visualmente agradável.

— Teu cu — Charles cospe e eu gargalho. — Se fosse o caso, faríamos bebês bonitos pra caralho. É claro que somos visualmente agradáveis.

— Acho que ele não quis falar nesse sentido cara, mas é interessante te ver pensando em bebês — provoco. — Vocês já estão planejando? Se preparando? Treinando?

Ele revira os olhos, desviando de nós dois.

— Se querem saber se a gente já transou, a resposta é não.

Não era isso que a gente queria saber. Não eu. Mas é um alívio ter ciência de que eles não estão correndo antes de andar.

— Ela não é qualquer uma, é claro que não ia sair por aí transando com você antes de te conhecer direito...

— Você fala como se conhecesse a Hazel tão bem, mas não tem a menor ideia de quem ela seja. — Charles novamente se irrita. Agora ele parece muito mais instável do que antes, o que é bem raro. E isso se dá por causa da ruiva. — A garota é toda problemática... não que isso seja ruim, eu também sou. É um fato.

— Besteira... — Benji rebate.

— Como um bom estudante de nutrição, continue falando que é besteira para uma jovem de vinte e poucos anos que só comeu uma refeição ontem porque eu a chamei pra sair em cima da hora.

Nutrição e Charles é um contraste.

Chega a ser cômico como não tem absolutamente nada a ver com ele.

Quando lhe questionei sobre sua escolha, ele disse que não era nada demais, só decidiu ir pelo que achou ser mais fácil.

Não parece ser isso.

Ele sempre tem uma história pra contar.

— Ela fez isso? — Franz o cenho, preocupado. — A Cloud...

— Vocês têm saído pra estudar na biblioteca nos últimos dias, então, sim. Não me questionem. Eu não mentiria a respeito de algo sério.

É mesmo sério.

Sério pra caralho.

Eu vou falar sobre isso com a Cloud.

— Ela ficou chateada sobre o teste de líder de torcida, talvez isso tenha algo a ver... — Benji pontua, pensativo. — Aquelas garotas são ruins quando querem ser.

— Se eu souber quem foi a puta que falou merda para a minha ginger, ela vai desejar nunca ter nascido.

— Calma, cara — peço. — A gente primeiro precisa fazer a Hazel falar sobre isso, e com “a gente”, eu quero dizer *você*, Charles. Tenta sondar e descobrir o que aconteceu. Decidimos o que fazer depois disso.

— *Eu* vou decidir o que fazer, ela é problema *meu*.

Ele falou que era só diversão uns cinco minutos atrás.

Agora Hazel é problema seu?

É como eu trato a Cloud.

Charles tem certeza do que está falando?

— Será que ela já comeu alguma coisa hoje? — Benji pergunta.

— Pelas mensagens que me mandou ainda pouco, parece que não.

A irritação na voz do meu melhor amigo é quase palpável.

— Vou mandar uma mensagem pra Cloud — sugiro. — Ela não tá sabendo que a Hazel não tá comendo, então é bom que saiba e tente fazer a garota comer alguma coisa.

— Ok — Charles resmunga.

Dez minutos podem mudar uma pessoa e seu humor.

Ele estava risonho e provocador dez minutos atrás, agora o meu amigo só parece preocupado pra caralho. E com raiva.

Tudo isso é compartilhado.

Sinto o mesmo.

Eu não quero ver a melhor amiga da minha garota — *que também é minha amiga* —, machucada ou se machucando.

Se uma delas tem um problema, então o problema é de todos nós.

Essas são as nossas garotas e nós cuidaremos delas sem pensar duas vezes.

Sinto os meus planos praticamente se desfazerem, mas a preocupação de Charles me dá uma ideia de última hora.

— Vou chamar a Cloud pra sair essa noite — afirmo, chamando a atenção dos dois. — Se quiserem passar no dormitório das garotas pra ficarem com a Hazel, façam isso. A gente vai chegar provavelmente depois das onze.

— Vai levar a garota pra mais um encontro sem que ela saiba que é um encontro? — Charles pergunta, voltando ao humor de antes.

Otário.

Eu já fiz isso algumas vezes.

Já levei Cloud para vários encontros sem que ela soubesse que eram encontros.

Esse não seria o caso. Não dessa vez.

Era um encontro e ela ficaria ciente disso.

— Não é um encontro — minto bem mal. — A gente só vai sair como sempre...

— Como namorados que não se assumem — Benji completa.

— Até você? — devolvo, arqueando uma das sobrancelhas.

Os dois idiotas riem da minha cara, enquanto eu apenas reviro os olhos.

Eles estão certos, mas não precisam saber disso.

Se já são insuportáveis só com as suposições, imagina só quando tiverem certeza das coisas.

— Só pontuei alguns fatos...

— Ok — digo, pegando meu celular. — Espere só pra ver quando chegar a minha vez de pontuar fatos sobre você e a stalker.

— Não existem fatos sobre nós dois.

— Tente nos convencer do contrário e ainda assim falhe miseravelmente, pequeno Beckett — Charles rebate por mim.

— Para de me chamar de pequeno Beckett, caralho. — Meu riso escapa. — Você divide o mesmo neurônio daquela garota?

— Irmãos gêmeos, sabe como é... assim como você é meio que irmão gêmeo da minha ginger.

— Irmão gêmeo o caralho.

— Ainda espero pelo dia que vocês não vão discutir a cada cinco minutos.

— Isso só vai acontecer quando eu não puder mais falar — Charles responde, sorrindo de lado. Convencido do caralho. — A vida de vocês seria tão triste sem mim.

— Seria mais fácil, é isso que você quer dizer, não é?

— Quanto mais você fala isso, pequeno Beckett, mais eu sinto o seu amor por mim. É lindo, de verdade.

— Vou deixar que se matem enquanto mando mensagem pra Cloud e vou pra ducha. — Fico de pé. — A gente tem aula, viu? Não se atrasem, o treinador ainda tá no nosso pé. — Saio da banheira, lhes dando um último olhar. — Que vença o melhor.

Benjamin fica reclamando, enquanto Charles ri, chutando de brincadeira o outro.

Parecem duas crianças, mas eu me identifico.

É por essas e outras que eles são meus melhores amigos.

Abro o aplicativo de mensagens no mesmo instante em que entra uma nova de Cloud.

Timing perfeito.

MEU ANJO
@c.calloway.24
09:42 AM

Tá por aí?

Sim, anjo
la te mandar mensagem agora mesmo
Sua chateação já passou ou vai ficar mais um dia bicuda comigo?

Posso perder muitas coisas, menos a chance de lhe provocar.

Há-há, Arkins

Ei, o que eu já falei sobre isso?

Para de pensar com a cabeça do pau só por um segundo, por favor?

Ok, patroa
A quem eu devo a honra da sua mensagem?

Você vai almoçar no refeitório da UCLA ou do Bruins?

Bruins
A gente tá se reconectando

Depois do último jogo
Então é melhor ficar por aqui
Quer vir com a Hazel?
Eu te busco

Só queria saber mesmo
Eu vou ter que encontrar com o Duke pra discutir as coisas do nosso trabalho e estudar
Então, a gente deixa pra outro dia, ok?

Duke.
Duke, Duke, Duke...
Você não é uma ameaça, certo?

Ok.
Me avisa se precisar de algo
E não esquece de chamar a Hazel pra almoçar com você
Tudo bem?

Isso é ciúmes?
Do Duke?
Porque se for, não precisa ter...

Sim, eu tenho ciúmes
Mas não é isso
Charles disse que a Hazel não tá comendo direito
Não se preocupa
É só se certificar de que ela vai colocar algo pra dentro

Calma
O quê?

Sim...
Só faz isso, anjo
Não precisa se preocupar

Disse ele, comigo já me preocupando
Que porra
Como eu perdi isso?
Eu sou a pior melhor amiga que alguém poderia ter

Você não é
Não se culpe de algo que não depende de você
Eu sei que você sempre tenta ajudar a Hazel
E sei que vai ajudá-la ainda mais agora
Só faz isso, meu anjo
O Charles disse que vai ajudar ela também
Todos vamos

Ok.
Tudo bem
Eu vou mandar mensagem pra ela agora
E vou... sei lá... acho que vou sair do campus com ela e o Duke
Talvez se formos a uma das cafeterias que ela gosta
Ela coma algo com mais vontade

Faz isso
E de novo
Se precisar de algo
Você ou ela
Podem falar comigo

Tudo bem, Ash
Obrigada por me avisar
E diz pro Charles que eu o agradeço por ter contado isso
Eu vou ficar mais atenta

Vou agradecer a ele sim
Agora
Fique pronta às sete
A gente vai sair hoje

Nada de estudo
Você não vai me obrigar

Quê?
Mas tem a Hazel
A gente não pode deixar ela sozinha
E tem suas matérias acumuladas pra estudar

Acumuladas o caralho
Mal conversamos nos últimos dias
Justamente pra colocar essas matérias em dia
Não tem nada pendente
E mesmo se tivesse
Foda-se
A gente vai sair hoje, meu anjo
É bom que fique pronta no horário

Eu não posso

Sim, você pode
E o Charles deve ficar com a Hazel
Não se preocupa com ela
A gente tem um encontro pra ir

O QUÊ?
UM ENCONTRO?

Tão inteligente
Mas tão burrinha

BURRINHA É A CABEÇA DO SEU PAU

Ah, você lembrou que ele existe?
Que fofa
Adorável, Calloway
Se sua mão quiser fazer uma visita a minha cabeça
Ela aceita...

Ashton.

Era a minha cabeça mesmo, Calloway
Pervertida
Sete horas.
Na porta do seu dormitório.
Eu vou estar lá.

É um encontro mesmo?
De verdade?
Eu não posso... a gente...
Eu não tenho como me arrumar pra um encontro de verdade
A Hazel vai descobrir

Use o mesmo de sempre
Você sempre tá gostosa
Qual vai ser a novidade?
Só não te digo pra não usar nada
Porque essa imagem pertence somente a mim

ASHTON ARKINS!!!

.

Somente a mim
Porque você é minha

COMO VOCÊ CONSEGUE FALAR ESSAS COISAS
COM TANTA
NATURALIDADE???

Minha garota
Eu preciso ir
Se dermos sorte
Te encontro nos corredores
Mas de qualquer forma
Saiba que eu te amo pra caralho

Isso é...
Merda.
Eu te amo mais, Ashton

Linda
Estressada
Ansiosa
E nervosinha

Calma
É mesmo um encontro?
De verdade?
Pra onde a gente vai?
Eu preciso saber
Eu sou ansiosa
Eu não vou conseguir pensar em outra coisa
Eu nem sei se vou conseguir ficar pronta

Melhor que consiga
Eu vou te tirar do dormitório de pijama
Se for necessário
Preciso ir de verdade, meu anjo
Sete horas
Não esquece

Deixo Cloud surtando sozinha no aplicativo de mensagens,
mas não consigo não sorrir do seu jeito desesperado.

É uma risada nervosa.

Eu lhe chamei para um encontro.

Um de verdade.

Mesmo nas nossas condições estranhas, esse vai ser mesmo
real.

Me sinto automaticamente ansioso pra caralho.

Sigo para a minha ducha pedindo mentalmente a Deus ou a
qualquer que seja a força superior que rege o universo para que o
dia passe o mais rápido possível.

Só consigo pensar em colocar minhas mãos sobre ela mais uma vez depois de dias.

É por isso que estou vivendo.



LOS ANGELES, CA
07:00 PM

Dia longo do caralho.

Descansando contra a porta do passageiro, levanto meu olhar no exato instante em que Cloud Calloway finalmente começa a se materializar a alguns metros de mim.

Minhas pernas cansadas quase fraquejam diante da simples imagem que tenho sua. As batidas do meu coração espancam meu peito sem dó nem piedade. Eu sei que ela parece como a garota de sempre. A minha garota. Mas, ainda assim, Cloud é tão... extraordinária.

Esse é um daqueles casos de “não tem como melhorar” que sempre acaba melhorando.

Essa é ela.

Pelo que percebo, Cloud não está usando muita maquiagem. Apesar de não ser um especialista nisso tudo, posso apontar cada detalhe seu sem precisar de ajuda.

Por outro lado, seu cabelo escuro ainda está um pouco molhado.

Vestida com um jeans folgado, camiseta vermelha justa, e calçando um de seus tênis brancos encardidos, a morena parece estupidamente perfeita.

Minhas mãos coçam para tocá-la.

Logo. Rápido.

Principalmente por causa da porra da camiseta vermelha.

Cloud Calloway é como uma maldição para mim, para o meu coração e para o meu corpo.

Não dá pra fugir.

E eu não fugiria nem se desse.

Parando a três pés de distância de mim, Cloud olha para qualquer lugar, menos na minha direção.

Sei que ela está envergonhada.

Eu disse mais cedo que era um encontro. E é.

Fato.

Ela querendo ou não.

Então é provavelmente por causa disso que Cloud está quase tão vermelha quanto a camiseta que ela está usando.

— Oi.

É como ela me cumprimenta.

O sorriso que abro diante da cena e do seu jeito é involuntário, *natural*.

Me inclinando só um pouquinho, seguro sua mão, puxando-a para mim enquanto faço a garota me abraçar pela cintura.

— Oi, meu anjo.

Seu olhar finalmente se encontra com o meu.

Aqueles lindos olhos castanhos brilham como duas estrelas, as mais bonitas que alguém poderia ver. Seguro seu rosto com a minha

mão livre, aproximando-me cada vez mais da garota.

Selo os lábios em seu queixo por um, dois, três segundos.

Esse sempre foi o tempo que eu levei para senti-la e entender que nunca poderia beijá-la na boca.

Não era a mesma coisa agora.

Eu posso beijá-la na boca. Só não em público. *Ainda*.

Sua respiração pesada bate contra mim, naquela espécie de luta que nós dois travamos, então eu decido me afastar.

— Pra onde a gente vai?

Pisca.

Deixando Cloud atrás de mim, abro a porta do carro, tirando o buquê que encomendei durante uma das minhas aulas e me virando novamente em sua direção.

Seus olhos ficam maiores. Consideravelmente.

O choque está literalmente ali.

Conseguiria tocar se quisesse.

Mas, tudo que faço, é estender o buquê de rosas vermelhas na sua direção.

Rosas. Vermelhas.

Isso é o que combina com ela e com sua camiseta vermelha.

— O que é isso?

Não posso julgar Cloud.

É um pouco chocante sim.

Essa é a primeira vez que lhe dou um buquê de rosas.

Tem um significado profundo pra mim.

Espero que tenha para Cloud também.

— Isso é um buquê, e ele é pra você.

Minhas mãos suam.

Cloud olha para os lados, voltando a me observar com a mesma expressão de antes. Ela aceita, tirando um peso das minhas costas, e em um movimento graciosos pra caralho, sobe as rosas o suficiente para cheirá-las.

Eu não fiz isso, mas acho e espero que estejam cheirosas.

Minha cabeça necessitada e pervertida automaticamente imagina Cloud numa cama cheia de rosas vermelhas.

Isso é quase o suficiente pra me deixar duro.

Quase.

A minha sorte é que ela começa a falar e automaticamente me tira daqueles pensamentos desnecessários.

Bater punheta está chegando ao ponto de não funcionar mais comigo.

— Você não precisava comprar isso — diz, mas o seu tom não é realmente de reclamação. Ela está acanhada. Seu encolher de ombros a entrega. — Aposto que foi caro. Tudo é caro nessa cidade.

— Você gostou?

Cloud pisca.

Ela demora alguns instantes pra assimilar a minha pergunta.

— Elas são lindas...

— É o que importa — eu a interrompo. — Se você as achou lindas, o dinheiro valeu à pena. Ponto.

Seu suspiro vem.

É o que eu sinto sempre que estamos juntos.

Um alívio. Uma espécie de satisfação.

Porra, é bom perceber que Cloud está sentindo o mesmo.

— Vamos? — pergunta. — Antes que alguém nos veja e... você sabe... rumores.

— Gossip do Bruins, não é?

— Tipo isso — revira os olhos —, você tem estado fora de foco, mas acho que isso aqui já seria o suficiente para escreverem fofocas sobre o querido e cobiçadíssimo quarterback do Bruins.

— *Ah* — lhe dou espaço para passar e entrar no carro —, eu não ligo quando os rumores e fofocas envolvem você.

Com ela acomodada sobre o banco do passageiro, puxo e prendo o cinto de segurança ao seu redor. Sinto o olhar da garota sobre mim como se ela estivesse tentando olhar através do meu corpo.

É engraçado.

— Isso queimaria tanto o seu filme... — provoca.

Paro, inclinado sobre ela e próximo demais.

— Como poderia queimar? — Arqueio uma das sobrancelhas, em desafio. — Seria uma honra muito grande se eu fosse conhecido pelo campus da UCLA como namorado da Calloway.

Suas bochechas ficam vermelhas instantaneamente.

— *Namorado da Calloway* — murmura num tom muito específico de quem está zombando da outra pessoa, mas eu sei que esse é o seu mecanismo de defesa. — Não fale bobagem.

— É o que eu sou nesse exato momento.

Cloud nem parece respirar.

Cada vez mais vermelha.

Como sua camiseta, como as rosas que lhe dei.

— *Você...*

Ela nem consegue completar o raciocínio.

— Eu sei, meu anjo. Eu sei que você gostou de escutar isso.
— Encaro sua boca, sentindo meu corpo inteiro travar por um momento. — É gostoso, não é?

— *Arkins*... — repreende. — Isso não é lugar pra você ficar me provocando. Lembra? Gossip do Bruins e tudo mais...?

Sorrio.

Ela tem um bom ponto.

Inferno.

— Tudo bem, tudo bem. — Recuo. — Mas não me chame pelo sobrenome, você sabe o que faz comigo.

— Sensível.

— Você também é — acuso.

— Não como você.

Reviro os olhos.

— Tente se convencer disso se é o que te faz bem, mas eu ainda consigo lembrar da sua boceta molhada e de você implorando para que eu...

— Tá, tá. Para de falar sobre isso. Eu vou ficar irritada novamente e as chances do nosso encontro acabar mal são enormes.

Não é isso que eu quero.

Mas eu admito que quase não resisto.

Pelo bem da nossa noite, bato a porta do carro e dou a volta para entrar do outro lado.

Em segundos, dou início ao nosso caminho.

Apesar das provocações por minha parte e das ameaças por parte da Cloud, o silêncio que se estabelece entre nós é confortável. Não faço questão de quebrá-lo logo de primeira. Deixo os minutos

passarem calmamente, certo de que ela vai começar a falar muito em breve. E é dito e feito.

Abraçando o buquê como se sua vida dependesse disso, Cloud pergunta:

— Você vai me dizer pra onde a gente tá indo agora ou...?

Ela não vai mesmo cansar?

Curiosa como sempre.

Essa não seria a minha Cloud Calloway se não fosse tão curiosa assim.

— Que tal entrar no jogo e aceitar que eu quero te fazer uma surpresa? — devolvo calmamente, esticando a mão até o botão do rádio e ligando-o no volume mínimo. — Consegue fazer isso, anjo?

Paro no sinal vermelho, virando o rosto para encará-la.

Seus olhos já estão sobre mim. Vidrados.

Eles continuam brilhando como estrelas.

A visão toda é de tirar o fôlego.

Não consigo acreditar que ela ainda vai ser minha. De verdade. Toda minha. Oficialmente.

— Eu não gosto de surpresas.

O bico que ela faz é bonitinho.

Mimada pra caralho.

Mas isso é meio que minha culpa, o que me faz automaticamente gostar da situação.

— Deveria começar a apreciá-las. Relacionamentos são assim, sabia? Surpreendentemente cheios de surpresas. Boas e ruins.

Tiro a mão da marcha, puxando a sua num movimento rápido pra depositar um beijo.

— É assim que você tá me ensinando sobre relacionamentos, quarterback? Me dizendo que tem coisas ruins neles?

— Regra número um...

— *Sem mentiras* — falamos em uníssono, partilhando um sorriso.

Enquanto solto sua mão a contragosto, volto a dirigir quando o sinal abre.

— Ainda assim, você deveria mentir nem que seja um pouquinho pra me tranquilizar, assim eu posso ter mais coragem para... você sabe... namorar.

Reviro os olhos.

Como você é boba, Calloway.

— Então você tá falando na cara do seu namorado que quer namorar? Isso não faz muito sentido pra mim. — A próxima coisa que sinto é a sua mão acertando meu braço num soco. Gargalho, divertido com essa coisa estúpida entre nós dois. — Ei, eu ainda tô me recuperando do último jogo... — choramingo no meio da risada, tentando soar inocente.

Ela só está sem jeito. De novo.

— Do jeito que tá rindo e me provocando, você já tá mais do que recuperado...

— Malvada.

— Você gosta de me envergonhar, Arkins — reclama.

— É você que é toda cheia de não-me-toque.

— Isso é mentira! — grita, ou quase isso, no meu ouvido. — Pelo que eu bem me lembro, você já me tocou e muito.

Aqui está a Cloud que eu gosto.

A que não pensa antes de falar.

Essa sua versão é a minha favorita.

Mas eu sei que em mais dois segundo ela vai tentar se retratar comigo...

— *Quero dizer...*

— Não faça isso — seguro sua mão cegamente, de olho na avenida —, você não tem que retirar suas palavras sempre que achar que falou algo inapropriado.

— Ok...?

Silêncio.

Durante os próximos dez segundos, reflito sobre o que Cloud acabou de dizer.

“Você já me tocou e muito.”

Muito?

Ainda não estou nem perto de ficar satisfeito.

O que aconteceu foi quase nada perto do tanto que preciso dela.

— Você quer falar sobre o que aconteceu? — questiono, quebrando o breve silêncio consciente de que mais uma vez os seus olhos estão grudados em mim. — Sobre o tanto que eu já te toquei...? — completo.

— Passamos os últimos quatro dias falando sobre o que você fez. — Bufo. — Você me provocou sobre a minha b... sobre... bom, você sabe o quê, tem uns cinco minutos. Ou seja... é mesmo necessário?

— *Sim.*

— *Não.*

Eu e Cloud falamos respectivamente.

— Você é injusta quando fala que já conversamos o suficiente, já que, na verdade, ficou os últimos quatro dias chateada comigo. Mal conversamos direito com toda aquela sua pose profissional de “*eu sou a sua tutora, você tem que estudar e não falaremos mais disso*”.

— Mas eu sou mesmo a sua tutora — rebate —, e a gente ficou dias fazendo o que realmente importa. Se você for mal nos trabalhos e provas, vai tudo cair em cima de mim.

É por isso que eu sempre estudo como um condenado, mesmo depois de passar muito tempo com Cloud ao meu lado me auxiliando.

Eu não quero lhe dar problemas.

Só quero que ela continue sendo minha tutora.

Como eu aguento a minha rotina?

Nem eu entendo.

Faço coisa pra caralho, sou ocupado pra porra, mas, ainda assim, estou aqui me esforçando em cada detalhe que nos interliga. Nos meus estudos, na nossa relação... e, porra, estou levando a minha garota para o nosso primeiro encontro oficial no único tempo livre que tenho pra descansar, esperando que ela consiga entender o quanto antes que eu não faria isso — *nem nada perto disso* — por mais ninguém.

— Você tem um ponto — concordo —, é por essa razão que agora nós estamos em um encontro e podemos conversar sobre o que interessa. Não tente achar subterfúgios para se esconder de mim.

Dou graças a Deus quando vejo outro sinal vermelho, parando o carro lentamente e já virando para fitá-la de volta.

Por mais que eu queira continuar falando sobre os toques e o caralho a quatro, fico hipnotizado pela forma como a luz do sinal vermelho ilumina Cloud e faz o vermelho da sua camiseta e das rosas ficar ainda mais intenso.

Ela não se esforçou nem um pouco para parecer bonita.

Como pensei assim que a vi pela primeira vez há alguns minutos, Cloud está simplesmente ordinária e extraordinária. Normal. E espetacular. Nada demais e tudo que eu preciso.

Isso que sempre me pegou.

O jeito que ela é linda sem sequer tentar, fode com a minha cabeça.

E essa camiseta vermelha é a cereja do bolo.

Não quero deixar os meus pensamentos se estenderem, por isso nem me importo em parar as palavras que começam a sair da minha boca:

— Você fica linda de vermelho.

Ela desvia nossos olhares, respirando profundamente antes de visivelmente prender a respiração. Se não tivéssemos tão pouco tempo, eu a beijaria. Quero dizer, não tem nada me impedindo agora...

— Não tô usando vermelho pra te agradar.

Claro que não.

Ela *acha* que não, mas eu sei que é o contrário.

Cloud quer me agradar, mas ela não precisa fazer isso.

Só o fato dela respirar já me agrada.

— Só te elogiei, anjo. Não disse que fez nada por mim... você não precisa tentar me atacar com quinze pedradas na cabeça. — A garota morde o lábio inferior e eu fico... *caralho*. — Olha pra mim —

demandando. Com dificuldade, ela vira novamente na minha direção. — Você tá linda pra caralho e eu quero um beijo.

— Agora?

Pisca, demoradamente.

— Quanto mais tempo demorar, mais os juroz vão correr.

— Juroz?

— É. Esse é o meu pagamento pela pedrada de graça. E os juroz estão corren...

Surpreendo-me completamente, Cloud empurra seu buquê para o painel do carro e se solta o cinto de segurança. Ela se dobra na minha direção até chocar sua boca contra a minha num baque. Subo depressa as mãos, moldando seu rosto macio enquanto arfo pesadamente por um último instante antes de empurrar minha língua em busca da sua.

Aquele maldito e recorrente desejo me atinge em cheio numa questão de milésimos de segundos.

É como uma avalanche violenta que me engole e nocauteia.

O primeiro contato da sua língua com a minha me eletriza.

Fico desnortado, gemendo em prazer com o gosto suave de morango que encontro ali. E, sendo bem honesto, fico automaticamente necessitado pra caralho por mais.

Escorrego uma das mãos até sua nuca, sentindo o gemido de Cloud contra os meus lábios me atacar em ondas vibrantes. O tesão que sigo tentando reprimir quase explode entre nós dois. Quase. É esse maldito quase que insiste em me segurar, mas com a sua língua macia e gostosa deslizando contra a minha fica difícil até mesmo de raciocinar.

O que faz eu me render cada vez mais, é a porra do encaixe.

Ela é feita sob medida para mim.

Foi escrito pra ser assim.

A maciez da sua boca combina com a minha.

A ganância da sua língua combina com a minha.

A vontade dos seus toques combinam com os meus.

Meus dedos se enrolam num punhado de fios seus. Aperto ali, perto da sua nuca, levemente, fazendo sua cabeça pender para o lado só pra melhorar o meu acesso. Quando Cloud corresponde, tentando se afastar ao morder meu lábio inferior, eu solto mais um gemido. Grave e dolorido. Como me sinto.

— *Ash...* — murmura, conseguindo se afastar de alguma forma de mim. É só o suficiente para murmurar o meu nome, mas não é o que precisa para me fazer parar. Pendo em sua direção, bem mais do que pronto para beijá-la outra vez, mas Cloud não deixa. — *Os carros...*

É aí que eu escuto as buzinas.

Muitas. E muito altas.

— *Procurem um quarto!*

Alguém grita do lado de fora.

Porra.

— Merda.

Bufo, obrigando-me a soltá-la de uma vez.

Acelero, profundamente irritado, enquanto minha boca parece estar queimando. Batuco os dedos freneticamente ao redor do volante, tentando controlar a minha respiração como dá.

Puxando seu buquê de volta para o colo, Cloud diz:

— A gente tem que parar de fazer isso em situações que sem nenhuma dúvida seremos interrompidos.

Perfeito.

Que bom que pensamos o mesmo.

— Pensei ser o único insatisfeito aqui — retruco, entre uma respiração e outra.

Sua risada nasalada me acalma.

— Eu quero aprender as coisas com dedicação total.

Ah, cara. Porra. Caralho.

Como ela tem coragem de falar algo desse tipo e ainda soar como a porra de uma inocente?

— Você... — Sorrio. Incrédulo. — Você é realmente uma coisinha muito interessante, Calloway.

— Você também, Arkins — devolve. Com um pigarro, Cloud questiona: — Os juros ainda estão correndo?

Isso me acerta de um jeito tão diferente.

Cloud continua usando aquele tom estúpido de ironia que só ela consegue ter, porque sempre vem misturado com um desafio implícito.

A diferença entre o antes e o agora é que ambos aceitamos esses desafios, essas *provocações*.

— Sim — concordo. — E você vai ter que me beijar mais umas mil vezes essa noite.

— Mil?! — exclama. — Você tá querendo perder a boca?

— Sim, meu anjo. Eu tô. Na sua.

Isso sai de mim com facilidade.

É só a verdade.

Fazer o quê?

Eu quero mesmo.

— Você já conquistou quantas garotas com essa cantada de merda?

Cloud Calloway com ciúmes é um grande evento e eu aprecio cada segundo dele.

— Existem certas coisas que são muito melhores como estão, sem serem remexidas — brinco, virando à esquerda na Avenida Colorado. Estamos perto do nosso destino. — Não acha?

— Essa é a sua resposta? — Ela está puta. Isso me deixa satisfeito. Fico dessa forma com frequência, então é bom ver o mesmo acontecer do outro lado. — Nunca mais utilize comigo essas cantadas ridículas que você provavelmente já usou com outras.

Não consigo não rir.

Seguro sua mão, enquanto ela tenta puxar de volta, beijando o dorso repetidamente.

Cloud está mesmo puta comigo.

— Meu anjo, eu tava só brincando...

— Como se eu fosse acreditar em uma palavra que sai da sua boca — rebate com os dentes cerrados. Sua fala sai esganiçada. Errada. Raivosa. — Não sou as garotas com quem você fica uma noite e depois nunca mais procura.

É claro que não.

Eu sei que não é.

— Você fica adorável com ciúmes.

Sou obrigado a soltar sua mão pra continuar dirigindo.

— E você ficaria adorável com esse buquê enfiado garganta abaixo.

Vou confessar uma coisa: o jeito passivo-agressivo que Cloud usa pra falar comigo me dá tesão pra caralho.

Gosto de irritá-la porque isso me deixa com tesão.

É uma tortura pra mim.

Mas eu nunca falei que não gostava de ser torturado.

Com tudo isso que está acontecendo entre nós dois, está ficando cada vez mais difícil esperar pela hora que vou poder irritá-la e logo após isso, mostrar para Cloud o que podemos fazer com sua raiva.

Quando as lições chegarem nesse ponto, vou ser o cara mais feliz que já pisou na Terra.

— Corrigindo: você fica gostosa com ciúmes.

— Ashton.

Ela ainda está irritada.

— É a verdade.

— Comece a mentir um pouco para m... — Sua voz some completamente quando passamos perto do *Tongva Park*. — Praia de Santa Mônica?

— Mais precisamente, píer de Santa Mônica — concordo. — Minha namorada é um gênio.

Ela se engasga ao meu lado.

Eu mesmo quase engasgo com o que deixo escapar, mas é o que é.

Isso soa certo pra caralho.

Nada nunca soou tão certo quanto isso.

“*Cloud*”, “*minha*” e “*namorada*” são palavras que nunca deveriam se separar.

Eu vou lutar por isso.

Para que nunca se separem.

E para que sejam sempre proferidas por mim.

— Você...

Ela até tenta falar alguma coisa para possivelmente me repreender, mas se dissolve nos seus pensamentos sem demora.

O restante do caminho é feito no mesmo silêncio confortável de antes.

Eu, satisfeito com tudo e todas as coisas.

Cloud, secretamente satisfeita com tudo e todas as coisas.

Ela nunca admitiria, eu sei, eu sei.

Mas eu consigo ler seu jeito e sua postura.

Quando acho uma vaga, estaciono o carro e saio apressado pra abrir a porta para a minha garota. Ela mais uma vez me surpreende quando simplesmente espera que eu faça isso. Ofereço-lhe a minha mão e Cloud aceita, deixando o buquê pra trás e saindo dali comigo.

— Faz tempo pra caramba desde a última vez que estivemos aqui juntos... — reflete.

Entrelaço nossos dedos ao darmos os primeiros passos no percurso até o píer. Cloud toma a frente daquele momento, me puxando pelo caminho com uma animação que eu não estava ciente de que a pertencia. Mesmo se eu tentar confrontá-la com minhas próprias ideias, ela negaria, então só admiro.

— Principalmente *sozinhos* — completo.

Ela acena com a cabeça, não me dando muita atenção.

— Isso tudo é literalmente na cidade em que nascemos e crescemos e a gente mal vem aqui. — Suspira. — Acho que a rotina nos pegou...

— Se você quiser vir aqui mais vezes, eu posso providenciar isso.

Cloud volta a me encarar.

Ela meio que me avalia, antes de sorrir, balançando a cabeça negativamente.

— Não vou fazer isso com você, quarterback.

— Como ela é boazinha... — zombo.

— É sério — semicerra o olhar em minha direção —, a gente nem deveria estar aqui, pra início de conversa. Eu não deveria tomar seu tempo precioso de descanso com uma best...

— Não é besteira — eu a corto antes que continue falando o que não deve. — É o nosso primeiro encontro, Calloway. Tenha um pouco mais de respeito e modos. Será que você consegue fazer isso?

A morena umedece os lábios antes de revirar os olhos.

— Não me subestime.

— Eu tô te subestimando — rebato.

Guia de “como conseguir algo de uma pessoa competitiva”: a desafie a fazer exatamente o que você quer dizendo-lhe que não tem capacidade.

É uma tática um pouco podre? *Sim.*

Mas você sai ganhando.

Eu gosto de sair ganhando.

— Sei o que você tá fazendo.

O foda é que ela me conhece muito bem.

— Vai manter os modos?

— Sim, mas porque eu quero. — Pisca. — *Eu. Quero.* — Frisa bem.

Engulo minha gargalhada pra não perder a minha vantagem.

— O que você quer fazer primeiro?

Voltamos a andar lado a lado.

Dedos entrelaçados.

Corpos próximos.

É um encontro dos sonhos, e eu nunca sonhei com eles.

— Comer — confessa.

Claro...

— Eu nem sei por que ainda perguntei.

Cloud aperta nossos dedos.

— É assim que você vai tratar a sua namorada?

Minha namorada.

Nunca. Eu nunca vou tratá-la assim.

Porra.

Isso é louco pra caralho.

Acho que não conseguiria me acostumar com essas palavras nem mesmo se as ouvisse a cada dez segundos.

O frio na barriga toco é sempre o mesmo.

Como eu disse: louco pra caralho.

— Não, meu amor, eu não vou te tratar assim. — Sorrio de lado. — O que você quer comer?

Sinto Cloud estranha.

Então me cérebro computa aquela informação.

Meu sorriso some lentamente.

“Meu amor.”

Ah... foi isso.

Ela está acostumada com o “meu anjo”, mas não com o “meu amor”.

Acho que eu fui um pouco longe demais dessa vez.

— Cachorro-quente.

É assim que ela me responde.

Eu não tento fazer nenhuma piada a respeito.

Meio que estou em choque também.

— E Sprite?

— *Aham...* — resmunga, simples.

Avisto um banco livre na entrada do píer, assumindo a liderança e caminhando até lá.

— Fica aqui enquanto eu compro, ok?

Eu só preciso respirar um instante e me estabilizar novamente.

Cloud também precisa disso.

— Tá bom — rebate, ainda com poucas palavras.

Perfeito.

Me afasto da garota esfregando as mãos discretamente na minha jaqueta de couro. Aquilo não alivia em nada a sensação de suor que corre por minhas palmas, mas eu ao menos tento.

Vai dar certo.

Esse encontro vai dar certo.

Eu não posso estragar as coisas com ela.



LOS ANGELES, CA
PIER DE SANTA MÔNICA
PACIFIC PARK
09:24 PM

Estava dando tudo certo.

Depois do breve momento de desconforto mútuo que passamos quando pisamos no píer de Santa Mônica pelo “meu amor” que deixei escapular, Cloud e eu comemos cachorro-quente num silêncio que levou exatos três minutos para ser quebrado. E eu realmente contei.

Visitamos e nos divertimos na maioria das atrações do *Pacific Park*, resgatando a cada novo jogo algumas das melhores lembranças que tenho da nossa época de escola.

Há alguns anos, esse era o nosso lugar favorito em toda Los Angeles.

O píer de Santa Mônica é um dos pontos turísticos mais visitados de LA. Cenário dos filmes de comédia romântica mais idiotas do início do século, é bem óbvio que esse lugar se tornaria uma obsessão para a Cloud adolescente.

No *high school*, Cloud, Benji, Charles e eu costumávamos pegar o ônibus “errado” em muitas ocasiões — *a pedido da minha garota* — só pra tomarmos sorvete, jogarmos nos melhores fliperamas da região e assistirmos ao pôr do sol mais bonito de todo o mundo.

Essa era nossa atividade favorita depois de horas na escola.

Era quase como uma regra entre nós quatro, mas, infelizmente, só durou até o momento em que pais de Benji descobriram o que estávamos fazendo — *em meio a um atraso que não calculamos* — e decidiram proibi-lo terminantemente de dar essas escapadas.

Senhor e senhora Beckett passaram a buscar Benji na escola todos os dias.

Eles sempre chegavam antes do horário.

Se tornou realmente um beco sem saída para o meu amigo.

Então, Cloud, Charlie e eu decidimos que não sairíamos mais para esses passeios. Benji ficou envergonhado e chateado com a nossa decisão. Ele quase chorou, implorando para que continuássemos com aquela rotina, mas sempre foi assim.

São todos juntos ou nada.

Depois de tudo, nossas visitas a esse lugar se tornaram bastante espaçadas.

Esse ano, é a primeira vez que estamos aqui.

Cloud e eu.

Juntos e sozinhos.

Poderia escolher qualquer lugar da cidade para termos o nosso primeiro encontro oficial, mas nenhum seria como esse.

Foi num parque de diversões que o maldito Noah e a idiota da Allie se conheceram.

Isso pode parecer familiar para Cloud.

Espero que seja, porque não aguento mais ser influenciado por um filme velho de romance na tentativa de ganhar seu coração.

A essa altura, já paguei todos os meus pecados cometidos e estou com crédito para os que ainda vou cometer.

— É pra fechar a noite? — indaga, se aconchegando no meu abraço enquanto nós esperamos pacientemente a fila começar a andar.

— Já cansou, minha velhinha sedentária?

Cloud está agarrada no urso que ganhei pra ela no tiro ao alvo.

Um clichê do caralho, mas isso não é uma reclamação.

Eu lhe daria todos os clichês do mundo se ela me pedisse.

— Não, eu só tô com fome... de novo...

Jesus.

Ela tem o quê dentro da barriga?

Um dragão?

— Posso passar na sua lanchonete favorita pra gente comprar hambúrguer e milkshake. O que acha disso?

— Depois de uma caminhada na praia? — sugere.

— É você quem manda, patroa.

A morena solta uma risada divertida, provavelmente satisfeita.

Nada poderia me deixar mais tranquilo do que o som da sua risada.

Eu estou acertando em tudo.

Vai ser vergonhoso ver Cloud tentar se envolver com alguém depois de mim. Se chegamos a ter um “depois”, é claro. Estou cada vez mais compromissado em não a deixar esquecer de nada que estou fazendo por nós dois, e eu espero que isso chegue ao ponto de Cloud nos ver em todos os lugares por onde anda, exatamente como sempre acontece comigo.

— Apesar de não ter admitido até agora — começa a falar assim que a fila para a roda-gigante começa a se mover —, esse tá sendo o melhor momento que eu tive com você em semanas.

Cloud me observa sobre o ombro, enquanto eu me divido em fitá-la de volta e nos mover pela fila. O vento frio que vem do mar balança o seu cabelo solto, enquanto todo seu rosto é iluminado pelas mais diversas luzes coloridas que piscam de todos os lados do *Pacific Park*.

— Isso é você admitindo que o nosso encontro está sendo perfeito?

Ela ri, virando-se pra frente novamente.

É nossa vez.

Entramos na cabine dupla, sentando um ao lado outro, enquanto o supervisor e operador checa tudo antes de sair e fechar a porta de metal.

Seguros e prontos.

— É meio que isso — Cloud murmura, deixando o urso de lado enquanto o brinquedo começa a se mover lentamente. Ela se arrasta pelo banco até o ponto em que consegue ver a paisagem do lado de fora. Ainda não chegou na melhor parte, mas aposto que ela está aproveitando cada segundo. — A gente já fez isso antes, eu sei... ok? Mas é tão diferente agora. — Seu olhar encontra o meu. — Você não sente o mesmo?

Então está tudo óbvio.

— Nós estamos namorando, claro que é diferente.

Ela revira os olhos e eu solto uma risada.

— Você não cansa de fazer isso comigo?

— Fazer o quê?

Ela se arrasta de volta pra mim.

Passo o braço por sua cintura, mas, ainda assim, Cloud treme. Está frio.

Não penso duas vezes antes de tirar minha jaqueta de couro e passar por cima dos seus ombros.

— Ei, ei, ei... — Estou prestes a descer o meu braço direito quando a garota o segura com força, fincando os dedos ali. — O que é isso?

Fixo meu olhar onde o seu está, encarando minha tatuagem mais recente ali.

Engulo em seco, sendo pego desprevenido por um instante.

É a data do dia em que lhe pedi desculpas, do dia em que o acordo selado com o nosso primeiro beijo oficial.

Dez de setembro de dois mil e vinte e dois.

Eu não sei como isso conseguiu passar despercebido pelos olhos de Cloud até hoje, mas agora não era mais um segredo.

— É uma tatuagem nova — respondo a coisa mais óbvia possível.

A roda-gigante continua se movendo lentamente.

A volta dessa dura mais ou menos vinte minutos... algo assim.

Aparentemente teremos bastante tempo pra conversar.

— Eu tô vendo — pisca —, mas... essa data... ela não é a mesma que...

— A mesma que eu te pedi desculpas?

Sorrio, fraco.

Isso me deixa um tanto... envergonhado.

Não é vergonha, vergonha... é mais... porra, nem sei explicar.

Meus sentimentos são tão óbvios e expostos, mas em momentos como esse ainda consigo me sentir vulnerável pra caralho.

— É — Cloud sussurra. Ela passa o indicador suavemente por cima da pele ainda machucada, mas sarando. Um calafrio rasga por minha espinha. — Por que você fez isso?

Respiro fundo.

Bem fundo.

— Passei muito tempo pensando em como te pediria desculpas, e, no meio de tudo isso, eu simplesmente decidi tatuar essa data. Foi do nada. Não foi com a pretensão de colocar um limite para que eu agisse... foi mais... bom, talvez aconteça algo,

então por que não? Eu só tatuei. Mas é claro que o significado só veio depois que você se juntou a mim na chuva e jurou ser um pássaro ao meu lado.

Seu sorriso se estica devagar, enquanto o brilho em seus olhos se intensifica.

— Você é inacreditável, sabia?

— Sabia — brinco. Nós encaramos juntos mais uma vez aquela tatuagem. — Não te incomodou, certo?

— Não! — se apressa em falar. — Eu gosto das suas tatuagens. De todas elas. Espero que me conte o significado de cada uma algum dia... fechado?

Algum dia parece bom.

— Algum dia — repito.

Nós ficamos em silêncio.

Abraço Cloud mais uma vez e, apesar disso, nosso contato visual não é quebrado.

— Você é uma caixinha de surpresa, Ashton.

— Você é que é uma — rebato. — Tenho certeza que sabe tudo que pode esperar de mim, mas, você, Calloway, é confusa e nublada como nuvens carregadas.

Aquele seu sorriso fraco me comove.

— Nuvens carregadas — repete.

— Isso.

— Ninguém gosta de nuvens carregadas. Elas são feias e... e elas sempre vêm acompanhadas de uma tempestade. Trovões, relâmpagos. Destruição. — Encaro sua boca. — Nuvens carregadas são um mau presságio.

— Eu não acho que é mau presságio — franzo o cenho —, não pense isso novamente.

— Eu só... pensei.

— O que vem depois da tempestade?

— As consequências.

Sorrimos um para o outro.

— O arco-íris, meu anjo. Junto de nuvens suaves.

— Mas você disse que eu sou uma nuvem carregada.

— As pessoas evoluem com o tempo, é o que eu sei que está acontecendo com você... com a gente... você me entende? — Ela concorda com a cabeça. — Agora eu não consigo saber o que esperar de você, do seu próximo passo, mas eu espero que a tempestade passe e que você se transforme em uma nuvem suave com um belo arco-íris.

Mordiscando o lábio, Cloud engole em seco.

— Me desculpa, tá?

— Meu anjo, você não precisa me pedir desculpa.

— Por toda confusão, por todo esse peso... eu só...

— Você tem ideia do quanto eu amo nuvens nubladas? — Cloud respira fundo. — Eu as amo o suficiente para apreciá-las dia após dia, e eu não as trocaria por nenhum dia calmo e limpo. Eu gosto da confusão, eu gosto de não ter certeza de nada, eu gosto de ser engolido por grandes tempestades. — Toco o seu rosto. — Eu amo cada minuto que passamos juntos, Cloud. Cada. Maldito. Minuto. Todos eles são meus favoritos. No meio da chuva, do frio... no meio de qualquer coisa, meu anjo. Você sempre vai ser minha companhia favorita.

Ela fica em silêncio.

Pisca repetidas vezes, então toca meu rosto de volta.

— Talvez eu nunca consiga devolver as palavras bonitas que você dedica a mim, mas elas me deixam tão feliz, Ash...

— Você não precisa devolver enquanto não estiver pronta pra fazer isso — digo, calmo e tranquilo.

Já esperei tanto.

Isso é literalmente nada depois de mais de uma década.

— Eu te amo.

— Eu te amo — repito.

— Você é perfeito, sabia disso?

— Tento ser... é difícil, sabe...

Sua gargalhada se embola com a minha.

Estamos cada vez mais alto.

A vista agora está em outro nível.

É o momento perfeito.

Nós nos afastamos um pouco porque fica difícil de respirar até mesmo pra mim.

Observo cada um dos seus traços.

O nariz arrebitado, o bico inchado... os olhos que são simplesmente... *constelações*.

Por puro reflexo, coloco a mão em cima do seu joelho, enquanto ela veste a minha jaqueta apropriadamente. Fica enorme, como de costume, mas absurdamente linda.

Quando sua atenção volta novamente pra mim, Cloud pergunta:

— O que você tá fazendo?

Um pequeno sorriso se forma involuntariamente em meus lábios com a certeza de que a sua cabeça está tão ligada quanto a

minha.

Inspiro o ar com força, enchendo meus pulmões.

O clima mudou. Não drasticamente, mas mudou.

É a forma como nos conectamos, como os seus olhos encaram os meus e como nossas necessidades se chocam.

Isso me traz lembranças. Boas lembranças.

Como de, por exemplo, ela se esfregando na minha parte.

Vontades compartilhadas sempre serão reconhecidas.

— Nada — rebato, apertando de leve sua perna sobre a calça jeans folgada. — Então — pigarreio —, isso tá como você sempre sonhou? — pergunto, vendo Cloud desviar novamente nossos olhares e mais uma vez levando todo tempo do mundo para admirar o seu perfil que, a essa altura, está misturado com o horizonte escuro do mar de Santa Mônica.

Essa é uma das imagens mais lindas que já tive de Cloud em toda minha vida.

Isso tudo que está acontecendo entre nós é de um sentimento tão, tão grande, que meu peito não se aquieta nem por um pequeno momento.

Porra, é o nosso primeiro encontro oficial.

Não estamos aqui como melhores amigos.

É claro que não é como um casal, mas também não é só como melhores amigos.

Eu posso beijá-la.

Eu posso tocá-la.

Eu posso fazer o que Cloud deixar.

E, eu estaria mentindo se não dissesse que ela tem deixado bem mais do que imaginei que deixaria em tão pouco tempo.

— Bom, eu nunca sonhei com isso... — Ela planta a mão sobre a minha. — E você deveria parar de me tocar assim.

— No seu filme favorito eles se conhecem num parque de diversões, anjo. Aquele idiota pobretão obriga a coitada rica da Allie a aceitar sair com ele se pendurando na roda-gigante. — O sorriso irritantemente lindo de Cloud vai se abrindo a cada palavra que sai da minha boca. Ela gosta dos meus conhecimentos acerca de *Diário de uma Paixão*. — Vai mesmo mentir pra mim e dizer que nunca sonhou com um encontro assim?

Ela ri, alto.

Falar merda tem um preço e eu geralmente não me importo com ele contanto que possa sempre ouvir essa risada no final.

— Você vai se pendurar na roda-gigante também?

Cloud me encara.

— Eu poderia fazer isso se essa porra não fosse tão alta, ou se eu não estivesse tão cansado. Caso contrário — faço menção de me levantar —, você vai encontrar meu corpo espatifado no chão quando chegar lá embaixo em três, dois...

Cloud me puxa pela mão, gargalhando.

Sento-me ao seu lado, fazendo nossa cabine se mexer um pouco pelo solavanco.

— Você é tão idiota — revira os olhos —, não quero ser a causa da sua morte, então fica quieto, ok?

— Fala isso como se já não fosse a minha morte em carne e osso.

A morena me acerta com um tapa e isso só me faz rir, enquanto eu puxo seu corpo e a envolvo em um abraço.

— Como você tem coragem de falar isso pra mim? Que eu sou a causa da sua morte?

Ela está brava... chateada.

Isso consequentemente a deixa linda e gostosa.

É um prato cheio, mas por enquanto eu continuo passando fome.

— Meu anjo, não me leve a mal...

— Mas como...

— Falei no bom sentido — eu a interrompo antes de irmos longe demais. Encosto a minha testa na sua, encarando seus lábios com a recorrente vontade de beijá-la. — Você é a causa da minha morte, meu anjo. Você sempre foi e sempre vai ser. — Respiro fundo, erguendo a mão para tocar sua pele macia. — Não me importo em morrer se é você que vai me causar isso.

— Mórbido — ela brinca. Seu tom é baixo, arrastado... e o ambiente ao nosso redor pesa. — Mas é recíproco. Não do jeito mórbido... é só que... é você.

— *Shhh...* — Sorrio pra ela, nunca cansando de me encantar com seus pequenos detalhes. — Você não precisa pensar muito quando está comigo. Você não precisa falar demais ou se explicar. — Cloud concorda com um aceno que só produz atrito entre nossos narizes. — Pode ficar calma, pode falar o que quiser sem se preocupar...

— Você sempre vai ser meu lugar seguro? — sussurra.

— Sim — assinto —, e você o meu.

Cloud murmura algo que eu não consigo entender dois segundos antes de selar os nossos lábios.

Ela se move tão rápido, com uma necessidade tão pungente, que eu sorrio nos primeiros cinco segundos. Apenas os primeiros cinco segundos. Porque os que vêm a seguir, servem apenas para nos empurrar um contra o outro numa guerra sem fim por controle.

Nossas línguas se encontram numa espécie de provocação diferente de tudo que já tivemos até hoje. Essa provocação incessante nos lança vagarosamente numa espiral ridícula de luxúria e puro desejo.

É insuportável aguentar tudo isso sem um escape.

O meu sangue corre dez vezes mais rápido por minhas veias.

O frio não é mais presente.

Não em mim.

Ela me aquece. E então me queima.

Chupo sua língua pouco antes de morder seu lábio inferior e chupar também.

Porra.

Como ela consegue ser tão gostosa assim?

É um vício infernal.

Tento puxá-la pro meu colo, mas ela resiste.

Desço os meus beijos até o seu pescoço, mordendo e chupando a sua pele gelada e ganhando gemidos baixinhos como recompensa.

— Estamos pulando a base mais uma vez — quase sem ar, Cloud comenta, alcançando meu cabelo com dificuldade —, não acha?

Pulando a base é o caralho.

A gente não pulou a base.

A gente tá na porra da primeira e segunda base há anos.

É por isso que a gente não se aguenta mais, por isso que *eu* não aguento mais.

— Não — isso foge de mim enquanto beijo seu pescoço no caminho de volta até sua mandíbula, queixo, e então boca —, eu acho que a gente tem que deixar rolar. Se isso é pra você saber o que gosta ou não, saber como funciona de verdade, então tem que ser real.

Corro a língua pelo seu lábio inferior, encarando-a com os olhos semicerrados, pesados... quase fechados novamente.

Só não levanto sua blusa e mamoo seus peitos de novo porque nós estamos em um local público. Não que isso realmente me impeça, mas Cloud é capaz de me jogar pra fora da cabine se eu tentar.

Sei que não tem ninguém nos olhando.

A cabine é isolada na parte de cima e de baixo.

As janelas são os únicos vazamentos daquele cubículo.

Mas... ainda assim, eu não posso continuar... não com tanta exposição.

— Você tá certo — anui, soltando a porra de um gemido rouco quando meus dentes raspam perto de sua orelha —, mas você precisa parar com isso aqui.

Eu disse, não disse?

— Não tem nenhuma placa que proíba beijos em rodas-gigantes.

Cloud segura o meu rosto, me fazendo parar com os beijos. Ela me dá um olhar tão enevoado, que não dá pra resistir. Ela precisa disso tanto quanto eu.

Se eu tiver que implorar, eu imploro.

— Quando você me olha desse jeito, espera mesmo que eu não fique aos seus pés?

Vejo como Cloud reage, claramente prendendo o ar em seu peito.

— O q-quê...? Eu não fiz...

— Não, você não fez nada. Não propositalmente. E é isso que me fode, anjo. É isso que sempre me fodeu.

Ser sincero demais com ela ainda vai ser a minha morte. Uma hora não vou aguentar mais e explodir, e pelos meus cálculos isso está bem perto de acontecer.

— Do que você tá falando...?

— Deixa eu te tocar? É disso que tô falando, Calloway. — Coloco minha mão novamente sobre seu joelho, agora o direito, e o afasto lentamente com sua permissão. — Você passou os últimos dias chateada comigo e sei muito bem que foi pelo que aconteceu no meu dormitório depois do último jogo. Você tem seus motivos pra me torturar e pra me fazer pedir desculpas de joelho, e eu faço isso se é o que quer, mas o que eu quero, meu anjo... o que eu quero é só te tocar um pouco e finalmente te dar aquele maldito orgasmo que te neguei no outro dia.

O seu olhar fica ainda mais... escuro.

Vejo Cloud passar por todas as recorrentes batalhas internas que ela luta em sua própria cabeça por alguns segundos antes de abrir a boca pra me dar uma resposta.

— A gente tá em público — sentencia, como se isso fosse suficiente para me parar. Não é. Só o seu *não* pode me parar em qualquer circunstância ou momento. — A gente tá em público e você tá me pedindo isso agora? Quero dizer... só agora?

Subo meu toque por sua perna esquerda, odiando a porra do tecido grosso do seu jeans, mas ainda assim apertando-a com força a cada nova polegada que alcanço.

— Isso não é um sim e nem um não — rebato, chegando ao cós bem mais rápido do que deveria. Cloud fecha as duas mãos ao redor do meu punho. — Olha lá em cima — peço, desviando meus olhos por um curto instante pra encarar o céu estrelado com ela. — Agora fala pra mim, meu anjo... Me diga pra parar ou me diga pra te esfregar até você gozar pra mim quando chegarmos ao topo.

Meu coração acelera com o brilho dentro dos seus olhos, enquanto assisto toda uma constelação de estrelas se formarem ali.

São muitas.

São... *tantas*.

Mas nenhuma brilha tanto quanto Cloud Calloway.

— Você pode... *continuar*.

A última palavra me atinge num sopro.

É isso que sinto quando Cloud pisca demoradamente uma última vez antes de pender a cabeça pra trás e virar pra me encarar sem desvios.

Ela parece tão corajosa.

As coisas que eu queria fazer com essa garota nesse exato momento se resumirão a tão pouco, mas é o suficiente.

Pela primeira vez, debaixo daqueles orbes brilhantes e atentos, deslizo a minha mão para dentro da sua calça, passando meu braço livre outra vez por seus ombros enquanto pressiono um beijo demorado na ponta do seu queixo.

Não faço nenhum rodeio.

Não temos tempo pra tortura.

Não mais.

Acho o encontro entre suas pernas, enquanto ela as afasta pra mim por livre e espontânea vontade, sorrindo nervosa com o que está prestes a acontecer.

Empurro meu indicador pela primeira vez — *e com muita dificuldade pelo maldito tecido da calcinha nos separando do contato direto* — por entre os lábios da sua boceta. A umidade é capturada imediatamente por mim, me deixando quase cego no mesmo instante.

Meu pau endurece por debaixo das minhas próprias camadas de roupa, latejando do jeito mais fodido que já senti. Nem se eu tentasse, conseguiria controlar essa porra.

Ela me deixa duro com tão pouco, que isso tudo aqui já é o suficiente pra me fazer perder a porra da cabeça.

— E você ainda tem coragem de dizer que não fica molhada só com uns beijos... não é, anjo? Que não é sensível...?

Seu sorriso vai se espalhando.

Cloud está cada vez mais nervosa.

Eu sinto isso.

Mas é aquele nervosismo bom.

— Existem mentiras do bem — brinca, segurando uma das pontas da minha jaqueta e tentando se esconder quando eu pressiono firmemente seu clitóris. — Merda... *Ash... Ash, Ash, Ash...*

— Calma, meu anjo — sorrio de volta com ela —, você vai ficar bem...

— *Eu não consigo...*

— Olha pra mim — peço. — E tira a jaqueta da frente do seu rosto.

Ela faz tudo isso lentamente, enquanto continuo melando meus dedos e raspando certeira­mente pela fenda. De cima pra baixo. O jeito que eu sinto seus grandes lábios presos pela peça íntima, mas a um passo de abraçarem meus dedos... *porra*.

Como é gostoso isso tudo.

Como tocar sua boceta é maravilhoso.

Eu faria isso a noite inteira se pudesse.

Com meus dedos, com o meu pau, com a minha boca.

— *Ash...*

Cloud geme contra os meus lábios, ofegante, segurando-se de uma só vez. Seus gemidos são tão desesperados que eu começo a pensar “será que ela já imaginou isso antes?”.

— Você é tão sensível, meu anjo... — rosno, roçando nossos lábios enquanto começo a esfregar continuamente seu clitóris inchado. — Já pensou nisso antes? — pergunto, sem sequer processar minha própria pergunta em meu cérebro.

— *O q-quê?*

— Em gozar nos dedos de alguém?

— *De alguém?*

Sua voz por um fio me deixa ainda mais fodido.

— Nos meus. Especificamente.

Ela fecha os olhos, se desmanchando em mais um gemido seguido de um longo suspiro.

— *Não.*

Sorrio com o seu jeito sempre na defensiva.

— Então qual é a desculpa que vai tentar me dar por estar sempre tão molhada e pronta pra mim?

Ela não responde.

Puxando o tecido da calcinha, afundo os dedos em sua pele macia e encharcada, sentindo-a ainda mais molhada nesse toque direto. É como a porra do céu. Estar nas nuvens.

Ela é o meu céu, minha nuvem, minhas estrelas e meu paraíso particular.

— *M-Meu... Deus...* — Soluça. — *Putá merda, você não devia... assim... você vai...*

— Caralho, meu anjo. — Mordo seu lábio inferior, esgueirando meus dedos pelo seu centro quente e escorregadio. — Que bocetinha gostosa, porra. É uma merda ter escondido isso de mim por tanto tempo.

Espalho os lábios cheios, brincando com a ponta do dedo na sua entrada.

Um impulso e... *dentro*.

Mas eu não faço isso.

Cloud me deixou lhe dar um orgasmo, não lhe foder.

— Olha pra mim — comando, voltando a trabalhar sobre seu clitóris inchado sem perder o ritmo. Ela abre os olhos depois de longos segundos. Já estamos descendo. — Quero os seus olhos em mim quando estiver gozando nos meus dedos, meu anjo. Olhos. Em. Mim.

Ela morde o lábio inferior, acenando de um jeito afoito com a cabeça que “*sim, Arkins, eu vou fazer como você quiser*”, é o que eu a imagino falando, enquanto tenta me provocar de volta.

Cloud Calloway está aflita, atormentada e visivelmente descontrolada.

Seu rosto se contorce tão perfeitamente que parece uma pintura digna de estar exposta nas paredes do *Louvre*, enquanto,

por outro lado, seu gemido levemente contido soa tão impecável quanto uma música precisa ser para ganhar um *Grammy*.

Ela é só minha.

A obra de arte perfeita.

A canção impecável.

— Eu vou... — avisa, franzindo o cenho, lutando para não fechar os olhos, engolindo em seco. — *Ash... Ash, Ash...*

— Vai o quê tão rápido assim, meu anjo? Você vai fazer o quê, gemendo meu nome desse jeito?

— *Cacete. Porra, A-Ashton* — gagueja.

A voz trêmula é o que lhe entrega.

Volto a esfregá-la sobre o tecido, senão eu vou acabar não resistindo, e eu preciso resistir.

O atrito dos meus dois dedos sobre o seu clitóris, intensificado pela textura do algodão da sua calcinha, segue na mesma maldita cadência.

Eu vejo Cloud quase perder a cabeça.

— *Droga, Ash... Ashton... Arkins.*

Ela vai me matar.

— Diz pra mim.

Meus dentes semicerrados rangem uns contra os outros.

— *Você vai me... me fazer... gozar.*

Caralho.

Um sorriso fodido se espalha pelo meu rosto inteiro.

Não só pela minha boca, mas por minhas bochechas, pelos meus olhos... por tudo.

— Goza pra mim, meu anjo — peço, direto e firme. Empurro o pequeno botão com mais força... então, suave. Mas rápido. Rápido,

rápido, rápido. Tão rápido que Cloud começa a se contorcer, apertando as duas mãos ao redor do meu punho, esticando as pernas... e depois fechando-as. — Goza pra mim, Calloway. Goza nos dedos do seu melhor amigo. — Ela choraminga. Gemendo. Chiando. — Eu sei que você quer fazer isso, eu sei que você tem sonhado com isso...

— *Você vai me matar... falando assim...*

E ela não negou.

Safada do caralho.

Você também tem pensado nisso.

Sonhado com isso.

Deixo-lhe na mão por alguns instantes.

Deslizo o meu dedo um pouco mais pra baixo, correndo por toda aquela maldita fenda até o ponto em que eu sei que está, mais uma vez, a entrada da sua boceta.

Ela poderia gotejar de tão molhada.

Meus dedos ficam tão encharcados, que eu quase paro tudo para chupá-los.

Essa é a coisa mais gostosa na qual já coloquei as mãos. E eu mal toquei sua pele o suficiente.

— Se essa porra não fosse parar em dois ou três minutos, enterraria minha língua na sua boceta e te faria gozar na minha boca novamente.

Ela suspira tão pesado que eu quase sinto pena.

— *Você é...*

— Louco — rio —, eu sei. Eu sou. E você gemendo o meu nome só me deixou mais louco ainda.

Seu olhar brilha. Ela suspira quando volto a ir rápido. O brilho ali não é de vergonha. Cloud parece tão ligada quanto eu, imersa naquela vontade amaldiçoada de acabarmos com tudo de uma só vez, mas... ainda assim, receoso, com medo de estragarmos a nossa maldita amizade.

— Fala de novo — pede, com lágrimas nos cantinhos dos olhos.

Como se fosse possível, ela fica ainda mais linda assim.

— O quê, meu anjo?

— Pede.

Morde o lábio.

Sorrio.

Eu disse que me humilharia se fosse necessário.

— Goza pra mim, Calloway. — Ela balança a cabeça. “*Sim*”, sussurra. — E não é como você disse. Eu não tô pedindo, anjo. É uma ordem. Você vai gozar pra mim e depois vai me assistir chupar os dedos com a sua bagunça...

Nem consigo terminar de falar, já que o seu corpo começa a tremer antes disso. Encaixo nossos lábios, empurrando minha língua novamente em busca da sua e engolindo todos os seus gemidos só para mim.

Eles me pertencem.

Eles são meus.

Seu quadril balança, se esfregando em mim com mais avidez, com mais vontade, indo ainda mais longe.

Quanto mais Cloud intensifica aquele atrito, mais ela se esfacela em meus braços, em minha boca, em meus dedos.

Eu a vejo explodir.

Se render.

Finalmente Cloud Calloway está rendida.

Os seus tremores param só depois de quase dois minutos.

Separo nossos lábios, ofegando, ardendo e queimando.

Encosto as nossas testas, abrindo meus olhos com dificuldade e pesar. Por uma última vez, esfrego sua boceta por dentro da calcinha, sorrindo com a forma que Cloud choraminga e treme novamente.

— *Você não... vai... f-fazer de novo...*

Não, eu não vou.

Ainda não.

Infelizmente.

— Abre os olhos — digo, afastando nossos rostos e tirando a mão de dentro da sua calça.

Ela faz. Com calma. Parecendo quase bêbada.

Quando seu olhar se encaixa sobriamente no meu, eu levanto a mão e chupo os dedos. Um por um. Segurando meu próprio gemido com a satisfação que eu sinto me possuir ao enfim prová-la.

Esse é o gosto da minha garota, da minha mulher.

É melhor do que eu poderia imaginar.

É... do caralho.

Só queria mais tempo.

Só queria poder limpar cada polegada sua com a minha língua.

Estou com inveja da sua calcinha. Eu queria estar ali.

Porra.

Posso ver o pudor dentro dos seus olhos se chocar com o que faço.

Ela fica mais vermelha, como se fosse possível.

— Poderia te comer no café da manhã, almoço e jantar por mil anos e não enjoaria — sentencio, liberando-a do meu abraço e vendo como Cloud tenta se recompor de um jeito muito falho.

— *Você...*

É.

Eu.

Eu, Cloud.

Foi eu que fiz isso com você.

E eu serei o único a fazer, porque não existe porra nenhuma nessa Terra que vai me impedir de mostrar ao mundo, algum dia, que você é completamente minha como acabou de ser.

29

CAÓTICO

*“Tento encontrar razões para nos separar,
mas não está funcionando porque você é perfeita e sei que você vale a pena.”*

DIE FOR YOU — The Weeknd

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
PIER DE SANTA MÔNICA
PACIFIC PARK
09:59 PM

**É complicado me recompor pra tentar sair da roda-gigante
como se nada tivesse acontecido.**

Quando a porra do desejo rasgou por dentro de mim, eu não
imaginei que seria tão difícil encarar a parte em que simplesmente

sinto falta de tocar Cloud. É uma falta absurda e plausível, tudo ao mesmo tempo.

Isso acabou de acontecer.

Eu acabei de lhe tocar.

Seu cheiro está nos meus dedos, seu gosto na minha boca.

É foda pra caralho lidar com isso, sendo que dois minutos atrás eu estava fazendo a garota gozar pra mim pela primeira maldita vez.

E eu sonhei incontáveis vezes com essa cena.

Ainda assim, entre todo esse absurdo plausível, também é difícil disfarçar o sorriso que surge em meus lábios. É aquele típico sorriso de quem acabou de ganhar o doce que sempre soube que se tornaria o seu favorito assim que provasse.

O seu gosto é... porra. Bom. Não, não. *Perfeito*.

Na verdade, é melhor do que bom, superior a perfeito.

Se eu soubesse que ter o gosto do gozo de Cloud na minha língua me deixaria tão duro e tão necessitado por mais, talvez eu tivesse evitado tocá-la em um lugar público, já que a única coisa que se passa por minha cabeça nesse exato momento, é o quanto eu quero afundar a língua na sua boceta e fazê-la gritar o meu nome e gozar pra mim mais uma vez. E depois outra. E outra. E tantas quantas ela conseguisse aguentar.

As vontades reprimidas estão começando a me deixar doente.

Ficando de pé, Cloud dá o primeiro passo pra sair de dentro do brinquedo, deixando-me levemente desesperado. Me coloco de pé na mesma batida, ciente da minha situação deplorável em forma de ereção dura pra caralho, e agarro sua cintura por trás.

Ela vacila um instante.

Eu não sei o motivo e sequer me arrisco a perguntar.

Nós apenas continuamos no caminho cego que vamos estabelecendo.

— O que você tá fazendo? — pergunta, virando a cabeça apenas o suficiente para me dar um olhar estranho sobre o ombro.

Suas bochechas estão vermelhas pra caralho.

Seus lábios também — e é bem provável que seja por causa dos meus beijos.

Sua postura é engraçada.

Cloud parece em alerta.

E, porra, eu entendo isso segundos mais tarde, quando prosseguimos colados até a parte mais calma e tranquila do parapeito de madeira que dá vista para o mar de Santa Mônica.

— Do que está falando, anjo?

Ela respira fundo.

Quase gargalho.

Testar sua paciência está entre as minhas maravilhas do mundo.

— Você tá colado em mim — pontua, tentando parecer e soar calma —, se esfregando em mim — adiciona. — Eu consigo *sentir* você.

Puta que pariu.

Isso aqui também é bom.

A porra do atrito do seu traseiro contra o meu pau é a melhor coisa que já senti nele, o que é meio preocupante. Isso é culpa de Cloud. Isso é o efeito colateral de se estar apaixonado pra caralho por alguém.

O mínimo se torna algo grandioso.

— É isso ou a gente vai assustar algumas criancinhas com a ereção que você me causou.

As palavras saem com uma sinceridade que eu não consigo segurar.

É natural. Simplesmente escapa.

Cloud apoia os braços no parapeito, abraçada no seu urso de pelúcia, enquanto eu a envolvo em meus braços, mais colado do que antes. Sua cabeça se vira na minha direção mais uma vez. Ela parece tão engraçada.

Incrédula.

Chocada.

Satisfeita.

Essa garota pode dizer o que quiser, menos que não está temporariamente satisfeita.

Está estampado nos seus olhos, em como eles brilham pra mim como malditas estrelas. Está presente nas nuvens nubladas por detrás do olhar vivo. As minhas nuvens nubladas favoritas. As que eu mais amo. Está em como ela deixa que eu continue ali, ao seu redor, sem realmente reclamar ou me repelir.

— Isso é bizarro.

E agora ela está pensando demais.

— O que é bizarro, meu anjo? Se incomodaria em clarear um pouquinho os meus pensamentos?

— Você. O que você fez. — Pisca. Respira fundo. Bem fundo.

— Você... a sua mão... os dedos... eles provavelmente cheiram... a mim. Ao meu...

Cloud para de falar, virando o rosto pra frente e contemplando as ondas do mar se quebrando nas pedras gigantes abaixo de nós.

Ela está preocupada com isso?

Com o seu cheiro nos meus dedos?

— É a sua vergonha falando mais alto, anjo?

A morena engole em seco, vacilante.

— É o meu senso vindo à tona.

Sorrio de lado.

Afasto o cabelo do lado direito do seu pescoço, enfiando o rosto no espaço livre e beijando sua pele. Cloud contrai com o carinho. Ela suspira alto e se encolhe entre os meus braços.

Discretamente, empurro meu quadril contra sua bunda gostosa.

Mais atrito.

Isso me faz gemer. Baixo. Contido. Paciente.

— Você não deveria se preocupar com o seu cheiro delicioso nos meus dedos, embora eu esteja com ciúme deles. — Beijo a parte de trás da sua orelha, esbarrando meus lábios no lóbulo quando completo: — Seu gosto tá na minha boca, meu anjo. Se preocupe com isso e com a minha vontade de te provar de novo.

Tenho a impressão de que Cloud sequer respira pelos próximos dez ou vinte segundos.

Não tenho muita noção do tempo.

O vento frio bate em nós dois. O seu cheiro, misturado com o cheiro salgado da praia, parece a combinação perfeita que preciso pra me acalmar. Pelo menos é o que parece pra mim.

— *E-Eu...* — gagueja quando tenta me responder.

— Não precisa falar nada, C. — Solto uma risada fraca, descansando meu queixo no seu ombro. — Vamos ficar mais um pouco aqui até que eu esteja recuperado.

É sua vez de rir, mas sua risada sai bem mais fraca do que a minha.

— Você precisa de...

Suas palavras se perdem.

Cloud obviamente não sabe como continuar falando disso. Ela está cheia de pudor, e isso não me é nem um pouco estranho. Não me incomoda. Pelo contrário. É excitante — *por mais que não deva ser* — a forma como a garota que tem uma coleção de paus de borracha segue sustentando tanto pudor em relação a mim.

Talvez isso seja culpa da nossa amizade.

Essa é a única resposta aceitável.

— Ajuda? — Completo seu pensamento.

Ela me fita. Inclinando o corpo um pouco pra frente, Cloud olha pro espaço que fica entre nós dois. Seus olhos castanhos expandem, se arregalam.

É engraçado pra caralho.

— *Meu Deus...* — sussurra.

— Anjo... — reclamo, rindo da sua cara. Passo um dos braços por sua cintura, envolvendo-a e grudando suas costas de volta em meu peitoral. — Não faz isso — peço sem conseguir parar de rir.

— V-Você...

— Você não é inocente — acuso. — Não tente parecer inocente na minha frente, pequena depravada.

— Mas eu... eu...

— Você viu, não viu? — Ela acena com a cabeça freneticamente. Engulo meu riso à força. — Foi você que fez isso comigo — provoco. — Sua boceta melada e pronta, seus gemidos, os choramingados... é difícil resistir quando minha *melhor amiga*

goza tão bem só com os meus dedos. — Suspiramos juntos. Eu pela provocação, ela pela vergonha. — Isso me fez imaginar um monte de coisas, meu anjo...

— Eu deveria ter... te ajudado.

A voz rouca e suave de Cloud sai estrangulada, com uma dificuldade do caralho. Suas palavras se infiltram no meu cérebro e me fazem pensar ainda mais em tudo. De novo e de novo.

— Nem pense nisso se não quiser fazer por sua própria vontade...

— M-Mas... qual a diferença?

Ela deve estar com um bico.

Seu tom é mais irritado, contrariado.

— A diferença é que eu quis te fazer gozar, anjo — explico, pacientemente. — Você só vai fazer isso comigo quando você quiser me fazer gozar porque simplesmente me deseja.

Tenho sonhado com isso por anos.

Tenho sonhado em todas as coisas que estamos experimentando agora porque eu sou apaixonado pra caralho por você, Cloud Calloway.

Não dava pra deixar passar essa oportunidade.

Agora, você?

Não dá pra te pedir algo que você não queira fazer cem por cento.

Eu nunca faria isso.

Apesar de todo meu anseio, apesar de ser louco pra caralho por você, o respeito ainda está aqui e ele vai permanecer até o momento em que você decidir e entender que é minha.

— Não vai falar nada? — pergunto.

— Não.

— Meu anjo... — Deslizo a mão esquerda por sua barriga. — Você tá incomodada?

— Sim.

— Comigo?

— Não. — Eu posso vê-la revirar os olhos. — Tô incomodada com as coisas que você falou. Foram elas que me incomodaram, é diferente.

— Elas te incomodaram?

Como o meu respeito poderia lhe incomodar?

— Você tá tirando suas conclusões e não me deixando fazer nada porque é o que você “acha” de mim.

Como?

— Seja mais clara, por favor.

Cloud se vira totalmente, olhando ao nosso redor antes de me enfrentar com o olhar afiado e decidido.

— Eu não consegui fazer nada por você.

Ela só pode estar de brincadeira.

— Você conseguiu — retruco. Sei do que ela está falando, eu só estou propositalmente me fazendo de sonso. — Você tá me poupando de ser denunciado por atentado ao pudor por causa da minha ereção. Como isso é *nada* pra você?

— Você acha que eu não consigo?

Deus.

Essa nunca foi a questão.

Nunca mesmo.

— Não consegue me fazer gozar? — Arqueio uma das sobrancelhas. — Não consegue fazer o seu *melhor amigo* gozar?

Ela desvia nossos olhares.

Quando me refiro a Cloud como melhor amiga ou quando me refiro a mim mesmo como seu melhor amigo sempre lhe causa isso.

O desvio.

A fuga.

Também faço isso de propósito.

Essa merda não vai durar pra sempre.

Então, é bom que ela comece a encarar a realidade em que estamos.

Não vou deixar de ser o seu melhor amigo, assim como ela não vai deixar de ser a minha melhor amiga, mas não vai ser isso que vai me impedir de lhe foder onde diabos eu quiser quando nós formos além.

Algo como melhores amigos e namorados.

E depois noivos.

E depois oficialmente casados.

— Você fica sempre falando isso... — Bufo. — Tá fazendo de propósito, né?

Pisco, clinicamente.

— Não sei do que você tá falando.

— Foda-se — cospe. — Responde a pergunta — pausa —, você acha que eu não consigo?

A verdade é que essa discussão está começando a me animar de novo... e eu só queria ficar quieto.

Cloud fala demais.

Ela é teimosa pra caralho.

Se estivéssemos sozinhos, daria outra ocupação para essa boquinha linda, mas isso aqui ainda é um encontro.

Eu preciso ser o príncipe encantado pra depois me apresentar como príncipe desviado.

— Eu sei que você consegue, meu anjo — digo o que ela, lá no fundo, quer escutar. — Como pode duvidar de si mesma depois de me deixar duro como pedra? Minhas bolas estão doendo e é culpa sua.

Elas doem há dias.

Nada alivia.

Punheta é inútil.

— Parece que você não confia em mim pra fazer isso...

Cruza os braços, apertando o urso entre eles.

— Caralho, Cloud. Não peça por algo que você claramente não está pronta pra fazer. — Minhas palavras cortam o ar entre nós dois. — Se você dissesse pra eu gozar, eu gozaria. No mesmo instante. Na mesma hora. Isso porque é você mandando em mim e já seria o suficiente. Não entendeu ainda?

Subo a mão até o seu rosto, deslizando-a por sua mandíbula até chegar em sua nuca.

Seguro o cabelo ali, apertando de um jeito que ninguém percebe, mas Cloud consegue sentir. Vejo o seu olhar vacilar. Suas pálpebras pesam, mas ela aguenta firme, bravamente.

Cloud não desvia dessa vez.

— Quer me fazer gozar? — pergunto, mas ela não responde. — Vamos voltar pra porra da roda-gigante, assim você vai ter tempo o suficiente pra me chupar e dar um jeito no problema que criou. É isso que quer escutar de mim? É o que quer fazer comigo?

Ela segue em silêncio.

Não assustada, mas sem reação.

Petrificada.

— Você é tão covarde, meu anjo. — Seus olhos reagem, estreitando-se em minha direção. — Não peça por algo que não queira fazer ou que não vá aguentar. Se não consegue lidar com meia dúzia de palavras sujas, acha que vai conseguir lidar quando meu pau estiver enterrado nessa boca atrevida, batendo no fundo da sua garganta apertada?

— V-Você...

Cloud Calloway está desnorтеada. Por completo. Cem por cento. E eu fico satisfeito com isso, é quase como ter um orgasmo.

— Tá vendo, meu anjo? — Meu sorriso se estica de um jeito perverso. Estou contente por minha provocação ter surtido algum efeito em sua cabeça teimosa. — Você consegue, Calloway. Você consegue me fazer gozar. Você só não quer fazer isso. *Ainda*. E eu não vou te forçar.

A garota ofegante lambe os lábios, orgulhosa pra caralho pra me dirigir a palavra novamente. Nós apenas nos encaramos, ambos irritados, mas, no fim, eu sei que estou certo.

Cloud quase me fez perder o resto de juízo existente em minha cabeça.

Se ela soubesse o quão difícil é não ceder a minha própria vontade de darmos o fora daqui e lhe fazer engolir meu pau dentro do meu carro, não ficaria tão irritada comigo.

É uma vontade que eu estou tentando repreender do fundo da minha cabeça e do meu coração.

É... proibido. Até então. Até agora.

Posso estar tirando conclusões precipitadas?

Sim, mas eu ainda preciso me proteger de alguma forma.

É justo com meu coração.

Mas não é com o meu pau.

— Vamos continuar com o nosso encontro? — pergunto, arqueando uma das sobrancelhas enquanto eu suavizo o aperto em sua nuca e a solto.

Com uma longa respiração, Cloud parece finalmente controlar seus questionamentos e impulsos.

Eu deveria ser o único chateado aqui e não estou.

— Você já tá bem? — Ela olha entre nós de novo, provocando.
— Parece que não...

Reviro os olhos, mas não consigo evitar o riso que me escapa automaticamente.

Rancorosa do caralho.

— Cinco minutos e nós continuamos — informo.

— É tão bom assim nesse jogo mental, Arkins?

Ah, filha da puta.

Porra.

— Não faz isso comigo.

— Você foi o único que me negou.

— Você foi a única que não conseguiu formular uma resposta decente pra mim.

— Isso é injusto — acusa. — Fala como se fosse fácil pensar com alguém como você me tocando daquele jeito.

Alguém como eu?

Isso é interessante.

— O que quer dizer com “alguém como eu”?

— “Alguém como você” que sabe o que tá fazendo...

E ela não está errada.

Eu realmente sei o que estou fazendo.

Principalmente com Cloud.

Estou tentando calcular cada um dos meus passos e movimentos.

— Pensei que seria algo do tipo “alguém como você que é gostoso pra caralho”.

— Essa sua autoestima deveria ser encapsulada e vendida no mundo todo. Algumas pessoas realmente precisam, fora que tenho quase certeza de que estaria sempre esgotada pela grande procura.

— Esse é o preço que eu pago por ser gostoso, inteligente, recatado e do lar: o julgamento da garota que eu mais amo no mundo.

— Recatado e do lar? — Cloud ri alto, jogando a cabeça pra trás enquanto zomba da minha cara. Que bom que ela está se divertindo de novo. Eu só falo essas merdas para lhe arrancar essas risadas gostosas. — Você pode ser tudo, menos recatado e do lar.

— Não negou a parte do gostoso e inteligente, né?

Um sorriso malicioso ergue o canto esquerdo da minha boca.

— Não faria um acordo com um cara feio e burro — rebate.

— Esse é o seu jeito de me elogiar? — Nós rimos. — Você deveria melhorar um pouco, meu anjo. Pode ser mais direta comigo, perder essa vergonha toda. — Estalo a língua no céu da boca, balançando a cabeça em negativa. — Em pensar que tava doida pra me fazer gozar. Não consegue nem me chamar de gostoso...

Cloud acerta o urso de pelúcia no meu peitoral.

O meu sangue está mais frio.

Voltei oficialmente ao controle do meu corpo, e com corpo eu quero dizer: pau.

— Para de falar sobre isso, você não deixou, então não tem direito nenhum de me provocar.

A morena me acerta de novo. Agora na cabeça.

— Você vai ter que pedir com todas as letras se quiser.

— Vai esperar deitado, então — rosna pra mim como uma gatinha selvagem.

Linda pra porra.

— Você prefere que eu fique deitado pra vir por cima, anjo? Parece o paraíso pra mim desse jeito...

Ela rosna de novo.

Cada palavra que sai da minha boca empurra um botão vermelho dentro de sua cabeça.

É engraçado e sexy como a porra do inferno.

Eu quero rir e lhe fazer contorcer por mim novamente. Tudo ao mesmo tempo.

— Perverso — acusa.

— Falsa puritana.

— Pecador.

— Anjo.

— Idiota.

— Linda.

Ela revira os olhos.

Minha mente projeta Cloud revirando os olhos em vários cenários proibidos para menores de dezoito anos.

— Você sabe que eu não resisto — brinco, passando o braço por seus ombros e beijando a lateral da sua cabeça. — Você é muito linda até quando me xinga. Isso deveria ser proibido em todos os países, meu anjo. Todos.

— Não dá mesmo pra brincar com você.

— Dá sim, só não como você tá querendo implorar.

— *Ashton*... — diz, entredentes.

— Tá bom, tá bom — engulo o riso antes de ser agredido novamente —, o que você quer comer, meu anjo? Não tava com fome? É só pedir que eu compro.

— Vou te dar prejuízo só de raiva — ameaça.

— Pequeninha desse jeito, a única coisa que você vai conseguir me dar é um leve incômodo no calcanhar quando tentar me agredir de novo aí de baixo.

Sinto o seu olhar incrédulo sobre mim.

— Eu não sou tão baixa assim.

Ela não é mesmo.

Quero dizer... até que é. Pelo menos pra minha altura.

Mas eu já estou acostumado com a nossa diferença de altura.

É normal. E eu gosto da minha mulher bem menor do que eu.

Na atual conjuntura das coisas, isso só quer dizer uma coisa: vou comer Cloud algum dia com ela pendurada em meus braços, sem sequer conseguir colocar o pés no chão.

— Hambúrguer com milkshake? — pergunto, tentando fugir dos meus malditos pensamentos necessitados.

Está difícil pra caralho.

Eu preciso me aliviar.

Urgentemente.



LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
11:02 PM

Sempre tive um bom autocontrole, mas eu ainda não tinha chegado na fase em que ele se tornaria bom *pra caralho*.

Essa era a fase.

Era idiota estar notando isso a essa altura, mas era realmente incrível como, mesmo com a pele ardendo, com a vontade e desejo praticamente rasgando por minha garganta, ainda assim conseguia ser paciente com ela... por ela.

Depois do pequeno e delicioso incidente na roda-gigante, Cloud e eu continuamos e finalizamos nosso encontro do jeito mais perfeito possível.

O encontro foi perfeito.

Pelo menos para mim.

Pelo rosto feliz da minha garota, que veio o caminho todo de dedos entrelaçados nos meus e descansando a cabeça no vidro do carro, parece que também foi perfeito pra ela.

Nós chegamos no prédio do seu dormitório tem uns cinco minutos.

Nos enrolamos na escada propositalmente.

Eu não queria que o encontro acabasse nem fodendo.

Eu queria mais.

Mais dos seus beijos, do seu gosto, dos seus toques.

Beijando o pescoço de Cloud uma última vez e arrancando uma risada nasalada sua, ela grunhe enquanto tenta novamente encaixar a chave no trinco pra abrir a porta do seu dormitório.

Eu sei que a garota está tentando manter o silêncio e a calma, mas eu gosto de fazer sua vida um pouco mais difícil do jeito que ela faz a minha.

— Para com isso, a Hazel deve tá dormindo e ela não pode nos ver assim... — sussurra pra mim, virando o rosto o suficiente pra me fazer roubar um beijo seu. — Ashton! — geme. — Da última vez ela tava me esperando atrás da porta e me deu um susto do caralho. Eu quase fui de linha direta pro céu.

Seguro o riso.

— Você é o próprio céu, meu anjo.

— *Ash...* — ronrona, derretida de um jeito insuportavelmente sedutor. O barulho da porta destrancada me faz afastar o rosto para encarar o seu no mesmo momento em que Cloud se vira toda pra mim. — Para. Sério.

Ela quer rir.

Ela não quer que eu pare.

Eu não quero parar.

Mas nós precisamos. *Ponto.*

— Você não quer ir comigo pra casa? — sugiro, mais como um pedido.

— Não posso, eu tenho aula e você também...

— Posso dormir com você, então?

Ela suspira e morde o lábio obscenamente lindo.

Gostosa do caralho. Perfeita pra porra.

— A minha cama de solteiro é desconfortável para alguém do seu tamanho.

— Até o chão é confortável quando estou com você, meu anjo.
— Toco seu rosto o mais suave que consigo, enfiando uma mecha do seu cabelo para detrás da orelha. — Me aceita na sua cama, Calloway. Por favor.

O ar sai por seus lábios agora entreabertos enquanto ela encara os meus.

Está obviamente difícil para nós dois.

— Vai se comportar?

Tenho certeza de que a cena parece engraçada vista de fora.

Nós dois no meio de um corredor escuro e vazio, sussurrando como dois idiotas um com o outro... malucos pra caralho de vontade um do outro.

É sim engraçado.

Engraçado e burro.

— Tentarei o meu melhor.

— Ashton Arkins.

É absurdo como ela fica gostosa toda mandona.

Deixaria você mandar em mim pelo resto da vida, Calloway.

— Tentar já é alguma coisa — defendo meu ponto.

— A Hazzie deve tá dormindo e você sabe muito bem que a minha cama não é tão boa e silenciosa quanto a sua, então não faz nenhuma besteira ou eu te mato.

Sorrio de lado.

— Beijos são besteiras?

— Sim — junta as sobrancelhas numa careta —, nem pense nisso.

— Caralho, como é difícil avançar com você, anjo.

— É, eu sei...

Cloud fica pensativa por um instante, como se ela estivesse refletindo sobre algo muito, muito específico, mas eu não a deixo ir longe demais. Seu costume de viajar em seus próprios pensamentos é constante desde que nos conhecemos. É um dos seus pequenos e quase imperceptíveis detalhes que nunca deixei passar e que eu amo de paixão.

Inclino meu corpo em direção ao seu, juntando nossas bocas num beijo rápido, só para tirá-la daquele lugar.

— Tá tudo bem ser difícil — comento, calmo. — Se alguém tiver que te ter, essa pessoa precisa merecer. Todo esforço pra conseguir ter uma garota como você do lado é válido.

— Não tente massagear o meu ego, isso não vai funcionar.

Ela dá um passo pra trás. Divertida, leve e provocadora.

— Garota difícil... — zombo.

— O que ainda tá fazendo aqui se eu sou tão difícil assim?

É aí que nós começamos a flertar sem nem querer.

Quero dizer, da minha parte eu quero pra caralho.

Mas Cloud naturalmente sempre correspondeu, como se fosse algo simplesmente destinado a acontecer.

A parte ruim é que ela nunca notou de fato os flertes.

Pelo menos é isso que deixa transparecer.

— Do que você está falando? — Cruzo os braços em frente ao meu corpo. — Eu sou o seu namorado.

— E professor — adiciona.

— Você também é minha professora — rebato, nem um pouco afetado por ela ter me lembrado a palavra adicional da minha

posição atual. — Uma mão lava a outra... e a minha pelo menos tá fazendo um bom trabalho.

Ela se engasga com o ar.

Minha risada escapa e por um momento eu me sinto mal por pegar tão pesado com Cloud, mas é esse o jogo.

Tudo ou nada.

E já tem um tempo que eu decidi partir pro tudo.

— Como você é baixo... — acusa, me dando as costas naquela sua versão envergonhada que me deixa ainda mais vidrado. — Baixíssimo — completa.

Passo os meus dois braços por sua cintura pequena, beijando seu pescoço copiosamente num pedido de desculpas silencioso, mas isso só dura por cinco segundos, porque no sexto Cloud já está me empurrando se novo pra longe.

— A gente vai entrar no quarto, se controla — murmura pra mim, repreendo-me como se fosse minha mãe.

Caralho.

Continuo tendo zero dias de paz.

Deixo que Cloud escape de mim quando ela coloca a mão na maçaneta, girando e dando os primeiros passos pra dentro do seu dormitório. O lugar está escuro como sempre, é o normal. A pouca luz que sombreia o cubículo vem da janela de vidro, mas, ainda assim, não é grande coisa.

Fecho a porta atrás de nós dois e quando eu tento alcançar Cloud, o primeiro barulho vem.

É um gemido.

Meus olhos ficam automaticamente... grandes.

Cloud vira na minha direção e eu só sei disso porque o ar muda.

Ela fecha a distância entre nós, ligando a luz de uma vez e nos colocando dentro da cena mais engraçada e preocupante de toda minha vida.

Sinto que estou olhando um pouco demais, e mesmo que isso nunca tenha sido um problema pra mim, por respeito a Hazel e a minha garota, viro de costas no mesmo instante.

O corpo do meu melhor amigo está completamente disposto sobre o da garota ruiva. Eu sei que suas mãos estão em lugares que eu já toquei a minha própria garota, mas ver isso acontecendo com a sua melhor amiga não é a coisa mais legal do mundo.

Apesar de tudo, eu quero rir.

Rir pra caralho.

Como disse: engraçado e preocupante.

— Puta que pariu, que merda é essa?! — Cloud pergunta, chocada.

— *Meu Deus...* — Hazel solta, exasperada e bem provavelmente mortificada.

— Já posso virar? — pergunto com o riso engatado na garganta.

— Caralho, que *timing* horrível o de vocês dois — Charles reclama. — O que você tá fazendo virado de costas, seu frouxo? — zomba de mim.

— Vai se foder — rebato. Isso deve ser um sim. Viro-me na direção deles, pigarreando e finalizando com um: — Isso se chama *respeito*.

E talvez vergonha.

Em toda minha vida, poucas coisas já me deixaram com vergonha.

Noventa e nove por cento delas envolveram Cloud de alguma forma.

Essa está dentro do um por cento que sobrou.

Hazel é a melhor amiga da minha garota.

Depois do último ano, da proximidade e cumplicidade que se estabeleceu entre a gente, posso arriscar dizer que a considero como uma irmã. É claro que é nojento ver meu melhor amigo em cima da segunda garota no mundo que eu mais desejo proteger.

Sabia muito bem que pra isso — Charles e Hazel — acontecer, era só uma questão de tempo. E o tempo está aqui, rolando... *acontecendo*.

— *Será que vocês poderiam...*

Cloud não consegue continuar falando.

É certo que ela está com mais vergonha que eu.

Charles olha sobre o ombro na nossa direção. Ele ainda não moveu sequer um centímetro do seu corpo, embora Hazel pareça ter encolhido debaixo do idiota. Talvez ela esteja querendo cavar um buraco em algum lugar da superfície da sua cama.

Eles são caóticos.

Charles é caótico.

— Com todo respeito, por que vocês não vão aproveitar o dormitório do Ash? — o loiro finalmente pergunta, parecendo alguém normal apesar da sua notável provocação. Ele puxa o cobertor pra cima da ruiva antes de achar um lugar livre ao lado de Hazel pra cair. Pelo menos se preocupou com isso. — *Hein?* — insiste.

— Os meus olhos vão cair, juro que vão... — Cloud murmura sua reclamação ainda chocada. — Hazel... *sério?*

O meu melhor amigo estica os lábios vermelhos e inchados num sorriso abusado. Sei que ele está satisfeito com tudo. Por ter ficado com Hazel e por irritar Cloud.

É um efeito colateral e ele gosta disso.

Charles gosta de provocar e de incomodar.

Essa é basicamente sua personalidade.

— Tá falando da gente como se fôssemos dois feios se pegando — ele reclama. Envolvendo a garota num abraço, que ela faz questão de corresponder pra se esconder, Charles beija sua mandíbula ainda de olho na gente. — O que foi? Vocês querem assistir?

— Tenta ter um pouco de noção, Charles — peço. — Só um pouco já faz diferença. — Ele me enfrenta com o olhar. — Nem é por você, é por ela.

Hazel não fala nada.

Ela não merece essa porra.

Charles não precisa fazer isso com ela.

A garota ruiva é a versão feminina de Benjamin.

Eles são, na mesma medida, sociáveis e estranhamente retraídos.

Charles é dado.

Ele não pensa antes de falar ou de se expor.

Mas ele não está só se expondo, a garota está logo ao seu lado, e eu sei que ele se importa com ela, só precisa ser lembrado disso.

Rolando os olhos e suspirando longa e pesadamente, Charles cede, tomando consciência das minhas palavras.

Como eu disse: eu sei que ele se importa com ela, só precisa ser lembrado disso... por enquanto.

Hazel tira a cabeça de debaixo do cobertor, seu estado parecendo um pouco pior do que o de Charles. Seu rosto está mais vermelho que seu cabelo. Ele por inteiro. Ela não tem culpa nos olhos, mas parece profundamente constrangida por ter sido pega no flagra.

— Desculpa, a gente não... não planejou... só aconteceu.

"Só aconteceu" nunca vai deixar de ser uma desculpa tosca.

Eles não tropeçaram, caíram e "só aconteceu".

Isso faz a vontade de rir reacender dentro de mim.

— Olha... — Cloud tenta de novo. Me aproximo dela, tocando sua mão pra chamar sua atenção. Ela me olha rapidamente e eu balanço a cabeça negativamente. Ela não precisa se meter nisso, nem eu. — Que seja — murmura antes de encará-los de novo. — Só sejam mais discretos. Eu não vou me meter nisso.

— C... — Hazel tenta falar.

— Vou tomar um banho rápido.

A garota puxa a mão do meu toque, deixa o urso de pelúcia que eu ganhei pra ela em sua cama e sai catando tudo que precisa para se enfurnar no banheiro. Hazel fica de pé, seguindo Cloud toda desajeitada só para entrarem juntas no outro cômodo.

Chuto meu tênis para fora dos pés, sentando-me na cama de Cloud enquanto subo o olhar até Charles.

Estamos tecnicamente sozinhos.

Podemos conversar, ainda que por poucos minutos.

— Onde vocês estavam? — pergunta, confortável demais na cama da ruiva.

Ele pode até negar, mas está se envolvendo demais.

Espero que Charles tenha boas intenções.

Intenções que não magoem Hazel.

— A gente foi dar uma volta — respondo evasivamente. — Como isso foi acontecer entre vocês?

— A gente tá conversando, não dá uma de idiota, cara. Você já sabe disso — retruca. — Dando uma volta onde?

Estamos trocando perguntas como num interrogatório.

— Santa Mônica. — Dou de ombros. — E é sobre isso que tô falando: vocês estão apenas conversando, como essa merda foi acontecer?

— Merda, não. Mais respeito — ralha. — A gente conversa chupando a língua um do outro. Você deveria tentar isso com a C... ou já não estão tentando? — Pausa. — Foi um encontro? Finalmente tomou coragem?

Fico irritado e desconcertado.

Fodido do caralho.

— Fala baixo, porra — rosno. — E, não — minto —, não foi um encontro. A gente só foi andar por aí, aproveitar um tempo sozinhos antes da viagem. — Reviro os olhos. — Que bom que você pelo menos fez o que eu pedi.

— Como se eu fosse perder uma oportunidade de ouro dessa. — É claro que ele não perderia. Charles pigarreja. — Aproveitei pra fazer o dever de casa e fazê-la comer alguma coisa. — Meu amigo aponta para um amontoado de pequenas caixas brancas de papel em cima da mesa de cabeceira de Hazel. — Comida coreana. Tava

bom pra caralho, vou pedir outro dia pra você e pro pequeno Beckett provarem.

Pequeno Beckett.

Ele pegou mesmo a mania da Sloan.

Um dia o Benji ainda vai infartar com esses dois.

— Pelo menos isso, né... — provoco. — Cuida dela enquanto vocês estiverem perto um do outro.

— De todas as formas possíveis.

Sua voz é completamente maliciosa.

Filho da mãe.

Hazel se junta a nós depois de uns cinco minutos.

Ela e Cloud provavelmente tiveram o seu necessário momento à sós.

Quando a ruiva se senta ao lado de Charles, ela parece tão retraída quanto antes. Nós continuamos conversando, não sobre eles dois, mas sobre qualquer coisa só pra quebrar o clima e desfocar de cima de Hazel.

No momento em que Cloud sai do banheiro, de banho tomado e pijama colocado, Hazel já está tranquila, rindo comigo e com Charles de qualquer besteira que o idiota falou.

Mas é aí que eu desfoco de tudo e presto atenção nela.

Cloud está cheirando a morango.

É bom. Isso me deixa agitado.

— Vai tomar banho também? — ela pergunta, parando na minha frente enquanto seca o cabelo escuro.

Minhas mãos formigam, enquanto a vontade que tenho é de plantá-las em sua cintura e colocá-la em meu colo. Eu quase faço isso. Mas nós não estamos sozinhos.

— Claro — concordo.

Ela percebeu que eu mudei.

Dando alguns passos pra trás, Cloud segue até o seu armário e eu a acompanho.

— Vou pegar alguma coisa pra você vestir — informa.

— Vocês parecem casados — Charles comenta de algum lugar atrás de nós, enrolado com Hazel.

— Sempre falo isso — a ruiva concorda.

É bom saber disso. Que todos nos olhem assim e entendam que essa garota é minha e, principalmente, que eu sou dela.

— Nós somos apenas melhores amigos — repito as cinco palavras favoritas de Cloud, deixando ironia escorrer por cada uma delas. — Ela cuida de mim como uma melhor amiga deveria cuidar.

Os dois riem.

Cloud joga uma das minhas calças de moletom com uma camisa e toalha limpa em cima de mim.

— Ginger, você quer ser minha melhor amiga também?

Charles, você é um puto do caralho.

É por isso que eu te amo.

— Você tá zombando da nossa amizade? — Cloud avança, passando por mim e fuzilando meu amigo com o olhar. — Vai se foder, idiota.

— Calma, gatinha, eu tava falando sério...

— Enfiando a língua na boca da Hazel e depois zombando da minha amizade com o Ash. Sério mesmo?

Me inclino em sua direção.

— *Minha língua tava na sua boca quinze minutos atrás* — murmuro no pé do seu ouvido, fazendo uma concha com a mão pra

eles não lerem meus lábios.

A morena vira, me acertando com força, completamente sem jeito e raivosa. Começo a rir, encarando o seu rosto vermelho como um tomate com aquela vontade louca de lhe beijar de novo, mas Cloud não me dá nenhuma chance.

— Vai tomar banho, seu porco — acusa, me empurrando pro banheiro.

— O que foi que ele disse? — Hazel pergunta, rindo com Charles.

— Piadinha interna dos dois... — meu amigo diz o óbvio.
Não é bem uma piada.

É só um fato que não pode ser exposto. *Ainda*.

— Não foi piada não — eu nego, na porta do banheiro.

Olho pra trás, achando Cloud fumaçando de raiva.

— Não foi piada, é?

— Foi piada sim — Cloud rebate a pergunta de Charles. — Agora vai tomar seu banho antes que eu te ajude e te afogue de brinde na privada.

Doce como uma patada de cavalo.

Como ela é doce.

Esse é seu diferencial.

— Vocês já estão assim? Ajudando um ao outro no banho?

— Eu vou matar esse cara — Cloud diz, seguindo até a cama de Hazel.

— Não deixa, ginger. Me protege dela! — Charles coloca a outra na frente dele.

E depois eu que sou o frouxo.

Entro no banheiro escutando a gritaria de dentro do quarto com um sorriso no rosto e um riso escapando pela garganta.

Não trocaria eles por nada.

Absolutamente nada.

Dinheiro, poder, fama.

Nada disso seria significativo pra mim se faltasse uma dessas pessoas na minha vida.

Foco em tomar um banho rápido, mas acabo demorando um pouco mais do que deveria quando sinto a água gelada acalmar meu corpo e pensamentos. Era disso que eu estava precisando pra sobreviver a mais uma noite ao lado de Cloud Calloway.

Enquanto visto as peças que ela escolheu pra mim, penso sobre isso.

Jesus, é infernal pra caralho resistir.

Precisa de mais esforço mental do que eu poderia imaginar.

Boto os pés pra fora do banheiro depois de quinze ou vinte minutos. Eu não sei dizer ao certo. As luzes do cômodo já estão desligadas e o quarto está novamente envolto na penumbra escura de antes.

As risadas de Charles e Hazel são tudo que consigo escutar, enquanto tudo que eu vejo é Cloud usando o celular, quieta e de olhos vidrados.

Aproximo-me da sua cama, observando-a atentamente.

Cloud deixa o celular de lado quando percebe minha presença, se afastando apenas o suficiente para que eu possa me deitar ao seu lado. Jogo a toalha em cima da sua mesa de cabeceira, tomando meu espaço e relaxando sobre o colchão.

Puxo metade do seu corpo pra cima do meu, satisfeito e confortável.

— Tá mais calma, minha pequena fera? — brinco, deslizando uma das mãos por debaixo da camisa folgada e achando sua pele morna. A morena não responde de primeira, ela só dá um jeito de nos cobrir com o edredom macio e descansa o rosto no meu pescoço. — O gato comeu sua língua ou o quê?

— Ainda tô irritada com vocês.

— Tô mesmo dentro desse "vocês", anjo?

Nossa conversa se passa em sussurros arrastados.

— Sim — concorda, a manha escorrendo por sua voz doce. — Você me provocou junto deles ao invés de me defender.

— A gente só tava brincando, meu anjo... — Sorrio de lado. — Por que está sendo tão dramática?

— Não é drama — rebate. — Uma hora você vai deixar escapar o que estamos fazendo...

E isso não é um problema pra mim.

Se pudesse, o campus inteiro já estaria sabendo.

— Relaxa, eu não vou deixar escapar nada — garanto, mesmo que a contragosto.

Cloud suspira.

O silêncio que se estabelece entre nós dois é quebrado por um gemido baixo de, provavelmente, Hazel.

Vou sair traumatizado desse quarto.

E eu nem sou santo.

— E se eles estiverem transando? — Cloud pergunta pra mim num murmúrio preocupado.

— Eles não estão, anjo. O Charles é doido, mas nem tanto...

Isso é mentira.

Eu não posso garantir nada.

Só não quero que Cloud surte.

— Meus ouvidos vão sangrar — dramatiza. O som molhado de beijo vem. — Eles estão se beijando. — Que bom que eu não sou o único percebendo isso. Seguro o riso, porque o seu tom de voz está cada vez mais horrorizado e irritado. — Será que eles não tem o mínimo de vergonha?

Aperto seu corpo um pouco mais contra o meu, rindo.

— Não é como se a gente pudesse reclamar dos modos deles, anjo...

Ela afasta o rosto pra me encarar.

Seus olhos castanhos brilham mesmo no meio do escuro.

— Podemos sim — afirma com os dentes rangendo. — Esse dormitório é meu e dela, é claro que eu posso reclamar dessa pouca vergonha. — Mais sons. Molhados. Eles não vão mesmo parar de se beijar? — Olha...

— Já fizemos o mesmo com nossos amigos no quarto.

Tento, como posso, amenizar a situação... mas é complicado.

Seu corpo pequeno contrai de vergonha sobre o meu.

— O dormitório é seu e você faz o que quiser...

— E eles eram meus convidados. *Nossos* convidados — zombo. — Não foi educado da nossa parte fazer o que fizemos, embora eu não tenha nenhum problema em repetirmos a dose nesse exato momento.

— Não fode, Ashton.

— Fodo sim. — Sorrio. Puxo a coberta até os seus ombros, deslizando minhas mãos pelo seu corpo deliberadamente até

plantá-las em sua bunda grande e redonda. — Não se preocupe com eles dois, se preocupe com nós dois. Isso é o que realmente interessa, principalmente com a minha primeira viagem batendo na porta. — Esbarro nossos narizes. — Vai sentir minha falta?

Com um suspiro pesado de quem finalmente está cedendo, Cloud acena positivamente, esfregando de leve as pontas dos nossos narizes.

— Você pergunta já sabendo a resposta...

— É gostoso quando você admite as coisas — confesso.

O tecido fino do seu shorts folgado enrola nos meus dedos quando eu aperto a sua carne por cima dele. Cloud arfa, segurando um gemido estrangulado no último segundo. E eu nem apertei tão forte...

— Vou sentir sua falta pra caramba, Ashton, agora para de me tocar assim... isso dói.

Dói?

Meu sorriso vai se desenhando automaticamente.

Ela mente tão mal...

— Não mente pra mim — exijo. — Você gosta, só não gosta de admitir.

— Você acha que sabe de tudo, não é? Que sabe todas as respostas pra absolutamente tudo...

Suspira, escorregando o braço direito por meu ombro e mordendo meu lábio inferior, só pra lamber a extensão segundos mais tarde.

— Eu sei tudo sobre você, é diferente.

Mordo o seu lábio de volta, sugando-o entre os meus e chupando por fim.

— Convencido.

— Realista — corrijo. — Quanto mais a gente se envolve no meio de tudo isso, mais eu percebo que...

Paro de falar assim que retomo minha consciência no meio daquela porra de desejo, luxúria e vontade do caralho.

— Percebe o quê?

Subo as mãos por suas costas, infiltrando-as por dentro de sua camiseta.

— Não tenho como falar isso sem que soe estranho — admito.

— Só fala.

— Não.

— *Ashton*... — pede.

— Outro dia eu falo — prometo. Inspiro o seu cheiro gostoso, beijando seu queixo repetidamente, enquanto trilho até seu pescoço. — Quer jantar comigo e com meus pais amanhã? — pergunto.

— Com seus pais? — resmunga confusa. — Ocasão especial?

— Não — dou de ombros, mordiscando sua pele —, só um jantar como os de sempre. Seus pais vão estar lá também...

— Por que não fiquei sabendo nada sobre isso?

— Porque eu fiquei encarregado de te avisar.

Sorrio, não resistindo antes de lamber e abocanhar a lateral do seu pescoço.

A pressão que faço ao chupar sua pele se envolve na minha virilha como um redemoinho. Isso me deixa vidrado pra caralho, especialmente quando sinto seu corpo endurecer e relaxar copiosamente sobre o meu.

— Para — choraminga.

Separo os lábios dali, sorrindo pela merda que eu fiz.

Ela vai me matar.

— Você vai? — desconverso. — Vou dormir por lá amanhã, sair bem cedo pro CT e depois pro aeroporto com o resto do time.

— Você me deu um chupão? — questiona.

— Sim — ergo uma das mãos até o seu cabelo úmido —, se incomoda, meu anjo?

— Eu disse pra você não fazer isso.

Ah, foda-se.

— Pensei em te deixar de presente para que não se esqueça de mim durante a viagem...

Cloud enfia uma das mãos por dentro da minha camiseta, me arranhando no abdômen e deixando meu corpo inteiro duro com sua atitude.

Suas unhas, mesmo curtas, encontram caminho por minha pele dolorosamente. Ela desliza o corpo com facilidade sobre o meu, tirando minha mão dos seus cabelos enquanto enfia o rosto novamente no espaço entre meu pescoço.

Nunca pensei que um dia ficaria duro por causa de um chupão, mas eu estava ficando.

De novo.

Em mais alguns dias, virarei estatística no jornal da Califórnia.

Jovem morre aos vinte e um anos por causa do seu pau duro.

É tão tosco e amador.

Essa é a segunda vez que penso nisso, mas é realmente admirável o controle que ela tem sobre mim.

É como se eu voltasse a ser um virgem, louco e necessitado por alívio. E nem isso eu estava me dando sozinho, porque não funciona como funciona com ela me atijando com o mínimo.

A porra do mínimo é o máximo.

Seus lábios fecham ao redor do ponto específico que ela escolhe marcar, rolando a língua sobre minha pele, mordendo e chupando.

Cloud não faz isso por fazer.

Ela me morde com força, suga minha pele com avidez.

Isso me faz imaginar sua boca macia ao redor do meu pau, lambendo, chupando, sugando...

— Você precisa parar — murmuro pra ela, levando novamente a mão até seus cabelos. Suas pernas abraçam a minha perna esquerda, encaixando perfeitamente ali. — Meu anjo, ou você para, ou...

A morena separa a boca de mim.

Inspiro profundamente, sentindo o ar gelar onde sua saliva está plantada.

— Um presentinho pra você não esquecer de mim em outra cidade — diz, ofegante.

Minhas mãos tremem.

— Caralho, anjo...

— Amanhã — avisa.

Ainda estou desnortado, tentando me situar com aquele maldito tesão consumindo a minha mente.

— O quê? — pergunto, lentamente.

— Eu quero uma aula especial — afirma, sem mais delongas. *Especial?* — Não vou deixar você viajar tendo feito tanto

por mim, e eu nada por você.

Merda.

Ela não está falando sério... certo?

Eu não vou...

— Você...

— Não me diga o que fazer — atira. — Eu decido por mim mesma. É isso ou eu vou procurar outro professor... outro namorado.

É o caralho que vai.

— Você não vai procurar porra nenhuma — aperto os dedos nos fios, puxando seu rosto em direção ao meu —, entendeu?

Nossas bocas esbarram.

— Então a gente vai ter a aula especial? — pergunta num sopro.

— O que você quiser, Calloway.

— Perfeito, Arkins.

Seu sorriso é cheio de más intenções contra a linha firme e irritada que se formou em meus lábios.

A ideia de ter outro cara provando do que é meu, me deixa louco.

— O que você tá planejando?

Cloud me beija. É apenas um estalo mudo.

— Você vai ver só.

Ela é o motivo pelo qual eu respiro e pelo qual o ar falta em meus pulmões.

Simples assim.

Amanhã.

O que ela vai fazer amanhã? Eu não sei, mas acho que nem vou conseguir dormir pensando nisso.

30

PRÉ-VIAGEM

*“Eu quero te deixar faminta,
depois quero te alimentar.
Eu quero pintar seu rosto
como se fosse minha Mona Lisa.”*
I WANNA BE YOU SLAVE — Måneskin

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
07:30 AM
16.09.2022

— Meu anjo... é hora de acordar.

A voz grave de Ashton Arkins se infiltra em meus ouvidos e é a primeira coisa que eu consigo perceber ao despertar aos poucos forçadamente.

Tento murmurar alguma coisa que não faz sentindo nem pra mim mesma, me sentindo mais sonolenta do que qualquer outra coisa, enquanto os beijos que o jogador começa automaticamente a espalhar em meu pescoço não me dão nem um pouco de paz.

Deixo um longo suspiro escapar por minha boca, me aconchegando nos braços firmes e confortáveis que rodeiam meu corpo naquela posição perfeita.

— Me deixa dormir mais um pouquinho — choramingo, virando o rosto na sua direção ainda de olhos fechados e subindo completamente sobre seu corpo para enfiar o rosto no espaço livre do seu pescoço. O cheiro de Ashton é tão bom, tão calmante... — Poderia passar a vida toda aqui e não reclamaria de nada, eu juro — admito o que estava prestes a pensar.

Isso não é uma mentira.

Poderia mesmo.

E não reclamaria.

Olha que eu gosto de reclamar...

Mas isso seria... incrível.

Ele é confortável, cheiroso... e a gente meio que encaixa bem.

Perfeito, eu diria. De novo.

Apenas perfeito.

Posição perfeita, encaixe perfeito.

Garoto perfeito.

Sua risada fraca e inaudível balança meu corpo enquanto suas mãos grandes sobem pela lateral do meu corpo para, logo em seguida, descerem.

Arfo quando seus dedos gelados encontram minha pele por debaixo da barra do meu *shorts*. Se ele está testando um novo e

muito eficaz jeito de me acordar, esse é um bom para se apostar.

— Eu também poderia — murmura a confissão de volta perto da minha orelha, beijando minha mandíbula suavemente logo em seguida. — Mas preciso passar no centro de treinamento agora cedo. Tenho uma reunião de praxe antes da viagem... coisa de rotina.

Os seus dedos longos escorregam por minha pele e eu quase...

— *Não...* — choramingo, engolindo um pequeno gemido. Selo os lábios no seu pescoço, escovando sua pele suavemente. Sinto o corpo de Ashton tremer e sorrio contra a carne quente dele. — Fica mais um pouco comigo? Por favor...

Ele sobe as mãos, para o meu alívio, plantando-as na base da minha coluna.

— Porra, meu anjo. Você não pode falar assim comigo — resmunga, soando mais sério do que eu gostaria.

— Por que não? Só quero ficar te abraçando... é tão gostoso... E isso é apenas a verdade.

— Porque você me faz odiar o futebol por ter que te deixar pra ir jogar.

Solto uma risada nasalada, divertida.

É sério isso?

— Queria poder te pedir pra não ir...

— Isso é tortura psicológica, Calloway.

Mais uma risada.

Não consigo não achar graça dele.

É um sofrimento real, e o pior de tudo isso é que eu sofro junto.

— Tortura psicológica é você ter que levantar todos os dias às cinco e meia, no máximo seis, da manhã, pra ir treinar e literalmente trabalhar...

— Meu anjo, isso faz parte — Ashton afirma entre uma risadinha. Claro que ele ria... esse cara ama me ver sofrer por ele. — Tô trabalhando pra poder comprar uma mansão do caralho e encher ela de pirralhos e pirralhas para que no futuro eles possam me sustentar de volta. Eu e a mãe deles.

Levanto o rosto, sentindo que finalmente despertei. Principalmente diante da sua última sentença. Uma mansão com um monte de pirralhos e pirralhas?

— Não era você que não queria namorar... tipo... há uma semana?

Ashton sorri de lado.

Aquele sorriso sacana de quem sabe que falou algo irritante.

E, sim... foi irritante.

Não sei dizer exatamente o motivo, mas foi.

Acabei de abrir os olhos e já estou no meu limite, e isso é totalmente culpa do cara que está na minha frente.

O rosto amassado, o cabelo bagunçado, os olhinhos pequenos de sono. Meus pensamentos tentam ir para um lado levemente proibido diante da imagem que tenho, mas eu consigo me parar antes de alcançar esses lugares estranhos dentro da minha mente.

Ele só está despretensiosamente lindo.

Como de costume.

Que raiva!

— E agora eu tô nam...

Empurro as mãos contra seus lábios, arregalando os olhos como se tivesse acabado de levar um choque.

Do outro lado do dormitório, Charles e Hazel estão dormindo na cama da minha melhor amiga. *Eu acho*. Talvez eles possam estar acordados, nos bisbilhotando, então é melhor prevenir do que remediar.

Não sei o que diabos falaria caso eles descobrissem o que está rolando entre Ash e eu.

— Desse jeito você vai acabar nos entregando — murmuro pra ele num tom exasperado de puro desespero.

Ash ri, puxando minhas mãos do meio antes de beijar cada uma delas.

— Acho que você tá falando mais alto do que eu, anjo — retruca quase no mesmo tom que eu usei, só que mais calmo, baixo e contido. — Só ia falar que agora eu tô namorando. Não ouviu falar por aí?

Arqueio uma das sobrancelhas.

Meu rosto vai esquentando gradativamente.

Lentamente.

De pouquinho em pouquinho.

É claro que ele está falando da gente, mas isso ainda é...

— Não brinca com esse tipo de coisa, é só um acordo.

Ashton revira os olhos, aparentemente sem paciência.

— Então pronto, anjo. Eu vou indo.

Ele me deixa de lado com facilidade e fica de pé.

— *Não!* — exclamo de supetão. Charles e Hazel se remexem do outro lado. Quase não respiro, enquanto eles continuam

dormindo, juntinhos. — Vem cá... — peço, torcendo meu lábio inferior num bico.

O jogador me avalia por cinco segundos, mas eu juro que eles mais se parecem com cinco horas.

— Vai continuar falando sobre o acordo?

Mas que merda.

É a porra de um acordo.

Eu preciso lembrar disso. O tempo todo.

Engolindo meu orgulho e meu conflito interno, retruco:

— Não.

— Promete?

— Prometo.

Balanço a cabeça positivamente, pra cima e pra baixo.

— Se continuar falando sobre ele, isso não vai rolar, não vai dar certo, e você quer que dê certo... não?

— S-Sim — gaguejo. — Eu quero. Muito.

Mas no momento eu só quero mais alguns minutos com Ashton.

Ele anda de volta em minha direção e me empurra contra o colchão sem a menor força. O corpo enorme de Ashton cobre o meu no meu próximo piscar de olhos.

É de tirar o fôlego.

— Consegue aguentar meu peso? — questiona, depositando um beijo no meu queixo.

Controle-se, Cloud.

Controle-se.

Tenha força de vontade.

Tenha ânimo pra resistir.

Você consegue.

— Por cinco segundos, *sim*. — Os beijos de Ashton deslizam do meu queixo para o meu pescoço. Sinto a sua língua correr por minha pele... e eu quase... quase... — É melhor parar com isso — comento, ainda no controle de tudo. Eu acho. De novo. — Pode ir embora, se quiser — completo.

Ele ri.

Então me morde.

E eu quase solto um gemido.

Isso não é hora, nem lugar.

A gente não pode...

— Agora você quer me chutar pra fora? — reclama, fazendo cada palavra reverberar contra mim. — Logo agora, Calloway? — provoca, me tentando como só o diabo faria. — Tem medo de mim, meu anjo? Tá em pânico?

Medo?

Em pânico?

Bom, meio que em pânico sim. É perigoso.

Nossos amigos estão logo ali...

Mas, medo?

— Por que eu teria medo de você?

As palavras saem de mim de alguma forma.

Quando ele morde e chupa minha pele, é só... bom demais.

A pressão que Ashton faz com a boca, o jeito que ele afunda os dentes em mim, a forma como meu corpo desmancha... isso vai ecoando por debaixo da minha carne, por dentro das minhas veias... e tudo se concentra entre as minhas pernas.

É um aperto maldito e irritante.

E eu só sinto que preciso de alívio.

Como o que Ashton fez por mim na roda-gigante.

— Porque você tende a fugir quando eu tô perto demais...
quando eu te toco.

Culpada.

Eu faço isso.

Mas...

— Tenho meus próprios planos pra hoje — solto sem
dificuldade. — Não quero que você seja apressado e estrague tudo.

Ashton separa os lábios de mim.

Ele se afasta um pouco para nos encararmos e quando isso
acontece, sinto meu corpo inteiro se arrepiar. Os orbes escuros do
meu melhor amigo nunca falharão em me deixar hipnotizada.

É uma sina.

Mais como um *karma*, na verdade.

— Posso saber o que é isso que você tanto planeja, anjo?

— Vou apenas fazer um pedido quando chegar a hora certa, a
aula é você quem vai me dar, *namorado*.

Sou levemente irônica ao chamá-lo de namorado, mas isso é
apenas pra provocar. E funciona. Ashton semicerra os olhos já
pequenos em minha direção, me avaliando com tanta dedicação
que eu quase desintegro ali mesmo.

Mais arrepios. Mais forte. Mais intensos.

Essa coisa entre a gente nunca vai ser uma batalha justa.

Eu sempre me derreto muito rápido.

Me desconserto. Me envergonho.

É como se a minha mente parasse de funcionar e eu
simplesmente cedesse, mas, honestamente, isso já está perigoso

demais pra nós dois.

Perigoso demais.

— Espero entender do assunto — comenta, deitando-se em cima de mim lentamente.

Seu peso vai se espalhando e eu seguro a respiração por alguns instantes para tentar suportá-lo pelo máximo de tempo possível.

— Você, com certeza, entende.

— O que te dá toda essa certeza, anjo?

— Só tenho um pressentimento a respeito disso — rebato. Então, pigarreio, não resistindo mais. — Posso te fazer uma pergunta? Uma pergunta séria?

Ashton sustenta todo peso do corpo nos cotovelos e eu finalmente respiro apropriadamente. Isso foi bom. Relaxante. Gostoso. Me sinto até mais leve.

— Outra? — zomba.

— É, outra.

O jogador concorda com um aceno e completa com palavras:

— Você deve.

Como bem pensei: não dá mais pra resistir, e eu tenho resistido desde o *high school*.

Isso é tempo demais.

Chegou a hora.

A hora mais esperada.

— Bom... — Meu rosto esquenta num piscar de olhos. — É só que eu... eu queria saber se você já mediu o seu... bom, você sabe o que...

— *Quê?!*

A expressão de surpresa no rosto de Ashton é impagável. Ele parece não acreditar que eu tive a coragem de lhe fazer tal pergunta.

De certa forma, também não acredito.

Uma vontade súbita de rir me toma, mas eu sei que esse não é o momento, nem o lugar, então eu simplesmente seguro aquilo no peito, tremendo levemente pelo esforço que faço.

Não posso estragar um momento sério como esse, com um questionamento sério e que requer uma resposta séria e sincera.

Ashton vai mesmo se fazer de desentendido ou isso é apenas surpresa demais?

Olho para o lado, checando e tendo certeza de que Hazel e Charles ainda estão dormindo antes de voltar a fitar Ashton atentamente.

— O tamanho do seu pau — despejo as palavras de supetão.
— Quero saber o tamanho dele... sabe, se você já mediu e tudo mais... — Tenho a impressão de que o jogador não está mais nem raciocinando. — Pode me contar, por favor?

“Eu só preciso me preparar”, penso.

É isso.

Eu tenho *dildos* de todos os tamanhos.

Vibradores também.

Nada me assusta, mas é bom saber com o que você vai lidar e mexer.

É uma pergunta justa.

E, foda-se, a curiosidade está dentro de mim há anos.

Todo mundo sempre falou sobre o tamanho do pau do Ashton. Todas as garotas sempre se gabaram a respeito disso. É óbvio que

nunca dei bola, que eu nunca quis saber e que sempre cortei esse assunto. Mas se falam que é grande, então deve ser.

Mas o que seria grande?

Tipo, dezessete centímetros?

Isso é grande, certo?

Certa vez li uma pesquisa que a Universidade de Indiana fez onde nela concluiu que a média de comprimento do órgão genital masculino dos americanos é entre quatorze e quinze centímetros.

Dezessete centímetros é lucro.

Dois a mais que a média.

Acho que isso faz toda diferença, embora tamanho não seja documento.

Pra que serve uma varinha grande se você não sabe fazer um feitiço sequer?

Uma pequena pode ser mais interessante nas mãos de quem sabe usar.

— Tá falando sério?

Nunca o vi tão sem palavras e surpreso.

Ashton se endireita, sentando-se na minha cama com os olhos ainda cheios de espanto. Sento-me também, cruzando os braços e começando a ficar sem graça.

Falei demais?

Fui mais invasiva do que deveria?

Agora não tem mais como voltar atrás.

Devo lutar pelo que quero. É isso. *Ponto.*

— Pareço estar brincando?

Meu melhor amigo pisca demoradamente.

Então, ele ri, sem o menor jeito, todo encabulado.

— Você me pegou de surpresa — confessa.

Prendo a respiração nos pulmões.

— Você já mediu? — Pausa. — O seu pau?

— Sim. — Pisca de novo. — Quando a gente tava na escola...

coisa de adolescente, você sabe.

Aliás...

Paus crescem até que idade?

— E depois disso?

— Não medi depois disso.

Suas bochechas ficam vermelhas.

Seguro o riso, curiosa demais.

— Ele cresceu mais depois da época da escola?

— C, de verdade, esse assunto...

— Qual era o tamanho?

Ashton Arkins engole em seco.

Seu pomo-de-adão desce e sobre demoradamente.

Acima de tudo, somos melhores amigos, e melhores amigos contam tudo um para o outro. Certo...?

— Dezoito.

— O QUÊ?!

É minha vez de ficar engasgada, surpresa.

Sei lá... eu só estou...

Charles e Hazel se mexem de novo.

Eles vão acordar.

Eu vou acabar acordando eles dois...

Mas é que...

— É só um pau, anjo. Por que você tá tão surpresa? Eles existem de variados tamanhos, sabia?

Eu sei, porra.

Mas estou prestes a pedir pra chupar o *seu* pau.

Quero dizer, não agora, *agora*. Mas... mais tarde, quem sabe?

É o seu pau que me interessa.

— Ele cresceu mais? Digo, depois da última vez que mediu?

Dezoito é definitivamente maior que a média da pesquisa da Universidade de Indiana. Meio que esperava isso, mas para agora e não para quando Ashton ainda era um adolescente.

Porra, isso é normal?

Para um adolescente?

Eu não faço a menor ideia.

— Com certeza sim — afirma, sorrindo de lado.

Ashton ainda está envergonhado. Mas o sorriso... esse sorriso não tem um pinga de vergonha.

— Tipo... quanto?

Não sei por que, eu juro..., mas a minha boca enche de água.

Salivando.

Meu Deus, por favor, perdoe meus pensamentos impuros.

— Quer medir pra mim, anjo?

O QUÊ?!

Eu grito, mas dessa vez internamente.

Minhas mãos tremem.

Minha boca continua salivando.

É só...

Bom, eu faria isso por ele.

Como namorada.

Como aluna-namorada.

Até como melhor amiga.

Agora eu só preciso saber o tamanho...

— É muito maior do que antes ou...?

— Talvez uns cinco centímetros a mais? Sei lá, anjo. Se quiser medir, a gente compra uma fita métrica e marca um dia.

— Mole ou duro?

Ele ri, vermelho pra caralho.

Ashton está mais vermelho que tomate.

Isso é inédito.

— Acho que hoje a gente pode colocar entre dezoito e vinte mole e alguns centímetros a mais duro... talvez dois, três... eu realmente não sei dizer.

Ok.

Oficialmente mais de vinte.

Vinte.

Vinte e poucos centímetros.

Esses são tipo, meus maiores dildos... os de vinte e poucos centímetros. Eu tenho um de trinta, ele é inútil. Mas os de vinte e poucos...

Como ele consegue ser jogador de futebol americano com um negócio desse tamanho entre as pernas?

É só respirar, Cloud.

Respira.

Respira, por favor.

— Isso é um pouco chocante — murmuro, pausadamente.

Me sinto em transe.

É informação demais.

É um número alto demais.

— Sei que sou fora da curva, anjo, mas não precisa ficar tão chocada assim — o encaro —, é só um pau e o melhor de tudo é que eu sei como usá-lo. — Engulo toda saliva que volta a se formar na minha boca. Me sinto tão sensível. Isso é uma merda. Ele me deixa assim e é bizarro pra cacete. — O que faz um pau ser bom, é a serventia dele, não o tamanho. Tenho apenas um bônus agradável.

Bônus agradável.

Jesus...

— *Uau...* — resmungo.

— Qual o motivo da sua pergunta?

O que eu deveria responder?

Que eu perguntei pra me preparar mentalmente antes de tudo?

Será que existe alongamento de mandíbula?

— As pessoas falam sobre isso desde a escola. Tem sido pior desde que entrei na UCLA, então eu só estava curiosa a respeito. — Mordisco meu lábio inferior enquanto nos encaramos num silêncio breve. — A Olsen falou sobre. — Reviro os olhos. *Espero que ela não tenha colocado a boca lá.* — Deve ser assustador.

— Você não tá falando sobre um monstro, Cloud Calloway. É só o meu... — Silêncio. — Calma aí... isso é ciúmes?

— Claro que não. — Estico as pernas e fico de pé, seguindo até o banheiro em passos largos. — Não é ciúmes.

Quem olhar de fora, vai achar que Ashton e eu enlouquecemos. Estamos sussurrando um com o outro como dois idiotas pra não acordar Charles e Hazel.

Aliás, olhando dessa ótica, os dois abraçadinhos e descansando tão bonitinhos. É, eles realmente fariam um bom

casal... e bebês bonitos.

Ruivos e loiros.

Entro no banheiro, deixando a porta entreaberta porque eu sei que Ashton está logo atrás de mim.

— Isso parece pra caralho com ciúmes, anjo.

— Não é — sentencio. Pego minha escova de dentes e a sua reserva que fica aqui, passando creme dental em ambas e empurrando em sua direção. O encaro pelo espelho antes de enfiar o objeto na minha boca. — Ela já te chupou?

Ashton tosse.

Tosse copiosamente.

Eu só quero saber isso.

Só mais isso.

— O que aconteceu com sua língua e com toda sua vergonha hoje? — pergunta, começando a escovar os dentes pra provavelmente desconversar.

Faço o mesmo, dando de ombros e revirando os meus olhos.

É tão difícil assim responder a minha pergunta?

É só dizer sim ou não.

Se sim, quantas vezes?

Se não, por que não?

Ela não quis, ou será que foi ele que não quis?

Nós terminamos com aquela parte da higiene matinal rapidamente. Guardo nossas escovas de dentes depois de usadas e enxaguadas e voltamos a nos encarar através do espelho.

— Ela não me chupou — responde, finalmente.

Meus ombros cedem.

Não sei por que diabos fico aliviada, mas eu fico.

Isso não quer dizer que ninguém nunca o chupou antes, mas a Olsen não fez isso.

É uma vitória.

Um grão de cada vez.

— Sério? — O desafio, cruzando os braços enquanto ele encosta um pouco mais a porta. — Ela não quis? Ou foi você...?

— Não rolou — rebate. — Foi rápido demais. — Pisca. — Não sei o que diabos ela andou falando pelo campus, sou ocupado demais pra ficar ligando para o que falam de mim, mas eu aposto que nem deu tempo de ver tanta coisa assim.

— Então ela inventou?

— Não sei, anjo. Não sei e não quero saber. — Suas mãos recaem ao redor do meu quadril, me girando pra ele com facilidade. O ar parece rarefeito e difícil de ser respirado de uma hora pra outra. — Posso dizer uma coisa?

Repetindo suas palavras de antes, sentencio:

— Você deve.

Ele sorri para mim.

Só para mim.

Deveria parar de ser possessiva, mas essa coisa está me incomodando por dentro.

Gosto quando Ashton faz as coisas para mim.

Só para mim.

Sempre gostei.

Só ainda não tinha chegado nesse nível.

— Você fica estupidamente gostosa com ciúmes de mim e do meu pau. — Seus dedos afundam por cima do tecido do meu pijama, enquanto eu não consigo nem mesmo assimilar as coisas

direito. — Não se preocupe com nenhuma outra pessoa, com nenhuma outra mulher, Calloway... você sempre vai ser única para mim.

Eu?

Única pra ele?

— Depois que um monte de gente já te chupou?

Seus olhos estão estranhos.

O sorriso que cresce em seus lábios avermelhados também é estranho.

— Tá tentando me julgar?

— Não — retruco. *“Eu só estou com ciúmes”*, confesso vergonhosamente para mim mesma. — Era só uma pergunta inocente.

As mãos grandes e ásperas do meu melhor amigo afagam meu quadril até descansarem sobre minha bunda. Ele agarra cada lado com força, me fazendo enfiar os dentes no meu lábio inferior automaticamente.

Seguro-me em seus braços, tentando não vacilar para nenhum dos lados e cair.

Isso facilmente aconteceria comigo.

— Independente do que eu fiz antes, e até mesmo do que você fez antes, agora eu pertencço a apenas uma pessoa — apertada mais —, e essa pessoa é você, meu anjo.

— Eu? Você é meu?

Como assim meu?

Meu tipo... meu?

Só meu?

Então eu posso ter ciúmes?

Não só como melhor amiga?

Tecnicamente, somos namorados agora.

Tecnicamente.

— É o que sou — concorda. — Acha que eu também não tenho ciúmes dos fodidos que já provaram da sua boca? Que já tocaram o seu corpo? — Ashton me puxa pra cima, colocando-me sentada no balcão da pia. — Eu também tenho, meu anjo, mas eu prefiro te beijar em toda e qualquer oportunidade pra você não esquecer do meu gosto, do que ficar me martirizando com raiva dos outros.

Sua boca para a alguns centímetros da minha.

— Não beijei muita gente e posso até contar nos dedos de uma mão as pessoas que já me tocaram... — sussurro.

Não consigo desviar o olhar dali, dos seus lábios.

Eles são tão convidativos.

E eu estou tão...

— Você poderia ter beijado só uma pessoa em toda vida, Cloud... você poderia ter sido tocada por só uma pessoa, mas, ainda assim, isso me afetaria.

— Isso não é exagero?

Seu sorriso é lindo.

Eu quero apagá-lo com um beijo.

— O que sinto por você pode até ser exagero, mas é a coisa mais real que eu já senti por alguém.

— Você mudaria alguma coisa? — Respiro fundo. — Qualquer coisa? Sobre isso? Sobre... *nós*?

— Nada — rebate, simples e direto. — Não mudaria nada, nem se tivesse a chance. Nem se fosse pra satisfazer as minhas

próprias vontades. Nada no mundo me faria mudar o que fomos e o que somos. *Consegue entender isso ou...*

Eu o beijo.

Não consigo suportar a distância entre nós dois, principalmente com Ashton falando palavras tão significativas pra mim. Mais uma vez. Como sempre. É realmente insuportável. A falta de toques, mesmo com suas mãos sobre mim... eu acho que estou ficando viciada por mais, e nada poderia ser mais perigoso que isso.

Quero senti-lo em cada pedaço meu.

É uma necessidade estúpida e louca que a cada segundo que passa se apossa irreversivelmente do meu corpo.

Eu só preciso e quero mais. Muito mais.

Empurro o rosto na direção do seu, chocando nossos lábios num baque molhado e, de certa forma, frenético. Subo as mãos imediatamente até o seu cabelo bagunçado, enrolando as pontas dos fios em meus dedos e o puxando pra longe e pra perto, tudo ao mesmo tempo.

Sua boca macia é gentil no primeiro toque.

Nos encaixamos e sorvemos um ao outro.

Sua língua acaricia e corre pela parte inferior do meu lábio quando eu o entreabro, antes das nossas carnes se encontrarem famintas uma pela outra.

Gemo na sua boca, provocando um rosnado seu que me deixa... ensopada.

Isso é louco. Pra caralho.

A facilidade que Ashton tem para me deixar molhada é a coisa mais louca que eu já senti.

Ele faz isso só com um beijo.

Um emaranhado molhado e gostoso.

Talvez gostoso demais pra ser verdade, pra ser ele: o meu melhor amigo de infância.

Ashton Arkins escolhe me devorar.

Sem pudor, amarras ou restrições.

Ele não se envergonha em tomar o controle. É claro que ele se orgulha disso. E eu gosto de cada instante em que me submeto aos seus toques, mesmo que eu não devesse.

Ele prova.

Ele gosta.

Ele geme de volta.

Sua língua saboreia cada canto da minha boca.

Ele me deixa saborear cada canto da sua.

Demorada e profundamente.

A pior — *e melhor* — parte, é que suas mãos acompanham a dança que nós fazemos naquele contato íntimo. Ashton me aperta, me toca e desbrava quase todos os pedaços do meu corpo. As pontas dos seus dedos afundam na minha bunda sem pena. É doloroso ao ponto de me fazer querer quebrar nosso beijo para choramingar, mas ele não deixa.

Ele só me controla, e eu deixo. *Eu quero.*

Seu toque entra por debaixo do meu *shorts* outra vez.

Quando o sinto esbarrar no elástico da minha calcinha, separo nossas bocas, ofegante.

Ashton ergue sua mão livre quase no mesmo segundo, pegando um punhado do meu cabelo e inclinando minha cabeça para o lado. Abro os olhos com dificuldade, encontrando-o já vidrado em mim.

Ele me engole daquela forma também.

É a coisa mais peculiar que eu já senti.

E o problema é que ela é igualmente real, como a porra do inferno.

— Para de fugir de mim, meu anjo — demanda, sério, impassível.

— Eu não tô fugindo... — reclamo com a voz trêmula, trepidante... incerta.

Ashton abocanha meu lábio inferior, enquanto seus dedos lá embaixo... eles...

— *Ah... Ash... o que você t-tá...*

— Tocando no que é *meu* do jeito que *eu* quero... do jeito que você gosta... e nem adianta mentir pra mim, C...

Ele se move tão rápido que eu só consigo raciocinar quando seu braço esquerdo está entre nós dois e sua mão está entrando sem aviso prévio na minha calcinha, agora ali, pela parte da frente.

Dois dedos longos descem juntos por entre as minhas dobras, me fazendo engasgar e gemer. Eu quase grito. Isso só não acontece porque ele me beija. De novo e de novo.

O toque molhado da sua língua na minha é viciante pra caralho.

Suave. Demorado. Refrescante. Urgente.

Ashton me faz esquecer de tudo.

De onde estou, de como funcionar, de como agir.

É como se ele fizesse meu cérebro apagar todas as coisas básicas para responder apenas instintivamente, como se fôssemos alguma espécie de animal irracional.

Meu melhor amigo massageia lentamente meu clitóris. O toque é, mais uma vez, firme. Certo. Ele sabe exatamente o que está fazendo comigo e faz porque quer. Simples assim. Porque ele quer e porque eu quero.

O vaivém calmo e tranquilo não se assemelha a forma como nós brigamos pelo controle do beijo.

Me sinto presa numa agonia sem fim.

Sem ar e sem domínio qualquer.

Chupo a sua língua quando o sinto seguir mais pra baixo para, só então, rodear a entrada da minha boceta. Seus dedos deslizam com tanta, tanta facilidade, tão molhados... é como se eles estivessem se afogando no meu prazer, e, na verdade, não deixa de ser isso.

Balanço o quadril, querendo mais atrito, *querendo...*

— Porra, você não consegue disfarçar, né? — murmura, a voz dois tons mais grave, fazendo meu corpo inteiro se arrepiar.

Tremores me atingem.

— *O quê?* — Sopro as letras quase sem força.

— Que tá louca pra gozar de novo pra mim.

Merda.

Solto uma risada nervosa, parando de rir quase imediatamente porque Ashton simplesmente desliza a ponta do indicador pra dentro de mim. Não é quase nada, mas eu nunca fiz isso. Nem com meus dedos. Nem com meus *dildos*. Nem com nenhuma outra pessoa, é claro.

Aperto as pernas ao redor do seu punho, fazendo-o cambalear pra trás pelo meu movimento brusco, mas Ashton não me solta nem por um caralho.

Nem no cabelo.

Nem na boceta.

— Abre as pernas pra mim — comanda, apertando os dedos nos fios da minha nuca. Ainda estou tentando respirar direito quando o jogador repete, mais firme do que antes. Seu dedo corre pela borda, escorregando pra dentro de mim... minhas paredes internas comprimem, apertam. — Abre as pernas ou eu mesmo vou abri-las, Calloway, e eu tenho certeza de que não vai querer que eu faça isso. — Ofego. — Não vou ser gentil... *não mais*. — garante.

Merda.

Afasto as minhas pernas imediatamente.

Algo nele me passa essa energia que... bom, eu sei que Ashton está falando sério. Ele abriria minhas pernas. Na verdade, ele me faria implorar para que as abrisse, e eu imploraria sem a menor vergonha.

São apenas as coisas sendo como elas são. Nuas e cruas, e de um jeito que eu nunca gostaria de encarar.

— O que você vai fazer?

A pergunta só sai.

Não inocente, mas, outra vez, necessitada de informações prévias para que eu consiga me preparar para o abalo entre nós.

— O que você acha que eu vou fazer? — Ele solta meu cabelo, tirando os dedos de lá também. Ashton engancha os indicadores de cada lado do meu quadril, puxando o *shorts* pra baixo despreocupadamente. — Escrever uma dissertação? Fazer um cálculo para algum projeto? — Arqueia uma das sobrancelhas, irônico. Quase lhe acerto na cabeça, mas não consigo reagir quando seu rosto para a alguns centímetros *dali*. — Apresentar um

seminário? — Sorri. — Essa não é uma opção a se descartar. — Suas mãos enormes ampliam ainda mais o ângulo das minhas pernas. — Eu apresentaria um belo seminário pra você, se quisesse...

— Sobre o quê?

Mordo o lábio inferior quando ele olha lá.

— Sobre o quão molhada sua boceta está pra ter deixado sua calcinha transparente. — Seu olhar sobe até o meu e é nesse momento que eu quase desmaio. — Sobre o quão gostoso deve ser te chupar — ele puxa a peça para o lado, mas não desvia nossos olhares —, sobre o quão gostosa você fica me encarando com esses olhos castanhos enormes que estão simplesmente me implorando para eu colocar logo a boca na sua boceta... — Sim, eu estou mesmo implorando. As palavras estão quase saindo, me entregando. — Sobre o quanto eu preciso me segurar, nesse exato momento, pra não te colocar encostada na parede, pedir pra empinar essa bunda enorme pra mim e afundar o meu pau em você, Calloway... isso tudo porque você... você tá irresistível.

Irresistível.

Eu?

Irresistível está ele.

— *Por favor, faz logo isso...*

As palavras me escapam.

Eu ainda sou virgem?

Sim.

Mas... talvez nem doa tanto, e mesmo se doer, eu pelo menos vou estar satisfeita, pelo menos *isso* vai ter acontecido.

Claro que o Ashton não vai fazer *isso*, eu o conheço, e...

O jogador fica de pé, descartando minha calcinha da mesma forma que fez com meu *shorts* e, em seguida, me tirando de cima da bancada da pia. Ele me carrega com facilidade até a porta, trancando o cômodo enquanto me coloca no chão.

— Vira de costas pra mim — comanda, suave, mas firme.

É estranhamente hipnotizante.

Mesmo com as pernas moles como gelatina, eu obedeço sem questionar.

— *O que v-você vai...*

— Não te disse o que eu ia fazer?

O encaro sobre meu ombro, encostando minha bochecha na porta e espalmando as mãos contra a madeira pra tentar me firmar ali de alguma forma.

Seu olhar me estuda com tanta, tanta atenção, que eu começo a queimar com ainda mais intensidade.

Ashton sempre teve facilidade em me deixar tímida e eu sempre odiei isso.

É como me sinto agora.

Tímida e ainda mais virgem do que deveria parecer.

As pontas ásperas dos seus dedos trilham por cima da minha pele quente, riscando cada centímetro até ele parar nas minhas nádegas. O aperto vem. Profundo. É como se ele estivesse tentando cavar minha carne com toda sua força. E eu gosto.

Isso me causa ainda mais timidez.

Eu não deveria gostar tanto assim.

Eu não deveria gostar tanto assim.

Eu não deveria gostar tanto assim.

— *Repete* — imploro num gemido sofrido.

As mãos do quarterback se enchem de mim, me fazendo empurrar o quadril pra trás em busca de um alívio desconhecido.

Meu rosto fica em chamas.

Ninguém nunca me olhou assim.

Não dessa forma, não com essa vontade, não com esse desejo.

Por isso eu nunca fui além.

Ninguém nunca me pareceu tão digno assim... e, mesmo antes desse momento, Ashton sempre foi a única pessoa que me deu a sensação de que seria digna de mim.

Eu sempre soube disso.

Que ele seria digno.

Lá no fundo, essa parte consciente minha sempre existiu, mas eu nunca pude encará-la como estou fazendo agora.

— O que você quer que eu repita? — demanda, baixo, rouco... extremamente e absurdamente sedutor.

Não consigo pensar corretamente.

Não consigo nem respirar corretamente.

Não sei mais do que diabos estávamos falando, então eu simplesmente digo:

— Não me olha assim.

É só nisso que consigo pensar agora em meio toda minha confusão de sentimentos e sensações.

Engulo a minha saliva, tremendo quando seus olhos me acham.

Ele me encara. Diretamente. Sem desvios.

A expressão no seu rosto é tão diferente que Ashton subitamente parece uma pessoa completamente estranha pra mim.

Isso não é assustador.

É surpreendente.

Sinto que estou acessando um lado seu que eu nunca tinha descoberto em anos de amizade e os motivos para eu nunca ter dado de cara com esse Ashton são bem óbvios.

— Eu disse que ia afundar o pau em você — ruge, inspirando com força enquanto solta uma das bandas pra massagear meu clitóris como fez antes. — Disse que ia fazer você empinar a bunda e depois eu ia me afundar na sua boceta... porque você tá irresistível, Calloway... e porque eu nunca te vi tão linda assim.

Meus olhos rolam pra cima, deixando minha visão totalmente escura. Eu não vejo nada, apenas estrelas brilhando no meio daquela escuridão. Arfo pesadamente, mordendo meu lábio inferior pra não acabar gritando, e, mais uma vez, sacudindo debaixo do seu domínio.

Ashton é tão certo.

Ele me toca tão... bem.

— *Merda...* — choramingo. — Você vai mesmo me foder assim?

Ele ri. Baixinho.

É profundo e perverso.

Sinto o seu peitoral quente encontrar abrigo nas minhas costas, obrigando-o a soltar o outro lado da minha nádega pela posição, mas... mas... é assim que eu consigo senti-lo totalmente pressionado em mim.

A sua ereção.

O seu pau.

Todo em mim.

No meio da minha bunda.

Balanço o quadril, inquieta demais pra ser verdade, enquanto ele continua me tocando.

— Isso é ansiedade ou nervosismo, meu anjo? — pergunta perto do meu ouvido. Depositando um beijo no meu ombro, e depois inúmeros outros no meu pescoço, Ashton mordisca o lóbulo da minha orelha em provocação. — Não precisa ficar desse jeito, Calloway — alerta. — Por mais que eu queira muito, não vou te foder assim — garante tão certo de suas palavras que eu realmente começo a não entender o que diabos estamos fazendo.

Como assim ele não vai?

Ele... *ele devia*.

— Não vai? — retruco. — Por que você não vai? Por que não agora?

Ashton não me responde.

Não com palavras.

Seu indicador e seu dedo do meio escorregam novamente entre lábios da minha boceta. Puxo meu braço direito para baixo, cravando os dentes em mim mesma para me conter tanto quanto é humanamente possível.

O jogador espalha os lábios, murmurando um palavrão perto do meu ouvido e logo depois se afastando.

Arquejo as costas e empurro minha bunda em sua direção, desesperada por mais alguns toques.

Eu sei que estou quase lá.

Nunca fui de atingir meu ápice tão rapidamente, mas com Ashton é diferente. Basta algumas palavras, basta suas mãos

empurrarem os botões certos, que eu fico automaticamente rendida. Isso é bizarro.

— Tenha calma, meu anjo. Tenha calma ou vou esquecer meus princípios pra realmente cumprir a minha palavra — seu tom malcriado provocativo me atinge como se Ashton estivesse tentando me assustar. *Ele ainda não percebeu que eu quero que cumpra sua palavra?* — Junta as pernas pra mim — comanda, direto.

Estou confusa.

Abro os olhos, desnorteada, tentando encontrá-lo sobre meu ombro, mas o jogador empurra suavemente meu rosto contra a porta. Minha bochecha fica colada ali, enquanto eu prendo o ar nos pulmões para o que quer que seja que está por vir.

— Faz o que eu mandei, Calloway.

Com dificuldade e com as pernas formigando, eu faço.

Junto as minhas pernas, como ele mandou, encarando a parede branca do banheiro fixamente.

— O que você vai fazer?

Minha voz sai com uma longa quantidade de ar.

É quase um suspiro.

Mais uma vez, Ashton não me responde com palavras.

Algo desliza entre as minhas pernas juntas, apertadas... e molhadas. Eu estou tão, tão molhada, que está começando a escorrer por mim mesma. É deplorável pra caramba.

O jogador tira a mão da minha cabeça, mas eu não me atrevo a desobedecer ao seu comando, então eu apenas... *sinto*.

Com os dedos cravados na minha nádega esquerda, ele a empurra, literalmente me abrindo, enquanto vai escorregando cada vez mais.

— *É o s-seu...?*

Seus lábios quentes tocam minha mandíbula, me beijando com um carinho que nunca senti antes.

O comprimento encontra o caminho entre minhas dobras porque Ashton continua me abrindo para ele. A textura é perfeita. Ele é perfeito. E tudo isso é um grande absurdo. Uma loucura.

— Você não tava curiosa sobre o tamanho?

Seu quadril recua.

— Mas... *assim?*

Meu rosto inteiro se contorce quando, jogando mais o quadril pra trás, Ashton vem com tudo e me faz sentir a cabeça do seu pau tocar em meu clitóris.

Me desmancho por inteira em puro prazer, suspirando e gemendo enquanto ele meio que me fode da forma mais inusitada do mundo.

Entre as minhas pernas, indo e vindo pelos lábios da minha boceta, mas nunca dentro dela.

Pele na pele.

— E-Eu queria... queria olhar... e... só saber o tamanho.

Ele ri, sofrido, gemendo de volta.

— Você tá sentindo o tamanho agora, então não tem do que reclamar, meu anjo.

Soluço, extremamente sensível.

É realmente difícil sustentar a minha força nesse momento. Minhas pernas parecem ser feitas de algo ainda mais maleável do que geleia. Quando sinto meu joelho direito ceder, Ashton passa um dos braços ao redor da minha cintura, me firmando.

Minhas entranhas apertam com mais força.

Com o jeito que ele me pega sem dificuldade e me aguenta só pra me... foder. Não literalmente. Ainda. Mas a minha cabeça está toda fodida a essa altura.

Estava difícil de aguentar.

Honestamente.

— Você é mais macia do que imaginei, meu anjo. *Mais perfeita do que...*

Ashton não consegue completar o raciocínio, soltando um grunhido, profundo e gutural quando ele investe novamente entre as minhas pernas, entre os meus lábios... contra minha pele em chamuscas, molhada... e profundamente dolorida.

Nem sabia que a buceta poderia doer tanto assim por... nada.

Praticamente nada.

Só de tesão e de vontade reprimida.

E não apenas minha buceta.

Sentia meus seios pesados, espremidos contra a porta do banheiro. Os bicos duros, sensíveis. Tão. Malditamente. Doloridos.

Assim ele vai me quebrar.

Ashton vai mesmo me quebrar.

Não literalmente. Eu acho.

Mas, principalmente no sentido figurado.

— *Você é tão...*

Não consigo completar minha frase porque ele me morde no pescoço. Outra vez. Já não sei dizer quantos chupões eu vou ter que cobrir com maquiagem, mas isso com certeza está saindo do controle.

— O quê? — pergunta, lambendo minha pele deliciosamente.

— *Gostoso* — admito, gemendo logo em seguida. — Você é tão gostoso, Arkins... isso é tão... *injusto*.

Ashton Arkins ri, estocando o pau com tanta força entre os lábios da minha boceta que meu corpo sacode. Aparentemente minhas palavras mexeram com ele. Fico mais satisfeita do que deveria.

Essa é a primeira vez que eu admito esse tipo de coisa.

Foda-se.

Já chegamos em um ponto irreversível.

Por que não admitir?

Foda-se, foda-se, foda-se.

— Tá finalmente deixando seus pensamentos escaparem, anjo? — indaga, tão... safado. Eu queria poder enforcá-lo. Filho da mãe... — *Sempre* — recua — *soube* — investe — *que* — recua — *você* — investe — *me* — recua — *achava* — investe — *um* — recua — *gostoso*. — Investe. Merda, merda, merda... — Foi só sentir meu pau em você, na sua boceta gostosa, que resolveu admitir, né?

Sugo o ar com dificuldade, soluçando novamente com toda aquela pressão ao meu redor, me cercando e me engolindo para uma bolha invisível sufocante.

É de tirar o fôlego.

Acho que encontrei um novo ritmo para respirar ao seu redor.

Intenso. Irregular. E irritantemente descompassado.

— Me beija — peço, encontrando seus olhos escuros me fitando naquele vício sem fim. Estamos num beco sem saída. Os dois. — Me beija, por fa... Ash, Ash... — Os tremores que atingem meu corpo quando ele me acerta outra vez no lugar certo. Porra! — Ash... Arkins...

Seu gemido vem com o beijo que ele me dá.

O beijo que eu pedi.

Seus dentes fincam no meu lábio inferior, puxando-o e chupando antes de empurrar a língua pra dentro da minha boca naquela posição atípica.

Ashton Arkins toma vantagem, fodendo minha boca com sua língua, engolindo todos os meus gemidos, e, sem parar, fodendo minha boceta com o seu pau.

Ele é mesmo grande.

Não era uma brincadeira ou um rumor infundado.

Agora, saber que outras pessoas já o tiveram assim... isso me deixa tão... tão...

Mordo seu lábio de volta, me agarrando com dificuldade no braço que está ao meu redor e fincando as unhas em sua pele.

Reivindico sua boca como minha, demandando o controle que eu não sabia que queria de Ashton, mas, subitamente, é tudo que eu preciso. Ele ri contra mim, enquanto nós brigamos um com o outro no meio de uma bagunça enorme.

Levo a minha mão livre de encontro a sua, encontrando seus dedos rolando e trabalhando incessantemente sobre meu clitóris, que a todo momento é pincelado e atingido pela cabeça do seu pau, mas eu preciso de mais.

— Tentando me machucar, anjo? — questiona, finalmente separando nossos lábios.

— Sim... — Suspiro, sinceramente.

Viro minha cabeça pra frente, fugindo do seu olhar, do interrogatório que provavelmente seria feito, e encostando contra a porta.

Ele está duro.

Mais e mais a cada segundo, a cada instante.

Como se fosse possível.

Tudo isso por causa do meu “sim”?

Essa é a coisa mais gostosa que eu já senti.

Se provocá-lo e empurrá-lo sobre a borda sempre me levar a isso, eu vou fazer mais vezes.

É perfeito pra cacete, como se fosse pra ser assim... como se de alguma forma, de algum jeito mais profundo, fôssemos feitos um para o outro.

O jogador acha o ritmo perfeito pra nos levar até o ápice, mesmo eu agora dando de cara com aquela minha irritação infundada e maldito tesão descontrolado.

É tudo demais quando estamos juntos.

Exagerado.

Transbordando.

O primeiro espasmo que sinto me faz tremer com tanta força, que eu arquejo as costas contra o peitoral de Ashton.

— Cacete.

Meus dentes rangem.

Seguro seu punho, tentando tirar seus dedos de lá, mas Ashton é mais forte que eu... e essa não é uma vontade verdadeira.

Eu o quero ali.

O quero tanto.

Mas é doloroso da mesma forma.

Ele está me fazendo gozar de um jeito que eu nunca consegui fazer, me deixando como uma terra arrasada e derrotada depois de longos anos em guerra.

— Não segura — manda. — Goza pra mim, Calloway, e não segura. Se você segurar, eu vou fazer pior... e eu te garanto que não vou me importar se acordar nossos amigos com seus gritos.

— *A-Ash...* — gaguejo tão miseravelmente quanto poderia soar. — *N-Não quero... sozinha... eu...*

Outro espasmo.

Ele esfrega meu clitóris com tanta vontade, com tanta precisão...

Jogo minha cabeça pra trás, encontrando seu peitoral ali, enquanto cerro meus lábios em uma linha fina e firme, tentando não deixar nem mesmo um ruído escapar de mim.

— Se você quer me pedir pra gozar com você, anjo, é só falar — rebate. Meu quadril balança numa cadência desgovernada. — Não tem nada nesse mundo que eu não faça por ti — garante. — Então, pede, Calloway. — Prendo o ar nos pulmões, incapaz de raciocinar direito. — Pede com todas as palavras possíveis e eu te dou isso.

Apertando o braço direito ao redor da minha cintura, Ashton duplica o ritmo. O ruído que a porta faz é quase preocupante, já que eu não poderia me importar menos com isso ou qualquer outra coisa nesse exato momento.

Sua boca cola no meu pescoço, espalhando beijos e mordidas na pele suada e sensível dali.

— *Arkins...* — choramingo. Lágrimas se formam nos cantos dos meus olhos de uma hora pra outra. A primeira escorre antes que eu possa abrir a boca novamente. — Se você não gozar comigo, eu vou continuar segurando.

“Ou pelo menos tentando”, penso.

— Não me testa, anjo. Você não faz ideia das coisas que eu daria pra estar te empalando com meu pau nesse exato momento e enchendo sua bocetinha gostosa de porra, até ver tudo escorrer por tuas pernas e...

Mais um gemido se derrama pra fora dos meus lábios, lento e sofrido, porque é isso que está acontecendo comigo agora, é isso que Ashton está fazendo comigo.

Ele está me fodendo tão bem que eu estou sofrendo.

O jogador geme de volta comigo.

Em mim.

Com a boca fechada numa porção de pele mim, fazendo aquela lamentação rouca reverberar contra a minha carne quente e se espalhar por cada centímetro meu.

Ele precisa fazer isso.

Ele precisa...

— *Goza comigo, Arkins. Por fav...*

Não consigo completar a frase.

Ela foge de mim.

Some como fumaça.

Em segundos, já não está mais ali.

Ashton se afasta de mim apenas o suficiente, tirando o seu pau do abrigo que tinha encontrado entre minhas pernas e me deixando sentir os primeiros jatos de porra sendo despejados na minha... na minha bunda.

Nada nunca foi tão bom quanto o que Ashton acabou de fazer comigo com tão pouco.

Sempre de pouquinho em pouquinho.

Paciente.

E, mesmo assim, me deixando irreconhecível de tanto prazer.

Aquela onda de excitação ao atingir o pico do meu orgasmo é tão forte, que meu corpo entra em colapso. Minhas pernas cedem de vez, mas eu não caio porque ela ainda está me segurando enquanto faz uma bagunça atrás de mim... e em mim.

Os tremores não parecem ter fim.

Meu melhor amigo fez como o prometido.

Meu melhor amigo acabou de gozar em mim.

Na minha bunda.

E ele continua fazendo isso, me surpreendendo com o seu orgasmo enquanto eu ainda estou tentando assimilar o meu.

Meus gemidos?

Eu gritaria, se fosse possível. *Mas não era.*

Pelo menos disso eu tinha consciência.

Ashton abafa todos os meus gemidos, outra vez, com um beijo. Sua língua encontra a minha com mais calma. Pelo menos da sua parte. Eu ainda estou no meio de um frenesi irritante, me sentindo tão sensível que qualquer outro toque no lugar certo provavelmente me faria ter outro orgasmo.

Mordisco a sua boca, chupando seus lábios, sua língua... me entregando por inteira em outro beijo que eu com certeza nunca vou conseguir esquecer.

Tal como esse momento.

A primeira vez que eu realmente o senti.

É tudo involuntário. Natural. Instintivo. Simplesmente... brutal.

De todas as melhores e piores formas, é brutal.

Nós definitivamente enlouquecemos.

Definitivamente.

Mas, para além disso, tudo que consigo pensar é que... é que eu quero repetir.

Eu quero fazer isso de novo.

Com Ashton.

Apenas com ele.

Porque... essa coisa dentro de mim, essa impressão estranha, esse instinto bizarro, continua me dizendo que só vou conseguir sentir tudo isso com ele.

Só com ele.

Separando a boca da sua, finalmente consigo abrir os olhos, enquanto ele encosta a testa na minha com o hálito gostoso batendo no meu rosto.

Nós ficamos quietos.

Em silêncio.

Respirando o ar um do outro, digerindo e entendendo o que fizemos sem pressa, mesmo que, a essa altura, devêssemos nos apressar pelo nosso próprio bem.

Hazel e Charles podem acordar a qualquer momento, e se ainda estivermos aqui, eu não faço nem ideia do que inventar para tentar despistá-los.

— Isso foi bom pra caralho — o jogador quebra o silêncio depois de alguns segundos. Minhas pernas ainda estão dormentes, voltando aos poucos ao normal. — Deveria me pedir mais vezes pra gozar pra você, anjo.

Filho de uma...

Foda-se!

— Você não vai me deixar com vergonha, Ashton Arkins.

Seus olhos diminuem de tamanho e as covinhas aparecem em suas bochechas no instante em que ele me abre um sorriso lindo.

É assim que ele parece depois de gozar?

Foda-se, essa é a coisa mais bonita que já vi na vida.

Essa é a melhor versão de *Ashton Arkins* em que já coloquei os meus olhos. E eu conheço tantas, tantas, tantas... quase todas elas.

— Que pena, anjo. — Ri. — Você fica uma gracinha toda envergonhada.

Maldito seja.

Balanço minhas pernas, finalmente sentindo-as.

— Pode me soltar — digo, simples.

— Tem certeza? — Cutuca. — Tem certeza de que consegue ficar de pé sozinha, meu anjo?

Presunçoso do caralho.

Talvez seja essa a pior parte de fazer coisas indevidas com seu melhor amigo: ele não vai economizar com as malditas provocações.

— Vai logo, Arkins.

— Nada de sobrenome, porque você sabe o que isso faz comigo.

Meu ego é amaciado automaticamente com essa pequena declaração sua.

É grotesco e animalesco, mas, ao mesmo tempo, é igualmente satisfatório.

Me sinto extremamente bem.

Mas eu não olho pro seu pau.

Isso seria um erro. Pelo menos por agora.

— Você tá linda pra caralho assim... — comenta diante do meu silêncio com um tom mais ameno e divertido, exatamente como o Ashton que eu conheço. Ele não quer me assustar, por isso muda de assunto. — Coberta com a minha porra, seu traseiro gostoso tá parecendo uma verdadeira obra de arte. Linda pra caralho mesmo.

Sorrio.

Ok... agora eu fiquei com vergonha.

A primeira onda que me atinge é suave.

Está tudo bem.

Eu não vou pirar por causa disso.

— Parece que você tem uma veia artística, quarterback.

— Quando se trata de você, eu sou tudo que precisar que eu seja. Até um pintor... *minha Mona Lisa*.

— *Ash*... — sussurro. Pisco uma, duas vezes... até rir. — Você é muito idiota, sabia?

Ele ri de volta, mordendo o lábio inferior depois de alguns segundos.

Seu olhar não me deixa em paz.

Sinto que a qualquer momento ele vai me devorar.

— E você tá realmente linda. — O sorriso que vai se esticando nos seus lábios vermelhos é tão grande que tenho medo deles se rasgarem. — Quem diria que um pouco de porra deixaria sua bunda ainda mais irresistível?

— Para com isso! — exclamo, me endireitando e tapando minha boca na mesma hora. Charles e Hazel. Preciso me lembrar de Charles e Hazel. — Vira pra lá... — mando, recebendo apenas uma sobrancelha arqueada em resposta.

— Anjo, eu já...

— Não viu nada — retruco, antes que Ashton complete. — Você *talvez* ainda vá ver — continuo, enquanto ele começa a se virar de costas pra mim. Nunca desvio o olhar para nenhum lugar abaixo da linha dos seus ombros. — Não viu nada — repito. — Não viu nada direito.

— Bom, eu não tenho nenhum problema em te deixar ver o meu pau se quiser... tipo, agora. Vai mesmo se fazer de durona?

Merda.

Meu sangue ferve, borbulha.

— Para com isso — resmungo, ardendo por inteira.

Sim, eu quero.

Mas a gente não tem mais tempo pra isso.

Eu prefiro deixar para a noite, para a nossa... lição.

Nossa aula especial.

— Você é tão bonitinha com esse falso puritanismo, meu anjo. — Ashton pega o rolo de papel higiênico, se limpando enquanto troco minha atenção pra ver o que ele fez em mim. — Com vergonha de ver o pau que tava no meio das tuas pernas há menos de cinco minutos e te fez gozar.

Minha bunda está mesmo... tipo... com...

Put a merda.

— Para com essa besteira — digo, ainda olhando o seu... trabalho.

A obra de arte.

— É sério, não faz o menor sentido, mas deixo que seja livre pra agir como quiser... sempre.

— Você não tem que deixar nada — rebato. Pisco. Um sorriso involuntário vai se formando em meus lábios. — Isso não deveria

ser nojento? — pergunto, vendo Ashton me espiar sobre os ombros.

Preciso de uma resposta sincera pra seguir em frente.

— Você tá com nojo? — Arqueia uma das sobrancelhas, jogando o papel amassado no lixo. — Com nojo de mim?

Eu poderia dizer que sim, só pra deixá-lo puto e provocá-lo...

Mas, honestamente...

Eu não estou com nojo.

Balanço minha cabeça negativamente, o mais sincera possível.

Não me importaria se Ashton fizesse isso em outras partes do meu corpo. Não sei de onde esse pensamento vem, mas ele vem com uma facilidade absurda, se instalando na minha cabeça no fundo da caixinha de desejos enfiada ali.

— Nem perto disso.

Meu sorriso se torna um pouquinho maior.

Me sinto fora de mim mesma, fora do meu controle físico e mental.

Minha carne está definitivamente tentando assumir aquela responsabilidade e minha cabeça definitivamente vai deixar.

— Ótimo — encaro Ashton de volta, hipnotizada pelo seu sorriso, pelos seus olhos... —, porque a sua bunda é só o primeiro lugar onde eu vou gozar — continua, fitando todo meu perfil enquanto não me incomodo em me cobrir. — Você tem um corpo lindo, Cloud Calloway, e eu não vou descansar até despejar minha porra em cada pedaço seu. Gradativamente. Um de cada vez. E você vai provavelmente implorar para que eu faça isso logo.

Sua porra.

Em cada pedaço meu.

Gradativamente.

Um de cada vez.

E eu vou implorar.

Logo.

Não vou contestar.

Talvez agora eu queira isso mais do que Ashton.

Ele está meio que certo.

— Você é tão explícito com as palavras... — sussurro.

— Se acostume comigo assim, meu anjo. — Endireita o corpo, não me olhando tal como pedi. Encaro sua nuca. — Isso tudo tá leve perto do que eu ainda vou te dizer.

— Tipo o quê?

Ri.

— Tempo ao tempo — rebate. — Não vou estragar sua experiência. Quando for a hora, quando o momento certo chegar, vou te dar cada uma das palavras que guardei pra você.

Que merda.

Eu sou curiosa.

Minha curiosidade ainda vai me matar.

Eu só não sei do que vou morrer primeiro: de tesão ou do coração.

— Me dá o papel higiênico — peço, pigarreando de leve.

Ashton pego o rolo novamente, já limpo e... decente.

Ele estende pra mim e eu pego rapidamente, começando a me limpar de toda bagunça que tanto eu, quanto ele, fizemos em mim. É tudo automático. Cato minhas peças de roupa, vestindo-as depois que jogo os papéis que usei sujos no lixo.

Isso é só uma medida provisória.

Precisamos sair daqui.

Ashton precisa ir embora. Já. Ele e Charles.

Só depois disso que vou conseguir tomar um bom banho, e eu preciso dele.

— Vamos — chamo o jogador, destrancando a porta com cuidado e saindo.

Encontro os dois na mesma posição em que os deixamos, soltando um suspiro aliviado diante disso. Viro pra Ashton, mas assim que nós nos encaramos, a ficha cai. O elefante dentro de mim vai tomando todo espaço possível e impossível, expandindo e me deixando vermelha.

Ele sorri e eu desvio nossos olhares urgentemente.

— O que foi? Finalmente tá com vergonha, anjo? — provoca.

— Até que demorou um pouquinho dessa vez...

— Você precisa ir embora com o seu amigo — o ignoro.

Ashton tenta fechar a distância entre nós, mas eu fujo.

— Tá me expulsando? — ele pergunta.

— Não — rebato.

— Então vem cá...

— Não também.

— Então você tá me expulsando — acusa. — Era isso que queria? Me usar e depois me jogar fora?

Encontro seu olhar, semicerrando o meu em sua direção.

— Para de falar besteira, não foi nada disso.

— Então me dá um último beijo.

Último beijo o cacete.

Isso vai se transformar em uma coisa bem maior e a gente não...

Ashton sela nossos lábios enquanto eu viajo em minha cabeça. Ficamos parados, apenas sentindo um ao outro. Segundos depois, ele move a boca e a encosta em meu queixo... por três segundos.

Meu coração fica tão pequeno diante da sua demonstração de carinho e afeto comigo, que me sinto culpada.

— Eu te amo, Ash — sussurro, olhando dentro dos seus olhos.

— Eu te amo, anjo. É por isso que ainda tô aqui. — Pausa. —

Por você.

Suspiro.

Maldito jogador perfeito.

— Agora você precisa mesmo ir — volto a pontuar.

Ele revira os olhos e eu solto uma risada.

Volto minha atenção a Charles e Hazel, indo até a cama da minha melhor amiga e começando uma grande cena.

Se tudo der errado, acho que posso tentar ser atriz.

Mas!, e sempre tem um mas... de tudo, minha cena não é mentira.

Eu meio que estou surtando sim.

Ashton se move atrás de mim, possivelmente voltando pra minha cama, e eu respiro fundo antes de meio que gritar:

— Acordem vocês dois!

Agora eu só quero Ashton e Charles fora daqui.

Preciso de tempo — pelo menos algumas horas — para digerir apropriadamente os últimos acontecimentos e seguir em frente com o plano — *coisa que eu nem sei se vai ser possível.*

Tem como seguir em frente?

Depois que nós... depois que a gente...

Droga.

Não tem.

Não tem mesmo.

Hazel é a primeira a despertar.

Os olhos verdes assustados da minha melhor amiga quase me fazem rir. *Quase*. A ruiva se senta na cama, fazendo Charles se remexer do outro lado, laçando seu quadril com os braços e puxando-a pra perto de novo.

— Caramba, C... — murmura, a voz rouca e arrastada de tanto dormir. — Você me assustou — reclama.

— Era mais pra acordar o idiota aí — minto... ou não. Mas uso meu melhor tom de desculpa. — Vamos, Charles. — Me aproximo, cutucando sua testa e dando um puxão nos fios longos e loiros de sua cabeça. — Acorda, jogador. Você tem uma reunião importante para comparecer.

— Me deixa em paz — rebate.

— Hora da reunião! — continuo, bem alto e agora mais perto deles.

— Eu vou te matar — Hazel ameaça.

— Cadê o maldito QB? — o loiro pergunta, abafado.

— Tô aqui — Ashton diz de algum lugar atrás de mim.

— Coloca alguma coisa na boca da sua melhor amiga e faz ela parar de encher o meu saco. De preferência o seu p...

— Para de falar merda — cuspo, sem deixá-lo terminar.

Inspira. Expira.

É só não ficar com vergonha, Cloud.

Você acabou de... o seu melhor amigo acabou de...

— Charlie, é melhor você se levantar — Hazel murmura, passando os dedos no cabelo dele carinhosamente. O loiro levanta o rosto do esconderijo no quadril da minha melhor amiga, encarando-a com os olhos inchados e menores do que o habitual. — Você precisa se preparar para reunião — comenta, tranquilamente.

Uau.

O que é isso?

Um filme?

— A única reunião que me interessa nesse exato momento é a minha com a sua cama e com você. — Sorri de lado. — Vamos dormir mais um pouco, ginger.

Hazel sorri de volta pra ele.

— Por mais que a cena seja romântica pra caramba e muito comovente, isso não vai rolar. — Agarro Charles pelo cabelo, puxando de novo. Hazel segura minha mão, enquanto o loiro só grunhe. — Levanta daí, vamos, vamos.

Solto seu cabelo, cruzando os braços na defensiva.

— Você é uma cadelinha mesmo — cospe pra mim.

— E você é um cachorrinho — rebato, revirando os olhos. — Vaza, Charles. Some.

— Que bicho te mordeu, porra?

Ele finalmente se senta.

Eu queria tanto falar sobre Ashton e eu para Hazel.

Mas eu não posso.

Eu realmente não posso.

Nós estamos apenas fazendo um experimento e...

Foda-se!

Vou acabar explodindo em algum momento.

Essa merda está começando a ficar grande, enorme, e o meu coração é pequeno e frágil.

— Se arruma e vai embora.

— Você tá bem? — Hazel pergunta. — Não precisa falar assim com ele...

— Só tô tentando fazer o seu... o Charles, chegar na reunião no horário — minto descaradamente. — Ele sempre atrasa e o treinador Sanders é um pé no saco.

— Chata pra caralho — o loiro murmura, ficando de pé.

Ashton ri.

— Você também é. O tempo todo. Nem por isso eu fico repetindo...

Com os olhos semicerrados, Charles começa a se vestir pra ir embora.

— Isso vai ter volta — avisa, passando a gola de sua camiseta preta pela cabeça. — Você não perde por esperar, Calloway.

— Não ameaça ela — Ashton fala por mim.

— Se mete nessa porra e vai sobrar até pra você — o outro retruca.

— Quer mesmo arrumar um problema?

Reviro meus olhos.

— Parem de discutir — peço. — Charles não vai fazer nada, ele me ama. E você não vai precisar fazer nada contra ele, você o ama. — Finalmente encaro Ashton. De novo. As lembranças, a sensação... — Não é?

Ele sorri pra mim, como se não estivesse discutindo com seu melhor amigo dez segundos atrás.

Cacete.

Merda.

Que porra.

Ele está tentando me aticar.

E agora não podemos fazer isso.

É por esse motivo que ele precisa sair daqui. Agora.

— Te falta raiva, meu anjo — Ashton pontua.

— Te falta coragem, quarterback — Charles comenta. Eu o encaro, arqueando uma das sobrancelhas. — E pra você? — Bagunça o cabelo, respirando fundo antes de completar: — Te falta um pau pra chupar e parar de ser tão chata.

— *Olha aqui, seu...*

Charles começa a correr antes mesmo de eu dar um passo em sua direção, abrindo a porta do dormitório e dando o fora. Ashton, com suas coisas já recolhidas, pisca pra mim e vai atrás do seu melhor amigo.

Dois idiotas.

Eles realmente se merecem.

E isso foi mais rápido do que o esperado.

Vou até a porta, fechando-a e me virando para a ruiva.

— Você e o Ash estão bem? — Hazel pergunta, colocando-se de pé e caminhando na minha direção.

— Claro...

Nos encaramos por alguns segundos antes de eu desviar do seu olhar.

Sou uma péssima mentirosa, embora eu não esteja mentindo nisso: Ashton e eu estamos bem. Muito bem. Muito melhor que o esperado. Eu só estou surtando por outros motivos e eles englobam

essas cinco palavras: “ele” “gozou” “na” “minha” “bunda”. Isso é tudo que eu não posso falar para a minha melhor amiga e está me corroendo por dentro.

— Tem certeza? — insiste.

— Sim, Hazzie — murmuro. — É só a saudade já batendo... por causa da viagem e tudo mais.

Sua risada fraca ressoa pelo nosso dormitório.

Minha melhor amiga se aproxima mais e me abraça.

— Os garotos vão viajar, mas você tem a mim. — Suspiro, baixinho. — E eles viajando ou não, você sempre vai ter a mim... ok? — A encaro. — Não sou o Ash, de quase dois metros, músculos enormes, um *shape* incrível e a inegável paciência para assistir Diário de uma Paixão centenas de vezes, mas eu ainda sou a sua melhor amiga que fala um monte de besteira e te faz rir quando tá triste.

Solto uma risada.

Porra...

Ela está tão certa.

E acabou de me fazer rir no meio de uma crise.

— Eu te amo, sabia disso?

Hazzie sorri mais largo.

— Aham — resmunga. — Eu te amo, minha stressadinha favorita.

Ela beija minha bochecha num estalo antes de me soltar.

— Ei! — protesto. — Você tá aprendendo isso com o Charles, não é? Esse cara é uma péssima influência.

Sua risada me contagia.

— Você puxou o cabelo dele a troco de nada, C. Foi muita maldade.

É claro que ela estaria do lado do idiota.

Ela o ama.

Hazel ainda não percebeu isso?

O lance de “pega e não se apegar” não está funcionando.

— Ele mereceu... — Dou de ombros.

— Ele não mereceu — rebate.

— Ele mereceu sim. — Sento-me na minha cama. — Foi uma retaliação por todas as vezes que o seu querido Charles Carpenter já me encheu o saco. Sabe há quantos anos eu tenho que aguentar esse idiota implicando comigo? Muitos, Hazzie. Muitos anos.

— Na verdade, ele é mais legal e carinhoso do que parece.

Ela o ama mesmo.

Está até cega...

Não que isso seja mentira, mas talvez seja um pouco de exagero.

— Você tá caidinha... — comento, testando o terreno.

— Deixa de besteira — Hazel tenta desconversar.

A ruiva caminha pelo quarto, pegando seu roupão e seguindo pro banheiro.

Merda.

Eu queria tomar banho primeiro.

— Vai fugir de mim?

— Eu não tô fugindo, só indo tomar banho...

— Você tá fugindo, Hazel Henderson.

— Isso tudo é questão de perspectiva.

— Você tá mesmo caidinha?

Hazel me encara sobre o ombro, segurando a maçaneta da porta.

Ela está.

Isso é definitivo.

— Ele é legal — me garante.

— Vou cortar o amiguinho dele se der merda — aviso.

— Posso dizer o mesmo pro Ash? — Faz um bico.

Pego um travesseiro, arremessando-o em sua direção. Infelizmente a ruiva é mais rápida. Ela entra no banheiro, rindo alto, enquanto meu travesseiro bate na porta e cai.

— Não vem com essa merda de novo! — grito.

— Essa é a merda mais atual já vista em toda UCLA! — retruca no mesmo tom que eu.

Hazel não sabe, mas ela acertou pra caralho.

31

TENTAÇÃO

“Meu coração está prestes a saltar do meu peito.

Sentimentos vêm e vão, mas não com você.”

PARIS IN THE RAIN — Lauv

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
08:12 PM
16.09.2022

— Por que você ela tá tão arrumada?

Meu pai murmura para minha mãe logo atrás de mim, enquanto os dois seguem meus passos apressadamente.

Estou liderando o caminho até a casa dos Arkins com um vinho em mãos e muito mais nervosa do que o habitual para o

nosso jantar em família. Não preciso enumerar os motivos que atiçaram minha inquietude e nervosismo, eles são mais do que óbvios a essa altura.

Especialmente aqueles que envolvem a manhã de hoje.

Passei o dia inteiro controlando e fugindo dos meus próprios pensamentos. Foi uma tarefa, no mínimo, complicada..., mas eu — *graças a Deus!* — obtive êxito.

Perto do fim do dia, Ashton me ofereceu uma carona para irmos pra casa juntos.

Eu não aceitei.

O jogador entendeu.

E ele riu da minha cara.

Foi assim que fiz meu pai ir me buscar no dormitório há um par de horas, e, enquanto eu estava saindo, Charles estava chegando, segundo ele: *para esperar por Hazel.*

Não liguei.

Não é da minha conta mesmo...

Mas eu ainda preciso conversar com Hazel a respeito deles... só pra saber, não opinar, porque continua não sendo da minha conta e eu sei muito bem que nesse caso minhas palavras não importam tanto assim para a ruiva.

— É uma noite especial, amor — mamãe o responde. — O Ash vai viajar amanhã com os garotos e o restante do time, e essa é a temporada da vida deles. Precisamos comemorar!

— E ela precisava mesmo passar maquiagem e colocar esse vestido?

Rolo os olhos.

Parando de andar, viro na sua direção. Meus pais tomam um susto, cessando os passos no mesmo instante que eu.

— Você tá incomodado, pai?

— N-Não — gagueja.

— Ele só tem ciúmes — minha mãe o entrega.

Bufo.

— Do Ash? Do seu querido Ashton Arkins? O seu querido quarterback favorito?

É sua vez de rolar os olhos.

— Tenho meus motivos, tá? — Cruza os braços. — E você ainda é a minha garotinha.

Ele tem seus motivos?

— Que motivos são esses?

Junto as sobrancelhas, não entendendo onde ele quer chegar com isso, com a reclamação infundada.

— É melhor que continue alheia, meu amor... — Ele se aproxima, me abraçando pelos ombros e beijando minha testa. — Se Deus te fez inocente, é porque isso tem um grande propósito.

Inocente?

Minha risada trava no topo da garganta.

— É inevitável, Connor — minha mãe retruca.

— O que é inevitável? — indago, não mais divertida. — Vocês podem começar a ter uma conversa comigo, e não paralelamente a mim? Ainda tô aqui, sabiam disso?

Assim que eu fecho a boca, escutamos um:

— *Senhor e senhora Calloway!*

É Ashton.

Viramos em direção à casa dos Arkins e sem a menor dificuldade, o acho ali, encostado na varanda enquanto acena pra gente.

Cacete.

Ele está... *lindo*.

Muito. Muito. Muito mesmo.

— Vamos logo — minha mãe chama, empurrando-nos com o ombro. — Oi, querido! — Passa na nossa frente, acenando de volta para o meu melhor amigo, que apenas sorri pra ela.

Papai me solta e segue atrás da minha mãe, e, enquanto isso, respiro fundo, antes de ir pelo mesmo caminho que os dois.

Discretamente — *ou não* —, o analiso enquanto vou me aproximando.

O jogador cumprimenta minha mãe com um abraço e um beijo na bochecha, sorrindo largamente com aquele galanteio nato que lhe pertence.

Meu melhor amigo está vestindo uma camisa branca social, que, literalmente, não é nada como seus usuais blusões largos, moletons ou regatas de treino.

As mangas da peça estão enroladas pra cima, deixando seus antebraços tatuados à mostra, enquanto ele também exhibe as tatuagens do peitoral liso — *especialmente as asas de anjo debaixo de suas clavículas* — com quatro ou cinco botões estrategicamente abertos.

Lindo foi um elogio muito discreto.

Como disse hoje mais cedo, ele é e está um gostoso.

Agora principalmente.

Seus quadris sustentam uma calça social perfeita, colada nos lugares mais certos possíveis, como se tivesse sido feita sob medida para Ashton. Nos pés, um tênis branco da *Nike* sem muitos detalhes, quebrando sua vibe séria de jogador caro pronto para uma premiação importante.

Deveria adicionar em tudo isso o fato de que seu cabelo escuro está penteado pra trás do jeito mais bonito e sexy que já vi?

É só um jantar em família, porra!

Ele está querendo matar quem vestido desse jeito?

Era algo realmente necessário?

Não que eu não esteja à altura, porque como meu pai comentou, eu passei até mesmo maquiagem... e o batom vermelho que ele gosta está colado em meus lábios.

Mas Ashton sempre vai se sobressair.

Naturalmente.

Quando finalmente termino o percurso até a varanda, meus pais entram na casa dos Arkins, deixando-nos sozinhos sem o menor aviso.

Trocamos olhares ansiosos.

Tudo em mim grita para que eu o toque.

Logo. Rápido.

Mas não posso fazer isso, não como eu realmente quero.

— *Você está...* — Ashton para de falar, correndo seu olhar frenético sobre mim da distância em que estamos. — Você está linda pra caralho, meu anjo. — Pisca. — *Porra...* — Uma risada lhe escapa, enquanto o jogador olha para os lados, respirando pesadamente. — Como vou aguentar a noite toda ao seu lado sem poder colocar as mãos no que é meu?

Cacete.

Meu coração erra uma pequena batida diante das suas palavras.

Quando fui me arrumar mais cedo, minha mãe entrou no meu quarto pra falar comigo e me dar um presente pra usar essa noite.

Era esse vestido.

A peça preta de cetim está toda solta no meu corpo, fazendo-me sentir mais do que confortável com seu tecido frio e gostoso.

As alças do vestido são finas, e ele não tem nenhum detalhe que o faça chamar tanta atenção assim além do seu brilho acetinado.

A parte que faz arrepios subirem por minhas pernas, é a da barra, que bate no meio das minhas coxas, roçando a cada movimento que eu faço com meu corpo.

É bom.

Embora eu não goste desse tipo de roupa, esse é o vestido mais bonito e confortável que usei nos últimos tempos.

Mas a roupa não é o ponto central de tudo, meu batom vermelho que é.

— Isso não é hora, nem lugar, pra você ficar falando esse tipo de coisa — *“e me desestabilizar com isso”*, completo em pensamento depois de repreendê-lo. — Você também está... bom... como poderia dizer isso...

— Um gostoso?

Cruza os braços, fazendo seu corpo parecer muito maior enquanto repuxa o lado esquerdo da boca num sorrisinho sacana.

Que tortura.

Sim... um gostoso.

Muito gostoso.

Apesar de ser bem mais controlada que Ashton, estou vendo que também terei muita dificuldade em não ficar tocando seus braços e... droga... tudo, todo o resto...

— Algo assim.

O jogador ri alto, estendendo o braço e me puxando pela mão livre. Ele envolve meu corpo naquela familiaridade de sempre que compartilhamos, me cobrindo por completo e me apertando de leve contra si.

Apoio meu queixo no seu peitoral, tentando não soltar a garrafa de vinho nos nossos pés. Mas, porra, ele me deixa fraca.

Ashton aproxima o rosto do meu, passando a ponta do seu nariz no meu rosto antes de murmurar no pé do meu ouvido:

— Lembro muito bem de você me chamando de gostoso essa manhã. Não se recorda, meu anjo?

Mudo meu peso de uma perna para a outra, me convencendo de que é o roçar da barra do meu vestido nas minhas coxas que faz um arrepio subir por mim mais uma vez.

Aquela onda maldita se alastra por minha espinha, se arrastando por debaixo da minha pele como uma serpente. Me sinto estúpida pela forma como as minhas reações naturais sempre me entregam, ainda que a minha cabeça consciente tente negar.

— Vai se gabar com tão pouco, gostosão?

— Com você até mesmo os passos de tartaruga são comemorados, como por exemplo: ser chamado de gostoso enquanto te faço melar o meu pau todinho. — Prendo o ar nos meus pulmões. — Vai mentir e dizer que eu não venci essa guerra?

Belisco sua barriga por cima da camisa, fazendo o idiota se afastar de mim enquanto deixa a risada mais melodiosa do mundo ressoar entre nós dois.

Se eu não ficasse tão sem jeito com suas palavras explícitas, reagiria melhor.

É só que isso ainda é novo demais pra mim.

Esse Ashton, paradinho na minha frente, ainda é o meu melhor amigo, mas ele também é a pessoa que está me provocando toda essa miscelânea de sensações e sentimentos... é... *diferente*. Intenso demais. E eu já tenho a cabeça confusa o suficiente para me meter na primeira oportunidade em algo que a deixe ainda pior.

— Você precisa aprender a controlar sua língua — reclamo, achando firmeza em minhas pernas pra continuar o caminho para dentro da casa dos Arkins. Ashton me acompanha, me abraçando por trás sem demora. — Isso não é local, Ash. É sério...

— Aprender a controlar minha língua está nos assuntos de uma das nossas futuras aulas — ele me ignora completamente —, mas você vai ter que ceder uma parte do seu corpo para que eu possa treinar e corrigir meu pequeno erro de fábrica.

— Você é o professor, eu não tenho que ceder nada...

— Professores também aprendem com alunos, não sabia? — Viro o rosto para encará-lo, ficando perigosamente perto do maldito provocador. Seu nariz bate suavemente no meu, me fazendo engolir em seco e quase perder a linha. — Ninguém nasce sabendo tudo, Calloway.

— Você é tão ardiloso, Arkins.

— Você ainda não viu nada, anjo.

Uma mexa do cabelo escuro cai na frente do seu olho direito, o deixando ainda mais... *porra!*, gostoso. Tão gostoso. Eu não aguento mais isso, essa pressão dentro de mim que me faz querer pular em cima dos seus ossos e abrir mão do controle.

Estreitando e acabando com a nossa distância de uma só vez, Ashton cola os lábios no meu queixo em um beijo que dura mais do que apenas três segundos. O seu cumprimento é longo, e isso me deixa instável pra caramba.

Afastando a boca do ponto que sempre revista, ele diz:

— Vou borrar seu batom vermelho até o fim da noite.

— Isso é uma ameaça ou uma promessa?

— Uma promessa — afirma. — É uma promessa, meu anjo — repete. — Quantos beijos você acha que eu preciso te dar até que ele comece a borrar?

— Levando em consideração que esse é batom é *matte* e ele promete não borrar de jeito nenhum — sorrio de lado —, acho que vamos ter que passar boa parte da madrugada nos beijando... embora... bom, acho que existem outras formas de colocar à prova a durabilidade e qualidade do meu batom.

Seu olhar vagueia, examinando cada centímetro do meu rosto, por breves instantes, bem antes de Ashton cair em si.

— *Você tá...*

— Ah, vocês estão aí — senhor Arkins nos interrompe.

A posição é estranha.

Eu fico automaticamente vermelha quando me viro para o mais velho, que está nos fitando com atenção encostado na parede com uma taça vazia.

— Oi, senhor Arkins! — exclamo, me desvencilhando dos braços de Ashton a contragosto.

— Tava atrás do vinho — explica, sorrindo pra mim. O jeito que Ashton puxou ao seu pai é absurdo. Posso ver meu melhor amigo todinho na figura do senhor Arkins, e aposto que ele vai ficar exatamente assim quando mais velho. — Seu pai tá lá na cozinha se gabando da bebida que comprou pro nosso jantar e eu aposto muito bem apostado que não é tão boa quanto a que eu comprei. — Vem até mim. — Posso ver?

Solto uma risada, balançando a cabeça positivamente.

Estendo a garrafa gelada em sua direção, deixando-o analisar conforme deseja.

Meu pai e o senhor Arkins implicam um com o outro toda santa hora. Acho que, no fim das contas, essa é a nossa linguagem do amor, digo... de toda nossa família — os Arkins e os Calloway —, porque todos somos assim.

Meu pai vem se aproximando bem devagar, sem fazer barulho, também com uma taça vazia na mão.

Ashton toma o meu lado esquerdo, mas não me toca.

— *Filho da mãe* — senhor Arkins murmura depois de quase um minuto —, é realmente melhor do que o que eu comprei. — Eu e seu filho rimos. — Não diz pra ele que eu falei isso...

— Eles não vão precisar me dizer nada, porque eu mesmo escutei.

Senhor Arkins dá um pulo, virando pra trás e encontrando meu pai ali, sorrindo todo cheio da razão. Ashton e eu apenas rimos. Rimos mais alto e mais forte. Esses dois não têm mesmo jeito.

— N-Não foi o que eu quis dizer... — senhor Arkins tenta se justificar, mas agora é realmente tarde demais.

Eles se afastam da gente discutindo sobre os vinhos comprados para o nosso jantar, meu pai feliz e satisfeito por ter sido elogiado e o senhor Arkins ainda tentando achar uma desculpa para suas palavras.

— Se nossos pais fossem solteiros, cogitaria estar rolando um romance entre eles... — Ashton brinca, empurrando meu ombro de leve com o seu braço.

— Eles agem exatamente como a gente — concordo, reafirmando suas palavras com o óbvio. — Acho que tá na nossa genética.

— Tá rolando isso entre a gente? — Eu o encaro, confusa. — Um romance, meu anjo?

Merda.

Não posso cometer um mísero deslize, que ele já se aproveita.

Respirando fundo, retruco:

— É apenas o que você tá me ensinando.

Nossos olhares se misturam, mas eu não consigo sustentá-lo por tempo demais. Por isso, desvio, olhando pra longe e suspirando aliviada quando a senhora Arkins vem do caminho da cozinha em nossa direção.

— Filho, vem cá... — senhor Arkins chama o Ash.

— Querida, você tá linda — senhora Arkins me puxa para um abraço. — Vem, vamos pra cozinha... eu e sua mãe estamos terminando de preparar as coisas e...

Minha mente voa pra longe enquanto a mãe do meu melhor amigo me puxa pelo caminho até o outro cômodo.

Olho sobre o meu ombro, vendo Ashton já se deslocar até os nossos pais, mas não antes de me fitar uma última vez e me dar uma piscadela que faz meu corpo inteiro gelar em antecipação.



08:45 PM

Acho que já faz pelo menos trinta minutos desde que comecei a tentar lidar com essas batatas inglesas a pedido da minha mãe e da senhora Arkins.

Queria ter algum tipo de habilidade especial na cozinha, mas acho que as minhas irão sempre se resumir somente a sanduíches de geleia com pasta de amendoim, cereal com leite e pizzas geladas.

Solto um longo suspiro, conseguindo finalizar meu trabalho com a quinta batata, enquanto ainda me restam cinco delas para lidar. Se depender de mim, nosso jantar vai sair só daqui pra madrugada... e olhe lá!

Pego a taça de vinho que o senhor Arkins nos serviu a alguns minutos, terminando de virar toda quantidade colocada no meu copo de uma só vez.

Talvez isso me dê coragem e ânimo para continuar.

Ou só raiva mesmo...

Talvez eu deva mesmo é ir atrás de Ashton e pedir sua ajuda, porque isso não é nada justo. Eu acho que...

— Minhas garotas precisam de ajuda?

A voz divertida do jogador me faz erguer o olhar imediatamente. O assisto entrar na cozinha com sua taça de vinho vazia, enquanto me encara sem desvios. Alívio faz meus ombros caírem um pouco... acho que fui salva... e tinha que ser por ele.

Pisco com certo desespero, esperando que Ashton entenda a mensagem de socorro que estou lhe enviando.

— Estamos dando conta de tudo — sua mãe responde, calmamente.

Mas... *que merda!*, eu não estou nada calma ou tranquila.

— Embora a C seja péssima cortando batatas, né? — minha mãe me entrega. — Mas ela também é péssima cortando qualquer outra coisa...

É claro que ela me entregaria.

Esse é o tipo de podre particular que apenas seus pais têm acesso, já que você cresceu tendo que ajudá-los de todas as formas dentro de casa. Minha mãe com certeza não se importa em fazer uso da minha pequena falta de habilidade culinária.

— Senhora Calloway, não fala assim dela. — Ashton avança na minha direção em poucos e longos passos. — Tenho certeza de que a C tá se esforçando muito — agora ele está logo atrás de mim, deixando-me sentir sua respiração enquanto se inclina pra finalizar perto do meu ouvido com um: —, não é, meu anjo?

Respiro fundo. Bem fundo.

Meu coração acelera repentinamente, me deixando assustada... por isso e por tudo.

Caralho.

Ele está me zoando?

— Me esforço em tudo que faço.

Minha resposta é curta porque não consigo raciocinar direito.

Ashton me tratando assim na frente das nossas mães, ou dos nossos pais, não é novidade, mas, agora — *depois de tudo que estamos fazendo* —, seu jeito está me atingindo de uma forma bem diferente.

— Ouviram? — Ele estende os braços de cada lado do balcão comigo bem no meio, mas não me toca. — A C se esforça em tudo que faz. *Sempre*.

— Vocês são tão fofos...

Fito a minha mãe.

— Sempre falo sobre isso com o Alex — senhora Arkins comenta de volta, sorrindo discretamente com a minha mãe. — Vocês ficam tão bem juntos. — Suspira, reflexiva. — Ficaria feliz em ter uma nora como a Cloud...

As palavras estão na ponta da minha língua, quase saindo, mas minha mãe é mais rápida em continuar com o diálogo embaraçoso.

— E eu ficaria feliz em ter um genro como o Ashton... O Connor ficaria ainda mais feliz. — Compartilha outra risada com a senhora Arkins. — Meu marido é viciado em futebol americano e, principalmente, viciado em torcer pelo Ash.

Fato.

Isso é desde sempre.

Desde que Ashton entrou em nossas vidas e trouxe consigo seu sonho de se tornar o maior quarterback da história desse país, meu pai o apoia e torce por ele cegamente.

— Acho que vocês duas estão falando bobagem demais — finalmente consigo falar, sendo tão irônica quanto possível. —

Somos apenas melhores amigos e isso não vai mudar nunca.

Não mesmo.

Independente de qualquer coisa, ainda quero Ashton como meu melhor amigo.

O jogador solta uma risada fraca atrás de mim, mas ele não se move para longe.

Fico cada vez mais nervosa.

E quando eu fico nervosa, eu geralmente faço ou falo merda.

— Se tudo der errado e eu não me casar com alguma superestrela de Hollywood até os trinta e cinco, e, claro, a C continuar solteirona, o que é bem provável, a gente se casa só pros sonhos de vocês se tornarem realidade.

O quê?

Como assim é “bem provável”?

Otário do cacete.

Solto a batata inglesa da vez, segurando a faca com força e o encarando sobre meu ombro. Ashton está com uma expressão cínica, literalmente fazendo pouco de mim.

— Eu sou o seu plano B, jogador? — questiono, talvez mais irritada do que deveria ficar.

— Tá ofendida, anjo? — Ri. — Por algum acaso, eu sou o seu plano A? — devolve a pergunta.

— Você sempre foi meu plano A. Nossa amizade sempre foi o meu plano principal, seu bostinha ingrato.

Ele gargalha, e eu juro que escuto nossas mães rirem também, mas eu não consigo desviar o olhar da sua figura.

Agora é isso?

Ashton quer se casar com uma superestrela gostosona de Hollywood quando ficar famoso?

Ridículo.

Que se foda essa merda.

Que ele se case com a Barbiezinha e vá para o quinto dos infernos com ela.

Eu não ligo.

— *Filha!* — minha mãe intervém. — Solta essa faca e seja mais educada com seu melhor amigo. Não foi esse tipo de linguajar que eu te ensinei...

— Ah, senhora Calloway... se você soubesse como sua filha me trata.

— *O que foi que você disse?!* — exclamo, soltando a faca e virando na sua direção.

Eu estou a um triz de agarrar seu pescoço e estrangulá-lo.

— Ela é a melhor — continua. Maldito. — Ela sempre me trata tão bem...

— Olha, senhora Arkins, se eu bater no seu filho, você me perdoa?

Ela ri.

— Só se vocês prometerem que vão ficar solteiros até os trinta e cinco.

Minha mãe solta uma gargalhada, sendo acompanhada por Ashton, que me abraça pelos ombros e me faz enfiar o rosto no seu peitoral quente. Por um momento eu penso em mordê-lo e tirar um pedaço da sua carne, mas isso seria infantil demais e eu acho que já tive minha cota de infantilidade o suficiente por hoje.

Só que... porra..., é difícil aguentar tudo isso.

— Minhas queridas damas, já que a C não sabe cortar batatas e ela mais atrapalha do que ajuda, eu poderia roubá-la um pouquinho pra mim? — Ashton pede, usando todo seu charme pra galantear nossas mães.

Garoto irritante.

Me afasto quando ele recua um passo, mas não antes de deixar sua taça vazia no balcão da cozinha. Abro a torneira da pia, lavando minhas mãos rapidamente e secando com o pano de prato que a senhora Arkins deixa logo ao lado.

— Nos faça esse favor — mamãe responde e eu semicerro o olhar na sua direção. — O que foi, meu amor? É pelo seu próprio bem.

— E você ainda tem coragem de dizer que é minha mãe? — Faço um bico, ofendida. — Tá mais pra mãe do Ash do que minha.

— Não posso ser mãe do Ash, mas ele pode ser meu genro, o que é quase a mesma coisa...

— Esqueceu que eu sou o plano B dele? Vindo logo atrás da superestrela gostosona de Hollywood?

Rolo meus olhos, cruzando os braços totalmente na defensiva.

Eu nunca me senti tão irritada em toda minha vida.

Nunca mesmo.

Nem tão ciumenta também.

Quando diabos eu comecei a ter tanto ciúmes assim do meu melhor amigo?

— Você não é o meu plano B, meu anjo... é o meu plano C. — Eu o encaro, pronta pra cometer uma grande loucura. — E eu espero que saiba que a letra C é a minha favorita do alfabeto, e é

tudo sua culpa... então não se preocupe com a superestrela gostosona de Hollywood, *porque...*

— Tá, tá, tá! — o interrompo antes que vá longe demais, sentindo meu coração quase sair pela boca por causa das suas simples palavras. — Você tá desculpado, não precisa continuar me bajulando.

Ashton ri, segurando minha mão e me fazendo descruzar os braços só pra começar a me puxar pela cozinha.

— Senhora Calloway, você ficou muito estressada na gravidez da C? *Porque sinceramente...*

— Tenho me perguntado isso também nos últimos tempos...

— Ah, não falem assim dela — senhora Arkins me defende.

Minha mãe e o Ashton se merecem.

— Eles têm sorte que são minha família, senhora Arkins...

— Isso foi uma ameaça? — Ash pergunta.

— Receba como quiser, quarterback.

— Antes que a gatinha feroz nos mate, eu vou entretê-la com outra coisa, pessoal — o idiota anuncia, me provocando. — Tenho uma coisa pra mostrar pra C, então vamos subir um pouco pro meu quarto, ok? Estão avisadas.

Ashton não espera nenhuma das duas responder.

Ele sai me puxando por todo caminho até a escada.

Nesse percurso, passamos por nossos pais, que estão envolvidos numa conversa acalorada sobre o Bruins. Eles sequer olham na nossa direção. O meu salto dói com toda rapidez que usamos para subir os degraus, mas eu não tenho tempo pra reclamar, porque logo estamos passando pela porta do quarto de Ashton e entrando no seu mundo particular.

Seu quarto não tem muitos detalhes, mas é a sua cara de alguma forma. Talvez eu perceba isso por conhecê-lo tão bem, mas as coisas são como são, não é?

As paredes cinzentas estão cheias de prateleiras lotadas com seus troféus e medalhas por cada time de futebol que já passou, cada campeonato que já ganhou.

É um feito e tanto.

Apesar de muito jovem, Ashton já tem uma carreira incrível... e ele, definitivamente, é o meu maior orgulho.

O jogador tem dois quadros colocados no meio dos seus incontáveis troféus e medalhas.

Um é com seus pais na formatura do *high school*, e o outro é comigo, do dia 09 de janeiro de 2007, três dias depois que nos conhecemos ainda crianças, exatamente no dia em que decidimos que seríamos melhores amigos para sempre.

Essa foto é tão antiga, mas Ashton a tem desde então em várias versões. Pequena, média, grande... emoldurada ou não.

É engraçado como a maior das versões está ali, no meio das suas conquistas, no meio da sua família.

Na imagem, nós estamos dividindo um *milkshake* grande de chocolate com batatas fritas.

Lembro muito bem desse dia.

Eu não queria me separar dele de jeito nenhum.

Os Arkins convenceram meus pais a me deixar dormir com o Ash... como uma festa de pijama.

Era tarde da noite — *naquela época* — quando meu melhor amigo obrigou seu pai em meio a lágrimas a comprar isso só porque eu queria e gostava.

Senhor Arkins foi rapidinho até o *drive-thru* mais próximo e nos trouxe nosso pedido. Enquanto comíamos, deitados na sua cama, Ashton disse que compraria isso sempre que eu quisesse quando tivesse muito dinheiro.

Não que Ashton não tenha muito dinheiro hoje, mas desde já ele está cumprindo sua palavra.

Se não me engano, foi a senhora Arkins que tirou essa foto. Segundo ela, era pra mostrar pros meus pais o que Ashton tinha aprontado às dez e meia da noite, mas, no fim das contas, só serviu como uma boa lembrança de como tudo começou entre nós dois.

— Por que tanto olha pra essa foto?

Seus braços serpenteiam minha cintura lentamente e Ashton me envolve num abraço por trás que é gostoso demais pra ser verdade.

— Você era tão pentelho quando era criança — murmuro, tentando ignorar o aperto no meu baixo-ventre, exatamente onde suas mãos espalmam. — Quem poderia imaginar que nossas palavras realmente nos trariam até aqui? — questiono. — Éramos apenas crianças prometendo algo que poderia facilmente se perder no caminho, mas ainda estamos aqui... quero dizer, você tá aqui.

— E eu vou continuar aqui — promete.

Mordisco meu lábio inferior, suspirando baixinho.

— Você não cansa mesmo, Ash? — indago, tentando achar respostas para as minhas dúvidas.

— Cansar do quê, anjo?

— De ser tão perfeito.

Ele ri.

Mas eu estou mesmo falando sério.

— Cloud...

— Não, é sério mesmo — o corto. — Penso nisso o tempo todo. Juro por Deus. — Pisco. — Não sei se eu sou cega, se eu te amo demais, mas você é tão perfeito, Ashton... tão... *argh!*, chega a me irritar te ver desse jeito dentro da minha cabeça.

— Acho que você me ama demais, anjo — diz, bem-humorado. — Tem como não amar?

Rolo os olhos, soltando uma risada nasalada.

— É isso então... eu te amo demais. Espero que tenha algum jeito de amenizar isso...

— Não vai amenizar nada — rebate no mesmo instante. — Se é recíproco, não precisa amenizar nada. Reciprocidade é o nome da coisa. É isso que compartilhamos.

Coloco minhas mãos sobre as suas, pressionando sem querer meu baixo-ventre assim e quase gemendo por estar tão sensível.

Não sei que merda é essa que Ashton está fazendo com o meu corpo, mas ele está fazendo alguma coisa.

Os seus toques.

O seu jeito.

É tudo... demais.

Eu me sinto entorpecida o tempo todo.

— O que você disse que tinha pra me mostrar? — questiono, tentando tirar minha atenção daquela minha agonia.

— *Ah, sim...* — Ashton se afasta e eu sinto sua falta imediatamente.

Giro sobre meus calcanhares, me equilibrando no salto para assisti-lo se mover pelo quarto assertivamente, em busca daquilo que tem pra me mostrar.

A penumbra do lugar deixa tudo mais íntimo, como se fosse necessário, mas eu só tenho consciência real disso quando o jogador se vira pra mim com algo em mãos e um olhar que não me deixa desviar para longe do seu.

Ele me tranca em sua gaiola, como se eu fosse um passarinho precioso que não pode ir longe.

— *Aqui* — murmura, parando bem na minha frente.

Seguro o embrulho ainda sem conseguir desviar dele.

Só faço isso quando Ashton olha para o que tem nas minhas mãos.

Rasgo o papel sem a menor paciência, sentindo uma risada borbulhar no fundo da minha garganta quando encaro as três caixinhas de...

— Batons?

Encaro Ashton.

— Não são quaisquer batons — retruca, sorrindo de lado. — São batons vermelhos da porra da Gucci. Bom, pelo menos um deles é. O outro é da Dior, que também já é grande coisa, embora eles não sejam tão caros, e tem mais um daquela moça lá... a famosa das Kardashians.

Ele está falando da Kylie Jenner.

Porque é um dos batons dela que está nas minhas mãos.

Não seguro o riso.

Dobro meu corpo pra frente, olhando aquelas embalagens bonitas, todas de batons vermelhos, e rindo cada vez mais.

— O que foi? — Ashton pergunta.

Me controlando mais, confesso:

— Você é tão fofo.

— Prometi os batons, não prometi? — Arqueia uma das sobrancelhas grossas. — Agora que eu sou seu namorado, isso não vai te dar má sorte, só alguns chupões pelo corpo, quem sabe...

— *Ash!* — exclamo, me endireitando e me ocupando em abrir cada embalagem enquanto me sento na sua cama pra não focar em suas palavras. *Chupões pelo corpo. Aham...* — Você realmente não precisava fazer isso.

— Claro que precisava — senta ao meu lado —, eu amo essa cor em você, então, se eu amo, eu preciso comprar pra você. E isso é só o começo.

O encaro, sem saber se ele está falando sério ou não, mas depois desse presente, talvez eu deva levá-lo realmente mais a sério.

— Para com essa coisa de me dar um monte de presente.

— Para de fingir que você não gosta, meu anjo mão-de-vaca.

— Não me chama disso! — Aponto o dedo na sua cara, mas a gente acaba rindo, enquanto ele segura minha mão e a beija. — É sério, você não precisa gastar seu dinheiro comprando coisas inúteis pra mim.

— Não são inúteis — afirma, sem meias palavras. — Eu vou borrar seu batom toda vez que estiver de vermelho, então isso não é nada inútil. É uma meta de vida. Um dever. — Engulo em seco. — Você é meu alvo, Calloway. Eu ainda vou te acertar em cheio.

— Acho que você já acertou, quarterback. Acho que você realmente já me acertou em cheio...

Ele sorri de lado, me deixando tão mole quanto possível só com esse pequeno repuxar de lábios.

Isso é tortura.

Quando estou pronta para me inclinar na sua direção e testar a durabilidade do meu batom, uma batida ressoa através da porta.

— Sim? — Ash pergunta.

É meu pai que abre a porta e coloca a cabeça pra dentro, ligando a luz e nos achando ali.

Próximos, mas não tão suspeitos.

— Seu pai tá te chamando pra perguntar algo e você, garotinha — aponta pra mim —, volta já lá pra baixo. — Semicerra os olhos na minha direção. — Tô de olho em você, Cloud Calloway — diz quando fico de pé. Ashton repete meus movimentos. — E em você também, quarterback.

Merda.

Quanto mais a gente quer, menos a gente tem.

Será que Ashton e eu jogamos pedra na cruz pra sermos atrapalhados toda santa vez?

— Por que você tá exagerando, pai? — pergunto quando passo por ele, rolando meus olhos com um bico na boca.

— Porque você veio muito bonita.

— Com todo respeito, senhor Calloway, mas eu tenho que concordar.

Caralho, mas o Ashton também não ajuda.

— O que você disse? — meu pai pergunta.

Os dois passam por mim.

— Que a minha melhor amiga tá linda pra caramba, mas ela sempre foi linda...

— *Olha aqui, seu...*

Se eu disser que meu pai acabou de sair correndo pelo corredor atrás do meu melhor amigo pareceria mentira, mas o pior

de tudo é que não é.

Eles correm até o topo da escada e depois descem como duas crianças.

Sei que a noite não está perto de acabar, mas saber que eu vou ter que passar por poucas e boas até finalmente chegar no meu destino previsto é uma tortura.

Queria ter o controle do filme *Click* do Adam Sandler nesse exato momento.

Só isso me salvaria.

Só isso.

32

NAS NUVENS

“Chegue um pouco mais perto da borda.

Suba um pouco mais na cama, querida.

Estou queimando, sim.

Tudo que vejo é vermelho.”

SLOW DOWN — Chase Atlantic

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
11:46 PM
16.09.2022

Depois de tudo que vivemos juntos essa manhã, não consigo pensar em nada minimamente puro olhando pra Cloud Calloway nesse exato momento.

Pensei nisso durante toda minha reunião com o Bruins.

Pensei nisso durante todas as minhas aulas do dia.

Pensei nisso durante todo o meu horário de almoço — *sem a sua presença*.

Pensei nisso a tarde inteirinha, principalmente quando decidi que hoje compraria os seus batons vermelhos, aqueles que lhe prometi dias atrás.

Não teve um instante em que não pensei nela e no nosso grande momento íntimo no banheiro do seu dormitório, e esse é provavelmente o pensamento mais casto que tive o dia inteiro a seu respeito.

A verdade é que Cloud não está se importando nem um pouco em pegar leve comigo.

Não vestida assim.

É óbvio que roupa não é desculpa pra nada, mas eu a conheço bem demais pra dizer sem medo de errar que Cloud se arrumou assim só pra mim, da mesma forma que eu hoje também resolvi me vestir desse jeito só pra ela.

Com um dos braços sobre seus ombros, mantendo-a perto, e minha segunda taça de vinho da noite na mão livre, encaro minha melhor amiga fofocar alegremente com nossos pais e ser o centro da atenção deles.

Ela está brilhando como uma estrela.

Cloud Calloway está perfeita para um caralho.

É de tirar o fôlego. Completamente.

Seu vestidinho preto, a sandália de salto da mesma cor, a maquiagem leve e o maldito batom vermelho que ainda não ousou sair dos seus lábios estão atormentando minha cabeça desde que nossos olhares se cruzaram ainda do lado de fora de casa.

A essa altura, estou dando qualquer coisa pra ter a chance de borrar a porra do seu batom. Quero beijá-la até que não reste vestígios de que em algum momento sua boca esteve pintada, mas minha querida melhor amiga não parece estar tão apressada assim.

Não como eu.

Não como meu tesão de adolescente fora de época me deixa sempre que a vejo.

— Ele é preguiçoso pra caramba, senhora Arkins — a safada me entrega, virando o rosto para me fitar enquanto eu a encaro atentamente. Quero dizer, encaro seus lábios atentamente. É quase a mesma coisa, certo? — O Ash chega tarde por causa dos treinos, e isso eu até entendo, mas ele gosta de fazer corpo mole e fica minutos e minutos choramingando na minha cama pra gente não estudar.

Virou pecado agora?

Minha rotina é pesada pra caralho.

Por que diabos ela está reclamando de mim?

— Filho! — minha mãe me repreende. — Você sabe que pra ser o queridinho dos olheiros, tem que ir bem em tudo. Não pode fazer corpo mole...

— Mas eu sou um bom aluno — viro para encará-la —, o semestre mal começou, a gente realmente não precisa se preocupar com isso agora. — Reviro os olhos. Volto a fitar Cloud, que ainda está de olhos grudados em mim. — E você é ou não a minha melhor amiga? Sabe que eu sempre me esforço nos estudos e nunca tiro notas abaixo da média.

Ela me dá um sorrisinho, tomando um pouco da sua quinta taça de vinho e respirando profundamente.

Tento não olhar pra baixo, tento não dar atenção aos seus peitos redondos e perfeitos, aos mamilos endurecidos que estão quase perfurando o tecido suave que lhe cobre e...

— Sabe que eu só tô brincando com você, né? — pergunta, tirando minha atenção daquele lugar perigoso para onde eu estava indo. — Mas você vai precisar fazer menos corpo mole, especialmente esse ano... porque é o seu ano, então tudo tem que sair perfeito.

— Aposto que ele não faz corpo mole — senhora Calloway me defende.

Sorrio de lado, vendo o rosto da morena se transformar numa careta antes de virar para enfrentar sua mãe.

— Tá falando isso porque você o ama — C rebate.

— E você deveria falar o mesmo, deveria ser um pouco menos chata com seu amigo, minha filha...

— Mãe! — exclama. — Não tô sendo chata, eu só tô pensando na carreira que o Ashton tá lutando há mais de uma década pra ter. Ele vai chegar lá no topo como o pacote completo, não só como um talento nato para *apenas o futebol*, mas inteligente também, mesmo que no fim ele tenha que largar os estudos pra ser um jogador profissional da NFL.

Jesus.

Ela falando desse jeito sobre mim...

Sou estranho demais por sentir tesão na mulher firme e inteligente que a Cloud é?

A garota pode até estar errada, mas ela sempre vai ter firmeza e inteligência o suficiente para defender o seu ponto de vista.

E isso é quente pra caralho.

— Ela tem um ponto — meu pai admite. — Chega de corpo mole, filho. Escute sua melhor amiga, ela sabe bem do que está falando.

— Isso não vai mais ser um problema — respondo, soltando uma risada sarcástica, nem um pouco preocupado. — Deseja que nossos encontros sejam onde a partir de hoje, vossa senhoria? Nada de dormitório? — Ela me encara. — Que tal a biblioteca? O local é do seu agrado?

Nossos pais riem.

— Tá fazendo pouco de mim, Arkins?

Ok.

Sem mais brincadeiras.

— Nunca, meu anjo. Tô profundamente arrependido e peço desculpas. — Pausa. — Você aceita as minhas desculpas?

— Não, e nossa próxima aula da tutoria vai ser na biblioteca só pra você pagar com a sua língua.

— *Meu anjo...* — tento reclamar e remediar a situação em que eu mesmo me meti, mas Cloud simplesmente desvia de mim, do meu olhar, voltando-se para nossos pais. — *Merda* — resmungo.

— Voltando ao que a gente tava falando... — a morena me ignora. — O que é que você queria me perguntar, mãe?

— Alena e eu estávamos conversando essa semana sobre...

Minha cabeça se perde totalmente no assunto que a senhora Calloway puxa. As palavras simplesmente se embaralham, enquanto eu só consigo vigiar cada uma das reações de Cloud ao prestar atenção em nossas mães.

Parece loucura, mas eu já estou sentindo sua falta.

Não sei o que vai ser da gente daqui para o ano que vem, mas se eu realmente for *draftado* com os meus garotos e um time grande apostar na gente, a pior parte de tudo vai ser ficar longe dela.

Não sei realmente como essa merda vai funcionar.

Espero não ficar louco de saudades, mesmo que seja algo inevitável. Honestamente, acima de tudo e de todas as coisas, o que mais espero é que nós dois estejamos em outras páginas, que Cloud seja oficialmente minha namorada até lá.

Talvez eu esteja sendo muito otário por fantasiar coisas que dificilmente acontecerão, mas ninguém nunca foi declarado culpado e condenado por sonhar demais.

Acho que assim vai ser menos doloroso.

Acho que assim eu vou ficar menos inseguro.

Por que, e se ela achar outro cara?

Ninguém nunca vai ser tão bom pra Cloud quanto eu — e *vice-versa* —, mas sei como esses filhos da puta podem ser quando olham algo de que se agradam.

Aconteceu comigo uma única vez e somente por causa dela.

Cloud é a mulher que desperta a parte filho da puta que existe dentro de mim.

Faria qualquer coisa para tê-la.

E, por via das dúvidas, é o que estou fazendo agora.

Mas quem não faria?

Ela com certeza não se olha direito no espelho, não se dá o devido mérito, mas a minha melhor amiga... porra, ela é... tão... tão... gostosa pra caralho.

Linda, inteligente, engraçada, doce, atenciosa, às vezes um pouco filha da puta, mas isso é só comigo. Demais pra aguentar, mas a parte em que Cloud é muito gostosa e também especialmente “só comigo” me pega muito.

A cereja do bolo é que ela é minha e nem vê.

Totalmente minha.

Só falta perceber.

Encarar o seu sorriso para nossos pais nesse exato momento é como me sentir em casa de um jeito nada físico, mas totalmente mental.

Cloud Calloway tem sido a minha casa por onde quer que eu ande. Contanto que seus dedos estejam entrelaçados nos meus, seus sorrisos sejam meus e suas risadas apenas minhas, ela vai continuar sendo minha casa. E, no fim do dia, até mesmo se eu a perder, seu posto nunca vai ser tomado ou preenchido por qualquer outra pessoa.

É ela.

A minha única certeza nesse mundo é que eu pertenço a ela de todas as melhores e piores formas que alguém poderia pertencer a outra pessoa.

E eu continuo pensando nisso repetidamente enquanto a minha cabeça dá voltas ao seu redor.

Os minutos vão passando.

Cloud termina sua quinta taça de vinho cheia, sendo servida mais uma vez por minha mãe enquanto ri copiosamente e continua de papo com nossos pais.

Eu sigo encarando-a.

Desvio algumas vezes, mas nunca paro de orbitar entorno dela.

Nunca.

E meu braço também nunca sai do abrigo em seus ombros, ao passo em que, com o tempo, uso as pontas dos dedos para desenhar formas desconexas em sua pele macia e desnuda.

Parece uma tortura.

Não, não... é uma tortura com toda certeza do mundo. E os minutos apenas se arrastam, cada vez mais e eu...

— Já tá tarde — senhora Calloway comenta. — É melhor a gente ir pra casa — sugere, encarando senhor Calloway sugestivamente enquanto se coloca de pé.

É por muito pouco que eu não deixo um “aleluia” escapar da minha boca.

— Mas já, Candy? Não tá tão tarde assim...

Minha mãe como sempre tenta remediar a situação, mas se levanta também, seguida do senhor Calloway e do meu pai.

Cloud fica de pé, me fazendo rapidamente seguir seus movimentos. Deixo minha taça já vazia na mesa de centro, tomando seu corpo por trás, sem deixá-la ir tão longe ao fechar os braços ao redor da sua cintura fina.

— O Ash precisa descansar — senhora Calloway sabiamente coloca. Isso é verdade. Tenho que sair bem cedo de casa, então preciso ir logo pra cama. — É melhor a gente ir...

— Mas...

Ela vai mesmo tentar falar alguma coisa?

Aperto os braços ao seu redor.

Cloud para de falar imediatamente.

Aproximo a boca do lóbulo da sua orelha, murmurando:

— Fica quietinha e deixa seus pais irem embora, senão não vai ter porra de aula especial nenhuma.

— Você não seria capaz... — ronrona de volta, me fitando sobre o ombro com dificuldade com seus grandes olhos castanhos bêbados. — É maldade comigo e com você mesmo.

Nem sei o que diabos Cloud quer de mim, mas...

— Sim, eu sou completamente capaz de qualquer coisa se você não ficar quieta e subir comigo em cinco minutos — blefo.

Isso é uma mentira do caralho.

Esperaria horas para ficarmos à sós.

Quero dizer, mais horas do que já esperei.

Mas estou cansado e quero ir logo pra cama com ela.

Cloud me olha com um certo espanto. Acho que sua leve embriaguez está lhe fazendo perder o discernimento das coisas. Isso quase me faz rir.

— Tá bom — finalmente concorda.

Um peso sai dos meus ombros.

— Boa garota, meu anjo — afrouxo os braços do aperto em sua cintura e a libero para ir se despedir dos pais —, agora vamos lá pra você se despedir dos seus pais e, depois disso, direto pro meu quarto.

— E o vinho? Eu quero mais vinho...

Jesus...

Cloud Calloway, você é mimada pra caralho.

Isso é uma maldição.

— *Porra...* — praguejo, soltando em seguida um longo suspiro. — A gente leva a garrafa pro quarto, Calloway.

Ela sorri pra mim.

Satisfeita.

Com seus gostos feitos.

Foda-se.

Estou *quase* ficando duro.

Sou um caso mais do que perdido.

Nem sei por onde me acharia sem ela.

— Vamos logo — resmungo, sem mais um pingo de paciência.

Empurro a morena suavemente pela base da coluna, fazendo-a seguir logo até a porta. Rápido. Com urgência e emergência.

Senhor Calloway faz uma careta quando Cloud diz que vai ficar e dormir aqui comigo, mas a cotovelada que a senhora Calloway lhe dá, o faz reprimir a cara feia e todas as possíveis palavras que usaria para refutar minha melhor amiga.

É bom ter aliados no campo de guerra.

Eles se despedem com um abraço rápido.

Também os abraço.

Então, meus pais ficam ali, ainda conversando enquanto Cloud e eu nos aproximamos do sofá mais uma vez.

— Estamos sendo mal-educados subindo assim tão rápido...
— reclama, encarando minha mão estendida em sua direção para seguirmos em frente.

— Tudo ou nada, anjo.

Um bico se forma nos lábios vermelhos.

Quase estrago tudo, beijando-a aqui mesmo.

— Senhora Arkins, eu posso ficar com o resto do vinho? — Cloud pergunta alto, chamando a atenção dos nossos pais uma última vez.

— Claro, querida! — minha mãe prontamente concorda.

— Cuida dessa garota, Ash — senhora Calloway pede. — Da última vez que ela bebeu, chegou em casa chorando igual bebê.

Ótimo.

Não me lembre desse trauma.

Cloud se engasga com uma risada enquanto nos encaramos sem mais um pinga de vergonha. Ela vira o resto de vinho em sua taça, deixando-a do lado da minha e pegando a garrafa meio cheia.

— Prometo que a C não vai chorar dessa vez, senhora Calloway — *“se depender de mim, não mais pelos olhos”*, penso, completando mentalmente minha frase.

A garota segura minha mão, sorrindo de lado.

— Não vai mais me fazer chorar, QB? — provoca, apertando nossas palmas juntas quando chegamos no primeiro degrau. — Como pode dizer isso com tanta certeza?

Um a um, subimos os degraus, deixando tudo e todos para trás.

— Passei mais da metade da minha vida me certificando de que não choraria por mim, meu anjo. Não é uma tarefa difícil. — Dou de ombros. — Aconteceu uma vez, não vai se repetir. Não de um jeito ruim.

— E existe um jeito bom?

— Você sabe que sim.

Ela ri.

— Acho que não sei não.

Bufo.

— Não se faz de sonsa, Calloway. Essa não é a sua melhor faceta. Prefiro você encarando as coisas de frente, corajosa e valente.

— Eu não sou sonsa — responde, entredentes. Chegamos no topo da escada. — Só tô...

— Continua andando — a corto. — A gente pode ter essa conversa em segurança, no meu quarto, onde ninguém vai nos escutar caso alguma putaria escape da minha boca sem querer.

Ela enrubesce.

Suas bochechas cheias e altas ficam vermelhas, fazendo Cloud desviar o olhar tonto de cima de mim e soltar nossas mãos.

A morena sai andando na minha frente, o maldito quadril balançando de um jeito hipnótico que me faz admirá-la como uma estátua por longos segundos. A falta do calor do seu corpo contra o meu é o que me faz despertar daquele transe.

Alcanço Cloud a tempo de vê-la dar o primeiro passo para dentro do meu quarto agarrada à garrafa de vinho meio cheia.

Acompanho seus passos subsequentes como se estivéssemos numa dança coreografada.

Ela é como a porra de um ímã pra mim.

É irritantemente natural.

Não tem como me manter afastado.

Nem mesmo se eu quisesse muito.

E o *plot twist* nada surpreendente é que eu não quero.

Tranco a porta atrás de mim, tentando acalmar os meus pensamentos e colocar tudo no lugar antes de me virar mais uma vez para enfrentar o meu grande sonho e pesadelo.

É, pesadelo.

Eu não aguento mais olhar para essa garota e não poder tocá-la como desejo, quero e mereço. Mereço mesmo. Mereço pra caralho. Mereço porque estou esperando por tantos anos, esperando como um idiota, e isso está começando a me rasgar ao meio, está começando a me deixar louco e cego.

Viro em sua direção, achando Cloud parada em frente à minha estante principal naquela penumbra natural da noite. Ligo a luz do quarto antes de seguir até onde ela está, porque eu não quero perder nenhum detalhe seu para o escuro.

Eu sou um filho da puta egoísta e me orgulho disso.

Seus detalhes serão todos meus.

Ela se volta para mim, tomando um pouco do vinho e sorrindo de lado enquanto caminha na minha direção.

— Me empresta uma camisa pra eu trocar de roupa? — pede, se aproximando, aproximando, aproximando...

— Mas já? — Arqueio uma das sobrancelhas. — Você tá linda nesse vestido, anjo. Não é melhor termos logo a sua aula especial?

Cloud faz uma careta.

— *Nah...* — resmunga. — Vamos pegar nossos pijamas e depois a gente fala da aula.

Sorrio.

Ela está tentando fugir?

Logo você, Cloud Calloway bêbada?

Sigo até o meu armário velho, escutando o click do seu salto no chão, um indício claro de que ela está no meu encalço.

Abro a porta, pegando uma camiseta velha pra Cloud e uma calça de moletom pra mim. Isso é tudo que a gente precisa. Pronto pra me virar pra ela, sinto seu corpo esbarrar no meu enquanto ela toma a minha frente bruscamente.

— Oh, meu Deus! Eu tinha esquecido completamente do seu altar ao santo Tom Brady — diz, rindo alto enquanto encara os pôsteres do meu jogador favorito ali, colocados na parte de dentro das portas do meu armário. — Juro por Deus, eu quase tinha me esquecido de que você ama pra cacete esse cara — vira pra mim —, não vai se livrar nunca desses pôsteres velhos? A gente pode colocar alguns mais atuais no lugar...

Cloud me encara, séria.

Não mais do que dois segundos mais tarde, nós rimos, juntos.

Reviro os meus olhos sem perder a risada, mas tão envolvido quanto poderia estar naquela nossa bolha pessoal de sempre.

— Você se incomoda tanto com bobagens, Calloway — respondo. — Não gaste seus neurônios com o Brady, meu anjo. Não pense em comprar novos pôsteres, esses já estão de bom tamanho. O único quarterback com quem você precisa realmente se preocupar, sou eu. Ele é só uma imagem de papel, eu sou de carne e osso. Eu que importo pra você.

— Ah... — Revira os olhos. — Tá com ciúmes até do Brady?

Cloud se afasta de mim, então eu fecho o armário e me volto pra ela. Sigo em frente até a minha velha mesinha de estudos, dobrando as duas peças e deixando-as ali em cima.

— Claro que não — digo, estalo a língua no céu da minha boca. — O Brady é o Brady.

— Ótimo — dá de ombros —, eu sempre achei ele um gostoso. Não sei quem tem mais sorte, se é a Gisele ou ele.

Pigarreio.

Um gostoso, é?

— Ele tem mais sorte. — Repito seus movimentos e dou de ombros também. — Apesar de loiras não serem bem o meu estilo, a Gisele é linda. — Ela arqueia a sobrancelha. — Quero dizer, gostosa, né?

Cloud revira os olhos com tanta vontade e faz uma careta tão grande, que eu solto uma risada alta. Ela vem até mim, tomando mais do vinho, mas não fica muito perto. A morena deixa a garrafa ali e, olhando pro seu batom vermelho nos lábios, lembro do que trouxe pra casa.

Apanho a bolsa que deixei debaixo da mesa, abrindo-a e tirando o buquê de rosas vermelhas que lhe dei na noite passada. Tiro as rosas daquele embrulho, enfiando-as no jarro que pedi mais cedo pra minha mãe deixar na minha mesa.

Já que Cloud, infelizmente, não pode deixar as rosas em seu dormitório, eu vou deixá-las aqui.

Avisei a minha mãe e pedi que cuidasse delas, já que amanhã eu viajo. É claro que a curiosa senhora Arkins perguntou de quem diabos eram as rosas. Honestamente, lhe respondi que tinha dado pra Cloud, mas ela não tinha onde deixá-las.

Não é uma novidade pra ninguém — *principalmente para os meus pais* — o “carinho” que tenho e com o qual trato minha melhor amiga.

No fundo, eles sabem que ela é a garota que escolhi pra mim.

Principalmente porque, quando ainda era criança, confessei a eles que estava apaixonado por minha melhor amiga.

Até onde todos sabem, isso nunca mudou desde então.

Nunca namorei e nem pretendo, se não for com ela.

É justo deduzir que sigo apaixonado por Cloud.

Justo e óbvio.

Eles sabem disso, sequer preciso dizer.

— Você as trouxe pra cá... — diz, o tom mais ameno e calmo, diferente da bagunça de ciúmes que ambos estávamos prestes a nos transformar. — Vai mesmo deixá-las aqui? Os seus pais não vão...

— Relaxa, anjo — a corto. — É claro que vou deixá-las aqui. Sem mas. — Dou alguns passos pra trás para admirá-la. — Avisei minha mãe e ela vai cuidar das rosas pra mim.

Cloud faz um bico.

Ela deixa a garrafa de vinho de lado, pegando uma rosa do conjunto e me encarando.

Cloud se move até mim. O seu salto volta a fazer barulho. É a única coisa que eu realmente escuto, pra ser sincero. Mais uma vez não consigo desviar os olhos do seu quadril.

Pra lá e pra cá.

Conforme Cloud chega mais e mais perto, eu recuo até sentir minhas pernas baterem no fim da cama.

Sento-me no colchão, alívio percorrendo por minhas veias antes que a morena termine de fechar a distância entre nós.

Fixo minha atenção em suas mãos.

Na rosa que ela segura entre os dedos.

— Elas são a lembrança do nosso primeiro encontro, meu anjo. Isso significa muito pra mim. — Ergo meu olhar para ver sua reação. — Se você não pode ficar com ela porque somos um experimento secreto, então eu cuido disso pra você... por nós.

— *Você é tão...*

Minha melhor amiga suspira, soando exausta.

Cloud deixa a cabeça tombar pra trás e eu sorrio.

Ela parece estar sem saída.

Sem saída pra isso, pra nós.

Sem saída para a porra do amor que sinto por ela.

— Sem palavras, anjo?

Não consigo não rir.

Ela é adorável pra caralho.

Endireitando a cabeça, assisto a sua careta bonita, que provavelmente deveria ser assustadora, e solto uma risada mais alta.

— Irritantemente perfeito, e eu sei que já disse isso antes. Se não disse, garanto que pensei em vários momentos... — Bufo. — Primeiro os batons, agora as rosas... que saco! Você é mesmo irritante. E perfeito.

— Perfeito no geral ou perfeito pra você?

Deveria perguntar esse tipo de coisa? *Não.*

Mas pergunto mesmo assim.

Cloud pisca, assimilando a minha pergunta, e ri.

— O quê? C-Como assim? Claro que... sei lá...

Perfeito pra ela.

Essa é a resposta.

— Não precisa dizer mais nada.

— Claro que precisa! — exclama, nervosa.

Perfeito pra ela.

— Então você vai admitir, anjo?

— *Não tem o que...*

— Desiste, Calloway. Nós dois sabemos a resposta. Pode evitar as palavras que eu vou ficar com o seu agradável silêncio, mas nós dois sabemos qual é a resposta certa.

E ela fica em silêncio.

A morena se aproxima mais um pouco de mim, achando seu lugar entre as minhas pernas e plantando a mão livre em meu ombro esquerdo.

Meu coração bate em meus ouvidos de tão satisfeito que fico.

A batida alta e forte é tudo que eu escuto.

Uma prova de que tudo que lhe disse é verdade e que, direta ou indiretamente, Cloud está começando a admitir.

— Você vai sentir minha falta? — indaga, baixinho. Arqueio uma das sobrancelhas, em desafio, e ela continua: — Vai sentir minha falta amanhã, quando você viajar pra outro estado e ficar longe de mim?

Tento resistir à maldita vontade que tenho de tocá-la como desejo, mas essa é uma guerra perdida. Não consigo durar nem cinco segundos nessa luta interna, desistindo totalmente de me privar do domínio que preciso estabelecer entre nós dois.

— Você sabe a resposta, Calloway — rebato. — É incrível como reclama tanto de mim, mas você também adora ser bajulada...

Ela sorri de lado enquanto enfia o cabo limpo e sem espinhos da rosa atrás da orelha, arrumando-a como um adereço ali.

É um enfeite perfeito para a sua imagem perfeita.

O batom e a rosa.

Todos os presentes dados por mim.

— Adoro ser bajulada por você — replica com a língua afiada e o sorriso nos lábios pintados de vermelho. — Isso é diferente.

— Diferente como? — Espalmo as mãos na parte de trás de seus joelhos, massageando pra cima e pra baixo lentamente enquanto sinto sua pele esquentar com o atrito. — Se importa em me fornecer essas informações, Calloway?

— Me importo, Arkins.

Minha respiração para no topo da minha garganta.

— Isso é território proibido — alerta.

— Não ligo... — zomba na minha cara. — O território é meu.

— Seu? — Arqueio uma das sobrancelhas. Suas unhas afundam sobre o tecido da minha camisa social, empurrando minha pele no intuito de machucar. Quanto mais Cloud tenta me machucar, mais gostoso fica. — Eu sou território seu? — Acentuo o arquear da minha sobrancelha esquerda. — Desde quando?

— Desde sempre — resmunga, encarando minha boca sem desvios. — Você sempre foi o meu território seguro — admite —, aquele lugar que eu não tenho que ter medo de pisar, deitar e rolar em cima... embora... embora minha cabeça tente me dizer que o medo é necessário para que atitudes precipitadas não sejam tomadas.

Então é isso que ela sente?

Medo?

Medo de ir em frente?

Medo de tentar?

Compreensível.

Eu também tenho medo pra caralho, mas agora tudo que consigo sentir é esse maldito desejo me estrangulando pessoalmente sem dó, nem piedade.

— Se você se sente tão segura em determinar que eu sou seu território, preciso dizer que também me sinto seguro em dizer que você é meu território, Calloway... Que você é minha. — Subo as mãos para as suas coxas, apertando a carne quente com força a cada polegada que alcanço. — É seguro chegar nessa conclusão?

Mordiscando o lábio inferior, Cloud concorda com um aceno.

Ela balança a cabeça pra cima e pra baixo, passeando o olhar sobre mim mais freneticamente do que antes, completamente eriçada.

— Sim.

Meu peito arde.

Ela está concordando de todas as formas.

Com gestos e com palavras.

— Você é minha? — repito.

— Eu sou, Arkins.

— Pode dizer isso mais uma vez? — peço, arrancando um sorriso tão lindo seu, que nem sei como meu coração continua batendo depois disso.

— Você ama isso, não ama? — Inclino a cabeça pro lado, me fazendo de desentendido. — Ama me ouvir dizer que sou sua.

— Não é como se fosse uma mentira.

— Não é, mas...

Puxo Cloud pra mim num solavanco.

Ela dá um gritinho, fofa e bêbada.

É melhor que fique calada do que falando merda.

Ela é minha e *ponto final*.

— Não existe um “mas” pra essa sentença, meu anjo. Aceite o seu destino de uma vez por todas, não tem como fugir... simples assim.

— Não tô tentando fugir, é só que... — Naturalmente, Cloud para de falar. Acho que ela desiste de defender o ponto que não tem o menor fundamento. — Não me olha assim, tá?

— Assim como? — Meu tom é forjado por puro escárnio.

Como se eu quisesse te beijar?

Como se eu quisesse te chupar?

Ou como se eu quisesse te comer?

Ainda existem outras opções pra essa mesma sentença interrogatória, mas eu guardo tudo na minha cabeça, na minha boca, no fundo da minha garganta.

— Me reivindicando.

— Você admitiu, Calloway...

— Sim, mas o seu olhar... — Geme, frustrada. — Admitir é uma coisa, dançar conforme a música é outra e aguentar esse seu olhar faminto é ainda mais diferente do que tudo isso junto.

— Faminto? — brinco, correndo a língua entre os meus lábios quando sua imagem quase completamente nua volta para a minha cabeça. Hoje cedo foi do caralho. Ela me deixou mesmo com fome. — Se eu tô faminto, a culpa é sua.

Cloud inclina seu corpo em minha direção, descansando praticamente todo seu peso sobre mim.

— Não ficou satisfeito com o jantar?

Sorriso.

— O que eu tenho fome não estava em cima do meu prato e sim sentada ao meu lado.

— *Ah...* — murmura.

Seu jeito surpreso me faz rir.

— É só isso que você tem a dizer? — desafio, no meio da risada divertida que Cloud me causa.

Ela enche os pulmões de ar, me abraçando pelo pescoço com um dos braços enquanto toca meu rosto com a mão livre.

— Não, isso não é tudo — admite. — O que eu tenho pra dizer é que você tá tão... tão... gostoso, Ashton Arkins... — murmura, encarando minha boca fixamente. Seu dedão passeia pelo meu lábio inferior, fazendo meu pau reagir a cada uma das suas pequenas ações, a cada uma das suas palavras. — A calça social colada na sua bunda perfeita, a camisa social aberta estrategicamente pra me fazer perder a cabeça, as suas tatuagens lindas... especialmente a das asas de anjo... — Mordo a ponta do seu dedo, fazendo Cloud ceder por completo sobre mim e encostar nossas testas. Solto a sua carne e a morena me segura pela mandíbula com força, suspirando contra minha boca. — Isso é tudo que eu tenho pra dizer agora, e eu preciso saber se você fez tudo de caso pensado? — Pausa. — Foi, não foi?

Meu riso agora é mais fraco, mas bem satisfeito.

Claro que foi.

— Quer uma resposta sincera?

— Sim...

O sorriso cresce.

— Se me deixar ver de todos os ângulos possíveis se esses seus peitos lindos são tão grandes quanto seu ego aparentemente

é, te digo se fiz tudo de caso pensado ou não.

— Meu ego é bem maior do que os meus peitos.

Cloud ri comigo, puxando meu lábio inferior entre os seus dentes num estalo logo em seguida.

— Impossível, meu anjo — rebato. — Deixa eu julgar isso pra você, vai? — Meu sangue bombeia todo na direção da minha virilha. — Mostra pra mim.

— Assim que a senhora Arkins te ensinou a pedir as coisas? Existe uma palavrinha mágica, sabia? Se tiver esquecido, posso te relembrar...

— Meu anjo, minha palavrinha mágica para você, é: faz o que eu tô mandando ou eu vou rasgar esse vestido em tantos pedaços, que vai ser impossível tentar consertá-lo depois disso.

Cloud geme.

A gostosa geme na minha boca, amolecendo em meus braços e gemendo pra mim como uma gatinha, cheia de manha, cheia das suas vontades sendo feitas..., mas o foda é que são as minhas vontades que estão sendo feitas.

Subo as mãos pelas suas coxas, passando por debaixo do tecido macio e suave até alcançar sua calcinha.

O material é diferente.

Áspero, mas com certeza confortável.

Isso é provavelmente renda.

Como melhor amigo, nunca vi suas calcinhas de renda.

Nunca mesmo.

Esse é o tipo de coisa que toda garota guarda a sete chaves.

Mas agora aqui está Cloud, minha melhor amiga, usando renda pra mim, gemendo na minha boca e, provavelmente, molhada

pra caralho só com as nossas provocações.

Se isso não é estar nas nuvens, eu não sei mais o que seria.

Ela veio com segundas intenções.

É isso que quer na sua aula especial: mais?

— Não fica brincando com minha calcinha se você não vai tocar no que tem debaixo dela.

Quando foi que sua língua se soltou tanto?

É a porra do álcool outra vez?

— Tão necessitada assim, meu anjo? — Suas unhas voltam a afundar na minha pele. Agora, no meu rosto. — Cadê as palavrinhas mágicas? Algo como “me toca”, “me chupa” ou “me come” serve perfeitamente para essa ocasião.

Ela geme de novo.

Vejo apenas vermelho.

O seu batom vermelho.

A rosa vermelha em seu cabelo.

Afastando o rosto do meu, encaro a sua boca ainda imaculada, o tom escarlate perfeitamente colocado nos lábios cheios me chamando num convite nada discreto para pecar.

— Por mais que eu queira usar uma das suas palavrinhas mágicas, a aula especial que pensei para nós dois essa noite consiste em outra coisa.

Puta que pariu.

Que porra de aula especial o quê?

Ela ainda está pensando nisso?

— Fala logo, Calloway, ou vou acabar colocando uma matéria antes da que você quer me propor.

Ela ri. Alto. Depois apenas sorri, desviando nossos olhares, e, de uma hora pra outra, caindo sobre os próprios joelhos.

De primeira, me preocupo, querendo perguntar se Cloud se machucou com o impacto, mas quando seu sorriso continua crescendo, ali, na altura da minha virilha, eu entendo tudo.

Não sei se acabei de morrer ou não, mas esse é o céu em qualquer uma das alternativas.

Vivo ou morto.

— Estive pensando... — Cloud começa a falar, mexendo propositalmente no cabelo liso, escuro, que cai entre seu decote do jeito mais obsceno possível — ..., você já fez tanto por mim, Ash... não só como aluna-namorada, mas, como melhor amiga, eu sinto que te devo tanto... — Morde o lábio. De novo. Isso é uma provação. — E você me fez gozar. Na roda-gigante, e depois hoje cedo, no banheiro. — Pisca, querendo parecer inocente, mas o toque das suas mãos em minhas pernas me faz endurecer o corpo inteiro no mesmo segundo. — Você sabe que eu adoro uma competição, e, atrelando ao fato de que você me deu mais do que recebeu, é minha hora de empatar o nosso placar.

— Empatar o placar? — Toco seu queixo, puxando-o pra cima para que eu encare bem o seu rosto naquela máscara safada que ela está usando. Bêbada e safada. — Isso não é o álcool mexendo com sua cabeça, certo, anjo?

— *Não...* você pode achar que eu tô falando isso porque estou bêbada, mas eu não tô não. — Cloud faz um biquinho. Ela sabe muito bem como me convencer das coisas, é só fazer esse maldito bico e eu cedo... e eu acredito. — Esse não é um

pensamento de agora — confessa —, eu não pensei nisso agora... eu pensei nisso o dia inteiro, Ash.

— O dia inteiro? — Quase solto uma risada. — O que exatamente você pensou, meu anjo?

Puxando o ar com força e enchendo os pulmões, Cloud confessa:

— Em mim, de joelhos pra você, pedindo pra chupar o seu pau.

Caralho.

Porra.

Isso... isso... isso saiu mesmo da sua boca?

— É? — Me esforço muito pra não gaguejar, me limitando a poucas palavras. — E você vai pedir ou não?

— *Só se você deixar...*

E tem alguma possibilidade de eu recusar isso?

— Pede — comando.

Esfregando as mãos nas minhas coxas, Cloud obedece ao meu comando:

— Por favor, deixa eu chupar o seu pau, Arkins?

A veia no meu pescoço pulsa.

O meu pau reage.

Reage mais do que deveria.

Apenas essas simples palavras, apenas esse simples pedido me faz quase gemer.

É por pouco que eu não me deixo ser visto por Cloud tão rendido.

Ela não faz ideia do que faz comigo.

Solto o seu rosto, tentando me livrar do meu cinto com apenas uma das mãos, mas é... é complicado. Não consigo tirar os olhos de cima da garota ajoelhada na minha frente, da porra da minha melhor amiga. Seu pedido ecoa dentro do meu cérebro, me deixando tão louco, que agora eu só consigo pensar em ter seu batom vermelho espalhado pelo meu maldito pau enquanto eu fodo a sua boca.

— Isso é um sim? — pergunta, lambendo o lábio inferior e molhando-o com a sua língua vermelha.

Desisto de tirar o cinto quando suas mãos deslizam por minhas coxas e param sobre a minha.

— Tome o que você quer, meu anjo.

Engulo em seco, me apoiando em minhas mãos e enchendo-as com um punhado do tecido frio de algodão que cobre minha cama. É isso. É assim que vou — *pelo menos tentar* — me controlar. Vou encher minhas mãos de qualquer outra coisa e ignorar o desejo de tocar Cloud por todos os cantos enquanto ela me chupa.

Com calma, a morena se livra do meu cinto com mais facilidade do que eu tive. Suas mãos fazem tudo automaticamente, porque minha melhor amiga não afasta o olhar curioso de mim.

— Sei que a gente tá... no meio de tudo isso... — Cloud desabotoa minha calça, puxando o zíper pra baixo. — Mas preciso ser sincera... isso parece, sei lá, um sonho...

Um sonho...

É, pode ser um sonho.

Eu, por exemplo, já tive vários sonhos assim. Fantasias que ficam no meu inconsciente e, então, tomam forma quando eu

descanso. Fora isso, conscientemente também fantasio com Cloud, e isso acontece com mais frequência do que com a qual os sonhos vêm pra mim.

— Você já teve um? — indago, estudando cada uma de suas pequenas reações.

Ela trava por um ou dois segundos.

Essa é a minha resposta inicial.

Ou Cloud já teve um sonho erótico comigo, ou ela se assustou com a minha pergunta.

A morena desvia nossos olhares, encarando a minha virilha enquanto puxa o lábio inferior entre os dentes.

Sua palma trêmula finalmente me toca sobre o tecido da *boxer* preta. Não me importo mais com sua resposta. Não me interessa mais em saber se ela já teve ou não um sonho erótico comigo. A ardência que percorre toda minha pele me deixa cego.

A primeira reação que meu corpo involuntariamente tem, de fato, é de tremer por debaixo de suas pequenas mãos que sempre me pareceram inofensivas.

— Você tá muito duro — murmura.

Seu tom abismado me faz quebrar numa risada nervosa e ansiosa.

Como eu não poderia ficar duro?

Ela é simplesmente... *caralho!*

— Se continuar me olhando assim, provavelmente vou ficar ainda mais duro — retruco, agonizando com suas mãos incertas e claramente inexperientes e os olhos felinos, totalmente sedentos.

Seus dedos finos e macios brincam com o elástico da *boxer*, me fazendo endurecer e tensionar automaticamente. Os meus

pensamentos outra vez se apagam, somem como fumaça no vento.

Seus olhos castanhos e enormes que tanto amo me examinam atentamente.

Minha melhor amiga parece consciente de si. Consciente até demais, principalmente quando tira minha ereção de dentro da boxer e desvia nossos olhares para encará-la.

É tão insuportável.

É tão estupidamente insuportável ter que engolir tudo e aproveitar sem ser cem por cento honesto com ela.

— Você vai me ensinar? — pergunta. — Como uma... uma aula especial?

Então era isso que ela queria nessa aula.

Cloud Calloway pensa mais em mim do que me deixa saber.

— Temo que não precise de aula nenhuma me tocando desse jeito — rebato, enquanto sua mão vai e vem lentamente e com dificuldade. — Você só precisa...

Cometendo contra mim o ato mais pervertidamente carinhoso de toda sua vida, minha melhor amiga beija o meu pau, a cabeça dele, manchando-o com a porra do batom vermelho pelo qual sou fissurado, e me tirando todas as palavras.

Sinto meu estômago afundar.

Um choque sobe por todo meu corpo, por debaixo da minha pele e por dentro das minhas veias, enquanto meus braços cedem no exato instante em que os seus lábios molhados tocam a glândula vermelha e inchada, vazando pré-goço por motivos mais do que óbvios.

O primeiro beijo se prolonga.

Ergo apenas a minha cabeça, rendido e incapaz, assistindo-a partir os lábios e tomar dentro da sua boca a ponta da minha ereção. Sua língua rola por cima, molhada, macia, quente... escorrendo contra mim, mas Cloud engole apenas segundos depois tudo aquilo. A sua saliva e o pré-goço que estava escapando.

Caralho.

Eu sonhei com isso muitas vezes.

Eu pensei que estaria preparado para isso.

Que seria normal.

Quer seria como tudo que já fiz.

Mas como eu poderia explicar pra alguém, ou até mesmo para Cloud, que, apesar de já ter transado muito mais do que deveria, ninguém nunca me chupou?

É tosco, mas eu sempre sonhei com ela fazendo isso.

Eu sempre sonhei com essa porra de momento.

Com o que está acontecendo agora.

Sempre que outras pediram ou estiveram perto de conseguir isso, eu sempre parei e falei que não.

Por causa dos meus sonhos e das minhas vontades.

Mas agora é ela que está fazendo e eu posso garantir que a boca de Cloud é a melhor coisa do mundo.

Ela me faz sacudir quando separa os lábios dali.

Macia, molhada, gostosa...

A minha perdição.

Como sempre soube que seria.

Como sua boceta é, sua bunda é, seus peitos são... agora é a sua boca.

— Tudo bem? — ela pergunta.

Os olhos castanhos enormes me encaram atentamente, ansiosos, nervosos, mas a sua boca volta à porra do controle.

Cloud Calloway estica a língua pra fora e me faz gemer com mais um toque. Um simples e maldito toque. O músculo molhado e macio rola lentamente ao redor de toda cabeça do meu pau, como se ela estivesse testando o movimento num segundo contato pra ter noção se gosta ou não do que está fazendo.

Não sei Cloud, mas eu amo isso.

Eu amo sua língua macia, a boca delicada, os lábios vermelhos me borrando...

Porra.

Eu vou ficar viciado em boquetes.

Nos *seus* boquetes.

É como uma droga. Uma droga só minha. Que vai ser só minha.

— T-Tudo... — gaguejo. Ela não para e isso está oficialmente me enlouquecendo. — Porra, caralho, C... não faz assim... — Isso é o que digo mais firmemente com o resto de controle que ainda tenho dentro de mim tentando falar mais alto no meio dessa situação. — Você não precisa... fazer isso...

Deslizando nem metade pra dentro, mas enchendo a boca com facilidade, Cloud não me dá ouvidos. Ela chupa o meu pau, gemendo ao redor dele e me fazendo urrar em resposta, porque seus dentes raspam sem querer na pele sensível.

Impulsiono meu corpo pra cima com toda força que eu tenho, voltando a me sentar enquanto desabotoo minha camisa de vez, lançando a peça pra qualquer canto do meu quarto.

Pela primeira vez, Cloud força metade pra dentro da boca. Ela se engasga imediatamente, fazendo as pequenas vibrações percorrem por toda minha carne. Ofegante, minha melhor amiga recua, fitando-me com as bochechas vermelhas.

Isso me deixa mais duro. Como se fosse possível.

— Desculpa... — sussurra, tentando regular a própria respiração. — Eu não sei como... quero dizer...

Eu não me concentro no que sai da sua boca. Eu não consigo, sinceramente. Eu só consigo prestar atenção nos lábios borrados e mais vermelhos do que nunca, enquanto suas mãos pequenas trabalham pra cima e depois pra baixo, deslizando por toda largura agora com facilidade até a base.

— Você não precisa fazer isso — repito, sentindo os músculos do meu corpo retesarem. Cloud leva a boca até a cabecinha de novo... minha mandíbula trava, minha respiração engata. — É sério...

— Não vai parar de me repreender? — Forço as minhas pálpebras até elas se abrirem e eu achar a garota ali, cheia de chateação nos olhos bonitos que eu adoro. — Se continuar, vou começar a achar que não quer que eu te chupe, e se não quiser mesmo, é só falar que eu paro.

Bom.

Foda-se.

— Não para — sentencio, soltando o ar preso dos meus pulmões. Cloud pisca e então sorri. Ela parece tão... tão... diferente. Mas é um diferente bom. Atrevido, confiante... isso cai bem nela. É uma de suas melhores versões já vistas por mim. — Chupa o meu pau como a boa garota que você é, meu anjo.

— Acho que você quis dizer boa aluna...

— Mesma merda — resmungo. — Você é tudo isso. — Toco a ponta do seu queixo, esticando o dedão até esfregar seu lábio inferior suavemente. — Não me faz pedir de novo, Calloway. Chupa ou eu vou começar a foder sua boca sem pena num piscar de olhos.

Lambendo meu dedão, Cloud ri. Então, ela empurra minha mão do caminho com apenas um balançar de cabeça e volta ao plano inicial.

Um gemido profundo rasga pelo meu peito, abafando-se dessa vez no fim da minha garganta, onde ainda consigo contê-lo.

O som molhado que Cloud produz faz os meus olhos revirarem.

Meu rosto se contorce.

Ela desbrava tudo ali com uma vontade inegável que está presente no jeito como me abocanha, no jeito como tenta levar a língua por cada pedaço meu, no jeito como tenta estabelecer um ritmo comum entre suas mãos e sua boca pra me empurrar cada vez mais naquele limbo cheio de lascívia e prazer.

Cloud separa a boca mais uma vez, correndo a ponta dura de sua língua nas veias marcadas que se estendem pelo meu comprimento.

Ela me encara.

Safada pra caralho.

Gostosa pra uma porra.

É uma provocação. Uma provocação barata.

Cloud quer me ver perder o limite.

Ela continua contornando as veias até alcançar a cabeça vermelha que brilha com toda saliva que deixou ali. Minha melhor

amiga faz isso com todas elas e não tira os olhos de mim. Exatamente como costumeiramente contorna e dedilha as minhas tatuagens.

Esse paralelo me faz levar a mão até o seu rosto.

Eu a toco. Em seguida, deslizo os dedos até o seu cabelo meio bagunçado. A rosa vermelha a faz parecer ainda mais linda. O batom vermelho sendo transferido dos seus lábios para o meu pau, é como uma pintura.

A morena escorrega sem querer.

Eu não sei se é por causa do álcool ou da posição.

Isso me preocupa.

Não quero que se machuque.

— Solta — comando.

Agarro um punhado do seu cabelo, rente à sua nuca, e espero alguns segundo até Cloud finalmente me obedecer. Ofegante, ela se endireita, tirando as mãos da minha ereção e fincando-as na minha perna.

Sua boca entreaberta, brilha.

— Você tá bem? — indago, inspirando profundamente.

— Só escorreguei... — murmura. Cloud não consegue sustentar nossos olhares, ela cede e encara meu pau novamente. — Me deixa continuar... eu tô gostando...

Ela está gostando?

Caralho.

Eu não precisava saber disso.

Eu não precisava mesmo.

Fico de pé, segurando-a pela parte de trás de sua cabeça quando seu corpo pende pra trás, e fitando-a ali daquela posição,

totalmente submissa. Não que eu curta essas coisas, mas o meu coração bate bem mais forte vendo Cloud daquele jeito, pedindo mais de mim, ajoelhada no chão só pra me chupar.

Seguro meu pau, esfregando-o contra os seus lábios inchados.

O batom sai um pouco mais.

Cloud estende a língua pra fora, recebendo de bom grado o que eu lhe dou. Tão, tão boa. Nem parece a mesma garota que está sempre batendo de frente comigo, me testando, me desafiando, me deixando louco pra caralho.

— Olha só pra você... — murmuro, inclinando a cabeça pro lado enquanto esfrego meu pau em suas bochechas. A morena tenta tomá-lo com a boca, mas eu não deixo. — O que eu vou fazer com você, meu anjo? Tão necessitada desse jeito... *puta merda*... — Pigarreio, tentando afastar o tom rouco que toma conta da minha voz, mas não consigo e percebo isso quando volto a falar — Apparently, você nasceu pra chupar o meu pau, Calloway.

— Apparently sim... eu aposto que sim... — concorda, gemendo e choramingando. Pressiono a glândula que começa a vazar novamente em sua língua molhada. Cloud tenta fechar os lábios ao redor, mas eu não deixo. É tarde demais, porque quando puxo meu pau de dentro da sua boca, o som molhado me deixa transtornado de tesão. — Me deixa continuar, Arkins. — Soluça. — Isso é uma tortura com nós dois.

É.

Sim... é mesmo.

De fato, eu estou ficando louco pra cacete com isso.

— Fica de pé — peço.

Deixando-a ir, Cloud primeiro se senta no chão pra depois se arrastar e novamente ceder aos meus pedidos. Endireitando-se, ela para na minha frente, arfando e respirando tão alto que quase dou risada.

Minha melhor amiga me empurra na cama de uma só vez. O ar prende no topo da minha garganta e eu sorrio de lado com sua atitude claramente desesperada. Chuto o tênis pra fora dos meus pés e Cloud se aproveita pra puxar minha calça pelas pernas sem o menor resquício de vergonha perpassando seus olhos.

— Apressada? — provoco.

— Você sabe que *sim* — diz, simples e direta.

— E você sabe que eu gosto quando você confessa.

Cloud engatinha sobre minha cama lentamente.

Se ela não está tentando me torturar, eu diria que está tentando me matar, porque só pode ser uma das duas opções.

Encho meus pulmões como se eu estivesse me preparando para iniciar uma partida em campo. É a mesma sensação e a mesma emoção. Sempre foi isso, sempre foi ela e o futebol. Cloud, sem dúvidas, acima de tudo. Ela é quem me faz sentir tudo de verdade, com toda intensidade do mundo.

É por isso que sou perdidamente apaixonado por ela.

Meu pau descansa na parte baixa da minha barriga, tocando as minhas tatuagens espalhadas por ali, e é nesse mesmo lugar que Cloud inclina o corpo até sua boca encontrar caminho por lá.

Ela salpica beijos por toda minha pele, chupando e mordicando numa brincadeira que não vai durar muito tempo se depender de mim.

Sua sorte é que eu fico entretido com a visão que tenho.

Seus seios escapam pra fora do vestido. Os mamilos rosados, completamente excitados e duros, implorando que eu os mame. Estou a um passo de desistir do meu prazer pra lhe fazer gritar o meu nome.

O arco que suas costas fazem é lindo. Ele deixa seu rabo empinado pra mim, e a safada se ajeita estrategicamente, me dando uma visão privilegiada da sua calcinha que eu sabia que era de renda só de tocar.

— *Caralho...* — praguejo quando a sua boca volta para o lugar de onde nunca deveria ter saído. Vejo tudo vermelho. Não vermelho sangue, mas vermelho de puro desejo. — Você tá linda pra caralho, meu anjo — confesso, sem conseguir manter esse pensamento só para mim.

— E você parece uma bagunça — zomba de volta, segurando outra vez meu pau e me fazendo estremecer. — Uma linda bagunça — continua. Sua mão sobe e desce, me masturbando lentamente enquanto ela apoia o braço livre no colchão e se inclina pra baixo, me lambendo como... como... *caralho!* — Tô fazendo isso certo?

A inocência com a qual a pergunta sai da sua boca é engraçada.

Sério? Certo?

Não que eu tenha qualquer parâmetro, mas isso aqui é bom pra caralho.

A saliva escorre pelos cantos da sua boca pequena quando ela tenta mais uma vez colocar tudo pra dentro. Cada tentativa nova que Cloud faz, desperta um lado mais visceral dentro de mim.

A única coisa que consigo pensar quando ela força esse movimento, é em segurar seu rosto lindo de cada lado e meter meu pau ali, entre seus lábios, até encontrar a parte mais funda da sua garganta estreita.

Escorregando a língua por minha pele sensível, minha melhor amiga me lambe de cima a baixo. Cloud chega até a base mais uma vez, dando beijos molhados por toda circunferência. Esse movimento faz o meu pau ser esfregado em sua pele, quase como eu fiz minutos antes ainda de pé, e esse simples atrito praticamente me faz gozar.

Ergo o quadril, querendo mais, e nos encaramos de novo.

Eu preciso aguentar.

Eu estou a ponto de gozar? *Sim.*

Qualquer surpresa agora vai me fazer gozar.

Mas eu quero mais e quero aproveitar mais.

Estico o braço para tentar lhe retribuir o que está fazendo por mim de alguma forma, mas, na verdade, eu só tento focar em outra coisa que não seja na sua boca descendo e subindo, me chupando, sugando, salivando, escorrendo, melando...

Agarro a bochecha direita da sua bunda, puxando-a mais pra mim.

Puxo o vestido preto completamente pra cima sem pedir por permissão. De qualquer forma, eu não preciso de uma. Ela ronrona quando aperto seu traseiro com mais força, me engolindo e apertando de um jeito que eu desconto de volta, lhe espremendo em meus dedos e gemendo.

— *Anjo, caralho...* — praguejo. — Vai com calma, Calloway. *Porra.*

— Para de reclamar — resmunga, respirando alto. — E tá doendo... a minha bunda tá doendo...

— E você tá gostando — rebato. — Vira direito pra mim, caralho.

Cloud Calloway obedece.

Ela obedece sempre.

Eu não estou acostumado com isso, mas espero me acostumar em breve, porque isso me deixa mais duro pra caralho.

Minha melhor amiga empina e alinha o rabo com toda lateral do meu corpo, me fazendo abafar dentro de mim a vontade que tenho de me sentar e lhe chupar nessa posição.

Bom, parece perfeito pra mim.

Não só isso parece perfeito pra mim, mas o seu ritmo também, e ele faz eu me apressar.

Agarro a sua perna esquerda, afastando-a apenas o suficiente para tocá-la sem ter que espremer a mão entre suas pernas grossas. Vejo como meus dedos deixam marcas temporárias em sua pele pálida, amando pra caralho isso.

Minha boca enche d'água com o banquete em minha frente.

Eu só consigo pensar em gozar e mordê-la, mas Cloud me faz deixar tudo pra lá e perder quase todos os sentidos quando meu pau toca sua garganta apertada pela quinta vez... eu acho.

Ela também raspa de leve os dentes em mim.

É tão malditamente gostoso que... caralho!

Nunca vou me acostumar com isso.

Nunca.

— Assim você vai me matar — afirmo sinceramente, sem meias palavras, meio que numa súplica por piedade. Pigarreio pra

esconder outro gemido, respirando com dificuldade. — Vai com calma ou eu vou gozar na sua boca sem aviso.

— Faz isso, então...

Inferno.

Maldita do caralho.

Ela quer mesmo que eu me renda.

Alcanço a sua boceta, punindo-a de volta, fazendo ela se render em consequência de suas ações. Meu peito aperta com ciúmes do tecido que a cobre, molhado, fazendo-me sentir todo seu tesão ali na ponta dos meus dedos. Puxo a peça prontamente pro lado, deslizando dois dedos médios entre os lábios gordos e cheios de Cloud.

Ela geme.

As ondas sonoras mais uma vez se espalham pelo meu pau, já que sua boca felizmente não sai dali. Isso me incentiva, ao mesmo tempo em que me tortura com todo aquele tesão reprimido.

Não posso foder Cloud hoje. Não agora. Não assim tão... subitamente.

Isso estragaria tudo, mas eu quero muito isso o quanto antes.

Esfrego o seu clitóris recebendo mais gemidos e mais atenção. Cloud choraminga de um jeito tão bonito e fofo, que eu só consigo pensar nela, nela e nela. Minha cabeça não viaja. Eu estou vidrado, fissurado, completamente louco por essa garota.

A fricção dos meus dois dedos no nervo inchado lhe faz rebolar pra mim, contra os meus dedos, provavelmente querendo mais.

Sua boceta é tão bonita de onde vejo.

Quero chupar Cloud até ela não aguentar mais.

Até ela gozar na minha boca uma, duas, três vezes seguidas.

— Isso, gostosa. Rebola nos meus dedos. Aprende a rebolar no que é seu, meu anjo. A próxima coisa em que você vai rebolar, é na minha boca, caralho. — Forço meu corpo pra esquerda, dando um tapa na sua bunda que estala por todo quarto e lhe faz arquejar. Cloud soluça, chupando meu pau com mais vontade, empurrando a cabeça pra baixo com tudo e me tirando um grunhido. — Você tá tão molhada e inchada, Cloud. Caralho. Só consigo pensar em te chupar e te comer de quatro. — Lhe dou outro tapa, deslizando o dedo até a sua entrada e brincando ali por alguns instantes. — Quando eu te comer, vou garantir que sinta o meu pau até quando eu não estiver mais dentro de você... talvez assim você entenda de uma vez por todas que é minha. Só minha.

Sinto sua saliva escorrer por todo comprimento até se acumular nas minhas bolas. É nesse instante que ela dá atenção a um dos meus pontos mais...

— Duvido que consiga me comer tão bem assim... embora o seu pau com certeza faça um *grande* estrago.

Cloud chupa uma das bolas.

Sua língua corre pela carne e eu perco o controle.

Quase, sem querer, enfio os dedos em sua boceta.

Quase.

Suas mãos trabalham juntas, enquanto ela se esconde ali entre as minhas pernas, chupando a minha outra bola e me masturbando do seu jeito.

Um arrepio sobe por minha espinha.

Eu nunca senti antes... quero dizer, só hoje cedo, essa manhã, quando a gente gozou junto, quando eu sujei sua bunda

com a minha porra.

Mas, ainda assim, agora parece estar ainda mais intenso, mais forte.

Cloud volta a lambar a minha glândula, beijando, sugando, chupando o comprimento. Ela não para, dedicada. Sua boca desce até o limite, afastando e depois repetindo. Os sons molhados são deliciosos. Tanto meu, quanto seu. Sua boceta brilha, enquanto ela rebola mais e eu volto a atacar seu clitóris com mais afeição e vontade.

Esfrego sem parar.

Ela não vai me obrigar a parar.

Nosso ritmo é diferente.

A vontade também.

A cadência.

O desejo.

Não consigo mais respirar.

Aquele acúmulo interminável vai se desprendendo de dentro de mim. Meu peito arde tanto, que eu sinto que estou prestes a infartar. Acho que é assim que a pessoa tem um ataque do coração.

Bom, se não é o caso de todo mundo, é o meu.

Dou um tapa na sua boceta.

Cloud geme.

Espalho os lábios molhados, tocando em seu clitóris novamente. Meu dedos vai e vem, assim como sua boca incansável faz. Já segurei muito.

Quando Cloud separa os lábios pra respirar e gemer mais alto, ela diz:

— *Arkins, eu vou...*

E mais nada.

Eu não consigo segurar mais.

Não com ela rebolando com mais vontade, praticamente cavalgando em meus dedos, e principalmente não com ela me chamando pelo sobrenome.

O primeiro jato escapa sem que eu consiga raciocinar.

Os espasmos de Cloud lhe descontrolam, quase como uma resposta aos meus.

Nós dois gozamos juntos.

Quando ela percebe tudo, mesmo gemendo e gozando nos meus dedos, parte os lábios novamente sobre a glândula inchada.

Gozo na sua boca.

Dentro dela.

Sentindo a sua língua rolando por cima, me atijando, me deixando mais sensível e me incitando a gozar ainda mais.

Meu quadril investe pra cima, dentro dos seus lábios.

Só consigo respirar de novo quando Cloud para de sacudir e eu paro de estocar na sua boca... e de gozar também.

Não tenho dúvidas, esse é o melhor orgasmo que eu já tive.

Foi a melhor gozada a minha vida.

E foi na sua boca.

Ela me tomou porque quis.

Encho os meus dedos do seu gozo, chupando cada um deles demoradamente e gemendo pelo seu gosto delicioso.

Cloud finalmente se afasta.

Ela senta sobre os calcanhares, ofegando e respirando fundo ainda sem me olhar. Quando finalmente vira o rosto pra trás e me encara, nós dois sorrimos um para o outro.

— *Porra...*

Um gemido escapa de mim. Baixo. Rouco. Meio descontrolado porque ela é gostosa pra caralho. Literalmente. Minha melhor amiga monta em cima de mim, deixando-me sentir a umidade da sua boceta gozada sobre meu pau ainda meio duro.

Ficamos cara a cara, nariz a nariz, então eu continuo:

— Se esse foi o seu primeiro boquete, eu não imagino o que diabos vai me aguardar quando você estiver buscando um PhD na área.

Cloud ri, fazendo os olhos grandes diminuírem drasticamente.

Se ela não parar de ser tão linda e fofa, eu vou acabar duro de novo, e aí quem vai ter que chupar o outro agora sou eu e ela não faz nem ideia do quão ansioso eu estou por isso.

— Vou, definitivamente, aplicar para um PhD pra essa área, já que tenho um professor tão bom e ansioso pra me ensinar e avaliar.

— Ansioso mesmo — murmuro, encarando os lábios inchados e avermelhados. Ela deixou quase todo produto no meu pau. Da próxima vez eu vou me certificar de foder tanto sua boca, que ela vai voltar a cor original. Meio rosada, meio pálida. — Não aceito sugestões para próxima lição.

— Mas a minha aula especial não foi boa?

Cloud faz um bico.

Como vou sobreviver a esse final de semana longe dela?

Cacete.

— Foi, meu anjo, mas vamos demorar pra ter outra dessa. Agora são as minhas lições. Como você já demonstrou ser uma aluna obediente, sei que não vai criar nenhum caso.

Ela me abraça, escondendo o rosto no espaço quente, abafado e suado do meu pescoço.

Isso foi feito seu.

Cloud me deixou ardendo.

Ardendo e nas nuvens.

Não existe melhor estado ou lugar para mim.

— Acho que eu tô começando a ficar maluca... — murmura.

Sim, porra.

Sim.

Eu sei o que isso significa.

Ela está se apaixonando por mim.

Foi o que eu pensei quando me dei conta de que estava apaixonado: que estava ficando maluco, porque essa é a minha melhor amiga.

— É? — respondo, segurando o riso e a felicidade. — Acho que todo mundo, um dia, fica meio maluco. Não tem mal nisso, meu anjo.

— *Mas...*

— Me deixa aproveitar o momento, C.

— O momento?

— É — murmuro. Minhas pálpebras pesam. Sonolento, feliz, satisfeito... — Acabei de receber o meu primeiro boquete, Cloud Calloway. Respeite o meu momento e me deixa aproveitar sem nenhum empecilho ou problema no meio.

Ela afasta o rosto do esconderijo e nós nos encaramos, ambos sonolentos, mas Cloud parece mais em alerta.

— O quê?

Pisca.

— Hm... — resmungo.

— Primeiro? O primeiro? C-Como assim?

— Primeiro, ué. Tem algo a ser explicado? As palavras meio que se justificam.

— *Mas você...*

— Ninguém nunca me chupou, meu anjo. Nunca consegui fazer isso antes com nenhuma outra garota... nunca consegui. Mesmo.

— *Mentira...* — sussurra, os olhos cada vez maiores.

Eles vão acabar pulando em cima de mim.

Coitada...

— Não tenho motivos pra mentir.

— E eu não consigo acreditar.

— Problema seu — rebato, soltando uma risada. — Sou rodado, mas ninguém nunca tinha colocado a boca no meu pau.

— E como todo mundo sabe o tamanho...?

— As pessoas têm olhos, sabia? E eles geralmente ficam arregalados igual os seus quando se deparam com o meu menino.

— Ai, meu Deus! Que mentira, Ashton.

— Me guardei pra você — assumo.

É isso.

Qual a vergonha de assumir a verdade?

Nenhuma.

— Você tá com sono — acusa.

— Depois da melhor gozada da minha vida? Sim. Mas também é verdade. Pode apostar.

— Dorme — resmunga, se escondendo de novo no espaço em meu pescoço. — Você pode dormir e me acordar quando for sair

pela manhã...

Encaro o teto, piscando demoradamente.

— C — eu a chamo.

— Hm... — resmunga de volta.

— Não é mentira — repito. — Eu nunca tinha sido chupado antes. Você foi a minha primeira e foi perfeito. — Pigarreio, limpando a garganta do bolo que quer se formar nela. — Se eu soubesse que a gente, um dia, chegaria a esse ponto, teria esperado por tudo... por todo o pacote. E, acredite, não seria um sacrifício pra mim.

Ela fica quieta.

Calada.

Quando não tenho mais esperanças de receber uma resposta e o silêncio começa a ficar tão constrangedor a ponto de me dar mais sono ainda, Cloud sussurra:

— Não é a primeira ou a segunda pessoa que vai contar, mas sim a última.

A última.

É isso, meu anjo.

Eu quero que ela seja a minha única e última.

Quero que seja Cloud. Pra sempre.

Só ela.

Apenas nós.

33

BEIJO FAVORITO DA SORTE

*“Indo e vindo, ao contrário, de trás para a frente.
Enrolado e bagunçado, é assim que somos e
sempre seremos e isso está bom para mim.”*

EASILY — Bruno Major

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
06:12 AM
17.09.2022

Gelado.

Essa é a primeira coisa que meu cérebro computa na tentativa de me tirar de um dos melhores sonhos que já tive em toda a minha

vida, e o meu melhor amigo — *não surpreendentemente, dado aos últimos acontecimentos* — era o protagonista dele.

— Hora de acordar, meu anjo...

A corrente morna da respiração pesada de Ashton bate no meu pescoço, onde ele deposita um beijo com os lábios gelados... muito gelados, mas, igualmente, molhados.

Isso me lembra de...

Ah, eu acho que não deveria...

— Me deixa dormir mais um pouquinho — murmuro de volta, sentindo minha garganta arder automaticamente ao forçar a minha voz rouca para fora, resultado da minha boa noite de sono.

— Se você dormir mais um pouquinho, não vai ter tempo de se despedir de mim e vai se arrepender disso pelo próximo par de dias.
— Pausa. — Tem certeza de que quer dormir mais um pouquinho exatamente agora?

Ele já está indo embora?

Já amanheceu?

Mesmo?

Sento-me na cama de uma só vez, empurrando Ashton pra longe sem querer com meu movimento abrupto e abrindo os olhos para localizá-lo ali. No instante em que o encontro e o escaneio por completo diante de mim, minha cabeça lateja, me fazendo fechar os olhos novamente.

— *Cacete...*

Um gemido de dor me escapa ao mesmo passo em que subo uma das mãos pra massagear meu couro cabeludo.

— Ressaca? — questiona, paciente.

Sinto o ar mudar ao meu redor.

Ainda de olhos fechados, a próxima coisa que acontece me faz prender a respiração. Ashton me tira da cama com uma facilidade conhecida, mas que nunca vai deixar de ser espantosa, me carregando nos seus braços “estilo noiva chegando no quarto para lua-de-mel”.

Resmungo em concordância, tentando focar na sua pergunta.

É isso.

Ressaca.

Já que, afinal, não existe nada no mundo, além *disso*, que poderia explicar essa maldita dor... principalmente depois de uma noite que só está me trazendo boas recordações.

— Você não deveria ter exagerado no vinho, anjo. Ainda é quase uma virgem pra álcool...

Tusso, abrindo os olhos pra encarar sua expressão divertida.

Virgem.

Será que ele...?

Não, não... isso não foi uma alfinetada.

Pigarreio, soltando o ar e puxando-o com força.

Seu cheiro agradável me acalma.

Seu rosto lavado, limpo, sem barba por fazer... o cabelo preto úmido...

Definitivamente não é só o cheiro que é agradável.

— Mas tava tão bom... — reclamo, tentando defender o motivo pelo qual exagerei e ignorar o termo que ele usou pra me descrever. De fato, estava bom, mas eu também estava precisando de um pouco de coragem líquida. — Tudo bem? — questiono, esfregando meu couro cabeludo com mais força, esperando que comece a surtir algum efeito o quanto antes.

— Comigo? — responde, sorrindo bem pequenininho de lado. Tão... lindo. *Que merda*. Meus pensamentos estão indo de mal a pior. — Nunca estive tão bem — afirma. — Abre a porta pra gente, anjo — pede.

Obedeço, levando a minha mão livre até a maçaneta e girando-a. Ashton entra no banheiro e me senta no balcão de mármore da pia com cuidado, como se eu fosse feita de vidro.

Meu corpo quente reclama automaticamente do contato com o balcão frio. Quase pulo dali, mas a minha cabeça não deixa e o meu olhar atento ao meu melhor amigo também não.

Melhor amigo.

Ele, Ashton Arkins.

Deus... meu coração está ficando cada vez mais confuso com tudo isso, com tudo que nós estamos fazendo nessas “aulas”. *Especialmente depois de ontem*. Eu só estou... merda. Não dá pra explicar nem se eu tentar muito.

Desvio nossos olhares no meio daquela espécie de incômodo do desconhecido, mas, de soslaio, assisto o jogador mexer no suporte das nossas escovas de dente.

Ashton já está pronto pra ir embora.

Eu o espio mais e mais. É só impossível resistir. Noto a roupa leve que ele sempre usa para as suas viagens e suspiro, meio chateada. Mesmo que uma parte minha esteja comemorando a distância entre nós pelos próximos dias por causa da minha óbvia e interminável vergonha, eu sei que isso passaria logo... provavelmente em algumas horas. No final do dia, não tenho o que comemorar. Vou sentir sua falta. Pra caramba.

— Aqui — diz, me oferecendo uma escova de dentes já com creme dental.

Aceito, começando a escovar meus dentes enquanto Ashton segue mexendo na pia, nos armários e...

Ele abre um pacote de lenços umedecidos.

Franzo cenho quando seu olhar se tranca no meu e ele sorri, deixando sua covinha linda aparecer.

Irresistível.

— Você tá meio suja — explica, afastando minhas pernas pra se colocar no meio delas e começando a usar aquele lenço no meu rosto. — Qual a marca do seu batom, anjo? Esse é realmente bom...

Seu jeito de esfregar próximo a minha boca, sem me atrapalhar na minha própria função, é tão doce.

O cuidado de Ashton está escorrendo sobre mim.

Com os gestos.

Com as palavras.

Com seu olhar atento.

— Posso lavar o meu... rosto... — Tento falar com a boca cheia, recebendo um olhar feio seu, claramente em repreensão.

— Essa não é a resposta que eu esperava — retruca, tranquilamente. — Fecha os olhos — pede e eu apenas faço. O som do plástico ressoa pelo cômodo quase todo quieto, até que eu sinto Ashton passar o lenço umedecido em cada um dos meus olhos, lenta e cuidadosamente. — Você passa mais alguma coisa pra tirar a maquiagem ou só isso aqui já resolve?

Eu quero rir.

Cacete.

Por que ele é assim comigo?

— Demaquilante.

— Hm? — resmunga. — Demaqui o quê?

— *Lante*.

Empurro Ashton gentilmente pra longe, abrindo os olhos e cuspiendo na pia. Limpo minha boca completamente, deixando a escova no suporte e passando um pouco de água pelo meu rosto. É só então que eu noto que ainda estou com o vestido de ontem.

Eu capotei real depois de tudo.

Mas tinha como continuar viva depois do que fizemos?

Além de muito animada por causa do vinho, eu ainda sou uma grande sedentária, e a verdade é que gozar me deixa molinha.

Nos últimos dias descobri que gozar com o meu melhor amigo me deixa mil vezes mais mole. Nocauteada, pra ser mais específica.

— E depois do demaqui sei lá o quê?

Pisco, encarando-o a ponto de cair na risada.

As gotas escorrendo do meu rosto para o meu colo. Seu olhar se move por um único segundo. Fico... orgulhosa. E me sentindo. Me sentindo pra cacete. Embora eu, terminantemente, não devesse.

— Posso continuar? — Ashton chama minha atenção pra si novamente e eu concordo com um aceno. Fecho meus olhos e respiro fundo. — Você tá bem?

Solto o ar.

Então inspiro mais uma vez.

— Bem — murmuro, mordiscando o canto esquerdo do meu lábio inferior. — Já tá pronto pra viagem? — pergunto o óbvio, mas até o óbvio precisa ser dito.

E se ele não estiver?

E se o jogo for adiado?

E se ele não precisar viajar?

Tudo pode acontecer.

— Aham — concorda. — Saio em vinte minutos. Tentei te deixar dormir o máximo possível enquanto me preparava, mas como disse que era pra eu te acordar...

— Fez bem — digo, procurando cegamente seu corpo pra me segurar. — Você pode me levar pro dormitório?

— Esse é o plano. — Pausa. — Não vai ficar com seus pais esse fim de semana?

— Vou ficar com a Hazzie. — Dou de ombros. — O jantar da noite passada foi muito bom, meus pais vão entender quando me ligarem mais tarde... e eu e a Hazzie temos que conversar.

— Conversar? — Seu tom é divertido. — Sobre o quê?

Ashton muda de foco, passando agora o lenço na lateral do meu rosto, o que me deixa fitá-lo novamente. Frente a frente. Aperto as mãos em cada lado de sua cintura e suspiro com a melhor visão do mundo.

— Sei lá... — Minha cabeça viaja. — Coisa de melhores amigas.

— E é diferente do que a gente fala um com o outro?

— Aham.

— Vai falar sobre mim?

— Acho que não.

— *Acha que não?* — Arqueia uma das sobrancelhas, me olhando nos olhos. — Você não fala sobre mim com a sua melhor amiga?

— Não — minto.

Pisco copiosamente por dois ou três segundos.

— Você acabou de acordar, meu anjo. Como consegue ter neurônios pra tentar mentir para mim tão cedo assim?

— Se sabe a resposta, por que pergunta?

Ashton Arkins me dá um sorriso lindo.

Quero dizer, mais um sorriso lindo.

Maldito.

Ele ainda não entendeu que vou sentir sua falta?

— Já disse que adoro te ver admitindo as coisas — afirma, me fazendo queimar por dentro só de vergonha... ou algo parecido. — É emocionante, sabia? Meu coração acelera, meu corpo fica quente... *é diferente.*

Ele sente isso tudo?

É a mesma merda que eu sinto... então, é normal?

— Minha humilhação é emocionante pra você?

Ash revira os olhos.

— Tá vendo? Nem eu tentando te explicar, você entende.

— Agora eu sou burra?

Ele joga o lenço no lixo, espalmando as mãos em cima do balcão de cada lado meu e me trancando ali, no meio dos seus braços.

— Cega — afirma. — Você é cega. E eu tenho certeza de que já te disse isso também.

Bufo.

— Você fala sobre mim para os seus melhores amigos?

Sem pestanejar, ele responde:

— O tempo todo.

— O quê, por exemplo?

— Sobre tudo. Cotidiano, aulas, encontros, Diário de uma Paixão...

— Não deixou escapar o que a gente tá fazendo, né?

Ele balança a cabeça negativamente.

— Não — pigarreia —, mas isso não quer dizer que eles não tenham percebido nada. É diferente.

Inferno... eles perceberam alguma coisa?

Minha barriga embrulha. Automaticamente.

— Como consegue ter neurônios pra me deixar paranoica tão cedo assim?

Ashton ri, abaixando a cabeça enquanto o seu corpo grande sacode sobre mim.

Meu melhor amigo finalmente volta a me tocar.

Isso me deixa mais calma, é como um antídoto.

Os pensamentos se esvaem enquanto suas mãos se firmam de cada lado da minha lombar, me puxando mais pra ponta do balcão enquanto o vestido sobe um pouquinho naquele movimento aparentemente impensado.

O jogador aproxima o rosto do meu pescoço, depositando beijos superficiais ali e descendo por minhas clavículas. Apesar de ainda sonolenta e de não ser hora pra isso, começo a esquentar.

É inevitável e insuportável.

Ele continua me fazendo queimar por dentro em altas temperaturas. É como se algo estivesse tentando sair de mim... algo em forma de palavras. Não queria reagir tão rápido a Ashton, mas parece uma maldição.

Talvez tenham me jogado praga.

Estar tão responsiva e atraída pelo meu maldito melhor amigo só pode ser praga.

O pior de tudo é que é difícil desligar o cérebro, mesmo enquanto ele distribui beijos e mais beijos sobre minha pele, fazendo aquele arrepio já comum subir por minha espinha, eriçar meus pelos, deixar meus mamilos duros, meus seios pesados, minha boceta... molhada.

Quando isso acabar, o que vai ser de mim?

Como eu vou agir normalmente quando ele me abraçar, quando a gente ficar de conchinha?

E quando estivermos em público, em seus jogos, no The Cave, em qualquer festa idiota?

Nós estamos nos transformando num desastre, e o significado dessa palavra por si só já é o suficiente pra me deixar triste pelo resto do dia. Desastre é um evento ou acontecimento que causa grande sofrimento e prejuízo, seja físico, moral, material ou emocional.

Nunca fomos isso.

Espero que nunca nos tornemos.

Que possamos evitar tudo que possa nos destruir.

— O que quer que seja isso que tá na sua cabeça e que te deixou tão tensa, deixa pra lá, meu anjo. Para de pensar demais.

Ele me conhece tão bem.

Ele me sente tão bem.

— *Desculpa...* — sussurro, tentando fazer exatamente o que me pediu.

Ashton para o rosto logo em frente ao meu, nos deixando separados por alguns — *malditos* — centímetros.

— Não me peça desculpas — alerta. — Só diz que vai sentir minha falta como eu vou sentir a sua — pede.

Um riso sem graça e divertido borbulha na minha garganta.

— Vou sentir sua falta mais do que vai sentir a minha.

Ashton solta um gemido, frustrado.

— Não tem como — ralha, brincalhão. Nós nos acalmamos superficialmente, mergulhando no olhar um do outro. — Eu não quero ir — reclama.

— É literalmente o seu trabalho... então, você precisa ir. — Passo os braços pelos seus ombros, esfregando a ponta do meu nariz no seu. — E eu acho que já se passaram quase dez minutos desde que nos trouxe pra cá, o que nos dá cinco minutos restantes dentro do seu horário limite.

— Isso é tortura pra mim.

— Pra mim também — confesso. Suas mãos descem da minha lombar até minha bunda, puxando meu vestido pra cima e tirando-o do caminho. — Para com isso, Ash — o repreendo, mas não é tão, tão sério assim. — A gente não tem tempo...

Minhas pálpebras pesam.

Não sei se é culpa do meu sono ou se o que ele está fazendo comigo é demais pra aguentar, mas eu semicerro os olhos, cansada.

— Enquanto você me pede pra parar com a boca, seus olhos não conseguem mentir, meu anjo.

Merda!

Merda, merda, merda.

— A gente não pode fazer nada.

— A gente não vai fazer nada — ri, encarando meus lábios com dificuldade —, fica tranquila.

— Nem um beijo de despedida?

— *Você disse...*

Fecho a distância entre nós dois, calando-o no automático.

Acho que vou acabar ficando viciada nisso — isso se eu já não estiver. Mas, que mal tem num beijo de despedida? É só um beijo, e é melhor que aconteça aqui, logo, porque nós não poderemos fazer isso depois que sairmos do seu quarto... do nosso porto-seguro.

É por isso e com isso em mente que eu me derreto por ele.

Sinto que é cedo demais pra gemer, mas não dá pra evitar quando sua língua empurra pacientemente contra a minha.

Minhas entranhas se enrolam e apertam.

Tudo dentro de mim comprime com aquela sensação molhada e gostosa. Os arrepios se espalham cada vez mais pela superfície da minha derme, me deixando pesada... atordoada... bêbada dele.

Mas, assim como os primeiros dez segundos são lentos, nós viramos a chave.

Eu vou sentir falta disso... *dele*.

Não quero esquecer do seu gosto, nem do seu beijo, nem da forma que ele me abraça e me toca.

Exatamente como está fazendo agora.

Ashton morde meu lábio inferior, chupando-o com tanta vontade, que quando outro gemido meu está prestes a rasgar o ar entre nós dois, ele o engole pra si, deslizando mais uma vez a língua quente e faminta na minha.

Uma mão sua amassa a minha bunda num aperto nem um pouco gentil ao passo que a outra agarra o cabelo embolado e

bagunçado na minha nuca, me dobrando e moldando conforme sua necessidade. O foda é que compartilhamos a mesma necessidade, o mesmo sentimento, a mesma maldita vontade.

Ele me deixa tão, tão sensível ao seu toque e ao seu beijo, que nem me importo em respirar, só me importo com o seu gosto refrescante me inebriando totalmente, só me importo em como suas mãos me dominam e me tocam como se eu fosse uma velha conhecida sua.

No fim das contas, eu sou.

A gente se enfia num labirinto nevoadado de excitação e desejo que é muito difícil de escapar, de achar a saída. Mordo seu lábio inferior de volta, lambendo-o com a ponta da minha língua, suspirando por não conseguir parar.

Mas eu preciso.

Eu preciso parar.

A gente precisa parar.

Não é hora... não agora.

Nós não...

— A gente precisa ir — atiro, separando nossos lábios novamente enquanto tento me concentrar em recuperar minha respiração e não nas sensações que Ashton me causa. É sua vez de avançar contra mim, mas eu consigo pará-lo a tempo. — Não, Ash — murmuro, sua boca colada, roçando na minha. — A gente precisa ir, ou você vai se atrasar e se enrolar com o time...

— É culpa sua — grunhe em resposta, dando um último aperto na minha bunda e chupando meu lábio inferior. — É culpa desse beijo bom da porra que você tem.

Suspiro baixinho, depositando um selar em sua boca.

— No quesito beijo você também não deixa a desejar — o elogio. Do meu jeito, mas elogio. — Agora tira a mão da minha bunda e me deixa sair daqui de cima.

Ele me obedece direitinho.

Mesmo insatisfeito, Ashton se afasta, recostando na parede do outro lado e cruzando os braços em frente ao corpo. Seus ombros sobem e descem com rapidez. Fico feliz que eu não seja a única afetada aqui.

— No que mais eu não deixo a desejar?

Da distância em que nos encaramos, sinto meu rosto inteiro esquentar. Desço do balcão, ajeitando o vestido no corpo e me virando de costas para o jogador.

Seu olhar pesa em cima de mim, mas eu tento ignorar.

— Você não perde uma chance de ter seu ego massageado, não é?

— Preciso de doses diárias de elogios vindos de você — retruca. Pego o sabonete líquido facial que sempre deixo aqui para casos de emergências, que definitivamente é a ocasião, e começo a terminar de limpar o resquício de maquiagem do meu rosto. — Me conta, anjo.

Fecho os olhos, esfregando a minha pele copiosamente.

Senti-lo atrás de mim me deixa ainda mais nervosa, então eu forço meus movimentos numa rapidez desnecessária.

— Tô tentando terminar de me limpar — digo com um pouco de dificuldade.

— Fugindo, né? Como sempre... — Ele beija meu ombro. — O que mais eu poderia esperar de você?

Mas que filho da...

— O seu corpo também não deixa a desejar — falo, orgulhosamente. — Você tem um corpo lindo, mas isso não é novidade...

— Claro que não é novidade — ri, perto da minha orelha —, agora diz o que você realmente pensou.

Inclino meu corpo pra enxaguar o rosto e isso acaba dando um pouquinho de merda, porque minha bunda bate na sua perna e... e... e ele propositalmente se abaixa. Eu sinto, porque seu corpo desliza contra o meu, empurrando o vestido e não demora muito pra saber que é sua virilha que está pressionada no meu traseiro.

— Eu realmente amo sua bunda grande, meu anjo.

Ele simplesmente... ele... ele...

Me seguro na pia, tentando tirar forças do meu âmago pra reagir.

— Para com isso.

— Você quer mesmo que eu pare ou...?

Cacete.

— Ashton! — grito, puxando a toalha de rosto pra me tirar daquele escuro. — Para com isso, porra.

— O que eu fiz?

O jogador se esfrega novamente em mim e juro que se ele fizer isso mais um pouquinho, eu jogo tudo pro alto e seu jogo que se foda..., mas só depois dele me foder.

Empurro meu quadril com força, afastando-o de mim e tirando um gemido seu.

— Caralho, Calloway — geme. — Você tá tentando me deixar estéril? Eu quero ter filhos, porra. Muitos deles.

— Tenho certeza de que não vai fazer os seus filhos na minha bunda — viro em sua direção, terminando de enxugar meu rosto e o encarando —, então para de ficar se esfregando nela.

Ainda com a expressão de dor no rosto, enquanto massageia o local atingido, meu melhor amigo responde:

— Quer falar disso agora? Lembro muito bem de ter gozado no seu rabo e não receber uma reclamação a respeito disso.

— Vai esfregar isso na minha cara?

Isso parece uma briga.

Mas não é.

Ainda assim, estou ficando irritada com ele porque sinto que estou a ponto de me afundar em mim mesma só de vergonha.

Eu nunca fui explícita assim com ninguém.

Absolutamente ninguém.

Isso tudo é novidade.

E ser explícita com meu melhor amigo está me fazendo querer sucumbir.

— Claro, meu anjo. — Ele sorri, irônico. — É a única coisa que posso usar contra você nos próximos dias, mas eu não vou deixar de lembrar de como esfreguei meu pau no seu rosto lindo cada segundo das próximas 72 horas da minha vida.

— Sorte sua que o seu pau não deixa a desejar, ou ele não passaria nunca mais perto do meu rosto.

Saio andando, lhe deixando ali por alguns instantes depois de tirar aquilo do meu peito.

A lembrança do seu pau é suficiente pra me deixar excitada, mas nós precisamos ser “profissionais”. Essa palavra não nos cabe em nada, só que é a única que poderia nos definir agora.

Precisamos ser profissionais.

Centrados.

Focados.

Fazer o que precisa ser feito.

Ashton precisa ir jogar pelo seu time e eu preciso ir ficar com a minha melhor amiga.

— Você precisa me avisar quando estiver prestes a ser explícita comigo — diz, entrando no quarto e me seguindo.

Abro o armário, tirando um casaco de moletom seu e um *shorts* meu.

— Você não me avisa quando vai ser e agora é obrigação minha te avisar? — Volto-me pra ele. — Vira de costas, eu quero me trocar.

Ashton pisca.

— Eu já vi v...

— Vira de costas ou você vai jogar com hematomas nos dois olhos.

— Já olhou pro seu tamanho? — provoca.

Antes que eu consiga abrir a minha boca, Ashton mais uma vez me obedece, se virando de costas e caminhando até a janela.

Faço tudo com a maior rapidez do mundo, e não é difícil, já que o meu vestido facilita o processo. Me livro da peça, correndo até a camisa que ele separou pra mim na noite passada e vestindo-a, junto do *shorts* e do moletom, que foi estrategicamente pensado pra esconder toda e qualquer marca que meu melhor amigo tenha deixado em mim.

Melhor prevenir do que remediar.

— Tá, pode virar — digo, procurando por minha *slipper* reserva que fica aqui.

— Satisfeita? — pergunta.

— Perfeitamente — retruco, me calçando. — Podemos ir agora.

Ashton revira os olhos, respirando fundo e concordando com um aceno. Por sorte, deixamos o assunto anterior de lado. Digo, sorte mesmo.

Ele pega sua mochila bolsa esportiva com todos seus pertences úteis de viagem e caminha até mim. Apanho meu salto e meu vestido, embolando-os no meu braço esquerdo pra levar comigo.

— Vamos.

Meu melhor amigo estende a mão pra mim.

Olho ao redor, mordiscando meu lábio inferior e encarando as minhas rosas por fim, junto dos meus batons.

Corro até a mesinha, pegando uma rosa do jarro e os batons, voltando até Ashton e segurando sua mão.

— Ok, vamos — assinto.

— Com uma rosa? — pergunta enquanto caminhamos até a porta do seu quarto.

— Uma não tem problema.

Ashton ri, balançando a cabeça negativamente.

Ele destranca a porta e nós, enfim, saímos do seu quarto rumo à escada no início do corredor. Nosso curto caminho é silencioso, mas esse silêncio se quebra assim que terminamos de descer o último degrau.

Seus pais estão na sala de estar.

Eles nos olham e vêm imediatamente até nós.

Acho que nunca me senti tão estranha como eu estou me sentindo nesse exato momento. É realmente bizarro e, pelo visto, não vai passar tão cedo... não enquanto eu e Ashton estivermos nos envolvendo como estamos por debaixo dos panos.

— Pai, mãe... — meu melhor amigo os cumprimenta. — Eu e a C já estamos de saída.

— Mas vocês não ficar para o café da manhã...?

— Vou comer alguma coisa no CT antes de irmos para o aeroporto — Ash responde, fitando-a brevemente até me encarar, fazendo-me virar para encará-lo de volta. — A C ainda tá com sono... e ela não é muito de comer de manhã cedo.

Verdade.

— Eu realmente não como nada de manhã cedo, então não precisa se preocupar, senhora Arkins — digo, voltando a fitá-la e apertando a mão de Ash. — Da próxima vez, prometo que a gente toma café com vocês.

— Eu vou cobrar — choraminga, fazendo um bico.

Sua mãe começa a se aproximar da gente, junto com o seu pai.

Tento soltar nossas mãos, mas Ashton não me deixa ir.

— Boa viagem, meu amor. — Sua mãe segura cada um dos lados do seu rosto, analisando-o cheia de emoção. — Quero uma mensagem sua antes de decolar, uma ao aterrissar e outra ao chegar no hotel, como sempre. Não esquece, tá?

— Pode deixar, mãe. Eu não vou esquecer.

— Bom jogo, meu quarterback.

Meu melhor amigo sorri, doce.

O brilho em seus olhos é inconfundível.

— Vai ser um bom jogo — garante.

Tomara que sim.

Senhora Arkins beija suas bochechas e lhe dá um abraço apertado. Mais uma vez tento separar nossas mãos para lhe dar mais espaço, mas Ashton continua me segurando. Teimoso pra caramba.

— Dessa vez eu quero um touchdown só meu — ela brinca, me encarando quando se separa do filho e piscando pra mim. Fico toda desconsertada. — Se importa, C?

— C-Claro que não, senhora Arkins — gaguejo.

Eles riem de mim, que acabo rindo também.

Eu sou muito tonta.

Que ódio.

— Um pra você e um pro meu anjo. — Pisca para a mãe. — Não precisa ficar com ciúmes, tudo bem? Vai ter touchdown pra todo mundo, eu garanto.

Não sei onde eu vou enfiar a minha cara.

— Não fico — responde, rindo para nós dois. — Vocês são tão fofos juntos que não tem como ficar ou sustentar ciúmes diante da situação.

Perfeito.

Agora juntos nós somos fofos.

Somos mesmo?

— Bom jogo, filho — senhor Arkins diz, tomando o lugar de sua esposa. — Não esquece da mensagem e tenha cuidado com os adversários. A gente sabe que eles colocam algumas peças podres só pra tentar machucar um jogador importante e você precisa

permanecer cem por cento até os *playoffs*. Você, Benjamin e Charles. — Ashton concorda, ciente e consciente das palavras do seu pai. — Diga aos seus amigos para ficarem espertos também.

— Obrigado, pai. Pode deixar, eu vou avisar a eles e nós vamos nos cuidar. Vai ser um bom jogo. — Eles se abraçam. — Já já tô de volta em casa.

— É isso aí, meu garoto.

Ahhh!

Fofos, fofos, fofos.

Isso sim é ser fofo.

— Agora a gente precisa ir, ou vou acabar me atrasando pra reunião e não vai dar tempo de comer nada — Ash anuncia uma última vez, se afastando do pai.

— Tudo bem, meus amores — senhora Arkins diz, enquanto seguimos para a porta. — Se cuidem, por favor! Os dois.

— Bom dia, senhor e senhora Arkins! Até mais — me despeço deles, balançando minha cabeça pro lado, porque eu não tenho como soltar as coisas que estão nos meus braços.

— Até mais, C! — dizem, juntos.

— Tchau, pai, mãe...

— Tchau, meu amor — senhora Arkins exclama, enquanto caminhamos até o carro de Ash.

— Tchau, filho — seu pai também exclama uma última vez.

Ashton destrava as portas da picape e nós deixamos nossas coisas no banco de trás. Ele abre a porta pra mim, me esperando entrar e me acomodar pra tomar seu lugar atrás do volante.

Nós ficamos em silêncio por quase um minuto inteiro.

Não tem motivo e não é desconfortável.

Apenas... respiramos.

Prendemos o cinto de segurança ainda em silêncio e quando estou retornando a minha posição inicial, ele segura minha mão, depositando um beijo demorado no dorso dela.

Formiguinhas brincam por debaixo da minha pele.

É um efeito colateral do seu beijo.

Ash solta minha mão, mas eu não consigo mais ficar quieta, meus pensamentos não deixam.

— Você vai ficar bem, né? — pergunto quando ele está prestes a dar partida no nosso caminho até a UCLA.

Meu melhor amigo para e vira pra mim.

Nos encaramos.

— Com certeza, meu anjo. — Pisca. — Não se preocupe comigo, não tem nada nesse mundo que me faça não ir bem dentro de campo... contanto que tenha você, meus amigos e minha família, é claro.

Meu coração aperta.

Sinto algo estranhamente ruim, por mais que acredite nas palavras de Ashton.

Ele é o melhor, eu não tenho com o que me preocupar.

— Tudo bem — sussurro.

Vai ficar tudo bem.

É mais um jogo, é mais uma partida.

Tenho que me acostumar com isso.

Ele ainda vai ter tantos anos pela frente jogando esse esporte...

— É sério, meu anjo. — Ashton segura meu rosto. Ele me examina atentamente, provavelmente preocupado com a minha

preocupação. — Confie em mim.

— Eu confio — concordo rapidamente.

— Então não fique pensando besteira. É mais fácil eu machucar alguém com a vontade que tenho de ganhar todos os jogos que ainda vêm pela frente, do que alguém me machucar.

Aceno positivamente.

Seu olhar continua me examinando por uns dez segundos antes de ele se aproximar de mim.

Quase recuo, mas resisto.

Seus lábios encontram abrigo no meu queixo.

No meu maldito queixo.

Meu coração quase sai pela boca, como se nós não tivéssemos nos beijado alguns minutos antes no seu quarto.

Prendo a respiração por um, dois, três exatos segundos, e Ash se afasta de mim.

— Meu beijo favorito da sorte.

— Favorito? — Solto o ar, refém dele.

Suas mãos não estão mais sobre mim, mas sinto como se estivessem.

— Foi o primeiro que eu te dei, então com certeza é o meu favorito — liga o carro, me fitando antes de completar: —, mas isso não quer dizer que ele seja o que eu mais gosto.

Me arriscaria dizer que o que Ashton mais gosta é o mesmo que eu mais gosto.

Merda.

Nós estamos perdidos.

Isso é incontestável.

34

DOR

*“Tão perdida, cheguei no meu limite.
Tinha uma voz, mas eu não conseguia falar.
Você me colocou pra baixo,
gora eu luto para voar.”*

BIRD SET FREE — Sia

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
HOLLYWOOD BOULEVARD
02:14 PM
17.09.2022

— O Ash faz falta mesmo.

A confissão sincera da minha melhor amiga me faz soltar uma gargalhada mais alta do que o calculado.

Entramos de braços entrelaçados no estabelecimento não-tão-cheio depois de andarmos por quase meia hora pela calçada da fama que, como sempre, estava cheia de turistas de toda parte do mundo, e claro que Hazel não poderia perder a chance de turistar mais uma vez por ali.

— Não consigo nem imaginar o motivo pelo qual você tá assim com tanta saudade dele... — zombo.

Talvez isso estranhamente tenha a ver com o fato de que foi sua vez de pagar o nosso Uber e ele saiu um pouco mais caro do que o normal. *Só talvez*. E ela ainda vai pagar o da volta também.

Avisto algumas mesas mais afastadas e suspiro, satisfeita, puxando Hazel comigo e nos guiando até ali.

— Dizem que quanto mais você convive com uma pessoa, mais traços dela você vai adquirindo inconscientemente e reformulando certas atitudes e linhas de sua própria personalidade.

Uau.

Que ardilosa.

— Tá falando isso pra tentar colocar a culpa em mim? — indago, encarando seu rosto quando nos separamos e sentamos frente a frente numa das mesas do salão.

O sorriso que Hazel abre é idiota e *quase* me faz revirar os olhos, mas, mudando minha atenção pra não acabar caindo na tentação, me ocupo em tirar meu celular do bolso, checar a barra de notificações rapidamente e deixá-lo sobre a mesa sem muita preocupação.

É claro que estou esperando por uma nova mensagem do meu melhor amigo. O voo dele tem mais ou menos duas horas de

duração, e a última mensagem que recebi de Ash tem mais ou menos uma hora e meia.

Segundo o jogador, eles tiveram algumas reuniões — *como sempre* — com toda equipe técnica e até mesmo a diretoria, e após isso seguiram para o aeroporto no ônibus do time.

Já sinto sua falta.

E nem sei se deveria *tanto* assim.

— Não citei nomes e você já se entregou — Hazel zomba, me puxando de volta pra realidade enquanto solta um riso frouxo e engraçado, mas eu não sorrio de volta. — Em quem mais deveria colocar a culpa se você é a pessoa mais mão-de-vaca que eu conheço?

— Em você mesma. — Sinto meus lábios se retorcerem automaticamente num bico de insatisfação. Nessa mesma fração de segundos, pego um guardanapo, amasso numa bolinha e atiro na sua cara. Sim, isso não é nada maduro, mas eu não ligo. Nunca fui exemplo de maturidade pra ninguém... e nem quero ser. — Não é minha culpa se você tá se tornando alguém mais consciente do quanto e com o que gasta... — Dou de ombros. — Aliás, seus pais são ricos ou o quê?

Hazel desvia nossos olhares, pegando um dos cardápios e praticamente se escondendo atrás dele.

Pego o outro, mas eu levo mais tempo observando-a do que me preocupando com o que nós vamos comer.

— São meus avós que lidam com as minhas despesas... e eles não ligam muito com quanto eu gasto.

— E os seus pais? — insisto.

Hazel suspira, alto.

— A gente não conversa muito, então eu não faço a menor ideia do que eles pensam ou deixam de pensar desde que meus avós concordaram com a minha mudança para Los Angeles.

Isso é absolutamente estranho.

Não sei se devo continuar falando ou se...

— Vou pedir salada e suco de laranja — a ruiva anuncia, cortando meus pensamentos enquanto abaixa o cardápio e me oferece um sorriso que, claramente, não é nada sincero. — O que você vai querer?

Corro o olhar sobre as opções ali e sentencio:

— Carbonara.

— A gente não tá num restaurante italiano — ralha.

— Mas tem no cardápio, então eu não ligo.

— Carbonara feita por um americano não tem a mesma magia, C. A gente pode ir a um restaurante italiano outro dia se você quiser — argumenta, mas nada vai me fazer mudar de ideia. — Fora que é macarrão, o puro suco do carboidrato.

Reviro os olhos com tanta vontade que preciso me concentrar para voltar ao normal.

— Carboidrato não é um bicho de sete cabeças.

— Você vai acabar ficando doente de tanto comer besteira.

— Eu não como “besteira” todo dia. — Bufo. — Dia de semana, a gente quase sempre almoça com os garotos. Quando é no refeitório do Bruins, tudo é absurdamente saudável e gostoso, eu admito. Então a sua argumentação tá um pouco capenga, Hazzie.

— Só tô preocupada com a sua saúde — rebate, empurrando o queixo pra cima com um ar que me incomoda um pouco.

Como a gente consegue ser tão parecidas e diferentes ao mesmo tempo?

— Você também vai comer Carbonara — sentencio. Uma garçonete se aproxima da nossa mesa, sorrindo gentilmente. Antes que ela possa falar qualquer coisa, eu digo: — Duas Carbonaras e dois sucos de laranja com gelo separado.

— Na verdade, é uma salada e uma Carbonara.

Encaro Hazel, semicerrando o olhar na sua direção.

A garota fica dividida, então eu lhe dou a minha expressão mais séria.

— As Carbonaras e o suco — repito.

Ela apenas concorda, se retirando rapidamente.

— Eu não vou comer isso.

Viro para minha melhor amiga.

— Se fosse o Charles no meu lugar, você não diria um “a” em reprovação.

Sua expressão muda.

— N-Não... — gagueja.

Pronto, está aí a confirmação.

Ela não negaria.

Mas, como sou eu...

— Por mais que eu possa parecer chata ou mandona, por que você nunca concorda quando sou eu que sugiro algo? Sempre tenta achar subterfúgios, saídas, opções diferentes... — Cruzo os braços, totalmente na defensiva. — Se o Charles dissesse que vocês comeriam a porra do macarrão, você não se preocuparia nem um pouco em retrucar. Por que é assim comigo? Eu também me

importo, sabia? E tudo bem que eu não seja a pessoa mais saudável do mundo, mas um macarrão não vai te matar.

— C...

E ela vai continuar?

— A gente pode concordar ao menos nisso? — Arqueio uma das sobrancelhas. — É uma situação óbvia, Hazel. Não precisa tentar mentir pra mim. Eu não sou burra.

— Ele é o... Charles. Charles Carpenter. É como um deus...

Pisco.

— E eu sou a porra da sua melhor amiga. — Meus dentes rangem. — Fico feliz que o Charles esteja preocupado com você e te ajudando de alguma forma...

— Eu não preciso de ajuda — Hazel me interrompe.

— ... mas você poderia olhar pra mim, nem que seja só um pouquinho, como você olha pra ele? Claro, sem a parte romântica, mas eu honestamente quero se você quiser.

Hazel ri e eu também acabo soltando uma risada.

A última parte foi pra quebrar o clima.

Eu não quero que o nosso programa de melhores amigas saindo juntas e sozinhas depois de semanas, acabe se tornando na porra de um enterro.

Eu não quero magoá-la ou machucá-la.

Eu só quero que Hazel fique bem e confie em mim assim como ela demonstra confiar em Charles só por ele ser o deus Charles *fuckboy* Carpenter.

— Desculpa se pareceu que ele é mais importante que você — resmunga, mexendo na ponta do cardápio pra fugir do meu olhar. —

Ele é importante, mas não mais do que você. Eu juro, C. Não é assim... é só que, você sabe como é, porque você tem o Ash e...

— Você tá apaixonada pelo Charles — a corto, não querendo ouvir nada sobre o Ash agora —, é claro que vai escutar mais ele do que eu, mas amizades não acabam... amores, se não forem bem-cuidados, sim.

— Não tô apaixonada — Hazel me encara, repetindo mais do mesmo de sempre —, não posso me apaixonar por ninguém. Não tenho tempo, não tenho sequer saúde pra isso...

— Você tá falando como se desse pra escolher quando e por quem vai se apaixonar.

— É basicamente isso que você fala pra mim.

— Quê? — Franzo o cenho.

— Tô falando de *Cash*.

— *Cash*...? Ah. — Minha mandíbula trava quando me toco do que Hazel está falando. — Ainda tá nessa?

— “Ele é só o meu melhor amigo” — caçoa das minhas palavras. — Nem vou entrar no mérito porque vocês são lindos como melhores amigos, mas tá bem na cara que isso não vai durar muito tempo.

— Não vai durar? — Semicerro o olhar na sua direção. — Como assim não vai durar? A gente não vai parar de ser amigos. Nunca. É um pré-requisito para a nossa relação.

Quando menos percebo, já falei demais.

E a merda é que Hazel está prestando atenção em tudo que está saindo da minha boca.

Cada letra, sílaba, palavra.

Mais cedo, quando decidimos o que faríamos hoje, foi bem complicado esconder as marcas que Ashton deixou pelo meu corpo — *principalmente no pescoço*.

Hazel ficou me apressando, dizendo que eu estava demorando muito no banheiro e reclamando da porta trancada que eu nunca tranco.

Engraçada mesmo foi a sua cara quando me viu apenas de lápis de olho, máscara de cílios e *gloss*, já que usei minha base e corretivo apenas nos lugares que ficariam a vista por conta da minha camiseta.

Falar da gente como se fôssemos algo a mais se tornou natural.

Natural demais.

Assustadoramente natural.

E isso é um erro.

Esse é o tipo de erro que eu evitei por quase toda minha vida pelo bem da nossa amizade, pelo bem da sua presença contínua e duradoura na minha vida.

— E qual é mesmo a relação de vocês? — É sua vez de cruzar os braços, me olhando com tanta atenção que agora sou eu que resolvo desviar nossos olhares. — Aconteceu alguma coisa que eu não fiquei sabendo? Porque se a resposta for sim e você não me contar, vou ficar bem chateada. Afinal, não é sobre isso que você tava reclamando? Sobre a nossa amizade?

Eu não posso falar.

Não é nada sério.

A gente, na verdade...

O *blip* no meu celular me salva, uma vez que, tanto minha atenção, quanto a de Hazel, focam imediatamente na notificação que faz a tela acender.

— *John*. — Ela sorri, pegando o aparelho e destravando a tela.
— Você ainda tá falando com ele? O Ash sabe disso?

Reviro meus olhos.

— Por que, sempre que um cara fala comigo ou se aproxima de mim, você pergunta se o Ash sabe?

— Porque ele é literalmente louco por você e eu adoraria ver o quarterback perder a linha vendo outro cara perto de você. Na minha cabeça, é isso que falta pra ele finalmente se declarar pra você. — Eu até penso em retrucar, mas não consigo parar de pensar nas suas palavras. — Você não tá respondendo ele?

A gargalhada de Hazel me assusta.

Meu rosto inteiro queima.

— Eu...

— Só respondeu o “oi” e o “tudo bem”?

Queimo mais.

— Não foi assim também.

Encolho os ombros.

— Você não respondeu ele nem por uma semana inteira, C. — Ri. — Essa sua última mensagem não foi no dia que o Ash foi te pedir desculpas?

Sim, com certeza foi.

Depois que Ashton e eu firmamos nosso “acordo”, não o respondi mais. E não é como se antes disso eu tivesse falado algo demais. Eu literalmente mandei menos de dez mensagens pra ele.

Foi uma conversa bem curta e parcelada.

— Posso responder? — Hazel pergunta.

— *Não!* — grito, me levantando e me inclinando sobre a mesa pra tentar tirar meu celular das suas mãos. — Não responde, Hazzie. Sério. Eu não tô interessada.

— Então pelo menos dispensa ele — insiste.

— Ele vai entender, eventualmente, que meu silêncio já é uma resposta. E, se o problema for esse, eu o bloqueio e ponto final.

— Essa foto dele tá bem bonita... ele é bonitinho...

Respiro fundo.

— Me dá o celular, Hazzie.

Ela me encara, sorrindo de lado.

— Por que você tá tão nervosa? — indaga. — Ele seria uma boa opção, não acha?

— Opção pra quê?

A ruiva dá de ombros.

Eu só pisco.

A próxima coisa que vejo é Hazel digitando algo antes de eu literalmente pular por cima da mesa para tentar pará-la.

— Merda! — rosno, tirando o celular da sua mão no desespero. — Por que você fez isso?

— Porque você não quer me contar o que tá escondendo, e nem adianta negar, eu sei que você tá escondendo algo.

A filha da mãe simplesmente mandou emojis de coração pra ele.

Três emojis.

De coração.

Inferno.

E nem dá pra excluir essa merda.

O que eu faço agora?

— O que eu falo pra ele? — questiono, meio que desesperada.
— Você mandou essas merdas de corações e agora eu tenho a obrigação de falar algo.

Minha cabeça parece a ponto de explodir.

Era pra ser uma tarde divertida e não traumática.

Eu não quero problemas.

— Fala que você errou a conversa e, na verdade, era pro seu melhor amigo.

O seu sorriso chega a me irritar.

Eu disse que não era pra ela responder nada.

Não estou falando com John por três motivos: primeiro, *ele é chato*; segundo, *eu e Ashton estamos provisoriamente exclusivos durante o período do nosso acordo*; e terceiro, *ele não é o Ashton*.

Não quero parecer uma vadia traidora.

É claro que não é como se Ash fosse ver isso ou também como se fosse minha culpa, mas, ainda assim, fico profundamente irritada com Hazel.

— Não sei se você tava tentando ser engraçada, mas isso não foi nada engraçado.

Desabo sobre a cadeira, me obrigando a responder John rapidamente.

Digito algo do tipo: *“desculpa! Bati com a mão no celular e enviei os emojis sem querer. Tô bem, e você? Quanto tempo, né?”*.

Sinto vontade de morrer instantaneamente.

Vontade de vomitar.

Eu não sei por que diabos fico tão incomodada, mas fico, e isso me atormenta.

— Não fica assim — Hazel pede, alcançando minha mão por cima da mesa. Seu sorriso idiota seguido por um bico de “desculpas”, me faz suspirar, cansada. — Sei que quer me estrangular, mas eu também quero estrangular você por esconder coisas de mim. Estamos quites, não acha?

— Não tô escondendo nada de você.

Minto. Em partes.

— *Claro que não* — zomba, irônica. — Eu como a Carbonara e você me conta o que tá...

— *Henderson?*

Ainda de olhos grudados na minha melhor amiga, vejo a sua expressão divertida e sorridente — *apesar da nossa conversa* —, mudar da água pro vinho.

Os orbes verdes sempre meigos se tornam assustados... na verdade, assombrados.

Viro pra trás, já com uma péssima impressão de quem quer que esteja causando isso em Hazel e encontro um casal. Um jovem casal. Eles provavelmente têm a nossa idade.

O cara é alto, loiro e de feições calculadamente perfeitas.

A garota ao seu lado não fica pra trás.

Também loira, ela me lembra até mesmo a Olsen.

Eles esbanjam beleza e dinheiro.

É super claro.

— *Ah, o-oi...* — Hazel solta, a voz trêmula e incerta.

— Meu Deus, há quanto tempo não te vemos! — a garota diz, dando um sorriso alinhado e perfeito.

— *S-Sim* — gagueja de volta.

Volto a fitar minha melhor amiga, estudando-a por curtos segundos e me incomodando sobre como ela recolhe a mão já trêmula do toque na minha imediatamente e as esconde debaixo da mesa.

Seus olhos verdes marejam. Muito.

É como se ela, do nada, estivesse a ponto de desabar em lágrimas, e eu definitivamente nunca a vi assim, nem mesmo quando Hazel foi dispensada pelo time de líderes de torcida.

— Faz muito tempo mesmo — o cara concorda, rindo. — Tá morando aqui em LA? — questiona.

— E-Eu...

Ela não vai conseguir falar.

Ela está em pânico.

Me colocando de pé, sorrio educadamente enquanto me viro para o casal.

— Hm... me desculpa a pergunta, mas quem são vocês?

Eles finalmente me encaram.

— Quem é você? — a loira pergunta, soltando um risinho. — A Hazel é nossa amiga de infância e você? Quem é você?

— Eu sou a melhor amiga da sua amiga de infância — solto um risinho como ela, mas o meu é meio azedo —, e, não é querendo ofender, mas se vocês fossem tão importantes para a Hazel, provavelmente saberiam que agora ela mora sim em Los Angeles.

— O q...

— Se você fosse tão melhor amiga dela, saberia por que diabos nós não sabíamos que ela estava aqui todo esse tempo.

Esse é um bom ponto.

Eu não sei nada sobre isso.

Hazel pouco fala sobre a sua vida antes de Los Angeles, antes de chegar aqui, mas, tirando por esses dois na minha frente, provavelmente não era a coisa mais divertida do mundo.

Estendo minha mão para a garota.

— É um prazer — “ou não”, completo mentalmente — conhecer vocês, eu sou a Cloud. Cloud Calloway.

— Irina Hampton.

Ela não aceita o meu cumprimento, mas o cara sim.

Segurando minha mão, ele diz:

— Tyler Smith.

Aperto nossas mãos e três segundos depois, as solto.

— Quando você volta pra Texas, Hazzie? Aiden sente sua falta — a tal Irina pergunta.

Aiden?

Quem é Aiden?

— Vamos tirar uma foto? Ele vai adorar te ver — o tal Tyler sugere. Tirando o celular, eu o encaro com o meu pior olhar. É sério isso? Viro pra Hazel no mesmo instante em que uma lágrima escorre por sua bochecha. — Vai, Hazzie, sorri.

Tyler tenta se aproximar dela junto com a Irina, mas eu avanço e os empurro pra longe sem o menor cuidado.

Eles me encaram como se eu fosse louca.

Bom, talvez eu seja.

— Não me importa quem seja esse tal Aiden, mas você não vai tirar uma foto da minha melhor amiga nesse estado e já sendo grossa ou o que quer que venham a pensar de mim, será que vocês poderiam nos deixar à sós?

— Ela é nossa amiga! — Irina esbraveja em cima de mim.
Nossa, que medinho.

Se eu enfio meu punho na cara dela, vai precisar de mais do que seu — provável — namorado pra me tirar de cima.

— Se importaria em abaixar o tom? Eu não sou surda, Irina. — Sorrio, respirando fundo numa pausa de quase dez segundos. — Agora vocês podem ir? Não são nossos convidados e a minha melhor amiga claramente não está bem na presença dos dois. Se ela deixou o Texas por algum motivo, vocês possivelmente estão envolvidos nele, então, saiam.

— É um estabelecimento público — ela diz.

— Não vamos sair — ele afirma.

Sinto uma movimentação atrás de mim.

A palma fria como gelo de Hazel desliza na minha.

Eu a encaro rapidamente sobre o meu ombro, notando mais lágrimas. Mais e mais.

Cacete.

Que merda é essa?

— É melhor a gente ir e-embora, C. Nós...

Porra.

Não!

Não vamos embora.

— Não é melhor, não. — Viro para eles. — Saiam do meu campo de visão ou eu vou acabar...

— Acabar o quê? Nos agredindo? — Irina zomba.

— Não me importaria em estragar o seu sorrisinho, Barbie Texana. Estrago quase todos os dias os sorrisos das patricinhas de Beverly Hills, não é uma Barbie Texana que vai me dar medo.

— Eu tenho dinheiro — ela literalmente rosna, os dentes cerrados, rangendo. — Você é uma ninguém, senhorita Calloway.

— E eu tenho um grande “vai se foder” pra você.

— Com licença, os clientes estão reclamando do tom da senhorita... — a garçonete chega, se dirigindo a Irina.

— Eu quero a melhor mesa dessa espelunca — exige.

Um senhor, que já estava próximo, termina de fechar a distância entre nós.

— Se meu restaurante é uma espelunca para a senhorita, eu a convido a se retirar.

É o dono.

Ótimo.

Aperto a mão de Hazel, satisfeita.

— Eu não vou...

— É isso ou eu vou chamar a polícia — o senhor a corta.

— É melhor a gente achar um lugar mais decente, amor — Tyler sugere. Ele com certeza é pau-mandado dela. — Os clientes desse estabelecimento são todos uns selvagens.

— Ótimo, senhores. Podem se retirar.

O dono vai empurrando o casal inconveniente para fora e eu consigo respirar aliviada.

Me virando pra Hazel, sinto meu coração quase parar de bater. Ela está chorando. Chorando muito. E silenciosamente. É a coisa mais louca que já vi em toda minha vida.

Ciente do meu olhar sobre si, ela me encara com a expressão completamente deformada de... dor.

— *Shhh...* — murmuro, solto sua mão e seguro o seu rosto cuidadosamente. Passo meu braço livre por sua cintura, abraçando-

a de qualquer forma pra tentar os movimentos afoitos que ela começa a fazer. — Eu tô aqui, Hazzie. Eu tô com você e não vou a lugar nenhum. — Ela soluça. Alto. — Eu tô aqui.

— *Mas... eles... ele... ele vai...*

— Se quiser me contar sobre o que isso se trata depois, eu quero muito saber, eu quero muito conhecer mais sobre a sua vida antes daqui, mas, por favor, fica calma, Hazzie. Tá tudo sob controle. Ninguém vai te fazer mal nenhum... não enquanto eu estiver do seu lado.

— Não estamos... seguras... o Tyler, ele... e o Aiden...

Suas palavras são desconexas.

Eu respiro fundo, sem realmente saber o que posso fazer para acalmá-la, então eu decido ficar em silêncio. Sei que estamos fazendo uma cena no meio do restaurante, e agora agradeço por nossa mesa ser mais reservada, mas eu não me importo com isso.

Eu só me importo com Hazel.

Solto seu rosto e a envolvo num abraço apertado.

Esfrego minhas mãos pra cima e pra baixo em suas costas, esperando que esse movimento lhe acalme nem que seja um pouquinho.

Isso eventualmente acontece quase quinze minutos depois da primeira vez que vi minha melhor amiga numa crise de pânico.

Não vou nunca me esquecer de como seu corpo tremeu contra o meu, de como suas mãos não paravam de sacudir nas minhas costas, puxando e soltando minha camiseta com força. Acho que se ela estivesse sozinha, no estado em que estava, provavelmente teria acabado se machucando.

Eu não quero Hazel machucada.

Nem física ou psicologicamente.

Mas a parte complicada é que ela provavelmente já está machucada.

Pela forma como automaticamente reagiu na presença dos seus “amigos do Texas”, Hazel está machucada. Profundamente. E eu quero muito saber o nome de quem fez isso com ela, porque sou capaz de cometer uma loucura pra dar um troco nesse maldito filho da puta.

35

DE VOLTA PRA CASA

*“Eu achava que o amor seria preto e branco,
mas é dourado, e eu ainda posso ver
tudo em minha mente.”*

DAYLIGHT — Taylor Swift

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DO BRUINS
09:34 AM
19.09.2022

Los Angeles, você nunca esteve tão bonita.

É muito bom estar de volta depois de uma satisfatória vitória fora de casa que, definitivamente, reafirmou com todas as letras o motivo pelo qual estamos entre os favoritos.

Eu, meus melhores amigos, meu time.

O Bruins.

A partida que jogamos em Boulder, contra o *Colorado Buffaloes*, acabou em 38 a 7.

Poderia ter sido melhor? *Sim.*

Mas, como bem coloquei, foi um resultado satisfatório.

Todo processo de ida e vinda foi e ainda estava sendo tranquilo. Era um alívio enorme poder enfim respirar o ar quente da minha Califórnia.

Enquanto sigo tranquilamente pelo corredor principal do dormitório do Bruins, “finalmente em casa”, escuto Charles irritando Benjamin atrás de mim. Como de costume. Reviro os olhos, mas não consigo segurar a risada quando um estalo alto ressoa pelo corredor calmo.

— Para com isso, desgraça! — Benji rosna pra Charles, que ri alto.

Eu os encaro por cima do ombro, rindo também.

— Que porra foi essa? — pergunto.

— Ele ficou me chamando de fraco depois daquela jogada perdida, agora eu tô mostrando quem é o fraco dando tapa na bundinha dele.

— Vai ver onde eu vou revidar esse tapa, imbecil.

Benji apressa o passo até estar ao meu lado.

— Bem que vocês poderiam parar de implicar um com o outro por pelo menos um minuto. O que acham?

— O que eu vou ganhar com isso?

— Se ele continuar me irritando, vai ter retaliação.

Charles e Benjamin falam respectivamente.

Charles sendo Charles.

Benji sendo Benji.

E o pior é que Charles está sendo sincero, enquanto Benji nunca faria retaliação nenhuma.

— Ah, Jesus Cristo. Então é assim que é ter mais de um filho?

— Solto o ar com força. — Desse jeito eu vou acabar querendo ter é nenhum.

— E você tá planejando ter filhos com quem? — Charles questiona, passando o braço esquerdo pelos meus ombros e o direito pelos ombros de Benji. — Com a emburradinha?

— Você sabe a resposta — retruco.

— Mas é sempre engraçado te ouvir dizer isso, porque eu sinceramente quero saber como planeja conquistar aquela cabeçadura do cão.

— Ei! — Lhe acerto com uma cotovelada, mas Charles nem se mexe, ele só ri. — Não fala assim dela... e você definitivamente não precisa saber de todas as coisas a respeito da minha vida amorosa.

— Que vida amorosa? Nem existe mesmo... — Ele beija meu maxilar e eu lhe dou outra cotovelada. — E eu sou seu melhor amigo, é claro que preciso saber. Quem vai te tirar da crise quando você sair correndo no momento em que ela estiver de joelhos na sua frente? E isso se esse dia chegar.

Se você ao menos soubesse, Charles, estaria orgulhoso de mim..., mas você não pode saber, porque a Cloud não deixa. *Ainda*. Não deixa *ainda*, porque logo não seremos mais um segredo pra ninguém.

— É melhor que você não saiba mesmo, porque suas opiniões geralmente são problemáticas — Benjamin diz. — Não duvido nada

de que sua resposta seria “enfia o pau na goela dela e faz ela se engasgar, seu frouxo”.

A risada alta de Charles me faz rir, mas as palavras de Benji também.

É um fato.

Ele com certeza falaria isso.

E ela se engasgou mesmo com meu pau.

Eu mal posso esperar pelo momento que vou conseguir ter Cloud me chupando outra vez.

Não era brincadeira: realmente estou viciado em boquetes. No seu. Apenas no seu, Cloud.

Valeu muito à pena esperar.

Preciso parar de pensar nisso ou eu vou acabar duro. De novo. Mais uma vez.

— Esse silêncio foi estranho — Benji resmunga.

— Tem algo a dizer, QB? — Charles inquire.

Puxo o meu cartão magnético do bolso e entro no meu quarto, tentando fugir dos dois.

— Se eu tivesse algo a dizer, vocês seriam os primeiros a saber — respondo evasivamente, escutando os dois seguirem atrás de mim.

— Lar, doce lar! — Charles exclama, deixando sua bolsa de viagem no chão e pulando na minha cama. Balanço a cabeça negativamente, deixando minha bolsa do lado da sua e me sentando na minha cadeira de estudos. — Vai fazer o quê agora?

— Descansar e esperar a hora do almoço — respondo, realmente exausto.

Preciso ir pro centro de recuperação o mais rápido possível. Meu corpo está clamando por uma massagem e reabilitação. Nada seria melhor do que isso nesse exato momento.

Quero dizer, nada uma vírgula.

Cloud é a resposta para todos meus problemas e dores. Seu abraço, seu cheiro, seus beijos..., isso com certeza me faria um bem do caralho, me anestesiaria momentaneamente.

Não aguento mais de saudade.

Preciso vê-la logo.

— Trocar de roupa e tentar pegar as últimas aulas do dia — Benji afirma, visivelmente exausto como eu e Charles, mas muito mais disposto do que nós.

Ele senta por um instante no fim da calma, deixando sua bolsa do seu lado.

— Fica por aqui com a gente, cara. Não tem problema não pegar uma ou duas aulas — Charles comenta, puxando um maço de cigarro do bolso. — O que você nos diz?

— Não — Benji rebate. Firme. — Tem uma matéria que tá me fodendo e eu não posso tirar nota baixa nela.

— E quando foi que você tirou menos que a média? — Arqueio uma das sobrancelhas enquanto nos encaramos. — Você nunca tirou nem a média, sempre acima dela. — Dou de ombros. — Não faz sentido. Acabamos de chegar de uma viagem e eu tenho certeza que...

— Relaxem — ele me corta. — Não tô tão cansado assim.

Mentira.

— Qual o problema com vocês mentirosos? — Charles reclama, tragando e soltando a fumaça. — Acham que todo mundo

é besta?

Você está sendo bem besta agora, meu amigo.

Eu menti, continuo mentindo e você nem percebeu.

— Podemos mudar de pauta? — o outro reclama de volta. — Não fico no seu pé, porque já cansei, quando fica enchendo o rabo de maconha e coisa pior. Por que você tá tentando me repreender por estar sendo um bom aluno e lutando por minhas notas?

— Porque gente boa só se fode, pequeno Beckett, e eu te amo muito pra te ver se fodendo de braços cruzados.

Odeio quando eles começam a se atacar, porque, na maioria das vezes, os dois estão certos. *Como agora.*

— Quanto amor... — zombo Charles do jeito que ele faz com a gente. Benji ri e o idiota revira os olhos. — Somos capazes de tomar nossas próprias decisões sem precisar da ajuda um do outro. Se ele quiser ir assistir aula, deixa o cara.

— Tá, tá. — Charles se senta. — E as garotas? Falaram com elas?

Ótimo, um assunto decente.

Estalo a língua no céu da boca, ansioso.

— Falei com Cloud no caminho pra cá e ela disse que vai nos encontrar no refeitório do Bruins na hora do almoço — digo.

— Sempre a emburradinha. Tinha que ser ela.

E ele estava esperando que eu falasse de quem?

— Quem te escuta falando assim, acha que tá apaixonado por um dos dois — Benji provoca de fora, ficando de pé enquanto pega sua bolsa com um olhar divertido. — Ele ou ela?

— Diria “ela”, mas as chances de eu não ver a luz do dia outra vez são grandes demais. Por isso, vou dizer “ele”, porque o cara é

um gostoso e meu melhor amigo.

Pego a primeira coisa que vejo pela frente e jogo na direção de Charles. Ele é rápido demais e acaba desviando do certo frasco de desodorante.

— Vem com essa merda de “ela” pra você ver o que faço contigo.

— Quanta agressividade, QB... — zomba.

— Quem brinca com fogo acaba sempre se queimando.

— Blá, blá, blá... — Charles redireciona sua atenção para Benji. — E você, Benjamin?

A expressão do loiro já muda.

Ele olha desconfiado na direção do idiota enquanto se move até a porta do meu quarto.

— Você e a nossa pequena gótica, a stalker.

— *Nossa?* — Benji ri, sério.

Sim, ele ri, sério.

Não sabia que uma pessoa poderia fazer isso até agora.

— Tá com ciúmes, pequeno Beckett.

— Não foi isso que eu quis demonstrar — revira os olhos —, se quiser, pode ficar com ela só pra você. Não faço questão de nenhum tipo de aproximação com ela.

— Quanta baboseira — Charles rebate. — Sua amada stalker fica chateada quando te ouve falando assim, sabia?

— Que bom que ela não tá aqui, então — o loiro ironiza.

— Não tá com saudade daquela peste?

— Quando eu estiver com saudade daquela “peste”, você pode ter certeza de que o mundo vai estar girando ao contrário. Enquanto

isso não acontece, fica tranquilo, não sinto nada além de desprezo por ela.

— Tudo que consegui ouvir foi “tesão reprimido”.

Pela primeira vez eu me pronuncio.

Benji me encara, semicerrando o olhar na minha direção e perguntando:

— Até você?

Sorrio, sem graça.

Escapou.

Ops...?

— Ah, cara, desculpa, mas essa implicância sua com a Sloan é um pouco demais...

— Ele não quer foder ela, mas também não quer sair de cima

— Charles explana. — Ansioso pelo dia em que a stalker vai começar a te ignorar e te trocar por outro. Quem sabe assim você acorda, né?

— Como se ela tivesse algum senso de fidelidade.

— Você tá exagerando, Benji. Até onde sabemos, ela nunca se comprometeu com ninguém e saiu por aí colocando chifre na pessoa — defendo a garota, porque é o mínimo que eu poderia fazer.

— Você não sabe do que tá falando — ele rebate.

— E você sabe? — Solto uma risada em escárnio. — Fala como se conhecesse a Sloan há anos. Desde que ela apareceu nas nossas vidas é essa grosseria e aversão com ela. — Cruzo os braços. — Você sabe do que tá falando? — repito.

— Não interessa.

— Eita, que amizade boa. — Charles ri.

— Não vale rir do coleguinha se você também esconde coisas
— Benjamin grunhe, agora sim muito chateado.

Que rumo nossa conversa tomou.

Porra.

— Uau. Sério, Benjamin? Mostrando as garras? — Charles não se afeta. Na verdade, ele ri mais. Pelo menos é isso que tenta mostrar. — Esse é o tipo de atitude que eu gosto de ver. Se descontrole mais, então talvez você consiga ser mais sincero com a gente e menos engessado como seus pais te ensinaram a ser.

— Pelo menos os meus me ensinaram alguma coisa.

Silêncio.

Charles e Benjamin se encaram como se estivessem num campo de guerra. Charles impassível e Benjamin ofegante, como se tivesse lhe custado muito vomitar aquilo tudo. E deve mesmo ter custado. Ele nunca reagiu assim e, por mais que seja nossa culpa, é ele que sabe o que sai ou não da sua boca, e tocar nesse assunto é um pouco...

— Baixaria do caralho — Charles ri, sem a menor graça. — Quer o número do meu...

— Chega — falo, alto. — Isso aqui já foi baixo demais como você mesmo colocou — aponto pra Charles. Ele desvia o olhar da gente, encarando o dia ensolarado pela porta de vidro que dá para a minha sacada. — Nós três falamos demais, estamos de cabeça-quente e somos culpados pelas nossas próprias palavras. Eu me desc...

— Vou indo — Benji mais uma vez me corta, saindo do quarto num rompante.

— E eu vou pro meu quarto.

Charles se coloca de pé e passa por mim.

— Charlie, você pode ficar se quiser — digo, chamando sua atenção enquanto ele pega sua bolsa do chão.

— Valeu pela hospitalidade, Arkins, mas eu preciso de... — Suas palavras se perdem. — Deixa pra lá.

— Fala comigo — insisto.

Tento segurar seu braço, mas ele escapa.

— Nos vemos na hora do almoço — diz, simples, e eu só o deixo.

Não vai adiantar nada.

Eu só não gosto disso.

Não gosto nem um pouco.

Toda vez que vamos conversar, acabamos nos provocando — Benjamin e Charles principalmente — e nossas conversas terminam em discussão.

Não somos assim.

Nunca fomos assim.

Sempre estivemos nas costas um do outro em apoio, não em acusação e apontamentos de dedo. A próxima conversa que tivermos, vai ser pra dar um jeito nessa situação de merda em que nossa amizade está se enfiando. Eu mesmo vou garantir que tudo se resolva e nada saia do controle como tem acontecido ultimamente.

Caio de costas na minha cama, olhando pro teto no completo vazio por alguns instantes.

O estresse até tenta me pegar, mas eu fecho os olhos e penso nela.

Isso me acalma.

Instantaneamente.

Como sempre: ela.

A partir de agora, estou contando os segundos para vê-la na hora do almoço, e, na verdade, eu estou pensando em até mesmo...



UCLA
01:39 PM

Já faz muito tempo desde que me vesti assim pela última vez.

A sensação que isso me causa é meio... *engraçada*.

De uma hora pra outra, é como se tivesse me teletransportado de livre e espontânea vontade pra dentro de um filme de romance, igualzinho aos que Cloud gosta. No fim das contas, é meio que isso, afinal, estou lutando por minha própria história de amor que ainda não está cem por cento como eu queria — *mas meio caminho andado ainda é meio caminho andado*.

Vestido com minha nova *varsity jacket* do Bruins, jeans, camiseta e tênis branco, me sinto o verdadeiro protagonista água com açúcar dos clichês românticos.

Até mesmo penteei e passei gel no meu cabelo.

É claro que eu daria um bom mocinho.

Não, não.

Eu seria o melhor deles, como sempre no topo.

Mas, ainda assim, nada de romance água com açúcar.

Apesar de gostar do lance de andar de mãos dadas por aí mostrando que a garota é minha, encontros, beijos na bochecha e o caralho a quatro, o que me importa mesmo é o que fica dentro das quatro paredes, e as minhas quatro paredes estão ansiosas pra ter Cloud sentando na minha cara nos próximos dias — de preferência, hoje mesmo.

Essa é a parte do romance água com açúcar que os filmes não mostram por motivos óbvios.

É também a minha parte favorita.

Estou pronto para finalmente vê-la depois de longos dias separados.

Encostado na parede em frente ao auditório onde Cloud está terminando de assistir à sua aula, enfio as mãos nos bolsos frontais do meu jeans e cumprimento as pessoas que vêm e vão, falando comigo no caminho. A maior parte eu sequer conheço, mas preciso sempre manter o tom amigável. É meio que um pré-requisito. Isso tudo faz parte da imagem que vendo, e, sinceramente, não é nada distante de quem realmente sou.

Troco o peso de uma perna pra outra pelo menos cinco vezes enquanto a espero ansiosamente.

Meu grau de paciência diminui de forma drástica nos últimos minutos.

Quando estou prestes a sacar o celular do meu bolso, os alunos começam a sair do auditório, afoitos e possivelmente aliviados pela aula finalmente ter chegado ao fim.

Eu também fico aliviado.

E nervoso.

Endireito minha postura dando alguns passos até a porta, mas mantenho uma distância segura pra não tumultuar a saída.

Três... nove... doze... dezessete... vinte e dois...

Perco a contagem quando tenho o primeiro vislumbre do cabelo escuro bagunçado no topo da cabeça da minha garota. Ela está concentrada em Duke, que vem logo ao seu lado, falando alguma coisa pra ele e recebendo uma resposta do mesmo que a faz soltar uma gargalhada alta.

Minha risada favorita do mundo todo.

Cada passo seu é um pedaço a mais que vejo e a sua roupa é o mais “Cloud” possível, com exceção da camiseta preta justa que cobre seu corpo. De jeans solto, camiseta justa e tênis, eu admiro bem mais do que deveria o seu corpo de cima a baixo.

Só foco no que é mais importante quando sinto seu olhar em mim.

Meu peito sacode e minhas mãos suam, coçam, tremem.

Sua atenção realmente me desestabiliza.

Apenas Cloud tem esse poder.

Ela solta a bolsa no chão e corre até mim de supetão.

É uma surpresa.

Quando pisco, a morena já está pulando sobre meu corpo, laçando minha cintura com as pernas e meu pescoço com os braços.

Abraço Cloud de volta pela cintura, segurando-a com firmeza e força.

Inspiro lentamente o seu cheiro doce, quase grunhindo de tão bom que é.

Aperto minhas pálpebras com força, beijando a lateral do seu pescoço cegamente enquanto esfrego suas costas de baixo pra cima.

Afastando-se apenas o suficiente de mim, mas ainda nos meus braços, Cloud segura meu rosto enquanto abro os olhos para encará-la.

“Ainda mais linda de perto”, é só isso que consigo pensar.

— *Oi, QB* — sussurra, abrindo um sorriso lindo que é meu. Só meu.

Porra.

Não dá pra evitar.

Ela é minha pra caralho.

— *Meu anjo* — sussurro de volta, esquadrinhando cada detalhe do seu rosto perfeito —, porra, eu senti sua falta. Eu senti *muito* a sua falta.

Ela solta um suspiro, alto.

Seus olhos castanhos brilham pra mim.

Sou o cara mais sortudo dessa porra de mundo.

— Me deixa ver você direito — pede, tentando escapar dos meus braços por si só.

Seus pés tocam o chão depois de eu relutar um pouco para deixá-la se afastar de mim, mas Cloud faz tal como deseja. Os orbes castanhos trabalham freneticamente sobre meu corpo, me fitando de baixo pra cima como de costume pra ter certeza de que está tudo bem comigo.

Está tudo bem comigo.

Eu não me machuquei, só estou cansado, mas isso é normal.

— Você tá bem mesmo? — questiona, ofegante. Concordo com um aceno, sorrindo de lado. — Deus... e essa jaqueta? — Ri. — O que é isso? Um filme de romance, QB?

— Acho que sim, meu anjo — retruco no mesmo tom. — Em que você acha que eu devo colocar a culpa, em você ou no Nicholas Sparks?

— Não coloca o Nick no meio disso.

Nick?

— São íntimos agora, é?

Não que eu esteja com ciúmes.

— Depois de tantos anos, com certeza sim.

Bufo, esfregando a minha nuca.

— Tô lindo ou não tô? — Mudo de assunto, ignorando-a e dando um passo na sua direção. Cloud balança a cabeça negativamente, me provocando como a peste que é. Isso me anima. Isso sempre me anima. — Admite, meu anjo. Você quer admitir.

Ela revira os olhos, mas suas bochechas vermelhas lhe entregam de bandeja todinha pra mim.

— A jaqueta é muito bonita e sem dúvidas o ponto alto do seu *look*.

— Quer ela pra você? — pergunto, arqueando uma das sobrancelhas. — Tem o meu nome atrás — viro pra mostrar —, vai querer?

— E desfilas por aí como se fosse uma propriedade sua?

Viro de volta pra ela, dando mais um passo na sua direção enquanto tiro a jaqueta.

— Todo mundo da UCLA sabe que você é minha, meu anjo — retruco, cínico. — E devo te lembrar que até mesmo você já admitiu

isso?

Eu lembro bem.

Como eu poderia esquecer, se foi antes de ela chupar o meu pau e me dar o primeiro boquete de toda minha vida?

Aquela noite inteirinha foi inesquecível.

— Para de falar besteira — Cloud me acerta no peito, olhando ao nosso redor, mas eu só consigo ter olhos pra ela —, a gente tá no meio do corredor e as pessoas... — Eu a puxo pela cintura em só um movimento, fazendo nossos corpos se chocarem. — O que você tá...

Com minha mão livre, jogo a jaqueta sobre os seus ombros, vendo agora todo seu rosto ficar vermelho.

— Agora sim — falo, soltando sua cintura e dando um passo pra trás pra observar a minha obra de arte —, perfeita, meu anjo. Ainda mais perfeita.

— A gente tá causando uma cena...

— Eu não ligo.

— Mas eu sim.

Cloud tenta tirar a jaqueta, mas eu estreito automaticamente o olhar em sua direção.

— Você vai tirar?

— Isso é uma ameaça?

— Sim — dou de ombros —, de greve.

— O q-quê? Greve?

Dou de ombros mais uma vez.

— É isso.

— Mas todo mundo...

— Eu não me importo com o que todo mundo vai pensar, Calloway. Que tal você parar de se importar um pouquinho também? Porque isso é o quanto eu senti sua falta todos esses dias.

Seus ombros caem, mostrando que ela desistiu da ideia de tirar a jaqueta.

Será que Cloud viciou no meu pau tanto quanto eu viciiei na sua boca?

Ela acabou de desistir.

A impenetrável Cloud Calloway desistiu por mim. Ou por nós. Tanto faz, estamos juntos de qualquer forma. Esse é exatamente o ponto alto de tudo.

— Tá ficando meio desconfortável assistir todo esses flertes e marcação de território, então acho que já vou indo — Duke fala e eu finalmente o encaro mais uma vez.

Meu olhar se divide nele e na minha garota, enquanto eu pondero se devo falar ou não. Cloud me mataria se eu...

— Desculpa, a gente só...

— Espera aí — digo, semicerrando o olhar ainda entre os dois.

— Ele sabe?

Ela pisca.

— Ele descobriu.

Não que seja difícil, mas... como ele descobriu?

Nós estamos tentando ser discretos.

Eu não me esforço muito, porque, enfim... é inútil, mas a Cloud está sempre me repreendendo por tudo. Ela tenta por nós dois.

— Olha pra vocês — o garoto aponta com o queixo —, é óbvio que tá rolando alguma coisa além da amizade, e seria burrice minha não perceber. Inclusive, eu desconfiaria dos seus amigos. Talvez

eles já saibam e só não tenham falado nada pra fazer vocês parecerem dois idiotas.

Realmente.

Se eles já souberem, vamos ficar com cara de idiotas, mas não por culpa minha.

Não foi eu que pedi segredo.

— Eu tô quase contando pros caras — admito, vendo o rosto de Cloud tomar uma expressão de susto enquanto ela me encara. — Eles são meus melhores amigos e eu nunca guardei nenhum segredo que eles não soubessem. É difícil.

— Mas a gente logo vai... acabar.

— Vamos mesmo? — Arqueio uma das sobrancelhas. — Não estamos nem perto de acabar, meu anjo. Eu realmente não sei do que você tá falando.

Ela solta o ar com força, meio que me ignorando enquanto veste minha jaqueta do jeito certo.

Agora eu só consigo pensar em f...

— Vocês estão aí! — Reconheço a voz de Hazel quando meus pensamentos começam a querer me deixar na mão. Viro na direção do som, achando a ruiva sorridente com uma Sloan aparentemente ainda mais divertida do que ela ao seu lado. — Olha só quem eu achei no caminho — continua —, a Sloan! — exclama. — E ela disse que vai almoçar com a gente se também puder ir pro refeitório do Bruins.

Ótimo.

Agora sim a confusão vai estar completa.

Como se a discussão mais cedo entre Charles e Benjamin já não tivesse sido suficiente, estamos levando a própria agente do

caos a tiracolo.

Não que eu seja contra, na verdade eu gosto.

— Tem lugar pra mim do lado dos meus jogadores favoritos?

— Sloan pergunta, rindo cinicamente.

Ela é tão filha da puta.

É por isso que te amo, Sanders.

— O lugar do lado do Beckett é garantido — Cloud responde sabiamente, me fazendo rir.

Coitado do Benji.

Mas é aquela coisa: ele tem todo poder de afastá-la, se não faz, é porque não quer. E digo mais!, ele gosta.

— Ah, perfeito. — Sloan diz, enquanto as duas param na rodinha improvisada que fazemos. — E você, Dallas? Também vai? — indaga. — Tenho que conversar contigo sobre algumas alterações do projeto.

— Pode mandar por e-mail e...

— O Duke também vai — Cloud afirma —, né, Duke?

Me afasto pra pegar sua bolsa do chão, aproximando-me novamente e passando o braço direito pelos seus ombros.

— Acho que...

— É meu convidado — afirmo. — Se a minha garota quer você lá, então aceite. Claro, se não tiver compromisso e não for um problema.

O garoto avalia a ideia rapidamente, dando de ombros logo em seguida.

— Tudo bem.

— Ótimo! — Hazel exclama, indo até o Duke e o puxando pelo braço. Sloan fica do seu outro lado, estranhamente divertida com

tudo. — Agora vamos, eu tô com saudade do Charlie.

E eu aposto que ele também está com saudade dela.

Depois diz que não sente nada.

Não sente nada o meu ovo esquerdo.

Abraço minha garota pelos ombros e ela laça minha cintura com um dos braços. Caminhamos tranquilamente atrás de Hazel, Sloan e Duke, vendo a ruiva praticamente aterrorizar os dois com mil palavras por segundo. Ela parece mesmo animada pra ver o meu amigo, eu só não sei se o clima de Charles vai estar lá essas coisas.

— E a Hazzie ainda tem coragem de dizer que não é nada sério — Cloud murmura pra mim, me tirando uma risada divertida.

— E o Charles fala o mesmo — rebato. Minha garota suspira alto e eu completo com um: — Não esquenta, deixa que eles se resolvem. — A morena levanta o rosto e a gente se encara. — Eu sou a única preocupação que você deve ter.

Sua expressão suaviza.

— É? — Ri, mordendo o cantinho da boca.

— Não morde a boca, ou eu vou foder com tudo te empurrando na parede mais próxima.

— *Ash...* — resmunga de um jeito meio... estrangulado.

— É só um alerta — sorrio —, do seu querido namorado.

Ela desvia nossos olhares.

Previsível.

— Para de falar besteira, a gente tá em público.

— Não gostou, meu anjo?

— Não.

— Você fica linda mentindo pra si mesma de que não é legal me ter como namorado.

— Qualquer pessoa que te namore vai ter que ter muita paciência pra lidar com esse seu ego gigantesco... e pra mim já chega.

Sorrio, beijando o topo da sua cabeça.

— A única pessoa que vai ter a honra de me namorar é você, meu anjo. Não se preocupe com outras pessoas que só existem na sua cabeça.

Cloud sacode, como se ela estivesse tremendo, e me ignora pelo resto do caminho até o refeitório do Bruins.



UCLA
REFEITÓRIO DO BRUINS
01:55 PM

O salão do refeitório já está cheio quando nós cinco passamos pela porta automática. Não demoro nadinha pra localizar Charles e Benjamin, que estão sentados frente a frente pacificamente. Espero que eles já tenham se resolvido.

Cloud, Hazel, Sloan, Duke e eu vamos até as bandejas.

Nos servimos sem demora, seguindo até a mesa em que meus amigos estão sentados e chamando a atenção do primeiro deles quando estamos quase lá.

É Charles que percebe a movimentação em massa na direção deles.

Ele fita Hazel, que está logo ao lado de Cloud, e sorri.

Não é um sorriso sacana e perverso como a maioria deles são... é algo realmente sincero, como poucas vezes já vi.

— Ah, ótimo — Benji resmunga assim que nota uma Sloan quietinha deslizando do seu lado direito. Ele solta o garfo em cima do prato e começa a massagear as pálpebras com mais força do que o necessário. — De quem foi a ideia? — pergunta, encarando-nos com raiva enquanto nos acomodamos.

Hazel toma o lado esquerdo de Charles e eu o direito, enquanto Cloud fica logo do meu outro lado. Duke, silenciosamente, senta na nossa frente e do lado livre de Benji, quase não se importando com a nossa presença.

— Foi a minha querida amiga Ginger que me convidou — Sloan responde. — A gente esbarrou no corredor e... ops... olha só onde eu vim parar, na toca dos brutamontes do Bruins.

— É bom te ver — Charles murmura, não tão baixo assim, ao meu lado, provavelmente pra Hazel. — Minha Ginger é realmente especial — continua, mais alto e agora se virando pra Sloan. — Fazendo caridade essas horas da tarde, é só pra quem tem coração bom.

— Bom, eu já tô de saída. — Benji tenta ficar de pé, mas Sloan o segura. — Solta, Sanders.

— Fica aqui, pequeno Beckett — ela pede. — Prometo que não vou perturbar você.

Se eu fosse ele, não acreditaria.

— Como se algum dia eu fosse acreditar em qualquer coisa que sai da tua boca.

— Todo mundo aqui acredita, não acredita?

— Eu acredito — Charles e Cloud são os primeiros a falar em uníssonos.

— Eu também acredito — Hazel afirma.

— Ela nunca me deixou na mão — Duke diz, dando de ombros e se preocupando em encher a barriga.

Benji me olha como se eu fosse seu salvador da pátria.

Eu não sou, e eu também não acredito em quase nada do que sai da boca de Sloan, porque a maior parte das coisas é só sacanagem.

— Ela não vai fazer nada, cara... relaxa — cedo.

— Todos contra o Benji e a favor da Sloan — a stalker diz, sorridente. — Senta, Benji. Vou me comportar pelo bem da sua saúde mental. Prometo!

Ela oferece o mindinho pra ele, que apenas senta e a ignora.

Simples assim.

E é desse jeito que o almoço mais caótico da minha vida começa.

Sloan não demora pra enfiar sua palavra no saco e começar a tentar puxar assunto com o Benjamin. Pelo menos dessa vez ela não fica provocando-o, é realmente apenas tentando puxar assunto, mas Benji não cede. Ele nunca cedeu. Desde o início sempre foi assim e eu não tenho mais esperanças de que um dia mude.

Depois de muitos e longos minutos, todos já terminamos de comer e estamos assistindo a Benji, Charles e Sloan discutindo calorosamente sobre animais.

Benjamin odeia gatos e cachorros.

Charles prefere cachorros.

Sloan ama gatos.

Eu gosto de cachorros, mas não tenho nada contra gatos.

Me aproximando mais um pouco de Cloud, deixo minha mão correr de forma automática e discreta por sua perna debaixo da mesa. Aproveito que o foco de todo mundo está nos três idiotas e começo a matar toda saudade que senti da minha garota.

A postura dela, entretanto, muda instantaneamente.

Cloud desvia a atenção da caótica e barulhenta Sloan Sanders e me encara no mesmo momento em que viro para fitá-la, se remexendo logo ao meu lado com uma expressão séria demais.

— O que você tá fazendo? — sibila.

— Nada — retruco da mesma forma que ela.

A morena se aproxima mais de mim, deslizando mais pra perto, até que entrelaça nossos braços e agarra minha mão com força.

— Solta a minha perna — pede muito mais firme do que eu poderia imaginar que Cloud Calloway soaria em um momento como esse.

Não que eu esteja planejando qualquer coisa, mas...

— Qual o problema? É só a minha mão na sua perna, realmente não tô fazendo nada.

Inspirando lentamente, seu olhar se fecha no meu.

Cloud se inclina e sussurra no meu ouvido:

— O que o “Arkins” significa pra você, seu toque significa pra mim.

Nem fodendo.

Nem fodendo mesmo.

Ela fica com tesão só com isso?

Porra.

— Isso aqui não é lugar pra falar esse tipo de coisa, Calloway
— eu a repreendo.

A que ponto cheguei?

Eu? Repreendendo Cloud?

O mundo está mesmo girando ou ele parou do nada?

— E nem lugar pra você me tocar desse jeito — retruca. —
Tira a mão da minha perna, senão...

Senão?

— Isso é uma ameaça? — é minha vez de perguntar.

— Sim — ela ri, aproximando a boca mais uma vez do meu
ouvido —, de greve.

Ah.

Porra.

— Greve o c...

Sua mão encontra a minha perna em resposta, me fazendo
engolir minhas próprias palavras com uma dificuldade do caralho.

— A gente vai se encontrar na biblioteca que dia mesmo? —
pergunta, sorrindo pra mim de um jeito tão doce que até mesmo
parece que suas unhas não estão enfiadas na minha perna.

Inspiro e expiro.

Não dói.

Isso, na verdade, me excita.

Eu sei o que é dor e definitivamente não é isso.

— É você quem tem que decidir isso, tutora.

A morena semicerra o olhar em minha direção.

— Depois de amanhã — sentencia. — Tenho que fazer alguns
apontamentos da aula de hoje com Duke depois daqui e amanhã
também vai estar cheio.

— Posso ir pro seu dormitório...

— Biblioteca — rebate. — Vai ser na biblioteca.

Não que eu queira foder em público, mas é ela quem está pedindo por isso.

— Certo. — Dou de ombros como se não estivesse afetado com toda situação. — Vou fazer alguns exames de rotina e ir pra recuperação. Te vejo à noite?

— Sim — concorda. — No meu dormitório, e a Hazzie vai estar lá com o carrapato dela.

— E você com o seu... que sou eu.

Cloud revira os olhos.

Solto uma risada, entrelaçando nossos braços e tirando sua mão da minha perna.

— Amanhã eu treino até tarde. Nos vemos quando?

— No almoço — sugere.

— Tudo bem — digo. — Hoje à noite, amanhã no almoço e depois de amanhã na biblioteca. — Planos perfeitos. — Quer assistir meu treino depois de amanhã?

— Se eu tiver tempo...

— Tão ocupada — zombo, aproximando o boca do seu ouvido.

— Se você for, faço dez touchdowns pra você.

Afasto, vendo Cloud mordiscar a boca.

— No treino é fácil.

Rio.

Como alguém consegue ser tão irritante e adorável ao mesmo tempo?

Se eu não te conhecesse, Calloway, meu mundo seria tão preto e branco.

— Assiste meu treino pra você ver se é fácil, meu anjo.

Ela dá um olhar de canto de olho.

— Tudo bem, só porque você pediu muito.

— Você só não queria concordar de primeira — rebato.

— É isso que acha?

— Tenho certeza. — Respiro fundo, satisfeito. — E você tá linda com a minha jaqueta. — Pontuo, não deixando a chance passar, mas ainda completo com um: — Uma verdadeira Arkins.

Cloud pisca demoradamente e vira pra me encarar dez segundos depois.

— Se a sua mãe te ouvir...

— Não falei nesse sentido, meu anjo. Não se preocupa. — Sorrio de lado, apoiando o cotovelo na mesa e arqueando uma das sobrancelhas. — O sentido que usei já é mais do que aprovado por minha mãe.

Ela pisca de novo.

É mais demorado do que a primeira vez.

— Você não cansa de flertar com ela na cara dura, Arkins? — Sloan pergunta, fazendo-me virar pra eles.

— O quê? — retruco, meio desnortado.

Não que eu esteja com vergonha, só não sei quando a nossa conversa passou a ser o tema central da mesa. Obviamente, Benjamin deve estar satisfeito agora.

Fito Cloud, vendo seu rosto mais vermelho do que um tomate.

Isso já me deixa mais... feliz.

Ela fica fofa assim.

Fofa e fodível.

Quero comer Cloud até deixá-la dessa cor.

— Ele não tá flertando — minha melhor amiga meio que me defende. — Não pensem besteira, a gente só tá brincando...

— É brincando que muita coisa acontece — Charles provoca.

E esse é o começo de uma longa discussão envolvendo Cloud e Charles.

Às vezes eles agem como dois irmãos pentelhos que não conseguem sair um do pé do outro.

Eu, como sempre, tento manter as coisas pacíficas, mas é só Charles apertar mais o calo de Cloud que eu o faço parar com apenas um olhar.

Assim que nos entendemos.

36

RUNNING BACK

*“Eu conheço uma garota, ela é como uma maldição.
Nós queremos um ao outro, mas ninguém quer assumir primeiro.
Quando as pessoas perguntam sobre nós, nós só tentamos disfarçar.
Eu não sei por que agimos como se isso não significasse nada.
Eu queria poder te dizer que você é tudo que eu quero.”*

WHY — Shawn Mendes

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CENTRO DE TREINAMENTO DO BRUINS
05:52 PM
21.09.2022

O treino dos garotos estava finalmente terminando.

A rotina em que estávamos enfiados era uma merda, uma droga de *looping* infinito. Continuaría sendo uma merda pra mim por

mais alguns anos, mas para o meu trio, por exemplo, é bem provável que no ano que vem eles já não tenham mais que passar por *isso* o tempo todo, visto que, com toda certeza do mundo, eles serão draftados.

Ash, Benji e Charles são literalmente profissionais universitários, e eu sei que muito em breve serão apenas profissionais e não mais universitários.

A rotina mudaria.

Isso vai acabar me afetando pra caralho.

Se os garotos forem draftados por um time de outro estado, por exemplo, é capaz que eu acabe surtando pela falta que Ashton vai me fazer — Benji também e bem lá no fundo, Charles —, mas é sua carreira.

Nunca pediria nada que fosse lhe prejudicar.

Isso passaria.

Eventualmente, depois de terminar minha graduação, conseguiria um trabalho em outra cidade pra ficar perto deles, e tudo voltaria aos trilhos... certo?

Bom, é o que eu espero.

Principalmente agora.

Principalmente com Ashton e eu na página em que estamos.

Existem coisas que eu não sei explicar, ainda que eu me considere alguém muito inteligente. Essa é uma delas: *nós*, Ashton e eu.

Encarar seu sorriso bonito a distância é uma tortura e, aparentemente, a cada dia que passa, me sinto mais e mais sensível a seu respeito. É claro que eu não deveria estar me

sentindo assim, mas é tão inevitável quanto é claro. A essa altura, realmente não tenho muito o que fazer além de simplesmente viver.

Estalando os dedos na frente do meu rosto, Duke comenta com seu melhor — *ou pior* — tom de provocação:

— Você não sabe mesmo esconder que tá babando nele, né, Calloway?

Engolindo uma grande quantidade de ar, suspiro logo em seguida.

— Eu não sei do que você tá falando.

Ashton olha pra mim.

Ele é... porra...

Deveria ser proibido.

Ashton. Seu sorriso. O corpo.

Ele inteiro.

Absolutamente tudo proibido.

— Vocês dois são ridículos — rebate, tirando uma risada minha. — E isso é, sem dúvidas, vergonhoso.

Meu melhor amigo sorri um pouco mais largo de longe.

Ele está vestido com uma camiseta branca que, pelo suor, já está toda colada em seu torso definido; bermuda de treino e chuteiras. Suas tatuagens parecem estar mais brilhantes, e isso é feito do seu suor com toda certeza.

Adoraria tocá-lo agora.

Nesse instante.

Independente do seu grude de suor ou não.

Adoraria beijá-lo também... tocar seu corpo e apertá-lo num abraço.

Mas eu não posso... e é uma merda não poder fazer isso quando eu quiser.

— Vai tirar o resto do dia pra nos ofender? — reclamo, torcendo os lábios num bico enquanto me forço a voltar minha atenção para Duke.

— É só... ridículo. — Ele dá de ombros. — Vocês ficam se comendo com os olhos e fazem isso sem nem perceber, enquanto todo mundo ao redor fica meio desconfortável pelo tanto que são ridículos por não admitirem logo.

Se comendo com os olhos?

— De onde foi que você tirou essa loucura? E esse linguajar? — Semicerro as pálpebras na sua direção. — Na minha cabeça, você era o único amigo normal que tinha sobrado na lista.

— É por ser tão normal que eu preciso te dizer essas coisas e...

— *Cuidado!*

Alguém grita.

Por causa do meu tosco reflexo, só tenho noção do que está acontecendo quando a bola já está a centímetros de mim.

Sim, a bola.

Não tenho o que fazer, só aceitar.

É meu destino.

Um olho roxo por uma semana e...

A mão de Duke entra na minha frente antes que eu consiga processar a informação. O ar escapa dos meus pulmões quando finalmente entendo que eu ele conseguiu segurar a bola que me acertaria a tempo de nem encostar em mim.

— *Ficou louco, porra?! — Ashton esbraveja de algum canto.*

— *Tá querendo morrer, só pode* — agora é Charles que diz.

Encaro Duke, achando-o com o olhar fixado no objeto em suas mãos.

— *Cacete, você pegou a bola...* — murmuro.

Duke a deixa cair no chão imediatamente, parecendo tão elétrico quanto eu.

É a adrenalina de quase ter sido nocauteada misturada com a surpresa de ter sido protegida pelo meu amigo. Ele esfrega as mãos no casaco, como se estivesse limpando-as de sujeira, e volta se ajeitar do meu lado, organizando seu material no colo novamente e ajustando os fones em seus ouvidos.

Ainda assustada e incrédula, pigarreio e o agradeço:

— Obrigada por me salvar de um olho roxo.

Ele pigarreia também, numa atitude muito típica de quem quer mudar de assunto.

— Não foi nada — retruca. — Agora você tá me devendo uma.

Solto um riso fraco, piscando demoradamente.

— Ei — Ashton aparece na minha frente. Ele se agacha entre minhas pernas, segurando minhas mãos com os olhos espantados.
— Tá tudo bem, meu anjo?

Balanço a cabeça em sinal de positivo.

— Duke me salvou — brinco, apertando os dedos entre os seus.

É tão bom.

Droga...

Já até esqueci de tudo.

— Foi uma boa pegada — Charles comenta a alguns metros de nós, analisando Duke mais do que deveria. — Você joga?

A expressão em seu rosto é a de sempre: ele está se divertindo com tudo. Não faço ideia do que se passa na sua cabeça nesse exato momento, assim como em todos os outros, mas eu não quero que ele incomode Duke.

— Não — Dallas responde, sem lhe dar muita atenção —, sou apenas um fã do esporte.

— Para “apenas um fã do esporte”, você tem reflexo até demais — Charles insiste, chegando mais perto enquanto Benji também se junta a nós. — Nunca jogou antes?

— Nunca.

É claro que não.

Ele tem todo esse lance com a hipersensibilidade dos sons. Encarar um estádio deve ser doloroso pra caralho para Duke — *como, na verdade, ele já demonstrou que é.*

Dou uma olhada rápida em Ash, que me encara de volta, mas não demora a voltar a dividir seu olhar atento entre os nossos amigos.

— Joga de volta — o loiro pede, parando de se mover.

Duke olha pra bola de relance e depois dá um olhar ladino pra Charles.

— Tô ocupado — responde, simples, curto e direto.

— Não vai arrancar pedaço — Charles insiste.

Duke empurra a bola com o pé para o Ashton.

— Seu amigo joga. Ele é o quarterback.

— Duke, né? — o loiro pergunta e o outro concorda. — Você é tão certinho assim? E eu pensei que meu pequeno Beckett já fosse todas as pedras que meu sapato poderia ter, agora tem mais você...?

Benji dá um tapa na nuca de Charles, que nem se move.

— Não sou seu pequeno Beckett. Nem pequeno eu sou, porra.

— Não mesmo... — Charles resmunga, sorrindo de lado. Ele pisca demoradamente e continua: — Vai, Duke. Joga aí. Quero continuar meu treino.

— Se quer tanto continuar, então é só você vir e pegar.

Revirando os olhos, o loiro suspira alto, fazendo uma cena e tanto.

— Foi sorte, né? — Ri, cínico. — Como não poderia ser? Um moleque estranho como você, ser bom em futebol? Nem fodendo... — Sua encarada é firme. — Já pode ir se limpar no banheiro, porque você com certeza tá todo cagado.

Num movimento rápido, Duke deixa seu material de lado e pega a bola do chão, ficando de pé e lançando o objeto na direção de Charles.

É realmente rápido demais.

Tudo acontece num espaço de, talvez, menos de cinco segundos.

Do outro lado, o loiro idiota sorri, com a bola em mãos numa pegada que é típica sua. Charles Carpenter parece ter cola em seus dedos. Ele raramente perde uma bola. Sua noção é muito grande. De tempo, de espaço. De tudo.

— Agora dá pra parar de encher o meu saco? — Duke pergunta.

Seus ombros sobem e descem. Intensamente.

Fico de pé, puxando Ashton comigo com uma de nossas mãos ainda dadas.

— Quer jogar com a gente? — Benji questiona, receptivo.

O que eles estão tentando fazer?

— Eu nunca joguei — Dallas permanece com o mesmo ponto.

— Tá tudo bem — Benji rebate, sorrindo tranquilamente com a áurea pacífica que só ele tem. — Não somos exigentes com novatos — brinca.

Incerto, Duke troca o peso do corpo de um pé para o outro.

— Você não precisa fazer isso, Dallas — eu o alerta, só por precaução.

Caso ele esteja apenas se sentindo pressionado, espero que saiba que está tudo bem não ceder.

É sua vontade e seu desejo que deve prevalecer.

— Vamos lá, esquisitinho.

Deus.

Eu só quero... amassar a cara de Charles.

Inferno.

— Para com isso, cara — Benji lhe acerta de novo na nuca e ele novamente nem se afeta.

— Não dê ouvidos ao membro mais idiota do nosso trio — Ash finalmente se pronuncia. — Você não quer tentar? — indaga. — Vai ser uma boa lembrança pra contar ao seu irmão.

Aperto minha mão na de Ash.

Por mais que eu goste muito da forma como ele trata Duke, eu...

— Vocês estão treinando, e eu não sei jogar — tenta argumentar.

— E você tem a coisa com o fone... pode acabar caindo, você pode se machucar ou...

— O que é isso? — Charles me corta, rindo. — Você é a mãe dele agora, C? — Arqueia uma das sobrancelhas. — Quer ser minha mamãe também?

Se Deus me der um machado no lugar da paciência, eu juro que...

— Se isso me der passe livre pra te dar uns bons tapas, com certeza sim — rebato, semicerrando o olhar em sua direção.

— Vou cuidar do seu amigo, meu anjo — Ashton garante, soltando minha mão e se aproximando de Duke. Ele passa o braço pelos ombros dele, levando-o consigo. — Nosso treino já acabou. Só estamos testando alguns passes e jogadas. Nos faça companhia em campo, que tal? É só um... pedido.

Eu não consigo ficar pra trás.

Sigo os passos deles, avançando sobre território conhecido, mas estranho.

Sempre fui muito de ficar na beira do campo, não dentro dele. Tanto nos treinos, quanto, obviamente, nos jogos. São raras as vezes que coloco meus pés aqui, então eu não estranho quando sinto minha barriga ficar gelada só com isso. Não é nada perto de toda pressão e atenção que meus garotos recebem, mas ainda assim é demais pra mim.

— Não sei o que eu poderia fazer com vocês — Duke rebate, ainda... inseguro.

— Tem uma posição favorita? — Benji questiona, tomando seu outro lado.

O vento fresco, a grama cheirosa... é tudo bom aqui de dentro.

— Ele pode ser nosso novo quarterback — Charles, como sempre, arruma um jeito de atazanar todo mundo. — O arremesso

foi bom. E forte. Surpreendente mesmo pra um garoto tão esquisitinho.

Reviro meus olhos por força do hábito.

É natural. Quase todas as vezes que Charles abre a boca, isso acontece.

Não dá mesmo pra segurar.

— Mas nada se compara com a forma que ele salvou a minha garota — Ash me espia por cima do ombro, piscando um dos olhos pra mim —, então — volta a encarar Charles —, acho que, na verdade, ele se sairia bem como um recebedor. Por via das dúvidas, entre você e o Benji, eu fico com o Benji e te coloco no banco por ser boca-grande pra caralho.

— Como se você pudesse viver sem mim — o loiro rebate, sorridente.

— A gente pode — Benji provoca.

— Você, principalmente, nunca conseguiria, meu pequeno Beckett.

Benji sai correndo atrás de Charles, que vai se esquivando o quanto pode.

Também não consigo segurar minha risada.

Eles são tão... irritantes.

— Por mais que sejam duas posições boas, das vezes que sonhei acordado em como seria se eu pudesse jogar num time, não foi em nenhuma delas que eu me vi.

Charles toma seu lado livre, ofegante.

— Não? — Ri. — O que mais você poderia fazer? Pela sua estrutura corporal aparente, sua massa muscular e estrutura física são inexistentes pra uma posição defensiva.

— Ainda temos o...

— Running Back — Duke corta Benji, sentenciando sua opinião pessoal.

É isso, então?

Ele quer ser um running back?

— Nem fodendo — Charles cospe.

— Tem certeza? — Ash pergunta, parecendo atento em tudo.

— É o que eu sempre quis, mas isso não é uma possibilidade, então podem evitar as chacotas a meu respeito.

Duke estreita o olhar na direção de Charles, é claro, porque ele é o único que enche o saco de todo mundo, o tempo todo.

— Não vamos fazer chacota de você — Benji afirma, simples.

— É uma boa posição — divaga —, com o treinamento e preparo físico específico, qualquer um pode se tornar um bom running back, principalmente se a pessoa tiver o dom, coisa que, pelo jeito que salvou a C, você com certeza tem.

— Mas eu não posso.

— Só vamos jogar por diversão — Ashton insiste, sem querer colocar pressão nele.

É por isso que eu o amo tanto.

Droga.

— Ele tá com medo, porque sabe que não vai conseguir bater de frente com nenhum de nós.

O jeito de Charles incentivar as pessoas é diferente.

Por que ele não fica calado ao invés de soltar uma merda atrás da outra?

— É claro que eu sou mais fraco, mas eu não me importaria em tentar bater de frente com você, Carpenter — Duke retruca, tão

seco quanto poderia ser e soar. — Ou você tá com medo do “esquisitinho”?

O loiro fica, finalmente, em silêncio, mas isso dura apenas dez segundos.

Ele ri, em seguida, balançando a cabeça positivamente.

Charles joga a bola pra Benji, animado.

— Vamos lá, meus garotos — comanda —, quero ver o que o nosso esquisitinho tem a oferecer com esse corpinho fofo.

Como sempre percebendo coisas demais e olhando além do que todo mundo vê.

Ashton se vira pra mim. Nos encaramos em silêncio. Ele fita os meus lábios por um breve instante e meu coração quase erra a batida quando o jogador se inclina pra depositar um beijo no meu queixo. Do ângulo em que estamos, ninguém pode ver que sua boca encosta no meu lábio inferior, mas isso me mata de vontade por dentro.

Se ele está tentando me acalmar, tudo bem, deu certo.

Mas também mexeu com aquele outro lado meu que...

— Relaxa, meu anjo. Seu amigo vai ficar bem.

Eu já relaxei.

Eu já relaxei pra caralho.

— Se o Charles... — Tento voltar ao normal e não me perder no meu próprio personagem, mas Ash sorri, fazendo meus pensamentos sumirem, evaporarem.

— Ele só tá provocando o Dallas pra ele jogar com a gente. É o jeitinho ácido de Charles conseguir o que ele quer, então... fica tranquila.

Ash segura meu queixo.

Foda-se.

E se a gente...

— Vamos, QB! — Charles corta as vozes em minha cabeça.

Desgraçado.

Merda.

— Se afasta um pouquinho e vamos ver seu amigo em ação — Ashton pede por fim, tirando as mãos de cima de mim e sorrindo, doce, lindo e gostoso pra caramba.

Ele é insuportável.

Toda essa capa de jogador gostoso lhe deixa mais insuportável assim.

Se eu ainda estou firme e forte, é porque sou muito abençoada, porque isso não está mais fazendo sentindo nem para mim mesma.

Recuo alguns passos, ficando o mais longe possível enquanto Ashton, Benjamin, Charles e Duke se preparam em formação para um ataque simples. Charles está na defesa do outro lado, vidrado em Duke, enquanto Ash e Benji estão alinhados no centro do campo pra iniciar a jogada.

Não sei por que, mas eu seguro a respiração no peito diante da cena.

De alguma forma estranha, parece que já estivemos aqui antes.

Eu, de espectadora, e eles como um time.

Ashton, Benjamin, Charles e Duke.

ABCD.

— *Hut!* — Ash comanda, alto, me tirando do devaneio no susto.

Benji, fazendo o trabalho do center, joga a bola nas mãos do meu quarterback.

É impossível evitar.

Meu coração acelera com a dinâmica deles.

É lindo, por mais que me estresse na maior parte do tempo.

Sinto tanto orgulho desses três...

Meu melhor amigo lança a bola pra Duke, que segura a mesma com maestria, exatamente como Benji e Charles sempre fazem. Então, ele avança, sendo marcado ainda de longe por Charles, que exibe um sorriso sacana nos lábios.

Se ele machucar Duke, eu...

Não mais do que quinze segundos depois, a colisão acontece.

O fone de Duke saca pelo ar. Bom, pelo menos os grandes, porque os protetores discretos que ele me emprestou no outro dia continuam ali, protegendo-o dos grandes ruídos. Mas, a coisa interessante, é que nenhum dos dois cai.

Charles, em toda sua grandeza e solidez de anos em treinamento árduo, e Duke... da sua forma, estruturalmente menor que o loiro, mas, ainda assim, surpreendentemente forte pra aguentar uma entrada de alguém que passa por isso jogo após jogo.

É claro que Charles não tem a força dos brutamontes que ficam na defesa, mas ele ainda é consideravelmente forte.

Engulo em seco.

Me sinto orgulhosa de Duke como só uma mãe conseguiria se sentir.

— Porra, esquisitinho — Charles cospe, rindo e soltando Duke, que segue agarrado na bola, como só um running back faria. — Tá fazendo algum exercício ou eu tô ficando fraco?

Ash e Benji riem. Eu também, enquanto numa corrida rápida me junto ao círculo de atenção que os três formam ao redor do meu amigo.

— Nada em especial — Duke rebate, dando de ombros tranquilamente. — Corrida todos os dias, musculação depois das aulas e boxe um pouco antes de dormir.

— Praticamente um de nós — Benji diz o que é meio que óbvio.

Isso é... verdade.

Com uma rotina dessa?

Bom, Duke realmente poderia ser um deles, mas eu não sei se isso seria tudo que pediriam. É preciso ter uma carreira, uma história. Obviamente que, pra talento, não existe negativa, mas eu sinceramente não sei...

— Nem nos meus melhores sonhos — o encapuzado resmunga. Ele se move até os seus fones, apanhando-os do chão e limpando-os atenciosamente. — Mas foi legal — confessa. — Nunca tinha feito isso antes com pessoas tão... profissionais. Realmente sou um grande fã. Então... valeu.

— Se quiser, aparece às vezes... você pode jogar um pouco com a gente depois do treinos... — Ash comenta, fazendo-me grudar os olhos nele.

Ele me dá uma olhada de canto, ciente da minha atenção, então ergue o braço pra bagunçar o cabelo. Suas tatuagens... *Deus*. Que merda. Eu não posso sair do meu foco, eu preciso me manter dentro do meu objetivo... e ele não envolve Ashton e suas tatuagens. Não nesse momento.

— Eu não sei...

— Ei, vocês! — Um dos assistentes do Bruins chama os garotos. — Chuveiro, rápido. Temos uma reunião em trinta minutos — avisa.

— Mas que merda, hein — Charles reclama.

— Para de reclamar, cara. Vamos logo — Benji retruca, passando um dos braços pelos ombros do outro. — Aparece mais, Dallas. Foi legal ver você enfrentando o meu franguinho favorito.

— O que disse? — Charles o empurra, quase rosnando.

Ash, Duke e eu rimos.

Então alguém finalmente o atingiu.

Fico feliz que tenha sido Benji. Isso é quase uma reparação histórica.

Benjamin e Charles correm por todo campo, indo na direção do vestiário, mas, é claro, gritando um com o outro. Duke se afasta, indo em direção a arquibancada, e eu engulo em seco, ficando a sós com Ash.

— Seu amigo sabe jogar — o jogador diz, se movendo até parar na minha frente.

Ele pega minha mão direita, brincando com meus dedos despreocupadamente.

— Ele sabe mesmo — resmungo. — Foi surpreendente.

— Não tanto, mas ele é promissor.

— Ash! — exclamo. — Não fala assim... pra alguém que não pratica, ele foi muito bem.

— E como você acha que eu fui?

Reviro os olhos.

— Você é o melhor que eu já vi jogar.

Ele me puxa de uma só vez, laçando minha cintura com seu braço livre.

— Acho que nunca vou me acostumar com isso.

Respirar se torna difícil.

— Com isso o quê? — Mordo o canto da minha boca, analisando cada detalhe do seu rosto.

— Os elogios. E o jeito que você só... demonstra. — Ele pisca demoradamente. Eu também, tentando entender. Como assim “demonstra”? — Você tá se apaixonando por mim, Calloway?

O quê?!

— Para com isso! — digo, empurrando-o pelo peitoral enquanto tento me afastar, mas Ashton não deixa. Ele me prende com força. Sem pena. E eu, secretamente, não quero que ele tenha. — Isso é coisa séria, Arkins.

— Uau... é sério mesmo, não é? — Ri, segurando meu rosto com cuidado e deslizando a mão até minha nuca. — Você acha que a *gossip* fofoqueira do campus vai colocar a gente no Instagram de fofocas se eu te beijar aqui?

Não sei.

Mas eu não me oporia.

Eu, na verdade, só queria isso agora.

— Não faça isso — retruco, sendo sensata. — Estamos em público... e isso é perigoso... perigoso para nós dois.

— Você me pede pra não fazer com a boca, mas me implora com os olhos. — Bufa. — Acha que é fácil resistir quando minha melhor amiga está prestes a se colocar de joelhos na minha frente só pra implorar por um beijo meu?

É. Eu com certeza faria isso. Por mais louco que seja, eu faria.

E com certeza não imploraria só por um beijo.

Não com ele todo suado e quente ao meu redor.

“Quão gostoso ele deve ficar nu com todo esse suor pelo corpo?”, penso, mordendo minha língua logo em seguida pra tirar essa merda da cabeça.

— Calloway — chama. — Não me olha assim, porra, ou eu vou acabar fazendo você me odiar pelo resto da semana.

— *Desculpa* — sussurro, segurando o riso. Está bem difícil evitar. — Vai pra ducha logo — comando. — Temos que estudar depois da sua reunião.

— Biblioteca de novo? — reclama.

— Sim. — Sorrio de lado. — Pelo menos lá a gente consegue se concentrar e fazer o que precisa ser feito.

— Quando for meu dia de assumir o ensino entre nós, não vou pegar leve.

Quase me engasgo.

Na verdade, eu me engasgo mesmo.

Começo a tossir, nervosa, então Ashton agarra o cabelo na minha nuca. Com força.

— Calma, anjo. — Ri. — Você não precisa tremer.

Eu tremi?

Porra, nem percebi.

— Isso não é lugar de me provocar.

Ele revira os olhos.

— Você fica linda se engasgando — retruca, me ignorando completamente. — Seu rosto me fez lembrar de quando...

— *Para!*

Eu não quero ficar molhada.

Eu não posso ficar molhada.

E, pra isso, não posso me lembrar de nada.

Não posso ter nenhuma lembrança daquela noite. Ou de nenhuma outra que já tenhamos feito “algo a mais”.

Finalmente escapo dos seus braços.

O jogador parece genuinamente divertido e satisfeito.

— Sai daqui — ralho com ele.

— O que você quiser, amor — solta, naturalmente.

Endureço.

Ele me chamou... de quê?

— *Ashton*.

— Quando a autoridade estiver nas minhas mãos, não vou ser generoso com você — ameaça, sem se incomodar comigo.

— Você me chamou de amor — o ignoro, pontuando aquilo que ele deixou escapar pela segunda vez.

Assisto suas bochechas mudarem de tonalidade rapidamente.

É fofo, apesar da palavra estar quase me jogando uma crise de ansiedade.

— É porque eu te amo — rebate.

— *Mas...*

— Você deveria me chamar assim também. — Dá de ombros.

— Não me ama, anjo?

— Pra mim, você é o quarterback.

— E o seu amor — aponta, sorrindo de lado.

Na maldade, digo:

— Meu melhor amigo.

— Como você é chata, Calloway.

— Agora você odeia isso? Ser meu melhor amigo? Eu pensei que você gostasse...

Faço um bico, cruzando os braços.

— Não é essa a questão.

— Tudo bem, eu já entendi que você não g...

— Eu amo, porra! — rebate, me cortando de um jeito mais sério. — Eu amo ser o seu melhor amigo. Não tenta virar esse jogo pra contra mim, anjo. — Revira os olhos. — O que eu quis dizer, é que você pode ser mais carinhosa comigo. Pelo nosso acordo. Pelo seu aprendizado. Não era isso que você queria aprender? Então deve se esforçar.

Aham.

Acordo...

Sei...

Ele realmente acha que eu sou burra?

Porra, Ashton, isso aqui... a gente já passou dos limites.

— Tudo bem, amor. *Eu vou tentar ser mais...* — Ele se aproxima tão rápido, que eu só vejo quando o céu começa a girar em cima de mim. Aperto as pálpebras com força, deixando uma risada alta e leve escapar de mim. É sincero. Não dá pra segurar. — *Ashton!* — grito, tentando me agarrar na sua camiseta pra não cair, mas eu sei que ele nunca me deixaria cair.

Me girando e carregando nos braços estilo “noiva em lua-de-mel”, abro os olhos, agarrada no seu pescoço enquanto ofego assistindo um dos seus sorrisos mais bonitos se abrindo só pra mim.

— Repete.

— Não.

É a vez do meu rosto queimar.

— Porra, você vai repetir ou eu nunca mais te coloco no chão.

— Em cinco minutos seus braços vão estar dormentes —
provoco.

— Eu sou um quarterback, anjo. Meus braços são o meu trabalho. Posso te carregar por bem mais do que cinco minutos, não duvide disso.

Não duvido mesmo.

— Não me olha — comando.

— C...

— Não me olha ou eu não vou falar.

Sim, caramba.

Eu tenho vergonha.

Dá pra respeitar?

Bufando, mas ainda sorrindo, ele olha pra longe de mim.

Mordendo meu lábio inferior e soltando-o em seguida,
resmungo com dificuldade:

— *Amor...*

A covinha em sua bochecha afunda tanto que eu tenho medo de se abrir um buraco ali.

— *Caralho...* — geme. — Isso é bom pra caralho, Calloway.

— É assim que eu fico quando você me chama de anjo... e agora de amor também.

— É, meu amor?

Merda.

Meu amor é ainda melhor.

— Me coloca no chão e vai pra sua ducha, por favor.

Ele me encara, reluzindo de felicidade.

Ashton gosta tanto disso?

— Palavrinha mágica — pede.

Droga.

Engolindo minha vergonha, mas com certeza bem mais vermelha que um tomate, resmungo:

— Amor, me coloca no chão e vai pra sua ducha, ou a gente vai acabar...

Ashton me beija. Rápido.

Dura tipo... três segundos.

Arregalo os olhos, nervosa.

— *As pessoas...*

— Foda-se, anjo. Eu não ligo pras pessoas, só queria te beijar, nem que por um segundo.

Foram três, mas tudo bem.

O jogador me coloca no chão.

Até penso em reclamar mais, repreendê-lo mais, mas eu não consigo fazer isso com os seus olhos escuros brilhando tão intensamente na minha direção. Engolir minhas reclamações e repreensões é uma obrigação diante da visão que tenho.

Acho que já fui ruim demais com Ashton por hoje.

— Vai logo... — digo, ainda meio que em transe.

— Eu te amo.

Ashton me lança uma piscadela enquanto começa a se afastar, andando de costas na direção do vestiário e de frente pra mim.

— Eu te amo — confesso —, *bem mais* — concluo.

— Essa é uma guerra perdida pra você, meu anjo. Eu com certeza te amo bem mais do que você me ama.

Reviro os olhos com o seu convencimento.

— Como se fosse possível...

— Não é só possível, como também é nossa realidade.

Bufo.

— Vai embora, Arkins.

— Jesus, você quer me matar? É amor, é Arkins... — Ele morde o lábio inferior e eu quase perco minha linha de raciocínio. — É melhor parar por agora, anjo, senão a gente vai ter que escapar para o recinto vazio mais próximo que encontrarmos.

— É? — Arqueio uma das sobrancelhas. — O que acha que vai fazer comigo no recinto vazio mais próximo?

É muita sorte estarmos sozinhos, porque a essa altura, nosso tom de voz já está um pouco mais alto, e eu tenho certeza de que *ele vai...*

— Foder essa boquinha que me chama de amor e Arkins até você dizer chega.

... falar besteira.

Dito e feito.

— Eu pensei que você gostasse...

— É por isso que eu quero te foder, anjo — pisca de novo —, porque eu gosto. Gosto muito. Tanto que você nem faz ideia.

Filho da mãe.

Cacete.

Começo a recuar também.

— A gente pode conversar a respeito — comento.

— Você quer? — Seu sorriso safado me desmonta. — Vai me chupar de novo, anjo?

Eu quero.

Eu quero pra caramba.

Essa é uma das únicas coisas nas quais consigo pensar desde que isso aconteceu.

Fico me imaginando de novo de joelhos no chão, tocando seu corpo, assistindo seu rosto enrubescer de tanto tesão e...

— A gente pode conversar a respeito — repito, engolindo em seco e ignorando os meus pensamentos.

— Como sempre, discreta.

— Você não imagina o quanto...

Nós rimos.

A tensão está quase me levando de volta pra ele, mas, então, Ashton se endireita e apenas acena pra mim, correndo pro vestiário talvez com o mesmo pensamento que eu estou tendo.

Mais um pouquinho e não aguentaríamos mais.

Respiro fundo, me recompondo e me virando de volta para onde Duke está sentado. Corro até ele, ofegando quando acalmo meus passos já próxima do meu amigo.

— Se você não quer que ninguém saiba que estão se envolvendo, precisa ser mais discreta. Beijar seu melhor amigo no meio de um CT universitário não é nada discreto.

Sorrio, sem graça.

— Foi mal... a gente não conseguiu evitar.

— Assume logo, C — diz. Sento-me ao seu lado, pigarreando.

— Você gosta dele, não gosta?

— Ele é meu m...

— Ele não é só seu melhor amigo — me repreende. — Te garanto que melhores amigos não se beijam. Você sabe que sente alguma coisa por ele, ou nunca teria concordado com o que quer que seja isso que tá rolando entre vocês.

Eu não posso. Eu não posso. Eu. Não. Posso.

— A gente pode não falar sobre isso? — resmungo, esfregando as têmporas com força.

— Tanto faz — dá de ombros —, mas é melhor que acorde desse estágio contínuo de negação. Vocês se gostam. Não tem o que dar errado.

Suspirando, balanço a cabeça positivamente.

Estágio contínuo de negação.

Sim, é nesse estágio que eu estou porque eu simplesmente não posso... a gente não pode.

— Então — pigarreio —, você é bom.

— Eu sou? — pergunta, confuso.

Sorrio de lado.

— Com o futebol e tudo mais.

— *Ah...* — murmura.

— Sua questão em nunca ter tentado entrar num time se resume a Misofonia ou algo mais te impede?

Desvio de Ashton e eu pra encarar a droga da animação que senti quando Duke jogou com o meu trio. A simples possibilidade de Duke ser algo a mais — talvez uma carta na manga do Bruins — meio que me consome.

Talvez o trio vire quarteto.

Eu ficaria feliz com isso.

— Questões pessoais.

Direto e sucinto. Como sempre.

— São os seus pais?

Suspirando, Duke zomba:

— Não tá sendo curiosa demais, Calloway? Nós somos... meio que amigos, mas...

— Você é meu amigo — estreito o olhar pra ele —, não é só “meio que” pra mim.

— Tudo bem — ri —, mas...

— É uma resposta simples — o corto. — Você é sempre tão direto em tudo. Por que vai tentar mentir pra mim nisso?

— Não ia mentir — se defende. — Só ia... omitir.

Reviro os olhos.

— Então são mesmo os seus pais?

Num sopro, Duke diz:

— Meu pai.

Que saco.

Ele tem um grande talento.

Duke é bom. Como o meu trio. Ele poderia ser um grande jogador.

Um grande running back.

— Você nunca jogou? Mesmo?

— Nunca — afirma. — Não oficialmente.

— E extraoficialmente?

— Algumas vezes.

Mordisco o cantinho da minha boca, não muito certa se devo ou não insistir, mas, quer saber? Foda-se.

— Acho que se daria muito bem com o trio — digo, como quem não quer nada.

— Não vai rolar, Calloway.

— Foi só um comentário! — Encolho os ombros. — Um comentário de alguém que os conhece desde sempre e sabe

quando algo encaixa. — Ele me olha de soslaio, desconfiado. — Tô com o Ash desde sempre, sabia? Já vi meu melhor amigo jogar com muitas pessoas que simplesmente não... encaixam. Não dá liga, não funciona. Ele nunca deu certo cem por cento em nenhum time, nem mesmo o Bruins.

Sua atenção agora está toda em mim.

— Como assim? Eles são os melhores, Calloway. Isso é “não dar certo” pra você?

— O Bruins é Benjamin e Charles para o Ash. — Sorrio com o meu pensamento e minha colocação, mas é apenas a verdade. — Eles podem ir pra qualquer lugar, pra qualquer time, mas continuarão sendo os mesmos.

— Os outros jogadores também importam.

Ainda sorrindo, continuo:

— Claro que sim — concordo. — Eles importam, mas, ainda quando o próprio time joga contra eles, e isso já aconteceu antes, os garotos fazem milagre. Eles são bons juntos e isso é um grande fato. — Sugo o ar, dando uma breve pausa. — Sei que pode parecer que eu tô tirando o mérito individual deles, mas não é isso. Eles brilham separados, mas a magia só acontece quando estão juntos. Isso é raro pra caralho, entende? Porque o que você mais vê são jogadores tentando ser uns melhores do que os outros e puxar o tapete do amigo, mas Ash, Benji e Charles não são assim. Eles são família. E, família, Duke, significa amor.

Duke fica em silêncio.

Eu também fico.

Me endireito, olhando pro céu que vai ficando cada vez mais escuro e achando a Lua ali.

— Isso foi meio profundo — ele confessa depois de um minuto ou mais.

— É uma observação de quem tá desde o início com eles.

— Eu não me encaixaria.

Sorrio de lado.

Ele ainda não percebeu?

Assim que viro na direção de Duke, o vento fresco de Los Angeles bate no meu rosto. Então, eu digo:

— Você já se encaixou, Dallas.

Mais silêncio.

O som da sua risada — *algo que ouvi poucas vezes nesse curto espaço de tempo desde que nos conhecemos* — quebra o gelo que se formou em segundos entre nós.

— Nunca pensei que fizesse o tipo de garota que sonha acordada.

Eu o empurro com o meu ombro, só de brincadeira.

— E eu nunca pensei que fizesse o tipo de garoto que tem talento para futebol.

— Ah, não? — Arqueia uma das sobrancelhas, cruzando os braços. — Tenho cara de quê?

— Não só a cara, mas...

— Não só a cara? — Sua sobrancelha está tão arqueada, que tenho medo de que ela escape de alguma forma do seu rosto. — Fala logo.

— Nerd.

Duke revira os olhos.

— Uau — zomba. — Como se você fosse tão diferente de mim.

— Ei! — O empurro de novo. — Eu não tenho cara de nerd.

— Não, não... imagina.

— Duke! — exclamo, o repreendendo. Não que isso me incomode, mas... — Eu tenho mesmo?

— O quê?

— Cara de nerd.

Ele ri, ciente de que me atingiu.

— Nerds de filmes de romance, eu diria.

— E existe alguma diferença entre nerds de filmes de romance e nerds da vida real?

— Geralmente, os nerds de filmes de romance são bonitos, agora os da vida real...

— Ah, que lindo — agarro seu braço e ele tenta me empurrar pra longe imediatamente —, isso foi um elogio, Dallas? Sério mesmo?

Eu o solto depois de mais alguns segundos de tortura e nós rimos.

— Retiro o que disse — diz. — Você já deve receber elogios o suficiente de gente demais, não precisa do meu. Fora que você é chata, então isso tudo tá na balança.

— Não sou chata! — reclamo.

— Só quando você não tá falando, e isso é raro.

Bufo, mas não consigo não rir.

Duke também ri.

A gente fica desse jeito por quase um minuto inteiro.

— Você vai pensar sobre o time? — questiono, por fim.

— Não tenho o que pensar — replica, impassível. — É realmente algo fora da minha realidade, Calloway.

— Só... tenta. — Faço um bico. — Por favor.

— Não vai me convencer — alerta.

Junto as minhas mãos.

— Por favor, por favor, por favor, por favor, por favor...

Eu repetiria isso pelo resto da vida, mas Duke me corta:

— Não saberia diferenciar, a 100km de distância, quem é mais irritante: você ou o Carpenter?

Solto uma risada, não me abalando em nada.

— Por favor, por favor, por favor... — continuo.

— Porra, Calloway. Tá bom. Eu vou avaliar a situação.

— Avaliar não é tentar.

— Eu vou *tentar* — garante, entredentes. — Satisfeita?

Sorrio. Largo.

Minhas bochechas doem.

— Satisfeitíssima.

— Irritante.

— Futuro running back do Bruins.

— Isso não é nenhuma espécie de xingamento.

— Eu não tô te xingando, apenas prevendo um grande acontecimento.

— Eles são um trio.

Reviro os olhos.

— E podem se tornar um quarteto — dou de ombros —, o Ash aceitaria muito bem.

— É claro que ele aceitaria, o cara é totalmente apaixonado por você. Se pedir pra ele ir andando daqui até Dubai, ele vai. Ainda não percebeu, Calloway?

— Se ele é tão apaixonado assim por mim, então eu tenho certeza de que o Ash não vai se importar em promover o trio a quarteto.

Sorrio.

— Uau. Você admitiu?

Merda.

Perco meu sorriso.

— E-Eu não admiti nada.

— Não foi isso que me pareceu — é sua vez de rir, me atacando.

— Idiota — cuspo.

— Você tá aceitando, Calloway. Fique feliz. É um grande passo.

— Não tenho nada pra aceitar.

— Confia que não. Quando você menos perceber...

— Tá, tá! Já chega, Dallas.

— Você fica tão engraçada com raiva — confessa.

— E você é um idiota. — Semicerro meu olhar na sua direção.

— O idiota do futuro running back do Bruins.

— Envergonhadinha.

Preciso lidar com um Dallas provocador pelos próximos vinte minutos e isso é insuportável pra caralho.

Eu não admiti nada.

Eu não tenho o que admitir.

37

BIBLIOTECA

*“Então, vá em frente e me deixe louca.
Amor, me provoque, eu ainda não mudaria.
E não há nada que eu possa fazer.
Estou presa com você.”*

STUCK WITH U — Ariana Grande feat. Justin Bieber

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
BIBLIOTECA DA UCLA
11:47 PM
23.09.2022

— Dá pra você prestar atenção no que eu tô falando por pelo menos um minuto?

Já passa da décima vez que Cloud me adverte, e eu só estou contando as repreensões da última hora. Na minha cabeça, ela está ficando mais e mais gostosa a cada negativa que me dedica, e essa é a única coisa que me mantém firme no meu objetivo de continuar vivendo.

Essa foi uma das piores semanas da minha vida. Sei que daqui pra frente só vai piorar até os *playoffs*, mas eu posso reclamar mesmo que só mentalmente de vez em quando. Esse é um sacrifício bem mais do que necessário, mas nem é isso que está realmente me fodendo.

Minha reclamação principal vai para os meus encontros e de Cloud nessa maldita biblioteca.

Estamos enfurnados nessa porra a semana todinha.

Tentei lhe persuadir com a única forma que eu sei que surtiria efeito satisfatório: me oferecendo pra lhe comprar o que quisesse comer, mas nem isso funcionou.

Ou Cloud realmente está planejando a minha morte, ou eu sinceramente perdi todas as minhas habilidades de negociação.

Apesar de tudo e todos contra mim — *no caso, ela* —, foram pouquíssimas vezes que eu saí de campo perdendo. Hoje não seria uma dessas vezes. Na verdade, está tudo planejado para a minha vitória em cima de Cloud.

Enquanto ela vive sua vida tranquilamente, tentando enfiar essa merda de conteúdo na minha cabeça, eu meio que...

— Cacete, Ashton! — reclama. — Se for pra você ficar viajando, é melhor achar outro tutor, porque eu não quero a responsabilidade das futuras notas ruins do quarterback do Bruins nas minhas costas.

— Por que todo esse estresse, anjo?

Pisco lentamente, tirando do fundo do meu peito a minha versão mais inocente e boba.

— Espero que isso tenha sido uma pergunta retórica e você não esteja realmente esperando uma resposta minha. — Cloud me encara. — A biblioteca vai fechar em menos de dez minutos e você ficou viajando desde que entramos aqui. Isso tem se repetido dia após dia. — Bufo. — Ainda não entendeu que a minha cabeça vai estar na reta junto com a sua?

— Nada mais justo — dou de ombros, recebendo um olhar bem feio seu —, somos melhores amigos, meu anjo. Um por todos, todos por um.

A morena balança a cabeça negativamente, fazendo seu cabelo antes preso cair em camadas pelos ombros pequenos e magros.

Ela está linda hoje.

É por isso que não consegui me concentrar nos estudos.

É por isso que não consigo me concentrar em nenhum dos outros dias.

É por isso que eu sempre estudo muito sozinho, porque, com Cloud, eu realmente não consigo me concentrar.

Ela está sempre linda e sempre tem algo de interessante nela para eu admirar e analisar minuciosamente.

O seu pescoço perfeito.

A curva dos lábios cheios.

O nariz bonitinho arrebitado na ponta.

As maçãs altas das bochechas gordas.

Os cílios longos.

É tudo fascinante.

Hoje ela está especialmente linda e eu não consigo tirar os olhos de algo em específico, o que provavelmente está lhe dando a sensação de que eu estou sendo preguiçoso e desatento: *sua saia vermelha*.

Sim.

Uma. Saia. Vermelha.

Foi com essa figura que me deparei enquanto lhe esperava na porta da biblioteca.

Cloud Calloway usando uma regata branca, saia vermelha e, pra completar, como se já não fosse demais para o meu coração, a minha jaqueta do Bruins.

Acho que ela nunca pareceu ser tão minha até hoje, até agora. Tenho certeza de que Cloud fez isso na maldade. E depois a cara de pau ainda quer reclamar de mim e da minha falta de atenção.

Tem como pensar em algo além das suas pernas nessa saia vermelha? E no seu torso coberto pela jaqueta com meu nome atrás? Porra, ainda tem os seus peitos que ficaram ainda mais lindos na regata.

Ter me preparado para esse momento foi uma jogada de mestre.

Eu nunca fui tão objetivo e certo.

— Se eu for despedida...

— Anjo — a repreendo, plantando minha mão direita na sua perna —, já te disse algumas vezes, mas posso repetir se for necessário: ninguém vai te despedir. Eles prezam pelo meu bem-estar e bom funcionamento, e você é um dos motivos principais pelos quais eu funciono tão bem.

Suspirando, ela concorda a contragosto.

— Tá bom, Ashton. — Cloud esbarra no meu braço não tão discretamente pra tentar tirar minha mão da sua perna, mas eu não me movo. — Concentra, tá? Vamos terminar esse tópico antes de nos expulsarem daqui.

— Perfeito, professora Calloway. É você quem manda.

Ela revira os olhos e eu seguro o riso.

Mereço um pouco de diversão e relaxamento.

Mereço a porra de um prêmio.

É meu dia de folga pré-viagem para o próximo jogo lá na casa do caralho contra o Clemson, e eu estou aqui, me sacrificando porque a minha professora-tutora-melhor-amiga-e-futura-namorada resolveu que seria um ótimo dia para estudarmos.

Não movimento minha mão sobre a sua perna pelos próximos dois ou três minutos. Eu conto mentalmente cada segundo, me perdendo em algum momento. Cada instante que nossas peles passam encostadas, a ponte de conexão entre nós esquenta.

Dentro do meu peito, a única vontade que tenho é de lhe apertar.

É irresistível.

No fundo da minha cabeça, Cloud continua falando alguma merda sobre a Engenharia, mas na parte principal, só consigo escutar meus próprios pensamentos, e eles se resumem a como a sua pele é tão macia.

Não conseguindo mais evitar, escorrego minha mão da posição inicial por debaixo da toalha escura que cobre a mesa e, conseqüentemente, nossas pernas também, plantando a palma no seu joelho antes que eu acabe fazendo alguma besteira.

— Tira a mão.

— O quê? — Levanto o rosto e a encaro. — Prestar atenção?

Sim, meu anjo. Eu tô prestando atenção, não se preocupa.

Sorrio de lado, não conseguindo segurar.

Seu rosto bonito está deformado só de raiva.

Isso estranhamente me atrai.

Caralho, como isso é possível?

Ela só vai ficando mais e mais gostosa...

Esfrego o dedão sobre sua pele quente, deslizando e trazendo novamente minha palma um pouco mais pra cima.

Eu estou fazendo algo de ruim?

Só quero tocá-la.

— Ashton.

Pisco, inocente.

— O quê?

— Se você não tirar a mão de cima de mim, eu vou arrancar todos os seus dedos e você nunca mais vai poder jogar futebol.

Um riso me escapa.

— Esse é o menor dos meus problemas, anjo.

— É? — Arqueia uma das sobrancelhas, ainda irada.

— Nunca mais poder te tocar é o que mais vai me doer.

— Você não cansa?

— De você? — Inclino a cabeça para o lado, me fazendo de desentendido. — Nunca, meu anjo. Eu nunca vou me cansar de você. Já estamos juntos nessa há quinze anos e eu te prometo que estou pronto para mais trinta, quarenta, cinquenta, sessenta...

Cloud bate as costas no encosto da cadeira, jogando sua caneta para a mesa de qualquer jeito, o que acaba fazendo o objeto

cair debaixo do móvel. Subo minha mão ainda mais, empurrando sua saia um pouco pra cima e deslizando-a entre as coxas grossas. Finco meus dedos ali, soltando e repetindo, depois fazendo alguns movimentos circulares que faz a minha garota se remexer sobre o próprio assento.

— P-Para com isso — gagueja, baixo. Finalmente, meu anjo. Você finalmente se rendeu. — A biblioteca já vai fechar, então vamos arrumar nossas coisas e ir embora.

— Agora? — Sorrio. — Logo agora, que eu finalmente comecei a me divertir?

Ela morde o lábio inferior, sugando-o para dentro da boca numa atitude impensada que faz meu pau doer.

— Isso não é diversão — murmura, entredentes. — Tira a mão de mim, Arkins.

— Me chamando assim, você não deve estar querendo que eu tire, meu anjo.

Subo mais, finalmente esbarrando em sua calcinha com a lateral da mão.

— *Desculpa, desculpa, desculpa...* — Agarra meu punho. — Me desculpa, Ash. Eu nem pensei, só...

Cloud aproxima o rosto do meu, encostando nossas testas.

Seu hálito quente vai empurrando todos os meus botões vermelhos.

Isso não é para ser uma provocação, mas o meu corpo entende como uma. E os meus dedos? Bom, eles só continuam massageando e apertando sua pele, enquanto eu secretamente desejo deixar novas marcas nela.

É um vício.

— Isso é algum tipo de fraqueza, anjo?

— F-Fraqueza? — resmunga.

— É... — Encosto nossos lábios. — Fraqueza em relação aos meus toques?

Sei que ela já falou alguma coisa sobre isso no refeitório, mas não existe nada como ouvir de novo.

— Você não cansa de ser egocêntrico?

— Você não cansa de fugir da sua realidade?

Cloud afasta a cabeça da minha, apertando meu punho com cada vez mais força.

— Não tô fugindo e a gente...

As luzes se apagam.

Mergulhamos numa penumbra agradável.

Escolhi uma mesa estrategicamente discreta quando entramos aqui hoje, e o horário meio que já estava ajudando a nossa dinâmica, exatamente como eu planejei.

— *Merda* — Cloud tenta se levantar, mas eu a seguro no seu lugar. — A gente precisa sair daqui, Ashton. Se ficarmos presos, você vai perder a hora para o voo de amanhã e vai dar tudo errado... o treinador Sanders...

Selo nossos lábios.

Porra, eu senti falta disso.

Nos últimos dias, a gente sequer se beijou direito.

Se eu viajar sem ter uma trégua da merda que ela me prometeu e vem cumprindo desde o jantar que tivemos em família na sexta passada, vou acabar definhando.

O fervor, o tesão e a saudade dentro do meu peito se misturam como um coquetel. Eles não me deixam recuar nem quando Cloud

ainda tenta resistir nos primeiros cinco segundos. Ela murmura contra minha boca com dificuldade algo como *“a gente precisa ir”*, mas eu ignoro. Não, a gente não precisa. E eu sinto sua falta.

Tomo a responsabilidade de levar um esporro seu e a proveito.
Cloud cede.

Ela decide retribuir o que estou lhe dando com, talvez, mais vontade do que eu. Minha garota aparentemente se controlou muito até aqui.

Eu estou orgulhoso, mas nada satisfeito.

Ainda não.

Agarro um punhado do seu cabelo, inclinando a sua cabeça conforme a minha necessidade, o meu querer, e ela simplesmente se molda e derrete contra mim.

Empurro a língua entre os seus lábios molhados, saboreando não muito lentamente o gosto inicial da boca que eu mais amo, e então mergulhando para dentro.

Tento não me afogar no nosso beijo, mas essa é uma missão mais do que impossível.

Esqueço de tudo e todo o resto.

Só respiro porque isso é algo natural, mas, honestamente, não me surpreenderia se do nada eu esquecesse até mesmo de como se faz isso.

A urgência que se estabelece entre nós dois se completa. Nós nos completamos. Como em tudo. Como sempre foi desde que nos conhecemos.

Quanto mais nos beijamos, mais as minhas experiências anteriores a Cloud se apagam.

Nada nunca existiu. Ela é a única.

Minha garota, minha melhor amiga.

O toque macio nas nossas línguas afobadas tira um gemido meu. É involuntário. Tal como o toque que a minha mão esquerda vai traçando por suas pernas, naquela coisa meio animalesca que sempre senti apenas em relação a ela.

O cheiro de Cloud me excita.

O beijo de Cloud me deixa louco.

O jeito de Cloud me deixa completamente cego.

No meio da bagunça, encontramos um ritmo perfeito para seguir. Ela morde os meus lábios e eu chupo os seus. A gente briga, se irrita, então discute, para nos resolvermos. Sem palavras, apenas beijo.

Um grunhido me escapa com a dor que eu sinto se espalhar por todo meu corpo e se instalar no meu pau. Eu não me importaria em foder Cloud no meio dos nossos livros e anotações. Mas ela com certeza se importaria.

Por isso, recuo, mordiscando seu lábio inferior enquanto ela arfa pesadamente, gemendo agora de um jeito mais livre contra a minha boca e choramingando como uma gatinha.

— *A... gente... precisa... sair... daqui...* — Ela suspira a cada palavra dita. — *Juro que vamos continuar, mas...*

Abro os meus olhos, me afastando da morena com um pouco de dificuldade e tirando a mão da sua perna para enfiá-la no meu bolso. Jogo em cima da mesa um molho de chaves. Muitas.

Cloud abre os olhos demoradamente, parecendo quase bêbada, e encara as chaves junto de mim.

Ser um quarterback querido e adorado tem as suas vantagens.

Minha vantagem do dia foi: convenci Bryan, assistente responsável por fechar a biblioteca na parte da noite, a me emprestar as chaves só por hoje. Eu disse que precisava estudar até um pouco mais tarde. Ele concordou, contanto que eu lhe desse uma camisa da nova temporada. Isso é tranquilo para mim, consigo muito facilmente, então foi negócio feito.

Não sou ardiloso, apenas preparado.

— Não estamos presos, anjo — informo, tranquilamente, vendo os seus olhos se arregalarem lentamente. — Não precisa se preocupar.

— O q-que diabos é isso?

Mentiria se dissesse que ela não fica linda assustada. Os olhos castanhos enormes e brilhantes aliados à sua respiração ofegante, que faz seus peitos redondos subirem e descerem rapidamente, lhe deixam linda pra caralho.

Gostosa é a palavra certa.

No meio da luz e sombra precária que vem das grandes vidraças do prédio, me sinto sortudo pela milionésima vez esse ano só por ter essa garota comigo.

— Chaves? — brinco.

— Eu sei, *mas...*

— Meio que subornei o cara da biblioteca pra me emprestar.

Ela pisca.

Seu cenho se franze em confusão e depois se acentua com a carranca mais profunda que vai tomando conta do seu rostinho bonito.

— Eu não sei o que acha que a gente vai fazer aqui — retruca, me empurrando pra longe enquanto olha ao redor. — Essa merda

tem câmeras.

Isso é verdade.

Tem sim, pelo menos quatro em cada canto do enorme salão.

— E eu não sei o que você acha que eu tava achando que ia fazer aqui com você. — Imito o seu bico de sempre. — Vamos estudar, anjo.

— No escuro, Ashton?

Eu a ignoro, escorregando da minha cadeira com dificuldade por causa do meu tamanho e entrando debaixo da mesa.

— Ashton — ela me chama de novo.

Quero pegar a sua caneta que caiu.

Que mal tem?

— O que é que... você tá... fazendo? — insiste.

Pego a caneta do chão, subindo o pano da mesa e achando-a ali, enrubescida enquanto tenta fechar as pernas.

— Sua caneta — estendo o objeto inocentemente para ela —, pega, meu anjo.

Desconfiada, Cloud pega a caneta bem rápido.

— Pronto — murmura, enquanto desvio meus olhos rapidamente para os pés da sua cadeira —, agora sai daí, para com essa loucura e vamos embora. Você só vai ter paz hoje, quando devolver as chaves da biblioteca para o maluco que te... — Puxo as pernas de uma só vez. — *Ashton!* — exclama, segurando na beira da mesa. — O que tem de errado com você? — reclama, irritada.

— Não quero viajar passando vontade da sua boceta — reclamo, juntando minhas sobrancelhas numa careta. — Já aprendi a minha lição, agora tá na hora dos papéis se inverterm e você prestar atenção na lição do seu professor-namorado.

— *Não, você não vai... aqui não...*

— Se importa? — Aponto para as suas pernas com o meu queixo.

— É claro que...

Não demoro só pra não acabar morrendo afogado com minha água na boca. Seguro os joelhos de Cloud, abrindo suas pernas de pouquinho em pouquinho. Inclino minha cabeça na sua direção, beijando cada polegada que consigo alcançar e sentindo o meu pau endurecer mais e mais nas minhas calças.

— Deveria usar mais saias — digo, num tom de elogio, afinal, é um. — E mais vermelho também.

— Vamos pro seu dormitório, Ash, por favor...

— E perder a chance de te chupar na biblioteca da UCLA? — Sorrio, achando a visão perfeita diante de mim. — Só se eu fosse maluco pra caralho.

— Isso é algum tipo de fetiche? — resmunga. — O quarto com nossos amigos, a roda-gigante...

— Não é, amor... — a repreendo. — Na verdade, é a necessidade de te comer. Isso tá me deixando maluco e eu só penso em fazer isso logo, o quanto antes, em qualquer lugar que seja. — Ela morde o lábio inferior, empurrando o cabelo pro lado enquanto se segura na cadeira. Seu pescoço livre, liso e longo é... caralho! — Porra, olha só pra você, Calloway. A vontade que tenho é de te deixar marcada e cheirando a minha porra pelo resto da vida...

— Você é louco.

Traço sua carne com a minha língua, lambendo enquanto eu abro suas pernas cada vez mais.

— Por você — murmuro.

— Mas... você quer fazer isso... agora?

Sorrio com a boca nela.

— *Isso?* — zombo. — Isso o quê, exatamente?

— Você sabe.

Eu sei, mas...

— Fala, meu amor.

Cloud deixa sua cabeça tombar pra trás quando eu afundo os dentes na sua pele. Ela tem as coxas mais macias do mundo. Toda ela. Não tem nada que não seja macio, porra.

É fascinante.

Vejo as veias em seu pescoço saltarem, marcadas, e eu tenho certeza de que seus dentes estão cerrados a essa altura.

Endireitando a cabeça e trazendo uma das mãos até a minha, Cloud pega um punhado do meu cabelo, apertando com força.

— *Vai... me chupar... aqui?*

Sorrio.

— Se você deixar.

— *Mas aqui...*

— Esquece a parte do deixar — eu a corto —, você vai ficar aqui, sentada, de pernas abertas pra mim e, se possível, se for realmente uma boa garota e boa aluna, vai esfregar a boceta na minha boca. Sem. Parar. E não é uma sugestão, é uma ordem.

Ela geme, arqueando as costas e terminando de abrir suas pernas no melhor ângulo só para mim.

O paraíso existe.

Ele está diante de mim.

Sua postura fica tensa quando eu puxo a cadeira para mais perto, deixando suas pernas totalmente cobertas pelo tecido sobre a mesa e rosnando com ansiedade pura prestes a me engolir vivo.

Cloud levanta o pano, me encarando nos olhos. Aposto que ela não quer perder um segundo disso.

Safada do caralho.

— Gosta da vista?

Ela balança a cabeça negativamente.

Descarada.

Ela nem se importa em mentir.

— A vista é... mais ou menos... — solta, respirando audivelmente.

Ah, claro.

É mais ou menos e ela está assim, toda sensível em segundos.

— Você pode até negar, Calloway, mas é só eu afastar essa calcinha pro lado, que sua boceta vai tá brilhando e babando por mim... carente de uma boa foda, né? — Respiro fundo. — Vai dizer que eu tô errado?

Ela ri, gemendo e se contorcendo.

O tom é mais rouco. Doente. Necessitado.

— Quer que eu afaste pra você? — sugere.

Foda-se, caralho.

— Pra quem não queria isso até um minuto atrás, você tá bem solícita, não é, meu anjo?

— Jogador, não b...

— Pra você, é amor.

Cloud lambe os lábios, umedecendo-os e, então, concorda com um aceno.

— Amor, não brinque com a minha boa vontade. Ela realmente não é de aparecer muito.

— Não? — Mordo uma porção de carne da parte interna da sua coxa direita, fazendo-a quase saltar do assento. — Nem pro seu namorado?

— *Merda, merda, merda...* — geme, apertando os dedos no emaranhado que fez no meu cabelo. — E-Eu... eu posso abrir uma exceção... pra você...

Chupo a sua pele num vácuo dentro da minha boca, lambendo o local quando me separo por alguns instantes. Mesmo com dificuldade, consigo ver ali a marca avermelhada que vai escurecendo gradativamente em sua pele pálida.

— Afasta a calcinha pra mim e me deixa ver essa boceta, meu anjo.

Soltando os meus cabelos, Cloud se move com dificuldade, puxando um pouco mais da saia vermelha pra cima e tocando o tecido fino e branco da calcinha que está usando. Ela puxa a peça lentamente para o lado, me deixando ver um filete da sua excitação se pendurar ali conforme ela vai afastando.

Não sabia que era possível me apaixonar ainda mais por ela, mas é nesse momento que eu tenho certeza de que é sim.

Estou mais apaixonado do que nunca por Cloud Calloway.

A visão que tenho é a prova disso.

A boceta molhada, quase escorrendo, com o filete melado pendurado junto da sua calcinha... caralho. Ela está assim por minha causa, para mim. Isso é meu. Tudo meu.

— Gostosa do caralho... — resmungo.

— Você ainda nem provou...

— Calloway, eu não brincaria com isso — alerta, sério.

Continuo beijando suas pernas em trilhas demoradas. Mordo, sugo, chupo... lambo, saboreio. Mas os meus olhos não desviam da fenda ensopada e macia que está esperando por mim.

— Vai ficar brincando comigo? — reclama depois de mais alguns segundos, soando tão impaciente que me faz querer rir. — Me torturando?

— Pra quê toda essa pressa, anjo? — Aproximo-me do encontro das suas pernas, rugindo por dentro de tesão. Eu quero ceder, mas eu também quero que Cloud aprenda de uma vez por todas que me pertence, que nós somos bem mais do que apenas amigos. — Se quiser que algo saia do seu jeito, peça. Mas não de qualquer jeito. Quero ver você pedir como minha namorada.

— *Caralho* — seu corpo se dobra pra frente —, *eu consigo... sentir... sua respiração... o ar... batendo...*

Quanto mais ela fala, mais tentador fica.

Eu posso ceder de novo.

Eu sempre cedo.

— Você é sempre tão arisca e negativa, mas no fundo, bem no fundo, tá doida pra me ver chupar essa boceta, não é, amor? — provoco. — Admite, vai. Você sabe que quer admitir e implorar. — Cloud balança a cabeça positivamente. — Aposto que essa boceta tá latejando por mim.

— *S-Sim...* — geme. — Acaba logo com isso, Arkins... me deixa sentir a sua boca na minha b...

Ela não consegue terminar a sentença porque eu não preciso de mais do que isso para simplesmente lhe dar o que ambos precisamos.

A textura da sua pele na minha língua é melhor do que um dia já cheguei a imaginar. Isso mexe com a parte mais possessiva e bizarra que tenho dentro de mim: a parte que me diz que Cloud vai ser pra sempre minha... *só minha*.

O seu gosto? Porra. Ele é perfeito.

Quanto mais eu deslizo a língua em direção a sua abertura, mais eu tenho certeza disso, porque é tudo que consigo sentir.

É uma maldição uma garota tão arisca e certinha como ela ter uma boceta tão doce. Mas eu estou disposto a manter essa maldição só para mim.

Pelo. Resto. Da. Vida.

A única resposta que tenho de Cloud quando faço uma sucção demorada onde ela está escorrendo de tesão por mim, é a do seu gemido rouco e do seu corpo trôpego.

Ela se remexe por inteira, esfregando a boceta na minha língua tal como pedi que fizesse.

— *Deus... meu Deus... Ash...*

Seu choramingado é fofo.

Agora eu sou seu deus?

Eu não me importaria mesmo se fosse.

Ela é a porra de uma deusa. A minha deusa.

— Se abre pra mim, anjo — comando, afastando-me apenas o suficiente para assisti-la.

Com a mão trêmula, seus dedos pequenos e finos fazem o trabalho por mim. Ela espalha os lábios vermelhos e inchados da

sua boceta linda, me deixando ver tudo, mesmo com dificuldade.

Amasso minha boca ali, beijando-a como sempre sonhei em fazer.

Escorrego para baixo, sugando os pequenos e grandes lábios para dentro da minha boca. Eles me deixam cheio, mas não satisfeito. São gostosos pra caralho e gordos. Não tem nada melhor do que isso, do que a boceta da minha mulher toda exposta para eu me deliciar e banquetear.

Deslizo a língua com uma facilidade espantosa por suas dobras encharcadas, mas não me demoro ali. Subo minha atenção até o seu clitóris, chupando e rolando a língua ao redor dele, depois... sobre ele.

— Vou precisar te comer de manhã, de tarde e de noite — murmuro.

— *N-Não...*

— Não, é, meu anjo? — Sorrio de lado. — Com uma boceta tão gostosa, você quer mesmo dizer não pra mim, Calloway? — continuo. Recuo, querendo escutar sua resposta que demora, então... mordo e lambo suas coxas mais uma vez, agora recebendo uma reação mais ávida sua. — Vou te dizer isso só uma vez: — paro de me mover — você é minha, então sua boceta também é, por isso, meu anjo, vou te comer sempre que *eu* quiser.

— *Boca... suja...* — geme.

— Pra te comer ela fica limpinha.

Mergulho novamente a língua por toda extensão dela.

Não vai dar pra cansar disso. Nunca.

— *Idiot... Ah... Ash...* — E ela não vai aguentar.

Minha garota é tão sensível, porra.

E isso não é nada perto do que quero fazer com ela.

Com as unhas cravadas de cada lado dos meus ombros, nós dois iniciamos uma grande batalha. Bom, pelo menos é o que parece para Cloud, porque para mim continua sendo a porra do paraíso na terra.

Abafo meus gemidos a cada chupada que eu lhe dou. Toda vez que faço isso, ela chacoalha e arqueja mais.

Começo a me odiar pela escolha do local, porque eu adoraria ver seus peitos redondinhos livres e empinados a cada arquejar de costas. A visão seria ainda melhor. O jeito é me contentar, mas nunca vai ser um contentamento satisfeito.

Agarro as suas pernas, erguendo-as e plantando seus pés em cima da cadeira com a porra do pano em uma espécie de cabana. Cloud não consegue mais me ver e nem eu consigo assistir às suas expressões dolorosamente lindas.

Por isso, intensifico tudo a ponto de ela achar insuportável segurar os seus gemidos dentro da boca. Quero suas reações. Lamentações. Louvores. Quero absolutamente tudo dela. Que me chame de Deus e do diabo. De qualquer merda que seja. Só quero que ela mostre para mim o quanto está gostando do que eu estou fazendo.

Chupo mais forte, balançando minha língua mais rapidamente.

Enrijeço a ponta, empurrando-a por sua abertura.

Ela meio que grita com isso, segurando-se agora em meus braços.

Eu vou e volto.

Estoco a minha língua pra dentro da sua boceta, rosnando de tão bom que é. Porra. Caralho. Sem intervalo, meto minha língua ali.

Não dá pra ir longe, não dá pra alcançar lugares que obviamente só meu pau vai conseguir chegar, mas eu ainda consigo sentir como deve ser socar em Cloud sem parar.

Ela fica louca pra caralho e isso me deixa vidrado.

É um incentivo.

Me faz continuar.

Mais e mais.

Vai e vem.

Vai e vem.

Quente. Molhada. Tão gostosa.

Com a língua estirada, eu subo novamente até o seu clitóris, sugando seus lábios pelo caminho. Um por um. Demoradamente.

Capturo o pequeno músculo, relaxando minha língua sobre ele num vaivém que faz Cloud endurecer. É quase como se ela nem respirasse. Corro as mãos abertas e cheias por suas pernas, de cada um dos lados, massageando-as e acariciando para que ela só relaxe pra mim.

Isso quase me faz gozar.

Eu acho que não vou precisar de nada, além da sua boceta na minha boca, pra gozar dessa vez. E eu mentiria se dissesse que isso já me ocorreu antes, por que não, nunca me ocorreu. Sempre precisei de algum estímulo, mas com Cloud, basta pouca coisa, meros pensamentos, e eu já fico no limite.

É o que ela faz comigo e nem tem ideia disso.

Cada vez que pressiono a minha língua no botão inchado, ela choraminga. Sigo em movimentos circulares ali, lânguidos, tortuosos.

Parece que eu mesmo estou me flagelando.

É uma tortura pro meu pau.

— *Para, Ash... Ash, Ash... meu amor, amor... por favor...*

Ashton, Arkins...

Seu desespero para me fazer parar surte efeito contrário.

Eu não paro.

Eu não quero parar.

Eu poderia chupar sua boceta a noite toda.

Não me importaria em ficar com a mandíbula dormente pelo resto do fim de semana. Só consigo pensar em lhe chupar. Uma. Vez. Atrás. Da. Outra. Sem parar. Tomando cada um dos seus orgasmos para mim, não deixando escapar uma gota sequer do seu prazer, porque sou eu quem vou lhe dou isso, então sou eu quem vou tomar.

— *Você precisa... parar... eu não... Ah, merda!*

Diminuo o ritmo e a força.

Cloud puxa o pano, me encarando nos olhos.

— Você tem uma boceta gostosa do caralho — solto, sem aguentar guardar os pensamentos só pra mim. — Ela é só minha, Calloway, você entendeu? — Ela concorda, desesperadamente. Não sei se é impressão minha, porque está escuro e eu não posso ter certeza, mas suas pupilas parecem dilatadas enquanto me fitam. — Então fala. Repete.

— É só sua — sussurra, soluçando.

— O quê? O que é só minha?

— A minha b-bo... Ah! Merda. A minha boceta. É sua. Só sua. Porra. Caralho.

Putaque me pariu.

— Não vou deixar ninguém tomar o meu lugar — eu alerta, sincero demais. Talvez mais do que eu deva ser. — Fala se me entendeu, anjo.

— Eu entendi — concorda. — Eu entendi, meu... amor...

— Isso, meu anjo. Eu sou seu amor, você é o meu anjo, e essa boceta é só minha. Você é só minha. E ninguém mais vai te tocar. Ninguém. — Sugo o seu clitóris mais uma vez, gemendo contra o pequeno monte um pouco irritado com o pensamento de mais alguém tendo Cloud como agora eu tenho. — Se alguém ousar te tocar, Calloway, essa pessoa vai estar fodida. Agora que eu te provei, nada disso vai ser de mais ninguém. Só meu.

Meu controle se esvai.

Só consigo pensar em me enterrar nela.

Inferno.

— *Para... eu não vou aguentar... Ash...*

— Tô indo devagar — retruco, subindo... descendo... compassadamente.

— *Mas eu não... consigo...*

Cloud joga a cabeça pra trás, ficando uma bagunça completa. Ela não consegue evitar. Nem eu. Minha melhor amiga goza pra mim, na minha boca. Ela não para de me chamar. Repete “Ashton” a cada milésimo de segundo, tropeçando nas letras e enrolando a língua de um jeito tão... bom.

Enquanto os espasmos e ondas do orgasmo correm pelo seu corpo, eu literalmente gozo dentro das minhas calças com sua excitação escorrendo pela minha língua.

Não perco uma gota sequer, resmungando e praguejando com meu próprio orgasmo enquanto tomo o seu.

Dividimos os próximos minutos desse jeito, bêbados numa teia emaranhada de um tesão inconsequente. Continuo lhe beijando e chupando, enquanto nós prolongamos tudo tanto quanto é possível.

Quando resolvo parar, debaixo de um ronronar seu, deposito um selar de lábios na sua boceta por fim. Endireito sua calcinha e saia num movimento rápido, empurrando sua cadeira pra trás e saindo de debaixo da mesa.

Puxo Cloud para cima com certa urgência.

Encosto a testa na sua, inspirando e expirando pra tentar me acalmar.

— Não quero que mais ninguém me toque — confessa depois de alguns segundos, apertando as pernas ao redor da minha cintura e os braços ao redor do meu pescoço. Afasto o meu rosto para encará-la, vendo seus olhos arregalados e incrédulos me fitando. Acho que Cloud não acredita no que está saindo da sua própria boca, mas eu gosto. Eu gosto das palavras e do som delas... do que elas significam. — Acho que você... me controla.

— É? — Inclino a cabeça para o lado. — Eu te controlo, anjo?

— O meu corpo — explica. — Ele responde bem a você.

— Bem? — Sorrio, sentando-a na mesa, mas não me afastando nem um centímetro.

— Perfeitamente bem. — A morena olha entre o pequeno espaço entre nós, deslizando uma das mãos pelo meu peitoral até encontrar a minha ereção. — Acho que seu corpo sente a mesma coisa por mim.

— Ele sente coisas inexplicáveis por você — rebato.

— Eu quero fazer algo por você... — pede.

Ela não percebeu?

Sorrio de lado.

— Você já fez.

— Mas...

— Eu também gozei, meu anjo. Gozei com você se desmanchando na minha boca.

Cloud para de se mexer, mas não tira a mão do meu pau ainda duro. Me desfazer totalmente da minha ereção é sempre uma missão complicada, principalmente quando isso acaba envolvendo minha melhor amiga.

— Sério?

— Não mentiria — retruco, calmo.

— Mas você ainda tá duro.

— Ainda não tô satisfeito — respondo sinceramente.

— N-Não? — gagueja.

— Não, e eu arrisco dizer que você também não está.

Ela desvia nossos olhares, finalmente soltando o meu pau.

Perfeito, ou eu acabaria ainda mais fodido.

— Você... é bom.

— Bom? Isso não é um elogio digno da minha performance. — Subo minha mão até o seu rosto, forçando Cloud a voltar a me encarar. — Da próxima vez, quero você sentada na minha cara. Tudo bem?

Seu jeitinho envergonhado faz eu me perder enquanto ela continua tentando me evitar.

— Isso é um pouco demais — me repreende.

— Sua boceta gostosa nunca vai ser demais pra mim, meu anjo, e você cavalgando na minha boca vai ser perfeito pra caralho.

— Vou pensar sob...

— Você não vai pensar em nada, Cloud Calloway. Você vai obedecer. — Ela morde o lábio inferior. — Essa é a sua única alternativa aqui.

Engolindo em seco, a morena começa a concordar com um aceno demorado.

— Tudo bem — sussurra.

Caralho, ela fica perfeita sendo obediente.

Amasso minha boca na sua, empurrando minha língua entre seus lábios e achando a sua já pronta para uma espécie de embate calmo. Estamos mais controlados, é um fato, mas eu ainda quero que Cloud prove na minha boca o quão gostosa ela é.

Enchendo os punhos com o tecido da minha camiseta, a morena aperta, me puxando para mais perto e me fazendo quase cair sobre si.

Preciso me lembrar de que não podemos foder aqui.

Mordiscando meu lábio inferior, ela arfa pesadamente contra mim, deslizando a língua macia na minha e soltando um gemido alto.

Quando a gente se mistura assim, é ainda melhor. Mas eu não posso continuar. *Não aqui.*

— Tá vendo? — murmuro, ofegando e mordendo seu lábio inferior. Puxo e solto a carne rapidamente, continuando: — Tá vendo como você é gostosa?

— *Ash...*

— Responde.

Sorrindo fraco, Cloud diz:

— Não posso dizer isso com certeza, mas...

— Você é deliciosa, não diga o contrário — eu a corto.

— *Mas!* — Ela me dá um olhar atravessado. — Na sua boca qualquer coisa fica gostosa.

Tudo bem, menos mal.

Eu não a deixaria falar mal da minha boceta, que é sua... mas, *minha*.

— Agora nós podemos ir — sentencio. — Quero descansar e, se duvidar, te chupar de novo na minha cama.

— Para de falar essas coisas... — me censura.

— Não brinquei quando disse que quero te chupar de dia, de tarde e de noite.

— Como se fôssemos fazer isso... — Revira os olhos.

— Não me provoca, Calloway.

— Ou o quê? — Ela desce da mesa, agora mais recomposta.

— Ou eu vou te abrir em cima dessa mesa, e foda-se as câmeras.

— Ah, clar... *Ashton!* — grita assim que eu a tiro do chão com um dos braços. — É brincadeira, é brincadeira! — Se segura firme em mim. — É brincadeira — garante, olhando nos meus olhos.

— Sorte sua que é mesmo brincadeira e que tem essas malditas câmeras. Eu sou ciumento pra caralho. Essa é sua única salvação, Cloud Calloway.

— Me coloca não chão — pede, suave e meio dissimulada.

Obedeço.

— Vamos — comando, começando a arrumar minhas coisas.

— Você é um maluco do caramba — resmunga, ajeitando seu material.

— Esse é o seu novo mantra? Não para de falar isso...

— É porque você tá toda hora sendo um maluco perto de mim.

— É o tesão.

— Às vezes eu só tô respirando, Ashton.

— Pra você ver como são as coisas...

— Maluco.

— Linda.

— Idiota.

— Gostosa.

— Para com isso.

Sorrio.

— Tudo bem, vamos logo... porque eu não vou dispensar você na minha cama.

— E eu não vou abrir as pernas de novo pra você — rebate.

— Se você for tão firme quanto foi vinte minutos atrás, tudo bem... eu confio cem por cento nas suas palavras.

Cloud me dá um soco no braço, tirando uma risada ainda mais alta minha.

— Eu te odeio, Ashton Arkins.

— Eu te amo, Cloud Calloway.

— Ótima dinâmica. Somos quase um casal.

— Não quase — a corrijo. — Somos um casal. Somos namorados. Esqueceu?

— Ah, desculpa... eu *quase* esqueci.

Seu jeito de revirar os olhos pra mim e sair marchando na minha frente é fofo e sexy. Corro atrás de Cloud com o molho de chaves na minha mão, entrelaçando nossos dedos assim que eu a alcanço.

Por mais que a minha visão da sua bunda e pernas estivesse ótima, eu prefiro segurar sua mão.

É o que eu vou fazer quando formos oficialmente namorados.

Toda UCLA vai saber com toda certeza do mundo que ela é minha.

Esse vai ser o meu maior orgulho, a minha maior sorte.

Ela, sempre ela.

Cloud Calloway, o meu anjo.

38

TERRITÓRIO PROIBIDO

*“Nossa geração nos fez assim:
o tipo de amigos que fodem, mas quando se apaixonam,
eles têm muito medo de dizer.”*

LOVE IS (NOT) EASY — Chase Atlantic

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CENTRO DE TREINAMENTO DA UCLA
11:47 AM
25.09.2022

A torcida do Bruins é surreal.

Mesmo que eu não goste de dar o braço a torcer, me sinto feliz pra caramba por fazer parte de tudo isso.

Quanto mais o tempo passa, mais eu vou aceitando que esse é o meu destino: torcer para os meus garotos, especialmente Ashton, independente dos bons ou maus dias.

A contagem regressiva para a entrada dos times em campo no telão do Centro de Treinamento da UCLA faz a minha barriga embrulhar mais do que o normal.

O jogo de hoje contra o Clemson é mais um daqueles importantes. Honestamente, a essa altura do campeonato é difícil classificar um jogo como “não tão importante” para o meu trio. Todos eles são, todos eles contam.

Mas eu só estou... nervosa.

Muito. Muito. E muito.

É tanto, que estou a ponto de deixar Hazel, de um lado, e Duke do outro, sem mãos, de tanto eu apertar.

— Olha bem, eu não sou seu namorado ou o Ashton pra você estragar a minha mão pelo resto da vida — Duke reclama pela décima vez.

Apesar dos meus pais estarem aqui, nós não estamos juntos. Eles foram com os pais de Ashton se enturmar com as famílias dos outros jogadores, enquanto eu estou com meus amigos. Todo mundo parece feliz assim, então ninguém se incomodou com essa pequena separação.

— "Seu namorado ou o Ashton" diz muito sobre a relação deles, né, Dallas? — Hazel zomba do outro lado. Duke me encara desconfiado, fazendo-me semicerrar os olhos imediatamente na sua direção. — É cada vez mais difícil não comentar nada sobre o meu *Cash*. Depois daquela festa e do desastre que aconteceu, meio

que dei a minha palavra... mas a gente não pode suspender a decisão tomada, C? Tô com saudade.

— Não — retruco, imediatamente.

Esse é o motivo pelo qual eu tenho tido paz nas últimas semanas.

É claro que eu não vou suspender nada.

É dessa paz que eu dependo pra funcionar bem.

— Chata — Hazel rebate.

— Sensata — eu a corrijo.

— Quando é que a Sloan vai *che*...

— Sentiu minha falta, Dallas? — A voz da última integrante do nosso grupo meio estranho, corta a pergunta de Duke, automaticamente lhe dando uma resposta. — Nós chegamos!

Nós?

Nós quem, exatamente?

Finalmente solto as mãos de Hazel e Duke, virando para trás e achando Sloan ali. Como sempre toda de preto e muito bem-vestida, ela nos oferece um sorriso, mostrando que realmente não está desacompanhada.

Eles são...

— Ainda bem que você chegou — Duke comemora, respirando aliviado. — Essa daqui tava prestes a quebrar os meus dedos por causa do quarterback.

— Você é a garota do quarterback? — Um dos caras que está perto de Sloan, pergunta.

Uau.

Todo mundo me conhece assim?

É desse jeito que Ashton fala sobre mim para as outras pessoas ou elas só deduzem isso?

— Sou a melhor amiga dele.

— O que dá no mesmo, pelo que ele fala — o outro retruca, rindo e arrancando a risada de todos. Até mesmo a minha.

Por que eu não me incomodo como antes?

— Espero que não se importem, mas eu trouxe alguns amigos para assistir o jogo com a gente.

É só uma pequena adição de dois caras e uma garota ao nosso grupo. Eu posso lidar com isso por algumas horas. E, se eles são amigos de Sloan, é porque devem ser legais.

— Jeon Jihoon — ela aponta para o cara mais alto e todo tatuado. Ele é o mesmo que tirou nossas risadas. — Meu primo por parte da família da minha mãe e a minha conexão com a Coréia do Sul. Chato, mas um ótimo tatuador, depois de mim, é claro.

— Podem me chamar de Jeon e ninguém sai machucado — brinca, curvando-se um pouco pra frente em cumprimento. Eu não sei o que fazer, então só aceno com a cabeça, sorrindo educadamente. — O Dallas eu já conheço, a garota do quarterback é território proibido... e você, ruivinha, tá comprometida também?

Meu Deus.

Começo a tossir, tentando conter a minha risada enquanto eu vejo o cara lançar um sorriso galanteador para Hazel.

Eu não vou mentir.

Ele é bonito.

Bom, fora da curva é a palavra certa.

Já vi muitos coreanos por aqui, mas nenhum como ele, seu amigo e a garota que está mais atrás, alheia.

Seu cabelo preto e liso bate em seus ombros, jogado de lado como se Jihoon tivesse passado os dedos horas e horas por ele. O piercing na sobrancelha é legal. O do lábio inferior também.

Ele é definitivamente fora da curva.

Um exemplar coreano único.

— Cara, dá um tempo — Sloan retruca, respondendo por Hazel que parece estar definhando de vergonha. — A fila da ruivinha tá cheia: o chato do Charles é o primeiro, depois eu, o pequeno Beckett que não sabe o que quer, aí pode ser que você tenha um lugar a partir de hoje...

— Ei, eu sempre estive aqui! — reclamo, entrando na onda e recebendo uma cotovelada de Hazel.

— Como se o quarterback fosse permitir — Sloan zomba, piscando pra mim.

Só não reviro os olhos porque é ela: a Sloan Sanders.

— Muito concorrida, prefiro ficar com o que eu já tenho... — Jihoon cruza os braços e, curiosamente, desvia o olhar até Duke, que olha pra longe na mesma batida.

Espera aí... eu nem bebi nada ainda.

Não tem como isso ser algum tipo de loucura da minha cabeça, certo?

— Eu sou o Changmin — o outro cara se apresenta, curvando-se pra gente em cumprimento. — Choi Changmin.

Diferente de Jihoon, ele não parece ter nenhuma tatuagem à vista. Usa óculos e parece tão engomadinho que, se eu o visse na rua, confundiria com alguém da Ivy League. Talvez filho de algum magnata coreano que veio para os Estados Unidos expandir negócios.

Tudo bem, eu viajei, mas... foi uma viagem sensata.

— Esse aqui é a minha versão coreana do pequeno Beckett — Sloan diz com um sorrisinho maldoso. — Certinho, sem tatuagens, não fuma, não bebe e, mesmo com tudo isso, ainda anda com a gente.

— E mesmo assim você prefere perturbar a cabeça do coitado do Beckett — a garota comenta, cutucando Sloan com suas palavras. Ela tem um bom ponto. — Yoon Yumi. — Pisca pra Hazel e eu. — É um prazer conhecer vocês, mas também é uma pena já saber que todas são comprometidas.

Ela faz um biquinho e nós rimos.

Não tem como levar a sério.

Não de uma garota tão bonita quanto Yumi.

Seu cabelo liso e preto bate na sua cintura e, apesar de ser pequena como eu, ela tem uma presença como a de Sloan, junto de um olhar felino que é capaz de deixar qualquer pessoa com vergonha em menos de cinco segundos.

É constatando isso que eu decido não manter contato visual com Yumi.

— O melhor de tudo é que teremos *soju* de graça, um oferecimento Jeon Jihoon e Yoon Yumi, porque o Choi... bom, vocês já sabem... o Choi é...

— ... *certinho igual ao pequeno Beckett* — falamos, surpreendentemente, os seis em uníssono.

Rimos, enquanto o Changmin só dá de ombros. Ele, pelo visto, já se acostumou com Sloan... só o Benji que não.

Talvez esse seja o motivo do fascínio de Sloan com o Beckett.

Isso é algo que vou pensar mais tarde...

Nossa conversa segue normalmente.

Compramos acompanhamentos em consenso pra ninguém acabar "nocauteado pelo *soju*", e isso foi a própria Sloan que falou com um quê de preocupação comigo e com Hazel.

Então, eles entram em campo e a nossa torcida simplesmente enlouquece.

Ashton está lindo pra caralho, mais uma vez liderando o caminho de toda sua equipe com um olhar focado e um sorriso debochado. Ele sabe que não vai perder esse jogo, fora de casa ou não, qualquer lugar com Benjamin e Charles é um bom lugar para Ashton trazer uma vitória pra Califórnia com o Bruins.

Entoamos juntos o coro que nos é de costume e, mesmo que nossos garotos não possam ouvir, eu tenho certeza de que eles estão sentindo a energia que emanamos daqui de Los Angeles.

É só quando o jogo começa, que eu tomo a minha primeira dose de *soju*.

Ela realmente desce de um jeito difícil.

Empurro o líquido goela abaixo com uma boa mordida no meu cachorro-quente, mas, minutos mais tarde, parece que a bebida nem tem mais gosto.

Misturada com a minha agonia em ver as primeiras jogadas do Clemson darem muito certo, eu vou empurrando gole atrás de gole, esperando que o álcool me acalme, mesmo sabendo que no fim das contas só vou ter um fim e ele não tem nada a ver com controle e calma.

O primo e os amigos de Sloan são divertidos.

A gente passa mais da metade do jogo reclamando das faltas que os garotos estão recebendo. Mais de uma vez eu me vejo

ficando de pé na minha cadeira — já alterada pela bebida — e grito bem alto "*filho da puta!*" pro jogador do Clemson que fez uma entrada pesada em Ashton. Mas nada disso os impede de, depois de mais de uma hora e de uma árdua partida, nos entregar um resultado positivo.

Mais um jogo nosso.

Mais um jogo do Bruins.

Mais um jogo do trio ABC.

Eles estão simplesmente imbatíveis e eu não consigo cansar de repetir isso.

— Cacete... — Jihoon resmunga, empurrando a garrafa de *soju* pra mim. — O seu quarterback é mesmo muito bom — comenta. — Pensei que a fama toda era pelo rostinho bonito.

Rostinho bonito.

Solto uma risada frouxa.

— Ele tem mesmo o rostinho bonito — concordo, rindo com o tempo.

— Ela concordou! — Hazel exclama do meu outro lado.

Estamos todos meio assim... loucos.

Menos Duke e Changmin.

— Vocês têm um caso? — Yumi questiona, abrindo uma das últimas garrafas de *soju* que nos restaram.

Eu poderia dizer que sim... e que não... e que sim... e que não...

Mas eles são tão legais... e a Hazzie merece saber também.

Talvez não seja uma péssima id...

— Ele vai falar! — grito, apontando pro telão, onde a imagem do meu quarterback aparece. Ashton está todo suado, vermelho...

sorridente. Droga, ele é tão meu que chega a ser irritante. — Silêncio, vamos ouvir o meu quarterback!

— O quarterback dela... — os idiotas começam a me zoar, mas eu ameaço todo mundo com uma garrafa, querendo escutar Ashton.

— Capitão, o que dizer de mais uma vitória fora de casa? Só mais um dia normal para o Bruins ou vocês encontraram dificuldade nas primeiras subidas do Clemson?

Ashton começa a falar.

Sei disso porque eu não consigo desviar os olhos dos seus lábios, mas, definitivamente, não escuto nada.

Ele está tão... gostoso.

Cacete!

Daria qualquer coisa pra estar lá, esperando-o na beira do campo pra um abraço apertado e até mesmo um beijo.

No estado em que me encontro, não reclamaria nem se a gente fosse no vestiário.

Eu só quero...

No momento em que Olivia Olsen chega do nada, abraçando meu quarterback com mil e uma mãos em cima dele, todo álcool dentro de mim começa a entrar em ebulição.

— O que diabos a Olsen tá fazendo? — Sloan quebra o silêncio que eu fiz se estabelecer entre nós.

E Ashton não se move.

Ele não a afasta.

Isso me deixa mais irritada ainda.

Meu lado irracional fica fodido pra caralho, porque eu não quero que ele deixe a maldita Olivia Olsen lhe tocar... enquanto o

racional? Bom, o racional diz que é certo ele não ser grosseiro com ela, apesar da garota estar sendo bem mais do que inconveniente.

— Ela não sabe que ele é comprometido? — As palavras me escapam sem que eu consiga raciocinar.

— Comprometido? — Hazel pergunta, rindo. — Com quem, amiga? — continua. — Com você?

Sim.

Sim, ele é comprometido comigo.

E não, ele não deveria estar deixando... por que diabos essa entrevista não acaba?

— Foda-se — cuspo.

— Responde, C — Hazel insiste.

— Claro que não é comigo — rebato. — Mas o Ashton disse que tava saindo com alguém — minto, me sentindo mais idiota e covarde do que nunca.

— E você tá bem com isso?

— Por que eu não estaria? — questiono. — Foda-se ele. Se a garota dele não se importa, eu vou me importar menos ainda. — Parece que eu estou morrendo por dentro. Morrendo de ciúmes. E eu não quero sentir isso. — A gente pode beber mais?

— O *soju* vai acabar — Yumi dá de ombros.

— Aqui perto tem uma loja, eu posso comprar mais se quiserem... ou a gente pode ir lá, beber alguma coisa e comer um lámen. Dizem que é bom pra evitar ressaca — Jeon sugere.

— Quem disse isso? — Choi pergunta.

— Eu — o outro diz e todos riem, menos eu.

Queria estar no mesmo estado de espírito de antes, mas não consigo.

Agora eu só consigo pensar em estrangular Ashton.

39

LIGAÇÕES QUASE PERDIDAS

*“Eu desisti de nós dois na boate.
Você me transformou numa bagunça.
Eu te imaginei com outras garotas apaixonadas.”*

HITS DIFFERENT — Taylor Swift

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
09:32 PM

Tomo o gole restante da minha garrafa de *soju*, a mesma que Jihoon me cedeu quando Duke se ofereceu pra me trazer pro dormitório depois de passar as últimas horas reclamando mais do que um velho amargurado com o fim de sua vida.

Vim sozinha pro dormitório depois que Dallas se comprometeu em voltar e trazer Hazel quando ela decidisse que cansou.

Eu já tinha cansado desde cedo.

Minha bateria social já estava zerada desde a cena pós-jogo... e era com isso que eu estava tentando lidar, mais bêbada do que sóbria.

Encaro meu celular como se ele fosse meu maior arqui-inimigo.

Não tem como ser diferente.

Quanto mais encaro a porcaria da tela preta, mais eu vejo refletido ali a imagem de Ashton com a maldita Olivia Olsen. De novo e de novo. É uma tortura. E eu detesto ser torturada.

Tenho seis ligações perdidas de Ashton nas últimas três ou quatro horas e mais umas quinze mensagens suas... *eu acho*.

É hora de encarar o meu orgulho e parar de ignorá-lo.

Apoio meu celular do jeito certo e aperto o botão verde, ligando de volta para Ashton por chamada de vídeo.

Jogo meu cabelo pro lado, apoiando meu rosto na mão direita e encarando fixamente minha própria imagem na tela.

Agora eu só quero tirar minha raiva e frustração do peito.

No sétimo toque, ele atende.

Por que ele demorou tanto?

Ainda estava com a loira?

— Meu anjo, finalmente me ligando... — me cumprimenta, sorrindo largamente para mim. Só para mim. As covinhas afundam em suas bochechas, enquanto Ashton bagunça o cabelo molhado despreocupadamente. Ou nem tanto assim. — Tá aí? — brinca quando eu não respondo.

Quase sorrio.

Mas então eu lembro da Olivia de novo, e isso já é o suficiente para me fazer pesar a expressão em meu rosto em cinquenta por cento.

— Oi, Ashton.

Arqueando uma das sobrancelhas, seu sorriso se torna um pouco mais fraco.

— Só Ashton, é? — continua no mesmo tom ameno e brincalhão, mas eu só quero... eu só... quero... mordê-lo, só quero lhe socar... arranhar seus braços. E, então, desengasgar essa coisa entalada na minha garganta. — Tudo bem, meu anjo? — insiste com o mesmo apelido idiota de sempre.

Não tenho paciência nem pra isso.

Não depois do que vi.

E o idiota nem tentou afastá-la.

— Tudo.

Ele ri, baixo.

— Também tô ótimo depois de um jogo difícil pra caralho, obrigado por perguntar.

Inferno.

— Ah, claro, eu nem me dei ao trabalho de te perguntar nada — sorrio, amarga e chateada —, nós assistimos a entrevista depois do jogo. Você parecia muito bem. Perfeitamente bem. Tenho certeza de que já tem gente o suficiente preocupada contigo, então não precisa de mais uma.

Ele ri. Novamente.

Qual é o seu problema?

Eu sou uma palhaça agora?

— Sua preocupação é importante pra mim, meu anjo. É uma das poucas e únicas que realmente me interessa. — Pausa. — Você não vai mesmo perguntar se eu tô bem?

Dramático do caralho.

E isso nem condiz com sua personalidade.

— Você tá bem, Ashton? — Reviro os olhos.

— Perfeitamente bem desde o momento que vi seu rostinho lindo. — Cerro o meu punho esquerdo, irritada e meio envergonhada. — Aliás, por que você tá tão estranha? — Franze o cenho, me avaliando.

Não gosto quando ele me olha assim, porque esse tipo de olhar geralmente vem acompanhado de um sermão chato. E de chata, por hoje, já basta eu. Fora o calor que a sua simples atenção já me dá. Esse é o tipo de coisa que eu ignoro há anos e só agora me deixa pensar minimamente a respeito.

— Eu? — pergunto. — Estranha? — Solto uma risada forçada, empurrando meu celular pra trás propositalmente. Jogo o cabelo pro outro lado, deixando-o me analisar bem o suficiente a ponto de lhe deixar com um *grande* problema pra resolver. *Sozinho*. — Não tô *estra*... — Engulo um arroto que ameaça sair. — *Estranha* — completo.

Por que álcool me dá tanta vontade de arrotar?

— Te conheço melhor do que você mesma se conhece, Calloway. — Ashton tenta ignorar o jeito que eu me exponho pra ele, mas é impossível. — Você tá bêbada.

— Não, eu não tô! — retruco, alto.

— Você tá e isso tá começando a me irritar — semicerra o olhar na minha direção. — Com quem você tava bebendo?

Bufo.

Sou a única com razões para estar irritada aqui, já que diferente de Ashton, ninguém me tocou ou se esfregou em mim durante as últimas horas.

E nós temos um acordo.

Um acordo que deve ser seguido.

Eu estou seguindo essa merda, então ele deveria seguir também, senão é melhor...

— Te fiz uma pergunta, Calloway — diz, sério. — Foca em mim, anjo. — É difícil não focar com ele me olhando assim. — Agora responde a minha pergunta.

— Com a Hazel, Sloan, Duke e alguns novos amigos...

— Novos amigos? — A expressão em seu rosto muda lentamente. — Que novos amigos são esses?

— Ah... eles não são daqui — dou de ombros, esfregando a lateral do meu pescoço avidamente —, a Sloan disse que...

Seus traços marcados suavizam instantaneamente.

— Jihoon e Changmin, certo? A Yumi tava junto também?

Como diabos ele...

— Você os conhece?

— Já tatuei algumas vezes com o Jihoon.

Ótimo.

Deixo meu celular na mesinha de cabeceira e caio de costas do colchão, perto do meu limite.

— *Que seja...* — resmungo.

— Tentando me fazer ciúmes, anjo?

Como se ele sentisse isso.

— Não.

— Então por que você tá tão chateada? Não vai mesmo me contar o que aconteceu? — Viro para encará-lo. — Tem algo a ver com o motivo pelo qual não atendeu minhas chamadas anteriores?

— Sim.

— Vai me responder só com "sim" ou "não", Calloway? Quão maduro da sua parte...

— Quer mesmo falar sobre maturidade? — rebato. — Sim, eu bebi pra caralho. Sim, eu tô muito chateada. Sim, a culpa é sua. Porque, *sim!*, eu concordei com aquele acordo idiota de "deixa eu te ensinar a como é ter um namorado" ou o que quer que seja aquela merda, e depois do seu maldito jogo você deixou aquela... — Paro de falar, porque eu me vejo passando dos meus próprios limites. Respiro fundo. Então solto o ar como um animal. — É melhor a gente parar com isso.

— Você consegue se ouvir, Cloud? — Ele sorri.

Por que ele tá sorrindo?

Eu estou a um pequeno passo de desabar em lágrimas só de raiva e Ashton está... sorrindo?

— Você consegue *me* ouvir?

— Perfeitamente — concorda. — Você nunca soou tão clara para mim. Brinde do álcool, não é?

— Vai se foder, seu grandíssimo idiota.

— E o que mais, meu anjo? Continua...

Ele está tentando me provocar?

Se a resposta for "sim", está dando mais do que certo. Sento-me na cama, inclinando meu corpo, mais especificamente o meu rosto, para perto do celular, borbulhando por dentro. Quase infartando. De raiva. Irritação. E... incapacidade.

O que mais eu poderia fazer, além de lidar sozinha com esse grande problema que criamos para nós mesmos?

— Desejo que a sua pele queime em cada lugar que ela tocou.

— Ela? — Ri. — De quem você tá falando?

— Da mão pegajosa da maldita Olivia Olsen.

— *Ah...* — Esfrega a mandíbula. — Te liguei mais cedo justamente pra falar sobre isso, mas você não quis me atender... não quis me ouvir...

— Então você tem uma desculpa? — É minha vez de rir. Solto uma risada tão alta, que minha garganta dói. — Não quero uma desculpa, você não me deve isso. — "*Você quer sim*", minha cabeça acusa. — Por esse motivo, deveríamos parar com a merda entre nós.

— Não é uma "merda" e definitivamente não vamos parar com nada, meu anjo.

— Eu não quero mais continuar com isso.

— Que mentira, Calloway. Você quer, só não sabe como lidar com o ciúme que sentiu de mim. E nem quer lidar com isso, não é? Não como minha *namorada*.

— Se eu realmente fosse sua namorada, você estaria tão fodido agora.

— Fale mais — ele pede, me importunando para continuar com os meus piores pensamentos.

Eu não sou assim.

Eu sou controlada e... normal.

Tudo está sempre sob meu controle.

Mas esse ciúme... mas a maldita Olivia Olsen...

Ela me irrita tanto.

— Marcaria você como você tanto gosta de me marcar, vestiria sua jaqueta todos os dias da semana e seguraria a sua mão pelos corredores da UCLA. — Solto aquelas palavras e planos como se fosse a coisa mais natural do mundo, e o pior é que, no final de tudo, é mesmo natural. — Não faltaria um treino seu, chegaria o mais cedo possível em todos os seus jogos no Rose Bowl e eu te daria beijos de comemoração dentro do campo, sem me importar com o que as outras pessoas pensariam da gente... da nossa amizade... e do que somos além disso.

— Gosta tanto de mim a ponto de me ceder todos os seus beijos, Calloway?

— Não — replico. — Gosto tanto de você a ponto de deixar que seja o meu primeiro, Arkins. Porque eu decidi e porque eu quero que seja.

Desde que a nossa ligação começou, essa é a primeira vez que Ashton fica sem palavras. Eu também. Quando percebo, já fui longe demais, mas também falei tudo que queria. Simples. Assim.

Chegamos num ponto que transar é o menor dos detalhes, mas, ainda assim, ele importa... e Ashton ser o meu primeiro soa tão certo.

No fim das contas, as poucas coisas em que Ashton não foi o meu primeiro, não parecem ser nem um pouco memoráveis.

Ele torna tudo mais colorido.

Ele faz tudo ter mais emoção.

Onde diabos minha cabeça esteve há tanto tempo que não percebeu isso?

— Você... quis dizer... que...?

Inclinando a cabeça para o lado, o jogador parece um cachorrinho confuso e perdido.

E quem mais não está?

Eu também estou.

Como poderia não me sentir tão perdida ao entender que o meu maior desejo também é o meu maior medo?

Ter você e te perder sempre terá um gosto agri-doce inconfundível, Ashton Arkins, e eu ainda não sei como conciliar todos esses nuances perigosos.

— É óbvio o que eu quis dizer — respondo, cruzando os braços e desviando nossos olhares. — Não era pra ser assim. Não deveria ter te dado esse tipo de informação estando meio que bêbada e num rompante de raiva e ciúmes, mas você pediu por essa merda, me provocando e aborrecendo com algo que poderia ter continuado como apenas um mero detalhe.

— Mero detalhe? — Sua voz está dois tons mais alta, quase aguda. Pigarreando, Ashton continua: — Não é só um mero detalhe. Eu pensei que você... A gente nunca conversou... Eu achei mesmo que você não...

E quem diria que minha virgindade tiraria as palavras da boca de Ashton Arkins?

Sorrio satisfeita, sentindo como aquelas emoções tortuosas que Olivia me causou vão amenizando dentro do meu peito, desfazendo o aperto incômodo e me deixando respirar apropriadamente depois de horas.

— Que eu não fosse virgem? — É minha vez de arquear uma das sobrancelhas. — Nunca rolou penetração. Sou virgem só nisso, até porque você já...

Ele ri como um idiota, se remexendo na cama enorme do seu quarto de hotel. Mas, então, seu sorriso some tal como surgiu: do nada.

— Ninguém nunca te...

— Para com isso! — eu o interrompo antes que continue. — Você sabe que não.

— Então eu realmente vou ser seu primeiro em *quase* tudo?

Ele volta a sorrir.

Maldosa, retruco:

— Quase tudo, porque eu ainda consigo lembrar do meu primeiro beijo.

A carranca no seu rosto acaricia muito bem o meu ego.

— Você lembra?

— Aham — concordo, mordo meu lábio inferior.

— Por que diabos você tá mordendo a boca?

— Hã? — Me faço de desentendida. — Eu nem percebi...

— *Ah, não percebeu...* — zomba. O ângulo da sua câmera muda e ele desfoca de mim. — Você vai ver só.

— O que é isso que eu vou ver? — brinco de volta. Ashton não me dá atenção. Ele sequer olha pra mim. — Ei, eu tô falando com você!

— E eu tô ocupado — resmungo.

— Com algo que seja mais importante do que eu?

Faço um bico.

— É quase a mesma coisa — rebate.

— Então, me conta.

— Não.

— *Ashton Arkins...*

— Para de gemer o meu nome, senão eu vou acabar te dando um bom motivo pra você gritar ele.

O ar me faz engasgar.

Ou talvez seja Ashton.

— Idiota — digo, entre uma tossida e outra. — Eu preciso de outra bebida — sentencio, me levantando e indo até o frigobar do dormitório.

— Chega de bebidas, Calloway!

Deixo Ashton pra trás, achando duas latinhas de cerveja dentro do pequeno refrigerador. Isso é, com certeza, obra de Charles. E, pela primeira vez na vida, sinto que deveria agradecê-lo por algo.

Por mais que cerveja seja puro xixi, eu abro uma das latas, agarrada na outra, e tomo um bom gole.

Sento-me outra vez dentro do campo de visão de Ashton e lhe dou um sorrisinho, encontrando seu olhar acusatório.

— O que nós somos? — pergunto, sem lhe dar chance de me repreender.

É uma pergunta válida. Depois de tudo que aconteceu e de tudo que eu senti hoje, é realmente válido ter uma boa resposta para a minha pergunta.

— E você ainda tem alguma dúvida?

Tomo um longo gole, vendo dois Ashton's ali na minha frente. A porra do *soju* deve estar entrando nos meus sentidos. Bem que a Sloan disse que era álcool puro e que, por mais que não me afetasse na mesma hora, em algum momento eu ficaria muito louca.

— Pode só... responder? —Franzo o cenho e o nariz... e todo resto da minha cara, tudo ao mesmo tempo.

— Mais do que amigos.

— Mais do que *melhores* amigos — corrijo. — É isso?

— É isso — assente. — Agora deixa a cerveja de lado e foca em mim, Calloway.

— Não é cerveja — acuso, enrolando a língua em todas as sílabas —, é coragem líquida.

Os olhos escuros e pequenos ficam atentos em mim, só em mim, do jeitinho que eu gosto. Os lábios avermelhados e brilhantes se estendem numa linha reta e fina, como se ele estivesse chateado comigo... e eu nem fiz nada.

— É assim que você coloca pra fora o que sente por mim? Com coragem líquida? — inquires.

Me sentindo culpada, deixo a cerveja de lado.

— Desculpa... — sussurro.

— Por que você tá me pedindo desculpas?

Um turbilhão começa a correr por dentro das minhas veias, por debaixo da minha pele, indo em direção a minha cabeça.

Minha visão está cada vez mais embaçada.

— Por tudo — confesso. — Por ser tão ciumenta, receosa e covarde.

— Você fica linda com ciúmes — me adverte. Uma lágrima escapa, deslizando por minha bochecha. — Caralho, Calloway. Para de chorar. Por favor, por mim.

— Acho que sempre fomos tão um do outro que eu não percebi quando as coisas realmente mudaram — continuo despejando os meus pensamentos mais profundos sobre meu melhor amigo. Esses são aqueles que eu ignoro e fujo, porque eles

são tão reais e concretos, que machucam. — Já faz muito tempo, não é?

— Você só tá falando isso agora porque eu tô longe de casa, Cloud Calloway. E a cereja do bolo, é que você tá bêbada e não vai lembrar de nada amanhã.

— Eu falaria na sua cara se você estivesse aqui.

— Você não vai lembrar.

Fungo, limpando meu nariz com a barra da minha camisa.

— Nunca esqueço de nada que diz respeito a você.

— Perfeito assim, porque, então, eu vou pegar o primeiro avião de volta pra casa nas próximas horas e você vai ter que lidar com todas as consequências das ações que tomou hoje, longe de mim.

— Mas você só volta depois de amanhã — acuso, chorando e rindo num ataque de nervos.

Eu nem sei mais o que eu estou sentindo.

Tudo que sei é que agora tenho três Ashton's na minha frente. E todos eles são lindos e irresistíveis.

— Acha mesmo que eu vou ficar aqui, de braços cruzados, sabendo que você tá bêbada a milhas de distância precisando de mim?

— É por coisas desse tipo que eu fico sempre tão confusa e com cada vez mais medo — choramingo desesperadamente.

— Não choramingue pra mim, meu anjo. Você vai lidar com as consequências de tudo, eu já disse, e me conhecendo tão bem quanto eu sei que conhece, você sabe que não sou de mudar de ideia depois que já estabeleci algo.

— Eu te odeio! — reclamo.

— E eu também te odeio — rebate. Eu o encaro, arqueando a sobrancelha esquerda em desafio. Ele nunca falou isso, nem de brincadeira. — Eu te odeio por você ficar tão gostosa com ciúmes de mim, eu te odeio por estar bêbada longe de mim, me deixando de mãos atadas e sem poder cuidar de você... e eu te odeio mais ainda por ser a porra de uma virgem, Calloway, porque você é a única pessoa nesse mundo que consegue me deixar louco pra caralho com apenas uma mísera palavra.

Pisco, absorta nas suas palavras e em tudo.

É oficial: o caminho que escolhemos seguir não tem saída e nem rota de volta.

Admirar Ashton nesse exato momento me dá a certeza de que de agora em diante, só podemos seguir em frente... e ter alguém do meu lado tão seguro de sua própria palavra me faz pensar no quão sortuda eu sou.

Como melhor amigo ele já era tão bom pra mim, mas como namorado...

Expectativas foram criadas e automaticamente supridas por Ashton Arkins.

Ele é o único capaz de fazer tudo isso.

Não existe mais ninguém.

— Eu tava brincando — confesso, mordiscando o canto da minha boca.

— Você me disse tanta coisa, anjo. Seja mais específica.

Sorrio, deitando-me na cama e fechando os olhos.

— Eu tava brincando quando disse que lembrava do meu primeiro beijo. — Suspiro. — Era brincadeira... era mentira.

— Isso não alivia as suas consequências.

— Não quero que alivie — respondo, divertida com a sua falta de flexibilidade. — Só quero que saiba a verdade — engulo em seco o bolo que subitamente se forma em minha garganta —, você é o único que domina os meus pensamentos, Ashton. E antes de você, parece que ninguém nunca existiu... depois de você, eu acho q...

— Não vai existir — ele me corta. — Não vai existir ninguém depois de mim. — Era exatamente esse o meu pensamento. — Assim como nunca existiu ninguém antes de você e nunca vai existir ninguém depois. Não existe um "depois de você". Só existe você, meu anjo. Da forma que for, você é a única para mim.

— Tem certeza? — murmuro.

Parece que isso tudo está virando uma simples lembrança pra mim.

A voz suave e distante...

— Absoluta — Ashton responde.

Abro os olhos uma última vez, encarando-o e perguntando antes de cair no meu sono de ressaca:

— Você vai estar aqui quando eu acordar pra me lembrar que tudo isso não foi um surto ou um sonho?

Ele ri e eu juro que sua risada é como música para mim.

— As consequências vão te lembrar de que nós somos reais, Cloud — concorda. — Nós temos muito o que conversar. Eu prometo que vou estar aí antes mesmo que acorde.

— Então, por favor, me abraça com força quando chegar — peço, sentindo aquela última ponta de medo me assombrar.

Eu não quero perder a amizade dele.

Eu não quero que a gente se perca.

— Sempre que precisar, meu anjo.

Sorrio, feliz e triste, então tudo depois disso... *some*.

40

DE VOLTA PARA CASA CLOUD

*“A única coisa que nos separa
é um fuso horário diferente.
Então que se foda o que estou sonhando,
esta fama não tem significado.
Estou voltando para casa.”*

TIMEZONE — Måneskin

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
06:49 AM
26.09.2022

**A tensão se esvai dos meus ombros e eles cedem assim
que consigo enquadrar no meu campo de visão a minha garota
dormindo serenamente em sua cama.**

Hazel, que abriu a porta há poucos segundos, murmura algo incompreensível pra mim e volta cegamente para sua cama, enquanto não consigo desviar o olhar de cima da figura de Cloud.

Meu peito aperta e meu coração erra uma batida ao perceber que ela está abraçada na sua camisa do Bruins, com meu nome e número, enquanto as latas de cerveja de ontem e uma garrafa de *soju* enfeitam o pé da sua cama.

Deixo minha mala e mochila de lado, chutando o tênis para fora dos pés e arrancando meu casaco desesperadamente. Cuidadosamente, me encaixo como dá no espaço livre atrás de seu corpo pequeno e frágil, preocupando-me em puxá-la com calma logo em seguida pra cima de mim.

Recaio o olhar atento sobre a morena a tempo de assisti-la entreabrir os lábios grossos e vermelhos pra soltar um ronronado arrastado — *causado, provavelmente, pelo fato de eu ter mexido com ela.*

O calor que seu corpo emana para o meu, descoberto e confortável, é bom pra caralho. Essa sempre vai ser a melhor sensação do mundo.

Subo uma das mãos até o seu rosto, afastando o cabelo castanho dali e dedilhando cada pedacinho da sua pele macia. Ela fica tão linda dormindo que nem parece que essa é a mesma garota que quase me fez jogar tudo para o alto ontem à noite.

— *Ash... é você?* — murmura.

Sua voz grave, rouca e arrastada me traz de volta à consciência, enquanto minha melhor amiga remexe o corpo pequeno sobre o meu numa fricção gostosa pra caralho, mas igualmente perigosa.

Quem mais poderia ser?

Segurando um riso fraco, concordo:

— Sim, sou eu.

Cloud solta a camisa, abraçando meu corpo de volta por uns dez segundos antes de começar a deslizar as mãos para cima, esfregando meus braços, então os meus ombros, pescoço... a mandíbula.

Um bolo forma em minha garganta com a maldita reação que ela consegue tirar de mim só com as mãos pequenas me tocando e eu respiro bem fundo, lembrando do motivo pelo qual voltei pra casa sem meu time e, em especial, sem meus melhores amigos.

Minha melhor amiga é virgem.

Cloud Calloway é... *virgem*.

Sei muito bem que é preciso ser um grande imbecil pra ficar feliz com algo desse tipo, mas eu nunca disse que não era um imbecil.

Eu sou, e, honestamente, sou um imbecil egoísta com orgulho.

Precisava ver e tocar Cloud o quanto antes. Passar mais um dia na porra da Carolina do Sul era algo dentro do combinado, mas se tornou fora de questão assim que ela soltou aquela pequena informação. Não dava mais pra aguentar. Mesmo.

Com esse pensamento azucrinando minha mente, decidi comprar uma passagem de volta pra casa com um pouco das minhas economias e voei de volta para ela.

Cloud é o meu anjo, mas foi eu que voei ao seu encontro, e faria isso mais um milhão de vezes se necessário for.

— *Você... tá fazendo... o quê... aqui?*

Sorrio.

E ela disse que não esqueceria.

— Consequências — comento, baixo —, lembra?

Não posso exigir nada dela.

Cloud parece que está dormindo acordada enquanto fala comigo.

— *Ah... não...* — resmunga. — *Minha cabeça... dói... e eu ainda tô dormindo.*

Então ela lembra.

— Quer dormir mais um pouco e deixar pra ir para o meu dormitório mais tarde?

— *Perfeito...*

Perfeito o quê?

— Assim tá perfeito? Quer fazer isso mais tarde?

— *Não...* — retruca. Cloud ergue a cabeça, abrindo um dos olhos com dificuldade e me encarando. — Você é perfeito.

Sorrio de lado, reprimindo a vontade que tenho de lhe morder por tamanha fofura.

Em que tipo de homem ela está me transformando, afinal?

Escorrego as mãos por sua cintura, afagando a pele num ritmo tranquilo pra tentar me conter um pouco mais.

— Você é perfeita até mesmo de ressaca, meu anjo.

Cloud me abraça, caindo sobre meu corpo com mais força do que o necessário. Ela enfia o rosto na curva do meu pescoço, fazendo sua respiração quente bater ali. A inquietude em meu peito começa a me atacar novamente, principalmente quando Cloud decide que é uma boa ideia espalhar beijos por ali.

Não.

Essa não é uma boa ideia.

Viro a cabeça pro lado, achando Hazel num sono profundo. Respiro aliviado por ela estar virada pra parede do seu lado do quarto, ressonando alto, sendo bem mais cuidadoso do que minha querida melhor amiga, já que ela, provavelmente, ainda tem álcool fresco correndo pelo sangue.

— *Acho que ainda tô bêbada...* — confessa, soltando uma risada nasalada que me faz rir da mesma forma.

Foi exatamente isso que eu pensei.

Com mais firmeza, retruco:

— Não duvido que esteja, mas se realmente quiser conversar comigo, vai ter que levantar, lavar o rosto, escovar os dentes e tomar bastante água.

— *Muito esforço, Ashhh...* — reclama, roçando os lábios na minha pele.

— Então eu vou dormir e a gente conversa mais tarde — rebato, dando de ombros e sentindo minha mandíbula travar. — Que tal?

— *Não.*

Decidida, Cloud se levanta rápido. Muito mais rápido do que deveria. Me apresso em lhe amparar, ficando de pé logo atrás dela e lhe encarando com as sobrancelhas juntas.

— Cuidado — alerta.

Ela coloca as mãos sobre as minhas, que estão plantadas de cada lado da sua cintura, e me encara sobre o ombro com um meio sorriso bêbado.

— *Foi mal...* — murmura. — Vem comigo — chama e eu arqueio uma das sobrancelhas —, pro banheiro — explica.

— Da última vez que dividimos o seu banheiro...

Cloud ri.

— A gente não vai fazer nada, idiota.

Sorrio de volta.

— É uma pena.

Encolho os ombros.

A morena me dá uma cotovelada, sem parar de rir e segue pro banheiro comigo no seu encalço, que vou só pra me certificar de que ela não vai acabar se machucando. Juro que é só pra isso.

No fim das contas, sou mesmo útil pra Cloud, uma vez que seu corpo não para de balançar pra lá e pra cá por todo percurso até ela se firmar com as mãos no balcão da pia.

Empurro um pouco a porta, deixando-a apenas entreaberta e recosto na parede atrás da morena.

— Você poderia não me encarar? — indaga baixinho, aplicando creme dental em sua escova de dentes.

Ela está ficando consciente de si mesma?

— Tarefa difícil, Calloway. Tente pedir algo mais fácil...

Escovando os dentes, a morena revira os olhos e começa a me ignorar, olhando pra baixo num sinal claríssimo de vergonha. Cruzo os braços em frente ao corpo, inclinando minha cabeça pro lado enquanto lhe encaro com paciência.

Os segundos se arrastam e se transformam em, pelo que me parece, dois minutos, até Cloud terminar sua higiene debaixo do meu olhar atento.

Ela tenta sair do banheiro, mas eu seguro o seu braço suavemente, parando-a antes de ir longe demais.

— Você não vai querer falar sobre o que aconteceu ontem?

Silêncio.

Cloud me encara por um mísero instante antes de desviar nossos olhares, encolhendo os ombros.

— Não sei se tenho o que falar... — Inclino-me sobre o seu corpo e ela sobressalta, tentando se afastar e acabando encurralada de costas na parede. — O quê?

— Pode ser um pouco mais honesta, Calloway?

— Eu tava bêbada... e meio que ainda tô...

— Dizem que quando o álcool entra, geralmente a verdade sai.

— *Mas...*

Eu não estou com humor para rodeios.

Só quero ver a verdade dentro dos seus olhos, ao vivo e a cores.

— Você é mesmo virgem? — indago, sério.

Por dentro, minha mente está correndo a duzentos quilômetros por segundo.

Por fora, tento continuar com a máscara de cara controlado e nada emocionado.

Cloud solta um som manhoso e grave do fundo da garganta. Ela se remexe como uma garota birrenta, e isso me faz relaxar, mas acontece tão rápido quanto um piscar de olhos.

— Vai fazer disso um grande negócio? — pergunta, na defensiva. *“É claro que sim”*, penso. — Minha virgindade é inútil, só um detalhe... e eu não ligo pra essas coisas, ok? Tenho os meus dildos e sou muito feliz com eles.

— Realmente acha necessário um, dois ou três dildos, enquanto tem o meu pau livre e fiel a você, esperando que faça o que quiser com ele?

Os olhos castanhos de Cloud ficam enormes.

De uma hora pra outra, ela começa a se parecer com um desenho animado.

— *Pelo amor de Deus...* — Suspira, tossindo em seguida.

Acho que eu já me segurei demais.

Minha nova fase é a do “foda-se” e eu estou muito bem com ela.

— Ontem, você falou sério quando disse que gosta tanto de mim a ponto de permitir que eu seja o seu primeiro?

— *Porra, Ash* — geme, cobrindo o rosto com as mãos. Sei que Cloud está querendo se enterrar só de vergonha, mas eu realmente cheguei num ponto de que preciso das minhas respostas. — *Eu falei sério.*

Sua voz soa abafada e quase incompreensível. Apesar de tudo, eu entendo, mas, mesmo entendendo, quero ouvir claramente cada uma das três palavras.

— Não te ouvi, anjo. — Seguro suas mãos, tirando-as gentilmente do meio e a encaro sem desvios. — Repete olhando pra mim — comando.

Com o rosto mais vermelho que um morango, Cloud sentencia:

— Eu falei sério.

— Seja específica e sincera.

— Gosto de você mais do que o suficiente, Ashton. Na verdade, eu confio em você. É por isso que... se você quiser, é claro, eu não pretendo evitar esse “acontecimento” entre nós, *contanto que a nossa amizade não...*

— Não vai acabar — eu a interrompo. — Nem estragar. Nem morrer. Nem porra nenhuma, meu anjo. — Beijo cada uma de suas mãos, antes de colocá-las ao redor da minha cintura. Toco o seu

rosto, esfregando os meus dedos com o máximo de cuidado que consigo e encosto nossas testas. — Você vai sempre estar segura comigo e a nossa amizade também — confidencio, ganhando um balançar de cabeça positivo seu —, mas eu não consigo mais negar que, ao mesmo tempo que em que você é a minha melhor amiga, você também é a única garota em quem consigo pensar e desejar desde algum tempo.

— Quanto tempo? — sussurra.

Sorrio, sem graça, mas tento não perder a pose.

Minha pele está em chamas. Os efeitos colaterais acontecem e eu só posso aceitar. É o que Cloud causa em mim. Contentamento é o que me resta a essa altura do campeonato.

— Você se assustaria se soubesse.

Mordiscando o lábio inferior, a morena volta a concordar.

Ela não quer saber. Ou, talvez, Cloud tenha medo da minha resposta. Acho que a segunda opção é a mais provável. Pelo menos é nisso que tento acreditar.

— Eu tô assustada agora mesmo.

— Eu fiz isso? — Recuo, franzindo o cenho para lhe encarar apropriadamente. — Eu te assustei?

— Não — rebate. — As coisas que você me faz sentir — começa a explicar —, são elas que me assustam, Ashton. Muito. Mas... mas eu acho que já tô me acostumando com isso.

— Isso?

— Nós — afirma. — Nós, agindo assim e todo o resto.

— Todo o resto?

Cloud ri, me empurrando pra trás, e eu acabo soltando uma risada também.

— Você faz perguntas como uma criança chata — reclama. — É só pra me ouvir repetir tudo? Se diverte me provocando dessa forma?

— Sinceramente? — pergunto e ela concorda. — Sim, eu me divirto com você... o tempo todo. — Esfrego a minha nuca, lhe encarando de baixo pra cima. — Acredito que vamos nos divertir muito mais de agora em diante...

Diferente do esperando, Cloud me enfrenta com o olhar. Dessa vez ela não desvia, não revira os olhos ou foge de mim.

— Esperava que eu ainda fosse virgem? — questiona, aparentemente curiosa pelo que vai sair da minha boca em seguida.

— Desejava, mas não esperava.

— Por quê?

“Porque você é tudo que eu sempre quis e eu sou um egoísta mesquinho do caralho”, penso.

— Tenho ciúmes.

— Isso não te fez ser menos puto durante todos esses anos.

Arregalo os olhos e solto uma gargalhada.

Ela falou mesmo isso?

— É mais fácil você dizer que também tem ciúmes, meu anjo.

— Vai se foder... — resmunga.

— Droga... — retruco, dando um passo na sua direção. — Por um instante, pensei que tava me fazendo um convite.

Estendo meus braços de cada lado da sua cabeça, encurralando Cloud mais uma vez.

— C-Convite pra quê?

— Pra te foder.

Antes de encarar seus lábios sem desvio, percebo que Cloud faz o mesmo enquanto mordisca a carne inchada e vermelha.

— Não vai ser assim — retruca.

— Assim como?

— Eu não vou fazer um convite...

Sorrio, levando uma das mãos até o seu rosto.

Eu não consigo cansar de fazer isso, de tocá-la.

Ela é a minha droga e eu sou um viciado com orgulho. Não quero reabilitação. Só quero afundar. Mais, mais e mais.

— Não esperava que fizesse, mas, se isso acontecesse, pararia o que fosse só para te atender, meu anjo.

— Você fala de um jeito tão... é tão...

— Você fica fofa sem palavras.

— O Charles tá te ensinando a ser assim?

— Se eu colocar a mão dentro da sua calcinha e você estiver molhada, pode ter certeza de que o Charles vai ter um grande problema pra resolver comigo. — Estreito meu olhar duramente em sua direção. — Qual é a da comparação com ele?

— Vai me fazer vomitar falando desse jeito. — Revira os olhos.
— Só quero dizer que você tá soando como um puto, todo promíscuo... igualzinho ao seu amigo.

— E isso tá te deixando vermelha, Calloway. Qual é o ponto mesmo?

— O ponto é que esse é o jeito que o Charles fala, não você.
— Bufa. — E se quiser tentar, pode colocar a sua mão dentro da minha calcinha, se eu estiver molhada, a culpa é sua, não do Charles. Ele fala isso pra qualquer pessoa... já você... bom, eu

espero que não fale isso pra mais ninguém além de mim, por mais que me dê vontade de derreter numa poça só de vergonha.

Ótimo.

É bom que seja... senão, eu provavelmente brigaria com ele pela primeira vez na vida.

— Essa não pode ser a fala da mesma garota que tem uma caixa de dildos e plugs.

— Para de usar isso contra mim só pra me deixar sem jeito. Os meus dildos não são um motivo de vergonha.

— Mas eu nunca insinuei isso e sequer uso pra te deixar sem jeito.

— Se alguém aqui deveria se envergonhar de algo, esse alguém deveria ser você — acusa.

Franzo o cenho, juntando minhas sobrancelhas e recuo novamente.

— Do que diabos eu deveria me envergonhar?

— De tocar punheta depois do jogo e gemer o nome da sua melhor amiga enquanto, provavelmente, goza pensando nela... *pensando em mim.*

Gelo.

O quê?

Pisco uma, duas, três vezes...

— *Como?*

Ela não...

Não, não.

Eu ouvi errado.

— Agora você quer se fazer de desentendido? — Cutuca meu peitoral, vindo pra cima de mim e me fazendo recuar até bater com

o quadril no balcão da pia. — Eu ouvi você no vestiário depois do jogo de estreia — explica —, ou vai tentar me fazer de louca?

— Nunca faria isso. — As borbulhas irritantes e quentes estouram por dentro de mim. Não consigo evitar a minha risada. — Caralho, C. Você me ouviu? Mesmo?

— E você nem vai tentar negar? — Ela arregala os olhos.

— Negar o quê? — Mordo meu lábio inferior, esperando por uma resposta sua, mas ela acaba não vindo. — Você sabe que eu tenho as minhas necessidades...

— Meu Deus do céu... — Cloud anda de um lado para o outro, mas nunca desvia o olhar de cima de mim. — A gente nem... nós nunca sequer... porra, Ash. Tá orgulhoso do que fez comigo?

— Com você? — Seguro o riso, porque ele tenta vir mais forte e eu não posso rir alto. — Na ocasião, eu não fiz nada com você, então não tenho nenhuma razão para ficar orgulhoso.

— Você me fez te beijar na merda da festa! — aponta.

— Depois do trauma, nós só tivemos vitórias — tento me defender de alguma forma.

— Você limpou o meu beijo.

Ela ainda está magoada com isso?

— Eu nunca faria isso.

— Mas você fez.

Seguro seu rosto com uma das mãos, irritado, puxando-o para cima e selando nossos lábios. Fecho os dedos da mão livre ao redor do seu pescoço, sentindo quando Cloud engole em seco.

— Cometi um erro por ter ficado em choque, mas, meu anjo, acredite quando eu digo que nunca faria isso. — A morena morde meu lábio com força, quase me arrancando um grunhido de dor.

Então, Cloud solta minha boca, paciente. — Te beijar é como dar matéria ao sentimento de êxtase. Ele existe no campo abstrato e todo mundo sabe disso. Em tese, você sente, mas não pode tocar, ver ou provar. — Respiro fundo. — Sempre soube que você seria isso: *meu êxtase*. Foi isso que eu quis sentir quando me beijou pela primeira vez, só que o choque se sobressaiu e eu nunca vou me cansar de te pedir desculpas pelo que te fiz passar, Calloway. Mas... só... acredita em mim? Por favor? — peço.

— Êxtase? — pergunta, piscando demoradamente.

— Maldito êxtase — concordo.

— E o vestiário?

— Eu te disse que tenho as minhas necessidades — retruco, num tom ameno e divertido. Não é realmente uma necessidade... só uma vontade constante. Bom, talvez seja a mesma coisa no fim das contas. — Ouvir eu me tocando no vestiário depois do jogo alugou um triplex na sua cabeça, anjo?

— Somos melhores amigos... e nós nem tínhamos nos beijado quando isso aconteceu...

— Quer que eu faça o quê? Peça desculpas por ter batido uma pra você? — Reviro os olhos. Puxo seu lábio inferior pra dentro da minha boca, lambendo e chupando antes de continuar. Mais um pouco e eu vou ficar duro. Por isso, paro com o que estou fazendo. — Não foi a primeira vez e não vai ser a última. Sinto muito se o meu desejo te assusta, Calloway. É o que eu sinto e eu não vou tentar abafar isso com meias palavras falsas jogadas ao vento. Ou você me encara sabendo que quero foder você de todas as maneiras possíveis, ou você para de olhar na minha cara.

— *Merda* — geme baixinho. — Você já me... queria?

“Eu sempre te quis.”

— Sim — digo, sem me estender muito ou...

— Quantas vezes fez aquilo antes de eu te escutar?

Tenho certeza de que ela está molhada pra mim.

A safada gosta da minha maldita putaria, mas não dá o braço a torcer.

— Gostou do que ouviu?

— Só... *responde*.

— Muitas — afirmo. Faço pressão ao redor do seu pescoço e Cloud entreabre os lábios em resposta. — As paredes do Rose Bowl já conhecem seu nome, Calloway. As da UCLA também. Poderia enumerar todos os estádios pelos quais já passei, mas eu sei que isso te deixaria assustada, então vamos apenas dizer que... sim. Te homenageio sempre que possível e mais do que deveria.

— Muito mais do que deveria — reproduz do seu próprio jeito.

— E você gosta disso — afirmo.

— Muito mais do que deveria — repete.

— É bom que se acostume — beijo o seu queixo demoradamente —, porque eu não vou parar — continuo, descendo os beijos de boca aberta até sua mandíbula e provando sua pele do jeito que me deixa todo fodido e no limite por dentro —, e se quer saber de algo interessante: mal posso esperar pelo dia em que você vai deixar as paredes da UCLA, do Rose Bowl, e de cada vestiário que eu visitar pelo país, conhecerem o meu nome, Calloway. Não, não como um quarterback qualquer, mas como o *seu quarterback*, porque a única mulher que vou fazer implorar por mim dentro desse lugar sagrado, vai ser você.

— Em outras palavras, você quer dizer que vai me comer em todos os vestiários pelos quais passar e eu estiver junto?

— Boa garota — eu a parabenizo, empurrando o quadril em sua direção e pressionando a minha ereção em formação contra Cloud. — Essa é a minha garota inteligente.

— Você não perguntou se eu vou querer...

— E nem preciso — fecho meu olhar no seu —, você sempre dá um jeito de se delatar, meu anjo, e é a única que ainda não percebeu isso. — Meu riso seco escapa. — Tá na cara que você quer — aponto —, tá na cara que só preciso dar mais um passo pra frente pra te ver implorando por minha “ajuda”.

— Convencido — ralha, colocando a mão sobre a minha.

— Realista — retruco. — É diferente.

— Me dá espaço — pede.

— Quero que o espaço se foda.

— Eu preciso respirar — reclama. De fato, o balançar inquieto do seu corpo denuncia sua respiração descompassada. Saber que sou eu lhe causando isso enche meu ego já inflado. Só por isso, me afasto. — Ainda tô bêbada pra caramba — murmura.

Solto seu pescoço e afasto a outra mão do seu rosto. Dou um passo pra trás, então mais outro, olhando fixamente para Cloud tentando ser discreta ao encarar o volume coberto pelo meu moletom.

Tentar não ficar duro perto dela falhou outra vez.

— Isso vai ser sufocante pra nós dois de agora em diante.

— O quê? — indaga, baixo e ainda ofegante.

— Não foder — explico, atraindo seu olhar instantaneamente até o meu. — Não te foder vai ser sufocante pra mim. Acredito que

não abrir as pernas pra mim também vai ser sufocante pra você.

— Vou lavar sua boca com sabão e deixar de molho com água sanitária e desinfetante — ameaça, queimando de tão vermelha.

Essa não parece a mesma garota pálida que eu amo. Amo colocar cor nesse rostinho lindo. Ainda mais se essa cor for a vermelha.

— É sério, meu anjo...

— Eu também tô falando sério.

— Acha que vai acontecer? — questiono, sincero e curioso pra caralho.

Sei que ela disse que sim. Tanto ontem, quanto dois minutos atrás, mas eu não sei se consigo acreditar. Provavelmente não vou acreditar mesmo depois de acontecer.

Cloud Calloway sempre será muito mais do que eu mereço.

— Já tô pensando em voltar atrás depois de escutar tanta idiotice... — Ela revira os olhos. — Nem sua versão adolescente tinha tanto tesão enrustido assim, Ashton Arkins.

Gostaria muito que Cloud falasse isso para o meu eu de quinze anos que tocava pelo menos três — *e em média cinco* — por dia.

Meus músculos tinham que começar a nascer de algum jeito... certo?

— Vou deixar que pense assim de mim pelo seu próprio bem — sentencio, abrindo a porta do banheiro e voltando para o quarto pra não rir na cara da minha melhor amiga.

Ela não precisa saber dos meus segredos mais obscuros, embora eles já estejam claros demais na sua frente.

Seu constante estado de negação pelo menos me serviu pra algo dessa vez.

— Espera aí! — chama. — O que você quis dizer com isso?

Subo em sua cama, me deitando confortavelmente ali e batendo no espaço livre para que Cloud se junte a mim.

— Já disse que, pelo seu próprio bem, vou deixar que tire suas próprias conclusões puritanas. — Eu posso ver o assombro em seu rosto, mas é de um jeito muito engraçado. — Vem deitar comigo — peço.

— Eu não vou conseguir dormir de novo depois disso...

Que mentirosa.

— Não dou nem dois minutos pra você estar dormindo novamente — sentencio.

Cloud se aproxima com um olhar desconfiado e se deita comigo. Puxo metade do seu corpo, como sempre, pra cima do meu, finalmente certo de que vou ter o descanso que mereço, no lugar que me pertence e com a minha pessoa.

De relance, vejo que Hazel se mexe na sua cama. Nem cinco segundos depois, ela senta e boceja bem alto, se espreguiçando demoradamente.

— Sua amiga acordou — murmuro para Cloud e ela olha para a ruiva sobre o ombro.

— Bom dia, Hazzie... a gente vai dormir mais um pouco, tá? — Cloud avisa, voltando-se para mim e descansando na sua posição inicial.

E foi ela que disse que não ia conseguir dormir.

— A gente...? — A outra resmunga antes de finalmente me encarar. — Ah, você voltou mesmo... pensei que fosse só papo de

bêbado da C... ou talvez a bêbada fosse eu... — Ela continua esfregando os olhos borrados de maquiagem e soluça antes de pigarrear e continuar aparentemente mais acordada: — Os garotos também voltaram?

Com certeza “os garotos” se refere a apenas uma pessoa em específico: meu queridíssimo amigo Charles Carpenter.

— Não — dou de ombros —, mas eles estarão de volta amanhã mesmo.

— Droga, eu não quero ficar de vela pra vocês dois sozinha... — reclama, sincera até demais.

Cloud não fala nada. Muito menos eu.

Diante do nosso silêncio, Hazel arqueia uma das sobancelhas, como se não estivesse acreditando na nossa falta de palavras. Bom, eu realmente nunca neguei. Cloud sempre fez o trabalho por mim. E eu nunca negaria, de qualquer forma.

— C? — a ruiva chama, mas a morena nem se mexe. — Não vai falar nada tipo “tá ficando maluca”, “perdeu o juízo”, “somos apenas melhores amigos”?

— Tô cansada e de ressaca — Cloud responde, como se aquilo fosse suficiente para justificar a sua falta de reação.

Eu nunca fui tão feliz.

Hazel pisca demoradamente, me fitando com um semblante incrédulo que é impagável.

— E você? Não vai dizer nada? — me questiona.

— Desde quando eu me pronuncio a respeito disso?

— Tá vendo! — exclama, ficando de pé num pulo. — Sempre tive razão, C. Você ouviu o que ele disse?

Sim, você sempre teve razão, Hazel.

Isso não é novidade pra ninguém, além da minha melhor amiga.

— Uau — Cloud responde. — Você tem mesmo razão — zomba.

— Você ouviu sim o que ele disse! — acusa, apontando entre nós dois.

A morena me abraça mais forte, ignorando completamente sua melhor amiga e afundando o rosto no meu pescoço. Seu braço direito aperta ao meu redor e eu me sinto... em casa.

É só isso que me importa, afinal.

Só ela.

— A gente pode tirar uma soneca e discutir sobre a bonitona aqui mais tarde? — pergunto, um pouco sonolento também.

A viagem foi entediante e meu estado de alerta por toda ansiedade correndo por minhas veias não me ajudou muito a descansar.

Eu preciso disso: Cloud e algumas horas dormindo com ela nos meus braços.

— Quando as coisas finalmente começam a se alinhar, ninguém quer conversar sobre isso comigo — Hazel reclama e a única coisa que vejo, é ela andando de um lado para o outro antes de depositar um beijo na testa de Cloud e fechar os olhos e meus braços de volta ao redor do seu corpo pequeno. — Vou ligar para o Charlie. Ele vai gostar de saber disso...

— Com certeza sim — resmungo. — O Charlie já deve estar acordado — minto — liga pra ele.

Hazel com certeza vai acordá-lo.

Amanhã eu dou risada da cara do meu melhor amigo.

— Isso! — retruca. — Farei isso agora mesmo.

Essa é a última coisa que escuto antes de me entregar para o meu descanso merecido me sentindo mais feliz do que um dia já fui.

41

OPERAÇÃO FANTASIA

*“É como o Sol na minha pele,
então isso é amor, eu sei que é.
Eu sei que parece super clichê,
mas você me faz sentir de alguma forma especial.
Isso é se apaixonar, se apaixonar.”*

THIS IS WHAT FALLING IN LOVE FEELS LIKE — Jake Lawson

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA
03:56 PM
17.10.2022

— Até quando você vai continuar fugindo de mim?

O tom acusatório da minha melhor amiga quase me faz pular, levantar do meu lugar e sair correndo. De alguma forma, é o que eu

tenho feito nos últimos dias, mas não por um motivo ruim — *pelo menos é disso que tento me convencer na maior parte do tempo.*

Estou quase certa de que talvez eu esteja sendo injusta com Hazel, mas ainda não tenho certeza do que poderia falar para responder suas perguntas curiosas e certeiras. Mentir coloca um peso em meus ombros que eu odeio carregar, por isso, evitá-la tem parecido a coisa mais segura a se fazer durante as últimas semanas.

— O-Oi — gaguejo, encarando-a assim que a ruiva para de pé na minha frente. — Pensei que ainda tava na sua aula... ou com o Charlie...

— Você sabe bem que eu não tava com o Charlie — retruca, revirando os olhos e tomando seu lugar ao meu lado. — Sinto sua falta, idiota.

“Eu também”, penso, sentindo um bolo discreto começar a tomar volume na minha garganta.

— A gente se vê todos os dias — tento argumentar, ainda que eu mesma não caia na minha própria conversa.

— Tá de brincadeira, né, Calloway? — Hazel bufa alto e com força, visivelmente se segurando pra não revirar os olhos outra vez na minha frente. — Você passa a maior parte do seu tempo no dormitório do Ash, dormindo quase todos os dias da semana com ele, como se todo tempo que vocês gastam juntos já não fosse o suficiente. O grude tá insuportável, amiga.

Em minha defesa, desde a manhã em que eu ainda estava meio bêbada e não tive sequer coragem de negar os acontecimentos como costumeiramente faço, Hazel tem me questionado tudo o que diz respeito a Ashton e eu. Não quero

mentir pra ela. *Não mais.* Mas também ainda não estava — e *nem sei se estou* — pronta para lhe contar o que está rolando entre nós dois. A minha insegurança no que meu melhor amigo e eu estamos vivendo é real, não por causa de Ashton, mas por causa de mim mesma.

Levei os últimos dias, das últimas semanas, pra trabalhar nisso — *com ajuda do meu jogador.* As coisas estão ficando cada vez mais complicadas de separar, e, honestamente, eu não consigo dizer se deveria continuar separando o que estamos vivendo ou não.

O certo está parecendo ser errado e o errado está parecendo ser certo.

Desvio meu olhar até a árvore enorme a alguns pés de distância de onde nós estamos sentadas e suspiro, mordiscando o canto do meu lábio inferior com o coração batendo tão forte que sou capaz de escutá-lo em meus ouvidos por longos segundos.

— Preciso te contar uma coisa — sentencio, inalando profundamente o ar fresco de mais um dia ensolarado em Los Angeles enquanto tento mentalizar coisas boas.

— Hm...? — resmunga. Continuo em silêncio, tentando achar o ponto de partida correto para começar. — Contar uma coisa? Aconteceu algo?

Viro na direção de Hazel, fitando-a sem sequer piscar.

Eu não desvio de jeito nenhum.

— Promete que não vai ficar chateada comigo com tudo que vou te contar agora?

— É algo sério? — Fico em silêncio. — O que foi que você fez, Cloud Calloway? — A expressão desconfiada em seu rosto é

engraçada. Ela parece genuinamente confusa. — Sabe que se for pra esconder um corpo, eu te ajudo, né? E agora a gente ainda tem a Sloan, ela com certeza deve saber como ocultar provas...

Solto uma risada. Nervosa e divertida.

— Não matei ninguém, relaxa...

— Ainda bem — diz, soltando um longo suspiro. — O que de mais sério você teria pra me contar?

Eu realmente não sei como falar.

Porra.

Como eu deveria...

— Eu e o Ashton nos beijamos.

Hazel inclina a cabeça para o lado, piscando lentamente.

— *Siiim...* — diz, mais lentamente ainda. — E muita gente viu esse beijo, inclusive eu. — Pausa. — Você tá bem, amiga? Quero dizer... por que tá falando disso agora? Pensei que tivesse sido um evento traumatizante pra você.

Fico em silêncio.

Hazel e eu não desviamos.

Quando eu sei que está perto de ela entender o que eu quis dizer, termino de empurrar as informações na sua frente.

— Nos beijamos de novo.

— De... *novo*? — Seus olhos verdes ficam enormes enquanto Hazel sobe a mão pra cobrir a boca. — *Não pode ser...*

— A gente meio que tá num acordo...

— Acordo?! — exclama, e eu agradeço por ter escolhido um lugar no gramado mais afastado para esperar pelo Ashton e os garotos, ou todo campus estaria sabendo sobre o “nosso segredo” a

essa altura. — É sério? Um acordo? Mas que porra de acordo é esse?

— Fizemos um acordo para ele me ensinar a “como é ter um namorado” ou “como é namorar”, algo assim... — digo, encolhendo meus ombros porque falar isso em voz alta é vergonhoso e tosco pra caralho. Parece mentira.

— Você nem lembra direito o acordo que fizeram, né?

Sim, cacete. *Sim!* Eu não lembro direito do que esse nosso acordo se trata, eu só consigo pensar em Ashton, em nós dois juntos, nos nossos beijos, abraços e nas *outras coisas*...

Hazel sustenta nossos olhares por poucos segundos até cair de costas no gramado, rindo alto e rolando de um lado para o outro como uma verdadeira criança. De longe, vejo Duke se aproximar da gente tranquilamente, mas não demoro a voltar minha atenção para minha melhor amiga outra vez, porque ela está tendo, bem provavelmente, um ataque histérico.

É vergonhoso e engraçado, admito.

Eu sou patética pra caralho.

— Cacete... ele é... um gênio... — solta, entre uma respiração e outra. — Ele é um gênio, Calloway. Como o Einstein foi para matemática e física, como Da Vinci foi para as artes e Shakespeare para a literatura. Gênio. O gênio dos relacionamentos, um guru do amor, e ele está vivinho, na sua faceta de jogador de futebol americano. Um gênio completo!

Jesus, como ela é exagerada...

Não sei onde ela está vendo toda essa genialidade em Ashton.

— Hazel! — Semicerro o olhar na sua direção.

— O quê? — Ri, ofegante. — É por isso que ele é o capitão, Cloud! — acusa, tentando se endireitar com mais dificuldade do que o poderia ser considerado normal. — Quem mais poderia pensar num ataque tão perfeito assim?

— Não é um ataque — retruco.

— *E eu sou burra* — zomba. — Não, não. Eu realmente sou burra. Como eu não vi isso antes? — reclama, chateada.

— Nós somos discretos — rebato.

— *Ah, já sei...* — Sorri de novo. — É porque vocês literalmente agem como namorados desde que nos conhecemos. Realmente, não tem diferença nenhuma. É claro que eu não notaria nada de diferente.

— Mentira — acuso.

— E depois de beijar seu melhor amigo tantas outras vezes, você ainda tá tentando se enganar com isso, C? Sério mesmo?

Talvez eu esteja sem palavras para lhe retrucar agora.

— O que tá rolando aqui e por que eu consegui escutar a risada de hiena da Hazel a metros de distância? — Duke pergunta, deixando sua mochila do lado da minha e se sentando do lado de Hazel.

— Você precisa sab... — a ruiva me encara —, eu posso contar, C?

Dou de ombros.

— Você descobriu? — Duke pergunta.

Eu vou matar esse cara.

— O q-quê? Você já sabia?

Fico entre a cruz e a espada.

— Ele descobriu sozinho. — Dou de ombros.

— Não foi tão difícil assim — o garoto se gaba.

— Só não vou reclamar, porque agora eu quero saber de todos os detalhes sórdidos que perdi nas últimas semanas. — Hazel bate palminhas, mais animada do que a própria animação. — Foram só beijinhos até agora ou já rolou pegação, tipo *aqueeeela* pegação?

— Não seria melhor eu me retirar? — Duke pergunta, tentando se mover, mas Hazel lhe agarra pelo braço e não deixa ele se mover.

— Não, você fica — Hazel responde.

Meu rosto, por outro lado, começa a queimar lenta e dolorosamente.

— Não vou falar nada sobre isso, Henderson — aviso, desviando meu olhar a tempo de ver o trio se aproximando de nós.

Ashton Arkins, Benjamin Beckett e Charles Carpenter, mas, como sempre, quem me interessa é só ele, e ele está tão lindo hoje.

Só agora que a ficha está caindo: eu sou mesmo sortuda pra caralho.

Tipo, realmente caindo com tudo e amassando meu cérebro.

Eu sou muito sortuda. E ele é todo meu.

— Se você não me contar, eu vou ficar chateada pra caramba, C — Hazel me puxa de volta a realidade. — Já me escondeu um monte de coisa por um tempão, é direito meu saber o que tá rolando agora.

— Ele tá vindo ali — explico, fazendo uma careta. — Depois eu te conto o mais importante.

— Agora eu também quero saber o que é “o mais importante” — Duke afirma, encolhendo os ombros e pigarreando alto. — É errado querer ouvir esse tipo de fofoca?

Hazel e eu nos entreolhamos antes de cairmos na risada.

— Você é parte do nosso grupo, Dallas, claro que não é errado. Contanto que seja bom em guardar segredos, você tá mais do que convidado a participar das nossas sessões de fofoca.

— Tudo bem — ele sorri, bem pequeninho —, o que vocês vão fazer agora? — pergunta. — Hoje eu não tenho hora pra chegar em casa.

— E o seu irmãozinho? — Franzo o cenho.

— Vai ficar com a babá. — Dá de ombros, despreocupado.

— *Oh...* Então hoje você quer viver perigosamente, Dallas? — Hazel brinca, cutucando o outro.

— Não exagera, Henderson — Duke a repreende.

— *Sem graça* — resmunga, afastando-se dele só o suficiente para cruzar os braços. A ruiva faz um biquinho, arrancando nossas risadas pela birra, e no próximo instante Ashton toma o lugar livre do meu outro lado, me deixando automaticamente em alerta.

— Quem foi que deixou minha ginger assim? — Charles inquire, sentando-se do lado da minha melhor amiga.

Benji também toma seu lugar, puxando o celular do bolso sem dar muita atenção a mais ninguém. Ao mesmo tempo em que minha cabeça quer julgá-lo, me proíbo de fazer isso, porque vou ficando cada vez mais alerta e consciente *dele*. Simplesmente esqueço tudo e todos ao meu redor, focando unicamente no meu melhor amigo.

— Oi, QB — o cumprimento. Ashton estende o braço esquerdo discretamente por minhas costas, ou talvez nem tão discretamente assim. Posso sentir alguns olhares em cima de nós, principalmente de mim, mas tento não me afetar com isso. — Por que pediu pra me encontrar aqui?

— Oi, meu anjo — me cumprimenta de volta, inclinando-se pra frente selando os lábios em meu queixo. Um, dois, três segundos. Então, o moreno se afasta com um sorriso pequeno que repuxa o canto de sua boca enquanto fita meus lábios com um sentimento conhecido dentro dos orbes escuros que eu genuinamente compartilho: *fome*. — Respondendo a sua pergunta: *porque sinto sua falta*. — Sorri um pouco mais largo, voltando a me encarar nos olhos, e eu engulo um suspiro rebelde por toda sua atenção. — E também porque a gente precisa sair hoje... — pausa —, *todos nós* — completa.

— *Precisamos?* — Junto as sobrancelhas num ato confuso.

Pra onde diabos vamos todos juntos?

— Você tem memória de formiga, não é, anjo? — brinca, rindo pelo nariz. — Falamos sobre isso na semana passada...

— *Isso?* — Me esforço pra tentar lembrar... lembrar... e... — *Ah!* — exclamo. — Agora eu lembrei, é a...

— *Festa de Halloween anual do Bruins* — falamos em uníssonos.

— Cacete, eu esqueci completamente. — Mordo meu lábio inferior já mentalmente cansada por pensar que agora vou ter que ir ao dormitório pegar minha carteira que “*quase sempre esqueço*”, porque Ashton sempre acaba pagando por tudo que preciso. — Deveríamos ter ido atrás das nossas fantasias no começo do mês, porque agora eu nem sei o que diabos vou vestir. Ah, e a gente precisa passar no meu dormitório pra pegar minha carteira se quiser que eu compre algo ainda hoje.

— Relaxa — responde, despreocupado diante da avalanche de palavras que escapam pela minha boca. Ashton puxa a carteira

do bolso do seu jeans escuro e abre num movimento rápido, sacando dali um cartão preto que nunca vi antes. — *Aqui* — segura minha mão e coloca o objeto ali —, pode comprar o que quiser sem se preocupar com nada.

Encaro o cartão que, para minha surpresa, tem o seu nome, e fico meio desorientada.

De onde veio isso?

— Quando foi que você conseguiu isso aqui e quem te deu essa coisa? — pergunto, voltando meu olhar ao seu.

— Hoje. — Ri. — As coisas estão ficando cada vez mais sérias pra gente e as regalias começaram a aumentar de um jeito sério. — Dá de ombros. — Ser o QB e capitão de um time patrocinado pela *Nike* é um grande lance, meu anjo.

— *Grande lance* — repito, levando longos segundos pra acordar. — Você tá famoso mesmo... — murmuro. — E quase rico.

— Estamos entrando na reta final — Ash aponta, orgulhoso. — Tá tudo encaminhado pra dar certo, e eu não poderia estar mais feliz. — O sorriso não adorna seus lábios, mas eu o vejo resplandecer felicidade por todo rosto. — Benji e Charles também ganharam um... e alguns outros caras do nosso time também. Foi quase como um aviso de “estamos de olho, não ferrem com nada e vocês serão draftados no fim da temporada”.

— Então já posso considerar você um jogador profissional da NFL?

Meu coração salta no peito.

O jeito que seus olhos brilham diante da minha pergunta é a coisa mais linda do mundo. Nunca vou me cansar disso. Da nossa troca. De nós dois. Da sua sinceridade em demonstrar tudo que

sente da forma mais crua e pura para mim. No fim das contas, essa é a coisa mais valiosa que Ashton pode me dar: sua sinceridade.

— Acho que sim — responde, tentando segurar o próprio sorriso, mas é impossível.

Sustento o peso do meu corpo em meus joelhos, deixando-os afundar na grama bem cuidada do campus da UCLA, e me jogo em seus braços.

Ashton ri alto, me abraçando de volta pela cintura enquanto eu laço seu pescoço bem apertado. Quase o beijo. Paro a alguns centímetros da sua boca... então, lembro que não estamos sozinhos, e, em especial, estamos em público. Por isso, deposito um beijo no seu queixo liso por um, dois... três segundos.

Inferno.

Beijar seu queixo é a morte.

Eu só queria poder beijar sua boca aqui e agora.

Sem me importar. Sem me preocupar.

É isso que Ashton sempre sentiu?

Sempre foi torturante pra ele como está sendo pra mim?

— Por um momento pensei que a emburradinha ia beijar o meu garoto. — A voz de Charles me puxa de volta pra dura realidade que estava me atormentando só em pensamentos. *Merda.* — Caralho, imagina só ele limpando a boca e reconstruindo o mesmo drama inútil de semanas atrás? A morte seria mais interessante nesse cenário.

Ashton ri e eu lhe envio um olhar feio.

— Eu não limpei — o jogador se defende. Como sempre.

— Vamos mudar de assunto... — Hazel intervém.

— Sério que foi só eu que vi a emburradinha quase beijando o meu garoto?

Reviro os olhos.

— Claro que foi só você que viu isso — retruco, afastando-me de Ashton aos poucos, porque se depender da sua boa vontade, ele nunca vai me deixar ir. — Foi um beijo no queixo... como os que ele me dá.

Hazel ri, alto.

Duke ri também, mas ele é bem contido.

Charles agora revira os olhos, enquanto Benjamin segue no celular, alheio a tudo e desligado do nosso caos.

— *Você sabe que a minha intenção nunca foi beijar o seu queixo, né?* — Ashton murmura no pé do meu ouvido, só pra mim, e eu quase me engasgo. Quero dizer, quase não. Eu me engasgo totalmente, tossindo de um jeito desenfreado e quase morrendo de vergonha. — Ei, você tá bem, anjo? O que foi?

Encaro sua expressão cínica, surpreendentemente achando apenas verdade ali. Sua intenção nunca foi beijar o meu queixo. Então, ele...

— Capitão, nós estamos indo! — alguém grita de longe, cortando meus pensamentos. De novo.

— O pessoal tá esperando a gente — Charles comenta, apontando com a cabeça pro grupo formando por seus colegas de time que, aparentemente, estão esperando por nós. — A mãe do Brown tem uma das melhores lojas de fantasias da cidade e ela reservou um horário só pro time — explica.

— Você vai vestido de quê? — pergunto, curiosa.

— Por que tá querendo saber? — Um sorrisinho ladino se forma em sua boca e é aí que eu me lembro por que diabos na maior parte do tempo tenho vontade de matar Charles. — Tem alguma sugestão, emburradinha?

— Fantasma, pra ver se você some da minha frente e para de falar besteira.

Ashton, Hazel e Duke riem. Charles também ri, mas eu sei que não é genuíno. Ele só não estava esperando a minha resposta.

— É mais fácil eu puxar o teu pé enquanto dorme.

— *Se você tocar nela...* — Ashton retruca em tom de ameaça.

— Amigos antes de calcinhas — Charles rebate, fechando a cara.

— Eu sou de carne e osso, não de pano, idiota — cuspo. — E se amizade servir de alguma coisa, conheci ele muito antes de você e sou a melhor amiga.

— E eu o melhor amigo. — Arqueia uma das sobrancelhas.

— Enquanto você divide seu lugar com o Benji, eu tenho um só pra mim.

Não consigo controlar o meu sorriso vitorioso.

— Você tá disputado pra caralho, Arkins — Hazel alfineta —, quem sabe um dia eles me disputem assim também...

— Você é minha — afirmo, tentando abraçar minha melhor amiga, mas Ashton me segura com mais força em seus braços, dando chance pro seu amigo idiota tomar frente da situação.

— Egoísta do caralho — Charles me atropela, puxando Hazel para si. — Essa daqui é só minha. Se contente com as minhas migalhas, já que é o mesmo que faz o *meu* melhor amigo me dar.

Quem vê, até pensa.

— Então tudo que eu precisava fazer era reclamar? — A ruiva questiona, nos braços de Charles e ele sorri de lado, envolvendo-a com força enquanto me encara com um ar de “eu ganhei”. Pau no cu dele. — Vocês são como dois irmãos implicando um com o outro sem parar.

— Deus me livre ter essa daí como irmã.

Rolo os olhos.

— E você acha que eu ia querer te ter como irmão? Você é insuportável, Carpenter.

— E você é a garota mais legal do mundo, Calloway — rebate, ironicamente.

— Quem te escuta falando assim, não diz que você se divertiu horrores defendendo a honra da Cloud com o Ashton naquela festa — Benji finalmente fala alguma coisa, enfiando o celular no seu bolso e nos encarando. — O Ash pode confirmar as minhas palavras, afinal, ele estava lá.

— Deveria ter deixado eles rirem um pouco mais da cara dela — Charles diz, estalando a língua no céu da boca igual criança. Irritante da porra.

— Olha aqui, seu...

Tento, mais uma vez, avançar em sua direção, pronta para estrangulá-lo, mas Ashton me segura com mais força do que antes.

— Já chega vocês dois — sentencia em alto e bom som.

— Foi ela que começou.

— Foi ele, e você viu — digo, me virando pra encarar Ashton sobre o meu ombro. — Ele me chamou de calcinha.

— E ela me chamou de insuportável — Charles se defende.

— Os dois estão errados — Ashton responde e eu quase rosno pra ele. — Agora vamos, o pessoal tá esperando a gente...

O jogador finalmente me solta e eu me levanto, emburrada. Puxo minhas coisas do chão de qualquer jeito, segurando o cartão que Ashton me deu com tanta força que preciso respirar fundo pra não acabar quebrando-o só de raiva.

— E vamos de: Operação Fantasia! — Hazel exclama, mais animada do que a própria animação.

Começo a andar na frente, marchando como um soldado. Inspiro e expiro. Os cochichos e conversas paralelas encham meus ouvidos vindo atrás de mim, mas eu sinto algo estranho.

Duke.

Paro de andar, procurando-o sobre meu ombro e achando-o ainda sentado na grama, nos encarando em silêncio. Seu olhar cruza com o meu e permanece em mim. Recuo alguns passos.

— Você não vem? — pergunto, franzindo o cenho.

— *Eu...*

— Você também tá convidado, Dallas — Ash o interrompe e puxa a alça da minha bolsa da minha mão, segurando-a do outro lado enquanto entrelaça nossos dedos. — Se quiser ir, é claro.

— Provavelmente não vou poder ir pro tal Halloween, então...

— Mas você ainda nem sabe se vai dar ou não, e, de qualquer forma, a gente pode dar um jeito.

— Eu sou bom em dar jeito em causas impossíveis — Charles comenta, solícito.

— *Só não em si mesmo* — resmungo, recebendo um olhar repreensivo de Ashton, mas eu só o ignoro, dando de ombros.

Nem menti.

— Vamos, Dallas. Vai ser divertido.

Encolhendo os ombros e não oferecendo mais nem um pouco de resistência, Duke se levanta e vem na nossa direção.

— Vou ter que passar num lugar antes de chegar lá, podem ir na frente... — Benji avisa, andando na nossa frente em direção ao caminho que nos leva pro estacionamento.

— Mas a gente ia pegar a carona contigo, porra! — Charles reclama, agarrado em Hazel.

— Meu carro tem espaço — Duke oferece.

— Fechado, então. Podem ir com o Dallas. Chego lá daqui a pouco!

Benji sai correndo, e eu quero dizer isso. Literalmente.

— Por que vocês não querem ir com a gente? — Ashton pergunta e eu aperto sua mão na minha.

Por que ele não deixa as coisas como estão?

— Porque a gente vai segurar vela — Charles rebate, nem se esforçando pra nos encarar enquanto diz isso.

Ainda bem que ele sabe.

— Ótimo, então é só você seguir o Ash pra achar o caminho, Dallas — sentencio, puxando o jogador comigo pelo mesmo caminho que Benji saiu correndo há menos de um minuto.

— Ou eu posso passar o endereço pra ele, porque vai que a gente vê coisas estranhas no carro do *meu* melhor amigo — Charles provoca e eu o ignoro.

Ashton ri depois de nos afastarmos consideravelmente.

— O quê? — pergunto, olhando de soslaio pra ele.

— Você tá querendo me monopolizar, anjo?

— Monopolizar. — Bufo. — Até parece.

É claro que sim.

Eu quero ficar sozinha com ele.

Quanto mais tempo temos, melhor pra mim.

— Foi o que pareceu, mas você pode me corrigir se eu estiver errado...

Que seja.

— É isso mesmo — confesso. — Quero ficar sozinha com você. O quê que tem? Eu sempre quero, você também. Tem algo de errado nisso?

— Não — afirma, com seu tom divertido. — Só fica mais interessante e prazeroso quando você confessa. Acho que já percebeu que eu adoro isso, adoro quando você confessa e admite as coisas pra mim.

— Não escondo nada de você — rebato, agora sim virando para encará-lo sem desvios.

— Não? — Ashton arqueia uma das sobrancelhas.

— Não.

É mentira.

No fundo, eu sei que é. Ele também sabe.

Tudo que consigo sentir é que em muito pouco tempo, não existirão mais mentiras entre nós dois, e eu já fico previamente aliviada por isso.



— Não vamos esperar o Benji?

Essa é a pergunta que Duke faz, mas todos compartilhamos, assim que nos encontramos em frente a loja de fantasia.

— Tenho cara de quem fica esperando alguma coisa? — Charles rebate. — Ele se vira quando chegar, ninguém mandou fugir da gente do nada.

Nos entreolhamos e damos de ombros.

Realmente não tem como ficar esperando Benji chegar. O resto do time já está aqui, menos ele, então a culpa é toda sua.

— Podemos entrar? — pergunto, meio ansiosa pra escolher logo minha fantasia.

Eu nunca me senti assim. Pelo menos não depois dos dez anos. Sinto coisas diferentes e desconexas. Elas fazem e não fazem sentido, mas, sem dúvidas, perto de Ashton tudo toma mais força e certeza.

Minha ansiedade tem muito a ver com meu melhor amigo.

— Você sabe o que escolher, né? — Hazel questiona, encarando Charles, e ele concorda.

— Plano H, senão vamos pro plano C.

Ele pisca pra minha melhor amiga, me deixando mais confusa do que nunca.

— Vão combinar fantasia? — Ash tira a pergunta da minha boca.

— Esse é o plano H — Hazel diz, sorridente e saltitante. — O plano C é só pra caso não encontremos a nossa fantasia...

— Eles vieram o caminho todo dizendo que vão se vestir de Fred e Daphne do Scooby-Doo.

Merda.

Solto uma risada. É natural.

O pior de tudo, é que faz sentido.

O Fred é loiro e a Daphne, ruiva.

Não vou dar o braço a torcer, mas isso é absolutamente genial.

Só pode ter sido ideia da minha melhor amiga.

— Isso é tão brega — zombo, só pela zoeira.

— Isso é inveja, emburradinha? — Charles indaga, zombando duas vezes mais do que eu fiz. — Essa birra toda só porque você não tem um namorado pra ir combinando também?

E agora ele e a Hazel estão namorando?

Idiota.

Foda-se, não vou cair na dele.

— Cala a boca — resmungo.

— Ela me tem pro que quiser e precisar — Ashton repreende Charles da forma mais simples e direta. Por dentro, dou pulinhos. — É melhor a gente ir logo — completa, e do jeito que eu o conheço, sei que está tentando dispersar mais um momento de implicância entre seu amigo e eu.

Charles e Hazel concordam com a cabeça, mas só depois do loiro revirar os olhos. Eles entram na loja junto de Duke, que é puxado pela ruiva, deixando-nos à sós por um último momento.

— Fica de olho no Duke — aviso. — Se seus amigos fizerem muito barulho, provavelmente vai incomodá-lo... qualquer coisa, ele pode procurar eu e a Hazzie.

— Prometo que vou tentar controlá-los — garante, quase que batendo continência pra mim. — Agora me diz, você não vai se preocupar comigo também?

Antes de rir, acabo revirando os meus olhos.

— Não acho que precisa da minha preocupação.

— Não preciso, mas gosto dela.

Olhando ao redor e tendo certeza de que não somos o centro das atenções, dou um passo na sua direção.

— Quer saber com o que tô preocupada?

— Diz pra mim — retruca, baixo e suave. Quase hipnotizante.

— Em você escolher algo que combine comigo.

— Com você? — As sobrancelhas de Ashton ficam mais juntas, como nós dois.

— É... comigo. — Sorrio.

— Você quer combinar fantasias? — indaga e eu simplesmente concordo.

— Charles e Hazel tão fazendo isso. — Dou de ombros. — E, até onde consigo lembrar, nunca fizemos isso antes, então seria legal. Não acha?

— Seria legal, mas você sequer sabe o que vai escolher — comenta. — Como faremos isso?

— Não sei mesmo, mas vou escolher a primeira coisa que me lembrar você.

Parecendo incerto, Ashton concorda.

— Farei o mesmo — sentencia.

— E se não combinar?

Segurando a ponta do meu queixo e puxando pra cima, Ashton encara minha boca sem piscar.

— Temos uma chance em um milhão, meu anjo. Se der certo, só posso te dizer uma coisa: não tenha mais dúvidas de que fomos feitos um para o outro. — O carinho do seu dedão áspero na minha pele não deveria ser tão bom, mas é delicioso pra cacete. — Se der

errado, não se preocupe, eu vou me esforçar pra fazer você entender que é minha, quer sejamos obra do destino ou não... e, bom, pelo menos vou saber que você escolheu algo pensando em mim. É o que importa, certo?

— Você é o que importa — concordo com o único pensamento que cruza a minha mente nesse exato momento.

— Você é tudo que *me* importa.

Dou um passo pra trás, recuando mais uma vez antes que nós acabemos nos entregando de vez. Ainda preciso dizer para Ashton que contei tudo pra Hazel... assim, se ele quiser, pode acabar contando para os seus amigos.

— Vamos acabar logo com isso — resmungo, meio irritada, e Ashton percebe.

Ele ri de mim, segurando minha mão e me puxando consigo pelo caminho que nossos amigos tomaram antes.

Nos separamos em dois mini-grupos.

Hazel entrelaça o braço no meu, me puxando pra si.

— Nos encontramos em uma hora! — Ashton avisa, sendo empurrado por Charles e seguido por Duke.

— Uma hora! — respondo, piscando pra ele.

Minha melhor amiga me arrasta consigo pro lado esquerdo da loja, me acertando em cheio com uma sequência de palavras frenética.

— Agora eu finalmente percebi. Tá tudo na cara, meu Deus. Tão, tão na cara. A tensão. Os olhares. A maldita química. — Fito o seu perfil. — Ele te quer pra caralho, C, e eu sempre vi isso. Eu juro. Juro mesmo. Sempre. Vi. Isso.

Eu consigo sentir as suas palavras.

Sim, há muita tensão.

Os nossos olhares... o olhar de Ashton... porra, ele me deixa sufocada de um jeito perfeitamente bom e aceitável. É além disso. É sem um mísero defeito. E eu estou entregue.

— Ele sempre me olhou assim?

Hazel se vira pra mim como se eu estivesse falando loucuras. Ela me engoliria com esse olhar, se possível fosse.

— Eu sempre te disse isso — acusa. — É exatamente assim que ele te olha desde que vi vocês dois juntos, interagindo pela primeira vez.

— Pra mim, isso sempre foi loucura.

— Loucura? — retruca. — Loucura é você ainda não ser oficialmente a namorada dele.

— Você tá exagerando...

Caminhamos sem rumo pelos corredores até Hazel desentrelaçar o braço do meu e parar na minha frente.

— Os boatos são reais?

Paro de respirar.

Ok, já entendi onde ela quer chegar.

— Eu não vou te contar. — Minha careta escapa sem o menor esforço.

— Então você já viu?! — É por muito pouco que os seus olhos não sacam para fora e saem pulando entre nós duas. Eles estão gigantescos. — Meu Deus, o quanto eu perdi, Calloway? Você é uma traíra.

— Coisas aconteceram... — Encolho os ombros e me faço de inocente. — Mas eu não vou falar do pau dele pra você.

“Eu tenho ciúmes”, penso, me repreendendo na mesma batida por isso.

— Você, pelo menos, ainda é virgem? — Cruza os braços, com um ar inquisitório.

— Sim.

— Ele já sabe? Vocês não vão...?

— contei no dia daquele jogo fora... o mesmo em que as líderes de torcida meio que agarraram ele...

— Você ficou com ciúmes, C? — Ri. — Isso tá melhor do que eu esperava. Ainda bem que demorou pra me contar, porque eu acho que surtaria esperando suas atualizações em passos de tartaruga. — Troco o peso do corpo de uma perna pra outra. — Mas, pelo amor de Deus, me conta se ele é realmente tudo que as garotas já falaram por aí...? Eu sou curiosa, você sabe, e escuto coisas do seu melhor amigo desde o primeiro dia que pisei na UCLA.

— É uma surpresa você não ter se apaixonado por ele — zombo.

— Já disse que nunca sentaria no pau da minha melhor amiga — Hazel responde com uma careta. — Me conta, C... me conta, por favor...

— Sim — atiro.

— Sim? — Ela pisca.

— As pessoas foram generosas, na verdade. Ninguém conseguiu falar tão fielmente de Ashton até hoje... pelo menos eu nunca ouvi algo que seja perto do que ele já me mostrou em todos os sentidos. Os boatos fazem e não fazem jus... acho que são um

pouco contidos e eufóricos. — Dou de ombros. — Ele é bem melhor do que já falaram por aí, eu te garanto isso.

— Bem melhor? — Pisca novamente. Demorado. Assimilando minhas palavras. — Bem maior?

— Eu disse melhor! — rebato, sem conseguir segurar o riso. — Maior também — resmungo. — Sorte minha que, quando eu vi, já tinha tomado um pouco de vinho, senão eu nunca mais conseguiria encará-lo...

— Você viu como? O que você fez?

— Hazel! — reclamo. — Já chega, eu não vou te falar o que nós já fizemos ou deixamos de fazer...

— Pelo que você está me contando, parece que já fizeram muita coisa e que só não rolou aquela *conexão*.

— Você chama penetração de conexão?

— Posso falar “ele só não te fodeu ainda” se você não tem mais nenhum pinga de pudor...

Meu rosto esquentou.

O pudor. Aqui está ele.

— Para com isso e vamos atrás das nossas fantasias — enuncio, passando pelo seu corpo quase morrendo de vergonha e seguindo para a outra sessão de fantasias sem nem ter olhado nada nessa.

— Você tem que trocar aquelas calcinhas de algodão da vovó por algo mais... quente — Hazel fala atrás de mim, agindo exatamente como o diabo do Charles. — É um conselho de amigas.

Acho que eles estão quase no mesmo patamar. Os dois se merecem quando se trata de perturbar minha cabeça.

— Ele nunca reclamou das minhas calcinhas — rebato, falhando em não lhe dar ouvidos.

— Ai, meu Deus! Tô tão curiosa pra saber o que vocês já fizeram... — Minha melhor amiga saltita do meu lado até sair pulando na minha frente.

Me sinto um pouco mais tranquila de Hazel ter reagido bem ao meu “segredo”.

Agora eu posso ser feliz dentro do meu próprio dormitório e contar tudo pra ela, do jeito que tem que ser, como melhores amigas fazem.

— Vai mesmo combinando com o chato do Carpenter? — pergunto, trocando de assunto e deixando que nós conversemos mais sobre Ashton e eu, mais tarde.

— Claro que sim! É minha primeira vez numa festa de Halloween, acompanhada e combinando fantasias. Não posso perder a chance, fora que o Charles é o Charles. — Paramos em frente a uma das paredes cheias de fantasias. — E você? Não vai combinar com seu futuro namorado? — indaga de volta.

Futuro namorado.

Caralho!

Isso é... ahhh! Tão bom. E eu não deveria estar saltitando como uma adolescente por dentro.

— Só combinamos de escolher algo que lembre um ao outro.

— Tão apaixonadinhos... — ela provoca, rindo, e apesar de revirar os meus olhos, eu me rendo e solto uma risada também.

É, ela meio que está certa.

Eu soei tão tosca e apaixonada.

Acho que esse é o meu fim.

— Eu sei de duas coisas que te fazem automaticamente lembrar do Ash...

— Eu também — concordo.

— Essas coisas são: uma fantasia de...



Eu tenho a fantasia perfeita.

Não, isso não é uma brincadeira.

A minha fantasia é perfeita e ela ficará guardada a sete chaves até o dia da festa. Não é nada surpreendente, apesar de ser a coisa mais linda e significativa que eu poderia ter escolhido. Um dos meus grandes sonhos está com os dias contados pra virar realidade. Sim, esse é o tanto que eu estou considerando uma mera fantasia de Halloween perfeita e especial.

Hazel e eu, para nossa alegria, escolhemos tudo bem rápido.

Não fui com uma ideia na cabeça, mas ela se tornou concreta assim que a vi materializada na minha frente em menos de dez minutos. Talvez tenha sido o destino. O mesmo aconteceu com a minha melhor amiga: o clássico figurino roxo da personagem Daphne foi escolhido com sucesso e em pouquíssimo tempo.

Aproveitamos que os garotos ainda estavam ocupados para irmos em algumas lojas próximas, uma em especial que acabei me rendendo, e eu espero muito que não apareça o nome dela no

aplicativo do cartão novo de Ashton — *e que isso também não lhe traga nenhum problema.*

Finalmente comprei lingerie.

Pela primeira vez na vida, com minha melhor amiga, eu comprei as lingerie. E elas são lindas.

Três conjuntos escolhidos a dedo.

Um vermelho, um branco e um preto.

Não que eu tenha qualquer tipo de intenção, mas é melhor prevenir do que remediar.

Quando entramos na rua da loja de fantasias novamente, avisto de longe o meu quarteto conversando em frente ao prédio. Aparentemente, Benji chegou durante nossa ausência. Espero que tenha dado tempo de ele escolher algo pra festa, senão vai ter que voltar sozinho pra largar de fugir da gente.

Depois de mais alguns passos, Ashton e Charles viram em nossa direção, me fazendo imediatamente dar conta do que tenho em mãos. Escondo a sacola atrás do meu corpo na mesma batida, escutando Hazel rir baixinho.

— O que você tá fazendo? — pergunta.

— Evitando ser atacada pelos comentários sem noção do seu queridinho quase namorado.

E isso não é mentira.

Se Charles olhar minhas sacolas, ele vai fazer suas piadas vergonhosas e desconcertantes, e eu não tenho mais paciência pra elas.

— Não somos quase namorados — Hazel se defende.

— Não é isso que parece e nem o que ele tá *quase* começando a falar por aí. — E, de novo, isso não é mentira.

Só falo o que vejo e escuto.

— Que seja... — Hazel resmunga por fim.

— Onde vocês estavam? — Duke pergunta, já de olho na gente também.

Paro ao lado de Ashton, ainda com as mãos pra trás, e encaro o mais novo.

— A gente foi dar uma volta — respondo, evasivamente.

— Escolheu sua fantasia, Benji? — Hazel muda de assunto por mim.

— Escolhi — ele responde e eu disperso.

Minha atenção muda pra Ashton, que não desvia o olhar de cima de mim. É quase sufocante. Quando ele tenta fechar a distância entre nós, eu recuo, segurando minhas coisas com mais força.

Um. Dois. Três. Sete. Nove passos.

Daqui ninguém vai poder nos ouvir ou me ver definhar de vergonha.

Sua risada escapa.

O jogador me envolve num abraço fácil pelos ombros. Me deixo ser levada, simples assim, e descanso o rosto em seu peitoral.

— Por mais que você esteja tentando esconder suas outras compras de mim, eu consegui ver a estampa da loja em suas sacolas.

Ótimo.

— Tava na promoção — digo, engolindo minha saliva em seco.

— Promoção? Quatrocentos dólares é promoção pra você, meu anjo? Eu pensei que só comprasse coisas na promoção que

custassem menos de dez dólares. — O jeito risonho que ele me indaga é irritante.

Merda. Deve ter entrado notificação no seu celular.

Ashton está se divertindo às minhas custas, e não é que eu odeie isso, mas eu não sei lidar.

Ergo meu rosto, quase afundando o queixo no seu peitoral, encarando-o sem desvios.

— Quer que eu devolva? — retruco.

— Não se atreva — rebate. — Te dei o cartão pra gastar, não se preocupe com isso, eu só tava brincando com minha melhor amiga mão-de-vaca. — Ashton pigarreia, limpando a garganta. — Vai me mostrar as compras que fez na promoção?

Exatamente como eu disse: *irritante*.

— Não — sentencio. — É coisa íntima, claro que eu não vou te mostrar, não seja um idiota. — Reviro os olhos. — Você mostra pra mim as cuecas que compra?

— No dia que você pedir, mostro todas. Aliás... — Semicerra o olhar na minha direção, desconfiar. — Isso foi um convite?

— Ainda não.

— *Ainda?!* — Ele meio que grita.

— Cala a boca! — ralho com ele. — Você tá muito emocionado, Arkins.

— Agora eu acabei de ficar ainda mais emocionado. — Arqueia uma das sobrancelhas, não demorando a se inclinar sobre mim e sussurrar no meu ouvido. — *Não temos feito nada nos últimos dias.*

— Aproveitar o tempo comigo agora é nada?

Ashton ri, se afastando e me soltando.

Ele coça a nuca, sem jeito. O acertei em cheio.

— Você entendeu o que eu quis dizer, meu anjo... não é nada, nada. É só... bom...

Vê-lo assim é divertido.

É minha vez de rir.

— Tá bom, você pode abaixar a guarda, eu entendi o que quis dizer — o tranquilizo. — Beijos não faltaram, nem mãos-bobas...

— Mas você não tem me deixado tocar sua boceta.

— *Ashton Arkins.*

Subo minha mão livre para sua boca.

Não é porquê não tem ninguém próximo, que ele pode começar a falar assim no meio da rua. Ainda estamos em público.

— Eu... sinto... falta... dela... — Mesmo abafado, consigo escutá-lo. Ashton tira minha mão do caminho e pergunta: — Ela não sente minha falta?

Inferno.

Inferno, inferno, inferno.

Mas que inferno é esse?

Ele ficou louco?

Meu coração descompassa, minha boca fica seca, minhas mãos tremem.

Eu ofego. Mesmo sem querer.

— Isso não é lugar pra me fazer esse tipo de pergunta.

— Por que não? — Ele entrelaça nossos dedos, puxando minha mão para suas costas e prendendo-a com a sua, enquanto laça minha cintura e junta nossos corpos com a outra. — Compartilha comigo o que você sente quando eu falo essas coisas...

— Sinto como se tivesse sido enviada pro inferno.

Seu olhar me desafia.

— Inferno?

Concordo com um aceno.

— Isso — falo. — Me sinto quente como o inferno.

Encaro sua boca.

— Não olha pra minha boca — comanda.

— Por que não? Você tá me provocando, eu só tô respondendo as suas provocações.

— Porque não vai querer ver o que vou fazer com você na frente de todos os nossos amigos se continuar me encarando desse jeito.

— Que jeito?

Eu não desvio.

Sua boca parece tão convidativa.

É uma perdição.

— Como se estivesse pronta pra ficar de quatro pra mim.

Oh.

Cacete!

— É assim que você gosta?

Ashton não consegue segurar a risada nervosa. Eu o acompanho com o mesmo nervosismo, e, admito, a mesma excitação que sei que ele está sentindo.

— Ainda vou descobrir o que eu gosto.

— Você ainda não sabe, Arkins? Sério?

Ele só pode estar brincando com a minha cara.

— Não, eu não sei — rebate. — Vou descobrir com você.

— Isso significa que a gente vai ter que descobrir juntos, então...

— Com certeza. — Ele sorri, largo. — Mas pensar em você de quatro pra mim, já me parece satisfatório o suficiente, anjo. Não vai ter como não gostar.

— Pare com isso — eu o repreendo. — Pare antes que as coisas fiquem complicadas de aguentar pra nós dois.

— Você sente dificuldade de aguentar? — Ri.

— Você me tortura, claro que é difícil.

— É o que venho sentindo por você a algum tempo — confessa.

Ashton solta a minha mão e começa a se afastar de mim, lentamente.

— Nunca vai me contar há quanto tempo sente isso?

O jogador balança os ombros pra cima e pra baixo.

— Não acho que essa seja uma informação compartilhável. Não agora.

— E quando seria?

Ele sorri.

— Você vai saber quando for a hora — afirma. — Quando chegar o momento certo, vou te contar há quanto tempo venho sentindo tudo isso.

— É uma promessa?

— Não — replica. — É apenas um fato.

Bufo.

— Vamos? O pessoal tá esperando a gente. — Aponta com a cabeça para o aglomerado que nossos amigos estão fazendo um pouco mais adiante. Ainda bem que nos afastei dele, senão... — Pronta para algumas horas no The Cave?

— Odeio essa sua faceta misteriosa. Não combina com você — acuso. — E eu não tô pronta, mas tudo bem... a Sloan vai tá lá e eu sinto saudade dela.

— E eu odeio quando você sente falta de outras pessoas.

— Agora eu só posso sentir sua falta?

Ele faz um bico.

Nós dois rimos cinco segundos depois.

— Meu coração de melhor amigo dói. Parece que tô sendo substituído.

— Você é tão dramático. — Rolo os olhos. — É o Charles pela Sloan — atiro, zombando da sua cara.

É claro que eu não faria isso.

Nem Ashton faria.

— Parece que nossa vida vai ser longa com os dois exemplares humanos mais irritantes da Terra.

— Fale isso do seu amigo — acuso.

— A Sloan também é minha amiga.

— *Ouch* — ironizo. — Meu coração de melhor amiga dói. Parece que tô sendo substituída.

O idiota me abraça pelos ombros, beijando a lateral da minha cabeça enquanto gargalha. Lhe dou uma cotovelada, mas ele não se afeta. Ele me aperta para perto. Mais perto. Juntos. Bem juntos.

— Você nunca será substituída — diz, seguro das próprias palavras. — Talvez seja promovida, mas nunca substituída.

— Promovida? — FRANZO o cenho. — E existe um patamar acima do título de “melhores amigos pra vida toda”?

— Existe. — Viro o rosto para encará-lo e assisto um sorrisinho se formar no canto da sua boca. — Eu tô guardando esse

título pra você há anos, meu anjo. Não se preocupe. O seu nome já está escrito nele, só falta a gente chegar lá.

Chegar lá...?

Ele não quer dizer que...

Não. Não é aquilo.

Não é mesmo aquilo.

— Tudo bem — murmuro, antes de pensar e repensar em suas palavras pelo menos mil vezes até chegarmos no The Cave.

Ashton não estava falando sobre aquilo.

Aquela coisa.

Não é... mas, quer saber?

Eu não me oporia a ideia.

Ao pedido. Ao nosso futuro juntos.

Não me oporia nunca mais.

42

CONVITE DA STALKER

*“Se você estiver ao meu lado e nós tropeçarmos no escuro,
eu sei que ficaríamos bem, sei que ficaríamos bem.”*

THERE'S NOTHING HOLDIN' ME BACK — Shawn Mendes

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
04:58 PM
17.10.2022

Eu tenho a fantasia perfeita pro Halloween do Bruins.

Depois que Benji chegou quase trinta minutos atrasado e se juntou a Charles, Duke e eu, passamos um bom tempo atrás das nossas fantasias — *acredito eu, depois dos últimos acontecimentos, que bem mais do que minha garota e sua melhor amiga.*

Essa é a primeira vez que não vamos para um Halloween como um trio. Principalmente o do Bruins. Charles vai combinar com Hazel, eu com Cloud e a pessoa que Benji vai levar ainda é um mistério — tal como Duke, se ele for. Mas, de qualquer forma, eu consegui sim a fantasia perfeita e eu ainda não consigo acreditar na minha sorte.

Cloud pediu que eu escolhesse algo que me lembrasse ela e eu não poderia ter achado nada que me lembrasse mais dela do a fantasia com que esbarrei.

Tenho certeza de que ela vai acabar surtando quando me ver vestido de tal forma.

Sim, eu obviamente estou achando tudo meio tosco, mas eu passaria por todas as situações mais toscas do mundo e por toda vergonha do universo por ela, pelo seu sorriso e ainda mais por sua felicidade que já está garantida.

Nesse exato momento, é nisso que penso, enquanto batuco os dedos no volante distraído com meus pensamentos.

— Tenho uma coisa pra te contar...

A morena quebra o silêncio entre nós dois quando já estamos perto de chegar no The Cave. Lhe dou uma olhada rápida, não me desviando muito a minha atenção da estrada.

— Uma coisa pra me contar? — indago. — Aconteceu algo?

— É... — Ela pigarreia. — Então... — Pigarreia de novo. —

Eu contei pra Hazel sobre agente.

Franzo o cenho.

Ela o quê?

Eu não posso ter entendido o que eu entendi.

— Você fez o quê?

Puxando uma respiração funda pro peito, Cloud solta com mais calma:

— Eu contei pra Hazel sobre a gente.

Minha primeira reação é a de franzir o cenho.

Ela contou?

— O que exatamente você contou? — pergunto.

— Que a gente meio que tá... se envolvendo... sabe?

— Se envolvendo?

— Num acordo — retruca.

Eu sorrio de lado.

— E ela...?

— Ainda não tive tempo pra gente realmente conversar sobre o que estamos fazendo, mas aparentemente ela te achou um gênio e adorou a ideia. — Dá de ombros. — A Hazel é emocionada, você sabe disso.

— Emocionada? — Sorrio, acenando positivamente com a cabeça. Entendo, entendo muito bem. Me sinto da mesma forma: emocionado. — Então eu posso contar pros meus amigos também?

Estaciono o carro atrás do de Benjamin, vendo pelo retrovisor Duke fazer o mesmo atrás da gente. Viro pra Cloud a tempo de vê-la encolher os ombros. Eu sei o que isso significa e não consigo sequer ficar chateado.

Benji e Charles vão entender, mas eles não são burros. No próximo confronto, não vou mais esconder nada. Acho que nem preciso mais disso.

— Se você quiser e surgir a oportunidade, tudo bem. Eu só não quero o chato do Charles perturbando a minha cabeça... você sabe como ele é irritante...

Solto uma risada, soltando meu cinto de segurança e me inclinando na sua direção.

— Sinceramente, se eu não te conhecesse e conhecesse meu amigo tão bem, acharia que estão tendo um caso há algum tempo...

— Toda vez que você sugere isso, ou qualquer outra pessoa, mil fadas morrem em *Fairytopia* e eu fico à beira de sufocar com meu próprio vômito — Cloud responde na mesma batida, me encarando com os olhos castanhos enormes e brilhantes, parecendo a porra de um anjo. — Você não pode me beijar aqui.

— Eu posso — retruco. — Mas... que porra é *Fairytopia*?
Meu anjo ri.

— É um reino de fadas de um dos filmes da Barbie.

— Ah... — resmungo, ainda sem entender direito. — Enfim — pigarreio —, você já contou pra sua amiga e eu tenho o aval para contar pros meus amigos. Qual é mesmo o motivo pelo qual eu não poderia te beijar?

— Não são apenas seus amigos que estão do lado de fora, nos encarando. O seu time também tá, e eles são linguarudos. — Cloud vira o rosto pro outro lado, soltando seu cinto e tentando fugir de mim. — Não quero o campus todo me excomungando mais do que eles já fazem.

— Que vida difícil a sua, meu anjo... — brinco e ela me olha de um jeito tão afiado que mexo a cabeça pra ter certeza de que ela ainda está sobre meu pescoço. — Você vai ter que se acostumar, eventualmente, a tudo isso, a estar publicamente comigo.

— Já tô publicamente com você e posso dizer com toda propriedade do mundo que não é fácil, Arkins. Não é nada fácil.

— E não vai ser — dou de ombros, ignorando o “Arkins” pelo nosso próprio bem —, mas eu vou estar com você a cada passo que der, do jeito que sempre estive desde o dia em que nos conhecemos.

— É diferente...

— Não complica as coisas, anjo. Não é diferente. Não é difícil. O que eu sinto quando tô contigo, é que eu sou invencível pra caralho, entendeu? Então nada é difícil pra mim e não é pra ser para você.

— Como você se sente sempre sabendo o que dizer nessas horas? — murmura, fazendo o bico fofo como de costume. Quase me rendo. *Quase*. — Vamos sair, o pessoal tá esperando a gente...

Pisco.

Respiro fundo.

E reajo.

Aceno com a cabeça, tirando a chave da ignição e saindo do carro rapidamente. Dou a volta, abrindo a porta do lado de Cloud e lhe ajudando a sair. Ela segura minha mão, evitando meu olhar, mas se mantendo perto de mim.

— Tava rolando discussão de relacionamento? — Charles pergunta no velho tom de provocação de sempre.

— Não enche, Carpenter — Cloud retruca.

— Minha emburradinha, por que você é tão arisca comigo? — Meu amigo se afasta de Hazel só pra se aproximar da gente. — Sabia que gosto muito da tua chatice?

— Não posso dizer o mesm... — Então, Charles abraça Cloud pelo pescoço. Nós rimos do jeito que a minha garota reage, socando

a barriga do meu melhor amigo que não se afasta nenhum centímetro. — Ah, porra! Me solta, Charles! Me solta agora!

— Calma, emburradinha. Eu só tô te dando carinho, amansando a fera...

— Eu não quero o teu carinho.

— Você quer, só não quer admitir. — Charles me encara sobre o próprio ombro. — Acho que você perdeu a garota, cara. Desculpa...

Meu sorriso some no mesmo instante.

Perdi o caralho.

— Eu perco a garota e você os dentes — ameaço.

Ele sorri pra mim, correndo a língua nos próprios dentes e zombando com a minha cara. Charles puxa Cloud consigo pra dentro do The Cave e nós seguimos os dois: minha garota meio que esperneando e meu melhor amigo perturbando a vida dela.

No fundo, me divirto. Eu gosto quando todos ficamos juntos. Eu gosto das interações entre meus melhores amigos e a minha garota. Eu gosto de saber que Cloud também, lá no fundo, gosta disso e se importa com eles. Com meus amigos, me sinto em família de um jeito que é até difícil explicar.

Sentamo-nos numa das mesas no centro do salão do The Cave rindo de Charles que até agora estava apanhando de Cloud.

— Você é agressiva pra caralho, emburradinha.

— Tomara que eu tenha quebrado ao menos uma costela sua.

— Até comigo ela é agressiva às vezes — a ruiva brinca. Ou não.

Eu não duvidaria.

Cloud bate até em mim.

— Mentira sua! — Cloud aponta pra Hazel. — Nunca encostei num fio de cabelo seu, traidora.

Sua melhor amiga ri, sendo abraçada pelo meu melhor amigo.

Puxo a cadeira da morena na minha direção, posicionando-a tão perto de mim, que nossas cadeiras grudam uma na outra do jeito que eu gosto.

— Você tá bem? — Passo o braço pelas costas de Cloud, ancorando meus dedos do outro lado da sua cintura, por cima do pano fino de sua camiseta azul. — Anjo, tô falando com você...

Seus olhos estão vidrados em Charles e Hazel, mas, a essa altura, eles não estão dando a mínima pra mais ninguém, perdidos numa conversa que é só deles dois.

— Tô ocupada demais planejando a morte do seu melhor amigo... e uma leve tortura para minha melhor amiga.

O seu nariz arrebitado franze, e, foda-se, eu tenho o aval de achar isso fofo. É totalmente permitido sempre que se trata da minha garota.

— Deveria estar ocupada planejando sua vida comigo, não a morte do meu melhor amigo e uma tortura pra sua melhor amiga. — Cloud pisca. Devagar. Então desvia e me encara, com um olhar culpado e desafiador. Sim, ela consegue passar tudo isso ao mesmo tempo para mim. — O que acha disso?

— Foi quase um pedido de casamento... — Ela me dá um sorriso estranho.

“É o que eu quero: casar com você”, penso, lambendo meus lábios e encarando os seus.

— Estamos muito jovens pra isso, mas o pedido pode sair facilmente depois que você terminar a faculdade e eu estiver

milionário com o futebol.

“Porque eu não quero te assustar agora”, completo novamente em pensamento.

Cloud ri nervosamente, mordendo o lábio inferior pra tentar se conter, mas é difícil — principalmente pra mim.

— Depois do cartão de hoje, acho que nada mais é impossível quando se trata de você.

— E é só o começo — afirmo, seguro de cada palavra que sai da minha boca.

— “Depois que eu sair da faculdade” é tipo, daqui mais ou menos uns três anos. Vai mesmo querer se casar daqui três anos? Não é cedo demais? — pergunta, soando mais curiosa do que provavelmente se deixaria estar semanas atrás. Quando abro a boca pra lhe responder, Cloud continua, argumentando: — Você nunca sequer namorou, Ash, e já tá pensando em se casar tão cedo? Sabe que tenho que me acostumar com a situação primeiro, né?

Se acostumar com a situação.

Por isso que não falei que, por mim, me casaria hoje com ela. Algumas coisas soam menos chocantes em nossos pensamentos, mesmo que eu tenha quase certeza de que Cloud já está bem acostumada com nossa “situação”.

— Com a situação de namorar comigo e depois nos casarmos? — atiro, cínico, arqueando uma sobrancelha enquanto espero sua reação.

— Você não ia querer se casar comigo... — acusa, mordiscando o canto da boca, claramente nervosa.

É o que eu mais quero.

— Vamos ver a gente é compatível?

— Como? — Suas sobrancelhas se juntam.

— Quantos filhos você quer ter?

— Dois... e você?

Sete.

— Três.

— Eu não quero parir três vezes — Cloud resmunga pra mim de olhos semicerrados. Ela olha ao redor e eu faço o mesmo pra ter certeza de que não estamos sendo observados. — Quero dois, e se forem gêmeos é ainda melhor, porque aí eu passo pelo sofrimento apenas uma vez.

— Você pode ter trigêmeos... — Dou de ombros.

— A minha barriga vai rachar com três bebês dentro dela — argumenta, como sempre com mil e um motivos pra discordar de mim. — Por que três?

— Não sei. — Sorrio, sem graça. — Eu ia dizer sete, mas você definitivamente não ia gostar da minha ideia.

— *Sete?! — exclama.*

Agora sim os olhares dos nossos amigos sobre nós.

— Ela tá bem, galera. A gente só tá fazendo umas contas aqui, não é nada demais... — digo, acenando com a mão na tentativa de que ninguém ligue pra gente e pra nossa conversa. Isso parece funcionar.

— Você ficou maluco? — Cloud sussurra exasperada, com os olhos castanhos enormes de anjo quase saltando do seu rosto lindo. — Só pode ser loucura, não tem outro diagnóstico pra isso.

— Meu anjo... — Eu até tento, mas é impossível não rir. Puxo Cloud pra mais perto, apoiando meu queixo no seu ombro e falando

mais perto. — Você já imaginou os garotos com a sua personalidade e as garotas com a minha personalidade, então outros misturados com partes de nós dois? Nunca ficaria satisfeito só com dois ou três. Preciso de, no mínimo, sete pra ter paz pelo resto da vida.

— No mínimo? *Mínimo?* Você sabe o que essa palavra significa? O *meu* mínimo é completamente diferente do *seu*. E você acha mesmo que teria paz com sete crianças pra criar?

— É por isso que eu nunca vou deixar de ser o teu equilíbrio.

— Sete bebês, Arkins...

— Seis?

— Não vou parir seis vezes.

— Podemos ter dois pares de gêmeos...

— Ainda assim, não vou parir três vezes. Aliás, você sabia que não dá pra gente simplesmente escolher ter gêmeos? Não é assim que funciona.

— Ah, sério? Eu jurava que era só gozar duas vezes e... puf... gêmeos! — Afasto o rosto pra encarar Cloud. Sua expressão é impagável. — É brincadeira, anjo, eu não sou burro. Prometo.

Ela se rende e acaba rindo.

— Você é tão idiota que por um momento achei que tava falando sério.

Admiro cada detalhe perfeito do seu rosto, sonhando acordado com a situação hipotética que acabamos de compartilhar um com o outro.

Ter filhos nunca foi uma prioridade, mas há algum tempo eu venho pensando nisso quando penso no meu futuro. Filhos eu quero só com Cloud, ainda mais agora, que parece mais real, mais palpável.

— Realmente se imaginou tendo os nossos bebês? —
questiono, esperando ouvir sua resposta só pra confirmá-la em seus
olhos. Eles nunca mentem.

Cloud engole em seco enquanto seu sorriso fica cada vez
menor.

— Você me fez imaginar isso — confessa. E é verdade.

— Não pareceu loucura?

Respirando fundo, ela diz:

— Não.

— Não? — Pisco.

Ela disse mesmo isso?

— Pareceu até... perfeito.

— Perfeito?

Porra, eu estou vivendo um sonho. A minha realidade está
quase se tornando os meus melhores sonhos.

— Perfeito. — Ela sorri, desviando nossos olhares com as
bochechas vermelhas. — Um bebezinho igual a você seria a minha
perdição. Se os setes, hipotéticos sete, viessem todos iguais,
puxando pra você, eu acabaria enlouquecendo.

— De ciúmes?

— Exatamente! — concorda, me fazendo rir alto. — Te
compartilhar com as pessoas é difícil. Eventualmente, criar os
nossos filhos para compartilhá-los com outras pessoas, vai me
deixar maluca.

Nossos filhos.

O mundo está girando pra caralho e brilhando com uma
estrela.

— Você vai ser uma mamãe-ursa.

— Definitivamente uma mamãe-ursa.

Passo os próximos segundos lhe admirando, sentindo meu coração amassar todos meus órgãos de um jeito nada gentil, me fazendo cogitar até mesmo um quadro de taquicardia.

Cloud volta a me encarar, desconfiada.

— Por que ficou quieto? — pergunta, acanhada.

— Te ouvir falar “nossos filhos” foi demais pro meu coração.

— Tão sensível assim, jogador?

— Só por e com você.

Ela fica num breve silêncio até sentenciar:

— Acho que entramos num beco sem saída.

O canto da minha boca repuxa.

É engraçado.

— Tenho certeza disso.

Estou encarando a parede desse beco sozinho há anos.

É bom saber que é o mesmo que Cloud está sentindo.

Depois que me deparei com isso, não demorou muito pra entender que só poderia ser ela ou mais ninguém.

— Você martelaria a parede pra fazer uma saída?

— Não — retruco. — A essa altura a minha parede já se transformou numa casa, Calloway. A minha casa. E eu gosto muito dela.

— Muito, muito?

— Muito mais do que muito.

Sorrindo, ela inclina o queixo mais pra cima, me passando uma sensação de orgulho de si mesma, então declara:

— Minha parede também é muito agradável.

— Vai fazer dela a sua casa?

Vejo minha garota congelar por uns cinco segundos.

— Ela já é a minha casa.

Nos perdemos no nosso próprio mundo e a nossa bolha só é estourada quando o tom irônico e pesado de Sloan a atravessa.

— Aqui estão meus clientes favoritos, com exceção do Arkins, do Carpenter, da Henderson, da Calloway e do Dallas. — Como sempre, ela chega arrancando risadas de Hazel e Cloud assim que abre a boca para nos cumprimentar. Atacante nata. Sloan sempre arranja um jeito de dar em cima de Benjamin. — Pequeno Beckett, quanto tempo...

— Não o suficiente — meu amigo responde, alinhando os planetas do jeito que já conhecemos.

No dia que o clima entre Sloan e Benjamin mudar, o apocalipse vem aí. Meteoros cairão do céu e eu posso dizer com toda certeza do mundo que não quero nem estar vivo pra tamanho sofrimento. Não que a gente possa ter qualquer perspectiva de mudança entre esses dois. Se depender de Benjamin, ele vai morrer e reencarnar detestando Sloan pelo resto de todas suas vidas.

— Não foi isso que você quis dizer na mensagem que me mandou mais cedo.

Benjamin trava.

Mensagem?

Todos os olhares estão sobre eles.

Segundos arrastados e tensos se passam até que ele lhe responda com um:

— Mensagem? Aquela que pedi pra você parar de falar comigo, senão eu te bloquearia?

— Não é mais fácil você simplesmente bloquear a stalker sem aviso prévio? — Charles pergunta, pegando uma das garrafas de cerveja da bandeja que Sloan tem numa das mãos. — Com todo respeito, stalker. É só um questionamento genuíno.

— Ele gosta *muito* das minhas mensagens, só não quer admitir. Não é, pequeno Beckett?

Benjamin também pega uma das garrafas, tomando um grande gole e ignorando Sloan completamente.

— Sanders, você vai pro Halloween do Bruins? — minha garota pergunta, e eu não preciso escutar mais do que isso pra saber onde Cloud quer chegar.

— Não recebi nenhum convite.

— Você pode ir com a gente, se quiser... — Cloud diz, me encarando e esperando que eu fale alguma coisa.

Olho pra Benjamin, que permanece imóvel, quase como se não estivesse respirando, então eu meto o foda-se.

— Posso te arrumar um convite — digo, tranquilamente. — Vou arrumar um para o Dallas e posso te arrumar outro.

— Você não precisa ir tipo... acompanhado, nesse Halloween do Bruins?

Mais ou menos. Não é uma regra fixa, só uma sugestão que geralmente é cumprida. Nesse caso, isso não é um problema pra mim, que serei o mais bem acompanhado da noite com meu anjo ao lado. Charles também já está com Hazel. Benji, até onde sei, é o único que não vai acompanhado, fora Duke, se ele realmente for.

— Se quiser, podemos ir juntos — Duke sugere. — Não tenho certeza se vou conseguir ir, mas... enfim... é uma opção.

Por curiosidade, volto a encarar Benjamin.

É surpreendente e assustador, tudo ao mesmo tempo, notar que seu olhar está colado em Duke. E esse não é o tipo de olhar que eu desejaria ter em cima de mim, embora não seja intimidado com facilidade.

— Não sei se me sentiria bem num lugar tão cheio de garotos do Bruins por metro quadrado. — Sloan dá de ombros. — Não sou tão amigável assim com o pessoal do Bruins, por mais que eles estejam aqui o tempo todo. Esses dois chatos e o meu pequeno Beckett são as únicas exceções, mas, de resto...

— Lá não é lugar pra você, de qualquer maneira — Benjamin rebate.

— Não é? — Sloan arqueia uma das sobrancelhas, parecendo um pouco confusa. Esse tipo de reação sua é uma coisa rara. — Me conhece tão bem assim pra saber onde é ou não é lugar pra mim, pequeno Beckett?

Ele vira para fitá-la.

— Você sabe o quão bem nós nos conhecemos.

Sloan sorri.

Eles estão desafiando um ao outro? É isso?

— Eu aceito.

— Aceita? — Benjamin pergunta, arqueando a sobrancelha de volta. Imitando-a.

— O convite. — À força, Sloan me encara. — Arruma o convite pra mim, QB. Eu vou pra festinha de vocês me divertir com os garotos do Bruins.

— O tipo de diversão que você gosta, não vai estar disponível — Benjamin tenta argumentar. — Todo mundo sabe que você é filha

do treinador Sanders e, inclusive, ele andou garganteando algum tempo atrás de que ninguém deveria chegar perto de você.

— Ah, o papai agora resolveu ser gente, que fofo! — Sloan revira os olhos. — É por isso que tem tanta aversão a mim, pequeno Beckett? Olha, eu já suspeitava que você seria alguém bem adestrável, mas ter certeza de que o Sanders te adestrou é bem surpreendente. Talvez você consiga me obedecer direitinho daqui um tempo.

— Você sabe o motivo pelo qual não nos damos bem.

— Isso não te torna menos adestrado.

Silêncio.

— Vamos manter o controle, pessoal — Cloud pede. — Parece que vocês dois estão prestes a arrancar a jugular um do outro. Não é preciso tudo isso, então relaxem.

— Como se fosse possível alguém relaxar perto dessa mulher.

— Você não relaxa porque não quer, porque eu já te ofereci uma boa massagem de graça. Então isso é culpa sua, Beckett.

Sloan aponta a sua unha de quase meio metro na direção do meu amigo. Tudo bem que meio metro é um pouco de exagero, mas eu posso considerar suas unhas pontiagudas como uma espécie de arma branca.

— Minha? Como isso tudo poderia ser culpa minha? A culpa é sua, que simplesmente ainda não cansou de querer brincar comigo e não me deixa em paz.

— Quem não te conhece, que te compre, pequeno Beckett.

— Já chega com essa porra de apelido — ele reclama.

É.

Ninguém nunca vai ter um efeito tão “negativo” sobre Benjamin, além de Sloan. Charles acessa esse lado dele, mas só às vezes. Sloan é a única que faz isso repetidamente, e eu arriscaria dizer que ela faz isso só pelo fato de respirar.

— Pequeno Beckett, você não manda em mim.

— Como você é madura.

— Gostou? Tô tendo aulas com você... com as nossas mensagens...

— Beckett, dá pra me emprestar seu celular rapidinho? — Charles pede e eu quase perco tudo. — Preciso fazer uma ligação urgente e deixei o meu no dormitório.

Cloud agarra meu braço, escondendo o rosto no meu ombro. Hazel, do outro lado, ocupa a boca com um dos refrigerantes que Sloan trouxe. Charles continua cínico, Duke meio alheio, quase entediado. Eu? Eu ainda quero rir pra caralho da audácia do Carpenter.

— Vai se foder, Charles.

— O que foi? Tá escondendo alguma coisa da gente? — continua. — Então pode me emprestar o teu, stalker?

— Cla...

— Não.

Sloan e Benjamin falam respectivamente.

O olhar afiado e felino de Sloan escrutina Benjamin, que encara a garota com um quê de “me obedece”.

— Ele pifou — Sloan enuncia, calmamente. — Foi mal, Carpenter. Na próxima eu te empresto.

— Mentirosa — Charles retruca, rindo. — É oficial, galera. Nosso pequeno Beckett tá de caso com a stalker.

— Cala a boca, porra — Benji responde. — Não estamos de caso. Eu nunca teria um caso com alguém como ela, eu nunca me envolveria com alguém como ela.

Rindo, Sloan diz:

— Sei bem o seu tipo, pequeno Beckett, só não entendo por que você nunca segue o seu coração.

— *Seguir meu coração?* — Ele ri de volta, seco. — Não vai existir o dia em que eu vou deixar minha consciência e bom-senso de lado pra seguir esse tal coração. Fazer coisas por pura emoção é a desculpa mais batida dada por pessoas que fazem merda, e eu não sou esse tipo de pessoa.

— Vou preparar minha fantasia e o Bruins que me aguarde — Sloan sentencia, firme e impassível. Ela não abaixa a cabeça diante de Benjamin, ela simplesmente toma o lugar livre na nossa mesa e fica ali, numa guerra fria de olhares. — Com quem você vai? — pergunta pra ele.

— Não é da sua conta — ele rebate.

— Não quer me fazer um convite?

— Não — cospe. — Eu já tenho um par, e o meu par não é da sua conta.

— Não teria tanta certeza assim.

— Já eu tô completamente certo das minhas palavras.

— Só espero que não ultrapasse limites, pequeno Beckett.

Você é um garoto inteligente e não faria isso.

Limites?

Que limites?

Os dois têm limites?

Desde quando?

Desde a fofoca que Charles escutou?

— Você realmente acha que manda em mim, não é?

— Tenho culpa? Você gosta de ser adestrado pelos Sanders... primeiro o *papai*, agora eu... é meio que o seu destino, não acha?

— Vou te ignorar pelo seu próprio bem, Sanders, porque depois quem leva a culpa pela “grosseria” sou eu.

— Tão fofo, tão cavalheiro e respeitoso...

Benji abre a boca pra responder Sloan, mas Hazel é mais rápida.

— Sloan, vocês ainda estão fazendo aquelas batatas-fritas? A gente pode ter uma porção dela, por favor?

— Eu quero uma também! — Cloud concorda, virando pra me encarar e me dando um beliscão. — *Fala que você também quer* — sibila.

— Também quero — obedeço, segurando sua mão e tirando-a da minha costela. — *Caralho, anjo, não precisa machucar* — sibilo de volta pra ela.

É drama meu, mas nunca se sabe quando...

— *Depois dou beijinho* — sussurra.

... posso sair ganhando.

Arqueio a sobrancelha.

Beijinho?

Me aproximo dela só pra sussurrar em seu ouvido:

— *Vou te dizer onde quero o beij...*

Outro beliscão. Dessa vez dói mesmo e um grunhido quase me escapa, mas eu acabo rindo de nervoso.

— Fica quieto — Cloud comanda e eu só obedeço. De novo.

O resto da nossa noite é puro caos, e eu digo caos a ponto de Sloan e Benji brigarem de novo, Cloud e Charles se alfinetarem e depois fazerem as pazes pela décima vez no dia, e Hazel, Duke e eu apenas rirmos e observarmos eles no meio de toda loucura.

Não vou mentir: eu amo isso.

A energia caótica dos meus amigos é uma das melhores partes do meu dia.

Não os trocaria por **nada**.

43

HALLOWEEN DO BRUINS

*“E não é bem bonito pensar
que o tempo todo havia uma corda invisível
amarrando você a mim.”*

INVISIBLE STRING — Taylor Swift

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
08:28 PM
21.10.2022

— O que é isso que os meus olhos estão vendo?

Essas são as palavras que escapam do meu pai no instante em que seus olhos me fitam de baixo pra cima. Meu coração acelera no meio de toda emoção e minha barriga comprime, se

embrulhando numa bola de nervos gigante que pesa toneladas dentro de mim.

Depois de longos dias e muita expectativa, hoje é o grande dia, e com grande dia eu quero dizer: *hoje acontece o Halloween do Bruins*. Por incrível que pareça e pra contrariar todo mundo que me critica, eu realmente estou animada pra essa noite como não estive pra nenhuma festa há um longo tempo.

Sei que vai ser inesquecível.

Não me pergunte o porquê, eu só sei.

Me apresso pra alcançar o papai, observando-o desencostar do seu carro e abrir os braços pra me receber na pequena fração de segundos que nos separa.

— O que você fez com a minha empacotadinha? — pergunta, enquanto o envolvo pela cintura, sendo apertada num abraço acolhedor. Ergo o rosto para lhe fitar e nós rimos. — Você tá parecendo uma princesa, filha. Linda, linda, linda, linda...

— Pai, não é pra tanto — respondo, me afastando um pouquinho com o rosto queimando de vergonha. — Sabe do que eu tô fantasiada, né? — questiono com meu estômago dando piruetas.

— Você teve alguém pra puxar a obsessão por filmes de romance do Nicholas Sparks, né, princesa?

Seguro o riso.

Sim, a mamãe.

— Ela ainda tá assistindo Um Amor para Recordar toda semana?

— Sim, e eu tô a ponto de pedir que façam um remake só pra eu fazer o teste de Landon. Tenho todas as falas gravadas na minha cabeça. Pra você ter ideia, sei até onde ficam as vírgulas.

Rimos juntos e alto, desvencilhando-nos do abraço.

— Você daria um ótimo Landon — brinco.

— E você tá linda de...

— Não fale o nome, eu ainda não sou ela — o repreendo. — É só na festa — completo.

— Que tipo de besteira é essa, minha filha?

— O personagem — reviro os olhos —, eu vou entrar no personagem. — Meu pai balança a cabeça negativamente e eu seguro a risada. — Acha que o Ashton vai gostar?

Sim.

Eu quero sua opinião.

Na verdade, preciso dela. Do mesmo jeito que precisei da de Hazel, que passou as últimas horas repetindo sua resposta a cada cinco minutos — *que foi a mesma frequência com a qual eu lhe perguntava isso*. Ela disse que “sim, para de ser maluca”, mas eu continuo meio insegura.

— Desde quando ele não gosta de algo em você? — Arqueia uma das sobrancelhas e cinco segundos depois, rimos. Porra, eu não consigo parar de rir. É involuntário. — Isso não é pergunta que se faça para um pai ciumento, mas, é... nosso quarterback vai te achar linda, como de costume. Talvez ele desmaie quando te ver.

— Pai, sério, não exagera...

— Oi, senhor Calloway! — Hazel me interrompe, como sempre aparecendo como um furacão. E, claro, sempre atrasada. — Desculpa a demora. Passei a maior parte do tempo arrumando minha bonequinha e mal tive tempo pra me arrumar — ela me dá um abraço rápido —, podemos ir?

Ok, ok.

Admito: tive uma grande parcela de culpa no seu pequeno atraso, mas foi só dessa vez.

— São as senhoritas que mandam, eu sou apenas o chofer das duas essa noite. Aliás, vão precisar de mim pra volta? Preciso colocar um alarme no celular caso precisem.

Hazel e eu nos entreolhamos.

Sinceramente? Não coloquei minha lingerie nova e caríssima pra jogar pro meu pai ir me buscar no fim da festa.

— Charles disse que me daria uma carona... — Hazel dá de ombros.

Carona? Até onde sei, o Charles tem apenas uma moto, e ela fica na casa de sua avó., pra o centro de tratamento, o chatinho nunca mais a usou.

— E o Ash, bom, você sabe...

Meu pai não diz nada. Ele acena simples com a cabeça e destrava as portas. Entramos em silêncio. Eu no passageiro com o papai ao lado atrás do volante, e Hazel no banco de trás.

Depois de um breve silêncio e prestes a dar partida, meu pai pergunta:

— Cadê sua bolsa?

Franzo o cenho.

Não veio uma bolsa na minha fantasia e é claro que não vou usar uma. Hazel já tem a dela. Não que eu vá precisar de algo, mas caso eu precise, minha melhor amiga obviamente vai me socorrer.

— Não vou levar.

— Mas... você... — Ele pigarreia. Não estou entendendo. — Deveria se proteger, você sabe.

Hazel começa a rir.

Não, eu não...

Ah!

Entendi.

— Pai, a gente não vai ter essa conversa agora. Já falamos sobre isso muitas e muitas vezes e eu já entendi o recado, mas, sério, agora não.

— Só tô pensando como um pai que não tá pronto pra ter um neto, mas que se tiver, tudo bem, eu vou mimar muito o meu netinho.

— Meu Deus, pai, é sério. Eu nem namoro. Só tô indo pra me divertir com meus amigos e... só.

Tudo bem que eu estou mentindo, mas não sou irresponsável.

Por isso que nunca vi graça em transar antes. Não é só pelo momento, precisa ser com alguém especial e que eu confie.

— Tio, ela é realmente a pessoa mais sozinha que você poderia conhecer. — Consigo perceber o tom de ironia de Hazel. — Mas não se preocupa, eu vou cuidar bem da C, e também tem o Ash — pronto! —, ele com certeza não vai tirar os olhos da nossa garota essa noite.

Meu pai já tem suas desconfianças a respeito do meu melhor amigo, aí vem a Hazel e termina de jogar a última pá de areia em cima da minha cova.

— E é com ele mesmo que eu tô preocupado.

— Você diz isso e ama o garoto — aponto, enquanto meu pai dá partida, saindo da sua vaga e entrando aos poucos na pista do circuito pelo campus. — Não dá pra entender, sinceramente.

— Ele é como um sobrinho pra mim.

— Ai, que nojo, pai! — reclamo.

Não. Ele não é como um sobrinho pro meu pai. Ele não é como um primo pra mim. Eca. Apenas... eca.

— Por que diabos você imaginou algo com ele? — questiona.

Hazel ri cada vez mais alto.

— Eu não imaginei nada! — exclamo.

— Imaginou sim — retruca, fazendo um bico enorme com a boca.

— Se eu imaginei qualquer coisa, a culpa é sua que fica insinuando besteiras sobre o Ash e eu.

— Dá pra resumir e chamar eles logo de *Cash*, tio — Hazel comenta, soando inocente, mas ela não está nada inocente em suas intenções.

— *Cash*? Por que *Cash*?

— É o nome de shipper deles dois que eu inventei. Não é genial?

— E o que é um shipper?

Me abstenho de comentar qualquer coisa — *um pouco aliviada* — na conversa entre os dois, e deixo que Hazel explique pro meu pai o que seria um shipper.



LOS ANGELES, CA
FRATERNIDADE ALPHA GAMMA OMEGA
08:48 PM

— Se precisarem de carona de volta...

— A gente já disse que não precisa, pai! — eu o corto, apoiada na janela do banco do passageiro já do lado de fora junto com minha melhor amiga.

— *Mas se...*

— Os garotos estão aqui, então tá tudo sob controle. Não se preocupa. Eles sempre cuidam da gente.

Com um longo suspiro e sendo tão dramático quanto os filmes do meu querido Nicholas Sparks, meu pai finalmente concorda com um aceno.

— Se cuidem — diz.

— Pode deixar, tio Calloway.

Meu pai solta uma risada pela resposta de Hazel. Eu também.

— Juízo, filha. Papai te ama.

— Eu te amo mais, pai, e você sabe que tenho juízo pra dar e vender.

— Assim espero — zomba.

— Eles estão vindo, eles estão vindo! — Hazel exclama e meu corpo endurece.

Assisto meu pai olhar para além de mim e rir novamente. Ele balança a cabeça em negativa, como se estivesse incrédulo com o que vê. Isso me dá um pouco de menos coragem pra virar naquela direção.

Papai buzina, provavelmente para os garotos, e sopra um beijo pra mim. Me afasto do carro pra ele enfim ir embora, lhe encarando uma última vez. Respiro fundo, fechando os olhos e contando de um até dez, ainda criando coragem pra me virar para eles.

E eu sei que são eles, que é ele.

A minha pele queima, principalmente a parte nua da minha nuca. Sei que estou sendo observada. A força e intensidade do seu olhar são coisas inconfundíveis pra mim.

Nada mais é frio. Tudo é quente.

A voz de Charles é a primeira a quebrar o som longe e abafado da música que escapa da mansão *Alpha Gamma Omega* dos jogadores do Bruins. Visto minha capa de corajosa, enchendo os pulmões de ar enquanto me viro na direção da porta de entrada.

Para minha surpresa, eles já estão próximos.

Próximos demais.

Ashton está parado a pouquíssimos pés de mim, me encarando com uma expressão engraçada de assombro.

Dou um passo incerto pra fechar ainda mais aquela pequena distância entre nós, mas só um não é o suficiente, e está tudo bem, porque aproveito pra quase derreter numa poça ao reconhecer a sua roupa, a sua fantasia.

O sapato preto em seus pés reluz de tanto que brilha. Sua calça acinzentada não é tão folgada quanto a do personagem, mas também não é tão justa ao ponto de ficar desconfortável. Ele parece perfeito pra caralho na peça, marcando todos os lugares certos e que me fazem querer colocar a mão sobre si imediatamente.

O que me deixa nervosa, são as mangas da sua camisa social branca praticamente transparente arregaçadas em seus antebraços tatuados. Cada detalhe é de tirar o fôlego. Os três botões abertos mostrando o topo do seu peitoral com minha tatuagem favorita é de matar. Não existe outra palavra. E como se nada disso fosse suficiente, Ashton está com o cabelo arrumado minuciosamente,

provavelmente com gel pra não sair do lugar, como um verdadeiro personagem de filme de época, com o topete e tudo.

Daria qualquer coisa pra abrir mais botões da sua camisa e bagunçar cada fio do seu cabelo, e meio que tenho certeza de que ele compartilha o mesmo sentimento que eu estou sentindo.

Meu Noah Calhoun.

Meu pedaço de Diário de uma Paixão no mundo real.

Em carne, osso e sorrisos.

Porque é isso que Ashton faz.

Ele sorri pra mim de um jeito tão lindo, que sinto uma imensa vontade de jogar tudo pro alto e cometer grandes loucuras em nosso nome para quem tiver olhos, ver.

— *Inacreditável* — murmura, dando mais um passo até mim.
— Se tivéssemos combinado cada detalhe, isso nunca teria dado certo.

É bem provável que não.

Foi isso que Hazel ficou repetindo pra mim enquanto me ajudava com o cabelo, maquiagem e pormenores. Aliás, se não fosse por minha melhor amiga, eu estaria aqui parecendo um verdadeiro desastre, mas Hazel se certificou de que eu estaria perfeita, e é assim que me sinto.

Meu coque está fio a fio em seu devido lugar.

O vestido azul, com detalhes brancos, de botões, corre até o topo do meu joelho, caindo no meu corpo como se tivesse sido feito sob medida pra mim, enquanto os saltos que consegui com Hazel me deixam centímetros mais alta, mas com um conforto que parecia ser impossível de existir em algo tão alto assim.

O restante são apenas detalhes, mas eles também importam. Como por exemplo: as luvas prateadas que também vieram na fantasia, o colar e brincos de pérolas que passei a semana inteira implorando para que minha mãe me deixasse usar, e até mesmo o batom vermelho que passei especialmente para *e/e*.

Allie Hamilton.

Pela primeira vez, me fantasiei da minha personagem favorita, da minha Allie. E o meu Noah Calhoun da vida real parece ter amado isso muito mais do que eu.

Ao menos é o que seus olhos me dizem.

Seremos o casal de Diário de uma Paixão por uma noite, e agora eu só consigo desejar que ela nunca acabe.

É engraçado como uma piada.

Tosco e idiota como apenas o destino poderia ser.

É um absurdo nossas fantasias combinarem com o mínimo de planejamento.

“Escolha algo que combine comigo.”

Isso e nada mais.

No fim das contas, era pra ser. Como toda nossa vida. Como todos os caminhos que escolhemos trilhar até aqui. Se fosse diferente, provavelmente não seríamos nós aqui, juntos, inseparáveis e... quer saber? *Apaixonados*.

Achei que nunca conseguiria admitir isso, já que isso sempre soou como loucura na minha cabeça. Quando os primeiro indícios vieram, logo abafei isso dentro de mim.

A linha entre nossa amizade e algo a mais não deveria existir.

Foi disso que me convenci por quase toda minha vida.

Mas isso não a tornou menos real.

Não era uma simples linha, algo fino, estreito, tênue.

Ela sempre esteve ali, larga, chamativa, difícil de ignorar.

É uma sandice, mas é o que é.

Olhar pro meu melhor amigo nesse exato momento só me dá uma certeza na vida: eu estou perdidamente apaixonada por ele.

Caí há muito tempo, mas só reconheci e aceitei agora.

Foi Rápido. Duro. Impactante.

Mas foi por ele, pelo meu melhor amigo, pela pessoa que mais confio no mundo e que sei que é incapaz de me fazer qualquer mal.

Ele é o único possível.

O único que poderia existir pra mim. Só pra mim. Feito sob medida. Feito para encaixar perfeitamente nos meus beijos e abraços. Só Ashton Arkins, só o meu quarterback.

Com os pensamentos acelerados demais e, enfim, minha aceitação, sinto um bolo se formar na minha garganta, pesando toneladas em minhas cordas vocais.

— Você é real? — pergunta, piscando demoradamente como se estivesse tentando acordar de um sonho.

— Você é? — retruco, compartilhando do mesmo sentimento.

Nós nos encaramos sem pressa.

Sigo esquadrinho seus pequenos detalhes, e quanto mais o encaro, mais acho que até mesmo o Noah Calhoun não teria uma chance comigo se ele fosse “real”.

Ele não seria Ashton, e é só o meu melhor amigo que me interessa.

Mordiscando meu lábio inferior, olho de relance pra Hazel e Charles, constatando um fato meio óbvio: minha fantasia e de Ashton são comuns pra caralho.

Não tem nada que diga de cara *“uau!, é uma fantasia”*.

Você precisa ser um fã do filme pra entender que nós estamos vestidos dos personagens principais do romance, e ninguém é tão fã desse filme quanto eu, mas acho que subestimei demais Ashton.

Saber que ele olhou essas roupas e lembrou imediatamente dos personagens deixa meu coração bem pequenininho.

— Definitivamente minha Allie Hamilton.

— Definitivamente meu Noah Calhoun.

— Em carne e osso, senhorita. — O jogador se curva numa reverência para mim.

— E vestimenta também — aponto o mais chocante. — Não consigo acreditar que nós conseguimos combinar.

— Você me disse para escolher o que me lembrasse você, e, apesar de ter visto uma fantasia de anjo — ri —, não tem nada que me lembre mais você do que Diário de uma Paixão. — Balanço pra frente e pra trás, ansiosa. — Acha mesmo que eu deixaria passar a chance de ser o seu Noah por uma noite?

Sorrio, sentindo lágrimas inundando meus olhos, mas eu me recuso deixá-las cair porque vai borrar a maldita maquiagem que eu demorei horas fazendo com Hazel.

— Acha mesmo que você vai ser meu Noah só por uma noite?

Sorrindo de volta e arqueando uma das sobrancelhas, Ashton retruca:

— E não vou ser?

— Você tem sido meu Noah há anos.

— Ah — murmura. Ashton dá um passo na minha direção. — Agora você quer admitir as coisas, né?

— Eu não deveria?

Outro passo.

— Deveria, meu anjo. Deveria ter admito há muito tempo.

— Antes tarde do que nunca.

— Esse é o meu lema — concorda. — Mas agora que é tarde, a gente pode pelo menos aproveitar o tempo perdido.

— Acha mesmo que foi perdido?

Ashton agarra minha mão direita. A luva não deixa nosso contato ser direto, pele a pele, mas eu consigo senti-lo me aquecer aos pouquinhos, espalhando uma onda de calor gigante da minha mão pro resto do meu corpo.

— Nenhum tempo que passo com você é perdido — responde.

— Foi só modo de falar, meu anjo. Não tem nada que eu me arrependa de ter vivido com você, somente coisas que eu gostaria de ter vivido muito mais... e, claro, outras que ainda quero viver pela primeira vez.

— Não é tarde pra isso — digo, porque por mais bobo que seja, é o que sinto.

Não tenho arrependimentos a respeito de Ashton, somente essa vontade de viver mais e mais com ele. Coisas velhas sendo refeitas, coisas novas sendo descobertas, e por aí vai. Mas é *sempre* com ele.

— Vamos entrar? — pergunta e eu balanço minha cabeça em positivo imediatamente. Ashton solta minha mão, mas não antes de me puxar pra fechar a distância entre a gente e começar a me guiar pela cintura. — Não vai acreditar na merda que Benjamin fez — comenta, depositando um beijo na lateral da minha cabeça.

— Ei, emburradinha — Charles me chama, esperando Ash e eu nos aproximarmos mais dele e de Hazel. Arqueio uma

sobancelha em desafio. Se ele fizer qualquer comentário desagradável, eu juro que... — Você tá bonitona.

Bonitona?

Viro pra Ashton só por curiosidade e ele ri.

— O Charles tá sendo suspeito — murmuro.

— Ele disse que faria um acordo de trégua com você essa noite. Só vai na onda...

Tudo bem, eu consigo ir na onda pela minha própria paz.

Ter Charles como aliado é melhor do que como inimigo.

— Você tá bonito também.

— Resolveram virar gente? — Hazzie pergunta, provocando Charles e eu, mas eu não caio na dela.

Na verdade, não vou cair na de ninguém.

Com Ashton ao meu lado essa noite, me sinto nada mais, nada menos, do que intocável, inatingível e inabalável.

— Qual foi mesmo a merda que Benjamin fez?

Mudo de assunto assim que alcançamos o outro casal.

— Foi tão grande, que por um momento eu me peguei pensando “será que ele tá fantasiado de mim?” — Charles responde, tirando uma risada nossa.

Ainda bem que ele é consciente.

— É tão ruim assim? — Hazzie retruca.

— Vocês precisam ver com os próprios olhos.

Tudo bem, agora eu estou curiosa.

Benjamin Beckett fazendo merda?

Essa é nova.

Espero que ele não tenha levado o Halloween muito a sério e tenha, de fato, se fantasiado de Charles Carpenter. Seria uma pena

me decepcionar com o cara mais certinho do meu trio.



44

DANÇA COMIGO?

*“Moletons e vinho tinto, filmes pra dois.
Vamos tirar nossos celulares e desligar nossos sapatos.
Vamos jogar Nintendo, mesmo que eu sempre perca.
Porque você olha pra TV, enquanto eu olho pra você.
Não tem muita gente para quem eu honestamente diria
que não me importo em perder,
mas não tem nada como não fazer nada com você.”*

NOTHING — Bruno Major

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
FRATERNIDADE ALPHA GAMMA OMEGA
08:55 PM

Nem fodendo.

“Nem fodendo” é a expressão mais assertiva que poderia se aproximar da forma que eu me sinto ao encarar a cena que está acontecendo diante dos meus olhos. É só isso. *Nem fodendo*. E eu sei que essa é a mesma coisa que se passa na cabeça de Cloud só ao trocar minha atenção para sua expressão fechada e olhos meio arregalados.

Durante o percurso até os fundos da mansão — *e depois de quase ter um surto mental com a beleza da minha Cloud Calloway* —, Charles e eu repetimos para nossas garotas que elas não entenderiam se nós simplesmente contássemos ou explicássemos com palavras o que estava acontecendo.

É incompreensível até mesmo pra gente.

Não faço ideia de onde saiu isso, essa junção, mas ela meio que existe de uma forma bizarríssima, e é de cara com isso que Cloud e Hazel dão, ficando imóveis e embasbacadas.

— *Nem fodendo* — minha garota sussurra.

Eu disse que era isso que ela estava pensando.

Minha risada sai de um jeito nervoso. Posiciono-me atrás do seu corpo enquanto seu perfume me envolve e acalma. Ao menos isso, ao menos ela vai conseguir fazer isso comigo.

— É o que tô pensando desde que Charles e eu encontramos Benji aqui.

O problema, no geral, não é a sua fantasia, porque o visual parece ser algo limpo e correto. A ironia fica no que realmente significa a “figura” escolhida por Benji.

Eros, que, na mitologia grega, era o deus do amor, paixão e erotismo. E meu amigo é virgem. Não preciso dizer quantas vezes

Charles já tirou com sua cara e nós rimos juntos, mas Benji sequer se irritou. Até mesmo ele, riu.

O problema é sua companhia.

Não tenho nada realmente contra, mas também não tenho nada a favor.

— Sloan já chegou com Duke? — Hazel pergunta.

Aparentemente o garoto vem mesmo.

— Não — digo. — Nenhum sinal deles por aqui.

— Meu Deus, que raiva do caralho — Cloud resmunga com os dentes cerrados. — Ele ficou maluco? — pergunta, virando o rosto com uma expressão enfurecida pra me encarar. — Isso definitivamente tem muito a ver com a Sloan, mas, tirando esse lance que a gente não sabe se existe ou não entre os dois, o Benji sabe que essa garota não gosta da gente. Ainda teve o negócio com as líderes de torcida no teste da Hazzie...

— Ela não tava no meio, C — sua melhor amiga explica, encolhendo os ombros. — E já passou.

— Tem certeza de que ela não tava no meio, ginger? — Charles indaga, visivelmente interessado e puto por antecendência. Bom, todos nós ficamos. — Você sabe que pode confiar em mim pra te proteger.

— Eu sei, mas é sério, já passou e juro que a Olsen não tava no meio. — Dá de ombros. — Isso a torna menos detestável? Não, e tanto faz, mas ela não tava no dia do meu teste.

— Como você bem disse, Hazzie, isso não a torna menos detestável e eu realmente a detesto — Cloud pontua, encarando a ruiva. — Não quero ficar perto dela, de verdade. — Me fita

novamente. — Não quero que a Olsen estrague a nossa noite pelos próprios caprichos dela.

— Ela não vai estragar, anjo — garanto, irritado pela Olsen ter causado tudo isso em Cloud, mas certo de que nada vai conseguir nos abalar.

Eu não vou deixar.

— Vamos lá? — Charles chama. — Não vou abandonar meu pequeno Beckett no meio da guerra, fora que eu quero estar de camarote pra ver a cara da Sloan quando ela chegar e olhar a Olsen agarrada no braço do anjinho dela, ou seria deusinho agora?

— Ele tá fantasiado de quê mesmo? — Hazel pergunta, enquanto eles avançam na minha frente.

— Eros.

Nós quatro rimos depois de dois segundos.

A pausa foi certa.

— Só pode ser piada — Cloud resmunga, perdendo a risada no meio de sua irritação. — Mas, sério, ele ficou maluco? — pergunta pra mim, ao mesmo passo que vou nos guiando com calma até o “casal”.

Eu estou tão confuso quanto qualquer outra pessoa.

— Confesso que não tô entendendo porra nenhuma também. Benjamin nunca passou mais de cinco dois minutos conversando com a Olsen, então essa é uma pergunta muito difícil de ser respondida...

— Bom, que se foda se ele quer ser mais um na lista daquela garota, como você também foi — engulo em seco —, mas se ela vier de gracinha, não vou responder mentalmente pelos meus atos,

apenas psicologicamente. — Bufo. — De onde ele tirou que seria uma boa ideia ficar com a Olsen? Do cu?

— Isso é problema dele, meu anjo. Relaxa. — Estamos quase lá. — Não tenho olhos pra ninguém além de você, nunca tive, então relaxa. Essa noite é sobre nós dois, minha Allie. Não deixe meu melhor amigo e a garota com quem ele está, estragar nosso clima.

— Só tô irritada por ser ela e porque eu podia jurar de pés juntos até cinco minutos atrás que Benjamin era o único com juízo do nosso grupo. — Suspira. — Olha que surpresa amarga acabei de ter: ele deve ser o mais maluco de todos nós, passando por cima até do Charlie.

— Eu ouvi isso, emburradinha! Não esquece da nossa trégua, viu? — Charles retruca da nossa frente.

Ouvido biônico.

Só pode.

— Aposto que é pra irritar a stalker — falo pra Cloud.

De soslaio, a vejo revirar os olhos.

— Homens sendo homens. O que mais esperar de vocês?

— Ei! — reclamo.

— Você não pode reclamar de nada.

— Eu sou perfeito — rebato com a minha razão. — Vai dizer mesmo o contrário? — Cloud fica quieta. — *Boa garota* — murmuro no seu ouvido, dando um beijo atrás da sua orelha.

— Fica quieto — sussurra de volta.

Paramos perto de Benji, que está calado enquanto Olivia fala sobre um incidente que teve com uma líder de torcida no nosso último jogo. Ele parece genuinamente entediado, quase me fazendo

dar risada da sua cara, mas eu não quero parecer estranho, então fico tão calado quanto meu melhor amigo está.

— Oi, Benji. — Hazel quebra o silêncio entre nós quando a loira lentamente para de falar. — Olivia — a cumprimenta também.

— Oi, Hazzie. Você tá linda — Olivia elogia Hazel e Cloud se remexe imediatamente contra mim. Passo meus braços pela parte baixa da sua cintura, a mantendo o mais perto possível. Fico encarando os pequenos detalhes da minha garota até ser interrompido pela loira. — Oi, quarterback, como você tá?

Cloud coloca as mãos sobre as minhas, apertando.

— Bem, Olivia. Muito bem.

Ela sorri e eu desvio imediatamente.

— E você, Calloway?

— Muito bem — Cloud repete o mesmo que eu, mas de um jeito mais curto e grosso.

Não posso julgá-la por ficar na defensiva.

Se minha mulher está de um lado, eu obviamente estou no mesmo que ela.

— Vocês tão combinando também? — Benji pergunta, apontando pra mim e pra minha garota.

— Coisa do destino — comento, fazendo Hazel rir com Charles. Cloud continua com a mesa pose, então eu beijo sua mandíbula, falando: — Conta pra ele, meu anjo.

— Foi exatamente isso — a morena concorda. — Quando as coisas têm que acontecer, elas acontecem. Coisa do destino. — Cloud pigarreia, limpando a garganta. — Aliás, você já viu a Sloan por aqui?

Benji finge não se abalar nem um pouco com a pequena menção a Sanders, mas com nosso grau de amizade e intimidade, sei exatamente quando ele começa a mentir, seja com palavras, ações ou reações.

— Nenhum sinal dela — responde, dando de ombros. — Provavelmente não vem.

Ah, eu não teria tanta certeza disso.

Uma movimentação lateral chama minha atenção.

Olho de relance, tentando voltar minha atenção para os meus amigos de imediato, mas não dá. Simplesmente congelo.

Não, não pode ser.

Caminhando lado a lado com o Dallas, Sloan Sanders avança na nossa direção em passos largos e decididos. O seu olhar? Diria que é quase uma sentença de morte, e essa sentença está assinada na cabeça do meu melhor amigo.

Mas nada disso é o que mais chama a atenção.

— Ela chegou — murmuro pra Cloud, que se vira na mesma batida.

— Meu Deus, ela está vestida de...

Sua voz some.

Deus que me perdoe. Parece até mesmo errado pensar no que meus olhos veem, mas é mesmo real.

— Freira? — Charles solta.

É, Sloan está vestida de freira.

Seja isso cômico ou não, seja isso desrespeitoso ou não, é com essa fantasia que ela veio pro Halloween do Bruins. Estava esperando qualquer coisa dela, menos isso. Bruxa, feiticeira, gótica, emo... literalmente tudo, menos uma freira.

Me volto pra Cloud, observando a sua expressão facial mais divertida e relaxada.

Eu diria mesmo que a diversão começou.

— Caramba, você tá... linda. E assustadora — Cloud elogia Sloan assim que ela entra na nossa roda com Duke. — E você parece pronto pra entrar em campo, Dallas.

Seu amigo está vestido de jogador de futebol americano.

E, falando nisso, ainda precisamos colocar pra frente a ideia de pescá-lo pro Bruins como *running back*.

— Gostou, anjinho? — Sanders pergunta pra Cloud, ou talvez seja pra Benji, já que ela não consegue desgrudar os olhos do meu melhor amigo. — Ouvi falar que garotos bons gostam das santinhas, então eu resolvi vestir minha fantasia de freira. Se alguém quiser me acompanhar pra uma missa, é muito bem-vindo.

— É estranho me sentir hipnotizada por ela? — minha garota pergunta baixinho pra mim.

Bufo.

— Claro que é — retruco, sentindo uma pequena ponta de ciúmes. — Você é minha, meu anjo. Esqueceu?

Ela me encara sobre os ombros.

Olhos castanhos brilhantes, lábios sorridentes.

— Impossível esquecer a melhor parte de mim.

Cloud me dá uma piscadela e eu a aperto contra meu peitoral, quase perdendo a linha com sua resposta e sua atitude... e, porra, com o jeito que ela está linda vestida de Allie.

Pra mim, a noite perfeita acabaria com nós dois fodendo o juízo um do outro, mas eu não vou me dar falsas esperanças.

— Você é corajoso mesmo, pequeno Beckett — Sloan fala, alto, fazendo-me voltar minha atenção para ela. A garota já está perto de Benjamin e Olivia. Muito, muito perto. Mesmo. — E você, Olsen, não sabe onde tá se metendo.

— É você que não sabe — Olivia responde.

Se olhar matasse, a loira já estaria estirada no chão há muito tempo.

— Vai ser assim? — Sloan se volta de novo pra Benji.

— Não sei do que você tá falando — ele responde, fingindo desinteresse e tédio. — Espero que não fique nos incomodando a noite toda.

— Incomodando... — ela repete, rindo segundos mais tarde. — Pode ficar tranquilo, pequeno Beckett. Não vou incomodar você. Se divirta com a pior espécie de ser humano que já pisou na Terra.

— Tá falando de mim? Tô bem aqui, Sanders, não precisa ficar...

— Cala a boca, Olsen. Você enche a porra do meu saco sempre que resolve abrir a boca pra falar comigo.

E a Olsen fica calada.

O clima muda, pesa, acaba.

— Alguém quer uma cerveja? — Charles pergunta.

Porra, obrigado. A gente precisava disso.

— Eu quero — Sloan concorda, se virando pra gente com um sorriso largo e puxando Duke pelo braço. — Vamos entrar? Quero conhecer a mansão dos garotos riquinhos do Bruins. Quem sabe eu consiga achar alguém que queira me sustentar...

Nós rimos, mas ainda está tudo meio pesado e sem graça... e eu fico ainda mais sem graça quando vejo Benjamin fuzilando Sloan

com o olhar.

Ele deveria se decidir: *ou fode, ou sai de cima*.

Ficar vidrado na Sloan, com a Olsen ao seu lado, não me parece ser a coisa mais inteligente a se fazer, principalmente levando em consideração que as duas têm problemas uma com a outra.

— Golpe da barriga ou da carteira, Sanders? — Charles a provoca. — Pensei que o The Cave dava retorno.

— E dá, mas não existe nada melhor do que ser sustentada por machos idiotas com síndrome de homens alfa.

— *Eu conheço um...* — o outro cantarola.

Todos nós olhamos pra Benjamin, mas ninguém fala uma palavra.

— Quero uma Sprite. — É a vez de Cloud quebrar o silêncio. — Você vai beber? — ela me pergunta.

— Infelizmente não, porque vou dirigir, mas se você quiser, pode beber, anjo.

— Eu não quero — diz, aparentemente segura de sua decisão.

— Pior que eu tô de moto e não posso beber também — Charles reclama. — Segurança da ginger em primeiro lugar.

— Qual é a graça dessa festa, então? — Sloan reclama. — Se ninguém vai beber, eu vou ter que beber por todos nós.

— Você vai acabar em coma alcóolico assim — Hazel aponta sabiamente. É verdade. Se Sloan for beber pra compensar todos nós, ela vai ficar bêbada pra caralho. Coma alcóolico já é uma realidade. — É melhor... manter o controle.

— É por isso que ele te tinha como modelo, né, ginger? — Sloan comenta quase reflexiva. Olho pra Benji de novo, que ainda

não desviou dela. — Dallas, você vai me abandonar nessa?

— Eu não bebo — Duke responde.

— Ah, vai todo mundo se foder — ela reclama, soltando o Dallas e saindo em marcha pra dentro da mansão. — Vou beber por todo mundo e em uma hora estarei rezando pelas almas dos perdidos presentes nessa festa. E meu primeiro foco de oração vai ser você — vira pra gente —, pequeno Beckett.

Nós travamos. Charles tosse, tentando esconder sua risada, mas é impossível. A cena já é engraçada por si só, por isso, nós apenas... rimos.

— Ela é muito maluca, mas eu adoro — Cloud confessa pra mim, sorridente.

— E tem como não gostar da stalker? — rebato.

— Melhor a gente ir atrás dela logo — Charles comenta, atraindo nossa atenção para si. — Prevenção de danos.

Isso. É exatamente isso. *Danos*. Sloan está pronta pra causar danos, mas eu não quero me preocupar com isso. Tudo que me importa está em meus braços.

— Quer mesmo a Sprite, anjo? — pergunto, ganhando sua atenção.

— Sim, por favor.

— Então vamos, minha Allie Hamilton.

Me afasto, lhe oferecendo minha mão e ganhando dela uma risada alta e gostosa, junto de dedos entrelaçados.



Cloud vai acabar me deixando louco.

Estar tão consciente da sua beleza é insuportável quando não posso fazer absolutamente nada na frente de todos.

Minha vontade de lhe beijar está quase me fazendo enlouquecer e isso não é brincadeira, é literalmente tortura psicológica. Quanto mais esmiuço seus pequenos detalhes, mais eu quero guardar cada um deles num cantinho seguro, dentro minha cabeça fodida pra nunca esquecer.

Subo meu copo de suco de limão até a boca, me obrigando a desviar de Cloud para olhar ao nosso redor.

É isso ou não vou resistir.

A festa está indo bem. Apesar de Benjamin e Olivia não estarem perto da gente por escolha própria, estamos nos divertindo. A verdade é que um lugar onde Charles e Sloan estão juntos no mesmo ambiente, provocando e irritando todos ao redor, nunca vai ser calmo ou tedioso.

Eles perturbam tudo e todos. Diria que até a própria sombra. O último da vez foi eu. Acostumado a levar as coisas na esportiva, sequer me irritei. Depois disso voltei pro meu mundo e de Cloud, não saindo de dentro dele desde então, mas agora sendo obrigado a desviar meu olhar pra não parecer tão obcecado.

— Vou dar uma volta por aí — Sloan sentencia, levantando-se e balançando pra lá e pra cá.

— Não é melhor ficar aqui com a gente? — Hazel pergunta com o olhar cheio de preocupação.

— Você já tá bêbada, Sanders. É hora de parar — Duke a repreende de um jeito mais direto. É o que eu estava prestes a fazer. — Fica aqui, é melhor pra você.

— Tá achando que é quem? Nem meu papai manda em mim, Dallas. — A stalker ri, revirando os olhos e puxando seu copo de bebida de cima da mesa. — Hora de conhecer o time — finaliza, se afastando de nós tão rápido que ninguém consegue reagir.

— Ela vai dar problema — Cloud comenta, puxando minha atenção para si. — É melhor a gente ficar de olho...

— A stalker é doida, mas nem tanto — Charles rebate. — Ela sabe se cuidar, e, de qualquer forma — aponta pro lado oposto do salão, onde Benjamin está parado com a atenção inteira nela —, a garota tem uma águia de caça vigiando seus passos. O pequeno virgem vestido de Eros tá pronto pra agir no mesmo instante em que tocarem a Sanders.

— Eles se merecem — Dallas resmunga e nós o encaramos. — O quê? É só a verdade.

— Tá sabendo de alguma coisa que a gente não sabe, Duke? — Hazel pergunta. — Sempre compartilhamos as fofocas com você. É seu dever fazer o mesmo. Isso se chama reciprocidade.

Cloud ri.

Elas ficam fofocando mesmo com ele?

Onde eu entro nessa história?

Por que minha garota não fofoca comigo?

Deslizo minha mão por sua perna, puxando-a pra mim.

— Não sei de nada, só tô falando minha opinião — esclarece.

— Deixa eles se resolverem — Charles rebate, ficando de pé.
— Agora vamos nos divertir, porque eu não vim pra essa porra pra ficar sentado.

— Nem eu — fico de pé, encarando Cloud —, vamos lá, anjo?
A morena faz uma careta, mas acaba cedendo.

— Tem uma cabine de fotos perto da cozinha. Alguém quer ir?
Cloud e Hazel se animam imediatamente. Duke e eu damos de ombros, não nos opondo à ideia, mas... enfim, cedemos. É o que nos resta.

Pelo menos uma recordação dessa noite.

É uma pena que Benjamin meio que se perdeu no caminho e Sloan está ocupada demais com álcool e o restante do time.



Senti falta de noites divertidas como essa.

Apesar de termos um jogo importante no domingo e de hoje já ser sexta-feira, nada parece ser capaz de nos abalar, e, de fato, não abala.

Depois de conseguirmos uma mesa cheia de *McDonald's* patrocinado por Charles e experimentarmos uma boa dezena de bebidas diferentes — e *não alcóolicas* —, finalmente nos demos por satisfeitos e voltamos para uma das poucas e únicas mesas disponíveis dentro da mansão.

Charles, Hazel e Duke estão em algum lugar que eu não faço ideia onde seja. Os dois se ofereceram pra levar Duke pro lado de fora por causa do barulho e até agora não voltaram pra cá.

Eles sabem se cuidar.

Eu, por outro lado, estou de olho em Cloud, que parece muito entretida vendo as pessoas irem, virem, dançarem, se pegarem e o caralho a quatro.

— Momento dos apaixonados! — Um dos cara do time exclama pelo microfone do DJ, me fazendo mudar a atenção pra ver o que está acontecendo. — Só os pombinhos na pista, galera. Só os pombinhos.

Minha cabeça vira no automático para Cloud. Seus olhos dizem “não podemos”, mas eu não me deixo guiar por eles. Reconheço os primeiros acordes da música, lembrando de alguns dias atrás, quando eu a escutei e enviei pra Cloud.

Essa se tornou uma favorita desde que a minha garota ouviu e disse que parecia muito com a gente.

É a porra da nossa cara.

— Essa música... — murmuro, não conseguindo evitar meu sorrisinho de lado.

— Eu lembro — reconhece, sorrindo de volta. — Mas... são só casais, só pombinhos.

Cloud olha ao redor.

— E nós somos um — rebato.

Ela morde o lábio inferior, atraindo toda minha atenção até ele. Vermelho lhe cai tão bem.

— Você lembra mesmo da música?

— Não consigo esquecer nada relacionado a você.

— Realmente espera que eu não te chame pra dançar comigo soando tão romântica assim?

— Sempre te tratei com carinho — ralha de volta, se defendendo.

— Admito: você sempre foi carinhosa, mas não romântica. — Cloud revira os olhos, me deixando notar, mesmo no escuro, o rubor que toma conta de suas bochechas. — Dança comigo, meu anjo?

A sombra persistente de insegurança perpassa seus olhos por alguns segundos até ela se levantar, pigarreando alto e alisando o vestido azul bonito.

Levanto-me na mesma batida, lhe oferecendo a minha mão e respirando aliviado por ela não pensar duas vezes antes de encaixar a sua sobre a minha. Caminhamos lado a lado até a pista improvisada onde poucos se arriscaram a entrar. Mas... Cloud e eu sim, nós estamos aqui.

A música está perto de passar da primeira repetição do refrão quando eu passo os dois braços por sua cintura e ela descansa as mãos no meu peitoral. Não piscamos, não desviamos e eu acho que sequer respiramos.

Ela é o centro de tudo, a razão de tudo.

Meu dia ensolarado e nublado.

Nuvens limpas e carregadas.

Balançamos devagar, nos transformando nos acordes e melodia. Nos transcrevemos nas estrofes, sorrindo de lado um para o outro. A harmonia é tão grande que me assusta, mas ela é apenas mais uma prova do que somos e do que sentimos.

— *Conversas idiotas, nós perdemos noção do tempo...* — cantarolo por cima da voz do cantor, sem a menor vergonha de

desafinar ou soar como um idiota. — *Eu te contei recentemente que sou grato por você ser minha?*

Seu sorriso se estica.

— *Vamos assistir Diário de uma Paixão pela décima sétima vez* — Cloud cantarola de volta e nós rimos, porque isso é a gente pra caralho.

— *Eu vou dizer que é idiota, então você vai me pegar chorando...* — retruco. Não tem mais volta pra ela. Tenho certeza de que Cloud está apaixonada por mim. — Quando brigamos, eu realmente chorei — confesso, tentando não pensar muito.

— Oh, quem diria que você choraria por causa de Diário de uma Paixão — ela brinca.

— Foi por sua causa, Allie Hamilton.

Me sinto um toco.

Idiota, bobo, toco. Apaixonado. Até mesmo frouxo. Frouxo por não conseguir parar de rir.

— Noah Calhoun... — murmura, baixo, arrastado.

É quase um gemido.

Ao mesmo tempo que gostei, eu também odiei.

— Porra, não, meu anjo — reclamo, mais idiota, bobo e toco do que nunca. — É melhor sairmos do personagem.

— É? — Ela franze o cenho, mas de inocente Cloud não tem nada. — Isso é ciúmes?

— Sim — confidencio. — Se for pra você ronronar como uma gata, vai ter que ser o meu nome. — Pauso. — Quero ouvir apenas o meu nome saindo da sua boca hoje, Calloway.

Ela morde de novo o lábio inferior.

— Você provavelmente tem ciúmes até da minha sombra, não é, Arkins?

— Você fala como se eu fosse o único ciumento dessa relação. Relação.

O som disso me agrada.

A consciência de realmente estarmos numa relação é mais doce do que um dia eu poderia imaginar que seria.

— Nunca fui ciumenta — mente descaradamente.

Ah, é assim então?

— Posso te lembrar daquela ligação em que v...

— Calado! — me corta, abaixando a cabeça pra fugir dos meus olhares. — Não vamos tocar nesse assunto, esse acontecimento foi vergonhoso.

— Pelo menos eu tive a melhor certeza da minha vida — retruco.

— Certeza? — pergunta, ainda meio que escondida.

— Olha pra mim — peço. A contragosto, Cloud me atende. — Certeza de que você tá caidinha por mim — sentencio.

Ela fecha os punhos, me acertando no peito.

Minha gargalhada escapa e eu lhe abraço com mais força, apertando-a contra mim.

— Idiota — murmura, encostando o rosto no meu peitoral.

— Só por você, meu anjo. Só por você.

A música termina.

Então, outra animada volta a ressoar bem alto na pista.

Um estrondo alto chama minha atenção. Na verdade, de quase todo mundo. Cloud e eu nos viramos pra entender o que está rolando agora e eu não poderia ficar menos surpreso pelo que acho.

Sloan Sanders está em cima do balcão do bar.

Não ironicamente, tem uma barra daquela dança lá que agora esqueci o nome, e ela está agarrada ao troço de metal.

— Meu. Deus.

Isso é o que Cloud diz.

— A filha do treinador vai tirar a roupa! — alguém grita.

Aí não, né, porra!

Meus colegas — *imbecis* — de time vão se amontoando ao seu redor. Sloan ri, bêbada pra caralho, arrancando aquela espécie de véu da cabeça e arremessando pra quem quiser pegar.

— Ela precisa sair de lá — Cloud diz, agarrada no meu braço.
— Tira ela de lá, Ash, tira ela de...

Estava pronto pra ir fazer exatamente isso, mas Benjamin intervém a situação antes que eu possa mexer um músculo.

— Sai de cima do balcão, Sanders — meu amigo precisa gritar, porque a música continua alta pra caralho.

Sloan se agacha, puxando alguém que não reconheço pelo colarinho e beijando. É, se você quer falar sobre caos, você precisa mesmo falar sobre a stalker. O beijo não parece durar nem cinco segundos, porque no próximo Benjamin puxa a pessoa que Sloan estava beijando e soca.

Caralho.

Depois da nossa época meio rebelde na escola, eu nunca vi meu amigo reagindo assim.

— Você é muito sem... graça — Sloan grita pra ele. — Cadê ela? Cadê a loira do banheiro? Aquela maldita — cospe as palavras deliberadamente. — Eu vou continuar com a missa. Você não tá convidado, pequeno... Beckett. Então, some.

— Vem comigo — retruca, puto pra caralho.

Puto mesmo.

Cloud começa a me puxar pra perto da situação, e quanto mais perto, mais feio fica.

— Não vou — Sloan grita, quase tropeçando e caindo de cima do balcão.

Se ela cair, vai ser feio.

— Ah, você não quer vir?

— EU NÃO V... *FILHO DA PUTA!* — grita, esperneia, e enquanto isso, Benjamin a puxa pra cima de um dos ombros sem se abalar. — Me solta, filho da puta! Vou te matar e vou matar a loira do banheiro, aquela maldita filha da puta! Vocês dois se merecem, escrotos do caralho!

Benji permanece calado.

Damos de cara com ele, o que o faz parar apenas um instante.

O olhar que Benji me dá deixa tudo muito claro.

— Você vai cuidar dela? — Cloud pergunta. — Sloan, você tá bem?

— Me salva, Calloway!!! — ela grita.

Eu quero rir, mas sei que não deveria.

— Ela é problema meu.

— Agora ela é problema seu?

— Anjo. — Tento conter a minha garota. — Benji vai cuidar dela.

— Eu não teria tanta cert...

Benjamin passa por nós dois, saindo da festa com mais arranhões na costa do que deveria ter e uma Sloan muito, muito

alterada. Só Deus sabe onde esses dois vão parar essa noite, mas o meu amigo com certeza vai cuidar dela.

— Ele me deixou falando sozinha — Cloud reclama pra mim.

Solto um riso nervoso, lhe abraçando pelos ombros.

— É o Benjamin junto da Sloan, meu anjo. Ele não fica nada bem ou normal perto dela. Tente entender...

Não preciso nem dizer que a nossa festa acaba bem aqui.

45

O ÚNICO POSSÍVEL

“Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo.

A semana toda.

Segunda, terça, quarta, quinta, sexta, sábado, domingo.

Os sete dias da semana.

A cada hora, a cada minuto, a cada segundo.

Sabe que, noite após noite, eu vou te foder do jeito certo.”

SEVEN — Jungkook feat. Latto

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
02:24 AM
22.10.2022

Estamos em casa.

Apesar da festa ter meio que acabado no momento em que Sloan perdeu o resto de juízo que tinha na cabeça, a noite de hoje acabou sendo uma das melhores da minha vida.

Pra me tranquilizar, Ashton conseguiu falar com Benjamin, que nos certificou — *debaixo dos gritos de Sloan* — que estava tudo bem e ele a levaria pra casa. Realmente fiquei mais tranquila, mas... como ele sabe onde ela mora?

Enfim, que os segredos sigam sendo segredos, porque eu não quero me preocupar com isso agora.

Ainda falamos com Charles, Duke e Hazel. Surpreendentemente confiei minha melhor amiga e meu amigo nas mãos de Charles, que disse que cuidaria bem deles. Fiquei desconfiada? Claro que sim, mas nós dois demos uma trégua hoje. É justo me esforçar pra confiar mais nele e em sua cabeça de bagre.

Agora uma coisa está me irritando: não queria que a gente tivesse vindo pra casa dos pais do Ash, mas ele insistiu, dizendo que nossa família combinou um churrasco pra amanhã e que não queria ter que acordar cedo pra dirigir até aqui.

Estou tentando lutar pela minha lingerie, que não planejei colocar à toa.

— Você vai continuar fazendo birra com esse bico enorme apontado na minha direção? — ele pergunta, abrindo a porta com os olhos grudados em mim.

Eu e meus lapsos de infantilidade.

Quem nunca?

Dou de ombros.

— Se você não tá gostando do meu bico enorme, o desfaça com um beijo.

— Parece que alguém aqui tá querendo ser beijada, mas não sabe como pedir... — Bufo. — Entra, anjo — pede, abrindo espaço e me deixando passar na frente.

Assim eu faço, mas não só isso: seguro a barra da camisa de Ashton, o puxando pra dentro aos tropeções e começando a receber as suas repreensões.

— A gente vai acabar caindo — sussurra. Deslizo minhas mãos por sua cintura estreita, correndo os dedos até alcançar a sua bunda redonda e dura. Sim, é bem mais dura que a minha. — Calloway, para com isso. — Junto nossos corpos, beijando suas costas por cima da camisa. — Porra, meu anjo, é sério...

— Qual o problema?

Minha risada escapa quando ele tenta pegar minhas mãos.

— Shhh... — ralha comigo. — Você nem tá bêbada — junta nossas palmas, se virando pra mim —, então para de rir ou vai acabar acordando os meus pais, e aí a gente vai tá fodido, porque como diabos você vai explicar que...

Eu o calo com um beijo.

Simples assim. E gostoso também.

Gostoso pra caralho.

Sua boca tem gosto de milkshake de chocolate, o mesmo que eu o fiz comprar numa passagem rápida pelo *drive-thru* e que nós dividimos até chegar aqui.

Meu favorito: milkshake de chocolate com Ashton Arkins.

Empurro a língua pra dentro da sua boca, provando mais da sua mistura com o chocolate e automaticamente soltando um

gemido, satisfeitiíssima. O arrepio que rasga minha espinha de baixo pra cima é alucinante, faz meus olhos revirarem ainda que eles já estejam fechados.

Esse cara é a minha maior fraqueza. Em carne e osso.

Ao invés de derreter em seus braços, eu vou me tornando cada vez mais faminta. Não dá pra ter o suficiente de Ashton. Nunca. Eu só consigo sentir mais e mais necessidade.

O jogador afasta a boca da minha por um instante, suspirando contra ela e soltando as minhas mãos.

— A gente precisa subir ou eu vou acabar cometendo uma grande loucura na sala dos meus pais, e isso seria um pecado enorme até mesmo pra mim que não frequento a igreja. — Sorrio, mordendo seu lábio inferior e chupando-o por alguns curtos segundos. — É sério, anjo.

— Desculpa — sussurro.

Ashton puxa o ar, enchendo os pulmões, então ele se afasta de mim.

— Vai — comanda.

Meu corpo fica todo quente e elétrico.

— Você não vem? — pergunto, incerta.

— Quero te ver daqui de trás.

Merda. Cacete. Porra.

— Me dá sua mão.

— Tô logo aqui, anjo.

— Não quero perder você. — *“Em todos os sentidos”*, penso.

Estendo a mão pro meu jogador e ele aceita, segurando-a com firmeza, como se dissesse o que sempre me diz: “você nunca vai me perder”.

Lidero o caminho com as minhas costas pegando fogo. Seu olhar é presente, intenso e arrepiante. Cada passo que dou adiante, é uma sentença a mais que recebo de Ashton. Só não sei o que isso significa.

Subimos as escadas apressadamente.

Entro no corredor do segundo andar, quase tropeçando nos meus próprios pés de tanta pressa pra chegar logo ao seu quarto. Quando já estamos dentro, Ashton tranca a porta atrás da gente, ligando a luz e me encarando.

O jogador deixa as chaves na mesa, finalmente soltando minha mão.

Ofego, percebendo agora como o ar já começa a me faltar.

— Por que você tá me olhando assim? — pergunta, abrindo um sorrisinho sacana de quem sabe exatamente o que está fazendo.

— Por que eu acho que você já sabe a resposta e só quer me ouvir falar? — devolvo com outra pergunta, dando um passo em sua direção.

— Porque, como já te disse muitas outras vezes, as palavras têm mais significado quando você as admite.

Então ele quer que eu admita?

Aqui vou eu.

— Não aguento mais isso — confesso.

Outro passo.

— Isso o quê? Se importa em clarear os meus pensamentos?

— A necessidade — explico. Eu o fito de baixo pra cima, dando outro passo, então outro e mais um. A distância entre nós é quase inexistente. — Eu te quero *muito*, Arkins.

Ele estende a mão até tocar o meu rosto, me dando o mesmo toque áspero de sempre.

— O que mais você quer de mim... ou... em mim?

— O que você puder e quiser me dar.

Seus olhos dizem tudo: ele é todo meu. Cada pedaço. Cada detalhe. Cada suspiro. Inteiramente meu, desde sempre. E o mesmo vale pra mim.

Ashton Arkins me beija como nunca fez antes.

Sua doçura e ternura contrastam diretamente com o jeito que os seus dedos entram no meu penteado ainda firme, me inclinando e dobrando para que nos encaixemos perfeitamente. E nós nos encaixamos perfeitamente. É óbvio que sim. Como sempre, é tudo absolutamente no seu devido lugar, ao mesmo tempo em que nos transformamos em bagunças que se completam.

Quando sua mão livre me puxa pra si e amassa nossos corpos juntos, eu suspiro demoradamente. Entregue, refém, desarmada. Ashton reivindica meu suspiro, seguido de um gemido doloroso. Nossas línguas discutem, como sou acostumada a fazer com ele, tentando manter o mínimo de controle, mas é impossível.

Pequenos choques correm por toda minha derme.

Se espalham. Se alastram. Tomam conta de tudo.

Ashton mais uma vez interrompe nosso beijo e eu sou colocada à prova num teste de controle físico e mental.

Estou pronta pra implorar quando abro os olhos e dou de cara com a sua expressão apaixonada.

Ele começa a se afastar.

Meu gemido escapa, de novo, agora numa reclamação quase silenciosa.

Meus joelhos tremem ao assistir meu jogador apenas recuar, recuar e recuar. Ele vai desabotoando os botões que restam fechados em sua camisa, parando de se movimentar quando suas pernas batem na cama.

Ashton se senta na beirada, espalmando uma das mãos na sua coxa esquerda e dando duas batidinhas.

Porra.

Isso foi um vem cá? Porque eu começo a me mover na sua direção sem pensar muito.

Me posiciono entre suas pernas, vidrada na imagem perfeita que tenho. Camisa aberta, tatuagens espalhadas, cabelo bagunçado, olhar atento e faminto. Absolutamente tudo sobre Ashton é perfeito. Incluindo os seus lábios vermelhos — *manchados do meu batom* — e entreabertos.

— Tira esse vestido e me deixa te ver, meu anjo — ordena sem rodeios e com uma calma que é quase capaz de me fazer subir as paredes.

Os segundos passam enquanto eu apenas o analiso e admiro.

Eventualmente, obedeço ao seu pedido.

Já livre das luvas que deixei no seu carro, alcanço habilmente o primeiro botão de cima para baixo. Minhas mãos trêmulas seguem no curso natural e inevitável da descida. O desabotoo. Um a um. Indo com toda calma do mundo pra tentar dar um jeito na bagunça que Ashton está me deixando por dentro.

Quando o primeiro pedaço da minha lingerie aparece, ele trava, mas eu não. Continuo com o que estou fazendo, satisfeita

com a reação que consigo tirar de Ashton, quase rindo da sua cara.

Escolhi a vermelha. Pra ele. Só pra ele.

— Isso é uma tentativa de homicídio — murmura, passeando seu olhar por todo o meu colo, barriga, pernas. Termino de desabotoar meu vestido, empurrando as mangas para baixo e deixando-o formar um amontoado em meus pés ainda presos pela sandália. — *Porra...* — pragueja, cerrando os punhos com força.

— Você pode me tocar se quiser.

— Calloway — Ashton ri, nervoso —, você não sabe no que tá se metendo.

— Você não acha que é tarde demais pra me alertar?

— *Porra, meu anjo. Porra.*

Mordo o meu lábio inferior, inspirando e expirando. Chuto o vestido pra longe, me virando de costas pra Ashton sem um pinga de vergonha.

— Pode desfazer o meu penteado? — pergunto, esperando pacientemente por sua resposta. — Por favor? — insisto depois de breves segundos quieto e em silêncio.

Ashton fica de pé.

Sei disso porque seu peitoral bate nas minhas costas. O jogador me segura rapidamente pela cintura, só pra se certificar de que eu estou sob seu controle, então começa a mexer cuidadosamente no meu cabelo.

Os grampos vão saindo. Meu melhor amigo os tira. Um por um.

Seu cuidado é tanto, que eu quase não sinto nada. Só me dou conta de que ele já se desfez de todos os grampos e presilhas,

quando a pressão na minha cabeça diminui e as mechas do meu cabelo fazem cócegas sobre meus ombros.

— Olha pra mim — pede baixinho, e assim eu faço.

Viro-me na sua direção.

Nossos torsos colados se balançam, indo e vindo com nossas respirações fortes e silenciosas.

É ele.

O único possível.

O único que poderia ter sido feito pra mim.

Meu jogador, meu quarterback, e, ainda assim, meu melhor amigo. E, não, agora eu não uso essa posição como algo inferior ou que me cause asco.

É um orgulho ter meu melhor amigo como o meu amor, como o meu primeiro amor, porque é isso que Ashton é, e foi disso que sempre fugi, que sempre tive medo: do meu primeiro amor.

— Isso tá mesmo acontecendo? — pergunta, piscando quase que em câmera lenta.

— Sim — concordo. — Coloca as mãos em mim. Logo.

— Tenho medo pra caralho de você ser um sonho e acabar sumindo entre os meus dedos como já me ocorreu tantas outras vezes.

Tantas. Outras. Vezes.

Exatamente como aconteceu comigo.

Quanto tempo nós perdemos em silêncio?

— Não vou sumir, Arkins — garanto. Seguro suas mãos, plantando-as de cada lado da minha cintura. — Tô aqui, pronta pro nosso afeto de terceira base — lembro, rindo da idiotice que ele

inventou —, te pedindo pra me tocar de verdade porque eu simplesmente quero isso mais do que preciso respirar.

Seus dedos afundam na minha cintura e eu aproveito que suas mãos estão ocupadas pra começar a empurrar a sua camisa pra fora do caminho. Ashton recua, terminando de se livrar da peça e, em seguida, me guia com um pequeno empurrão pra cama.

Caio de costas sobre o colchão, encarando-o sob um olhar pesado que não dá pra controlar.

— Me deixa tirar essas sandálias — pede, cutucando meu pé direito. — Vira de costas pra mim, anjo.

Obedeço. Prontamente. Como se seu pedido fosse mágica.

Quando Ashton abre a boca, eu só consigo obedecer.

Giro sobre o colchão, deitando-me sobre minha barriga e mexendo minhas pernas no ar, pra cima e pra baixo. Suas mãos seguram, ao mesmo tempo, cada um dos meus tornozelos. O jogador separa minhas pernas levemente. Ele vai mesmo se livrar das minhas sandálias, ou...?

Como se lesse meus pensamentos, Ashton solta um dos tornozelos e se dedica ao outro, abrindo o fecho com mais habilidade do que o esperado e jogando a sandália pro chão em segundos. Com dificuldade, lhe espio sobre o ombro. O moreno pega meu outro tornozelo, literalmente de olhos grudados na minha bunda enquanto se desfaz do outro salto.

— Você é tão bom com esses saltos — brinco, atraindo seu olhar até o meu.

— Quer saber no que mais eu sou bom? — pergunta, arqueando uma das sobrancelhas enquanto se inclina sobre mim.

Sua boca encontra abrigo na parte de trás da minha coxa. Os lábios gelados e língua quente se partem e espalham por cima da minha pele, fazendo uma trilha de beijos até alcançar a minha bunda. Fecho os olhos, me contorcendo pela pressão que atinge meu ventre, se espalhando pra baixo... na direção da minha boceta.

— Geralmente gosto de ouvir respostas para as minhas perguntas — comenta, enganchando logo em seguida os dentes no tecido fino e transparente da minha calcinha de renda vermelha.

— Me conta no que mais... você é bom... — peço, engolindo um soluço rebelde.

Sua risada reverbera em mim, fazendo cócegas e arrepiando minha pele.

— Rasgar calcinhas.

— *Ah, não* — reclamo. Abro meus olhos e com a mesma dificuldade de antes, o encaro ali, de cara com a minha bunda. — Não faz isso. É nova e você ainda nem pagou por ela.

Ashton ri. De novo.

— Não vou fazer — informa. — Mas só porque é sua primeira vez.

Ele me morde. Na bunda. Então lambe a minha pele. Devagar. Muito devagar. Estico minha mão pra agarrar seu cabelo, mas Ashton é mais rápido em me segurar. O jogador junta as minhas duas mãos, me dominando com apenas uma enquanto finca meus punhos juntos na base da minha lombar.

Meu melhor amigo segura minha outra nádega com sua mão livre.

Ashton puxa a carne para o lado, meio que me abrindo e fazendo o tecido da calcinha escorregar e afundar no meio das

minhas pernas, apertado e repuxando ao ponto de arder. O pior de tudo é que eu gosto. Mesmo sendo levemente incômodo, minhas pernas endurecem de puro tesão.

— Me deixa virar pra você — choramingo. Meu estômago afunda, dando uma cambalhota antes de formar um bolo grande e pesado. — Preciso te ver, Arkins.

Ele me dá um tapa, que arde de um jeito delicioso.

— Não, você não precisa — rebate entredentes. Baixo e rouco. — Você só precisa sentir.

— É minha primeira vez — apelo —, você precisa atender aos meus pedidos pra que seja perfeito.

O jogador solta e morde o lado que estava apertando.

— Você é tão ardilosa, meu anjo.

Ele me deixa totalmente livre.

Encolho minhas pernas, arrastando-me até a cabeceira da cama enquanto me endireito totalmente.

Ashton se endireita de pé, cheio de postura.

O assisto desabotoar a calça sem tirar os olhos de cima de mim, puxando o zíper pra baixo com mais paciência do que eu estou. Seus sapatos fazem barulho, sendo empurrados pra debaixo da cama ao passo que o jogador deixa a peça escorregar por suas pernas. A última coisa que Ashton faz antes de se juntar a mim, é se inclinar pra provavelmente também se livrar de suas meias.

O pequeno lapso de espaço de tempo que tenho para lhe ver de pé, por inteiro, usando apenas uma boxer preta da Calvin Klein, é o melhor de toda minha vida.

Ashton Arkins é um absurdo de gostoso.

Preciso apertar minhas pernas juntas para aliviar a dor que ele me causa entre elas, e tudo piora quando ele vem até mim.

Olhar decidido, lábios entreabertos, peitoral enorme e toda estrutura corporal balançando violentamente pra fechar entre nós. Me sinto uma presa, enquanto ele é o meu predador. O principal e o único que quero.

Deixando o rosto a poucos centímetros do meu, Ashton recai sua atenção sem um pinga de vergonha para o meu corpo, voltando a me fitar na próxima piscada. De novo, olho no olho. Respirações pesadas. Emboladas. Difíceis.

— Troca de lugar comigo? — pede.

Concordo.

Passo por debaixo do seu braço esquerdo, observando-o encostar onde eu estava segundos atrás. Seus músculos estão tensos. As veias espalhadas por suas mãos, braços, coxas, topo da barriga, são uma perdição. Quero dedilhar todas, contorná-las e, então, fazer o mesmo com suas tatuagens.

Por causa dessa — *não tão* — simples visão que decido a posição que quero ficar.

Ashton se endireita entre os travesseiros, não completamente sentado, mas também não totalmente deitado.

É o ângulo perfeito.

Me aproximo, buscando sua boca e encontrando-a sem resistência.

Passo a língua com calma por entre seus lábios, tirando a sua para um balançar tranquilo, como aquele que nós dividimos no meio da pista da festa de Halloween. Me apoio em seus ombros,

sentando-me na sua coxa esquerda e me fazendo ficar confortável no seu colo sem a menor dificuldade.

Ergo minhas mãos, enrolando as pontas do seu cabelo nos meus dedos e puxando-o pra mais perto. É minha vez de dominá-lo, e eu juro que não encontro a menor resistência quando começo a fazer isso. Puxo seu lábio inferior entre os meus dentes. Chupando. Lambendo. Mordendo com força.

Não existe nada além de nós dois. Aqui e agora.

Tudo vai ficando mais pesado e, na mesma medida, mais gostoso.

Irresistível.

— Poderia te beijar a vida toda e ainda não me cansaria disso — sussurro contra seus lábios, rebolando naturalmente em sua coxa. Tento me levantar um pouco pra parar de fazer isso, mas Ashton me puxa de volta, provocando mais atrito entre nós dois. — *Ash...* — ronrono.

— Continua rebolando na minha perna enquanto me beija, meu anjo — comanda.

— N-Não vou aguentar desse jeito — rebato, sendo tão sincera quanto consigo.

Espalho meus beijos por sua mandíbula de modo aleatório. Ou eu rebolo, ou eu beijo sua boca. Os dois não dá. A minha sensibilidade não deixa. É impossível suportar tamanha tortura.

— Você tem certeza? — Sua pergunta me faz parar. — Tem certeza do que quer fazer agora?

Não desviamos um do outro, e, embora a vontade de continuar com tudo seja grande, eu prefiro focar na sua pergunta.

A resposta já não está óbvia?

— Você é a única certeza que eu tenho, Ashton.

— Até mesmo pra isso?

Por que ele não acredita em mim?

— Pra absolutamente tudo.

Nós respiramos enquanto o mundo para ao nosso redor.

Ashton Arkins não tira os olhos de mim quando cegamente pega uma camisinha de dentro de uma das gavetas em sua mesa de cabeceira.

Não tenho certeza, mas acho que todas essas camisinhas em específico são endereçadas a mim, e eu, sinceramente, me ofereço como tributo para usar todas, o quanto antes, com ele.

— Posso ficar por cima?

Seu olhar estreita o olhar na minha direção.

Mais escuro. Mais pesado. Mais afiado. Mais necessitado.

Não sei o que isso quer dizer, não sei se é uma boa ou péssima ideia para a minha primeira vez, mas eu preciso ir por cima dele.

Quero montá-lo.

— Não tenho certeza se você vai conseguir dosar o quanto meu pau vai bater fundo na sua boceta virgem, meu anjo. Posso fazer isso melhor do que você, prometo que vou tentar aliviar a dor que vai sentir...

Isso foi um não?

Eu quero um sim.

Eu preciso de um sim.

Me afasto um pouco, não muito satisfeita com sua resposta. Respiro lentamente, calmamente, porque o que vem a seguir vai ser minha ruína.

Nenhuma preparação vai me ajudar a essa altura, mas eu só quero que as coisas sejam e aconteçam como elas são.

Um pouco mais controlada e decidida, volto-me outra vez até o meu melhor amigo. Engatinho até ele, apoiando o peso do meu corpo apenas no braço esquerdo e pegando a camisinha das suas mãos com o direito.

— Não vai ser um problema pra mim — rebato. — Deixa, por favor?

— Anjo, *you precisa...* eu preciso te preparar — reclama, os dentes rangendo, cerrados.

Sei que Ashton está no próprio limite, mas ele não precisa ficar assim. Avanço na direção do seu pescoço, beijando-o com carinho. Raspo os dentes na derme sensível, depositando chupões de leve numa trilha até sua orelha.

— Já tô preparada — garanto, mordiscando a pontinha do lóbulo.

— Não brinca comigo — rosna.

— Então me toca — rebato. Posso quase vê-lo arquear uma das sobrancelhas, mas não me permito afastar a boca da sua carne. Na verdade, eu não consigo. Lendo meus pensamentos, Ashton puxa minha cabeça pelos cabelos do topo da minha nuca. Sorrio, colocando o pacotinho da camisinha na boca para abri-lo com cuidado. Ele arqueia a sobrancelha, como imaginei que faria e eu concordo com um aceno, completando minha ação com um: — Vá em frente e me toca, Arkins.

— Seja explícita — manda.

As minhas bochechas queimam, mas eu não deixo a vergonha se apossar de mim. Ela pode estar dentro de mim, mas não vai me

paralisar como sempre faz.

— Quero que você coloque os dedos em mim e sinta como minha boceta tá pronta pro seu pau.

— Anjo, você não sabe o que fala...

— Bebês de todos os tamanhos e formas saem todos os dias de dentro de várias bocetas, o seu pau não vai me destruir da forma que imagina.

Ele sorri de lado.

— Você é virgem.

— Mas não boba.

— Você continua sendo virgem.

— Tá com medo de me quebrar por que eu sou virgem?

Silêncio.

Sua mão alcança o espaço entre minhas pernas, roçando.

— Se continuar me provocando, vai acabar gritando meu nome pra rua inteira ouvir, e não se esqueça de que meus pais estão no quarto do lado, e seus pais a poucos metros de nós na sua casa. Tem certeza de que vai continuar com essa pose?

Não respiro.

— Só vou continuar se não fizer o que eu tô mandando.

— Mandando... — testa a palavra, esfregando meu clitóris por cima do tecido. — Tira o sutiã — manda —, depois a calcinha — continua. — Rápido, Calloway, senão eu vou rasgá-los no meio.

Não quero que isso aconteça, então o que me resta é apenas seguir os seus comandos. Deixo o pacote da camisinha cair entre nós dois, me desfazendo do sutiã e, com a mesma rapidez, me livro da minha calcinha também. Prefiro tirar a jogar dinheiro no lixo.

Pego o pacote da camisinha de novo, engatinhando até Ashton e sendo puxada pra cima dele assim que entro no seu campo de alcance.

— Acho que não te elogiei o suficiente essa noite — murmura, passando a ponta do seu nariz no meu.

— Elogiou sim — retruco, lambendo meu lábio inferior sem saber como reagir.

— Se essa não fosse sua primeira vez, meu anjo, eu provavelmente te foderia até amanhecer. Linda desse jeito, fica difícil de resistir. — Ashton beija meu queixo, como se não estivesse falando sobre me foder por horas. — Sou sortudo pra caralho — grunhe —, prometo não estragar tudo — completa.

Ele nunca estragou e nunca vai estragar.

Isso nunca foi uma preocupação para minha cabeça.

O moreno agarra minha cintura. Então ele desce um pouco mais, deixando apertões por todo caminho que passa. Quadril, coxas, bunda. Sua mão é tão grande que, quando ele vai me abrindo mais, seu indicador alcança minha entrada.

Travo de um jeito bom, é claro.

Mas, ainda assim, travo.

— Caralho — pragueja. — Bem que você avisou que já tava pronta.

Uso minha mão livre pra lhe tocar de volta.

O peitoral largo, a barriga chapada, a ereção enorme dentro da boxer.

— Preciso de você agora — sussurro muito sensível.

Começo a rebolar em seus dedos, e por mais que eu os ame, eu preciso ser preenchida, eu quero ser preenchida.

— Me dá a camisinha — pede, largando uma das bandas da minha bunda, parecendo ser incapaz de deixar a outra em paz.

— Deixa que eu coloco pra você — devolvo o meu pedido, precisando que ele me conceda isso.

Ashton me solta completamente.

Tomo um pouco de espaço, recuando, enquanto nossos olhares ficam um no outro.

— Vá em frente — sentencia.

Vá em frente.

Eu vou em frente com as mãos trêmulas. Não é por mal, não é por vergonha ou um nervosismo exagerado. Estou nervosa? Sim, mas não é algo que está me consumindo.

Isso tudo é ansiedade, expectativa, necessidade.

Novamente, deixo a camisinha de lado, ancorando meus indicadores na barra de sua boxer. A ereção escapa ao meu mais simples movimento. Deveria agir como alguém normal e não como uma louca do caralho, mas é impossível agir normalmente quando simplesmente estou de cara com o pau mais bonito da terra.

Ele não tem mesmo um defeito.

E eu estou ferrada.

Isso — *essa coisa* — vai me empalar.

Ashton parece muito melhor do que no dia em que eu o chupei, me dando uma vontade irritante de fazer o mesmo agora. Tento evitá-lo nos primeiros segundos pra não cair na tentação, mas o jogador percebe, não ficando muito tempo calado.

— Você vai precisar me tocar pra colocar a camisinha, anjo — ele provoca.

Filho da mãe.

— Eu sei — retruco.

Sua boxer vai pra puta que pariu.

Ashton pega a camisinha, se livrando também da embalagem e me encarando com uma expressão que se divide em “estou muito divertido te vendo no limite” e “que tesão do caralho”.

Então, eu o toco, sentindo meu corpo reagir imediatamente ao simples fato de encostar a sua pele. Antes que eu mesma possa calcular, empurro meu corpo pra frente, meio que de quatro enquanto levo minha boca até a cabecinha do seu pau.

Meus lábios se partem ali. A carne rosa, a textura macia, a brutalidade das veias marcadas. Tudo nele é perfeito, e eu quero adorar cada pedaço seu.

— Se você continuar me chupando, terei que, gentilmente, retribuir o agrado. — Sua colocação, com tanto carinho, mas tão incisiva quanto, me faz rir. — Jesus, anjo... relaxa, não ri com meu pau na boca, porque fica ainda melhor.

Recuo, respirando e lambendo os lábios.

— Desculpa — peço.

Ashton me dá a camisinha.

— Coloca e faz o que quiser de mim.

Porra.

O que eu quiser?

O. Que. Eu. Quiser?

Vou sentar tão gostoso nele.

Cuidadosamente, deixo um pequeno espaço na ponta, esticando a camisinha com um pouco de dificuldade até a base. Dificuldade porque o pau dele é grande e grosso pra caralho, e também porque seu olhar não deixa de me vigiar.

— Vem cá — chama, tocando no meu queixo.

Finco os joelhos de cada lado do seu corpo, deixando nossos olhos falarem por nossas bocas.

Seguro o comprimento que bate na minha bunda do jeito que consigo, pincelando lentamente a ponta entre as minhas dobras, e quando eu digo lentamente, eu realmente quero dizer isso.

Deixo a respiração presa em meus pulmões, me preparando do jeito que dá pra seguir em frente. Seu grunhido de satisfação escapa pela tortura que eu ofereço a nós dois.

É só o que eu consigo fazer: aproveitar cada segundo, eternizar cada toque que acontece entre nós dois, porque absolutamente nada disso vai voltar, mas eu tenho certeza de que vai ficar melhor. Muito, muito melhor.

— Sei que é no seu tempo, mas se continuar esfregando meu pau assim nessa boceta gostosa, vou acabar enchendo a camisinha de porra muito antes de me montar, meu anjo.

Por dentro eu até dou uma risada, mas não consigo externalizar isso porque acontece no mesmo momento que a cabeça do seu pau escorrega pra dentro de mim. Fico travada por alguns instantes mordendo o meu lábio inferior. “*Não vai doer, não vai doer*”, repito mentalmente para mim mesma.

— *Porra.*

Nós dois falamos ao mesmo tempo.

Eu comando, como combinado, então vou lentamente me deixando ir.

O moreno segura meu rosto, fazendo-me soltar os dentes do meu lábio só pra me beijar. Isso me faz derreter e me entregar por

completo. Tira a minha atenção de como seu pau vai me esticando pra caber em mim conforme eu o monto. É dolorosamente bom.

— *Ash...* — sussurro contra sua boca.

— Tô bem aqui, meu anjo — murmura de volta. Suas mãos caem do meu rosto pra minha cintura. Ele me afaga, me tranquiliza, me doma. O toque vai subindo de novo até pararem em meus seios. — Você é tão gostosa, anjo. Tão gostosa, caralho.

Juntando os dedos e indicadores, Ashton agarra os mamilos inchados, sensíveis e duros. Ele os aperta sem medir força, quase me fazendo gritar. E é exatamente assim que eu acabo terminando de descer por completo sobre o seu pau.

Pode parecer anormal pensar isso, mas eu me sinto rasgar no meio.

Em duas.

Duas Clouds.

A de antes desse dia e que vem depois dele.

Ele está inteiramente dentro de mim, sendo sufocado por minha boceta que tenta me fazer tirá-lo de dentro a qualquer custo, mas não cedo. Nem fodendo.

— *Meu Deus.*

Solto num suspiro.

— Ainda não sou um deus, meu anjo — brinca. — Tá doendo muito?

Sim e não.

— N-Não — gaguejo, tentando ser forte o suficiente pra guardar a ponta de dor que estou sentindo só pra mim. Arqueio as costas quando ele aperta ainda mais os meus mamilos. Sendo honesta, agora meus seios estão doendo muito mais do que o que

seu pau está fazendo na minha boceta. — Você vai me enlouquecer assim — reclamo, respirando com dificuldade.

— *Assim?* — inquire.

— Meus seios — explico, simples.

Subo lentamente, inspirando e expirando.

Ashton entende, então, ao invés de continuar apertando os mamilos, ele me puxa um pouco pra trás, fazendo-me arquejar mais ainda. Meus peitos duros e empinados batem praticamente na sua cara.

É difícil me mover assim, mas eu me esforço.

Com apenas a cabeça do pau dentro de mim — e até mesma continua tentando escapar — desço no momento em que Ashton abocanha meu mamilo, escondendo-o entre os lábios vermelhos.

Nós gememos juntos. É incontrolável.

A onda de prazer me dá um banho que quase me leva ao afogamento.

Ashton dá toda sua atenção aos meus seios enquanto vou cavalgando lentamente montada no seu pau, sentindo-o me esticar mais e mais, batendo mais fundo a cada sentada que eu dou.

Realmente não consigo dosar até que ponto ele vai.

É difícil porque eu simplesmente quero tudo, e eu sei que não deveria ser uma cadela ambiciosa na minha primeira vez, mas é impossível controlar quando se trata do meu homem.

Meu.

Completamente meu.

E ele gosta disso.

Como sempre disse, Ashton esperou muito tempo por isso, assim como eu também esperei no meio de tanta negação.

Sua língua rodeia cada um dos picos intumescidos.

Meus olhos reviram e eu aumento a minha velocidade por pura necessidade e loucura. Meu clitóris dói. Meus seios doem. Minhas pernas doem. Meus braços doem. Minha boceta dói, ao redor do seu pau, engolindo-o a cada descida que dou.

Essa já deve ser a décima quinta descida, e, ainda que esteja ardendo cada vez mais, deixo o tesão falar mais alto. Meus gemidos também tentam competir com o meu tesão, mas Ashton tapa minha boca.

— Quieta, anjo. Você sabe que a gente não pode fazer barulho — ele me repreende. Seguro em seus ombros, indo e vindo, indo e vindo, indo e... — Puta que pariu, Calloway, pega leve com você mesma. Amanhã vai doer.

Doer?

Como se eu me importasse.

— Amanhã a gente faz de novo pra colocar uma dor sobre a outra até que eu não sinta mais nada.

Ele chupa o meu outro mamilo, agarrando as minhas nádegas com força e empurrando meu quadril pra baixo de uma vez.

É assim que eu gosto.

— É assim que você quer? — indaga. — Não quer sentir nada?

Concordo com um resmungo incoerente.

É impossível, eu sei. Vai doer todas as vezes, mas não é nada insuportável. Com um pau desse tamanho, qualquer dor que eu venha a sentir é apenas de prazer, como está acontecendo nesse exato momento.

— Não te garanto nada disso — diz, simples e seguro. — Cada vez que eu te foder, vai ser pra deixar sua boceta dolorida. Quero sair pros meus treinos e jogos e te deixar ardida, pulsando, babando, lembrando de cada metida que vou dar na sua boceta gorda e gostosa. E, porra, Calloway, não importa quantas vezes vou te foder, nunca terei o suficiente.

— Nunca?

— Nunca. — Ele me ajuda novamente. — Quer mais rápido? — questiona.

— Sim, por favor... — Minha voz sai meio embargada, num fio.

Então Ashton toma o controle, fazendo-me mentalmente agradecê-lo por isso. Seus dedos se esticam e afundam em minha pele novamente. Ele aperta e começa a me guiar, me fazer ir mais e mais rápido. O agarre não me dá outra saída a não ser continuar, e eu quero continuar. Preciso gozar. Urgentemente. Só isso vai ser capaz de fazer essa dor se dissipar por completo.

Rebolo sobre ele de um jeito totalmente descontrolado.

Toco seu rosto.

Seus ombros.

Arranho sua nuca, o peitoral.

Afundo as minhas unhas nos seus bíceps.

Beijo seu queixo.

Mordo sua mandíbula.

Choramingo contra seus lábios.

E, em tudo isso, suas mãos fortes, mandonas e habilidosas continuam me guiando num ritmo frenético.

Ashton corresponde tudo.

Ele grunhe de volta contra os meus lábios, empurrando a língua pra dentro da minha boca pra tomar todos os meus gemidos e possíveis gritos.

Eu gritaria. Mas não posso.

Mas é exatamente isso que ele me faz pedir.

Meu tesão me deixa dilacerada, a ponto de chorar, e eu não estou mentindo, porque no meu próximo piscar, uma lágrima escorre no canto do meu olho esquerdo.

— *Porra* — grunhe. — Não chore logo agora, meu anjo.

— Desculpa... — sussurro. — É o maldito tesão. Tudo em mim está queimando... — continuo. O encaro nos olhos, sentenciando: — Você me come tão bem, Arkins... acho que sou eu que nunca vou ter o suficiente.

— Continua falando que nunca vai ter o suficiente do meu pau e eu vou te foder de segunda a domingo.

Segunda a domingo?

Esse seria um... *Ah, merda.*

Merda, merda, merda.

Caralho. Porra. Cacete.

Meu Deus.

Meus pensamentos ficam incompletos, porque a próxima coisa que Ashton faz, é rodear minha cintura com um dos braços enquanto desce a mão livre até o meu clitóris. Seus dedos me esfregam sem o menor cuidado e eu não teria palavras pra explicar o quanto me sinto bem quando ele me toca desse jeito.

O ápice fica mais perto do que nunca.

É apenas mais um pouco e eu...

— *Vou... gozar...* — aviso, engolindo minha saliva ao passo em que minha boca vai ficando completamente seca. — *Ash... Ash... Ash...*

— Goza, meu anjo. Pode gozar e apertar meu pau. Me faz gozar com você, se é isso que quer — comanda, fazendo-me simplesmente obedecer de um jeito primitivo e simples.

Nada mais me segura.

Nem a dor, nem o prazer.

Caio livremente de um penhasco que eu mesma criei. Sem paraquedas, sem um salvador pra me agarrar no meio do caminho. É feio e bonito, tudo ao mesmo tempo. E o que fode tudo é que eu gosto da minha queda.

Os espasmos que me acertam não são generosos.

É como se eu estivesse descobrindo o orgasmo pela primeira vez, é como se eu estivesse gozando pela primeira vez.

— Você vai esmagar meu pau desse jeito — Ashton grunhe, agarrando o meu corpo e me prensando contra si. — Minha, caralho. Você é minha. — Encosto a testa na sua, permanecendo de olhos abertos com muita dificuldade. Seu gemido perpassa entre meus lábios, me fazendo gemer de volta. — Cada pedaço seu é meu. Cada suspiro. Cada gemido. Cada gota de gozo que escapar dessa boceta, é toda minha. Você é minha, Cloud Calloway. É minha.

— Eu sou... — respondo como consigo.

O jogador muda nossas posições de supetão. Seu pau sai de dentro de mim, mas meu corpo não para de tremer. As ondas seguem me empurrando pra baixo de um jeito mais forte, exatamente como meu melhor amigo faz. Fico de quatro, rebolando

involuntariamente e recebendo o tapa mais gostoso de toda minha vida de cada um dos lados da minha bunda.

Um.

Dois.

Ashton Arkins se enterra na minha boceta.

É tão, tão fácil. Meu gozo facilita tudo.

Então, ele me fode, mesmo que esse não tenha sido seu plano.

Um gemido rasga pela minha garganta. Me sinto no limite, mas não porque dói. A verdade é que ele é tão bom que não dá pra continuar sentindo isso. É intolerável.

Outro tapa.

Ele volta a me abrir, estocando mais forte, mais rápido.

O som cru das nossas carnes batendo me deixam sem ar.

É possível ter um orgasmos tão longo assim ou eu estou gozando de novo?

Enfio o rosto no colchão, gritando e dando sorte por minha voz ficar abafada ali, nos lençóis, no edredom.

A próxima coisa que escuto, no meio dos meus próprios gemidos e orgasmos, é Ashton gemer o meu nome. Ele geme como fez no vestiário, soando ainda mais gostoso quanto foi naquele dia.

O jogador permanece enterrado em mim, as mãos ainda agarradas na minha bunda e grunhindo enquanto nossos balanços lentamente se acalmam.

— Caralho — solta.

Meu corpo treme uma última vez quando ele volta a se retirar de dentro de mim. Ashton me pega — *agora sim* — com cuidado e me segura em seus braços como se eu não pesasse uma grama.

Ele me coloca de volta na cama, me encarando por inteira como se estivesse tentando se certificar de que tudo está bem.

— O-Oi... — gaguejo, ofegando sem parar.

Preciso de dez minutos pra me recuperar.

— Desculpa — pede. Franzo o cenho imediatamente. — Acho que perdi o controle. É a sua primeira vez e você disse e fez como queria, eu só...

Eu o calo com um beijo.

Outro.

É rápido, somente para, de fato, lhe calar, embora eu queira demorar horas nisso.

— Acha que perdeu o controle?! Perdeu o controle por ter me dado dois orgasmos, um seguido do outro? — Pisco. — Existem mais homens como você por aí que se desculpam por esse tipo de coisa?

Sua expressão fica mais leve, mas, então, fecha de novo.

— Esse não é o momento mais apropriado pra você pensar em outros homens.

Sorrio de lado.

— Foi um elogio! — me defendo. — *Ciumento*. — Faço um bico.

— E agora vou ser mais ciumento ainda — rebate.

— É? — pergunto.

Ashton levanta, aparentemente sem um pinga de vergonha, deixando-me admirar todos os seus detalhes. Minha cabeça continua na mesma, gritando: GOSTOSO, GOSTOSO, GOSTOSO!

Ele é um gostoso dos pés à cabeça, parando na bunda, dando uma volta no seu pau enorme, escorregando pelo tanquinho e

peitoral duro só pra parar no rosto mais bonito que alguém poderia ter.

Ashton Arkins é um A+.

Bom em tudo que faz, bonito, educado, e ainda fode bem. E essa foi só a nossa primeira vez — em especial, a minha primeira vez.

Admiro suas costas, observando seus músculos tensionarem e...

O jogador vira de volta pra mim.

Ele chega na beira na cama e me tira dela agindo novamente como se eu não pesasse nada.

— Ei! — reclamo.

— Você precisa se limpar, anjo — explica o que deveria ser óbvio pra mim. — Na verdade, eu quero te limpar, mas você...

— É claro que não vou deixar! — respondo, sentindo meu rosto finalmente voltar a enrubescer de vergonha. — E eu não quero — continuo. — Tá tudo bem assim, sério.

— Cloud.

— Não. — Bufo. — Agora me coloca na cama.

— Tem sangue — explica.

— Tem? — Viro, realmente achando uma mancha de sangue ali. Não é nada alarmante. Deve ser normal. — Você se importa?

Com um sorriso, ele diz:

— Nem um pouco.

Ashton me coloca delicadamente na cama, se afastando pra desligar a luz e voltando de novo pra ficar comigo. Meio que nos entrelaçamos — *ainda nus* — como se nós já tivéssemos feito isso um milhão de vezes.

Até fizemos, mas não dessa “forma”.

— Das últimas vezes que a gente... — Paro de falar. Respiro fundo. — *Você sabe...* — Pigarreio. — O sono sempre me pegou forte, mas agora eu não consigo acalmar meus pensamentos — confesso baixinho pra Ashton, expirando e inspirando lentamente, o completo oposto do caos em que minha cabeça está imersa. — Merda, eu tô...

Perco as palavras.

É muito pra assimilar e sentir.

O que a gente fez... o que ele fez... foi tão perfeito.

— Com vergonha? — questiona, tão calmo que nem parece a mesma pessoa de sempre. Ergo meu olhar pro seu rosto, achando-o já a minha espera. — *Porra* — seu sorriso bonito se abre —, você tá tão linda, anjo. — Sorrio de volta. — Me diz o que tá se passando na sua cabecinha.

O jogador começa a mexer no colar de pérolas em meu pescoço, ansioso como eu.

— Não tenho palavras pra explicar — digo, sincera, encolhendo os ombros e me empurrando mais contra seu corpo enorme.

— Você tá mesmo bem ou...?

— Não doeu muito — *“Apesar de estar doendo mais agora”*, penso. — Eu tô bem. — Isso não é totalmente mentira. Desço o olhar para suas tatuagens. — É só que foi perfeito pra caralho. Tão perfeito que parece mentira — finalmente deixo isso me escapar.

— Pra mim foi muito mais do que perfeito — confessa de volta, enquanto eu tento não me deixar sonhar alto demais com suas

palavras. — Te disse: se pudesse, se não fosse sua primeira vez, estaria te fodendo de novo e de novo.

— E a gente não pode? Mesmo? — Puxo meu lábio inferior entre os dentes.

É uma provocação clara.

Eu faço isso porque é... legal. Mas também é algo genuíno.

Não podemos mesmo?

— Não faz isso. — Ashton solta um riso fraco e nervoso. — Tô tentando me conter e parecer com um príncipe, com o cara dos seus sonhos.

Ele é literalmente o cara dos meus sonhos.

Principalmente os eróticos.

— Não se preocupe com isso.

— Não? — Arqueia uma das sobrancelhas. — Já sou o cara dos seus sonhos, anjo?

— Você já apareceu neles.

— Apareci?

Merda.

Agora eu não posso voltar atrás.

Ashton já confessou que realmente gemeu meu nome no vestiário. Agora é minha vez. Eu posso fazer isso. Nós não somos mais apenas melhores amigos. Acabei de perder minha virgindade com ele. Isso é, sem dúvidas, outro patamar de relacionamento.

— Já.

— Me conta mais sobre isso — pede.

— Já esqueci a maior parte deles.

— Mentirosinha — Ashton aperta minha cintura —, conta.

— Só se você me prometer uma coisa — digo.

Preciso sair ganhando de alguma forma.

— O que você quiser — rebate.

— Me conta o significado das tuas tatuagens?

Ashton meio que trava por alguns segundos.

Ele pisca e então balança a cabeça positivamente.

— Você primeiro — diz.

— Vai mesmo contar?

Porra, hoje é o dia mesmo.

— Prometo que sim.

E ele nunca quebra uma promessa.

— Tudo bem... — Sento na cama, ficando automaticamente quente. Puxo o lençol pra cima de mim, abraçando meu corpo pra me cobrir. — Faz algumas semanas... tipo, um mês e pouco, *algo assim*... que eu tive um sonho bastante comprometedor com você.

— *Comprometed*... — Encaro a parede no meio da penumbra. — Ah, porra. — Ashton ri. Idiota. — Você teve um sonho erótico comigo, anjo? Teve um sonho erótico comigo antes do nosso pequeno combinado?

Pequeno combinado?

Até onde consigo lembrar, foi um acordo.

— Sim.

Ele ri mais alto.

Que idiota.

— Quero todos os detalhes — comanda, me puxando pela cintura num agarre que torna impossível qualquer tentativa minha de fugir das suas garras. — Agora.

— Não pode me provocar depois, tá avisado, ok? — Ashton revira os olhos. Limpo a garganta, contando: — No sonho, você ia

me ver no dormitório e literalmente me agarrava do nada. Quero dizer, não do nada, tipo totalmente do nada... você só chegava e a gente começava a se pegar.

Ele está vidrado em mim.

É impossível não querer abrir um buraco no chão.

— E quando foi isso?

Desvio nossos olhares.

— Na semana da estreia do Bruins na nova temporada.

— Preciso de mais detalhes — pede.

— Cala a boca. — Arregalo os olhos, virando novamente pra ele e lhe dando toda minha atenção. — Você tá...?

O jogador ri, escolhendo os ombros.

— Tenho um fraco por você e por tudo que te envolve.

— A gente acabou de transar — acuso.

Ele está mesmo ficando duro, e não é como se ele estivesse totalmente mole.

— Você não sabe mesmo o que faz comigo, anjo. — Estala a língua no céu da boca.

Pigarreio.

— Ótimo.

— Bom, e o que mais me conta sobre o sonho?

— Sobre o sonho? Nada.

— Nada? Que sem graça, Calloway.

— Mas teve a Hazel e...

Tapo a boca.

Merda. Merda. Merda.

Eu não deveria ter falado isso. Só... escapou.

— Hazel? — Franze o cenho. — Você e a Hazel...?

— Não! — exclamo. — Tá maluco?

Nós rimos.

— Porra, você falou dela, então eu só presumi que... sei lá... —
Balança a cabeça negativamente. — O que tem a Hazel? Onde ela
entra no seu sonho?

— Não foi no sonho.

Ainda consigo sentir a mesma vergonha que senti naquele dia.

— Então?

— Acontece que eu tinha um vibrador na cama naquele dia e
por obra do diabo, peguei o objeto meio dormindo, meio acordada,
e... você sabe! Para de querer me fazer falar tudo com todas as
palavras!

— O sonho foi tão bom assim, anjo? Eu quero saber o que
você sonhou, porra.

— Idiota.

— É sério... — Reviro meus olhos. — Ela te pegou se tocando
pra mim?

— Não foi pra você! — Aponto o dedo na sua direção.

— Ah, não foi? Tava sonhando com quem?

— Agora você vai se vangloriar por isso?

Ashton ri pelo nariz.

— Não banca a durona, Calloway — alerta. — Você tá pelada
na minha cama, contando sobre um sonho erótico que teve comigo
depois da sua primeira vez. Aposto que ainda tá molhada com a
boceta gozada pra mim. Acha que não te comeria de novo hoje?
Acha mesmo?

Não acho nada.

Inclusive, se fosse pra achar algo, eu estaria procurando com a boca.

— Não acho nada.

— Boa garota — elogia. — Agora confessa que se tocou pensando em mim.

— Foi sonhando.

— Confessou.

— Não confessei nada. — Torço os lábios num bico. — Você tá colocando palavras na minha boca.

— Te garanto que não serão apenas palavras que vou colocar nessa sua boca espertinha se continuar mentindo pra mim.

Ok, eu vou parar com isso.

Apoio o meu queixo no seu peitoral, vidrada no seu rosto.

Ficamos nos encarando em silêncio. Desço meu olhar pra sua boca e Ashton faz o mesmo. Nós nos provocamos numa briga sem fim até eu me pronunciar mais uma vez, atrás de sanar minhas dúvidas e descobrir seus segredos.

— As tatuagens — pontuo.

— Tão interessada assim? — Dou de ombros. — Qual você quer saber primeiro?

Ótimo.

Meu coração acelera e eu recuo um pouquinho pra admirar seu físico impecável.

— Os raios em seu antebraço esquerdo com a nuvem de chuva em cima.

Ashton sorri.

— É sobre o futebol e você.

— Quero as explicações dos significados.

O jogador revira os olhos, mas segue o plano.

— Sempre achei força em você pra seguir com o meu plano de carreira no futebol — começa, soando calmo demais pra ser verdade. Se fosse comigo, eu estaria suando frio. — A nuvem é você, minha Cloud. — Ele mostra a tatuagem, que fala por si só. — Os raios são o que você faz comigo. — Me encara. — Sou imbatível por sua causa. Quero ser o melhor por sua causa. Vou conseguir chegar no topo por sua causa.

É tudo sobre mim?

Pisco.

Porra, claro que é.

É óbvio.

É tão óbvio que chega a ser duvidoso.

— O significado é lindo — admito. Encho os meus pulmões de ar, realmente nervosa em continuar com isso. Eu acho que vou acabar me apaixonando ainda mais por ele, pelo meu melhor amigo. — Esse anjinho na costela direita — peço.

— É sobre você, *meu anjo*.

— Ela é fofa — brinco.

— Essa é antiga, você sabe. — Dá de ombros. — Uma das minhas primeiras e eu fiz porque queria ter um pedaço seu em mim. Quanto mais me tatuo em seu nome, parece que menos satisfeito eu fico.

— Esse 333? — Aponto pra parte alta da sua barriga.

— Anjo... — reclama.

— Vai, me conta. Você prometeu!

Ele geme, como se eu estivesse fazendo tortura.

Isso nem é verdade.

— É sobre o beijo no queixo que sempre te dou.

— E o que isso significa...?

Pigarreando, Ash confessa:

— É meio agonizante.

Agonizante.

Eu entendo.

Há algumas semanas que me sinto assim também.

— E o beijo tem algum significado?

Ele ri.

— Estamos falando das tatuagens, não das minhas atitudes.

— Mesma coisa. — Bufo. — Agora a minha favorita: me fala sobre as asas.

Involuntariamente, me arrasto sobre seu corpo, subindo a mão até a minha tatuagem favorita do mundo. Ela tem algo de especial que é apenas... uau. Nunca vi algo tão único assim. Único e cheio de história.

— Outra pra você, e uma das minhas mais recentes.

— Por que tatuou algo assim?

Silêncio.

— Gosto de olhar pra mim e ver você. — Ash ri, sem graça. — Parece que eu sou um obcecado do caralho, né?

Não ligo.

Sou obcecada do mesmo jeito, só não tenho tatuagens.

— Você realmente gosta disso? — Ele arqueia uma das sobrancelhas. — De me ver em você?

— Definitivamente — afirma na mesma batida. — Não tem nada no mundo que me faça mais feliz do que você. A sensação de te ter marcada na minha pele é, pra ser totalmente honesto, uma

honra. Fora que, mesmo longe, sempre te sinto perto. É um alento para os dias que tenho que viajar e ficar longe.

— Isso vai acontecer muito daqui pra frente — murmuro, um pouco melancólica. — O draft, contratos e tudo mais...

— É por isso que a próxima que vou fazer vai ser outra pra você.

— Quero um spoiler! — peço, subitamente animada.

Ash ri, tirando minha própria risada.

Continuo animada.

Quero mesmo saber o que ele tá pensando em aprontar.

— Spoiler: é do mesmo tema e vai ficar aqui. — Aponta para o espaço livre debaixo da tatuagem de asas de anjo. Minhas asas. — Ainda tô tentando encaixar um horário com o primo de Sloan. Ele é o melhor nessa porra.

— Posso ir? — peço.

— Não — responde. — Você vai ter que esperar pra ver, Calloway. Deixa de ser ansiosa.

Torço meus lábios de novo num bico, totalmente culpada. Ashton me abraça, firme, beijando a lateral da minha cabeça. Amoleço por completo, finalmente bocejando.

Ele ainda tem outras tatuagens, mas eu vou deixar pra outro dia.

Já sei o significado das que mais me causavam curiosidade.

Se me pedissem para eu definir meu estado de espírito depois de hoje, eu diria radiante. Ele me deixou assim. Por tudo.

Se quisessem outra palavra, eu diria apaixonada.

É isso que eu estou.

Radiante e apaixonada por ele, pelo meu melhor amigo.

46

GRANDE FAMÍLIA CAÓTICA

“Fique até de manhã.

Porque amor, te amar é a realidade. Só parece certo.

Quando você me dá todo o seu amor, me dá algo para sonhar.

Então me dê todo o seu amor, me dê algo para sonhar.”

DAYDREAMING — Harry Styles

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
12:23 PM
22.10.2022

Eu me casaria com ela agora mesmo.

Não consigo pensar em nada que não seja isso desde que abri meus olhos há provavelmente trinta minutos atrás e tive certeza de que a noite passada não foi somente mais um dos meus sonhos.

Ela é real. Nós somos reais.

O que aconteceu? Porra, foi mais real ainda.

Essa garota pode bater o pé e espedaçar tanto quanto quiser, mas nada vai tirar da sua testa a placa imaginária que diz que ela é toda minha.

Minha melhor amiga.

Minha melhor companhia.

Minha garota.

Minha futura esposa.

E o amor da minha vida.

As lembranças reaparecem de segundo em segundo na minha cabeça. É literalmente um lembrete de tudo. Da minha Cloud vestida de Allie. Da minha Cloud dançando comigo. Da minha Cloud se entregando por completo pra mim. Da minha Cloud, enfim, se tornando realmente minha, só minha, assim como meu coração sempre foi só dela. Cada pulsar violento, covarde, apaixonado, incerto e rendido.

Ainda estou tentando me recuperar mentalmente de tudo. Ainda estou tentando assimilar o fato de que é ela aqui, nua, deitada em meus braços, dormindo serenamente sobre mim, e não uma pessoa qualquer.

É ela, porra. É a minha garota.

Não vou cansar nunca de dizer isso.

Ela é minha maior conquista e sempre será até meu último suspiro de vida. Título nenhum da NFL vai se igualar ao que eu sinto quando estou com essa garota. Porra. Ela é a dona do meu coração.

— Você deveria parar de me olhar enquanto eu durmo.

A voz doce, rouca e melódica de Cloud me chuta pra longe dos meus pensamentos — *um pouco muito* — apaixonados, me fazendo voltar a atenção por completo para ela.

Com lábios mais inchados do que o normal cheios dos resquícios do seu batom vermelho da última noite, maquiagem um pouco borrada e cabelos por todos os lados, eu diria que Cloud parece muito com uma obra de arte.

— Fala como se fosse possível parar de admirar cada pequeno detalhe seu.

A morena abre os olhos com dificuldade, focando em mim aos poucos, mas sem desvios.

Estar tão rendido é, tecnicamente falando, insuportável.

Tudo em Cloud, aos meus olhos, é perfeito.

O jeito que ela franze o nariz, o jeito que ela me encara com as bochechas vermelhas, o jeito que ela tenta se comportar de um jeito sério e impenetrável sendo visivelmente rendida por mim.

Tenho certeza de que não estou mais sozinho nesse barco.

— Eu fico feia e toda estranha de manhã cedo, você sabe — reclama, bocejando e escondendo o rosto na curva do meu pescoço. — Sem constrangimentos, por favor.

— Pior que o mais foda é que você é linda até acordando. Dormindo é fácil, mas acordando? — Cloud tira o rosto do seu esconderijo pra me espiar. — Jogo baixo com os mortais, anjo.

— Exagerado — resmunga.

— Não é exagero, é só como eu te vejo. — Subo minhas mãos até o seu rosto. — Dormiu bem?

Suspirando, Cloud balança a cabeça positivamente.

— Acho que foi a melhor noite de sono da minha vida — admite.

— Só de sono?

Minha sobrançelha arqueada diz tudo.

Cloud se desvencilha dos meus braços e levanta queimando de vergonha. Uma risada alta e sincera me escapa. Ela tenta se cobrir, enrolada no lençol sujo de sangue.

Quando olha pra baixo e vê a mancha, minha garota fica ainda mais vermelha.

Fico de pé prontamente, fazendo-a virar de costas.

Agora pronto, vai fingir que nunca viu o meu pau.

— O que você tá fazendo? Será que dá pra vestir algo?

Segurando seu quadril, giro Cloud de volta pra mim. Ela está mortificada, é visível, mas, ainda assim, a morena não consegue evitar de dar uma olhada em mim.

Não tenho nada do que me envergonhar.

— Tá doendo? — pergunto, atraindo seu olhar para o meu. Minha garota parece estar incrédula. Ué, o que eu fiz? — Responde, anjo. Tá doendo muito? Podemos ir numa farmácia, ou talvez marcar uma consulta...

— Por que eu perdi a virgindade? — zomba. — É normal doer e tá totalmente suportável, agora, pelo amor de Deus — pisca e olha pra baixo, fazendo-me repetir sua ação —, tá apontado pra mim.

Meu peito balança.

Prendo minha risada no último segundo.

Já fiz minhas necessidades fisiológicas básicas matinais. Minha ereção é culpa dela, mas eu não posso falar isso. É bastante

válido me defender com a premissa de que é um pau duro matinal. Acontece com todos os caras...

— Desculpa? — peço.

— Se cobre, idiota. — Joga o lençol que estava agarrado ao seu corpo em cima de mim. — *Ah...*

É ela que fica nua agora.

Porra, se a intenção era me esconder e “acalmar”, isso teve o efeito contrário. Seus mamilos rosados parecem perfeitos para serem tomados nesse mesmo instante por minha boca. Quero beijar sua barriga. Morder suas coxas e espalhá-las na minha cama pra ir em direção ao que tanto desejo: sua boceta. E é aí que eu vou chupar Cloud até ela não aguentar mais.

Ela puxa o lençol de volta e, infelizmente, revela meu pau que agora não está mais apontado pra ela, mas sim para cima. Sou caso perdido e eu mesmo admito isso. Estou bem pior do que adolescente que acabou de descobrir pornografia. É uma comparação muito, muito merda, mas é a única coisa que consigo pensar nesse exato momento com tão poucos neurônios ao meu dispor.

— Você sempre acorda assim?

Cloud aponta pra minha ereção como se ela fosse um animal.

Que maldade.

— Quando eu sonho com você, sim — respondo.

— Tarado.

Sorrio.

Apaixonado, eu diria.

E isso quase me escapa.

— Eu só admiro demais você. — Encolho os ombros de brincadeirinha.

— A gente não vai transar — retruca. — Tô dolorida.

— Dolorida ou fugindo de mim?

— Fugindo de você? — Ela sorri. — Você vai descobrir isso nos próximos dias.

Próximos dias?

— O que tem nos próximos dias?

Cloud sai em disparada até o banheiro, me deixando sozinho no meio do quarto. Não vou atrás dela, porque é tão do nada, que fico tentando entender o que diabos ela insinuou.

Praguejo baixo, voltando pra cama e vestindo a minha boxer pelo meu próprio bem. Depois que ela sair do banheiro eu posso lidar com minha ereção debaixo da ducha. É o jeito de qualquer forma.

Nem todo dia é dia de vencer, inclusive hoje eu perdi.



Nossas famílias estão mesmo reunidas.

Cloud e eu nos aproximamos da cozinha em silêncio, imersos num silêncio confortável que vai aos poucos submergindo na conversa acalorada do nossos pais. Meu peito se enche de felicidade instantaneamente, porque eu gosto pra caralho disso, da

união dos nossos pais e de como eles são tão amigos quanto nós somos.

Tenho pouquíssimas lembranças da minha vida antes de irmos morar ao lado dos Calloway e gosto muito que seja assim. A maior parte do meu contentamento tem a ver com Cloud, é claro. Não gosto de lembrar que algum dia, mesmo por pouco tempo, vivi em um mundo em que ela não era real na minha vida. A outra parte, como disse, tem a ver com nossos pais.

Às vezes me vejo muito longe de tudo isso por causa do futebol, por isso que em qualquer oportunidade que tenho, me esforço pra estar presente e perto de todos eles.

Fins de semana em família sempre serão meus favoritos.

Deixo minha garota passar na minha frente, seguindo os seus passos de pertinho, quase colado em suas costas. Entramos na cozinha e eu imediatamente localizo nossos velhos ao redor da ilha da cozinha preparando carnes.

Sei que já tá tarde pro café da manhã e que já é mesmo a hora do almoço, mas ainda assim, digo:

— Bom dia, família.

Sorrio assim que a última letra sai da minha boca. É sem querer. Involuntário. É porque estou feliz pra um caralho. Qualquer ato meu de bondade e felicidade, é por causa do meu estado de espírito depois da noite de ontem e da nossa breve manhã divertida.

Nada vai me abater.

Nada vai me abalar.

Sou invencível.

— Bom dia, filho? — minha mãe ralha comigo, mas eu não ligo. Como eu disse, estou feliz pra caralho. — Já estamos

preparando o almoço — me repreende como costumeiramente sempre fez. — Bom dia, Cloud! Você dormiu bem, querida?

Ah, que traição.

Pra mim não é bom dia, mas pra Cloud é?

Quer saber? Que seja.

Tudo que for direcionado para minha garota é automaticamente direcionado pra mim.

— Não vou levar isso pro coração, mamãe — zombo, parando atrás de Cloud, que se encosta na ilha da cozinha, pegando o pote de cookies da minha mãe. — Com fome, anjo? — pergunto em seu ouvido, mas ela me ignora totalmente.

— Muito bem, senhora Arkins. Obrigada por perguntar — Cloud lhe responde, mordendo um pedaço pequeno do biscoito e me oferecendo a maior parte dele. Coloco tudo pra dentro abocanhando de uma só vez. — Bom dia, mãe... pai.

Encaro os Calloway. Sua mãe sorri pra gente, doce como sempre, mas seu pai, bom... não que sua expressão seja ruim, ela só não está cem por cento amigável. Pelo menos não em minha direção.

— Bom dia, senhor e senhora Calloway — digo, sorrindo de lado. — Como estão?

— Muito bem, querido — Candy responde. — Como foi o Halloween de vocês? — pergunta, curiosa e subitamente animada. — Ainda pegam doces como antigamente ou também já estão velhos demais pra isso?

Senhora Calloway, você provavelmente ficaria envergonhada se eu dissesse qual foi o doce que comi essa madrugada, então eu prefiro ficar caladinho em relação a isso.

— Velhos demais — Cloud responde por mim, percebendo meu silêncio. Foi sem querer. — Uma parte da noite foi devidamente ocupada com o drama jovem adulto dos nossos amigos, a outra foi dançando na pista e comendo. Charles comprou um monte de McDonald's pra gente.

— Não teve um docinho sequer? — minha mãe insiste. — Que triste, realmente não se fazem mais festas como antigamente.

— Essa coisa de doces é pra criança, mãe — falo o óbvio.

— E o que mais vocês fizeram? — senhor Calloway pergunta, me encarando de olhos semicerrados.

Acho que ele está tentando me intimidar, e não é que isso não esteja funcionando, porque eu o respeito pra caralho, mas, sinceramente... não é assustador.

— A gente já disse, pai — Cloud responde. — Comemos e dançamos.

— Dançaram? Com quem?

Seguro tanto o riso que acabo tossindo.

— Eu dancei com a C, senhor Calloway — digo, porque eu sei que ele quer ouvir de mim. — Você sabe que ela foi meu par da noite passada.

— Acho que esse namoro finalmente tá saindo — Candy cantarola, fazendo minha mãe rir com ela.

Que elas continuem com o complô.

Eu gosto dele.

Na minha testa tem escrito “macho de Cloud Calloway”, então nada me abala, e, honestamente, é a melhor coisa do mundo quando falam sobre a gente nesse sentido.

Sim, sou seu futuro namorado e já me considero casado.

Vai entender.

— As coisas não funcionam assim — senhor Calloway interrompe sua esposa. — Ele vai ter que pedir a mão da minha filha.

— Que mão o quê, pai — Cloud retruca, rápido, se remexendo na minha frente. — Nós somos amigos.

Amigos que beijam.

Amigos que fodem.

Amigos com exclusividade.

Amigos que sentem ciúmes um do outro.

Isso já é um progresso.

Nossa amizade está quase lá.

— É mesmo — concordo. — Aqui é só amizade.

Cloud me encara sobre o ombro de um jeito que só eu posso ver sua reação, e os seus olhos semicerrados dizem tudo.

Ela pode falar e eu não posso repetir?

Não entendi.

— Se é só amizade, tudo bem — senhor Calloway volta a falar.

— Tá falando como se fosse fazer alguma coisa com meu filho — meu pai finalmente diz algo. — Semana passada ele tava falando como seria legal se vocês namorassem.

— Pai! — Cloud exclama.

Seu pai encolhe os ombros, ficando vermelho.

É, pra um cara como o senhor Calloway ficar vermelho, é porque é verdade.

— Já tenho sua benção? — brinco. Mas nem tanto.

— Me respeita, garoto. Eu nunca falei isso!

— Falou sim, mentiroso! — meu pai retruca.

É assim que uma revolta começa na preparação do nosso almoço.

Era disso que eu estava sentindo falta, do nosso caos controlado, farpas trocadas e adoração secreta dos nossos pais pelo nosso futuro relacionamento já existente.

47

ESTAREI **SEMPRE** AQUI

*“E eu venho querendo te dizer:
acho que sua casa é assombrada.
Seu pai está sempre bravo e deve ser por isso
que você deveria vir morar comigo.”*

SEVEN — Taylor Swift

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA
03:12 PM
22.10.2022

Cabeça pra baixo e pernas pro ar.

É exatamente assim que a minha vida está, não que seja algo ruim. Ao contrário do que pode parecer, constatar isso agora faz

tudo ficar um pouco mais fácil de ser entendido, e eu gosto muito de coisas fáceis e nada confusas.

Tive uma manhã e começo de tarde incrível com a minha família.

Acordar do lado do meu melhor amigo depois da melhor noite de toda minha vida foi indescritível. Ver nos seus olhos o carinho e o cuidado com que me tratou a cada respiração foi quase sufocante.

Mas eu sobrevivi. Apesar de dolorida e de não ter cedido aos meus próprios desejos pra ganhar mais dele, eu sobrevivi.

Passei a vida toda imaginando que perder a minha virgindade seria um inferno, mas não foi.

Em algumas conversas com minha mãe, ela chegou a comentar algumas vezes que a dor é meio que relativa. Quando você está relaxada e estimulada, não dói tanto. Tem gente que não dói nada.

Com todo tesão que eu senti, era mesmo impossível me sentir a ponto de gritar de dor. Eu quis gritar várias vezes, mas de tão boa que era a sensação.

E, chega.

Eu não posso ficar pensando nisso.

Eu não posso pensar no seu pau, ou na sua boca, ou nas suas mãos ou...

Chega. Chega. Chega, porra.

Ashton acabou de me deixar no dormitório. Precisamos voltar pro campus mais cedo porquê surgiu uma reunião de última hora com o time, fora que ele precisa treinar — segundo suas próprias palavras — e falar com os garotos.

A gente não combinou de se ver de novo.

Tenho muito pra conversar com Hazel. Eu sei que ela vai surtar pra caralho quando souber o que finalmente aconteceu entre Ash e eu, e é nisso que eu me deixo focar ao subir o último degrau da escada, parando em frente a porta do nosso dormitório.

— Não vou voltar — a voz da minha melhor amiga me tira totalmente do transe em que me enfiei assim que a chave já está encaixada e eu já estou segurando a maçaneta. — Não quero saber o que vocês têm pra me dizer. Tudo ficou resolvido quando eu saí daí, não ficou? Meus avós... — Pausa. — Eles disseram que tava tudo resolvido e que não precisaria mais colocar os pés no Texas novamente. — Outra pausa. Essa é mais longa e me faz pensar no que diabos estou fazendo. — Se vocês mandarem ele atrás de mim, eu juro que... eu vou chamar a polícia. Tenho provas. Provas! Ainda não entenderam? Eu não sou a porcaria de uma boneca. Vocês foderam com minha cabeça tanto quanto puderam, mas isso não vai mais acontecer.

Vocês?

Vocês quem?

Decido abrir a porta de uma vez, fingindo estar ocupada no meu celular e lhe dando um olhar rápido assim que coloco os pés pra dentro do nosso dormitório.

O olhos verdes da minha melhor amiga estão vermelhos e marejados.

Ela está chorando.

Tudo bem, não é hora mais de me omitir.

Deixo as minhas coisas de lado, trancando a porta e virando na sua direção. Ela está de cara com a parede, aparentemente tentando fugir de mim enquanto segura o celular junto a orelha.

Caminho na sua direção, e quanto mais perto chego, mais instável eu a percebo.

— Preciso ir — simplesmente diz, desligando a chamada com a voz embargada. Toco o seu cotovelo, pigarreando pra falar algo, mas ela é mais rápida quando solta: — Me deixa sozinha — pede.

Seu jeito não é ríspido.

Sua voz é mais frágil do que um cristal fino.

A felicidade que antes estava sentindo, some.

— Não vou pra lugar nenhum — aviso. — Já chega de se esconder de mim, não acha? — Com delicadeza, puxo ela pra mim, tentando virá-la na minha direção. — Olha pra mim, Hazzie — peço, baixo, tentando permanecer tranquila.

Então ela vira, e é nesse exato momento que eu vejo minha melhor amiga quebrar do jeito mais horrível que já vi em toda minha vida.

Seu corpo sai do controle.

Hazel treme dos pés à cabeça quando me envolve num abraço de socorro. Eu a amparo como consigo, sentindo meu coração quase parar de bater com tanta sinceridade vindo de um pedido de ajuda silencioso. Ou quase silencioso.

Ela chora, apertando ao redor do meu pescoço, soluçando, tremendo, ofegando.

— Eu estou aqui — digo, tentando certificá-la de que nunca vou sair do seu lado. Nunca.

— Sinto... que... tô... morrendo...

Sua fala é pausada pelo choro incontrollável e que não cessa nem por um segundo.

— Não, você não tá morrendo — retruco, quase que entrando em desespero. Mas eu me controlo rápido. — Vem. — Puxo seu corpo com o meu e tropeçamos juntas até a sua cama.

Nos sentamos, ainda abraçadas, enquanto eu esfrego lentamente suas costas pra tentar lhe ajudar a recobrar a consciência e os sentidos fora dessa crise.

— Morrendo... — repete.

— Você tá viva, Hazzie — me desvencilho um pouco dela, segurando suas mãos com uma das minhas —, eu estou aqui, você me entende? — Ela me encara com dificuldade entre as pálpebras pesadas e olhos inundados de lágrimas. — Quer respirar comigo? — questiono, suave, tentando apenas... algo.

— Não... consigo...

— Só uma vez? — peço. — Vamos? — Ela nega, mas eu meio que ignoro. Solto suas mãos e coloco a minha na sua barriga. — Quero sentir sua barriga aumentar, tudo bem? — Ela não concorda, mas não desvia de mim. — Eu sou real, então faz isso comigo. — Pausa. Me preparo pra fazer o mesmo. — Vou contar até cinco e a gente vai encher inspirar. — Outra pausa. — Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. — Ela faz. — Segura por dois segundos... e... vamos soltar em seis segundos. — Pausa. — Um. Dois. Três. Quatro. Cinco. Seis.

Nós fazemos isso juntas.

— Ainda tá... difícil...

— Não tem problema — a tranquilizo. — Vamos fazer de novo — sentencio.

E assim Hazel e eu nos acalmamos juntas. Eu, por estar nervosa em ver o seu estado e ela por quem quer que a tenha

desestabilizado com a ligação.

Os minutos vão lentamente passando enquanto nós regramos nosso tempo de respiração juntas.

Eventualmente nos deitamos em sua cama e eu a mantenho perto, junto de mim, lhe abraçando do jeito que dá.

As lágrimas que caem dos seus olhos vão ficando mais espaçadas, assim como os soluços. Não sei o que seria mais certo fazer agora, mas creio que um confronto só vai levar Hazel a mesma crise de ansiedade em que se enfiou antes.

— Sabe de uma coisa que eu nunca contei pra ninguém? — murmuro, encarando seu perfil mais sereno. Ela franze o nariz, virando a cabeça com dificuldade pra me encarar. — Ashton é o meu primeiro amor.

Hazel revira os olhos e nós acabamos rindo.

— Tá de brincadeira? — retruca com a voz rouca e meio embargada.

— É sério — afirmo. Pigarreio, limpando a garganta e subindo a mão até o seu rosto. Enxugo suas lágrimas. Uma por uma. Bem devagar. E, enquanto isso, continuo: — Já foi mais difícil de encarar isso. Até um mês atrás, isso pareceria loucura pra mim, eu nunca conseguiria sequer pensar nisso. Mas agora, depois de tudo que tá acontecendo entre nós dois, é muito difícil de me enganar.

— Você tá mesmo admitindo ou isso é um sonho?

Rimos.

— Eu tô admitindo — declaro.

— Ele te ama, C — fala. — Pelo seu próprio bem, para de perder tempo. Se eu fosse alguém que amasse tanto assim uma pessoa e ela me amasse de volta como sei que o Ash te ama, eu

não perderia tempo. Um amor como o de vocês, tão certo e fácil, é difícil de achar.

Sim, eu sei disso.

— Não sou mais virgem— confesso.

Seus olhos aumentam de tamanho exponencialmente.

— V-Vocês...

— Aham — resmungo.

— Meu Deus. — Hazel se desvencilha de mim e se senta de supetão. — Ai, merda. — Leva as mãos a cabeça. — É sério? — pergunta, virando pra me encarar. Concordo com um aceno. — Meu Deus, meu Deus, meu Deus. Foi bom?

— Foi *muito* bom — digo, sorrindo de lado com a simples lembrança que me atinge.

— A minha foi horrível — retruca, pensativa.

Hazel olha pra frente e eu me sento, lhe abraçando de lado.

— Que falar sobre?

Ela suspira, dando de ombros.

— Tanto faz...

— Não “tanto faz”. Eu quero saber, se você quiser contar. É isso que melhores amigas fazem, não é?

Minha ruivinha me dá um olhar de lado, dando de ombros de novo, mas ela acaba abrindo um leve sorriso. Leve e triste.

— Meus pais são péssimos pais — confessa. — Não gosto de falar sobre isso. Saí do Texas por uma razão, e eles fazem parte dela. Uma boa parte. — Respira fundo. Esfrego suas costas, tentando lhe fazer entender que estou aqui. — Quando pais protegem os filhos, coisas ruins não acontecem. — Ela me encara,

os olhos cheios de lágrimas outra vez. — Coisas ruins aconteceram comigo, C.

Coisas ruins.

A mesma sensação que me atingiu quando a vi chorando minutos atrás me acerta com uma força dez vezes maior.

Coisas ruins.

— Elas não vão acontecer de novo — garanto, porque eu seria capaz de fazer loucuras em quem quer que se atrevesse a chegar perto da minha melhor amiga para machucá-la. Sejam seus pais ou não. Seja o caralho a quatro. Ninguém vai tocá-la enquanto estiver perto de mim. — Você tem a mim e a toda minha família. Tem o Ash, o Charles, o Benji, a Sloan e até mesmo o Duke. Eu tenho certeza de que ninguém deixaria nenhum mal te acontecer. E não vão deixar. Eu não vou deixar, Hazel.

— Mas eu não tô segura, C.

Ela começa a pensar muito.

A respiração vai descompassando, pesando.

Tudo bem.

Chega.

— Estarei sempre aqui — lhe envolvo num abraço firme —, sempre, Hazzie. Sempre.

— Promete? — pede. — Não deixa eles me levarem pra longe de novo, por favor...

— Ninguém vai te levar pra lugar nenhum, eu prometo.

Hazel fica em silêncio e em mais alguns segundos, começa a chorar de novo. Dessa vez eu não tento distraí-la com os meus assuntos. Nos deitamos juntas, ela sempre nos meus braços e eu sempre esfregando suas costas.

Sua vida aparentemente tem partes muito feias.

Isso automaticamente me machuca, porque, independente do que quer que seja que Hazel tenha passado com sua família, ninguém merece passar. Pra mim, qualquer alternativa negativa parece loucura, já que esse tipo de relato passa longe da minha realidade.

Meus pais sempre foram muito bons pra mim.

Eles sempre cuidaram de mim e me protegeram, mas nem todo mundo tem essa sorte.

Se você não consegue achar isso dentro de casa, é mais difícil ainda achar fora, mas Hazel achou. Ela me achou. O destino nos juntou e fez de nós duas melhores amigas.

Ela sempre vai ter meu apoio e cuidado.

Sempre, até quando não quiser mais.

48

FICANDO

“Ela enche minha mente de ideias (papo reto).

Eu sou o mais chapado da sala.”

HIGHEST IN THE ROOM — Travis Scott

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CENTRO DE TREINAMENTO
06:38 PM
22.10.2022

Não reconheço o significado da palavra cansaço.

Encaixando sem pressa a barra de cem quilos de volta no seu suporte, sorrio pra minha própria imagem no espelho da academia do Bruins com uma satisfação e energia que nunca senti antes em toda minha.

Suor banha meu corpo — *ainda que ele esteja devidamente coberto* —, resultado da última hora de exercícios feitos depois da nossa reunião. Tiro minha camisa molhada, tentando me livrar pelo menos de uma parte daquilo, caminhando até o banco mais próximo perto de onde Charles está fazendo os próprios exercícios e sentando do lado de Benji, que está ocupado em seu celular. Como sempre. Mas eu não ligo pra nada além de mim mesmo, ainda que isso soe egoísta.

Sorrio. De novo.

Novas lembranças.

As mesmas lembranças.

Sei que Cloud e eu combinamos de não nos encontrarmos novamente hoje por causa do meu jogo de amanhã, mas e se eu aparecer no seu dormitório de surpresa e chamá-la pro meu? Não tô cansado. Tenho energia pra dar e vender. Se eu pedisse com jeitinho, *talvez ela...*

— Queria conseguir não comentar sobre, mas tu tá estranho pra caralho, com esse sorrisinho de *Joker*, Arkins. Tá rolando alguma coisa que a gente precise saber?— Charles pergunta, deixando seu peso no suporte e vindo até mim. Ele se senta do meu outro lado, apoiando-se nos joelhos e me encarando. — Pode falar, vai. Sei que você tá guardando alguma merda.

Acho que já deu. Já guardei muita coisa de Charles e Benjamin. Agora não dá mais pra segurar tudo dentro de mim ou apenas entre Cloud e eu.

Viro pra Benji, que segue alheio a nós dois e lhe dou uma cotovelada.

— Se esse aqui puder parar de mexer no celular como um maníaco, eu conto.

Benjamin me encara como se eu tivesse enlouquecido, mas atende ao meu “pedido” barra “reclamação”.

Não menti.

Ele não sai da porra do celular nem com reza.

— Eu tava ouvindo vocês. — Revira os olhos. — Posso adivinhar? — indaga, travando a celular e finalmente deixando o aparelho de lado.

— Vai, pequeno Beckett. Vamos ver se você fala algo que preste.

Benji tenta acertar sua garrafa de água em Charles, mas o outro pega antes que o machuque.

— É sobre a Cloud — Benji fala, simples.

— Isso tá na cara, né, otário — Charles retruca.

— Vai se foder, porra.

Engolindo em seco e ignorando os dois, solto:

— Já faz um tempo que a gente tá ficando.

Silêncio.

— Eu já sabia.

— Há quanto tempo?

Benji e Charles falam respectivamente, fazendo o segundo se levantar imediatamente e apontar pra nós dois.

— Como assim você já sabia? — Charles pergunta, juntando as sobrancelhas com uma expressão no rosto não muito amigável.
— Você contou pra esse otário e não contou pra mim? Eu sou seu cérebro, esqueceu?

— Posso até ser otário, mas não sou burro. — Charles arqueia a sobrancelha ameaçadoramente pra Benji. — Porra, tava na cara — se defende.

— Tava? — retruco, franzindo o cenho.

— O vestiário e depois o dormitório — ele dá de ombros —, fora vocês dois cochichando o tempo todo em todo canto sempre que aparece uma oportunidade. Algumas coisas escapam. Não vi nada em específico, mas você não sabe manter a língua dentro da boca na maioria das vezes. Inclusive — pigarreia —, senti um pouco de vergonha pela C. Tenta se controlar um pouco, você não é mais um adolescente.

— Tô realmente surpreso que tenha percebido alguma coisa — provoco. — Você passa a maior parte do tempo vidrado no celular...

— A maior parte do tempo não é o tempo todo.

— Tô me sentindo ofendido — Charles reclama, dramático pra caralho. Não é como se o mundo estivesse acabando e eu tivesse escondido isso deles. — Tem certeza de que ainda me ama? Porque isso foi como uma traição — aponta pra mim e, em seguida, cruza os braços, andando de um lado pro outro.

— Não fode, Charles — digo, rindo da sua cara. — Ela pediu que eu não contasse. Só obedeci a minha mulher, afinal, o que mais eu poderia fazer?

— Você é o cachorro da Calloway mesmo — o idiota zomba.

— Ele só fez a vontade dela — Benjamin me defende. — Isso faz parte de um relacionamento. É a intimidade deles.

— Virar um cachorro faz parte de um relacionamento? Isso eu já sou sem precisar estar amarrado em ninguém, mas

definitivamente não somos da mesma raça, se é que vocês me entendem...

Reviro os olhos, ainda rindo.

— Todo mundo já entendeu que você é um puto quase apaixonado, Carpenter. A ruivinha Henderson que o diga, né? — atento.

— Não fala da minha ginger — rebate. — O foco aqui é você, deixa ela fora disso. — Pausa. — Conta aí, vocês tão ao menos se beijando?

Paro de rir, embora a vontade tenha se intensificado astronomicamente.

— O que você acha que a gente faz? Ora? Reza? Invoca espíritos juntos? Não fode, Charlie.

Ele ri e Benji o acompanha.

— Ela já te chupou? — questiona e eu fico calado, mas acho que meu silêncio diz tudo. — Você surtou quando ela te chupou, né? Por favor, diz que sim e me conta todos os detalhes.

Bufo, estreitando o olhar na sua direção.

— Isso não é da tua conta.

— Acho que ele surtou — Benji cantarola.

Na nossa amizade existe uma coisa muito perigosa: em poucos momentos Benjamin concorda com Charles, e são nesses momentos que eles se tornam inseparáveis e insuportáveis. É a pior coisa que alguém pode presenciar, e se eles dois estão contra você, sua vida vai realmente se transformar num inferno.

Esse é um evento raríssimo, e o foda é que ele está acontecendo logo agora, diante dos meus olhos, na minha cara.

— Não surtei. Não saí correndo como você disse que eu sairia — aponto pra Charles —, e você é bem melhor quando não se mistura com ele — aponto pra Benji —, sabia?

— Nossa, minha credibilidade é uma merda mesmo, né — Charles mais uma vez brinca, tirando a risada de Benji e a minha.

Filho da mãe.

Consigo entender um pouquinho da Cloud agora.

— A gente pode falar sério ou vocês vão ficar tirando comigo?

— Na verdade, as tirações eram coisa séria, mas tudo bem. — Charles pigarreja. — Como diabos isso aconteceu, desde quando e por que a gente só tá sabendo disso agora?

— Já disse que eu já sabia — Benjamin dá de ombros —, mas pode falar, eu quero os detalhes também.

— Aconteceu no dia em que nós nos resolvemos depois daquele pequeno incidente.

— Ah, o beijo que você limpou? — Benji pergunta, atraindo um olhar mortal meu para si imediatamente. Charles gargalha, indo até Benji e bagunçando o cabelo dele. — Foi mal, me desculpa, errei muito... — Ele ri, acompanhando o outro idiota.

— Ele foi moleque, perdoa ele — Charles o defende.

— Como eu tava falando — continuo, ignorando os dois —, tudo começou a acontecer no dia em que nos resolvemos, quando fui pedir desculpas pra ela com ajuda da Hazzie.

— Minha garota sempre muito generosa, né? Ajudando os necessitados. — Benji soca a perna de Charles. — Tudo bem, vai, desenvolve. O que já rolou?

— Não vou falar sobre as nossas intimidades.

— Pra quê começou a falar então, porra? Eu sou curioso — Charles reclama.

— Eu também tô curioso.

— Você nem devia tá no meio dessa conversa — Carpenter responde —, é só a nossa pequena criança virgem.

— Por escolha — Benjamin rebate.

— Enfim — Charles o ignora, focando em mim —, a julgar pelo jeito que você tava se amando no espelho e pelo tempo que isso começou, vocês provavelmente já estão se pegando, certo?

— A gente tá ficando.

— Tá escrito na tua testa que você transou, Ashton — ele continua presumindo as coisas como se fosse o dono da verdade. — Não precisa dar os detalhes, mas transou, não transou?

Eu não preciso dar os detalhes, então...

— Sim — os dois arregalam levemente os olhos —, foi ontem. Aconteceu. Ela quis, e obviamente eu esperei por isso a vida toda, então não deu pra negar.

— Meu Deus — Benji murmura. — Sério mesmo?

— Vai lá fora, Benji — Charles manda, empurrando o outro. — Vai porra, vai e grava o céu. Aposto que tem dragões por todos os lados cuspiendo fogo, meteoro caindo, peixe gigante de pernas de formiga e leões com barbatanas.

— Isso foi muito específico — Benji rebate e a gente acaba rindo.

— Deixa de ser idiota, eu tô tentando falar sério — reclamo.

— Tá, mas e aí? — Charles insiste. — O que você tá sentindo com isso tudo?

Agora ele está finalmente levando a sério.

— Acho que ela tá apaixonada por mim.

— Você acha? — Benji devolve.

— Já deveria ter certeza, porque isso sim tá na cara desde sempre. A emburradinha nunca conseguiu esconder — Charles adiciona.

— Vocês acham que eu deveria entrar no assunto com ela?

— Vocês tão fodendo sem compromisso?

Benji dá um soco em Charles.

— Na verdade é meio que um acordo...

— Conta mais — eles pedem juntos.

— No dia que fui pedir desculpas, ela veio com um papo de que queria namorar e ao invés de me declarar, eu surtei pra caralho e propus um acordo entre nós dois onde eu ensinaria pra ela como é ter um namorado.

— Puta merda. — Charles joga a cabeça pra trás, gargalhando, mas ele não demora, vindo até mim e segurando meu rosto. — Você é um gênio, meio lerdo, mas um gênio.

Sim.

Eu sou, não sou?

— Na verdade, essa ideia foi bem ruim — Benji corta nosso clima. — Isso deixa dúvidas demais pra Cloud e bota em risco a amizade de vocês. Foi uma ideia arriscada pra caralho.

— Mas eu já tava no risco — tento me justificar. — Ela queria namorar alguém que não era eu, então eu acho que saí ganhando. Foi a minha oportunidade de fazê-la se apaixonar por mim... e eu acho que deu certo.

— Para de falar que acha, porra. — Charles dá um tapa na minha cara, não é forte, mas também não é exatamente fraco.

Quase revido. — Você tem que ter certeza. Depois da surra de pau que ela levou ontem à noite, com certeza deve tá apaixonada por você. — O idiota sorri, malicioso. — Fez o trabalho certinho?

— Foi a primeira vez dela, imbecil. Ela mandou e eu obedeci. As coisas foram do jeito da Cloud, não do meu jeito. E isso não é uma reclamação, porque eu fiquei muito satisfeito com o jeito dela.

— Virgens também são gente e existem! — Charles exclama, sentando-se no colo de Benji e abraçando ele. — A sua hora vai chegar, meu pequeníssimo Beckett. Você também vai superar esse momento ruim e foder um pouco pra parar de ser tão mal-humorado.

— Será que você poderia sair de cima de mim? — Benji pergunta, sério, sem esboçar uma reação.

— Não.

— Tudo bem — Benji se levanta, jogando Charles no chão —, problema resolvido — sentencia. — Pode continuar, Ashton.

— Não tenho mais o que falar, isso é tudo. A Cloud já contou pra Hazel e agora eu contei pra vocês. — Limpo o suor do meu rosto. — Mas, pelo amor de Deus, sem zoação com ela. Vocês sabem como ela é.

— Foi uma indireta pra mim? — Charles pergunta do chão.

— Não acha que foi pra mim, né? — Benji responde com outra pergunta.

— Bom, eu desejo a felicidade dos meus pombinhos — Carpenter o ignora, deitado no chão. — E eu não vou deixar de irritar vocês. Principalmente ela, que é emburradinha.

Reviro os olhos.

Ele não tem jeito mesmo.

— Entra no assunto com ela — Benji aconselha. — A C com certeza gosta de você da mesma forma. Esse lance de virgindade é sério para algumas pessoas, e eu acho que é o caso dela.

— É o seu? — pergunto, porque é nesse momento que me lembro da festa de Halloween, quando ele saiu carregando a Sloan. — Como a stalker tá?

— É importante pra mim — concorda —, mas não tem nada a ver com a Sanders. Tem a ver com a primeira garota por quem me apaixonei, e ela não é a Sloan.

— Ela é lenda urbana — Charles zomba e eu acabo rindo, mas paro em seguida. — Já tentou falar com essa feiosa? A stalker com certeza vai sair no pau com ela.

— Esqueçam isso — Benji pede.

Charles até abre a boca pra tentar falar algo, mas passo por cima dele.

— Tudo bem — assinto. — Vamos continuar o treino? Precisamos descansar pra amanhã e eu ainda planejo ligar pra Cloud.

— Já tá planejando a próxima transa, garanhão?

Isso sai da boca de Charles.

Afinal, de quem mais seria?

Mas eu o ignoro, só que não antes de lhe dar um chute quando decido seguir pra esteira.

— Ei, porra, eu vou devolver quando você menos esperar! — ele me ameaça.

Preciso gastar minha energia.

É isso ou eu vou bater no dormitório de Cloud.

49

FAÇA UM PEDIDO

*“As promessas são nada mais
do que pensamentos fugazes.
Mas você, você é minha vida.
Eu vou compensar para você.
Todas as noites, eu vou compensar para você.”*

I'LL MAKE UP TO YOU — Imagine Dragons

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
06:50 PM
12.11.2022

— *Ele chegou, ele chegou!*

Meu sussurro sai exasperado enquanto permaneço escondida
atrás da cortina da janela da sala de estar, virando-me pra avisar os

pais de Ashton, mas eles estão ocupados demais conversando e rindo com os meus.

Estamos no escuro há cerca de vinte minutos, que foi quando Benji avisou que já estavam vindo pra cá, e tudo isso por causa de uma surpresa que eu inventei de última hora com os Arkins depois que seu pai deixou escapar na arquibancada do jogo da semana passada o que daria de presente de aniversário pro seu filho.

Ontem foi dia de Bruins e eles ganharam mais uma vez — *como se isso fosse novidade pra alguém*. Mas, também foi dia de estabelecer os últimos detalhes da festa que começamos a planejar há uma semana.

Não é algo grandioso, mas faz alguns anos que não comemoramos dessa forma e eu me animei tanto pra dar tudo certo, que sobrou até pro próprio aniversariante.

Ele está irritado comigo.

Não respondi nenhuma de suas mensagens até trinta minutos atrás, que foi quando nós tivemos uma pequena discussão causada propositalmente por mim.

Ashton tentou me encontrar o dia inteiro.

Ele foi até o dormitório bem cedo, mas meu pai já tinha ido me buscar às cinco e meia, fazendo meu melhor amigo dar de cara com uma Hazel sonolenta e confusa.

Meu presente só poderia ser “feito” às cinco e meia.

Esse foi o único horário que eu consegui com Sloan, que também foi a única pessoa que topou a minha loucura. Eu estou muito, muito animada pra lhe dar o seu presente. Quase tanto quanto estou para ver sua cara quando ele receber o presente de seus pais.

Fugi mesmo de Ashton. Fugi como o diabo foge da cruz, e isso não fez meu coração apertar menos. Honestamente? Me senti mal pra caralho, mas agora já foi, e estamos aqui.

Ele chegou.

Finalmente.

E, cacete, como eu senti sua falta.

Sequer consigo colocar em palavras o quanto meu coração doeu longe do meu quarterback, mas agora é hora de matar a saudade.

— Ele chegou? — Hazel pergunta, posicionando-se ao meu lado. Charles vem de brinde, como sempre. — Ai, meu Deus. Ele chegou. — Ela se vira pra Charles. — Cadê o confete?

— Não é festa de criança — Charles reclama, mas puxa o seu lança confete do bolso traseiro de seu jeans.

Como sempre um chato.

Nos aproximamos da porta e nos posicionamos numa espécie de meia-lua para esperá-lo, e provavelmente assustá-lo.

— Ela não me atende e ainda ficou irritada comigo, reclamando das minhas mensagens e o caralho. Vê se pode uma coisa dessa — Ashton diz e todos nos entreolhamos. Ele está falando de mim? — Diz sua opinião, cara. Eu realmente acho que...

— Minha opinião é que você deveria falar menos — Benji retruca e eu quase perco tudo e me entrego a risada. — Não vai te levar a lugar nenhum ficar se martirizando por causa da Cloud no dia do seu aniversário. É seu dia, não dela.

Ai, Benji.

Essa doeu.

— Que seja, ela não liga mesmo pro meu aniversário. Sou um otário do caralho por me importar tanto com isso — meu melhor amigo solta, irritado como nunca o ouvi antes. *Ops?* — Meus pais me chamaram pra jantar e a casa tá toda no escuro. Que porra. As pessoas realmente tiraram o dia pra encher meu saco, e ainda tiraram o dia errado, porque é a porra do meu aniversário e eu só queria ter paz.

O som do seu molho de chaves sacudindo e da maçaneta girando nos dá o alerta principal.

— 3, 2, 1... — senhora Arkins murmura.

Ashton abre a porta e eu ligo a luz.

Ele está ali, de cabelo bagunçado e carranca irreconhecível no rosto bonito. Meu melhor amigo está usando um moletom azul do Bruins, jeans e tênis. Ordinário e perfeito. Sinto borboletas no estômago instantaneamente.

— Feliz aniversário! — nós gritamos juntos.

Sua mãe puxa o parabéns e nós a seguimos. Bato palmas, sorrindo e sentindo meu corpo inteiro acender. Finalmente, depois de um dia longo de nervosismo e muitos surtos, estamos aqui.

Os olhos de Ashton não me deixam em paz e eu percebo que ele até tenta. O jogador cruza os braços em frente ao corpo, me encarando sério, mas perto do fim da música, sua expressão começa a suavizar um pouco. Acho que sua ficha cai lentamente.

Eu não esqueci seu aniversário e nem lhe tratei mal por capricho, eu só tentei fazer uma surpresa pra ele. E acho que consegui.

O parabéns termina e eu lembro do confete.

— Estoura esse negócio, Charles — lhe dou uma cotovelada, lhe fazendo acordar do transe.

— Ah, é mesmo! — E pronto. É papel pra todo lado, e todos eles em cima de Ashton. Charles vai até o ele, abraçando, amassando e beijando. — Feliz aniversário, meu bebê. Sentiu minha falta?

— Para com essa porra — Ashton reclama, tentando empurrar Charles pra longe.

Sorrio, mordendo meu lábio inferior um pouco nervosa e impaciente.

Eu quero abraçá-lo também.

— Você finalmente me alcançou, né? Vou ter que passar os próximos meses te aturando falar que não me deve respeito até fazer 23.

Idiota.

— Sai fora.

Ash finalmente consegue se desvencilhar dele, recebendo uma grande rodada de abraços e felicitações.

Benji.

Hazzie.

Meus pais.

Seus pais.

Só ficou faltando Sloan e Duke. Os dois não conseguiram vir. Sloan me avisou cedo que ficaria o dia inteiro no The Cave, e Duke avisou que não poderia sair de casa hoje, sem dizer o motivo.

Então, não ironicamente, sou a última da fila.

— Desculpa — peço no momento que sobramos apenas nós dois, cara a cara. Um riso nervoso e frouxo me escapa. — Não quis

te tratar daquele jeito, só quis que...

— Foi uma surpresa — me corta. — Eu entendi, anjo. — Ele fica em silêncio. Quando penso em falar algo, Ashton me puxa pela mão. — Me dá a porra de um abraço que a minha raiva passa.

Então eu faço isso.

Passo meus braços pelo seu pescoço, apertando nossos corpos juntos e deixando que ele me tire do chão como normalmente acontece pela nossa diferença de tamanhos. Laço sua cintura com as minhas pernas, lhe apertando cada vez mais.

Seu cheiro refrescante me faz sentir mais borboletas no estômago. Talvez elas já tenham entrado em metamorfose e se transformado em elefantes.

Senti falta até do seu cheiro.

— Feliz aniversário, amor — murmuro, beijando uma parte do seu pescoço. — Me sinto muito sortuda por estar em mais um ciclo de vida seu, e tudo me diz que esse vai ser um dos melhores da sua existência.

Ashton me faz afastar o rosto do esconderijo na curva do seu pescoço e eu quase reclamo.

Nos encaramos. Firmes. Conectados. Apaixonados.

— Eu vou te beijar. Agora.

— N-Não... a nossa família... eles...

— Você é meu presente de aniversário — rebate. — Lide com isso.

Seus lábios vêm.

Eles caem sobre os meus, irritados e até magoados. O beijo é saudoso demais, cheio de um monte enorme de sentimentos. É praticamente sufocante sentir tudo isso, além do nervosismo natural,

enquanto a sua boca reivindica a minha num ato de posse comum entre nós.

Não ligo pra isso.

E me esqueço de todo o resto.

Empurro minha língua, pedindo passagem sem realmente pedir nada. Ashton me aceita e luta contra mim e contra a vontade que vai nos aquecendo pressionados um no outro.

Ele é minha paz. E o caos também.

É onde eu encontro um abrigo, e é onde eu me faço abrigo.

Isso é como um sonho.

Nós somos um sonho.

As coisas virarem realidade é apenas consequência, porque isso tudo já existiu muitas e muitas vezes na minha cabeça.

Mas a gente não pode continuar.

Pelo menos não aqui e nem agora, senão vamos ter que pedir licença e nos trancar no seu quarto pelas próximas dez horas.

— Porra, eu ainda quero mais — reclama quando me afasto o suficiente. — É meu presente — continua, soando mais irritado do que o normal.

Aliás, falando sobre coisas normais e anormais: é normal eu estar sentindo minha boceta pulsar com o jeito que ele fala comigo e precisa de mim?

Porque eu facilmente daria pra Ashton agora mesmo, e ele nem precisaria pedir nada.

Viro pra trás, não encontrando ninguém ali.

— Eles ainda estavam aqui quando você me beijou? — questiono, voltando a lhe encarar.

— Não — informa.

Meu coração se acalma um pouco.

Um por cento mais calmo já é alguma coisa pra mim.

— A gente não pode fazer isso agora.

— Ah... não? Não podemos? — Ri, irônico. — Não deveria ter me ignorado o dia todo, então eu estaria comportado agora.

— Desculpa. — Meu riso é mais sincero do que o seu. — Você vai conseguir se controlar, amor.

Eu uso as palavras contra Ashton.

Sei que mexo com ele, e agora é a hora de ter certeza de tudo até o momento que eu não aguentar mais e explodir.

— Não fica me chamando de amor e esperando que eu me controle o tempo todo. A próxima vez, te arrasto pro andar de cima, nos tranco no meu quarto e só te deixo sair de lá quando gozar dentro de você.

Dentro de mim?

Dentro?

Gozar dentro?

— Eu não quero começar a ter bebês agora.

— Você tá no período fértil? — pergunta.

— A gente não vai ter essa conversa agora, Ashton Arkins. — Tento sair do seu colo, mas ele continua me carregando. — Vai, me solta.

— *Poxa* — geme. — Eu quero isso de presente, eu quero você. — Faz um bico. — É meu sonho gozar dentro de você e te deixar cheia de mim ao ponto de escorrer, e quando escorrer, vou enfiar em você até não escapar nenhuma gota.

Não, eu não estou no meu período fértil, e agora com ele falando isso, quase cedo. Não é algo que só Ashton já pensou. Eu

já pensei também, e agora por sua culpa estou pensando de novo.

— Para de falar esse tipo de coisa agora.

— Por quê?

— Você sabe o porquê.

Ashton finalmente me dá um sorriso largo e sincero.

— Aposto que tá molhada pra mim.

Definitivamente sim.

Eu não preciso de muito pra ficar pronta para ele.

— Depois a gente conversa e eu te deixo me fazer um pedido.

— Ele já tá feito — retruca, me deixando colocar os pés no chão.

— Você pode mudar de ideia.

— E existe algo melhor que não seja te encher de porra e meter na tua boceta, meu anjo?

Nós precisamos parar com isso. Nós precisamos parar urgentemente. Mas não dá, porque o pior de tudo é que nós só fodemos uma vez.

Isso é só o começo.



LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
09:43 PM

Ashton segura a minha mão debaixo da mesa cegamente, enquanto segue numa conversa acalorada com nossos pais e

amigos e eu troco algumas ideias aleatórias com Hazel sobre os nossos planos para o *winter break*.

Uma coisa que tem me preocupado, mas só por hoje me deixei desprender um pouco, é a minha melhor amiga. Depois da sua crise de ansiedade há alguns dias, não tocamos mais no assunto. Eu, com medo de pisar em algum gatilho seu, e ela, fugindo do assunto o tempo todo e fingindo que está tudo bem.

Eu sei que não está.

Hazel está toda estranha e é preocupante pra caralho.

A única coisa que ainda consegui falar com ela sobre a situação, foi para lhe sugerir que começássemos a procurar um profissional para acompanhá-la nisso.

Eu não sou psicóloga ou psiquiatra.

Fiz minha parte como sua amiga para lhe acalmar e tentar trazê-la de volta pra mim, mas eu sei que Hazel precisa de ajuda. Logo e muito rápido. E, se duvidar, precisa até mesmo de uma medida protetiva contra os pais, porque pelo jeito que ela falou e o medo que demonstrou ter deles, a situação é mesmo séria.

Não me importo se são seus pais, eu já os odeio.

Odeio eles e todos os seus antigos amigos.

Nenhum deles foram de verdade.

Não como eu sou, não como todos nós somos.

— Ei, Cloud. Vamos? — senhor Arkins me chama, ficando de pé e indo até sua esposa.

Agora?

— Já? — pergunto, piscando bem forte pra acordar. Aperto a mão de Ashton de relance e o encaro. — Seu presente — explico. — É hora do presente que seus pais compraram pra você.

— Não precisava disso — diz, virando-se para os pais.

Alena e Alexander estão abraçados e visivelmente animados e emocionados pra caramba.

Os pais de Ashton têm empregos comuns e uma vida financeira estável, assim como meus pais. Eles juntaram muito dinheiro pra nunca deixar faltar nada para o meu melhor amigo. Sempre tentaram lhe presentear com coisas úteis e o mais valiosas possíveis.

Existe uma coisa sobre dar algo pra alguém que consiste muito na sua honestidade e querer.

Quando você ama alguém, você dá tudo que pode pra ela. Às vezes pessoas dão mansões, viagens caríssimas e coisas de valor exorbitante de um jeito tão vazio, que um chocolate de farmácia comprado por uma mãe com três filhos pra criar e apenas dois dólares na bolsa é mais sincero do que esses presentes milionários.

Os pais de Ashton sempre deram tudo que puderam pra ele e meu melhor amigo sempre mostrou sua admiração e gratidão.

Não duvido que quando ele for um jogador muito famoso e rico vai tentar retribuir tudo que for do seu alcance para os seus pais.

Essa não é uma questão de obrigação, mas de carinho e cuidado por quem sempre fez por você. E é por isso que eu penso como ele. Se for bem-sucedida na minha profissão, não vou pensar duas vezes antes de ajudar meus pais e lhes presentear com tudo que eu puder dar de melhor para eles.

Levantamos e nos deslocamos juntos por dentro da casa dos Arkins até a porta de entrada. Alena acaba se dividindo de nós pra acessar a garagem pelo lado de dentro da casa assim como combinamos mais cedo.

Meu coração descompassa e eu tento segurar o meu sorriso. Saímos todos juntos e eu guio Ashton na direção da garagem, posicionando-o no meio da linha que corre até lá.

Nos amontoamos atrás do meu jogador.

Eu o abraço pela cintura, animada e tão ansiosa que fica meio difícil de raciocinar quando o senhor Arkins aperta o botão da porta da garagem e ela começa a subir.

O carro preto, lindo pra caralho, se materializa ali em segundos.

Senhora Arkins, do lado de dentro, liga os faróis do veículo, buzinando pra gente.

Todos rimos, enquanto Ashton permanece parado, imóvel.

Eu espio a sua reação e tudo que consigo ver são olhos arregalados de um jeito tão fofo que dá vontade de lhe morder.

— Caralho, tio. Carrão da porra! — Charles comenta. — Vai lá, cara. O carro é teu.

— É? — Ashton pergunta, se virando para o seu pai.

— Feliz aniversário, meu garoto.

Eu o solto, lhe deixando livre pra seguir em frente, e Ashton faz isso. Ele caminha até o pai e lhe dá um abraço forte. Seus agradecimentos começam a ser derramados deliberadamente, sem o menor controle.

Ele parece tão feliz.

É tão bom vê-lo assim.

E, caralho, Ashton merece isso e o mundo inteiro mais do que qualquer outra pessoa. Isso é tudo que um filho exemplar, carinhoso e cuidadoso como ele, merece.

Meu melhor amigo fica namorando o seu *Jeep* novo por uma longa hora. Ele chama todos nós pra olhar o carro de perto, de dentro.

Charles como sempre diz que o banco do passageiro já é seu, e eu tenho certeza de que ele fez isso só pra me irritar.

A hora de aposentar a picape velha do meu quarterback chegou. Temos muitas memórias boas nela, mas eu sei que as memórias que esse *Jeep* nos trará serão ainda melhor.



LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
01:57 AM
13.11.2022

— Dirige com cuidado, filho.

Senhora Arkins repete isso pela décima quinta vez e eu sorrio também pela décima quinta vez quando ela se apoia na janela do passageiro.

Ashton dá a volta no veículo depois de colocar alguns potes de comida que sua mãe preparou pra gente com o que sobrou da festa no porta-malas e cobertores no banco de trás.

Ele entra atrás do volante, prendendo o cinto.

— Amor, eu acho que ele já entendeu o recado — senhor Arkins diz, puxando sua esposa cuidadosamente pelo braço e abraçando-a.

— Não demorem muito na rua. Quero minha filha em segurança, viu, garoto? — meu pai quem diz.

— Deixa eles se divertirem — mamãe nos defende. — Nós também já fomos jovens um dia.

— Eu ainda sou jovem, amiga — senhora Arkins responde e elas riem. Eu também acabo rindo, um pouco cansada. — Mas sem demorar muito na rua mesmo. Dá pra se divertir no campus.

Meu Deus, é literalmente madrugada.

— Só vamos dirigir um pouco por aí. Não se preocupe, senhor Calloway. Sua filha está em boas mãos.

Boas mãos mesmo.

— Estamos indo — digo, senão ficaremos aqui por horas. — Tchau, pessoal! Amo vocês!

Aceno pra eles e Ash faz o mesmo.

Meu melhor amigo só os espera devolver o gesto pra dar partida.

— Pensei que não teríamos sequer um momento à sós — diz, um pouquinho reclamão. — Não que eu não tenha gostado do que fizeram. Eu amei. — Vira pra me encarar por alguns segundos. — Mas eu queria ter o meu tempo sozinho com a minha garota. Esperei por isso o dia inteiro e o meu inclusive já acabou.

— Que horas você nasceu?

Sua sobrancelha arqueia naturalmente.

— Nove e trinta e um.

Meio estranho ele saber a hora exata, mas tudo bem.

— Então o seu dia ainda não acabou, tecnicamente falando, ele só tá começando.

— Muito inteligente da sua parte, meu anjo.

— Eu sou uma nerd — brinco, mordiscando meu lábio inferior.
— Pra onde nós vamos agora? — questiono.

— Primeiro vamos abastecer e depois eu decido — sentencia e eu apenas confio, feliz e confortável.



LOS ANGELES, CA
MULHOLLAND DRIVE
02:30 AM
13.11.2022

A madrugada está fria, mas a vista compensa tudo.

Viro pra Ashton mais uma vez, segurando sua mão e puxando-a pra cima só para depositar um beijo no dorso liso como ele geralmente faz comigo.

Um pequeno sorriso se forma no cantinho da sua boca em reação ao meu gesto, aquecendo a parte mais baixa da minha barriga. A imagem que tenho sua é perfeita: o perfil desenhado e impecável junto da paisagem de tirar o fôlego do longo trecho que leva Mulholland Drive.

Estamos no meio das montanhas de Santa Mônica, tentando achar um estacionamento grátis com uma vista privilegiada da cidade, mas, especialmente, do letreiro de Hollywood.

Mulholland Drive é um pedacinho rico pra caralho dessa cidade.

Se eu disser que nunca sonhei em morar num lugar como esse, seria mentira.

Aqui nós temos algumas das casas mais caras do mundo inteiro e algumas boas dezenas de celebridades que vivem dentro dessas mansões. Não tenho certeza se eles têm algum imóvel por aqui, mas se eu saísse de casa e desse de cara com o Ryan Gosling ou a Rachel McAdams seria como ganhar na loteria. Quando Ashton ficar famoso, vai ter que arrumar um autógrafo ou foto com um dos dois pra mim.

— Ali.

Aponto pro acostamento a nossa esquerda, porque, apesar de não ser um estacionamento, parece ter uma vista incrível da cidade.

Ashton segue o meu comando, diminuindo a velocidade e entrando no acostamento devagar. Solto a sua mão, deixando-o terminar de manobrar e estacionar. Quando o carro morre, Ashton se vira pra mim, soltando o seu cinto de segurança e se inclinando pra selar nossos lábios rapidamente.

— Quer sair um pouco?

— E dar de cara com um *serial killer*? — brinco, mas nem tanto. — A gente não precisa sair — ele ri —, daqui de dentro já temos um a vista incrível.

Solto meu cinto de segurança, me inclinando pra trás entre os bancos pra pegar os cobertores que Ashton separou pra gente. O jogador fecha os vidros e liga o ar, me fazendo sentir ainda mais frio do que antes e lhe agradecer mentalmente por ter pensado nesses cobertores quando saímos de sua casa.

— Senta aqui no meu colo — pede, empurrando seu banco totalmente pra trás e deitando um pouco o encosto. Arqueio uma

das sobrancelhas, lhe encarando com uma pitada de julgamento. — Eu quero te abraçar, anjo.

— Esse é seu pedido?

— Não. — Revira os olhos. — E eu mereço pelo menos dez pedidos e que o dia de hoje também seja meu pelo jeito que você me tratou.

— Você tá sendo muito chorão — provoco. — Já disse que ainda é o seu aniversário pra mim, e eu prometo não sair do seu lado até que acabe. Tá bom assim?

Ashton concorda com um aceno simples.

Chuto minha *crocs* dos pés e faço como o jogador me pediu, praticamente escalando o seu corpo pra me aconchegar em seus braços. A posição é muito estranha, por isso fico deitada cara a cara com ele, tentando cobrir nossos corpos com um dos cobertores.

— Você tá com tanto frio assim?

— É madrugada — choramingo. — Claro que sim. — Meu bico se forma automaticamente. — E você deixou o ar-condicionado no mais frio.

— É ótimo assim, porque aí eu vou te aquecer.

Espero uma risada no fim da sua frase, mas Ashton não parece brincar, e eu não me incomodo por causa disso. Suas mãos correm por minhas costas, esfregando, mas o jogador não demora para descansá-las em minha bunda. Não me incomodo. Só finjo que não estou sentindo nada e alheia a tudo. E a sorte é que ele não me tocou exatamente lá.

Encosto meu rosto no encaixe do seu pescoço enquanto Ashton aperta de um jeito lentamente doloroso cada lado da minha bunda.

Eu consigo ignorar isso.

Eu sou forte o suficiente e tenho controle o suficiente para ignorar isso.

— Como foi o seu dia? — pergunto, tentando me entreter pra não surtar tão rápido, porque é isso que ele faz comigo.

— Fora a parte que você me ignorou e eu fiquei triste pra caralho?

— Ash — reclamo. — É sério?

— Claro que é — responde. — Fiquei tão irritado com você. Na verdade, magoado poderia explicar melhor como me senti — admite, finalmente soltando minha bunda e me abraçando pela cintura. — Nunca mais repita isso. Prefiro você a uma surpresa de aniversário. — Levanto o rosto para fitá-lo e Ashton segura um dos lados. — Meus dias só fazem sentido quando nós ficamos juntos... nem que seja por um segundo, já conta pra mim.

Merda.

No meu dicionário, o significado de perfeição é Ashton Arkins.

— Desculpa — encolho os ombros, espalmando as mãos no seu peitoral —, nunca mais invento surpresas... e o mesmo vale pra você, tá?

Eu estou aqui me defendendo, mas sei que estaria da mesma forma se fosse o contrário.

— Tudo bem — resmungo, encarando minha boca —, eu odiei passar o meu dia quase todo longe de você. Fora a discussão que você conseguiu nos enfiar em menos de dez minutos de conversa.

Esse é o homem mais lindo e dramático do mundo.

— Tá bom, eu já tô culpada o suficiente — reclamo, me escondendo no seu peitoral.

Seu corpo sacode com a risada e eu vou junto no balanço.

— Ainda tenho que te dar o seu presente.

“E eu estou muito nervosa com isso”, penso.

A sorte é que é pequeno. Bem pequenininho. Sloan riu da minha cara, e eu também ri de mim mesma. Fiz uma das coisas mais toscas e loucas de toda minha vida, e é claro que só poderia ser em nome do meu melhor amigo... do cara que eu estou completamente apaixonada desde que me entendo por gente.

— Não gosto que gaste dinheiro comigo...

— Ah, Ash. — O encaro. — Você gasta dinheiro comigo o tempo todo. Não posso fazer o mesmo? — Ele sorri de lado. — E nem foi tão caro... na verdade, levei de cortesia por ser tão pequeno. Fiquei envergonhada por isso.

— Pequeno? — Franze o cenho. — O que você comprou?

Comprei?

Nada.

— Eu fiz.

— Fez?

Engulo em seco.

— É... — Pigarreio. — É uma tatuagem.

Ashton fica imóvel por uns dez segundos.

Não que eu seja contra tatuagens — *na verdade, eu as amo pra caralho, sou totalmente obcecada, principalmente pelas de Ashton* —, mas marcar minha pele sempre foi algo muito valioso, e eu com certeza não vou fazer mais nada até que sinta muita vontade ou que seja extremamente significativo pra mim como ele é.

— Onde está? — pergunta, começando a olhar pra todo canto em que consegue achar minha pele.

— Na minha bunda.

É isso e foda-se.

Só se vive uma vez.

— Banco de trás — comanda, mas eu não me movo. Isso é sério? — Agora, Calloway. — Engulo em seco. *“Parece que é muito sério”*, reflito. — Eu quero ver.

Merda.

Me fodi, porque ele vai me foder.

50

CADA PEDAÇO QUE ME PERTENCE

*“Isso pode ser o final de tudo.
Então, por que nós não vamos
para um lugar que só nós conhecemos?”*

SOMEWHERE ONLY WE KNOW — Keane

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
MULHOLLAND DRIVE
02:29 PM
13.11.2022

Ela não fez isso.

Enquanto assisto Cloud passar pro banco de trás, obedecendo prontamente o meu comando, puxo o banco do passageiro

cegamente pra frente, me esgueirando pra trás também em mais alguns segundos e empurrando o banco do motorista pra frente.

Quanto mais espaço pra gente, melhor.

— Tem mesmo certeza de que foi Sloan que te tatuou?

— Até onde eu me lembre... — brinca.

— Calloway, eu não brincaria com esse tipo de coisa.

— Desculpa. — Faz um bico. — Mas, sim, foi ela. Hoje cedo. Ela abriu o estúdio do primo só pra mim. Garanto que não tinha mais ninguém lá.

Tudo bem.

— Certo.

Seu corpo pequeno balança pra cima e pra baixo, mostrando o quão ofegante Cloud já está só com uma simples conversa.

Eu ainda nem a toquei. *Porra.*

— Vem aqui — chamo, batendo no espaço ao meu lado e observando-a engatinhar até mim. Me arrasto até o meio do banco, fechando a distância entre nós dois mais rápido. — Você vai tirar ou eu tiro? — Arqueio uma das sobrancelhas, recebendo um olhar envergonhado seu.

Ela está de barriga pra baixo, pernas juntas e bunda empinada, deitada no meu colo enquanto se apoia nos braços pra me encarar sobre o ombro.

— Desembrulha você, o presente é seu — sentencia.

Essa garota só pode estar tentando me matar.

Mas, se é assim, se o presente é mesmo meu, tudo bem...

Enfio os meus dedos na barra da sua calça de moletom, peça para qual Cloud mudou antes de sairmos da casa dos meus pais, alegando que seu jeans estava muito apertado — e estava mesmo,

mas agora eu tenho certeza de que ela estava era sentindo dor no local marcado.

Sequer consigo fazer o mínimo de rodeio, porque assim que meus olhos correm por cima da pele pálida da sua bunda, vejo o pequeno lugarzinho rabiscado em tinta preta numa linha tão fina que parece não ter quase nada ali. Ao redor está levemente vermelho, mas como é pequeno, acredito eu que não esteja incomodando muito.

Mas porra.

Eu não estava preparado pra isso.

Ela não fez isso.

Não.

É um sonho.

— Gostou? — pergunta.

Se eu gostei?

Não consigo parar de olhar para os dois números.

12 é o que está ali, e provavelmente vai ficar pra sempre, tatuado na banda direita da sua bunda.

Se eu gostei?

Se eu gostei?!?!?!?

— Caralho, meu anjo... — murmuro, virado nela. Se antes eu já gostava do seu traseiro, agora então. — É sério isso?

— Sim, e tá doendo um pouquinho.

Puxo seu quadril pra cima, beijando a pele sem a menor noção. Eu devia estar fazendo isso? Não, mas é inevitável. Não dá pra segurar, porque agora eu quero beijar cada pedaço seu... cada pedaço que me pertence.

Cloud geme pelo atrito e eu separo a boca dali, espalhando beijos ao redor e começando a mordê-la.

— Na bunda não... — pede.

Na bunda não?

— Você deixa esse rabo mais irresistível do que nunca e espera que eu aja como uma pessoa normal?

— Você consegue — solta, rindo.

— Consigo é porra. — Seguro o lado esquerdo, apertando com força antes de dar um tapa que ecoa pelo carro. — Mãos no vidro, meu anjo — mando. Cloud hesita. — Faz o que eu tô mandando.

Ela acena com a cabeça e passa as pernas por cima de mim. Nesse percurso, puxo sua calcinha, deixando-a estancada em seus joelhos junto com a calça. Puta merda.

A minha boca saliva.

— *Ash...*

A safada ofega meu nome quase que numa súplica para eu mordê-la inteirinha. Pelo menos é assim que eu escuto seus gemidos gostosos, implorando por mais a cada pequeno toque que lhe dou.

Me endireito no carro, esfregando o meu pau com uma mão e chupando os dedos com outra.

— *O q-quê você... Ah. Merda, merda...*

Enfio os dedos na sua boceta de uma só vez.

São dois e eles parecem preencher a pequena e gorda boceta da minha garota o suficiente para o meu pau começar a sentir inveja. Bombeio pra dentro e pra fora, sentindo o seu líquido começar a se misturar com a saliva que deixei nos meus dedos e

em poucos segundos Cloud começa a comandar o ritmo com o próprio quadril.

Cloud tenta se agarrar no carro, arqueando as costas num ângulo mais do que perfeito e empurrando o rabo nos meus dedos.

Não lhe nego nada.

Desabotoo a minha calça, tirando meu pau de dentro da cueca com uma maestria que eu nem sabia que tinha.

— Como você se fode bem nos meus dedos, meu anjo... — digo, realmente admirado.

Me sinto viciado nisso. *Nela.*

É um sentimento sem volta e sem precedentes.

— *Ashton, por favor...*

— Por favor, o quê? — Franzo o cenho, ainda que ela não possa me ver.

Se Cloud estivesse na minha cabeça, ela teria medo do tamanho da vontade que eu estou de meter sem pena na sua boceta. Tento me lembrar que, tecnicamente, essa é sua segunda vez, mas é difícil me prender nisso com tanto tesão queimando em mim.

Punhetando meu pau e fodendo minha garota com os dedos, eu começo a me sentir no limite. Ela parece estar tão pronta pra mim. Sua boceta melada, escorrendo nos meus dedos. Ela se fodendo. Indo e vindo. Caralho, é de deixar qualquer pessoa a ponto de gozar só em vê-la assim.

Tiro os dedos de dentro dela e solto o meu pau, não resistindo a vontade de ter o seu gosto na minha boca antes de meter na sua boceta.

Com as mãos cheias, abro Cloud pra mim no ângulo perfeito e mergulho a língua ali, entre suas dobras.

Meu rosnado escapa.

Me sinto um animal, e nem é brincadeira. Mas eu não posso fazer nada se ela é absolutamente tudo pra mim e tudo que eu preciso.

É meu vício, minha cura, minha perdição, minha salvação.

— Vai deixar eu te foder sem camisinha? — pergunto, chupando os lábios cheios e gostosos dela. — Se não quiser, meu anjo, é só falar. Eu posso gozar na tua bunda e me satisfazer assim também. Não é um problema pra mim.

— V-Você pode. Como quiser.

Puta que pariu.

Me endireito rapidamente, desesperado.

Afundo os dedos de cada lado do seu quadril, lambendo minha boca melada pelo seu prazer.

Deixo um filete de saliva escorrer por entre meus lábios certeiraamente em cima do meu pau. Solto um dos lados do seu quadril e esfrego todo comprimento da sua boceta até o seu cu, sorrindo pelo jeito que ela fica sensível toda vez que chego perto do buraco que ainda não comi. Mas, um dia, definitivamente vou fazer isso.

Empurro o tronco de Cloud mais pra baixo — tanto que ela cola a lateral do rosto no banco de couro. A carne rosa e molhada da sua boceta me faz ver tudo em vermelho, com uma necessidade descomunal.

O jeito que as nossas texturas combinam é de me foder pra caralho.

Se tem algo perfeito nesse mundo, somos nós dois.

Se tem alguma coisa que preciso que dê certo nesse mundo, somos nós.

Se não for Cloud, não vai ser mais ninguém.

Melo a entrada do seu cu com o pré-goço que vai escapando da ponta do meu pau, pressionando suavemente e ganhando gemidos cada vez mais satisfeitos.

— Ashton... — Suspira.

— Você gosta? — pergunto, brincando com o buraquinho rosado.

— É... estranho.

— Já se masturbou assim? — indago, recebendo seu silêncio como resposta. Puta merda. Safada do caralho. — Meu anjo, o que vai acontecer se eu botá-lo pra dentro?

Ela geme.

Alto.

Cloud parece tão bagunçada.

Em um minuto ela estava decente e agora ela está aqui, mil vezes mais decente, só que bagunçada, e quase me implorando pra comer seu cu.

— Vai doer... — ronrona.

Sorrio com seu jeito.

— Onde você quer?

— Na minha boceta.

Seu pedido é uma ordem.

Escorrego a minha ereção, esfregando-a e molhando de novo com sua excitação, e então eu só meto. Mas não é qualquer metida. Eu meto segurando dos dois lados do seu quadril e olhando a

pequena tatuagem que ela fez pra mim enquanto minha carne é engolida pela sua.

Se transar sem camisinha é bom?

Eu acho que acabei de me viciar nisso.

As paredes da sua boceta me apertam, mordem, me engolem. Seguro um punhado do seu cabelo, não passando vontade, e então eu a puxo pra trás, arrancando outro gemido seu. Ainda não me movi. Ainda estou sentindo sua boceta me esmagar de um jeito gostoso pra caralho, enfiado até a porra do talo nela.

Quando saio a primeira vez, admiro o quão molhado ela me deixa.

Então eu meto, gemendo com Cloud e puxando seu cabelo novamente.

Ela parece linda.

De costas.

Empinada.

Me recebendo de um jeito tão entregue.

Me sinto viajando pra outro planeja, pra um lugar que é só nosso. Lá tem nuvens. Seus beijos. Seu corpo. E nós dois conectados inseparavelmente.

Começo a fodê-la num ritmo confortável para nós dois pelo lugar.

Cada vez que estou perto de meter tudo, Cloud empurra o rabo mais pra mim, como se quisesse ir além. Com uma boceta tão pequena e apertada, não sei como ela ainda não está chorando e me pedindo pra parar. Mas, como dizem, você só precisa fazer com a pessoa certa pra que tudo saia bem.

Então, mudo de ritmo.

Eu não sou mais tão paciente quanto antes.

Solto seu cabelo e me inclino sobre seu corpo trêmulo, fodendo sua boceta até o fundo. Encosto a minha boca na sua orelha, mordendo, chupando, perdendo toda meu controle com o seu cheiro.

Ela me hipnotiza.

É impossível não ficar louco com essa garota.

— *Ash...* — geme, virando o rosto pra mim.

Capturo seus lábios com os meus, enfiando a língua na sua boca e lhe comendo do jeito certo. A cada estocada, trememos juntos e gememos na boca um do outro. E isso continua. Chupo a sua língua, mordo seu lábio, engulo seus gemidos.

— Mais forte... — pede assim que eu separo nossas bocas, ofegando.

Mais forte?

É isso que ela quer.

— Se segura com força no carro ou você vai se machucar — aviso, apoiando-me na porta e me segurando seu quadril.

Não existe mais volta.

Quando recuo a primeira vez e deslizo pra dentro de Cloud, nossas carnes batem tão forte uma na outra, que ecoam.

Somente os suspiros e gemidos sopram.

E o jeito que eu xingo, por tão bom que é.

Sua boceta molhada estava esperando por isso, e eu também.

Ela me comporta direitinho e deixa meu pau cada vez mais molhado.

— Não vou aguentar... — ela geme.

Porra, nem eu.

Da forma que eu estou lhe fodendo e me levando junto, eu não vou aguentar.

— Goza no meu pau, meu anjo — peço. Literalmente.

Então vou mais forte, como ela gosta, dando um tapa na sua bunda do lado que não está tatuado. Bom, não por tinta, porque meus dedos ficam ali.

— *Eu vou g...*

Cloud se treme por inteira, gozando no meu pau, e me levando junto pelo seu simples aviso. Mas eu não paro. Continuo metendo na sua boceta, enchendo-a de porra para não escapar nada de dentro.

Eu a quero cheia de mim.

Eu quero que Cloud cheire a minha porra.

Quando me sinto satisfeito, recuo, e tal como pensei, sua boceta tenta expulsar o meu gozo misturado com o seu de dentro. É uma imagem linda, linda pra caralho, mas eu não deixo sair.

Seguro meu pau pela base e meto devagar, empurrando tudo pra dentro de novo.

— Meu Deus... — ela sussurra. — Isso é... você é...

— Gostoso, né? — brinco, mas não é bem uma brincadeira.

— Delicioso...

Meto de novo e fico metendo até não arriscar mais sair.

Dou um tapa na sua bunda, puxando seu corpo daquela posição com facilidade e deixando-a cara a cara comigo. Os olhos pequenos castanhos se abrem com dificuldade.

Fito Cloud e baixo pra cima, sorrindo do quão aérea ela parece estar.

— Eu quero te foder de novo — admito. — Com essa carinha, meu anjo, não vai dar pra aguentar.

— A gente pode chegar no dormitório pra isso? — pede.

Caralho.

— Talvez eu não consiga esperar — zombo.

— Então eu te chupo até lá.

E quando eu digo que ela é perfeita pra mim, ninguém acredita.

51

AÇÃO DE GRAÇAS

*“Mas uma coisa eu te prometo:
eu sempre cuidarei de você.
É, isso é o que eu vou fazer.”*

SPARKS — Coldplay

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA ARKINS
06:30 PM
24.11.2022

O dia do melhor feriado do ano chegou.

Deposito um beijo da testa de Cloud ao me levantar, seguindo até o banheiro pra minha higiene matinal, que é feita em tempo recorde. Não me prendo e demoro em nada, porque me sinto cem

por cento animado pra passar um dos melhores dias do ano ao lado da minha garota e de nossas famílias.

Volto pro quarto, vestindo uma camiseta, pegando meu celular e me calçando antes de lhe dar uma olhada rápida novamente e sair.

Cloud e eu deixamos o campus ontem e viemos pra casa com Hazel. As coisas não estão muito boas com ela, segundo o que Cloud tem me contado, e como é feriado e Hazel não tem nenhuma família por perto para ir visitar, ela aceitou o convite de passar esse dia com a gente.

O corredor está silencioso.

A ruiva ainda deve estar dormindo, meus pais também.

Eu só acordei cedo — *e até mais tarde do que o usual* — por conta da minha rotina, mas vou tentar ficar um pouco mais na cama com a minha garota até o horário do almoço.

Chego no último degrau, sentindo imediatamente um cheiro bom pra caralho. Meu pai pode até não estar acordado, mas minha mãe definitivamente está. Chegando mais perto de entrar na cozinha, o cheiro vai se intensificando.

Pra acordar seis e meia da manhã, você deve estar com muita vontade de cozinhar.

— Tá saindo, tá saindo! — minha mãe exclama para si mesma assim que eu entro na cozinha, colocando uma fornada dos seus *cookies* caseiros sobre a ilha e sorrindo bem largo pra eles. Seu olhar sobe pra mim e ela abre ainda mais o sorriso, como se fosse possível. — Meu amor, você já tá acordado!

Assinto com a cabeça, surpreso com o jeito que ela está vestida. Até maquiagem minha mãe está usando. Porra, ela ama

mesmo esse dia.

— Bom dia, mãe — digo, me aproximando rapidamente dela para lhe dar um abraço.

— Meu bebê — devolve, deixando suas luvas térmicas de lado e envolvendo minha cintura com força, enquanto eu lhe enlaço pelos ombros. — Feliz Dia de Ação de Graças — fala, ficando na ponta dos pés pra beijar minha bochecha.

— Feliz Dia de Ação de Graças, mãe — retruco, beijando sua bochecha de volta. — Você já tá toda linda — comento, elogiando seu esforço. — Isso é tudo pro nosso dia em família?

Ela se separa de mim, toda cheia de si depois do meu elogio enquanto gira sobre os calcanhares para me deixar ver cada detalhe seu.

Não consigo não sorrir com seu jeito bonitinho.

— É dia de agradecer, então estou me esforçando pra ficar o mais apresentável possível o dia inteiro. Precisamos ser gratos, não é? Então vamos fazer por onde.

Jesus, como é exagerada.

Mas é claro que isso nunca vai sair da minha boca.

Pego um dos *cookies* ainda quentes e mordo.

— E eu agradeço pra caralho por ter uma mãe que cozinha muito bem — brinco, sentando no banco e me servindo uma xícara de café.

— Garoto, para de falar palavrão! — me repreende.

— Ele já tá falando palavrão? — meu pai pergunta, entrando na cozinha de pijama e cara amassada. Igualzinho a mim. — Feliz Dia de Ação de Graças, filho — fala, passando por mim e bagunçando meu cabelo.

Já está bagunçado mesmo.

— Feliz Dia de Ação de Graças, pai.

Ele segue até a minha mãe, lhe abraçando pela cintura e beijando sua boca.

Desvio, encarando meu café e pegando mais *cookies* quentes.

Eu não vou ficar encarando os dois. É meio constrangedor, afinal, são meus pais. E o jeito que eles começam a sussurrar coisas incompreensíveis um para o outro me deixa ainda mais constrangido.

Tomo meu café quente numa rapidez que quase me faz queimar minha boca, enquanto eu deixo os *cookies* pra lá e me levanto.

Lavo as mãos na pia, sorrateiramente, e tento sair sem dar na cara.

— Ei, filho! — minha mãe chama. Merda. — Você já vai subir?

— Vou dormir um pouco mais com a Cloud.

— Nada desse namoro sair? — meu pai provoca.

Solto uma risada, sem jeito, e então nego com um aceno, completando com:

— Tô quase chegando lá.

— Ai, meu Deus! — minha mãe exclama, animada. — Finalmente vou, oficialmente, ter a norinha que pedi a Deus! A gente tem que agradecer em dobro, amor. Em dobro!

Meu pai também ri do jeito animado e espontâneo da minha mãe.

Ainda bem que ela pensa assim.

Cloud é mesmo um motivo pra agradecer.

— Mais tarde a gente aparece, viu? — aviso. — E se a Hazel aparecer por aqui, por favor, tratem ela bem.

— E desde quando a gente destrata os seus amigos?

Minha mãe sai da felicidade para a insatisfação.

Eu lhe deixo reclamar pro meu pai e sigo em direção às escadas, subindo três degraus de uma só vez a cada passada e chegando no topo em segundos.

Eu seria considerado anormal se dissesse que já estava sentindo falta de Cloud?

Abro a porta do meu quarto, achando a morena ainda dormindo perdida no meio dos lençóis em minha cama e não me aguento com a cena perfeita que ela protagoniza. Puxo meu celular do bolso, abrindo a câmera e registrando a sua beleza pra não depender da minha memória pra me lembrar disso aqui.

Sorrio olhando os detalhes da imagem, e quando estou pronto pra travar a tela e colocá-lo de volta no meu bolso, o nome de Charles aparece na tela ao mesmo tempo em que o aparelho começa a vibrar na minha mão.

É uma ligação.

E ele nunca me liga.

Atendo imediatamente, juntando as sobrancelhas em confusão.

— Carpenter?

— *Tenho um pedido pra te fazer* — atira, sem mais nem menos.

— Feliz Dia de Ação de Graças pra você também — ralho com ele.

— *Feliz Dia de Ação de Graças* — resmunga. — *Agora já posso fazer o meu pedido?* — pergunta.

— Que não seja nada difícil, porque a minha mãe tá preparando um banquete pra família. Inclusive, você sabe que tá convidado, né?

— *Sim, sim.* — Pigarreia. — *Ligaram do centro de tratamento da minha vó dizendo que estão fazendo um dia especial pros pacientes e eles estão pedindo a presença dos responsáveis.* — Posso ouvir sua respiração pesada. — *Não quero encará-la sozinho. Não tenho saúde pra isso, nem vontade.*

Já sei onde ele quer chegar e a resposta é sim.

— Posso ir com você — me ofereço sem sequer ouvir seu pedido.

Charles já deixou tudo claríssimo.

— *Não vou atrapalhar o dia com a sua família?*

Sorrio um pouco mexido.

— Você é minha família, cara. Se precisa de mim, eu tô aqui.

— *Sua mãe não vai ficar chateada?* — ele insiste.

— Contanto que a gente detone a comida dela e não deixe sobrar nada pra amanhã quando voltarmos de ver nossa avó, tá tudo bem. Ela entende e sente falta da senhora Carpenter também.

Respiração pesada. De novo.

— *Porra...* — resmunga. — *Tudo bem, tudo bem* — repete. — *Obrigado, Arkins. Vou ficar te devendo essa.*

— Me devendo o quê, porra? Já disse que você é minha família e não se deve nada pra família, entendeu? Sempre que precisar de mim, vou estar aqui, independente de qualquer circunstância.

— *Eu te amo, irmão.*

Irmão.

É isso que ele é pra mim.

— Eu te amo mais — digo com um tipo de sinceridade que guardo pra poucas pessoas. — Quer que eu te pegue que horas?

— *A hora que você quiser* — brinca, provavelmente pra quebrar o clima. Reviro os olhos, mas acabo rindo, e é nesse meio tempo que Cloud começa a se mexer na minha cama. — *Três e meia tá bom.*

— Você vai chamar o Benji? — pergunto.

— *Ele tá com a família. Parece que o irmão dele voltou pro feriado.*

— Liga pra ele ou ele vai ficar puto pra caralho por termos ido ver a vovó sem ele.

— *Mas...*

— Só liga.

— *Tudo bem, eu vou tentar.*

— Beleza. A gente se vê mais tarde.

— *Obrigado de novo, irmão.*

— Não se preocupa. Hoje a gente mata a saudade dela.

— *Ou piora ela ainda mais.*

— Relaxa — tento tranquiliza-lo. — Vai dar tudo certo.

Dando uma risada triste, ele diz:

— *Assim eu espero.*

A chamada é finalizada por parte do meu amigo e eu respiro fundo, deixando o celular na mesa e seguindo para cama.

Hoje veremos a nossa avó. Juntos. Senti muita sua falta, apesar de ter ido vê-la muito mais vezes do que Charles, sozinho

com Benji sem a gente falar nada pra ninguém.

Me deito, tentando não ficar pilhado para esse encontro que, ou pode ser muito bom, ou muito ruim para o meu melhor amigo.

— Com quem você tava falando?

Sua voz arrastada e rouca faz coisas indecentes comigo.

— Charles.

— Ele não dá descanso nem hoje... — reclama, mas eu sei que é só seu jeitinho de implicar com ele. — O que ele queria?

Cloud esfrega os olhos, abrindo-os lentamente.

— Ligaram pra falar sobre a vovó — ela tenta se sentar, rápido, mas eu a contenho —, calma, anjo. Tá tudo bem.

— Caramba, Ashton. Que susto.

— Não se preocupe, era só pra falar que hoje eles estão organizando um momento especial para os pacientes por conta do feriado, e obviamente isso envolve os familiares. — Pauso. — Charles não quer ir sozinho, então ele me ligou pra convidar.

— Ah... — murmura. — Posso ir também? — pergunta, fazendo meu coração acelerar em admiração.

É por isso que nunca tive dúvidas de que Cloud seria a garota certa pra mim.

— Você quer ir?

Cloud concorda.

— Se eu não for atrapalhar...

— Você nunca atrapalha, meu anjo. Fora que a vovó também deve sentir sua falta.

— Eu não ia tanto quanto você pra lá.

— E ela sempre perguntava por ti — retruco.

Senhora Carpenter realmente perguntava. Era sempre “cadê a garota do meu neto apaixonado?”. Até mesmo ela sabia da minha paixão platônica de longos anos por Cloud, e é claro que ela torcia por mim. Hoje, se ainda conseguisse se lembrar por pelo menos um segundo de nós, ela estaria feliz e orgulhosa de ver que estamos finalmente ficando juntos.

— Já começou seus agradecimentos do dia? — brinco, afastando os pensamentos da minha cabeça pra não acabar triste.

— Acabei de acordar — se desculpa, e, tudo bem, eu vou deixá-la escapar ilesa dessa. — Me conta primeiro pelo quê você é grato.

Essa é a hora que o jogador faz ponto em campo e corre pra comemorar.

— Pelo quê eu sou grato? — pergunto, pensando mil coisas ao mesmo tempo enquanto me ajeito sobre o corpo de Cloud, pairando e suportando meu peso nos braços para não machucá-la. — Quer ouvir qual versão? A de bom moço ou a totalmente explícita?

— Começa logo — fala, toda manhosa e risonha.

Sorrio de volta, porque ela só vai ficando mais e mais linda.

É impossível não corresponder aos seus pequenos gestos.

— Sou muito grato pelos meus pais, por você e sua família, pelos meus amigos. Sou grato pelo meu time e pelo futebol, por toda equipe que cuida da gente e dos bons ventos que estão nos empurrando para o topo...

— ... você é o vento — me interrompe.

— Sou grato a UCLA pela oportunidade do caralho que deram pra mim e para os meus amigos. Acho que nunca vou deixar de ser grato a eles por isso — afirmo com sinceridade. — E agora, a

versão explícita... — Procurando a permissão nos seus olhos, seguro o lençol que Cloud está coberta, tirando-o de cima dela sem raciocinar como alguém cheio de juízo.

— Ashton — ela me repreende, mas não diz que não.

Esse é o jeito de Cloud mostrar que ela quer alguma coisa, mas não sabe como dizer isso com as palavras.

Admiro suas curvas cobertas por uma camisa velha minha que fica colada em seu corpo, acompanhada de uma calcinha pequena. Eu não sei de onde Cloud está tirando essas malditas calcinhas — *porque ela nunca usou ou sequer as teve* —, mas eu definitivamente estou adorando.

Seguro a barra da blusa, subindo-a com uma trilha de beijos que vou depositando languidamente em sua pele. Cloud ri, contraindo a cada selar de lábios. Isso só me faz beijá-la mais, porque eu amo o som da sua risada.

Finalmente chego até a terceira parte que mais gosto nela. Não que tenha algo que me incomode, a morena é toda perfeita, mas eu sou um homem de bundas.

— Sou grato pelos peitos lindos da minha mulher — rolo a minha língua molhada no botão duro e rosado do seu mamilo direito —, eles são lindos e me fazem muito feliz. — Chupo, grunhindo de satisfação. Meu pau já começa a ganhar vida dentro das calças. — Grato por essa barriga linda. — Desço de novo, beijando-a de ponta a ponta. Então, seguro suas pernas e as coloco sobre meus ombros. — Grato por essa boceta gostosa. — Mordo Cloud por cima do tecido da calcinha, lhe tirando uma gargalhada. Mas é só eu afastar a peça pro lado que ela começa a gemer baixinho. — E muito grato por sua bunda — aperto os dois lados, puxando-a só pra

afundar a língua entre suas dobras. — Fico dividido entre o rabo e boceta. Não por qual dos dois sou mais grato, mas por via das dúvidas vou comer cada um deles com o mesmo afinco...

— Não vou te dar o meu c... Ash! Merda, caralho...

Ela geme porque chupei seu clitóris. E porra, como é gostosa. A calcinha que antes estava adorando, agora me irrita. Solto sua bunda e seguro os dois lados, rasgando-a de cada lado com um puxão.

— Minha calcinha!

Cloud até tenta reclamar, mas não consegue sustentar a falsa pose de mulher brava nem por dois segundos.

E eu tenho a melhor refeição de café da manhã de toda minha vida em Dia de Ação de Graças.

Sou realmente grato por minha futura namorada e melhor amiga.

52

VOVÓ

*“Agora estou imaginando
por que deixei isso preso dentro de mim?
Então, estou começando a me arrepender
de não ter dito tudo para você.”*

NEVER GONNA BE ALONE — Nickelback

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CENTRO DE TRATAMENTO ST. LOUIS
04:30 PM
24.11.2022

**É muito fácil dizer que Charles está nervoso, porque ele já
fumou pelo menos sete cigarros desde o instante em que**

entrou no meu carro até agora, que finalmente chegamos no centro de tratamento para visitarmos sua avó.

Já fomos transferidos para a área externa, onde os pacientes estão recebendo suas famílias, e estamos todos tensos, aguardando a senhora Carpenter finalmente ser trazida pra cá.

Charles não para de balançar a perna, mudando seu peso de um lado para o outro. Apesar do dia estar ensolarado e o lugar ser lindo pra caralho nesse campo aberto e bem cuidado, parece que estamos no meio de uma tempestade... e, de alguma forma, sinto que é o princípio de uma, principalmente assistindo meu amigo tão inquieto assim.

— Ela tá vindo — Charles sentencia com os olhos vidrados num ponto, mas ele não demora para virar de costas.

Viro para a minha esquerda, achando-a ali.

Senhora Carpenter, a nossa avó.

Cloud me abraça pela cintura e pelo canto do olho vejo Hazel se mover até Charles. Benji se aproxima de mim, ficando do meu outro lado, enquanto compartilhamos um silêncio que me amassa por dentro.

Ela está tão...

— Debilitada — Benjamin murmura, tirando as palavras da minha mente.

— Sim... — murmuro, pensativo.

— Ele não vai aguentar — Cloud chama minha atenção e eu viro, procurando Charles, achando-o completamente descontrolado.

Me desvencilho da minha garota, seguindo até o meu melhor amigo e Hazel. A ruiva até tenta ajudar, mas Charles sequer olha na

sua cara. Ela me encara e eu assinto com a cabeça, o que faz com que ela lentamente se afaste.

Charles balança os braços e os esfrega.

Então, ele se agacha e levanta.

Esfrega o pescoço, o rosto, a nuca.

E repete todo o processo.

— Ei — chamo, parando na sua frente.

Ele se agacha e eu faço o mesmo.

Com a cabeça baixa, ele funga. Está chorando.

— Não vou conseguir — admite, baixo, e eu só consigo ouvir porque estou perto demais.

Seguro suas mãos e ele levanta o rosto com os olhos marejados, me encarando com aquela marca de dor profunda nos orbes claros.

— Tô aqui, beleza? — digo, tentando manter a minha calma.
— A gente precisa passar por isso, meu irmão. É por ela e por nossas memórias. A voz dela ainda é a mesma, a pele dela ainda é a mesma, o cabelo dela ainda é o mesmo. Ela ainda está ali, em algum lugar, e talvez ela esteja procurando por nós... por você, Charles. Então você vai passar por isso, você precisa passar por isso, porque ela precisa te ver de novo e ouvir você chamá-la de vovó nem que seja por mais uma única vez.

— Uma única vez — concorda. — Uma única vez. Uma única, única, única, única, única...

— Isso. — Solto suas mãos e me levanto. Charles se endireita também, esfregando o rosto de novo para afastar as lágrimas e respirando fundo. — Vamos falar com ela, agora? — pergunto, virando e vendo de longe que a vovó já está acompanhada por

Benji, Cloud e Hazel. Senhora Carpenter sorri e meu coração até erra uma batida com isso. — Olha lá — digo pra Charles —, ela tá sorrindo.

Meu melhor amigo vira e encara a cena.

Assisto os seus olhos brilharem pra caralho.

O jeito que Charles ama sua avó é diferente de absolutamente tudo.

É a coisa mais pura que eu acho que ele já sentiu.

— O sorriso dela ainda é o mesmo — declara, sorrindo um pouco também. — Será que a risada ainda tem aquele som espalhafatoso?

Nos encaramos.

A gente ri e eu dou de ombros.

— A gente pode ir lá e tentar fazê-la rir. O que acha?

— Não — diz, rápido. — Quero dizer, sim... mas eu ainda não quero falar com ela... — Pigarreia. — Posso ficar só observando?

Não vou forçá-lo. Nem tenho como fazer isso, então...

— Claro que sim.

— Tudo bem.

Dou uns tapinhas nas suas costas e nós seguimos lado a lado até a senhora Carpenter.

— O cabelo dela é muito lindo. — Ela está agarrada no seu velho caderno de desenhos elogiando Hazel, que sorri envergonhada. Senhora Carpenter amava desenhar, e eu acho lindo pra caralho que mesmo no meio dessa doença, ela segue com o caderno em mãos. — Dá muito trabalho, querida? — pergunta. — Como é seu nome mesmo? — Franze o cenho.

Hazel provavelmente já disse e ela já esqueceu.

— É Hazel, vovó — diz. — E, sim, dá muito trabalho. É bem longo, não acha?

— Claro que sim — responde. — Na minha mocidade, meu sonho era ter um cabelo bem longo, desse jeitinho... mas acabou que meu cabelo ficou igual o dessa aqui. — Ela encara Cloud. Seguro o riso imediatamente. — Como é seu nome mesmo?

— Cloud, vovó. Eu sou a Cloud. — Ela faz um bico, como sempre. — E você não acha o meu cabelo bonito?

— É bonito — vovó assente —, mas não é como o dela. Não é... — Pausa. — Como é seu nome mesmo?

— Hazel, vovó. É Hazel.

Vovó ri e nós a acompanhamos.

Senhora Carpenter está numa cadeira de rodas com um suporte ao seu lado. Esse suporte tem soro e, pelo que noto, duas sondas. Da última vez que vim aqui, os enfermeiros disseram que teriam que colocar uma sonda de alimentação porque ela não estava mais conseguindo mastigar, como se tivesse esquecido até mesmo disso.

Essa doença é triste.

Por mais que estejamos aqui, sendo fortes por ela, rindo e nos “divertindo”, cada palavra que sai da boca da senhora Carpenter é uma pontada no peito diferente. E se eu estou sentindo isso, não consigo imaginar o que está se passando na cabeça de Charles agora.

Nos sentamos ao redor da nossa avó, Cloud e Hazel de cada um dos seus lados porque ela, mesmo com certa dificuldade, não para de falar com as duas, e o tempo vai se passando assim.



Está na hora de irmos embora.

O tempo simplesmente voou em meio a conversa incessante que a senhora Carpenter estabeleceu com Cloud e Hazel. Pelo que pareceu para todos nós, vovó ficou encantada com Hazel e seu “cabelo longo ruivo impecável”, segundo suas próprias palavras.

Não sei quantas vezes Hazel repetiu seu nome, mas sempre que a senhora Carpenter lhe perguntava, ela respondia com o mesmo sorriso no rosto.

Benji e eu demoramos para interrompê-las, mas eu não poderia passar a oportunidade de falar com ela mesmo que não se lembrasse da gente.

Uma coisa que me deixou intrigado, foi como a vovó não olhou na direção de Charles nem por um instante. Não sei se por sua empolgação ao falar com a gente e conversar sobre cabelo em meio tantas histórias, mas ela não olhou pro meu melhor amigo nem de relance, e o foda é que ele também nem fez menção de abrir a boca pra falar com ela.

Me sinto mal por já estarmos indo embora.

Minhas pernas ficam pesadas demais quando tento me levantar, como se algo não estivesse me deixando ir. Simplesmente, ir.

— Você tá bem? — Cloud pergunta, me encarando com atenção.

Só de olhar pro seu rosto me sinto melhor.

Fico de pé, segurando a sua mão e toco o ombro de Charles.

— Vamos? — pergunto.

Ele segue encarando a senhora Carpenter, que ainda está sorrindo conversando com Hazel até o último instante.

— Vamos — afirma.

Olho para o nosso redor, observando os enfermeiros começarem a levar os pacientes para dentro. A maior parte dos familiares já foi embora. Restamos praticamente só nós e os outros pacientes, junto da senhora Carpenter.

— Nós chegamos para buscá-la. — Uma enfermeira declara com paciência, olhando para todos nós. — Vamos, senhora Carpenter?

— Ela vai ficar bem?

Charles finalmente se pronuncia entre todos nós e não apenas entre nós dois. A enfermeira lhe encara e essa é a primeira vez que a senhora Carpenter também lhe dá atenção.

— Não se preocupe. — A enfermeira sorri. — Cada manhã é um elogio diferente que ela faz para a vista privilegiada que tem da praia. — Pausa. — Sua avó está sendo muito bem cuidada e vai ficar muito bem.

— Tudo bem — Charles afirma. Benji e Hazel vêm até nós. — Então agora nós podemos ir — completa.

E é isso que nós fazemos.

Não consigo dizer um “tchau” para ela, porque eu sei que isso vai acabar fazendo com que a vovó engate em outra conversa e a enfermeira já está pronta para levá-la. Abraço Cloud pelo pescoço

com Benjamin do meu outro lado, seguido por Charles e Hazel na outra ponta.

Esse há de ser um dos fins de tarde mais lindos que já presenciei.

O céu alaranjado, os pássaros voando, o cheiro de mar por perto.

— Eles já estão indo? — escuto a senhora Carpenter questionar, mas não me atrevo a virar pra trás, ou sou capaz de deixar meu coração ali para ela.

— Sim, minha querida. Eles precisam ir agora e você precisa entrar para descansar um pouco. O que acha? — a enfermeira lhe responde. — Mas eles voltarão em breve para outra visita.

— Eles não... — Sua voz some. — Capitão Charles?

Paro de andar. Imediatamente.

Cloud ainda tenta seguir, mas ela para também quando sente que meus pés não conseguem mais sair do chão. Benjamin está da mesma forma e Charles, bom, talvez ele seja o mais petrificado entre nós.

Benji e eu nos encaramos.

— Ela disse isso mesmo? — pergunta.

— Foi isso ou nós estamos todos ficando loucos, juntos.

— Meu capitão Charles?

De novo.

Solto Cloud, dando um único passo para frente pra encarar Charles.

Viro o rosto, encarando-a sobre o meu ombro e achando-a com os olhos vivos como segundos atrás não estavam.

Senhora Carpenter encara fixamente as costas de Charles.

— Charlie... — Hazel sussurra pra ele.

O loiro finalmente se vira, encarando a sua avó daquela distância com uma descrença que sinto atravessar a mim mesmo.

— Vó? — pergunta, e apesar de ser uma pergunta tão simples, ela me dá um soco no estômago que quase me faz cair de joelhos no chão.

— Meu neto, é você mesmo? É o meu capitão Charles?

Porra. Porra. Porra.

Ele não pisca.

Ele nem parece respirar.

Seguindo em frente a passos trôpegos, Charles caminha na direção da senhora Carpenter numa lentidão que mostra muito da sua insegurança.

Assistimos a cena sem reagir.

— Meu Deus, é você, meu neto! — exclama, abrindo os braços com os olhos azuis cheios de lágrimas.

Charles então se apressa, correndo na direção dela e fechando a distância entre eles com uma urgência que ninguém nunca conseguiu lhe arrancar. Seus joelhos afundam na grama quando ele cai ali na sua frente, passando os braços por sua cintura, abraçando-a como dá por conta das limitações da cadeira de rodas.

Seus ombros balançam.

Eu sei que ele está chorando.

Eu mesmo sinto os meus olhos se encherem de lágrimas diante de tudo que vejo.

A senhora Carpenter lembrou dele.

A senhora Carpenter lembrou do Charles, do seu neto.

— Eu senti tanta sua falta, meu capitão. Por que você demorou tanto assim para vir me visitar? — pergunta, correndo os dedos pelo cabelo loiro dele. Seu jeito é mais tranquilo, apesar do choro, exatamente como alguém que apenas sentiu falta da outra pessoa. — Não demore mais assim, eu não vivo sem você.

Caralho.

Porra.

Eu não sei o que pensar.

Eu não sei nem se consigo pensar algo.

— Me desculpa, vovó — ele pede, erguendo o rosto para encará-la. — Me desculpa, por favor. Me desculpa, me desculpa, me desculpa... — Respira fundo, engolindo sua saliva audivelmente. — É difícil te ver assim, eu não consigo...

Sua voz se perde aos poucos.

— Você não precisa pedir desculpas, meu filho — senhora Carpenter segura seu rosto, abrindo o seu sorriso enorme para ele. — Você cresceu tanto e está tão lindo. Preciso te desenhar agora... — diz, soltando Charles para pegar o seu inseparável caderno.

— Não, vovó — implora, segurando suas mãos. — Só fica comigo. Fala comigo. Eu preciso que você fale comigo e que nunca mais saia do meu lado. Por favor, vovó. Por favor.

— Eu nunca vou sair do seu lado, meu amor. Estou aqui, você não tá me vendo? — brinca, esticando seu olhar até Benji e eu. — Ashton? Benjamin? — pergunta, semicerrando o olhar. — São vocês?

Concordo com a cabeça, sentindo uma lágrima escorrer por minha bochecha e engolindo em seco.

— Somos nós, vovó — Benji fala por mim e por ele.

— Ah, meu Deus! Como senti falta dos meus pequenos. Venham aqui, por favor. Venham!

Ainda não consigo me mover.

— Vai lá, amor — Cloud murmura pra mim, tocando minhas costas.

Minhas pernas se movem pesadamente nos primeiros passos, mas logo eu estou indo apressadamente até ela, caindo em seus pés de um lado e Benjamin do outro.

— Minhas crianças — diz, tocando meu rosto de um lado e o de Benjamin do outro. Coloco a minha mão sobre a sua, não suportando o peso em meu peito e simplesmente chorando — Meu trio imbatível, meus garotos de ouro. — Sorri pra gente. — Vocês são tão lindos juntos, meus filhos.

— Senhora Carpenter, a senhora...

— Ah, Benjamin! O que eu já te disse? É vovó pra vocês — repreende imediatamente meu amigo, exatamente como sempre fez.

Solto uma risada no meio do choro e Benjamin me acompanha.

Charles continua ali, encarando-a com os olhos tristes e lhe abraçando com tudo de si.

— Sentimos muita falta de você, vó — confesso, ganhando um pouco de sua atenção disputada. — Você faz muita falta. De verdade.

Isso é tudo que eu consigo falar e repetir, e repetir, e repetir.

Mas, porra, é a verdade.

É isso que mais sentimos, depois de todo amor que temos por ela.

— Meu quarterback — declara, fazendo meu coração diminuir consideravelmente —, como você está lindo. Nunca mudou, não é?

— Nunca.

Sorrio, convencido.

— Só não é mais lindo do que o meu Charles.

Todos rimos, incluindo Charles.

— Assim eu fico com ciúmes, vovó — Benji reclama.

— Você sempre foi meu pequeno anjo favorito, Benjamin — o elogia da sua forma. — Como está o futebol? Ganhando todas as partidas para mim? Ah, Deus! Será que posso ir assisti-los no estádio?

— Todas, vovó — digo, o que é fato.

— A temporada é nossa, vovó — Charles toma a frente, soando genuinamente empolgado e orgulhoso pela primeira vez em muito tempo. — Nós somos o melhor ataque entre todos os times de todas as divisões. Os playoffs serão nossos, e já temos uma vaga garantida para disputar o draft. Estão todos de olho na gente, e, como prometido, jogaremos juntos pelo resto da vida. — Charles olha para mim e depois para Benji. — Vai ser do jeito que eu te prometi que seria. Eu e meus melhores amigos ganhando a porra da América inteira.

Ele prometeu?

Charles prometeu isso pra ela?

— Ah, meu neto... — sussurra, segurando o rosto de Charles novamente e o encarando com adoração. — Vocês sempre serão os melhores para mim. Você sempre será o melhor, meu filho. Sempre.

— E você sempre será a melhor mãe e avó do mundo... — Charles continua falando com a voz pesada e embargada. — Por

favor, vovó. Por favor, mamãe. Não me deixa de novo. Isso é tudo que eu te peço. — Ele olha pra cima e eu acabo fazendo o mesmo. — Por favor, Deus, realiza só esse meu desejo.

Mentalizo isso.

Coloco minha mão livre em suas costas, tentando lhe passar um pouco de força.

Ele não pode pedir isso para a senhora Carpenter, mas isso é só a minha parte racional falando mais alto, porque a emocional está tão fodida quanto a dele.

Eu não quero que a senhora Carpenter nos esqueça mais uma vez.

Eu não quero que a senhora Carpenter esqueça Charles.

— Eu nunca vou te deixar, meu Charles — afirma, piscando com força. Quando abre os olhos, a senhora Carpenter fita Benjamin e eu, respectivamente. — Nem você, nem Ashton ou Benjamin. — Ela toca meu rosto e eu volto a segurar sua mão, dando um leve aperto nela. Seus olhos se fixam apenas em mim, então ela pede: — Cuide do meu Charles, quarterback. — Se vira para Benji. — Você também, Benjamin. — Pausa. — Vocês são os melhores amigos do meu filho, são as únicas pessoas que nós temos, então, por favor, cuidem dele.

Acredito que o seu pedido é quase como ter um punhal enfiado no peito. Eu não sei exatamente a sensação, mas posso apostar que é como isso.

— Eu vou, vó — garanto-lhe com toda certeza que tenho. — Não se preocupe, eu sempre irei cuidar dele. Sempre.

— Eu também — Benji retruca. — Ele é meu melhor amigo, apesar de ser irritante como você já conhece — adiciona e a

senhora Carpenter abre o sorriso mais doce e amável possível —, mas eu não o trocaria por nada.

— Vó, olha pra mim. Olha pra mim, por favor — Charles implora repetidamente até ela encará-lo. — A gente vai voltar pra casa, tudo bem? Você vai comigo pra casa de novo. O que acha? Eu e você juntos na nossa casa. Prometo que vou cuidar de tudo, prometo que vou cuidar de você.

Ela sorri pra ele.

— Sim, filho. Nós vamos pra casa — responde, fazendo meu amigo balançar a cabeça positivamente de um jeito frenético.

— Vamos, por favor. Vamos...

Ele tenta se levantar, mas suas pernas cedem.

— Charles... — A enfermeira tenta intervir.

A verdade é que tudo que ele tem guardado dentro de si mesmo desde muito antes de chegarmos aqui, está fugindo do seu controle.

— Nós vamos pra casa! — grita, encarando a mulher como se ela fosse algum tipo de demônio. Suas mãos trêmulas alcançam o rosto da senhora Carpenter, que segue sorrindo. — Prometo que vou comprar o leite que você pedia todos os dias, prometo que vou tirar todas as minhas tatuagens se você não gostar delas, prometo ser alguém mais decente, vovó. Prometo qualquer coisa que te faça voltar pra casa comigo.

— Suas tatuagens são lindas, meu filho. E eu ainda quero aquele leite fresquinho que a senhorita Vivienne nos vendia — responde, calma e paciente.

— Prometo cuidar de você todos os dias, prometo dedicar mais ainda ao futebol e aos meus amigos, prometo te dar uma nora

pra cuidar e no futuro um monte de netos. Eu prometo isso, vovó. Eu prometo isso e um monte de coisas, mas você tem que ficar comigo, você tem que voltar pra casa comigo, porque eu nunca mais consegui entrar lá sem você. Eu não quero entrar naquele lugar e te ver em cada canto, mas não te encontrar me esperando com uma bronca na ponta da língua por causa de uma reclamação da escola. Eu não quero ficar sem você.

— Eu te amo, Charles — senhora Carpenter sentencia. — Eu te amo muito, meu Charles.

— Por favor — continua incansavelmente. — Volte comigo, por favor. Volte comigo, vovó. Volte comigo. Não deixe que eu estrague sua vida também. Volte comigo e eu vou ser alguém melhor, volte comigo...

As lágrimas jorram de mim.

Escuto Benjamin soluçar alto, talvez chorando mais do que eu.

A situação do nosso melhor amigo é irremediável. Ele está quebrado em pequenos e irreparáveis pedaços, perdido dentro da sua própria realidade de um jeito que parece não ter mais volta.

Ela não pode voltar com você, Charles.

Ela não pode.

— Quem são vocês?

Essas três palavras da senhora Carpenter me quebram no meio.

Nunca ouvi três palavras mais cruéis do que essas.

Solto sua mão imediatamente, vendo seu olhar se tornar vazio e opaco.

— Não faz isso comigo, vó... — Charles murmura, inconsolável. — Não faz isso comigo, por favor. Eu não vou

aguentar, vovó. Volta pra mim. Você disse que não ia me deixar, então não me deixa agora.

Ele se agarra no colo da senhora Carpenter como quem diz que não vai sair dali nunca mais.

— Quem é você? — pergunta diretamente pra ele. — Me solta! Ele está me machucando! — grita.

— Volta pra mim e me deixa pelo menos dizer que eu te amo uma última vez. Só mais uma vez, vovó — suplica, engasgando no próprio choro. — Volta pra mim, vovó. *Volta. Volta. Volta. Volta. Volta.* Eu te amo. Volta pra me escutar dizer isso pra você. Eu te amo, eu te amo muito.

— Me solta! — senhora Carpenter continua gritando, tão assustada que me dá pena. — Eu não te conheço! Me solta agora! Enfermeira, enfermeira!

Ela se descontrola, se transformando em alguém completamente diferente de quem realmente é, totalmente agressiva.

Mais enfermeiros se aproximam pra ajudar a contê-la, mas é complicado lidar com a situação por si só. Recolho força de onde não tenho pra ficar de pé. Benjamin faz o mesmo.

Seguramos Charles, que não quer soltar a vovó ainda que ela esteja literalmente lhe batendo, e o tiramos dali com dificuldade.

Ele também não está nem um pouco controlado.

É normal.

Não temos o que fazer.

A essa altura, todos os nossos esforços serão inúteis para conter a situação.

— Vovó!

Charles chora e o seu desespero acaba comigo.

Ele se abraça em Benjamin,

— É melhor vocês irem agora — uma das enfermeiras sentencia, ofegando enquanto os outros ainda estão lidando com a senhora Carpenter.

— Eu não disse pra ela que a amava enquanto ela ainda conseguia se lembrar de mim — Charles se lamenta, gritando com uma revolta que também me causa angústia . — Eu preciso dizer! Ela precisa me ouvir, ela precisa me entender!

Que se foda o Alzheimer.

Que ele exploda por tudo isso.

— Senhor — a enfermeira diz diretamente pra mim — vocês precisam ir. Agora.

— Ela vai ficar bem? — pergunto, porque é isso que nos resta.

— Ela vai ficar bem — a enfermeira responde e nos dá as costas.

Ela pode até ficar bem, mas olhando pra Charles do jeito que ele está, eu sei que é ele quem não vai conseguir ficar bem.



BRUINS VS. GOLDEN BEARS

*“Eles não irão nos forçar.
Eles irão parar de nos humilhar.
Eles não irão nos controlar.
Nós seremos vitoriosos.”*

UPRISING — Muse

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
04:38 PM
27.11.2022

Três dias se passaram desde a nossa visita à senhora Carpenter e eu ainda não me recuperei mental e emocionalmente de tudo que aconteceu naquele dia.

Minha implicância com Charles sempre foi algo bilateral.

Quando eu estou quieta, ele me irrita; quando ele está quieto, eu o irrita, e é assim que nós levamos a nossa amizade meio problemática. Eu gosto das coisas como elas são, como elas sempre foram, mas parece que está tudo ficando extremamente caótico entre nós “de uma hora pra outra”. Todos nós. E eu odeio cada segundo disso.

Não, isso não tem nada a ver com Ashton.

Depois que saímos do centro de tratamento da senhora Carpenter, fizemos Charles passar o restante do dia com nossa família e Hazel por uma questão de segurança.

Ele não falou com ninguém e sequer tocou na comida.

Não o julgo por isso, porque eu também quase não toquei em nada. Foi difícil fazer algo descer depois de tudo que presenciei.

Na manhã seguinte Charles foi embora e nós demos uma carona pra Hazel, que quis voltar pro dormitório. Por mais que eu não quisesse que ela fosse pra longe, não tive cabeça de lutar contra sua vontade.

E no meio de tudo isso, ainda notei um clima bem merda e morto entre Charles e Hazel, mas ninguém, incluindo a mim mesma, fez nada.

Vivemos meio que no automático nesses últimos três dias.

Ashton e eu passamos a maior parte do nosso tempo livre, juntos, na cama, abraçados.

De alguma forma, tentei consolá-lo também, porque eu vi no seu rosto e nas lágrimas que derramou nas últimas noites, que ele não ficou nada bem com tudo.

Nem pela senhora Carpenter, nem por Charles.

É por isso que, ainda que eu tenha esperado muito por esse dia, não consigo ficar nem animada, nem temerosa, por nada.

Pelo menos *ainda* não.

Contemplo o telão enorme do estádio, vendo ali os brasões dos dois times e os nomes logo abaixo.

Ambos os times já estão em campo, dentro do estádio Rose Bowl, que hoje está especialmente lotado para um caralho. Por questão de segurança, o Bruins cedeu seguranças para ficarem de olho na área separada para os familiares.

É dia de Bruins vs. Golden Bears.

Ashton passou as últimas horas aconselhando a mim e a nossas famílias a não virmos ao jogo de hoje, porque, segundo ele, seria um verdadeiro pandemônio tanto pra entrar, quanto pra sair.

Bom, nem foi tão difícil assim, e, de qualquer forma, “*impossível*”, foi o que eu lhe respondi. Impossível mesmo.

O Bruins já está nas portas das semifinais do campeonato e eu disse para ele que esse ano não perderia nenhum jogo que tivesse em casa. E nós estamos em casa. Estamos no Rose Bowl, e esse território é azul e amarelo até o fim.

Não tem essa de recuar.

E eu não recuaria.

Hoje, mais do que nunca, Ashton precisa de mim aqui. Apesar da sua veia protetora ter falado mais alto, sei muito bem quando ele está precisando de mim, e eu nunca conseguiria ter paz se sentisse isso e permanecesse em casa de braços cruzados.

O assisto tirar o capacete de longe.

Ashton se aproxima de Charles e troca algumas palavras com ele antes dos dois sorrirem e baterem seus punhos juntos. Benjamin

também se aproxima deles e repete o gesto com os dois.

— Nosso time é muito melhor do que o deles — Duke grita seu comentário para mim, que concordo juntamente de Hazel, enquanto o mesmo aponta para o telão. Ainda estou ocupada demais vigiando os passos de Ashton para lhe dar minha total atenção. — O quarterback do Golden Bears é ruim pra caralho, e...

Sua voz some.

Ah, merda.

Eu não gosto nadinha quando isso acontece, porque sempre vem merda pela frente.

— E o quê? — pergunto, virando pra encarar Duke.

Ele pisca demorado e eu olho para o telão, congelando no mesmo instante em que eu reconheço a pessoa que está ali, mandando e desmandando nos seus companheiros dentro da área técnica.

É o John.

— Puta merda. Aquele não é o John da cafeteria? — Hazel pergunta.

Sim, ele é o cara da cafeteria e o quarterback capitão do Golden Bears.

Fico em choque.

Ele meio que sente meu olhar. Eu acho. Bom, pelo menos é isso que eu uso para explicar o fato de que o John olha para a nossa área privada e me acha em menos de dois segundos ali.

Eu quero me esconder.

Apesar de ser lerda, é com esse único olhar que tenho certeza de que ele sabia exatamente o que estava fazendo ao se aproximar

de mim. Não foi uma coincidência. O encontro na cafeteria não foi coisa do destino, foi planejado pra caralho.

John se aproximou de mim visando esse momento, visando atingir Ashton.

Procuro meu melhor amigo urgentemente, e, tudo que antes eu não estava sentindo, eu sinto. E eu sinto até demais.

Ashton já está me encarando quando finalmente o encontro. Os orbes pretos e decididos me tranquilizam, mas não é cem por cento. Começo a me convencer de que isso não vai dar em nada, já que, aliás, eu praticamente não falei com esse cara. Isso não pode e nem deve dar em nada. Porra.

Mas como é que eu vou acreditar nessa merda, sendo que tudo que poderia, tem dado errado em nossas vidas há dias?

Essa pode ser mais uma catástrofe, e a parte ruim dela vai atingir o meu bem mais precioso: minha amizade com Ashton.

Se ele não acreditar em mim...

Porra. Já chega.

Eu não vou surtar. É isso.

Não vou surtar e ponto final.

Nada aconteceu e nada vai acontecer.

Ashton sempre acreditou em mim.

É claro que ele me escutaria e acreditaria nas minhas palavras.

Eu estou apenas com ele.

É com ele que eu quero ficar.

— Eu te amo — o jogador sibila pra mim abrindo um sorrisinho no momento em que sua imagem é mostrada no telão.

As pessoas gritam, escandalosas.

Está tudo ao meu redor. Alto, forte, feroz. Acho que a metade é tentando achar para quem ele estava falando aquilo, mas eles não vão ac...

Caralho!

— Você tá no telão, C! Olha lá!

E logo hoje, que deixei Hazel pintar o sobrenome de Ashton na porra da minha testa.

Ah, que sorte.

— *Fala de volta! Fala de volta! Fala de volta!*

Um coro ensurdecedor se abre no estádio inteiro e quase me deixa maluca. É muito, muito alto. Até se Duke tivesse me dado alguns fones pra usar, eu conseguiria ouvir o rugido dessas pessoas sem a menor dificuldade.

— Eu te amo mais — sibilo de volta, evitando a careta que estava prestes a se formar em meu rosto e sorrindo de volta para ele. É isso que me resta, e isso não é uma reclamação. — *Muito*.

O público vai à loucura novamente.

— Meu Deus, vocês são o casazinho do Bruins! — Hazel grita no meu ouvido, provavelmente para ser ouvida por mim, mas sua voz sai bem mais alta do que o esperado.

— Casazinho? — papai pergunta, se virando pra me encarar. Engulo a minha risada automaticamente. — Que papo é esse, Cloud Calloway?

— Ele é só meu melhor amigo.

— Ele acabou de falar que te ama.

Reviro os olhos.

Quer saber?

E o quê que tem?

— E eu também o amo, papai. Qual é mesmo o problema?

Meu pai encolhe os ombros e não responde nada.

Ótimo.

Da próxima vez, meu aviso será: ele é meu namorado, qual é mesmo o problema?



LOS ANGELES, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
06:20 PM

Os Golden Bears se foderam.

Se eu fosse eles, me enterraria ali mesmo no meio do campo, e nunca mais daria as caras aqui na nossa casa. Quando dizemos que esse lugar é território e santuário unicamente do Bruins, é porque estamos falando sério.

Acho que nunca vi um jogo tão bonito em toda minha vida.

Ashton não errou um passe sequer. Algumas jogadas não se completaram, mas isso não foi culpa do meu quarterback, porque ele não poderia ter sido mais brilhante do que foi em campo.

Se eu soubesse que os Golden Bears eram tão ruins, não teria me preocupado tanto com o meu trio.

— Esse é o meu garoto, porra!

Senhor Arkins grita na minha frente, comemorando com sua esposa e os meus pais.

O estádio está fervendo.

Literalmente.

Eu nunca vi esse lugar desse jeito.

Minha pele se arrepia quando Ashton aparece mais uma vez no telão do Rose Bowl, sorrindo abertamente enquanto é declarado o melhor jogador da partida, levando a um alvoroço ainda maior.

Como se isso fosse possível.

Os jogadores não demoram tanto quanto o usual dentro de campo e isso acontece provavelmente para evitar brigas entre os times, apesar de que todos os jogadores e comissão técnica do Golden Bears já recolheram há alguns minutos.

Os torcedores também começam a sair do estádio aos poucos.

Os minutos vão passando enquanto eu espero pacientemente que as pessoas sumam com cada vez mais rapidez.

Quando vejo Ashton se aproximar de longe com Benjamin e Charles, sorrio largo.

Esse é o meu momento.

O nosso momento.

— Pra onde você tá indo? — Duke pergunta quando tento passar por ele. — Ei — insiste.

— Vou até lá — digo, apontando para os garotos e descendo da arquibancada.

Entro no campo, me preparando pra correr cegamente até o meu quarterback. Tenho tudo calculado, e, por incrível que pareça, até mesmo um beijo está dentro dos meus cálculos.

Quando pego impulso, sou parada por um puxão no braço.

Olho pro lado achando quem eu sequer vi que ainda estava aqui.

John.

— Oi, Calloway. Há quanto tempo... — Sorri de lado.

Respiro fundo, tentando puxar meu braço da sua mão asquerosa, mas ele não me deixa escapar.

— Me solta — peço, tentando manter a calma.

— Quero conversar com você.

— A gente não tem nada pra conversar, John. Então me solta.

— Você vai conversar comigo — sentencia. — Ou então eu vou ter que contar pro seu amiguinho do nosso lance. Tenho certeza de que ele não vai gostar disso. O que você acha?

Irritante do caralho.

— Que porra você acha que tá fazendo tocando nela, Walsh?

A voz de Ashton me faz tremer. É alívio, claro, mas eu sei que nada de bom vai acontecer a partir desse momento, e eu simplesmente não quero prejudicá-lo.

— Nela? — o outro retruca com as mãos ainda em cima de mim. Puxo meu braço de uma vez, agora sim conseguindo me soltar. — Ah, pra onde você vai, bebê? Passamos semanas combinando o nosso encontro, então por que vai fugir agora?

Viro pra Ashton, que me encara com uma interrogação — *além de toda raiva* — estampada no seu rosto.

— De que merda você tá falando, filho da puta? — Charles pergunta, mais pávio curto do que nunca. Ele me encara. — Do que ele tá falando, Calloway?

Merda. Merda. Merda.

Maldita hora que eu fui tentar sair da minha bolha.

Maldita hora que eu fui burra o suficiente pra dar meu número pra um estranho.

Abro a boca pra responder, mas John é mais rápido.

— Ela não contou pra vocês? — questiona. Ele joga o próprio celular nos pés de Ashton. — A gente têm trocado mensagens... estamos ficando.

Filho da puta.

— Isso é mentira! — exclamo, tentando partir pra cima do imbecil, mas alguém me agarra pela cintura. Alguém não, é Benjamin. — A gente não tá ficando — digo, virando pra Ashton e o assistindo pegar o celular do chão em câmera lenta. Seus olhos passeiam pela tela e parece que a cada palavra que ele lê, ele vai ficando mais puto. — Ashton — o chamo. — Olha pra mim. — Ele não olha. Tento me soltar de Benji, mas ele não deixa. — Me solta, caralho! — grito, irada.

Benjamin me solta e eu me apresso em chegar até Ashton.

— Não é isso que você tá pensando — afirmo, tocando o rosto dele obrigando-o a me encarar. — Você lembra da noite em que a gente fez as pazes? Eu não te falei sobre um cara? Era ele, mas eu não o conhecia. Eu não sabia quem ele era. E eu só fui saber agora, no início do jogo. — Balanço a cabeça freneticamente, tentando fazer ele me entender. — Diz que tá me entendendo, Ashton — peço, respirando com dificuldade. — Fala alguma coisa.

— Pensei que fosse um pouco mais mulher pra admitir o que faz, Calloway. Você troca mensagens, flerta comigo, marca da gente se encontrar e agora fica aí se desculpando pro seu melhor amigo.

— Sai do meio, Cloud — Ashton pede, baixo.

Seu tom é seco. Sua voz é robótica.

Ele me olha, mas ele não me vê.

— Você me conhece — insisto. — Depois que tudo começou entre a gente, só tem uma mensagem aí porque foi a Hazel que

respondeu de brincadeira. — Ele tira minhas mãos de cima de si e me dá um olhar quase mortal. — Eu nunca mentiria pra você — sussurro. — Nunca.

Os meus olhos se enchem de lágrimas.

Ele não acredita em mim.

Eu tenho certeza de que o perdi.

— Não chora, bebê. Prometo te consolar.

O maldito do John continua se dirigindo a mim.

— Vai se foder, filho da puta! — grito de volta.

— Seu pedido é uma ordem, emburradinha — Charles sentencia. — Você ou eu? — pergunta pra Ashton. — Não tenho medo de me queimar. — Sorri, largo.

— Eu te disse que você se arrependeria caso um dia cruzasse o caminho da minha família, não disse? — Ashton arremessa o celular na direção de John, que mal consegue desviar do aparelho.

— Nós ainda nem *cruzamos* — diz, me encarando com um sorriso malicioso.

Seu olhar me deixa com nojo de mim mesma.

Me sinto suja dos pés a cabeça.

Completa e totalmente.

— Repete — Ashton manda, cada vez mais perto de John, que não recua.

Além de imbecil, é burro.

— Nós ainda nem c...

E o primeiro soco vem.

Ashton Arkins acerta a boca de John com o punho direito cerrado. O som alto do estalo de dentes quebrando rasga um calafrio por toda minha espinha. Eu não consigo ver isso.

E os seus pais ainda estão aqui.

E ainda têm torcedores no estádio.

É tudo culpa minha.

É tudo culpa minha.

É tudo culpa minha.

54

A ÚNICA POSSÍVEL

“E sei que cometo os mesmos erros todas as vezes.

Tomo decisões, nunca aprendo.

Pelo menos fiz uma coisa certa.

*Estou rindo com o meu amor
construindo fortalezas debaixo dos lençóis.”*

CALL IT WHAT YOU WANT — Taylor Swift

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
06:28 PM

Seus ombros sobem e descem.

O movimento é violento pra caralho. É brusco. Necessitado. Instável. Não é nada que eu tenha visto antes, não é uma reação

comum de Ashton.

Ele sempre foi bom com suas emoções, apesar de saber que coisas que me envolvam, lhe desestabilizam por completo. Mas, como disse, no geral, Ashton sempre foi bom em estar no controle de tudo. É por isso que ele é o capitão do Bruins e, ainda criança, sempre ocupou essa posição dentro de campo.

Seu descontrole é assustador e preocupante.

Como sua melhor amiga, isso me machuca.

Como sua... namorada, isso me machuca em dobro.

Eu não quero perdê-lo.

Eu não quero que Ashton pense coisas erradas sobre mim.

Eu não quero que ele cogite ideias que envolvam aquele cara e eu.

Não errei porque quis.

Ele precisa saber disso, e, por mais que eu tenha tentado esclarecer tudo no meio da confusão, continuo sentindo de que está tudo errado, e eu não quero perdê-lo por um erro estúpido que não significou nada pra mim.

— É melhor você dar um pouco de espaço pra ele, C. — A voz de Benji me puxa pra realidade. Eu odeio estar rodeada de pessoas. Não importa se são meus amigos, conhecidos ou não. Eu queria estar sozinha com ele. Eu queria... — C — Benji volta a me chamar, a falar comigo.

Eu o encaro a contragosto.

— Deixa a garota, Beckett — Charles retruca e eu o encaro. — Vai lá. Fala com ele e se certifique de que não vai foder com o coração do meu melhor amigo de novo, Calloway.

De novo?

— *Eu não...*

— Não vem com esse papo de “não sei do que você tá falando”, porra — Charles me corta. — Já chega dessa merda. Não aguento mais vocês dois agindo como idiotas cegos perto um do outro. Quer saber uma novidade velha, Calloway? — Pausa. Não tem um barulho ao nosso redor. Respiro fundo, olhando na direção de Ashton sobre meu ombro. — Esse cara te ama há quinze malditos anos. Quinze, porra. São quinze anos e você vai mesmo me dizer que não sabe do que eu tô falando? — Sua postura enrijece. É visível. E o mesmo acontece comigo conforme as palavras vomitadas que Charles derrama sobre mim se infiltram na minha cabeça. — Não fode mais com ele, não fica mais dando falsas esperanças, porque ele pode não te dizer isso, ele pode preferir sofrer em silêncio porque isso vai garantir sua companhia pra ele, mas eu sei que machuca pra caralho. Tenta ser mais honesta consigo mesma, emburradinha, porque tá na cara que você o ama pra caralho também, e não é como a porra de uma melhor amiga ama um melhor amigo. — Charles respira alto. — Todo mundo pra fora — ele comanda.

A comissão técnica, o time, a equipe de filmagens... todo mundo sai em segundos.

Quando o último ruído ressoa pelas paredes do vestiário do Bruins dentro do Rose Bowl, meu coração pesa. Endireito meu corpo no mesmo instante em que Ashton deixa seu capacete cair no chão num baque volumoso.

O tempo para pra eu tomar coragem, mas ele não me espera por muito tempo.

Ashton vira pra mim com os olhos enraivecidos.

Eu não sei se a sua raiva é de mim. Me sinto mal só de cogitar isso.

— Ele falou sério? — murmuro, dando um passo na sua direção.

— Sério que você nunca desconfiou? — Ashton responde minha pergunta com outra pergunta, seco e ácido. — Quinze anos e eu vou continuar contando até meu último segundo de vida.

Caralho. Porra. Merda.

Cacete. Inferno. Puta que pariu.

A respiração engatada no topo da minha garganta me faz soluçar sem sequer estar chorando. *Ainda*. Porque os meus olhos começam a marejar numa questão de cinco segundos.

— Você deveria ter me contado, me mostrado...

— Te mostra? Porra, eu tentei — Ashton retruca, gesticulando como se estivesse prestes a perder o juízo que lhe resta. — Eu tentei pra caralho, Calloway. — Ele ri. Seco. — Todas as coisas que fizemos um pelo outro durante os últimos anos não significaram nada pra você? Nada?

— Não é isso — digo. — É claro que significaram, mas eu tô falando de...

— Você sempre quis saber desde quando sinto tudo que sinto por você, não é? Então está aqui: eu te amei naquele janeiro de 2007 quando nos conhecemos e você disse que só seríamos amigos depois de três semanas e nos tornamos melhores amigos em três dias. Eu te amei quando fomos pra escola juntos pela primeira vez, quando eu segurei sua mão e disse que poderia avisar pra todo mundo que você tinha um melhor amigo mau. Eu te amei quando você se preocupou comigo nos meus primeiros jogos de

futebol e chorou por mim quando eu chorei de dor. — Ashton dá um, dois, três passos na minha direção, enquanto eu não sei como reagir a ele. — Eu te amei quando você começou a crescer e ficar mais linda do que nunca. Eu te amei quando você começou a falar de garotos que não eram eu, mesmo que tudo na minha cabeça gritasse pra você pensar em mim, só em mim, como eu sempre pensei em você. Eu te amei quando eu tentei te beijar pela primeira vez e você me rejeitou. — Uma lágrima escorre pesadamente por minha bochecha esquerda. — Eu te amei quando eu tive que inventar a porra do beijo no seu queixo. Eu te amei mesmo quando esses beijos no queixo me matavam, porque três segundos foi o máximo que sempre aguentei sem vacilar e tentar te beijar de novo. Eu te amei até quando tentei te esquecer, Calloway, desistindo de tudo no mesmo dia, porque eu sempre soube que seria impossível. — Abraço meu próprio corpo sentindo tudo doer. As palavras me marcam, me sufocam, me deixam no limite, desesperada. — Eu te amei quando você saiu com outros caras, e te amei mais ainda quando por poucas vezes falou sobre eles, mesmo desconfortável com tudo, porque não era eu ali. Eu te amei quando você me citou no seu anuário do ensino médio, antes de vir pra UCLA, dizendo o quão orgulhosa era do seu melhor amigo. Eu te amei até mesmo quando me fez assistir Diário de uma Paixão mais de cem vezes em 2017. — Ergo o olhar, lhe encarando no meio daquela tempestade de lágrimas. — Eu te amei quando você teve nojo em pensar em nós dois como algo a mais. Eu te amei quando entrei em desespero por você subitamente ter cismado com a ideia de que queria um namorado. Eu te amei quando finalmente te beijei pela primeira vez. Eu te amei quando te toquei pela primeira vez. Eu te amei quando

fizemos amor pela primeira vez. Eu te amei em 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2014...

— *Ash...* — murmuro, sendo incapaz de continuar lhe escutando sem me sentir a pior pessoa do mundo.

— 2015, 2016, 2017, 2018, 2019, 2020, 2021, 2022 — ele para.

— Você não me ama mais? — sussurro.

— Eu não te amo, Calloway, eu sou obcecado por você. — Ashton termina de fechar a distância entre nós, segurando a ponta do meu queixo e puxando-o pra cima pra que eu não desvie o olhar. — Eu te amo. Eu te adoro. Eu respiro você. Eu sou obcecado por você. Eu não consigo viver um dia sem pensar em você em todas as vinte e quatro horas dele. É por isso que dói. Amar sozinho dói. Eu sempre estive certo do meu sentimento por você, mas te ver negar tudo sempre foi insuportável pra caralho.

— Nunca foi na intenção de te machucar — digo com um certo tom de desespero.

O seu olhar é devastador.

Ashton não parece querer minhas desculpas. Ele parece ligado. Quase como uma outra pessoa, mas eu sei que continua sendo o meu Ashton Arkins ali.

— Às vezes as intenções de nada servem.

Respiro fundo.

— Eu te amo.

— Você me ama como um amigo?

— Eu não te amo só como um amigo, nunca foi assim.

— Nunca?

A expressão em seu rosto é desafiadora.

— Nunca. — Mordo meu lábio inferior, engolindo o bolo na minha garganta antes de continuar. — Você sempre foi o parâmetro que coloquei para os garotos, é por isso que nunca deu certo com ninguém, é por isso que eu nunca namorei e sequer transei com qualquer pessoa antes de você. — Ele pisca. — Tinha que ser você, Ashton. E foi você. É você. — Seguro suas mãos, firme, desesperada. — O que aconteceu com o John foi um mal-entendido, e eu sinto muito por ele. Assim que nosso acordo começou, eu parei de falar com ele. Você sabe, eu te contei. Eu o detestei. Só estava tentando ficar menos magoada pelo incidente do beijo.

— Eu não limpei — repete o que tem dito desde então. — Acredita em mim? De coração?

— Depois de tudo que você disse, fica difícil não acreditar.

— Ver aquele filho da puta insinuar coisas sobre você...

— Esquece isso, por favor — peço. — Eu te amo e eu agora consigo dizer com todas as letras que estou perdidamente apaixonada por você. — Prendo o ar nos pulmões. — Por você, pelos seus detalhes, pelo fato de ser tudo que eu preciso num combo completo. — Solto o ar. — Você me provou que consegue ser meu melhor amigo e meu namorado, tudo ao mesmo tempo, e sem estragar nada.

— Isso é porque eu te amo pra caralho.

— E eu te amo m...

Ashton me cala com um beijo.

Ele me empurra pra trás até minhas costas acharem a parede do vestiário, e é aí que me rendo por inteira. Sua língua pede

passagem, exigente como ainda não esteve antes, e tomada por raiva e furor.

Meu coração descompassa muito antes de tocá-lo, mas quando faço isso, quase paro com tudo pela dor que sinto no peito.

A mão se Ashton sobe até o meu pescoço enquanto ele vai me moldando e guiando pra corresponder ao seu beijo devorador. É o isso que sinto, que ele está me devorando, porque a sua língua não me dá chance de brincar e seus dentes me mordem a cada respirar.

Meus lábios pulsam, assim como cada pedaço do meu corpo.

Ashton não me trata com cuidado, e eu não paro para lhe pedir por isso. Eu não quero o cuidado. Eu quero ele exatamente como é. Nos seus momentos ruins e bons, porque é tudo isso que lhe dou de mim mesma.

— Vou te foder nesse vestiário, anjo — rosna contra a minha boca, mordendo meu lábio inferior com força e chupando-o numa sucção agonizante.

As mãos de Ashton correm por mim. Por cada pedacinho pequeno e grande que ele consegue alcançar, até, por fim, ancorar os dedos de cada lado da minha bunda.

— Aqui? — inquiri no momento em que separo nossas bocas, olhando ao redor um pouco incerta. A velha adrenalina que nunca fui tão familiar assim dela, se espalha em minhas veias. — Qualquer pessoa pode entrar aqui.

— Dentro da cabine — sentencia.

Ashton se afasta e abre uma das cabines do chuveiro.

— Entra — manda.

Eu obedeço.

Obedeço com excitação me comendo viva de dentro pra fora.

Meu ventre afunda e eu quase junto as pernas pela dor que me atinge em antecipação. Quero esfregá-las, mas não posso, então eu apenas faço como ele manda.

Nos encaramos em silêncio.

O ar fica mais quente, eu fico mais sensível.

As mudanças são repentinas, mas elas não passam despercebidas.

— Quero sentir você rebolar na minha boca e mostrar que é minha — derrama o seu querer na minha frente.

— C-Como? A gente não tem c... — Me calo quando o jogador cai de joelhos no chão, bem na minha frente. — Ash...

— Vem, Calloway. Agora.

Merda.

Cacete.

Eu vou morrer.

Fecho a distância entre nós dois, não demorando nem um segundo para o jogador procurar pelo botão da minha calça. Ele abre sem dificuldade, me girando pra ficar de costas para a parede de azulejos e descendo o jeans por entre minhas pernas, levando minha calcinha junto no caminho.

— Liga o chuveiro — pede.

Ashton puxa minhas pernas para os seus ombros assim que eu ligo a ducha, me arrancando um grito que consigo abafar no último segundo. A preliminar é a sua própria boca. Ele mete a língua entre as minhas dobras de um jeito tão certo, que perco meu equilíbrio.

Seguro-me no seu cabelo, apertando minhas pálpebras uma na outra e ofegando.

O jeito que ele me chupa é torturante, porque, apesar de não ser devagar e carinhoso, acerta todos os lugares certos em mim. Sua boca captura o meu clitóris, sugando e me fazendo gemer.

Eu espero que não tenha ninguém nesse vestiário e que ninguém entre também, porque não vai dar pra aguentar se ele continuar assim... Ah!, merda.

— Você é deliciosa, porra — grunhe, fazendo as ondas que escapam da sua boca, atingirem a minha pele sensível. — Eu poderia passar a vida inteira de joelho só te chupando.

E eu poderia passar a vida inteira sendo chupada por ele desse jeito, mas eu não consigo formular nada concreto.

— Rebola na minha boca, meu anjo. Me deixa sentir esse quadril ondular e seu clitóris gostoso se esfregar na minha língua.

Meu corpo obedece antes que Ashton consiga terminar de falar. Começo a rebolar na sua boca, na sua língua, em cima dos seus lábios cheios e vermelhos, escorrendo excitação até pelos poros se duvidar.

Ashton suga. Forte.

Ele me faz ver estrelas com os olhos fechados.

— Essa boceta é minha, meu anjo — grunhe. Ele aperta e depois desfere dois tapas de cada lado da minha bunda. — É minha. Toda minha. Só minha. E mesmo que nosso namoro seja de “mentirinha”, você vai continuar sendo só minha, e fodido vai ser o cara que pensar que pode te tocar. — Sua língua corre por toda minha fenda conforme eu rebolo. — Você me entendeu?

— S-Sim... — murmuro tremulamente.

Então, Ashton me deixa na mão. Ele tira meus joelhos dos seus ombros e fica de pé. Sua boca caça a minha e me toma,

enquanto ele pressiona meu corpo de novo na parede.

Ele me ajuda a tirar a minha camiseta e sutiã, e eu lhe ajudo a tirar seu uniforme com mais dificuldade do que o imaginável, porque não conseguimos ter o suficiente um do outro.

Os beijos não cessam.

Os esfregões também não.

Mas, num outro instante, Ashton já está me virando de cara pra parede. Espalmo as mãos nos azulejos frios e engulo meu gemido quando ele abocanha meu pescoço.

Estamos uma bagunça molhada.

É impossível de entender, mas faz sentido.

— Não tenho camisinha — declara —, de novo.

— Só me come — retruco, baixinho.

— Pedindo assim...

Rimos por dois segundos.

O jogador desliza sua ereção grossa entre as bandas da minha bunda e começa um vaivém que me inferniza. Ele só pode estar de brincad... Ah!

— Mete logo, Ash — imploro. — Por favor...

— Como é?

— Por favor — repito.

Filho da mãe.

Passando um dos braços por minha cintura pra puxar meu quadril em sua direção, ele desliza pra dentro de mim. Com minha boceta melada da sua saliva e da minha própria excitação, Ashton desliza fácil pra dentro de mim, mas não deixa de doer.

Ele bate até onde a posição nos permite e nós ofegamos juntos, aproveitando aquela sensação sem muita pressa.

— Fica comigo — peço, sem meias palavras, sem subterfúgios, sem ambiguidades.

O jogador recua o quadril.

— Com você, meu anjo? — murmura no pé do meu ouvido, empurrando pra dentro de mim com tanta vontade que minhas pernas cedem. Só não caio porque Ashton me segura, quase me pendurando na parede. — Já tô com você — continua —, já tô dentro de você, ou vou precisar te dizer pela milésima vez que você é minha?

Seus dentes fincam na minha mandíbula.

Não há nem um pouco de cuidado. Não que eu precise. A verdade é que eu gosto exatamente disso, do jeito que ele me trata sem ter pena de fazer as coisas tal como deseja.

Como consigo, lhe encaro pelo canto dos olhos, observando sua expressão enraivecida e excitada dedicada toda pra mim.

— Namora comigo — sentencio.

Os seus olhos antes semicerrados e quase fechados, expandem lentamente, enquanto sua raiva se esvai da mesma forma que surgiu. Devagar. Com calma. Diferente do jeito que ele me fode contra parede fria do Rose Bowl. Rápido. Implacável. Duro.

— Isso não foi um pedido — rebate.

— Namora... — Estoca, balançando meu corpo e me tirando o ar. — ... comigo?

— Repete.

Caralho.

— Você quer... namorar comigo, Ashton Arkins?

O seu quadril... ele... *Ahhh!*

Choramingo baixinho, suspirando, quase revirando meus olhos por tudo: o prazer e a sua demora. E ainda tem essa coisa que ele faz com o quadril e com o seu pau. Porra.

Ashton sai de dentro de mim, virando-me até ficarmos cara a cara. Laço sua cintura com as pernas, me segurando nos seus braços enquanto a água segue caindo em cima de nós dois num fluxo de baixo pra moderado.

— Você sabe quanto tempo eu esperei por isso? — pergunta, deslizando as mãos grandes por cada centímetro das minhas coxas, subindo na direção da minha bunda e parando um instante ali, apertando cada lado com força. — Sabe quanto tempo sonhei com você falando algo assim pra mim?

Um sorrisinho me escapa. É sem querer.

— Quinze anos...

Ashton grunhe de volta, me apertando e quase me arrancando um grito.

— Quinze anos, Cloud Calloway.

Sei que não deveria pensar nisso, mas eu não consigo desfocar do jeito que seu pau esbarra contra minha boceta. É uma tortura. Ele pode acabar logo com isso? Ah, e me dar uma resposta também?

— Aceita? — pergunto, seus braços fortes banhados por suor e água. — E continua me fodendo, por favor.

O jogador obedece.

Bom, pelo menos a segunda parte.

Enfiando uma das mãos entre nossos corpos, ele estimula meu clitóris enquanto nós assistimos ao seu pau me empalando grudada na parede.

Os primeiros sons do lado de fora da cabine vêm.

— A garota já foi, Arkins?

Alguém pergunta.

— Sim — ele responde sem nem hesitar, me fitando com os olhos divertidos e maldosos.

Gostoso do caralho.

— *Como eu vou sair daqui?* — sussurro contra os seus lábios.

O som de atrito entre nós diminui, mas isso só faz seus dedos aumentarem a velocidade.

Puta merda, puta merda.

— Responde — peço.

— Vamos ficar aqui, fodendo, até não restar ninguém — sentencio.

Caralho.

— Se você continuar fazendo rápido desse jeito...

— Vai gozar pra mim?

Concordo com um aceno, mordendo a minha boca pra não gemer quando ele pressiona com mais força.

— Então goza que eu te dou uma resposta — sentencio.

E ele não precisa pedir duas vezes, porque eu já estava na beira, me segurando pra não cair sozinha. E eu não vou sozinha.

Ashton captura os meus lábios, me deixando sentir meu gosto nele, e chupa a minha língua. Urramos quase silenciosamente um contra o outro, de olhos abertos, vidrados, ligados, excitados.

— Sua resposta... — peço.

— Você imaginou algo diferente de sim?

Sorrio, fechando os olhos e deixando a minha cabeça tombar pra trás.

Com a boca colada no meu pescoço, ele murmura:

— Sim, sim, sim, sim, sim, sim...

Ele disse sim.

Ele disse mesmo sim.

Eu estou, finalmente e oficialmente, namorando o meu melhor amigo.

55

A MELHOR AMIGA DO QUARTERBACK

*“Eu andaria no fogo por você,
apenas me deixe te adorar
como se fosse a única coisa
que eu faria na vida.”*

ADORE YOU — Harry Styles

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DA UCLA
05:28 AM
05.12.2022

**Eu tô mesmo namorando um atleta, e é o meu namorado
atleta que não para de perturbar meu juízo às cinco da manhã.**

Se eu soubesse que minhas responsabilidades iriam aumentar e que ele ficaria mais manhoso e pegajoso do que nunca, eu...

Ah.

Eu nada.

Quer saber?

Eu faria de novo e de novo.

Mas, meu Deus, qual a necessidade de acordar a pessoa às cinco da manhã?

Eu tenho trabalho pra apresentar com Duke. Tenho aulas. Tenho provas. Preciso ter um bom descanso, mas acho que Ashton se esqueceu disso, ou talvez ele só esteja muito feliz.

Tudo bem.

Se ele está feliz, então eu vou fingir o mesmo.

Se eu estou feliz pelo que nos tornamos?

Com certeza sim, mas Ashton está querendo milagres demais me acordando tão bem humorado num dia útil.

— Vou te matar se você acordar a Hazzie — o ameaço, tentando empurrá-lo para longe, mas não existe um longe entre nós dois em cima da minha cama.

Ashton não desgruda de mim de jeito nenhum. Apertados na minha pequena cama de solteiro, eu o imprenso contra a parede com a minha bunda e ele grunhe, rindo em seguida baixinho.

— Se essa é a sua tentativa de me afastar, acredite em mim, tá dando tudo errado, mas isso não é uma reclamação, muito pelo contr... — Me afasto. — *Ah!*, anjo, porra. Tava gostoso.

— Para de ser safado — rebato, fitando-o sobre meu ombro com dificuldade no escuro quase completo e semicerrando o olhar na sua direção. — A Hazel vai matar a gente se continuarmos com

essa merda, então se comporta. Hoje é aniversário dela e cada pedido que ela fizer, é uma ordem.

— Charles deveria ser o único entre nós a realizar todos os pedidos dela — o jogador reclama, mas eu sei que ele não está falando sério. — Falando sobre eles... você notou que as coisas estão estranhas, não notou?

A Cloud de semanas atrás ficaria feliz com isso, mas a Cloud de hoje fica preocupada. Com ambos. Hazel, por estar lidando com a situação dos seus pais que eu tenho certeza de que ainda não acabou, e Charles pelo encontro com a sua avó ainda estar muito recente.

Parece que os dois se fecharam em seus próprios mundos ao mesmo tempo.

Nos últimos dias, não consigo contar nem mesmo nos dedos das duas mãos quantas vezes Ashton me relatou que mal consegue conversar com seu melhor amigo. Charles nunca está no seu dormitório, e, obviamente, ele também nunca está aqui. Ontem Ashton disse que ainda conseguiu vê-lo sair em sua moto, mas foi tão rápido que ele não conseguiu chamá-lo ou ir atrás.

É preocupante. Mesmo.

Hazel, por outro lado, não está fisicamente distante da gente, mas quando a conversa pega no ponto mental já é outro caso.

Na maior parte do tempo, ela está aqui, mas também não está. Minha melhor amiga fica perdida nos próprios pensamentos e dilemas. Tento acessá-la, buscá-la para mim, mas das vezes que consigo, ela só dura no máximo dez minutos antes de se perder de novo.

— Ela tá com problemas com os pais...

— E Charles se afastou por causa da vovó...

— Torci tanto contra, que quando começo a me render e a torcer à favor, tudo dá errado. — Viro pra Ashton, lhe abraçando pela cintura e beijando seu pescoço. — Espero que eles fiquem bem e se resolvam logo. Eu sei o encanto que a Hazzie tinha por ele, e ver isso simplesmente sumir e se perder por aí é como levar um choque de realidade de que talvez as coisas nunca mais sejam como antes.

— Eles vão se resolver — Ashton afirma. — Charles só precisa achar um ponto de equilíbrio...

— E Hazel só precisa esquecer os pais...

Estamos falando como se fosse algo muito fácil de ser feito, quando, na realidade, não entendemos nem metade de tudo que Hazel e Charles estão passando.

Suas situações familiares deixam o drama que Ash e eu passamos por quinze anos no chão.

É tão insignificante.

O celular de Ashton faz barulho.

Ele o apanha e vê a notificação.

— É Benji me chamando pra correr — informa e eu quase dou risada da sua cara. — Por mais que eu queira passar o dia inteiro na cama com você, tenho que ir atrás do futuro que tenho que dar pra você e nossos sete filhos.

Minha gargalha escapa por um segundo antes de eu tapar a boca.

— Para de ser idiota — acuso, revirando os meus olhos, ainda que ele não possa me ver direito. — Já disse que vão ser dois.

— Aham — resmunga, subindo em cima de mim e me enchendo de beijos por todo pescoço de colo. — Ainda vou te deixar tão louca, que é você quem vai me implorar pra te dar todos esses bebês.

— Haha, que graça — zombo. — Sonha com isso, quarterback.

— Quarterback não — responde —, é amor pra você.
Jesus, eu amo cada pedaço brega do meu namorado.
Ashton é mesmo como ganhar na loteria.



LOS ANGELES, CA
UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA
11:23 AM

— **Você vai estar aqui no *winter break*?**

— Infelizmente não. Tenho uma viagem em família programada e não tenho como escapar do meu destino — Duke responde, soando cansado.

Nós estamos praticamente aprovados na matéria em que fazemos dupla. Não sei se no próximo semestre vamos ter alguma disciplina juntos, mas Duke, depois de Hazel, foi um dos meus maiores achados dentro da UCLA.

— Você vai perder o jogo da semifinal... — digo, chateada por ele. — Quando você volta?

— Dia 10 de janeiro.

— Você vai perder a final também! — exclamo, agora sim... devastada.

— Você é tão convencida, Calloway — retruca. — Nem sabe se são eles mesmo que vão pra final.

Lhe dou um empurrão.

— Vira essa boca pra lá, idiota. É claro que são eles. Você viu bem o desempenho dos nossos garotos.

— Tá elogiando desse jeito porque um deles é seu namorado.

— Antes disso ele era, ainda é, meu melhor amigo — rebato.

— Falando nele... — Duke indica com o queixo. — Seu namorado tá vindo ali — diz, mais alto do que deveria. Solto automaticamente o cotovelo nele. — Ai! O que eu fiz? — reclama.

— Já disse que a gente quer manter as coisas calmas e tranquilas. Não quero que o campus todo fique sabendo, senão vai ser um drama horroroso.

Viro-me pra trás, vendo que Ashton realmente está caminhando até nós com o sorrisinho de sempre.

— Ele não tá com cara de quem concordou com o que você disse não...

Parece que não, mas eu espero que sim. Honestamente. Tento não enlouquecer com isso, enlouquecendo por outro motivo bem mais plausível: o jeito que ele está vestido.

Porra.

Cada dia que passa, vou admitindo mais e mais o quão sortuda consigo ser.

Parece que Ashton acabou de sair de uma série jovem adulta onde, obviamente, o personagem principal é o quarterback da universidade.

Cabelo penteado e passado gel. Jaqueta do time com seu nome. A mesma de sempre. Camiseta branca, calça preta e tênis branco.

Às vezes menos é mais, mas esse não é seu caso.

Ele está todo perfeito.

Enquanto isso, eu estou parecendo o mais normal possível — o que é bem aceitável, mas perto de Ashton isso se transforma em outra coisa.

Agarro minha pilha de livros contra o corpo com mais força, apertando-a contra mim e prendendo a respiração até o momento em que ele para na minha frente

— Oi, meu anjo — murmura, me olhando dos pés a cabeça com aquela pose de sempre que diz que ele está pronto pra me atacar. Mas Ashton não é nem louco. — Posso te ajudar? — pergunta, apontando para os meus livros.

— Não precisa.

Consigo escutar os cochichos das pessoas indo e vindo. É chato. Odeio esse tipo de situação, mas tento voltar meu foco somente para ele.

— Deu tudo certo no trabalho de vocês? — indaga, estendendo sua pergunta também para Duke, que ainda está por perto.

— Tudo certo — responde por mim.

— Mais uma vez passando sem reprovar numa disciplina sequer — me gabo para Ashton, que sorri.

Ele dá mais um passo até mim e eu quase me afasto. A aproximação está ficando muito, muito perigosa. Principalmente por estarmos em público.

— Você é a garota mais inteligente do mundo, anjo. Não esperava menos de você.

— Exagerado.

Meu sorriso agora é mais sem graça.

— Só a verdade para garota mais linda e inteligente do mundo — rebate. — Nossos filhos vão ser gênios lindos pra caralho, não acha?

— Por que você não para de falar sobre bebês? Daqui a pouco eu vou ficar pensando que engravidei.

Um sorriso cínico adorna seus lábios.

Ashton passa um dos braços por minha cintura, me puxando contra o seu corpo, e segura meu rosto com a outra mão. Meus olhos se abrem mais do que o normal quando percebo o que vai acontecer.

Ele não vai fazer isso.

Ele não é louco.

— Eu vou te beijar — avisa.

Não consigo responder.

O jogador se inclina em minha direção e sela os nossos lábios num encaixe simples e perfeito. As borboletas em meu estômago fazem festa. Meus joelhos quase cedem. Meu coração acelera. Minhas mãos tremem.

É quase um *dejavú* de quando o beijei pela primeira vez e Ashton ficou em choque.

Agora sou eu, com meus olhos arregalados, em choque com fato de ele ter tido a coragem de me beijar na frente de todo mundo.

A corrente elétrica que perpassa meu corpo me deixa mil vezes mais em alerta, mas eu começo a relaxar e derreter quando

Ashton move sua boca de um jeito absolutamente irresistível sobre a minha.

Me falta ar.

Me falta juízo.

Me falta controle.

Pressiono seu peitoral e Ashton se afasta alguns centímetros, sorrindo pra mim enquanto encosta as nossas testas.

Ainda que meu primeiro ímpeto seja de brigar com ele, eu não faço isso. Não consigo formular nada direito na minha cabeça.

Ele me bugou.

Dei tela azul.

— Agora sim, namorada. Agora sim eu posso desfilas por aí em paz e te beijar na hora que quiser, onde quiser.

— Você me...

— Sim, eu te beijei — sentencia quando eu não consigo completar o raciocínio.

Igualzinho uma criança, meu namorado me abraça pelo pescoço e se vira para espécie de plateia que se formou ao nosso redor. Aposto minha vida como a notícia já deve estar rolando por aí e em breve deve sair na *Gossip* do Bruins.

— Essa aqui é a minha namorada, pessoal! — Ashton grita pra quem quiser ouvir. — A minha melhor amiga, Cloud Calloway, agora é a minha namorada! — completa.

Recebemos alguns assobios e gritos de felicitações. E os que são poucos, vão se transformando em muitos.

Eu juro pra mim mesma que vou matar Ashton nos próximos cinco minutos, mas, depois dos dez primeiros segundos, meio que aceito.

Não tenho como fugir do meu destino.

Antes eu era conhecida apenas como a melhor amiga do quarterback, mas agora eu sou bem mais que isso.

Sou sua namorada.

A primeira e a única.

E eu até poderia mentir, mas isso amacia o meu ego de um jeito assustadoramente delicioso.



GRANDES PROBLEMAS

*“Eu sou o único que eu conheço.
Travando minhas guerras atrás do meu rosto e acima da minha garganta?
As sombras gritarão que estou sozinho,
mas eu sei que nós chegamos até aqui, garoto.”*

MIGRAINE — twenty one pilots

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
BAR “THE CAVE”
07:45 PM
05.12.2022

Meio que estou puto pra caralho.

Cloud se esforçou o restante do dia todinho para organizar uma festa pra Hazel e, quando chegamos aqui e todos nos

sentamos à mesa, simplesmente fica todo mundo com cara de merda.

Como dizem, essa festa virou um enterro.

E é por isso que eu estou puto.

Assistir minha namorada se esforçar pra manter uma conversa e animar sua melhor amiga no seu dia é agonizante. Cloud está dando seu melhor pra Hazel, como ela dá pra todo mundo, mas a ruiva quase nem olha na sua cara.

Cada um está dentro de sua própria bolha.

— Caralho, galera — chamo a atenção de todos —, vocês não tão vendo que é um aniversário, não? — pergunto, apontando pro bolo no meio da mesa.

— Não posso comer bolo — Hazel diz, encolhendo os ombros e encostando a cabeça no ombro de Duke, que está logo ao seu lado.

— Ótimo — murmuro, levando um beliscão de Cloud.

Eu lhe encaro, confuso, porque eu só estou tentando fazer as pessoas conversarem umas com as outras.

— Aqui estão as cervejas dos meus clientes favoritos — Sloan diz, colocando um copo na frente de quase todos nós —, menos o pequeno Beckett, porque pra ele é só leitinho.

Do nada, literalmente do nada, Sloan puxa uma mamadeira com leite do seu avental. Eu aposto que ela esperou o dia inteiro por esse momento.

Cloud se agarra no meu braço, rindo escondida.

— Vai querer na boquinha, pequeno Beckett? — Sorri com uma cara de maluca. — Ou quer que eu te dê um banho com ela?

O rosto de Benjamin fica vermelho como nunca vi antes.

Ele revira os olhos, encarando Sloan com um olhar irritado.

— Será que você pode começar a me tratar como um cliente normal? Porque o meu dinheiro tem o mesmo valor do que o dos outros.

— Tinha — ela o corrige. — Tinha, antes de você sair com a loira do banheiro. — Sloan bate a madeira na mesa, deixando-a na frente de Benji. — Agora, ou você procura outro bar, ou eu só vou te dar leitinho.

— Você não seria capaz...

Se aproximando dele, ela diz a alguns centímetros de distância:

— Duvida mesmo?

Ah, agora sim.

Quando finalmente temos um pouco de entretenimento para esse aniversário, Cloud resolve intervir antes que eles pulem um no pescoço do outro, por que faíscas? Elas já estão por todos os lados.

— Sloan, vocês estão com aquelas porções de fritas aí? — A stalker concorda. — Então, por favor, traz duas pra gente?

A outra apenas se afasta sem dizer nada, mas, pelo jeito que ela tratou Benjamin, acho que as coisas não ficaram legais entre eles depois do Halloween.

Dou um beijo na lateral da cabeça de Cloud e, quando viro pra tentar puxar assunto de novo, sinto um cheiro doce subir no ar. Encaro Charles, que está alheio sentado do outro lado de Hazel e vejo o seu cigarro de maconha aceso.

— Apaga essa porra — digo, dando um chute na sua perna por debaixo da mesa. — Se algum policial entra aqui, você tá fodido, porra. Tenha um pouco mais de senso.

— Ah, vai se foder, Arkins — rebate, revirando os olhos antes de fechá-los.

— Ele perdeu completamente o senso — Benjamin pontua, encarando nosso melhor amigo e balançando a cabeça negativamente.

Observo Hazel encarar Charles por alguns instantes, mas ela não diz nada. A ruiva fecha os olhos e solta um suspiro alto, descansando a cabeça no ombro de Duke novamente.

Eles estão completamente estranhos, afastados, e o pior é que eu acho que não aconteceu nenhuma briga.

Essa merda entre Charles e Hazel está só piorando.

Sloan reaparece com as porções de fritas e coloca uma perto de Cloud e eu, e outra na frente de Benjamin. Vejo Duke rir, como se ele soubesse de algum tipo de piada interna, e eu nem duvidaria disso, já que ele também anda bastante com Sloan e seu primo.

— Pra você, pequeno Beckett. Vê se come todas essas aqui pro seu pescoço começar a engrossar.

Engrossar?

Que porra é essa?

Algum tipo de gíria obscena?

Sloan realmente está tentando seu melhor pra irritá-lo, e o mais gozado é que Benjamin perde o pavio muito rápido.

— Que porra é essa de engrossar pescoço?

Ela ri, alto. E nós continuamos sem entender, menos Duke, também está rindo.

— A parte coreana da minha família diz que homem de pescoço fino, é homem de pau fino, e as batatas ajudam a engrossar o pescoço. O indicado é comer com a casca, mas se

você comer essas fritinhas ao menos vai ficar hipertenso mais rápido e ter um infarto logo.

Porra.

Quem ri, ri.

Quem tosse, tosse.

Eu não aguento e gargalho logo.

Caralho, Benjamin, você realmente conseguiu mexer com a Sloan.

— Gente, eu acho que já vou voltar pro dormitório... — Hazel nos interrompe, completamente apática.

— Mas o bolo... — Cloud tenta falar.

— Não posso comer bolo, Cloud. Eu já disse.

Dito isso, Hazel fica de pé e sai do The Cave em passos largos.

Charles ri sozinho, com o vento, antes de se levantar também e pegar algo do bolso. Antes que ele se afaste muito, consigo vê-lo enfiar uma pílula azul bem pequena na boca.

Encaro Benjamin e ele já está de olho em mim.

Ele viu o mesmo que eu, o que significa que nós temos problemas.

Grandes problemas.

57

AUTÓGRAFO

*“Posso ir aonde você vai?
Podemos ser próximos assim para todo o sempre?
E ah, me leve pra sair, e me leve pra casa
Você é meu, meu, meu, meu amado.”*

LOVER — Taylor Swift

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA CALLOWAY
07:10 AM
24.12.2022

Minha data oficialmente favorita do ano chegou.

Hoje é aniversário do meu anjo, da minha garota, da minha namorada.

Todos os anos eu fico na mesma expectativa de “o que eu vou dar de presente pra ela?”, mas dessa vez Cloud deixou muito claro o seu desejo e eu só fiz acatar e obedecer.

Me aproximo da cama com um café pronto — *que minha sogra gentilmente me ajudou a preparar debaixo do olhar inquisitório do meu sogro* — e deixo a bandeja na mesa de cabeceira do seu lado. Vou até o armário, tirando minha mochila dali e pegando o seu presente bem embrulhado.

Sorrio, porque eu sei que ela vai amar isso pra caralho.

Onde já se viu Cloud Calloway ganhar qualquer coisa relacionada a Diário de uma Paixão e não amar?

Deixo o embrulho no pé da cama, sentando e me inclinando na sua direção para acordá-la. Deposito beijos estalados na sua mandíbula, roçando a ponta do meu nariz no processo e começando a ver suas reações em menos de dez segundos.

A morena geme baixinho, reclamando como sempre.

Não consigo evitar a minha risada, mas continuo com o meu trabalho de despertá-la de uma vez por todas.

— Para com isso... É meu aniversário, eu posso dormir até a hora que eu bem quiser — reclama.

— Deixa pra dormir amanhã, anjo. Quero aproveitar cada segundo do seu dia com você. — Chego no lóbulo da sua orelha, mordiscando a ponta. Cloud começa a rir e eu faço o mesmo. — Abre os olhos ou eu vou usar outra coisa pra fazer você abri-los.

Já disse que Cloud ficou viciada em admirar o meu pau?

É, esse *winter break* só me trouxe coisas boas, porque a minha namorada ficou completamente obcecada nisso. No começo, Cloud até tentou não dar o braço a torcer, mas ela não aguentou

dois dias de tortura. Não dá pra julgá-la, ele é bonitão mesmo. Igual o papai aqui.

A safada abre o olho direito e me encara. Nós rimos um pouco mais e ela se senta, olhando na direção da minha virilha enquanto começa a tentar dar um jeito no seu cabelo bagunçado.

— Feliz aniversário, anjo. — Deposito um beijo no seu queixo. Admirando cada pequeno detalhe seu e não conseguindo acreditar na sorte grande que tive. — Primeiro aniversário sendo seu namorado e eu tô feliz pra caralho com isso.

— Obrigada, amor — murmura, respirando fundo e me pegando de surpresa ao se lançar na minha direção. — Obrigada, obrigada, obrigada. — Ela começa a beijar meu pescoço de um lado e depois do outro. — Obrigada por estar aqui — nos encaramos —, eu te amo muito.

— Acha que eu seria burro de não estar aqui, anjo?

Ela balança a cabeça negativamente.

— Tenho presente? — pergunta, ansiosa.

Como sempre.

Cloud me solta e eu pego o embrulho vermelho do pé da cama, entregando-o nas suas mãos.

— Já sei o que é — ela sentencia, sorrindo de orelha a orelha ao rasgar todo papel que eu demorei uma hora pra ajeitar —, ai meu Deus! — grita, ficando de pé na cama e pulando.

Ela é tão linda.

Caralho.

— Você gostou? — pergunto com um sorriso no rosto.

— Se eu gostei?! — grita. — Cadê, cadê, cadê... — Ela para, abrindo o exemplar de luxo, pesado pra caralho, e achando ali o

seu... — É. O. Meu. Nome. É o meu nome! — Cloud pula da cama, correndo pelo seu quarto todinho do jeito mais fofo que eu já vi em toda minha vida.

Putá merda.

Não consigo parar de rir.

Minha garota está parecendo uma criança que acabou ganhar o melhor presente de aniversário, e a questão é que, pra ela, ele é mesmo o melhor presente de aniversário que ela poderia ganhar de alguém, e o bônus é que fui eu que dei.

— Como você conseguiu? — pergunta, parando de correr na minha frente.

— O autógrafo? — Arqueio uma das sobrancelhas. — Ah, um dos caras do time estava na Flórida e eu fiquei sabendo que o seu querido e adorado Nicholas Sparks estava fazendo uma sessão de autógrafo do novo lançamento. Tive que mandar uma carta explicando a situação de que, minha namorada me faz assistir Diário de uma Paixão pelo menos quinhentas vezes ao ano, para ele autografar essa edição pra você. — Cloud gargalha, jogando a cabeça pra trás. — Você gostou, meu anjo?

— Se eu gostei? — pergunta no meio do seu ataque de histeria. Pigarreando, ela lê: — “Para minha grande admiradora, Cloud Calloway. Que você continue sendo apaixonada pelo melhor sentimento que a vida nos oferece, o amor. Do seu autor favorito, Nicholas Sparks”. — Caralho, ele quer roubar minha mulher. — “P.s.: dê um longo beijo no seu namorado, ele escreveu coisas dignas de um autor renomado sobre você”.

Nicholas Sparks, você é pica pra caralho.

Eu amo esse velhote.

— Um longo beijo? — provoco.

— Eu vou te dar trilhões de longos beijos — declara, dando um beijo no livro e seguindo até mim. Cloud beija meu queixo e depois minhas duas bochechas. — Só não pode ser agora porque eu tô com bafo.

E é assim que um clima é quebrado, senhoras e senhores.

Quem liga pra porra do bafo?

Beijaria Cloud até se ela fedesse a bosta.

— Trouxe café na cama também, mas isso você ignorou. — Aponto para bandeja na sua mesa de cabeceira. — Vai comer alguma coisa, escova os dentes e eu vou começar a fazer a contagem dos trilhões de beijos *longos* a partir de agora.

— Come comigo — pede, deixando seu livro na minha mesa de cabeceira e pulando em cima de mim.

— Comer com você ou comer você?

Cloud ri, saindo do meu colo e se arrastando até a bandeja.

Ótimo jeito de escapar de mim.

De novo. Mais uma vez.

— Comer comigo — fala com um claro tom de repreensão. Cloud posiciona a bandeja entre nós dois e começa a comer um dos sanduíches que eu lhe preparei. — Então, você vai me contar que tipo de coisas dignas de um autor renomado você escreveu sobre mim que encantou até o meu queridíssimo Nicholas Sparks?

Reviro os olhos.

— Se esse homem não fosse um velhote, eu juro que...

— Para com isso! — Cloud ri, alto. — Você é muito ciumento, Ashton. O Nicholas Sparks é só meu autor favorito — explica —, você é o meu amor.

— Ok, não vou ter mais ciúmes do velhote.

— Não chama ele de velhote — belisca meu braço, me fazendo puxá-lo de suas garras —, é falta de respeito.

— Tá, tá — bufo —, eu só escrevi a verdade, e você sabe qual é.

— Sei nada... — Ela faz uma cara de desentendida que me dá vontade de amassar de beijo.

— A verdade é que você é o amor da minha vida.

— Tenho certeza de que você falou coisas mais criativas do que isso.

— Mas como você é exigente, Calloway. Pelo amor de Deus, tira esse rei de dentro da sua barriga.

— Ei! — Aponta pra mim. — Não fala esse tipo de besteira que eu começo a ficar paranoica, imaginando que tô grávida e... você sabe.

— Não seria uma ideia ruim — brinco, sorrindo de lado.

Pego um punhado de uvas, deitando-me apoiando a cabeça no braço esquerdo e lhe encarando de uma posição privilegiada.

— É uma péssima ideia — afirma.

— Amei sua calcinha vermelha. Não a vi na noite passada...

— Ah, por que será, né? — Revira os olhos. — Você não me deixou dormir de calcinha. Eu tive que vesti-la na madrugada.

— Vou jogar todas no lixo — ameaço, chateado por saber que ela colocou a calcinha na madrugada.

A regra é: se eu durmo sem boxer, ela dorme sem calcinha.

— É seu dinheiro que vai no lixo mesmo...

— Eu não ligo.

Duas batidas na porta fazem minha garota pular.

Espero que não tenham ouvido a parte da calcinha. Não por mim, mas por Cloud, que morre de vergonha. Parece que isso nunca vai mudar.

— Ei! — senhora Calloway entra no quarto seguida do senhor Calloway e, surpreendentemente, meus pais. — *Parabéns pra você...*

Ah, eles estragaram meu café da manhã.



**— Não sei se vou conseguir me acostumar com isso —
senhor Calloway comenta, apontando para Cloud e eu com um
garfo.**

Meu pai está sentado ao seu lado, enquanto nossas mães andam de um lado para o outro na preparação para a ceia de Natal na meia-noite.

Senhor Calloway nos olha meio torto e eu juro que consigo ver as ações da minha garota transcritas de forma claríssima nele. É hilário. Eles são idênticos como pai e filha.

— Deixa de ser dramático, amor. Eles ficam lindos juntos — senhora Calloway vem a nosso favor. Como sempre. — Já consigo ver os meus netinhos todos lindos e perfeitos correndo pela casa da vovó.

— Ah, eles vão ficar comigo também — minha mãe se pronuncia.

Agora sim eu me deixo rir.

— Você tá falando como se não tivéssemos sido assim a vida inteira, pai.

— E é por esse mesmo motivo que eu passei a vida inteira de olho nele.

Afago a cintura de Cloud, que está encostada em mim, no meio das minhas pernas, despreocupadamente.

— Senhor Calloway, com todo respeito, mas você tá se fazendo de desentendido — comento, tranquilo.

— O que disse, garoto? — Arqueia uma das sobrancelhas, colocando seu garfo no prato e me encarando sem piscar. — Tá insinuando que eu sou louco?

— Nunca — digo na mesma batida. — Nunca falaria isso dos meus sogros. — Candy sorri, animada. — Só tô falando que eu tenho certeza de que vocês já sabiam muito bem dos meus sentimentos em relação a Cloud.

— Só eu que não sabia? — Cloud pergunta, olhando entre todos nós pra ter a sua resposta nas entrelinhas.

Sim.

Todo mundo sabia. Menos ela.

— Sim — meu pai responde e nós rimos. — Ou talvez você também estivesse se fazendo de desentendia como o seu pai ciumento.

Cloud encolhe os ombros.

— *Eu sei que não era isso, anjo* — sussurro em seu ouvido.

— Preparado pro jogo do dia 31? — senhor Calloway pergunta, mudando para um assunto que ele gosta e parecendo muito ansioso por isso.

— Mais do que preparado — concordo com um aceno.

— Espero que esteja, garoto. Isso é seu futuro e agora da minha filha também.

— Pai, eu vou trabalhar, sabia?

Cloud se desvencilha de mim, me abraçando por trás. Lhe dou uma espiadinha sobre o ombro, sem conseguir evitar meu sorriso. Ela é linda.

— Tá, mas ele vai ser milionário se se esforçar muito pra ser um dos melhores.

— Ele já é um dos melhores — Cloud o corrige e o senhor Calloway rola os olhos.

Todos rimos.

— Parece que temos uma fã número um aqui, não é, pessoal?

— Se eu não for a fã número um dele, pode chegar alguém tentando ser e eu não gosto de perder o que é meu.

Nossos pais riem mais, enquanto eu só consigo encará-la com um olhar apaixonado.

— Você? Perder o que é seu? — meu pai brinca. — Faz quinze anos que meu filho só sabe falar “a Cloud isso, a Cloud aquilo”. Se eu fosse você, C, não teria medo. Ele é bem apaixonado por você.

— Mas minha filha tá certa — senhor Calloway pontua. — Espero que seja bem fiel também...

E é aí meu pai e o de Cloud entram, pela primeira vez, numa discussão amigável. Nunca imaginei que viveria pra ver essa cena, mas ela foi uma das coisas mais engraçadas de toda minha vida.

Depois de alguns minutos, me afasto da cozinha com Cloud pra gente confirmar a presença de Hazel e Charles no seu dia.

Hazel confirma.

Charles não.

E, outra vez, fico preocupado pra caralho.



*Isso pode ser o final de tudo
Então, por que nós não vamos
Para um lugar que só nós conhecemos?*

SOMEWHERE ONLY WE KNOW — Keane

58

ERRADO

*“Em todo caso estarei pronto para um funeral.
Em todo caso é mais uma vez chamado de funeral.”*

THE FUNERAL — Band of Horses

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DO BRUINS
07:45 PM
01.01.2023

Ontem, no último dia do ano, disputamos e nos classificamos para a final do campeonato.

Foi um jogo do caralho, mas estamos nos *playoffs*.

O descanso de hoje deveria ser merecido.

Pelo menos foi isso que pensei até meu celular começar a vibrar e eu ler o nome do meu melhor amigo ali. No momento em que escuto sua voz me chamando pelo nome, sei que algo de errado aconteceu.

— Ashton — Charles murmura com a voz pesada e embargada —, minha avó morreu.



QUEBRADOS

“Isso dói muito por um milhão de razões diferentes.

*Você tirou o melhor do meu coração
e deixou o resto em pedaços.”*

IN THE STARS — Benson Boone

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
GRACE COMMUNITY CHURCH
10:20 PM
01.01.2023

Estamos aqui.

Uma melodia baixa e suave ressoa pelo salão silencioso da igreja em que a senhora Carpenter costumava congregar antes de ir para o centro de tratamento.

Eu, Cloud, Hazel, Benjamin e nossos pais estamos aqui, todos ao lado de Charles, exatamente como deve ser.

Ora ou outra escuto alguns fungados, alguns cochichos de lamentação, mas eu tento não focar nisso, porque eu sei que a maioria das pessoas que estão aqui sequer conheciam a senhora Carpenter.

Cloud aperta os dedos entre os meus. De cinco em cinco minutos ela faz isso. Minha garota provavelmente deve estar percebendo que eu estou perdido em meus próprios pensamentos, então ela continua tentando me trazer de volta, mas eu não me importo com muita coisa.

A única pessoa que me preocupa é Charles.

Meu melhor amigo não esboça nada enquanto derrama lágrimas de modo silencioso sentado numa cadeira solitária ao lado do caixão da vovó, lugar de onde ele não desvia o olhar por nada. Seu rosto não se contorce. Seu corpo não se mexe. Ele está simplesmente parado como uma pedra, chorando sem parar desde chegamos aqui juntos.

Todo nosso time está aqui, assim como boa parte da equipe técnica do Bruins. Ontem estávamos felizes, comemorando nossa vaga nos *playoffs*, e hoje estamos aqui.

Dez horas nos separam do ápice pro vale.

Algumas senhoras, uma vez ou outra, se levantam e vão até o púlpito fazer orações. Nós fechamos os olhos e mentalizamos suas palavras, mas nada disso parece conseguir consolar o meu coração.

Mas agora está na hora de irmos para o cemitério.

Já faz pelo menos dez minutos que o motorista do carro funerário veio nos avisar que sairemos em vinte minutos.

É realmente hora de ir.

O mesmo homem aparece na porta lateral da igreja, fazendo um sinal para nós.

— Vou avisá-lo — Benji diz, se colocando de pé e caminhando até Charles.

Assisto Benjamin falar com nosso melhor amigo, que assente depois de alguns instantes e fica de pé.

Benji volta, me encarando e sibilando:

— *Ele vai falar.*

— Ele vai falar? — Cloud sussurra pra mim enquanto Charles segue para o púlpito.

— Parece que sim — respondo.

Só de olhar pra ele o meu coração já aperta dez vezes mais.

O loiro enxuga as lágrimas, ajeita o microfone e respira fundo enquanto tira um papel do bolso do seu terno impecável. Seus olhos avaliam o que quer que esteja escrito ali por alguns instantes até Charles amassá-lo e jogar pro lado.

Erguendo o olhar e respirando fundo, ele diz:

— Hoje não é um bom dia — declara.

O silêncio prevalece.

Acredito que as pessoas nem mesmo estão respirando.

— Entre muitos e muitos dias ruins que eu já tive, esse, em especial, é o pior deles — continua. — Mas, apesar de não ser um bom dia, minha avó iria gostar que eu fosse um pouco mais educado e falasse com todos vocês do jeito que ela me ensinou. Então — Charles respira fundo —, bom dia.

Cloud agarra meu braço direito com força, soluçando. Me ajeito, abraçando o seu corpo e tentando lhe consolar, mas não

desvio da figura do meu melhor amigo atrás do púlpito.

— No Dia de Ação de Graças, minha avó lembrou de mim. — Ele abaixa a cabeça e esfrega as têmporas. — Já fazia algum tempo que ela não lembrava mais de mim e eu posso dizer com toda certeza do mundo que, ao mesmo tempo em que fui ao céu por tê-la ali mais uma vez comigo, voltei para o inferno logo depois, quando ela ficou repetindo e perguntando quem eu era. — Porra, eu sequer gosto de lembrar disso. — Na ocasião, eu lhe disse que cumpriria a minha promessa de jogar pra sempre ao lado dos meus dois melhores amigos — ele me encara e depois faz o mesmo com Benji —, Ashton e Benjamin. — Pausa. — Ontem nós demos mais um passo pra chegar lá, e eu garanto a vocês que foi um dos dias mais felizes da minha vida. Mas isso durou muito pouco.

— Eu acho que vou vomitar — Hazel murmura do meu outro lado, se levantando e saindo do salão principal da igreja às pressas.

— Vou atrás dela — Cloud avisa, me soltando e se levantando.

— Escrevi algumas palavras hoje cedo, quando fiquei esperando meus amigos virem até mim, pouco depois de ter ido até o lugar em que a minha avó estava e ter recebido a notícia — confessa —, mas acho que nada do que escrevi horas atrás condiz com o que eu sinto nesse exato momento.

Suas mãos tremem violentamente.

Percebo isso quando Charles as sobe novamente para ajeitar mais uma vez o microfone.

— Eu tô puto pra caralho — desabafa, arrancando alguns suspiros das pessoas que estão ao nosso redor. — Não ligo se essa é a casa desse tal Deus, mas eu tô puto demais. Puto com esse

Deus e com os outros. Puto com os santos, puto com os seres que sabem mais do que nós e até mesmo com os espíritos.

Benjamin toma o lugar que Hazel estava e se senta ao meu lado.

— Ele não deveria estar lá — murmura pra mim. — Não deveríamos deixá-lo fazer isso sozinho.

— É melhor que ele fale agora que está decidido, do que continue em silêncio.

— *Mas...*

— Não sei por que a minha avó teve um destino tão infeliz com essa doença maldita, sendo que tem tanta gente ruim por aí vivendo com saúde até os cem anos — cospe as palavras, parecendo cada vez mais raivoso. — Ela não era só a minha avó. Ela era a minha mãe, o meu pai, o meu avô. E, ainda que alguns de vocês a tenham conhecido como a senhora Carpenter avó do garoto Charles problemático, pra mim ela era mais do que isso. Ela era o meu mundo e a razão dele ainda existir.

— *Porra...* — Benji sussurra do meu lado de novo, abaixando a cabeça entre suas mãos.

— Se eu pudesse voltar atrás, teria acordado cedo nas manhãs de domingo, porque elas eram as suas favoritas. Se eu pudesse voltar atrás, teria lhe ajudado a arrumar o seu penteado de estrela famosa, mesmo que ela só estivesse se arrumando pra ir à igreja. E, sim, eu teria vindo para essa igreja com ela sem inventar uma desculpa agora.

Engulo em seco, me perdendo no tempo e nas suas palavras.

As lágrimas vão escorrendo por minhas bochechas em cascatas.

É incansável. É dilacerante.

— Agora eu só consigo dormir nas manhãs de domingo porque desde que ela me deixou sozinho em casa, foi como se a minha fé nesse mundo de merda tivesse sido enterrada com tudo de bom que construímos juntos. — Merda. Merda. Merda. — Não sei se Deus está nesse lugar, não sei se ainda consigo ter o mínimo de fé, porque Ele enterrou tudo levando a minha avó. Ele não me escuta. Ele nunca me escutou.

Não sei como ainda consigo respirar.

Benjamin me pega pelo braço e me levanta, enquanto encaramos nosso melhor amigo ali, no seu pior momento, pedindo por socorro para um Deus que agora eu também não sei mais se acredito.

— Vocês não conseguem ver, mas eu tô tentando me agarrar nas coisas que ainda estão aqui, perto de mim, me cercando. — Ele nos encara. — Eu tô tentando... — Sua voz quebra. Benjamin me puxa e nós seguimos até onde Charles. — Mas eu só consigo me segurar nas coisas e nas pessoas que já se foram. — Nós chegamos lá. Eu fico de um lado seu e Benji no outro. Coloco a mão no seu ombro, apertando, e sei que Benjamin está do outro lado fazendo o mesmo. — Eu não quero dizer adeus pra você, vovó — murmura e nós três olhamos na direção do seu caixão. — Eu não quero dizer adeus porque eu sei que agora não é apenas um tchau. Você não vai estar naquele lugar para eu iria te ver outra vez. Agora é para sempre e eu não quero esse para sempre, eu me recuso a assumir que ele existe.

— Você não tá sozinho — resmungo, tentando enxugar minhas lágrimas, mas elas continuam vindo e vindo e vindo.

— Sete palmos nunca pareceram tão longe, vovó. E o céu? Eu não vou conseguir te ver nas estrelas, misturada com tantas outras, porque você era única. Era minha. Só minha.

Charles finalmente se entrega ao choro.

Seu corpo sacode e Benji e eu o amparamos como conseguimos.

Ele soluça alto, puxando sua gravata e afrouxando a peça como se estivesse sufocado. E a verdade é que ele está. Eu estou. Benjamin está. Todos nós estamos.

— Obrigada por ter sido a melhor pessoa do mundo para mim — ele sussurra pausadamente. — E obrigada por também ter tirado o melhor do meu coração e levado com você. — Com uma última pausa, Charles sentencia: — Você é a única pessoa que realmente mereceu todos os pedaços quebrados do meu coração.

60

INACREDITÁVEL

*“Eu estou perdido nessas lembranças.
Vivendo atrás da minha própria ilusão.
Perdi toda a minha dignidade.
Vivendo na minha própria confusão.”*

LOST — Linkin Park

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
UNIVERSIDADE DA CALIFÓRNIA
01:18 PM
04.01.2023

O corredor que me leva até o refeitório da UCLA está mais lotado do que o normal. Não sei se é porque as aulas voltaram

depois do *winter break*, mas definitivamente tem gente demais amontoadada pro meu gosto.

Combinei de encontrar com Ashton no refeitório da universidade no meio de suas últimas preparações para as finais dos *playoffs* daqui seis dias por um motivo muito, muito importante.

Minha cabeça não para de rodar desde o instante em que ouvi esses comentários e rumores rolando de boca em boca. Por isso, e só por isso, apresso o meu passo pra chegar até o meu namorado o mais rápido que consigo.

Quero matar Charles.

Eu sei, eu sei! Ele está passando por momentos muito difíceis, eu entendo isso. Desde o Dia de Ação de Graças, sua vida virou de cabeça pra baixo e pernas pra cima, e isso tudo é compreensível.

Não tem um dia que Ashton e eu não liguemos pra ele e Hazel — *que também está cada vez mais distante* — para saber como eles estão. Charles quase nunca atende e está cada vez mais difícil encontrá-lo. Hazel ainda está dentro do nosso alcance, porque quando ela não está com a gente e com nossa família, ela está no dormitório.

Mas Charles é o problema, não Hazel.

Não temos o menor contato e nenhuma notícia de Charles desde o dia do enterro da senhora Carpenter. Quando estávamos saindo do cemitério, ele disse que iria tomar um ar e nunca mais voltou.

Viro ao final do corredor, localizando Ashton de longe já me esperando pacientemente.

Quando ele me encara, esqueço dos problemas por um curto instante e sorrio, correndo até o meu quarterback e literalmente me

jogando nos seus braços.

— Senti sua falta — declaro e ele se inclina pra selar nossos lábios.

— Senti sua falta, anjo.

— Vamos entrar?

Ele concorda com um aceno e nós seguimos de mãos dadas para dentro do refeitório. Olho ao redor, tentando achar Hazel, mas ela parece não ter chegado aqui ainda.

Quando saí hoje do dormitório, ela mal disse um “ai” pra mim, mas confirmou que iria para suas aulas.

Ashton e eu escolhemos nosso almoço e nos sentamos numa mesa mais reservada. Tiro a embalagem do meu sanduíche de frango, mordiscando o canto da boca sem saber como entrar no assunto com meu namorado.

— O que de tão importante você tinha pra me contar?

— São apenas rumores...

Mordo um pedaço, enchendo minha boca e recebendo um arquear de sobrancelha de Ashton.

— Rumores? Posso saber do que se trata?

— É sobre o Charles — declaro.

Ashton fica tenso imediatamente, perdendo o resquício de diversão presente no seu rosto.

— O que houve? O que ele fez agora?

— As pessoas estão falando que ele tem pulado de pub em pub... e que a coisa tá feia, porque ele não para de se meter em brigas e de usar... bom, você sabe.

— Porra — Ashton grunhe. — Onde ele foi visto pela última vez? — indaga, aparentemente desesperado por uma

informaçãozinha que seja a mais.

Bom, eu não tenho mais informações.

Isso é absolutamente tudo que eu tenho.

— Como eu disse, são rumores. Achei melhor te contar sobre eles, porque a gente sabe como a situação dele tá e eu acho que a probabilidade de os rumores serem verdadeiros é de quase cem por cento.

Ashton concorda, inspirando e expirando.

E, enquanto eu lhe dou esse tempo, dois garotos se aproximam e se sentam na mesa próxima, rindo de algo no celular.

— Você viu o jogador do Bruins? Ele levou uma surra na última noite...

Ash e eu nos entreolhamos.

Jogador do Bruins?

Meu namorado fica de pé e segue até a mesa dos garotos.

— Que jogador? — ele pergunta.

— Q-Quarterback...?

— Quem era o jogador? — repete.

— Carpenter, QB. Era o Charles Carpenter.

Porra. Porra. Porra.

Mil vezes porra, Charles.

Levanto imediatamente quando os garotos oferecem o celular para que Ashton dê uma olhada. Fico do seu lado, esfregando suas costas pra tentar lhe acalmar de algum jeito.

O vídeo é degradante.

Charles está todo ensanguentado, jogado em alguma porra de sarjeta e rindo, enquanto alguns brutamontes continuam lhe chutando.

Ele está se matando.

Caralho.

— Onde foi isso? — Ashton pergunta.

— Perto da...

Depois que conseguimos o endereço de onde Charles foi visto pela última vez, Ashton e eu saímos do refeitório em disparada. Dou a ideia dele ligar pra Benji nos encontrar no meu dormitório, já que Ashton me dá a ideia da gente chamar Hazel pra ver se Charles é convencido com mais facilidade.

Do jeito que eles estão distantes, eu não sei muito bem se vai funcionar, mas eu espero que sim.



Abro a porta do dormitório com Ashton atrás de mim, dando de cara com uma cena estranha e inusitada. No mesmo instante em que meu namorado vê o cara, ele toma a frente da situação, me colocando pra trás.

Hazel está no quarto junto de um homem loiro.

Eu nunca o vi em toda minha vida, mas não sinto nada de bom quando olho na sua direção.

Por sua vez, a ruiva simplesmente finge que nada está acontecendo e que ninguém está aqui, ignorando nossos olhares enquanto faz uma mala.

— Hazzie — chamo, segurando a mão de Ashton quando adentramos ao nosso dormitório. — Hazel, eu tô falando com você.

Ela ainda não me olha.

Ela nem pestaneja.

— Hazel? — Ashton tenta.

— Ah, me desculpe... Eu sou Aiden, Aiden McAllister.

Esse nome não me é estran...

Ah!

Ahhh! Merda.

Aiden!

Aiden foi o nome que aqueles “amigos” do Texas que Hazel e eu encontramos, falaram.

Aiden.

E eu me lembro muito bem do estado da minha melhor amiga.

— Hazel — tento soltar a mão de Ashton, mas ele não deixa —, a gente tá indo tentar encontrar o Charles. Você não quer ir com a gente?

— Eu não posso.

Ela diz assim, séria, e ainda sem olhar pra mim.

— Já vi que educação não é o forte de vocês, não é? — O tal Aiden alfineta, mas o que ele não sabe é que...

— Você tá com algum problema, amigo? — Ashton pergunta, dando um passo na direção dele cruzando os braços. — Esse dormitório aqui é da minha namorada e da melhor amiga dela, e se ninguém te convidou a entrar, é melhor você...

— Eu convidei — Hazel declara.

Ela convidou?

O tal do Aiden?

— Hazel. — Tento chegar perto dela, mas...

— Você poderia ficar do seu lado do quarto? — o loiro pergunta, se colocando no meu caminho.

Ashton dispara na minha frente e o empurra pra trás, fazendo o idiota bem-vestido cair em cima da mala de Hazel, que para de fazê-la como um robô.

— Toca nela e eu te arrebento.

— Qual é o seu problema?! — grita, se levantando e vindo até nós, até Ashton.

Ele ainda não percebeu que Ashton é duas vezes o seu tamanho?

— Eu vou voltar pro Texas — Hazel sentencia.

Mas que merda?

Que diabos de voltar pro Texas?

— Mas os seus avós... — Me perco nas palavras. — E os seus pais? Você não disse que...

— Eu não disse nada — responde.

— E é bom que não tenha falado nada dos meus sogros mesmo, porque eles são os melhores do mundo.

Que ódio.

Eu estou a ponto de pedir pra Ashton socar esse cara e eu não sou a pessoa mais adepta a agressão.

— O Charles precisa da gente, Hazel. Ele tá machucado, e você não pode ir pra essa porra de Texas!

É, eu perco o controle da situação.

Totalmente.

Que diabos Hazel está fazendo?

— Você não tem que ir com ele, Hazel — Ashton fala, porque a essa altura até ela já entendeu o que está acontecendo. — Você só precisa dizer a palavra e eu chuto esse filho da puta pela janela.

— Isso dá cadeia, você sabia? — o imbecil ameaça.

— Foda-se, porra! — esbravejo. Tento, de novo, chegar até ela. Dessa vez o idiota não se mete. Seguro seu braço, respirando fundo e buscando seu olhar. — Vamos, Hazzie. Vamos com a gente.

— Eu não quero ir — ela me encara —, eu só quero voltar pra casa.

Ela parece tão vazia que eu não sei dizer se isso é mentira ou verdade.

— Você já está em casa — digo, com toda sinceridade do mundo. — Você é a minha melhor amiga, Hazzie. Você sempre vai estar em casa.

Ela ri, mas a risada não alcança os seus olhos.

— Não seja idiota, Cloud.

Sei que isso não é nada demais, mas eu sinto como se estivesse levando um soco no estômago.

Simples assim.

— Idiota? — sussurro.

— É. — Atira a blusa que está em sua mão dentro da mala. — Idiota. Você não é minha família. Eu não sou uma pessoa desvalida. Eu tenho pai, mãe, irmãs, namorado, amigos. Não fique colocando nas minhas costas a responsabilidade de você nunca ter tido uma melhor amiga. — Meu coração para de bater. — Talvez elas tenham mesmo um motivo pra te odiar.

Ashton segura a minha mão e me puxa dali.

Não consigo evitar as lágrimas, e isso o faz xingar por todo caminho até o andar chegarmos na porta do seu carro.

O jogador segura meu rosto e xinga.

De novo e de novo.

— Se você quiser ficar no meu dormitório, fique. Eu vou atrás de Charles com Benjamin — sugere.

Eu concordo com um aceno, tentando engolir minhas lágrimas.

Ashton as enxuga e me beija.

— Ninguém tem motivo pra te odiar, meu anjo. Você é a melhor pessoa do mundo, a melhor que eu conheço.

Concordo de novo.

Não consigo falar, só consigo me prender nas palavras da minha... melhor amiga.

61

CRUEL

*“Eu achei que tinha te mantido são e salvo.
Achei que tinha feito você ficar forte,
mas algo me fez perceber que estava errado.”*

UNTIL IT'S GONE — Linkin Park

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
DORMITÓRIO DO BRUINS
08:38 PM
04.01.2023

— Mas que desgraça, cara!

Benji reclama quando Charles tenta lhe beijar pela décima quinta vez desde que saiu do carro. Sei que nem deveria estar rindo porque eu estou exausto pra caralho, mas eu não aguento.

Com cuidado, Benjamin e eu levamos o idiota pro banheiro e o deixamos sentado no sanitário. Nos entreolhamos com um certo desespero, porque nenhum de nós sabe o que diabos deveríamos fazer.

Estamos rodando por toda Los Angeles desde a hora em que deixei Cloud no meu dormitório. Fiquei um pouco relutante de deixar minha garota sozinha, mas ela entendeu e me incentivou, afinal, precisávamos achar Charles de qualquer jeito.

Sim.

Sua situação está deplorável.

Rosto cheio de sangue, corpo cheio de roxos. Não duvidaria se estivesse com costelas quebradas. Sua carne fede a álcool e droga. Seus dentes estão amarelados pelos dias que passou fora provavelmente se transformando nisso.

Estou cansado.

Profundamente cansado.

E o imbecil ainda está completamente louco e chapado.

— Se controla, porra — Benji reclama, tentando manter Charles e seus trinta braços quietos.

Ele se levanta e sai do banheiro em disparada. Só não tento lhe parar, porque poderia machucá-lo. Seu estado já está deplorável o suficiente, eu não preciso piorar a situação.

Charles se joga na cama de qualquer jeito, todo sujo.

Jesus, vai dar tanto trabalho para limpá-lo, mas acho que agora não vai adiantar de nada obrigá-lo a ficar debaixo de um chuveiro. O loiro começa a rir com os olhos fixos no teto. É bizarro. Já o vi chapado de maconha, mas isso aqui? Isso é outro nível.

— Meu anjooo! — Senta, apontando pra mim, enquanto me aproximo de braços cruzados e cara séria. — Vem cá, meu anjooo! Ashhhh, Ashhhh!

— Qual o seu problema? — pergunto, ainda sério.

— Meu problema? — rebate. — Eu não tenho nenhum problema. Minha vida está a miiil maravilhas! — Ri, batendo de novo no colchão. — Pequeno Beckeeett!!!

Jesus Cristo.

— Deita e dorme — Benjamin diz, simples.

Empurrando o outro pra cama, Benji tenta tirar a calça de Charles. Eu o ajudo prontamente e, juntos, debaixo de muita birra, conseguimos.

— Vocês não tão putos comigo, né? Porque eu não fiz na-da de errado!

Então ele ri.

— Coitado, disse ele, fazendo tudo de errado — Benji retruca, sentando-se do seu lado esquerdo e eu do direito.

— Só porque eu não consigo ser certinho como você, pequeno Beckett? — Rosna. — Eu não presto pra nada mesmo. Eu só presto pra fazer as pessoas sofrerem. Se é isso, pra que diabos eu nasci, então?

Dou um soco na sua perna.

— Tá maluco, porra? Claro que você presta — o repreendo. — O que tá faltando, é tu tomar jeito. Depois que isso acontecer, garanto que não terá mais problemas.

— Problemas? Eu não tenho problemas. Eu esqueci toodos! — Suspira. — Nunca mais quero lembrar.

— Do que você não quer lembrar? — Benjamin pergunta.

— *Dela* — cospe, chorando do nada. Charles tenta se levantar, mas nós não deixamos, e, por causa disso, ele começa a espernear e socar a própria cama. — Porra. Eu não quero lembra de nada, não quero lembrar dela.

— De quem você não quer lembrar?

— Dela! — Aponta pro teto. — Ela me esqueceu! Ela esqueceu o capitão Charles! E ela disse que não esqueceria, que nunca esqueceria, porque eu era a cara do vovô.

Isso tudo está pior do que eu pensava.

— Ela não te esqueceu porque quis, caralho. Ela tava doente! Lembra?

— Foda-se.

— Charles — eu o chamo e ele me encara —, você tá doente pra caralho, cara.

Ele precisa parar com isso e eu venho falando isso não é de hoje. Quanto mais o tempo passa, é algo novo que ele experimenta, é uma merda nova que ele ingere pra “esquecer de tudo” e “não sentir nada”. Charles não tem mais controle da própria vida e das próprias escolhas. Assisti-lo se deteriorar dessa forma, é cruel.

Por mais que ele esteja aqui, chapado pra caralho, isso não é legal ou engraçado.

Ele está se matando. Aos poucos. Lentamente.

E, se perder o controle e a mão, isso pode se transformar em algo muito pior.

— Eu quero dormir — diz. — Eu quero dormir pra sempre.

Novamente, Benjamin e eu nos entreolhamos.

Dormir pra sempre.

— Você fica ou eu fico? — pergunto pra Benji, porque não tem nenhuma chance da gente deixar Charles sozinho.

— Eu fico — diz, seguro. — Não se preocupe, vou cuidar dele.

— Tudo bem... — concordo.

Nosso melhor amigo fica estirado na cama de peito aberto. Benji e eu lhe colocamos de lado, pra caso ele vomitar, não acabar se engasgando ou sufocando no próprio vômito.

Eu espero que ainda haja tempo dele parar com isso.

62

TRIO ABC OU NADA

*“Quando todo mundo que você pensava conhecer,
desistir da sua luta, eu irei com você.
Você está enfrentando um corredor escuro,
eu pegarei minha luz e irei com você.”*

MY BLOOD — twenty one pilots

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
02:15 PM
09.01.2023

Nós o perdemos.

Depois do dia em que Benjamin e eu conseguimos achar Charles jogado na rua, tivemos uma conversa séria com ele na

manhã seguinte, mas foi o mesmo que conversar com um bêbado.

Charles ainda estava chapado.

Eu não sei que tipo de droga ele usou, mas a julgar pelas marcas de furo em seus braços, sei que não foi nada leve ou aconselhável.

Tentamos deixá-lo sóbrio de todos os jeitos, mas, antes de ontem, ele deu a porra de um perdido na gente.

Eu e Benjamin ligamos pra caralho pra ele. Cloud também. Deixamos mensagens de voz, mensagens de texto. Rodei a cidade inteira com a minha garota pra ver se conseguíamos achá-lo, mas de nada funcionou, e dessa vez não tinha rumor nenhum na universidade.

A final chegou e ele não está aqui.

Apesar da animação de todos os nossos colegas, não consigo me sentir assim, e olhando pro meu melhor amigo, sei que ele está no mesmo barco que eu.

Sinto que algo está errado.

Encaro a porta do vestiário fixamente, esperando que um milagre aconteça e que Charles entre por ali a qualquer instante, mas, não, isso não acontece. Ele não entra. E quanto mais os minutos passam, mais perto Benjamin e eu ficamos de entrar em campo sem o nosso melhor amigo.

Por que diabos ele fez isso?

Por que diabos ele não conversou com a gente?

Por que diabos ele não desabafou quando perguntamos?

Por que ele ignorou todas as nossas tentativas?

Ontem, num último sopro de esperança, eu, Cloud e Benjamin ficamos até tarde da noite rodando pela cidade. Mas nada.

— Pessoal, está na hora! — treinador Sanders aparece com um sorriso de orelha a orelha.

Ele nem liga se Charles está aqui ou não.

Isso me irrita pra caralho.

Charles não pode ser substituído, não no nosso trio.

— Com licença, com licença, com licença...

Eu conheço essa voz.

Levanto-me imediatamente e de relance vejo Benjamin fazer o mesmo, empurrando as pessoas do meio e lhe encontrando ali no meio. Minha espinha endurece e um arrepio sobe até minha nuca quando vejo o rosto pálido da minha namorada.

Eu não preciso abrir a boca pra perguntar a ela se tem algo de errado quando a mesma para na minha frente, puxando o ar com força pros pulmões pra recuperar o fôlego antes de falar o que precisa falar.

Quando ela abre a boca, seus olhos automaticamente se enchem de lágrimas.

É com ele.

É com Charles.

— O que é? — pergunto, porque eu só quero saber logo disso.

— Overdose — responde, num fio de voz.

Chuto as minhas chuteiras do pé, arrancando o meu equipamento e virando pra pegar as minhas coisas no meu armário. Benjamin está do meu lado, fazendo o mesmo, porque não existe nada no mundo que vai nos fazer ficar aqui nesse exato momento.

Não consigo escutar mais nada.

Minha cabeça fica imersa num zunido sem fim.

— Pra onde diabos vocês pensam que estão indo? — O treinador esbraveja comigo e Benjamin quando tentamos passar por ele. Só sei disso porque enquanto leio sua boca, assisto de relance as veias em seu pescoço saltarem. — Ele teve uma overdose, e daí? É a porra do futuro de vocês! Se o Charles não se importa com o futuro dele, vocês deveriam se importar mais com o de vocês.

Ele ficou louco?

Filho da puta.

— Você nunca entendeu, não é? — atiro. — É o trio ABC ou nada. Não existe futuro sem *e/e*. Sem eles. Continuaremos sendo um pacote, daqui até o fim, quer você queira ou não.

63

ESPERA INFERNAL

*“Há um lugar onde a luz não encontrará você.
Dando as mãos enquanto as paredes desmoronam.
Quando isto acontecer, estarei bem atrás de você.”*

EVERYBODY WANTS TO RULE THE WORLD — Lorde

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CEDARS-SINAI MEDICAL CENTER
07:38 PM
09.01.2023

Cinco horas.

Estamos sentados na sala de espera desse maldito hospital há cinco horas e eu juro que nunca estive em um lugar tão frio e alheio ao desespero humano em toda minha vida.

Dizer que eu cheguei aqui querendo colocar as paredes abaixo para ver meu melhor amigo é até piada.

Gritei com as pessoas que sequer conheço e não me orgulho disso, mas também não me arrependo, porque nenhuma delas se importou em me dar o mínimo de informação para me manter calmo. A única coisa que foi falada, foi: “ele está sendo atendido, o médico voltará com informações assim que possível”.

Eu só quero saber se ele está vivo.

Mil e umas coisas passam por minha cabeça durante todo esse espaço de tempo. São ideias incontrolláveis.

A sala está tão silenciosa que eu consigo escutar o meu coração batendo em meus ouvidos.

É insuportável pra caralho.

— Ei — Cloud sussurra pra mim e eu desvio meu olhar vidrado no relógio grudado à parede para lhe encarar —, ele vai ficar bem — garante.

Concordo com um aceno.

Mesmo sabendo que Cloud não tem como me garantir nada, eu simplesmente aceito suas palavras e me agarro nelas.

— Ele vai ficar bem — repito e ela acena de volta, se aproximando mais e encostando a testa na minha. Minha garota deposita um beijo rápido nos meus lábios, que é o que momentaneamente me acalma e eu respiro fundo.— E se ele não ficar? — externo o como um sopro o pensamento que mais tem me atormentado.

E se ele não ficar bem?

E se eu perder um dos meus melhores amigos?

Eu nunca mais seria o mesmo.

Nunca mais.

— O Charles que a gente conhece nunca nos deixaria assim — comenta, provavelmente tentando me fazer ver alguma coisa boa em tudo isso. Mas não existe. — Ele é forte, Ash. Forte pra caralho. Ele só tá perdido, como qualquer um pode se perder.

— Ele não tá sozinho — derramo minhas lamentações, porque é isso que estou tentando lhe dizer há dias, mas ele não me escuta.

— A gente vai mostrar isso pra ele quando ele acordar. — Cloud me beija de novo. — Não fica tão distante de mim — pede. — Quero ser capaz de ajudar você também. Tá doendo em todos nós, amor. E eu tô aqui, pra você, pro Charles... pra quem quer que precise de mim.

Ela é mesmo um anjo.

— Obrigado, meu anjo — lhe agradeço.

— Vamos aguardar — sentencio e eu concordo.

No mesmo instante, Sloan aparece na porta da sala de espera.

Ela ofega e parece em choque, se aproximando de nós rapidamente.

A garota se senta do lado de Benjamin, tocando sua mão e não recebendo uma recusa. Se esse fosse um dia normal, eu provavelmente o provocaria com isso, mas eu sequer tenho cabeça pra essas merdas.

— Ele tá bem? — pergunta, piscando rápido e copiosamente. Ela se inclina pra frente, encarando a mim e a Cloud. — Alguma notícia?

— Cinco horas e nada — minha garota responde por mim, porque Benji e eu estamos no mesmo estado de espírito, e creio

que só sairemos dele quando conseguirmos ver nosso melhor amigo.

— Já reclamaram? — a stalker continua.

— O Ash reclamou, os nossos pais também, mas não adianta. Eles falam sempre a mesma coisa. Aguardar, aguardar, aguardar.

— Ah, pois esses filhos da puta vão se ver comigo.

Sloan tenta se levantar, mas Benji a segura.

— Relaxa, não vai adiantar nada.

— Vai sim.

— Fica quieta, Sanders.

A garota bufa e até que fica quieta nos primeiros vinte minutos, mas ela se levanta no vigésimo primeiro minuto e vai marchando até a recepção. Escutamos seus gritos e ameaças daqui da sala de espera. Benji coça a cabeça e esfrega os olhos, como se estivesse cansado.

Todos estamos.

Não aguento mais tudo isso.

Não aguento mais todas essas coisas ruins acontecendo com a gente.



09:45 PM

Sete horas e nada.

Depois de Sloan reclamar, nada aconteceu, e, na verdade, eles ameaçaram expulsá-la do hospital por causar tumulto e histeria.

No fim das contas, a stalker realmente teve que deixar o hospital porque precisava lidar com o The Cave. Agradecemos sua visita e Cloud disse que lhe mandaria mensagem assim que tivéssemos notícias.

Cloud e eu falamos para os nossos pais irem descansar e que nós revezaríamos depois que recebêssemos notícias. Eles relutaram, mas acabaram aceitando.

Eventualmente, ficamos apenas Benji, Cloud e eu na sala de espera vendo os médicos e enfermeiros indo e vindo, mas nenhum deles chamando pelos responsáveis de Charles.

Quando a porta abre mais uma vez, nós três ficamos e pé de imediato, mas a figura que se materializa ali não é nem um pouco o que estávamos esperando.

Treinador Sanders está aqui.

Seu olhar não é de compreensão, é de repreensão, e se juntando a algumas das poucas vezes que senti raiva dele, me sinto borbulhar quando ele marcha até Benjamin e eu.

— Senta, meu anjo — peço pra Cloud e ela faz tal como pedi.

— Treinador Sanders — Benjamin e eu falamos em uníssono quando ele para na nossa frente.

— Treinador Sanders? — esbraveja. — Treinador Sanders, porra? Vocês ainda têm a coragem de me chamar de treinador? — Ele tira o boné, jogando no chão num ataque de fúria.

Só por isso já sei quanto foi o resultado dos *playoffs*.

Fomos derrotados.

A nossa temporada foi levada por outro time e nós perdemos o troféu.

— Treinador... — falo, ainda tentando manter a calma.

— Vocês dois são dois idiotas — aponta pra Benjamin e eu. — Mancharam o nome da UCLA, mancharam o nome do Bruins, mancharam o meu nome! E tudo isso por causa de um atleta relapso que eu tive que passar por debaixo quando foi barrado mais de uma vez na porra do exame *antidoping*.

— Se o Charles é tão relapso e inútil assim, por que diabos você deixou ele passar por debaixo dos panos? — Benjamin explode, enfrentando o treinador como nunca aconteceu antes.

O treinador fica calado.

Mas seu silêncio dura só dois segundos.

— Eu vou foder com vocês, filhos da puta — ameaça e isso me dá vontade de rir.

Filhos da puta?

Nós?

— A gente carregou o time desde que entramos na porra da UCLA, tiramos o teu nome da sarjeta, e nós somos os filhos da puta? — pergunto, já entrando no meu limite com ele.

Ele ainda não abaixa a guarda.

E nem nós vamos.

Defender Charles pode custar nossa carreira que agora está totalmente indefinida? Sim, mas eu realmente quero que se exploda. Eu vou defender o meu melhor amigo até do diabo se ele aparecer na minha frente.

— Se vocês fossem minimamente inteligentes, sairiam desse barco antes de ele afundar, mas eu já vi mesmo que são burros pra

caralho — cospe. — Vão tentar tirar aquele idiota da merda? Novidade: ele já tá fodido e já afundou o suficiente. Acreditem em mim, aquele moleque não tem mais jeito, e tudo que vai acontecer, no fim das contas, é vocês federem a merda dele pro resto da vida.

— É melhor feder a merda do que ser um doente obcecado por futebol do jeito que você é — digo, cruzando os braços em frente ao meu corpo e sentindo a mão de Cloud tocar minhas costas. — Você nunca teve jogadores como nós três. O mais fedorento de todos nós, é provavelmente o senhor, treinador Sanders.

— Vai se arrepender de me enfrentar, Arkins — ameaça. De novo e de novo.

— Me arrepender? — Gargalho. — Me faça rir mais alto, treinador, por favor.

— Que vai sair perdendo é você, senhor — Benjamin adiciona.

— Perdendo? Vocês não sabe o inferno que eu vou causar no nome de vocês dentro do draft.

Filho de uma puta.

— Você vai voltar atrás — Benjamin diz. De novo.

— Não sou homem de voltar atrás na minha palavra.

— Como naquele jogo que estávamos perdendo e você colocou Charles e Ashton de última hora? Ah, eu lembro bem, porque quem levou as pancadas foi eu por causas dos seus caprichos como treinador. Eles erraram? E aí, porra? Vai colocar um time inteiro na forca por causa disso?

— Ah, seu...! — Treinador Sanders até perde as palavras. — Como você se atreve?!

— Você se atreveu a me fazer de saco de pancadas, então é sua hora de entender como as coisas realmente funcionam,

treinador.

— Vocês vão se arrepender disso tudo, e quando acontecer, não venham implorar por uma vaga no Bruins, porque vocês não terão mais nenhuma.

— Perfeito, treinador. Como sempre dando bom exemplo. — Benjamin bate palmas, ironicamente. — Seu atleta tá entre a vida e a morte, nosso melhor amigo tá entre a vida e a morte, e você veio encher a porra do nosso saco por causa de um troféu de merda! Que belo exemplo de ser humano você é.

Nunca imaginei que veria Benjamin enfrentando o treinador dessa forma. E não só o treinador, mas qualquer pessoa que seja.

O velho não fala mais nada.

Ele vira de costas e sai, tropeçando em todo mundo que aparece na frente do seu caminho, inclusive numa enfermeira que aparece com um carrinho cheio de insumos.

Quem fala o que quer, geralmente escuta o que não quer.

64

REABILITAÇÃO

*“Eu entendo, sou um fardo.
Te deixo louco, te faço ir embora.
Sou um pouco demais para todo mundo.”*

LIABILITY — Lorde

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
CEDARS-SINAI MEDICAL CENTER
05:12 PM
14.01.2023

Ele acordou.

Depois de cinco longos dias, Charles finalmente acordou, e, pra mim, essa foi a primeira vitória que tivemos em longas e tortuosas horas.

Ainda durante o primeiro dia, depois que o treinador Sanders foi embora junto de seu surto de loucura, o médico responsável por Charles apareceu e explicou tudo que aconteceu com ele.

Não consigo me lembrar das palavras que ele usou além de “overdose”, mas, pelo que bem entendi, foi muita sorte do socorro ter sido feito tão rapidamente, porque, se demorasse mais cinco minutos, ele não teria resistido.

Ashton, Benjamin e eu estamos nos movendo tão rápido quanto conseguimos atrás da enfermeira que veio nos buscar para levar para o apartamento onde ele está ficando.

O elevador parece demorar uma eternidade. E, enquanto nós estamos subindo dentro da caixa de metal, eu aperto a mão de Ash. Ele corresponde, mas sequer olha na minha direção.

Estou agarrada no caderno da senhora Carpenter.

Esse foi o único pertence que encontraram com Charles no momento do socorro, e eu fiquei esperando por esse momento, pelo momento que poderia finalmente lhe devolver.

Saímos do elevador e seguimos por mais um longo corredor. A enfermeira disse que ele estava animado, chamando por nós. Não fico surpresa, mas isso me dá um certo frio na barriga porque... o que diabos será que está se passando por sua cabeça?

A enfermeira para de andar e se vira pra gente.

Apartamento número 03.

Que irônico.

Esse é seu número dentro de campo.

— Podem entrar — ela indica, sorrindo pra gente de um jeito leve.

Ash, Benji e eu encaramos a porta.

Parece que nenhum dos dois vai ter coragem de abrir, então solto a mão de Ashton e abro, deixando-os passar na minha frente. Sigo meu namorado e seu amigo, fechando a porta e respirando fundo antes de me virar para Charles.

Ele está tão pálido que eu quase não o reconheço. Um bolo se forma em minha barriga quando o loiro nos encara e abre um sorriso pra gente.

Um sorriso largo.

Um sorriso que não deveria estar ali.

— Porra, foi mal pessoal — pede, encolhendo os ombros, mas não perdendo seu sorriso. — Desculpa ter preocupado vocês.

Preocupado?

Ele acha que tudo foi só uma preocupação.

— Como você está? — Benji é o primeiro a se pronunciar.

— Bem, bem. Bem pra caralho. — Ri. — Como foi o jogo? Somos campeões?

Silêncio.

Campeões?

Deus.

— O Bruins perdeu os *playoffs* — Ashton sentencia sem rodeios.

— Hã? É mentira, né? — Por que ele não para de rir? — Fala sério, irmão.

— Nós não jogamos sem você e, eventualmente, o Bruins perdeu — Benji explica a situação, o que finalmente faz o sorriso de Charles sumir.

Ele fica olhando de um para o outro. Repete esse movimento com a cabeça uma dezena de vezes. Pensa e, provavelmente,

repensa o que responder mil vezes.

— Eu estraguei tudo — murmura.

— O que importa é que agora você está bem e que você vai se tratar depois disso — Ash diz, numa espécie de “sugestão” que não é bem uma sugestão.

É um aviso.

Charles desvia o olhar da gente, olhando para a janela do quarto.

— Não tô doente. Não tenho o que tratar.

Sua voz é seca e ríspida, completamente diferente do cara que estava falando com a gente há dois segundos atrás.

— Sei que isso não é hora de confronto, mas nós não vamos deixar você sair daqui e ir direto pra rua, Carpenter — Benjamin sentenciar, sério.

— Isso é da conta de vocês? É a vida de vocês?

Eu não consigo entendê-lo.

Eu não consigo entendê-lo nem um pouco.

— Você fez eles dois te escolherem e agora tá falando que sua vida não é da conta deles? — falo, pela primeira vez, sentindo meu peito arder pelo jeito que ele trata as duas pessoas que sacrificaram tudo pra ficar do seu lado. — Que tal você parar um pouco de ser tão egoísta?

— Foda-se — cospe, virando pra gente. — Foda-se o futebol. Foda-se a carreira. Quem disse que eu tô ligando pra isso?

— Você mesmo, quando a gente entrou e você perguntou prontamente quem tinha vencido os *playoffs*.

— Isso é porque achei que não seriam burros o suficiente de sacrificar uma carreira por mim — ele ri, com os olhos cheios de

lágrimas —, eu não valho pra nada. Eu sou um estorvo na vida de todas as pessoas que eu entro. Não vai adiantar investirem em mim, porque eu nunca vou ser o suficiente pra dar qualquer tipo de “retorno” para vocês.

— Não dá pra mim — Ashton murmura, saindo do quarto num rompante.

Benjamin me encara e eu aceno pra ele.

O loiro vai atrás do meu namorado e eu fico sozinha com o Charles.

— Cai fora, Calloway — atira.

— Cai fora você — rebato. Ele arqueia uma das sobrancelhas e eu me aproximo, irritada. — Acha que sua avó ficaria orgulhosa de te ver fazendo merda atrás de merda com a própria vida?

Deixo o caderno da senhora Carpenter em cima da mesa, cruzando os braços enquanto ele me enfrenta com o olhar.

— Quem você acha que é pra falar da minha avó? — Seu tom é mais do que irritado. — O que eu faço da minha vida ou não, não é da conta de ninguém, principalmente de uma pessoa que tá morta.

Que filho da puta.

— Então é assim que você faz? Morreu, não significa mais nada?

— Cloud, dá a porra do fora e me deixa em paz.

— Paz? Você quer paz? Então vai pra porra de um retiro espiritual. — Explodo, tão, tão irritada com ele. — Você sabe o quão preocupados Ashton e Benjamin ficaram? “Ah, não pode falar com ele assim porque ele tá em um estado autodestrutivo”, foda-se, Charles. Foda-se. Você tá machucando as pessoas que você chama de irmão por causa de uma atitude egoísta e mesquinha.

— Sua opinião é merda, é a mesma coisa pra mim.

— Então deixa eu encher teu ouvido de merda: você vai sair desse hospital e vai pra reabilitação, quer queira ou não. Pensasse duas vezes antes de entrar na vida do meu melhor amigo... do meu namorado. — Descruzo os braços, batendo minha mão na mesa onde deixei o caderno da senhora Carpenter e derrubando-o sem querer. — Eles te amam, porra! — exclamo, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. — Eu te amo, Charles. Você é um pau no cu, um pé no saco, mas eu amo a amizade que nós temos, e você quer deixar tudo isso ir por causa de drogas. Drogas, Charles. São seus melhores amigos, é a sua família. Nós somos isso, caralho.

Ele vira o rosto pro lado, tentando fugir de mim.

Seu olhar fica fixo no chão.

— É uma pena que a sua avó se foi, Charles. É pena que você quer que a gente tenha? Eu senti pena de você. Muita pena de você. — Enxugo minhas lágrimas. — Ela foi uma boa mulher e se esforçou pra criar um bom homem, mas o que parece é que você está se distanciando de tudo que ela sonhou pra você por causa do luto. Ela poderia ter desistido de você quando perdeu todo mundo e só sobrou você, mas ela não fez isso. — Pauso. — É isso que você vai fazer com os seus melhores amigos? Desistir deles?

Ofego, sentindo meu peito arder.

Espero por uma reação sua, mas ela não vem.

Isso me deixa triste e machucada.

Eu tentei por mim, por Ash e por Benji, mas eu não consegui.

Quem precisa querer é Charles, e ele não q...

— Tudo bem — murmura, com os olhos fixos no chão.

— Tudo bem? — FRANZO O CENHO.

— É, tudo bem.

Confusa, olho pro chão, tentando achar a razão dos seus olhos fixos e eu simplesmente acho.

O caderno de desenho da senhora Carpenter está aberto.

O desenho é trêmulo, sua letra também, mas eu os reconheço melhor do que ninguém.

ABC.

Datado do dia 31 de dezembro de 2022, um desenho impecável de três garotos, jogadores, está esboçado ali na folha de papel com um “ABC” embaixo.

Ela lembrou dele.

Ela lembrou deles, de novo.

Ela os desenhou, um dia antes de sua morte, ela fez isso.

— Se eu preciso de reabilitação — diz, erguendo o rosto e me encarando com os olhos cheios de lágrimas —, então é isso que vou fazer.

65

QUARTERBACK

“Eu estou fazendo tudo isso por amor.

Aguentando tudo por nós, fazendo tudo por amor.”

ALL FOR US — Labrinth feat. Zendaya

CLOUD CALLOWAY

LOS ANGELES, CA
ESTÁDIO ROSE BOWL
04:38 PM
28.01.2023

Ashton não pareceu muito satisfeito quando lhe disse que tinha ingressos para um jogo beneficente que acontece hoje no Rose Bowl, mas ele também não se negou a ir.

Ando tentando lhe animar do jeito que consigo, mas não está fácil. Apesar de Charles já estar na reabilitação, Ashton e Benjamin

parecem extremamente apáticos em tudo que fazem, além de que o futuro dos dois — *dos três* — dentro do Bruins ainda está indefinido.

Isso tudo também respingou em mim, já que acabei perdendo o posto de tutora de Ashton, mas isso não é nadinha perto de todo resto que aconteceu.

Foi por isso que quando fiquei sabendo do jogo beneficente que teria no Rose Bowl, não pude deixar de garantir ingressos para ir assistir com Ashton.

Tom Brady está na casa do Bruins.

E o meu Ashton gosta muito do Brady.

Estamos sentados em cadeiras privilegiadas, encarando o seu jogador favorito do mundo ali, a alguns pés de distância da gente.

Sinto seu olhar sobre mim e me viro pra ele.

— Sei o que está fazendo — afirma.

— Sabe? — Sorrio, sem graça. — Não tô fazendo nada.

— Você sabe que tá sim, meu anjo.

— E você tá chateado comigo?

— Como eu poderia ficar?

Respiro, aliviada.

Melhor assim.

— Ainda bem que você pensa assim e que não se negou a vir assistir esse jogo, porque, na verdade, o Brady que vai escolher quem serão os jogadores a fazer parte do jogo beneficente.

Ashton ri, passando o braço pelos meus ombros enquanto eu lhe ofereço um pouco de pipoca.

— E você tá mesmo dizendo que eu vou disputar uma vaga com todas as crianças que estão atrás de nós?

E por que não?

É proibido agora?

— Sou uma pessoa muito ruim porque querer roubar uma vaga das crianças pra te dar? — Faço um bico e ele tem a cara de pau de concordar. — Ei, não sou nada. Eu só tô cuidando do que é meu.

— Você é tão possessiva, anjo...

— Você é tão diferente de mim, quarterback — zombo.

— Eu não sou mais um quarterback.

Lhe acerto com o cotovelo imediatamente.

— Ficou maluco? Nunca mais repita isso!

— É sério...

— E você acha que eu tô brincando? Você nasceu pra jogar futebol, Ashton Arkins. Você nasceu pra ser o melhor quarterback do país, e se estiver duvidando da minha opinião, grito isso agora mesmo pro Tom Brady ouvir.

— Para com isso, meu anjo.

— É sério, amor...

Ashton me puxa pra mais perto.

— Nós dois juntos ainda me parece um sonho — admite pra mim, mudando de assunto.

Quero falar do futebol, mas isso também serve.

— Preciso dizer que concordo? — brinco e nós rimos. — Mas, é... parece um sonho. E eu não quero nunca acordar disso. — Suspiro. — Quero ficar com você pra sempre.

Somos interrompidos pelo Tom Brady.

Maldito Tom Brady.

Agora eu consigo entender a raiva de Ashton com o Nicholas Sparks.

— Uh, é agora, Ash — digo, rindo animada.

— Você não vai fazer isso.

— Quando ele falar...

— Temos um quarterback em casa? — Tom Brady pergunta.

É agora.

— Aqui, aqui! — grito, subindo na minha cadeira e apontando pro meu namorado. — Ashton! Ashton! Ashton! — começo a puxar o coro, esperando que alguém coopere comigo.

Os primeiros segundos são tão vergonhosos que eu quase me rendo e paro. Mas, então, cochichos como “é o quarterback do Bruins” começam a surgir e as pessoas me seguem.

— Ashton! Ashton! Ashton!

E nós nos tornamos muitos e muito altos.

Sorrio para o meu namorado, para o meu melhor amigo, e ele sorri pra mim de um jeito tão bonito e feliz, que eu automaticamente sinto que tudo valeu à pena.

É por esse sorriso que eu estou tentando.

— Ok, ok, temos uma unanimidade — Tom fala ao microfone.

— Ashton? Cadê você, Ashton?

— Você não existe — meu namorado diz, ficando de pé e me beijando enquanto me tira de cima da minha cadeira. — Porra, anjo. — Chega perto do meu ouvido e completa: — Vou te foder tanto essa noite...

Minhas bochechas ficam vermelhas e quase lhe dou um soco.

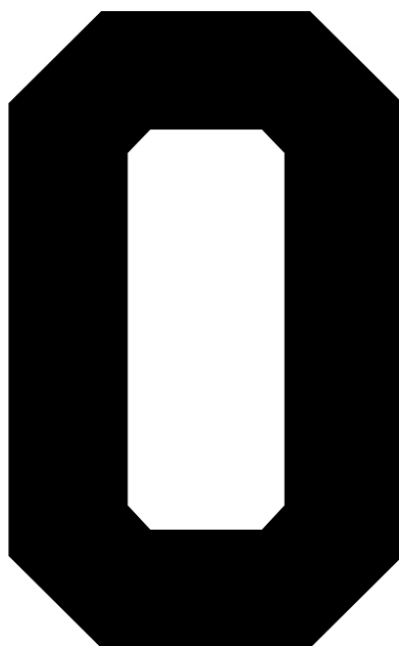
— Estamos no meio de crianças — ralho com ele.

— Em breve serão as nossas — garante, piscando um dos olhos para mim.

Meu coração acelera com a imagem perfeita que o meu bom-moço carrega.

Ashton se move rapidamente, com a autorização dos seguranças, até o jogador famoso. Essa aqui é a sua casa. É o lugar onde eu sei que ainda vou vê-lo triunfar.

O campeonato passado não era pra ser do Bruins, mas sim do meu ABC, e eu tenho certeza absoluta de que esse sonho ainda vai se tornar real dentro do Rose Bowl.



FELIZES ATÉ DEPOIS DO SEMPRE

“Apenas leve tudo, eu não sou nada sem o seu amor.

Eu prometo que nunca deixarei o seu amor,

meu coração está batendo por sua causa.

Para sempre, e sempre, e sempre, só você pode tomar o meu coração.

*Meu querido amor, eu quero permanecer... **com você.**”*

WITH YOU — Jimin & Ha Sung Woon

ASHTON ARKINS

LOS ANGELES, CA
CASA DA FAMÍLIA CALLOWAY
01:55 PM
13.02.2023

**Buzino duas vezes na frente da casa dos Calloway,
esperando não tão pacientemente Cloud, que disse que já**

estava saindo, mas já faz cinco minutos que eu estou lhe esperando.

Minha impaciência tem motivo.

Estou ansioso pra caralho pra realizar um sonho que esperei a vida toda pela hora certa de vivê-lo. Sendo completamente honesto comigo mesmo, não sei se essa seria a hora mais certa, mas eu não aguento mais esperar.

Os últimos dois meses foram verdadeiras provações na minha vida e dos meus amigos, mas agora estava tudo voltando para os trilhos novamente, e, por causa disso, preciso me colocar em uma nova fase com a minha garota também.

Cloud finalmente sai de casa, se atrapalhando ao trancar a porta e correndo na minha direção com um sorriso no rosto.

Seu vestido azul de alcinhas modela o seu corpo curvilíneo perfeitamente. Ela parece um anjo, e, para ocasião, vai estar bem parecida com a personagem do seu filme favorito de novo. Igual como fizemos no dia do Halloween. E é por isso que eu estou de camisa social e um jeans pra não deixar muito na cara.

— Ei — diz, entrando no carro e se inclinando pra me beijar. Nem preciso mais dizer que ela está usando batom vermelho. — Pra onde é que estamos indo e por que você tá todo bonitão com essa camisa social? — pergunta, me olhando tanto quanto pode antes de colocar seu cinto de segurança.

— É uma surpresa — retruco. — Não foi assim que você fez comigo?

— Foi só no seu aniversário! — reclama, rindo. — Deixa de ser vingativo, Ashton Arkins.

— Nunca, meu anjo. Nunca.

— Isso não faz bem pro coração, sabia?

Seguro sua mão, dando partida no nosso longo caminho.

— Sabe o que faz bem pro meu coração? — Ela resmunga pra eu continuar. — Você.

— *Boooo!* — Cloud me vaia de brincadeira e eu caio na gargalhada. — Que bregaaa! Como ele é brega! — grita, também de brincadeira.

— Você é insuportável, Calloway — ralho.

— E você é brega, amor — diz, toda manhosa.

Jesus, eu preciso me comportar.

Me ajude a me comportar.



LOS ANGELES, CA
LAKE BALBOA PARK
02:30 PM

Se não podemos ir até a Carolina do Sul, eu dou meu jeito de transformar o Vale do Sul de Los Angeles na Carolina do Sul.

É quase a mesma coisa se você levar em consideração que os dois lugares levam a palavra “Sul” na sua formação. Tento me convencer de que vai tudo acontecer conforme planejei quando saio do carro rapidamente, correndo e abrindo a porta do lado de Cloud.

Ela segura minha mão e sai, olhando ao nosso redor e abrindo um sorriso instantaneamente.

— Por que nunca viemos aqui? — pergunta, admirando a paisagem que nos cerca.

— Falta de tempo? — sugiro e nos entreolhamos. A gente ri, porque isso é besteira. Nunca falta tempo, às vezes só falta mesmo é a vontade de sair de casa. — Você gostou? — questiono, batendo a porta do carro e travando as portas.

Entrelaço nossos dedos, guiando-a para uma caminhada que vai nos levar até o ponto exato em que realmente tudo começará.

— Se eu gostei? — repete. — Isso aqui é tão lindo. Sério. — Pisca demorado. — Não tenho palavras pra dizer o quão bonito é esse lugar, e ainda é dentro da nossa cidade. Somos muito, muito burros por nunca termos vindo aqui.

— Burros não, mas preguiçosos com toda certeza.

Cloud está certa.

Esse lugar é lindo pra caralho.

Com um jardim japonês digno de filme, esse é o cenário perfeito pra qualquer cena de romance meloso, e Deus me puna se eu não estiver vivendo o meu próprio romance meloso com a minha melhor amiga.

— Uau! — Cloud exclama, apontando para um casal que acaba de entrar num barco e começar a remar para o meio do lago. — Você quer ir num daqueles? — pergunta, claramente animada com a ideia.

Sabia que ela não ia resistir.

— Te trouxe pra cá exatamente para isso — admito, sorrindo com o seu sorriso.

— Você me conhece bem, né?

— Que nada, só sou apaixonado por você há quinze anos. É coisa pouca — digo, ironicamente.

Cloud gargalha e me puxa até onde o instrutor de barcos, que já havia contatado anteriormente, vai nos ajudar a entrar na água. Prestamos atenção em tudo que o homem fala, Cloud em dobro.

Seus olhos não param de brilhar com a simples ideia de irmos para a água. E é exatamente isso que estamos fazendo agora, com a ajuda do instrutor, que empurra nosso barco devagar e com paciência.

Começo a remar, nos afastando da linha de areia rapidamente. Tenho que fazer jus ao meu título de quarterback.

— Uau... — murmura.

— Você gostou?

Daqui temos a visão de um céu azul pra caralho e do jardim japonês com suas árvores cor-de-rosa.

É mesmo bonito.

É o mesmo o cenário perfeito.

— Isso não é pergunta que se faça — brinca. — Mas eu sei o que você tá tentando fazer, tá? — declara, descansando seus remos na borda do barco e parando pra me encarar.

Faço o mesmo, me inclinando um pouco pra frente, curioso.

Ela sabe?

— Diz pra mim, então.

Com o mesmo sorriso de sabe-tudo de sempre, ela solta:

— Recriando outra cena de Diário de uma Paixão pra mim.

Gargalho, porque ela não está totalmente errada.

Estou vendo a hora que vou levar um processo do maldito Nicholas Sparks por adaptar todas as suas ideias daquele bendito

filme pelo qual Cloud é apaixonada.

E eu estou errado?

Se ela ama tanto esse filme, é inteligência da minha parte usá-lo para lhe fazer feliz na vida real.

— Tentei o meu máximo mais uma vez — concordo, cessando o meu riso e refletindo um pouco mais sobre nós e tudo que passamos nas últimas semanas. — O que você fez por mim, pra tentar me colocar dentro dos eixos de novo depois de tudo que aconteceu com Charles, foi, talvez, a coisa mais significativa que já recebi de alguém, sabia? — Cloud mordisca o lábio inferior, nervosa. Ela sempre faz isso. — Isso me fez pensar em tantas coisas, anjo. Você não faz ideia.

— Ruins ou boas?

— Sempre boas — afirmo. — Tudo que eu sinto em relação a você é sempre muito bom.

Sorrindo e suspirando, ela diz:

— É o mínimo que eu poderia fazer pelo meu namorado.

Meu coração bate mais forte.

Não, não.

Ele fica prestes a sacar do meu peito e cair na água desse lago.

— Não brinca com isso.

— Você é meu namorado — rebate, ainda sorrindo. — Eu pedi e você aceitou. Onde tá o erro?

— O erro está no fato de que não quero ser mais só o seu namorado.

Cloud deixa seu sorriso sumir e eu me sinto automaticamente culpado.

— O que disse? — Pisca, confusa.

— Não quero mais ser o seu namorado — repito, agora de um jeito um pouquinho mais maldoso.

Tenho certeza de que ela vai pensar que...

— Você tá terminando comigo aqui? No meio de um lago? — Seu rosto vai se deformando com a raiva que ela provavelmente vai sentindo a cada frase que fala. — Sabe que posso te acertar com essa merda de remo e te afogar nessa água, né? — Puxo meus dois remos pra dentro, tirando do bolso da minha calça a caixinha branca que fiquei encarando nas últimas semanas. — Se você não começar a se explicar, eu juro que...

Sua voz some ao encarar o objeto em minhas mãos.

— Sei que não estamos no Cypress Gardens, e eu prometo que ainda vou te levar lá pra conhecer o lugar onde foi filmada a cena do seu filme favorito, mas a minha intenção é tão grandiosa quanto seu amor por aquele lugar...

— Não me importo com isso, Ash. Só me importo com você.

— Ainda bem que sim, porque eu fiquei sabendo que os gansos das filmagens sequer eram dali, e tiveram que ser treinados pra aparecer no filme.

Cloud gargalha, jogando a cabeça pra trás de um jeito todo fofo e animado.

— Você ficou sabendo mesmo ou procurou por isso na internet?

Claro que procurei na internet, e o meu fato é verdadeiro.

— Fiquei sabendo — minto descaradamente, e nós dois sabemos que é mentira, por isso rimos juntos mais um pouco —,

mas eu não quero mais falar de Diário de uma Paixão, Cloud Calloway. Eu quero falar sobre nós dois.

Nossas risadas somem e eu sopro com o coração batendo na garganta.

— *Cacete...* — murmura, encolhendo as pernas e abraçando-as. — Continua — pede —, quero saber o que você tem pra falar sobre nós dois.

— Nossa amizade sempre foi algo diferente — começo, refletindo sobre tudo desde o começo. — Juro que naquele primeiro dia, quando você tentou me colocar pra correr... porra, foi ali que eu me apaixonei, e, sim, eu lembro disso como se fosse hoje. — Inspiro o ar, enchendo meus pulmões pra tomar coragem e continuar. — Os anos se passaram e eu fui ficando cada vez mais rendido por você. Pelos pequenos detalhes, as irritantes manias e os mais diversos caprichos.

— Eu não sou irritante...

— Você tá sendo irritante agora — brinco. — É por isso que eu quero envelhecer com você, sabia? Porque você é perfeita pra mim, porque você encaixa nos lugares certos e completa todas as minhas imperfeições, porque eu nunca conseguiria amar ninguém como eu te amo. — O vento bate em seu cabelo e ela simplesmente brilha, enquanto eu abro a caixinha com dois anéis feitos sob medida para nós dois. — Casa comigo, meu anjo?

Cloud deixa os remos no chão do barco e vem até mim.

— Repete.

Porra.

— Casa comigo, anjo? Casa comigo e me dá a honra de ser a pessoa que vai assistir Diário de uma Paixão pelo resto da vida com

você?

Ela ri. E chora.

Eu também.

— Sim, Arkins. Essa honra já era sua antes mesmo de pedir.

— Cloud se inclina e beija meu queixo — Eu quero casar com você.

Caralho.

Sim, porra!

— Puta merda... — resmungo.

Ela pega o anel maior e eu estendo minha mão para Cloud colocá-lo.

— Nunca mais vou tirar isso do meu dedo — declaro.

Pego o menor e deslizo com cuidado no seu.

— Isso foi perfeito — confessa contra minha boca, soltando o ar com força por entre os lábios. — Meu Deus, você é tão perfeito.

— Perfeito? — provoco. — É isso que acha de mim?

— É o que você é, Ashton Arkins. Você é perfeito como filho, como amigo, como jogador... porra, você é o melhor quarterback da história desse país. — Pausa. — Você é perfeito como melhor amigo, como namorado, e agora... noivo. Nós estamos noivos! — Seus olhos se enchem de lágrimas num simples piscar. — Você é perfeito e eu sou muito sortuda por ter você inteiramente pra mim. — Engulo em seco. — Sinto muito pelo tempo perdido, eu vou tentar recomp...

— Tava tudo perfeito até agora — eu a interrompo. — Não foi tempo perdido, meu anjo. Nunca foi. E foi isso que nos fez aguentar todas as últimas pancadas. Foi a minha melhor amiga que esteve ao meu lado e eu agradeço muito a ela por isso, porque se não fosse por todos esses anos de amizade, talvez agora estivéssemos

distantes e perdidos, mas tudo que consigo ver é que estamos mais fortes do que nunca. — Cloud chora de um jeito tão lindo que faz um bolo se formar na minha garganta, só que eu não me rendo às lágrimas. — Você é perfeita pra mim, Calloway. Como melhor amiga, como namorada, e, como disse, agora como noiva também. Minha noiva, minha futura esposa. Literalmente o amor da minha vida.

Ela concorda copiosamente.

— Você é isso — diz —, você é o amor da minha vida, Arkins. Meu primeiro amor, e eu prometo que será o último também.

— Isso é você concordando com os nossos sete bebês?

Rimos.

Sorrimos.

Gargalhamos.

Em semanas, essa é uma das poucas e únicas vezes que me senti tão, tão feliz.

Remamos de volta porque eu não estava mais me aguentando de vontade de abraçá-la apropriadamente. Ajudo Cloud a sair do barco e eu pago pelo nosso passeio, lhe abraçando pelos ombros e beijando sua boca.

— Puta merda, agora eu estou noiva — murmura, reflexiva.

— Eu também — sorrio pro vento —, serei o futuro melhor quarterback da NFL mais fiel do mundo.

Tiro a risada mais gostosa da minha noiva e nós continuamos nossa caminhada pelo jardim japonês.

— Isso é um fim? — indaga.

— Um fim?

Franzo o cenho, confuso.

— Um fim tipo “felizes para sempre” — explica.

— Nunca — rebato. — O sempre não é suficiente pra tudo que quero viver com você, anjo. Talvez um “felizes até depois do sempre” cairia melhor na situação.

Ela sorri pra mim.

Seu nariz arrebitado franze no processo, então minha garota revira os olhos e faz uma careta.

Mais Cloud Calloway, impossível.

— Eu te odeio por você ser tão irritantemente perfeito, é cansativo falar essa palavra toda hora e pensar nisso a cada segundo.

— Você me ama, Calloway. Esse é o destino da sua vida.

— Irritante — brinca, apertando o braço ao redor da minha cintura. — Mas, é... você é o meu destino, quarterback. Agora não dá mais pra fugir — eu a encaro —, é tudo ou nada.

Como sempre tentando me apavorar.

Cloud ainda não percebeu que isso só me deixa mais e mais apaixonado.

— Pra mim sempre vai ser tudo.

Ela desvia nossos olhares com as bochechas vermelhas.

— A primeira visita de Charles não é hoje? — pergunta.

— Exatamente — concordo, com um pequeno sorriso. Eu sinto falta dele pra caralho. — Por que acha que te pedi em casamento hoje?

— O que disse? — Cloud me solta. — Você me pediu em casamento hoje pra ter tempo de se gabar pros seus amigos?

Dramática e adorável.

Ela e Charles precisam dar as mãos.

Eles são iguaizinhos, por isso se bicam tanto.

— Meu anjo, avisei nossos pais na semana passada sobre a minha “decisão”, então é claro que eu me planejei pra fazer isso antes de ir vê-lo. Só vamos voltar lá no mês que vem e você sabe muito bem que o Charles me mataria se eu não contasse pra ele imediatamente sobre nosso noivado.

— Ai, amor, ele me irrita até na reabilitação — Cloud reclama, toda fingida, como se não fosse ela a pessoa que convenceu Charles a fazer isso.

Eu a puxo de volta, lhe abraçando pelos ombros e sorrindo de lado porque ela nem se tocou do que acabou de me chamar.

Meu coração fica maluco.

Minha mente também.

Nunca vou me acostumar com esse tratamento.

Por um curto segundo, penso em jogar tudo pro alto e voltar pro dormitório pra gente passar um bom tempo juntos na cama, mas isso some no mesmo momento que surge.

Tenho responsabilidades.

Foder Cloud é uma? Sim.

Mas a gente pode esperar um pouco pra comemorarmos nosso noivado a madrugada inteira.

Puxo a chave e destravo as portas, abrindo o lado do passageiro para a minha garota. Ela entra, rápido, e prende o cinto de segurança. Fico ali, encarando-a um pouco antes de me inclinar e selar nossos lábios.

— Vai logo, porque, nada contra o Charles, inclusive eu sinto falta da chatice dele, mas eu mal posso esperar pelo resto da nossa

noite — pede, roçando a boca na minha e me fitando de baixo pra cima com todas as más intenções do mundo.

Safada pra caralho.

Isso é uma provação.

Eu vou passar por ela e serei recompensado no final.

— Só porque a minha noiva tá mandando — retruco, sorrindo de lado pelo jeito que ela se derrete ao ouvir minhas palavras.

— Meu Deus... nós estamos noivos.

Me afasto dela, rindo.

— Sim, nós estamos.

— E a gente vai se casar — continua.

— Exatamente.

— E eu vou ser a mulher do jogador mais famoso do país.

— Isso foi um pouco exagerado, mas podemos dizer que sim.

— E nós vamos mesmo ter uma enorme casa branca, com venezianas azuis e grandes varandas, como o Noah fez pra Allie.

— Tudo que você quiser, Cloud Calloway.

Cloud me puxa pela barra da camisa e sela nossos lábios de novo.

— Eu te amo, quarterback.

— Eu te amo, meu anjo.

Mesmo no meio de uma tempestade sem fim, Cloud deu seu jeito de me fazer feliz e conseguir enxergar um céu azul novamente.

A única nuvem sobre mim, é a minha garota.

Ela é a única que importa.

Cloud Calloway foi meu maior acerto da vida.

E é por ela que eu não vou desistir do futebol e de toda carreira que construí até hoje.

Não levamos a temporada e provavelmente não seremos draftados, e, mesmo se um convite surgisse, eu nunca deixaria Charles para trás. Benjamin também não. Então continuaremos como um trio depois da sua recuperação. Vai continuar sendo tudo ou nada.

Um por todos e todos por um.

E eu só vou fazer isso tudo por eles, por minha família e por minha noiva.

Se a nossa história teve que ser assim, então que seja.

Ninguém vive só de altos.

Os baixos também existem.

Mas, depois que eles passarem, a recompensa virá, e aí eu vou estar completamente realizado em todos os âmbitos da minha vida.

— Vai lá, jogador. Vamos agilizar isso e ver a parte mais chata que nos falta — Cloud pede, me empurrando e puxando a porta para fechá-la.

Dou a volta no carro, rindo quando entro do seu lado.

— Você o ama pra caralho, né? — questiono, mesmo já sabendo da resposta.

— Sim, e eu sinto uma falta insuportável desse idiota, mas se você contar qualquer coisa pra ele, o nosso noivado está acabado.

— Caralho, anjo, a gente mal noivou e você já tá tentando terminar comigo?

— Nunca. — Cloud ri e eu ligo o carro, saindo do estacionamento com calma. — Quero sempre estar com você.

— Comigo?

Suspirando, ela concorda.

— *Com você.*

Porra.

Mulher perfeita do caralho.

Perfeita e minha pro resto da minha vida.

Cloud puxa a minha mão, beijando copiosamente o dorso e repetindo:

— *Eu te amo, eu te amo, eu te amo.*

— Eu sempre te amei e sempre vou te amar, Calloway.

FIM

*Benjamin Beckett está chegando
pra contar sua história.*

Ainda esse ano
Livro 2 da série **Garotos do Bruins** na **Amazon!**

AGRADECIMENTOS

NOSSA PRIMEIRA ESTRADA FINALMENTE TERMINOU!

Nem consigo acreditar que esse momento chegou, o fim oficial de With You: A melhor amiga do Quarterback - Parte 1, 2 e 3. E ainda tem gente que vai me pedir a parte 4... e, é por tanto carinho e apoio recebido, que vim aqui deixar meus agradecimentos por você ter chegado até aqui!

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer a Deus por ter (literalmente) me dado forças pra terminar esse livro. Em vários momentos (a maioria), escrevi com dor, cansada, com crises fortes de ansiedade. Pensei em parar de escrever porque só queria chorar, mas, continuei, porque eu confiei que esse trabalho é uma das melhores coisas que tenho pra dar aos meus leitores.

Em segundo lugar, gostaria de agradecer a minha família. Em especial, meus pais. Se não fosse por eles, eu não funcionaria. O suporte que tenho é todo deles, e também são por eles que eu continuo tentando e buscando dentro de mim forças pra continuar.

Em terceiro lugar, gostaria de agradecer às amigas que With You me deu e que seguraram minha mão em madrugadas e madrugadas, encarando comigo e com a mami Race um desafio do caralho. Letica, Berreca, Boizinha, Tracinha, Lana, Lou e Babi (sim, botei por último pra fazer bullying porque mãe ensina assim), obrigada por tudo. Não tenho palavras pra agradecer por tudo que

fizeram e fazem por mim. Heaven Race Company vai tá bombando, heheh.

Em quarto lugar, mas não menos importante, obrigada a você que é meu leitor e me acompanha. Seu apoio é essencial e animador pra caralho pra mim. Obrigada por fazerem parte desse meu sonho e por serem a maior parte dele! Se não fosse vocês, o que seria de mim? Nunca se esqueçam, as minhas conquistas não são minhas, elas são nossas!

Aguardo vocês no próximo encontro!

Um beijo,
Heaven

IMPORTANTE!

Obrigada por ter participado dessa jornada comigo!

Nossos garotos e garotas do Bruins estarão de volta em breve ainda mais *quentes, dramáticos e problemáticos*.

Só estamos no início.

Eles ainda vão queimar tudo.

Por favor, não deixe de avaliar o livro antes de sair.

Sua avaliação é combustível pra mim e ajuda muito **WITH YOU** a crescer na plataforma. Eu adoraria saber sua opinião sobre toda jornada com *Cash*.

Por favor, avalie!

Para quem quiser mais informações, o meu Instagram é
@autoraheavenrace!

Vou adorar receber sua mensagem, tirar suas dúvidas e ver suas interações.

Enfim, por ora isso é tudo.

*Com gratidão,
Heaven Race.*

